



KIT
A CORRENTE
+ A ILHA

ADRIAN McKINTY



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com



KIT
A CORRENTE
+ A ILHA

ADRIAN McKINTY





KIT
A CORRENTE
+ A ILHA

ADRIAN McKINTY



Sumário

A CORRENTE

Rosto

Créditos

Epígrafe

Sumário

Primeira Parte

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42

Segunda Parte

Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

Posfácio e agradecimentos

A ILHA

Rosto

Créditos

Epígrafes

Sumário

Abertura

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Agradecimentos

Colofon
Saiba mais

Pontos de referência

Sumário

Capa



“Esta história é
incrivelmente original.
Você não vai parar
de pensar nela por
muito tempo.”

STEPHEN KING

A CORRENTE



ADRIAN McKINTY

ADRIAN McKINTY

A CORRENTE

1ª edição



EDITOR A RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2019

Mckinty, Adrian, 1968-

M429c

A corrente [recurso eletrônico]/ Adrian McKinty; tradução de Clóvis Marques. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2019. recurso digital

Tradução de: The Chain

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-01-11805-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Marques, Clóvis. II. Título.

19- 57927

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

TÍTULO ORIGINAL:
THE CHAIN

Copyright © 2019 by Adrian McKinty

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Este livro é uma obra de ficção e, exceto no caso de fatos históricos, quaisquer semelhanças com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21)
2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11805-9



EDITORA AFILIADA

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br
e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Há alguma sabedoria naquele que, com um olhar sombrio, considera este mundo como uma espécie de inferno.

Arthur Schopenhauer, *Parerga e Paralipomena*, 1851

We must never break the chain.

Stevie Nicks, “The Chain” (vídeo demo), 1976

Sumário

Primeira Parte | Todas as garotas desaparecidas

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Segunda Parte | O monstro no labirinto

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

Posfácio e agradecimentos

PRIMEIRA PARTE

TODAS AS GAROTAS DESAPARECIDAS

1

Quinta-feira, 7:55

Ela está sentada no ponto de ônibus, verificando as curtidas no seu Instagram, e só repara no sujeito armado quando ele já está praticamente em cima dela.

Ela poderia ter largado a mochila e saído correndo pelo pântano. É uma garota ágil de 13 anos e conhece bem os brejos e os pontos com areia movediça de Plum Island. No ar da manhã, paira uma leve neblina marítima, e o sujeito é grande e desajeitado. Ficaria nervoso se precisasse sair correndo atrás dela e certamente teria de desistir antes de o ônibus escolar chegar, às oito.

Tudo isso passa pela cabeça dela em um segundo.

O homem agora está de pé bem à sua frente. Está usando uma touca ninja preta e aponta a arma para o peito dela. Ela arqueja e deixa o celular cair. Está bem claro que não é nenhuma pegadinha nem uma piada de mau gosto. Já é novembro. O Halloween foi na semana passada.

— Sabe o que é isso? — pergunta ele.

— É um revólver — responde Kylie.

— É um revólver apontado para o seu coração. Se você gritar, resistir ou sair correndo, eu atiro. Entendeu?

Ela faz que sim com a cabeça.

— Ok. Muito bem. Fica calma. Bota essa venda. O que a sua mãe fizer nas próximas vinte e quatro horas vai determinar se você continua viva ou morre. E quando... se nós libertarmos você, não vamos querer que consiga nos reconhecer.

Tremendo, Kylie cobre os olhos com a venda acolchoada de elástico.

Um carro estaciona ao lado dela. A porta se abre.

— Entra. Cuidado com a cabeça — diz o homem.

A menina caminha desajeitada até o carro, e a porta se fecha assim que ela entra. Sua mente está a mil. Ela sabe que não devia ter entrado no carro. É assim que garotas desaparecem. É assim que

garotas desaparecem todo dia. Se entrar no carro, já era. Se entrar no carro, nunca mais se aparece de novo. Não se deve entrar no carro de jeito nenhum, tem de se dar meia-volta e sair correndo. E correr muito, muito.

Tarde demais.

— Coloca o cinto nela — diz uma mulher na frente.

Kylie começa a chorar sob a venda.

O sujeito se senta ao seu lado no banco de trás e afivela seu cinto de segurança.

— Por favor, tenta ficar calma, Kylie. A gente não quer te machucar — diz ele.

— Isso só pode ser algum engano — retruca ela. — Minha mãe não tem dinheiro. Ela só vai começar no emprego novo em...

— Diz pra ela parar de falar! — manda a mulher, do banco da frente.

— Isso não tem nada a ver com dinheiro, Kylie — explica o sujeito.

— Olha só, fica quieta, tá?

O carro arranca num atoleiro de areia e cascalho. A mulher acelera passando uma marcha seguida da outra.

Pelo barulho, Kylie percebe que estão atravessando a ponte de Plum Island e estremece ao ronco do ônibus escolar que passa por eles.

— Devagar — diz o homem.

As travas elétricas são acionadas, e Kylie se xinga por ter perdido uma oportunidade. Podia ter soltado o cinto, aberto a porta e se jogado do carro. O pânico começa a tomar conta dela.

— Por que vocês estão fazendo isso? — geme.

— O que eu digo pra ela? — pergunta o homem.

— Não diz nada. Só pra ela fechar essa boca — responde a mulher.

— Você precisa ficar quieta, Kylie.

O carro segue em alta velocidade, provavelmente pela Water Street, perto de Newburyport. Kylie se obriga a respirar fundo. Inspirar, expirar, inspirar, expirar, do jeito que aprendeu nas aulas de meditação. Ela sabe que, para continuar viva, precisa obedecer e ter paciência. Ela passou direto do sétimo para o nono ano. Todo mundo diz que é inteligente. Precisa ficar calma, observar o que está acontecendo e aproveitar as oportunidades.

Aquela garota da Áustria sobreviveu, e aquelas outras de Cleveland também. E ela viu no *Good Morning America* a entrevista com a menina mórmon de 14 anos que foi sequestrada. Todas sobreviveram. Tiveram sorte, mas talvez não fosse apenas sorte.

Ela engole mais uma onda de terror, que quase a sufoca.

Kylie percebe que o carro está entrando na ponte da Rota 1 em Newburyport. Eles estão atravessando o rio Merrimack e seguindo

para New Hampshire.

— Mais devagar — diz o sujeito, e o carro segue a uma velocidade menor por alguns minutos, mas aos poucos volta a acelerar.

Kylie pensa na mãe. Ela ia para Boston de carro hoje de manhã para uma consulta com a oncologista. Coitada da mamãe, isso vai...

— Ai, meu Deus! — exclama a mulher ao volante, apavorada.

— Que foi? — pergunta o sujeito.

— Acabamos de passar por uma viatura estacionada na fronteira estadual.

— Tudo bem, acho que estamos... não. Jesus! Eles estão vindo de giroflex ligado — diz o sujeito. — Ele vai mandar você encostar. Você está correndo demais! Vai ter que parar....

— Eu sei.

— Mas tudo bem. Ninguém deve ter relatado o roubo do carro ainda. Ele estava naquela ruazinha em Boston havia semanas.

— O problema não é o carro, o problema é *ela*. Me dá o revólver.

— E você vai fazer o quê?

— O que a gente pode fazer?

— Podemos levar na conversa — insiste o homem.

— Com uma garota raptada e vendada no banco de trás?

— Ela não vai falar nada. Não é, Kylie?

— Não. Prometo — choraminga Kylie.

— Manda ela ficar calada. Tira esse negócio da cara dela e manda ela abaixar a cabeça e olhar pro chão — diz a mulher.

— Fica de olhos bem fechados. Nem um pio — manda o homem, tirando a venda de Kylie e forçando a cabeça dela para baixo.

A mulher para no acostamento, e o carro da polícia provavelmente faz o mesmo atrás dela. Está olhando para o policial pelo retrovisor.

— Ele está anotando a placa. Deve ter comunicado pelo rádio também — diz ela.

— Tudo bem. Conversa com ele. Vai dar certo.

— Todos esses policiais rodoviários safados têm câmeras na viatura, não têm?

— Não sei.

— Já devem estar atrás desse carro. De três pessoas. Vamos ter que esconder o carro no celeiro. Talvez por anos.

— Não exagera. Ele só vai te multar por excesso de velocidade.

Kylie ouve os passos do policial que salta da viatura e se aproxima do carro.

Então escuta o vidro da porta do motorista sendo aberto.

— Deus do céu — suspira a mulher enquanto o policial se aproxima.

A bota do policial para de fazer barulho quando ele chega à janela aberta.

— Algum problema, seu guarda? — pergunta ela.

— Senhora, sabe a que velocidade estava?

— Não.

— Registreí oitenta e quatro. Isso aqui é uma zona escolar de quarenta no máximo. Imagino que não tenha visto as placas.

— Não. Eu não sabia que tinha uma escola por aqui.

— Mas tem placas por todo lado, senhora.

— Desculpa. Eu não vi.

— Preciso conferir a sua... — O policial se detém. Kylie sabe que ele está olhando para ela. E ela está tremendo.

— Senhor, é sua filha? — pergunta o policial.

— É — responde o homem.

— Mocinha, quer olhar para mim, por favor?

Kylie levanta a cabeça, mas mantém os olhos bem fechados. Ela continua tremendo. O policial percebe que há algo errado. Numa fração de segundo, o policial, Kylie, a mulher e o homem ficam pensando sobre o que fazer em seguida.

A mulher emite um som gutural e ouve-se um tiro.

2

Quinta-feira, 8:35

Era para ser uma consulta de rotina com a oncologista. O exame semestral para ver se está tudo bem e se o câncer de mama ainda está em remissão. Rachel disse a Kylie que ela não precisava se preocupar, pois estava se sentindo ótima e certamente estaria tudo sob controle.

Por dentro, é claro, ela sabe que talvez a situação não esteja sob controle. A consulta estava agendada para a terça-feira antes do Dia de Ação de Graças, mas, na semana passada, ela havia feito alguns exames de sangue e, ao ver os resultados, a Dra. Reed pediu a Rachel que fosse ao consultório esta manhã. Logo cedo. Nascida em Nova Escócia, no Canadá, a médica é uma mulher equilibrada, austera, inabalável, nem um pouco dada a reações de pânico ou exageradas.

Rachel tenta não pensar no assunto enquanto dirige, seguindo para o sul pela I-95.

Para que se preocupar? Ela ainda não sabe de nada. Talvez a Dra. Reed tenha antecipado todas as consultas para passar o feriado no Canadá.

Rachel não se sente doente. Na verdade, faz uns dois anos que não se sente assim tão bem. Houve um momento em que chegou a pensar que era a filha preferida do azar. Mas as coisas mudaram. O divórcio agora ficou no passado, e ela anda ocupada preparando as aulas de filosofia para o novo emprego, que começa em janeiro. O cabelo que havia caído com a quimioterapia voltou a crescer quase todo, ela recobrou as energias e está até ganhando peso. Mentalmente, o preço desse último ano já foi pago. Ela voltou a ser a mulher organizada e no controle de tudo que tinha dois empregos para poder mandar Marty para a faculdade de direito e comprar a casa em Plum Island.

Ela tem apenas 35 anos. Uma vida inteira pela frente.

Bate na madeira, pensa ela, dando com o nó dos dedos num pedacinho verde do painel que espera que seja de madeira, mas desconfia de que seja de plástico. Na bagunça misteriosa da mala do Volvo 240 até tem uma velha bengala de carvalho, mas não vale a

pena arriscar a vida para alcançá-la.

O celular informa que são 8h36 agora. Kylie deve estar saltando do ônibus e passando pelo pátio com Stuart. Ela manda uma mensagem de texto para a filha com a piada boba que passou a manhã inteira guardando para este momento: O que o marceneiro foi fazer na ópera?

Um minuto depois, como Kylie não respondia, Rachel manda a resposta: Ajudar no conserto.

Mas ainda nada.

Não era difícil, escreve Rachel.

Kylie resolveu ignorá-la deliberadamente. *Mas*, pensa Rachel, com um sorrisinho, *aposto que Stuart está rindo*. Ele sempre ri de suas piadas bobas.

Agora são 8h38, e o trânsito está ficando mais pesado.

Ela não quer chegar atrasada. Nunca se atrasa. Quem sabe se sair da interestadual e pegar a Rota 1...

No Canadá, comemora-se o Dia de Ação de Graças numa data diferente, ela se lembra de repente. A Dra. Reed deve ter antecipado a consulta porque não gostou dos resultados dos exames. “Não”, diz ela em voz alta, balançando a cabeça. Ela não vai entrar na velha espiral de pensamentos negativos. Ela está progredindo. E, mesmo que ainda tenha um passaporte para o Reino dos Doentes, isso não a define. Isso ficou no passado, junto com o trabalho como garçonne, como motorista de Uber e com o fato de ter caído na conversa de Marty.

Finalmente ela está se valendo de todo o seu potencial. Agora é professora. Está pensando em sua primeira aula. Talvez Schopenhauer seja pesado demais. Talvez deva começar com a piada sobre Sartre e a garçonne no Deux...

O telefone toca e ela se sobressalta.

Número desconhecido.

Ela atende pelo viva voz:

— Alô?

— Você tem que se lembrar de duas coisas — diz uma voz distorcida eletronicamente. — Número um: você não é a primeira e certamente não será a última. Número dois: lembre-se, não é pelo dinheiro. É pela Corrente.

Isso só pode ser uma pegadinha, diz uma parte de seu cérebro. Mas outras estruturas do cerebelo, mais profundas e antigas, começam a reagir com algo muito parecido com o que só pode ser descrito como puro terror animal.

— Acho que você ligou pra pessoa errada — diz ela.

A voz prossegue, sem se abalar:

— Dentro de cinco minutos, Rachel, você vai receber a ligação mais importante da sua vida. Você terá que parar o carro no acostamento. E precisa ficar bem atenta. Vai receber instruções detalhadas. É melhor

deixar o celular carregado e ter caneta e papel em mãos pra anotar essas instruções. Não vou dizer que as coisas serão fáceis pra você. Os próximos dias serão bem difíceis, mas a Corrente vai ajudar você a passar por isso.

Rachel sente frio. Um gosto amargo na boca. A cabeça parece flutuar.

— Vou ter que chamar a polícia ou...

— Nada de polícia. Nem pensar. Você vai se sair bem, Rachel. Você não teria sido escolhida se nós achássemos que não daria conta. O que vamos pedir a você pode parecer impossível no momento, mas está perfeitamente dentro das suas possibilidades.

Um estilhaço de gelo percorre sua espinha. Um vazamento do futuro para dentro do presente. Um futuro aterrorizante que, ao que parece, vai se revelar em poucos minutos.

— Quem está falando? — pergunta ela.

— Reze pra nunca descobrir quem somos e do que somos capazes.

A linha fica muda.

Ela verifica a tela outra vez, mas, de novo, nem sinal do número de quem ligou. Mas aquela voz... Firme e distorcida; segura, arrogante, hostil. O que a pessoa quis dizer com essa história de ligação mais importante da sua vida? Ela olha pelo retrovisor e sai da pista rápida para a intermediária, caso realmente receba outro telefonema.

Puxa, nervosa, um fio de linha que está se soltando do suéter vermelho no exato momento que o iPhone toca de novo.

Outra ligação de número desconhecido.

Ela arrasta o ícone de fone verde para atender.

— Alô?

— É Rachel O'Neill? — pergunta a voz. Uma voz diferente. Uma mulher. Uma mulher que parece muito transtornada.

Rachel tem vontade de responder *Não*, pensando em evitar o desastre que está a caminho, dizendo que na verdade voltou a usar o sobrenome de solteira, Rachel Klein, mas sabe que não vai adiantar. Nada que ela diga ou faça vai impedir essa mulher de falar que o pior aconteceu.

— Sim — responde então.

— Sinto muito, Rachel, tenho péssimas notícias. Você está com caneta e papel pra anotar as instruções?

— O que aconteceu? — pergunta ela, agora de fato apavorada.

— Eu sequestreí a sua filha.

3

Quinta-feira, 8:42

O mundo vem abaixo. O céu está caindo. Ela não consegue respirar. Nem quer respirar. A sua menina! Não. Não é verdade. Ninguém levou Kylie. Essa mulher não tem voz de sequestradora. É mentira.

— Kylie está na escola — retruca Rachel.

— Não está. Está aqui comigo. Eu sequestrei a sua filha.

— Você não... Isso é uma piada de mau gosto.

— Estou falando sério. Pegamos a Kylie no ponto de ônibus. Vou mandar uma foto dela.

Chega anexada a foto de uma menina vendada no banco de trás de um carro. Ela está usando o mesmo suéter preto e o casaco de lã caramelo que Kylie vestiu ao sair de casa hoje. A garota tem o mesmo narizinho arrebitado e sardento e os cabelos castanhos com reflexos ruivos de sua filha. É ela.

Rachel se sente enjoada. Sua visão fica turva. Ela larga o volante. O Volvo sai da pista, e os outros carros começam a buzinar.

A mulher continua falando.

— Você tem que ficar calma e escutar com atenção tudo o que vou dizer. Você tem que fazer como eu fiz. Anotar todas as instruções e seguir tudo à risca. Se não obedecer ou se chamar a polícia, você vai pagar por isso, e eu também. Sua filha vai morrer e o meu filho também. Então é melhor anotar tudo o que eu vou dizer.

Rachel esfrega os olhos. Dentro da sua cabeça há um estrondo que parece uma onda gigante prestes a quebrar em cima dela e deixá-la em pedacinhos. A pior coisa que podia acontecer no mundo está de fato acontecendo. *Já aconteceu.*

— Quero falar com a Kylie, sua piranha! — grita ela, agarrando o volante para ajeitar o Volvo na pista, desviando de uma carreta por centímetros. E então sai da última pista e para no acostamento. Freia fazendo o carro derrapar e desliga o motor ouvindo buzinas e xingamentos.

— A Kylie está bem, por enquanto.

— Vou chamar a polícia! — berra Rachel.

— Não vai, não. Preciso que você se acalme, Rachel. Eu não teria escolhido você se achasse que é do tipo que perde o controle. Eu me informei. Eu sei sobre Harvard e sobre sua recuperação do câncer. Sei do seu novo emprego. Você é uma pessoa organizada, e tenho certeza de que não vai estragar tudo. Porque, se isso acontecer, o negócio é o seguinte: a Kylie vai morrer e o meu filho também. Então pega logo um pedaço de papel e começa a anotar.

Rachel respira fundo e apanha uma agenda na bolsa.

— Ok — diz.

— Você está na Corrente agora, Rachel. Nós duas estamos. E a Corrente vai se proteger. Portanto, a primeira coisa é: nada de polícia. Se você falar com a polícia, as pessoas que comandam a Corrente vão saber e vão me mandar matar a Kylie e escolher outro alvo, e eu vou fazer isso. Eles não estão preocupados com você nem com a sua família; eles só se preocupam com a segurança da Corrente. Entendeu?

— Nada de polícia — concorda Rachel, atordoada.

— A segunda coisa são os telefones. Você vai comprar celulares descartáveis pra usar uma vez só, como eu estou fazendo agora. Entendeu?

— Entendi.

— Terceiro: vai ter que baixar o navegador Tor pra entrar na dark web. É complicado, mas você consegue. Você vai usar o Tor pra procurar o InfinityProjects. Está anotando?

— Estou.

— InfinityProjects é só um nome. Não quer dizer nada, mas no site você vai encontrar uma carteira de Bitcoin. Você pode comprar Bitcoins pelo Tor em meia dúzia de lugares, com cartão de crédito ou por transferência. O número de transferência pro InfinityProjects é dois-dois-oito-nove-sete-quatro-quatro. Anota aí. O dinheiro transferido é impossível de ser rastreado. O que a Corrente quer de você é a quantia de vinte e cinco mil dólares.

— Vinte e cinco mil dólares? Como é que eu...

— Não estou nem aí, Rachel. Procura um agiota, pega um empréstimo, mata alguém pra conseguir o dinheiro... Não importa. Arruma um jeito. Você paga e aí passou pela primeira parte. A segunda é pior.

— O que é a segunda parte? — pergunta Rachel, alarmada.

— Você não é a primeira nem será a última. Você está na Corrente, um processo que existe há muito tempo. Eu sequestrei a sua filha pra que o meu filho seja libertado. Ele foi sequestrado e está em poder de um homem e de uma mulher que eu não conheço. Você terá que escolher um alvo e sequestrar um ente querido dessa pessoa pra que a Corrente continue.

— O quê?! Você é doi...

— Escuta. Isso é importante. Você vai sequestrar alguém pra substituir a sua filha na Corrente.

— Que história é essa?

— Você precisa escolher um alvo e manter um ente querido dessa pessoa sob seu poder até que o alvo pague o resgate e também sequestre alguém. Você vai fazer uma ligação igualzinha a essa à pessoa que escolher. O que eu estou fazendo com você é exatamente o que você vai fazer com o seu alvo. Assim que você sequestrar alguém e transferir o dinheiro, meu filho será libertado. Assim que o seu alvo sequestrar alguém e pagar o resgate, a sua filha será libertada. Simples assim. É assim que a Corrente funciona e vai ser assim pra sempre.

— O quê? Quem eu escolho? — pergunta Rachel, horrorizada.

— Alguém que não vá desobedecer às regras. Nada de policiais, políticos, jornalistas... esses estão fora de questão. Escolha uma pessoa que vá executar o sequestro, pagar o resgate, ficar de boca fechada e dar continuidade à Corrente.

— Como você sabe que eu vou fazer tudo isso?

— Se não fizer, eu mato a Kylie e começo de novo com outra pessoa. Se eu fizer merda, eles matam o meu filho e depois me matam. Não temos mais nada a perder mesmo. Presta atenção, Rachel: eu mato a Kylie mesmo. Agora sei que sou capaz disso.

— Por favor, não faz isso. Por favor, solta ela, estou implorando. De mãe pra mãe, por favor. Ela é uma menina incrível. Ela é tudo o que eu tenho nesse mundo. Eu amo demais a minha filha.

— Estou contando com isso mesmo. Você entendeu o que eu disse até agora?

— Entendi.

— Tchau, Rachel.

— Não! Espera! — grita Rachel, mas a mulher já havia desligado.

Quinta-feira, 8:56

Rachel começa a tremer. Está tonta, enjoada, sem rumo. Como na época do tratamento, quando deixava que a envenenassem e a queimassem na esperança de curá-la.

O barulho do tráfego não cessa à sua esquerda, e ela permanece sentada no carro, paralisada, parecendo um astronauta morto há muito tempo após a queda de sua espaçonave em um planeta alienígena. Quarenta e cinco segundos se passaram desde que a mulher desligou. Parecem quarenta e cinco anos.

O celular toca, e ela se assusta.

— Alô?

— Rachel?

— Sim.

— É a Dra. Reed. Nossa consulta é às nove horas, mas não há registro da sua chegada na recepção do prédio.

— Estou atrasada. O trânsito está ruim — diz ela.

— Tudo bem. É sempre um horror a essa hora. A que horas mais ou menos você deve chegar?

— O quê? Ah... não posso ir hoje. Não dá.

— Mesmo? Puxa vida... Amanhã é melhor pra você?

— Não. Essa semana, não.

— Rachel, a gente precisa conversar sobre os seus exames.

— Preciso desligar — diz Rachel.

— Veja bem, não gosto de falar sobre essas coisas por telefone, mas o seu último exame apontou níveis muito altos de CA 15-3. Precisamos mesmo conversar...

— Não posso ir. Tchau, Dra. Reed — diz Rachel, desligando o celular e vendo o brilho de um farol refletido no retrovisor.

Um agente da Polícia Estadual de Massachusetts, moreno e grandão, desce da viatura e se aproxima do Volvo 240.

E ela ali, completamente perdida, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

O policial bate no vidro e, depois de hesitar por um instante, ela o abre.

— Senhora — começa ele, vendo que Rachel está chorando. — Humm, senhora, algum problema com o seu carro?

— Não. Desculpa.

— Bem, é que esse acostamento é só para casos de emergência.

Conte para ele, ela pensa. Conte tudo para ele. Não, não posso, eles vão matá-la, vão mesmo. Aquela mulher é capaz disso.

— Eu sei que não devia ter parado aqui. Estava ao telefone com a minha oncologista. É que... parece que o meu câncer voltou.

O policial entende. Assente lentamente com a cabeça.

— Senhora, acha que está em condições de dirigir?

— Estou.

— Não vou multar a senhora, mas peço que volte pra estrada, por favor. Vou parar o trânsito até a senhora voltar à pista.

— Obrigada.

Ela vira a chave na ignição, e o velho Volvo volta à vida resmungando. O policial interrompe o tráfego na pista de baixa velocidade e ela segue em frente sem dificuldade. Dirige por um quilômetro e meio e pega a saída seguinte. O hospital onde talvez pudesse se tratar fica ao sul dali, mas Rachel não está nem aí para isso agora. Nada é tão importante quanto trazer Kylie de volta. Kylie é o sol e as estrelas e o universo inteiro dela.

Ela pega a I-95, seguindo para o norte, forçando o Volvo como ele jamais foi forçado.

Pista de baixa velocidade, pista central, pista rápida.

Noventa por hora, cem quilômetros por hora, cento e doze, cento e vinte, cento e vinte e oito, cento e trinta.

O motor reclama, mas Rachel só consegue pensar: *Vai, vai, vai.*

O negócio agora é ir para o norte. Pegar um empréstimo. Comprar os celulares descartáveis. Conseguir uma arma e tudo o que for preciso para ter Kylie de volta.

5

Quinta-feira, 9:01

Tudo aconteceu muito rápido. Um tiro, e eles arrancaram com o carro. Dirigiram por quanto tempo? Kylie já não sabia mais. Talvez sete ou oito minutos até que, enfim, pegaram uma estrada secundária, seguiram por um longo caminho e pararam. A mulher tirou uma foto dela e saltou para fazer uma ligação. Provavelmente para sua mãe ou para seu pai.

Kylie está no banco de trás do carro com o homem. A respiração dele é pesada, ele xinga baixinho, soltando estranhos gemidos meio animalescos.

Atirar no policial claramente não estava nos planos deles, e o sujeito não está lidando bem com isso.

Kylie ouve a mulher voltando para o carro.

— Pronto. Está feito. Ela entendeu tudo e sabe o que tem que fazer — diz a mulher. — Leva essa garota pro porão que eu vou esconder o carro.

— Ok — responde o homem de forma subserviente. — Você vai ter que sair do carro, Kylie. Vou abrir a porta pra você.

— Pra onde a gente vai? — pergunta ela.

— Preparamos um quartinho pra você. Não se preocupe — responde o homem. — Você se saiu muito bem até agora.

Kylie sente o homem se debruçar sobre ela para desafivelar seu cinto. O hálito dele é azedo, nojento. A porta do seu lado se abre.

— Não tira a venda. Estou apontando uma arma pra você — diz a mulher.

Kylie faz que sim com a cabeça.

— Então, o que está esperando? Anda! — grita a mulher com voz histérica.

Kylie bota as pernas para fora do carro e começa a se levantar.

— Cuidado com a cabeça — murmura o homem.

Devagar, ela se põe de pé. Aguça os ouvidos para tentar identificar algum barulho de trânsito ou qualquer outro ruído, mas não ouve

nada. Nem carros, nem pássaros, nem as ondas do Atlântico. Estão bem longe do mar.

— Por aqui — orienta o sujeito. — Vou segurar o seu braço e levar você lá pra baixo. Não faça nenhuma besteira. Você não vai conseguir chegar a lugar nenhum, e nós dois estamos preparados pra te dar um tiro, ok?

Ela faz que sim com a cabeça.

— Responde — insiste a mulher.

— Não vou fazer nenhuma besteira — garante a menina.

Ela ouve uma tranca sendo desaferrilhada e uma porta sendo aberta.

— Cuidado, essa escada é velha e meio íngreme — avisa o homem.

Kylie desce a escada de madeira lentamente, enquanto o homem a segura pelo cotovelo. Quando ela chega ao fim da escada, sente que está pisando em concreto. Seu coração dá um salto. Se fosse um porão como o de sua casa, o piso seria de terra e areia. Daria para cavar e tentar sair dali, ao contrário daquele lugar.

— Aqui — diz o homem, conduzindo-a pelo cômodo. É um porão, obviamente. O porão de uma casa de campo, que fica muito longe de qualquer outro ser humano.

Kylie pensa na mãe e sente um nó na garganta. Pobre mamãe! Ela vai começar num novo emprego em breve. Mal começou a dar a volta por cima depois do câncer e do divórcio. Isso não é justo.

— Senta aqui — diz o sujeito. — Abaixa mesmo. É um colchão no chão.

Kylie faz o que o homem manda. Parece que o colchão está coberto com um lençol e um saco de dormir.

Ela ouve o clique da mulher tirando uma foto.

— Ok, vou subir pra mandar isso e checar o Wickr. Deus queira que eles não estejam furiosos com a gente — diz ela.

— Não fala que deu nada errado, não. Diz que saiu tudo conforme o plano — sugere o homem.

— Eu sei! — solta ela.

— Vai dar tudo certo — insiste ele, sem muita convicção.

Kylie escuta a mulher subir a escada de madeira e fechar a porta do porão. Ela está sozinha com o homem agora, o que a deixa assustada. Ele poderia fazer qualquer coisa com ela ali.

— Está tudo bem — fala ele. — Pode tirar a venda agora.

— Eu não quero ver o seu rosto — responde Kylie.

— Não tem problema, eu cobri a cabeça de novo.

Kylie tira a venda. Ele está de pé próximo a ela, ainda com a arma em punho. Ele havia tirado o casaco. Está usando calça jeans, um suéter preto e mocassins cobertos de barro e lama. É um sujeito grandalhão que aparenta ter entre 40 e 50 anos.

O porão é retangular, mais ou menos seis metros por nove. Há duas janelinhas quadradas cobertas com plantas do lado de fora. Piso de concreto, há um colchão no chão e um abajur ao lado. Deram para ela um saco de dormir, um balde, papel higiênico, uma caixa de papelão e duas garrafas de água grandes. O resto do porão está vazio, à exceção de um velho fogão de ferro encostado em uma das paredes e de um boiler no canto oposto.

— Você vai ficar aqui por alguns dias, até sua mãe pagar o resgate e fazer uma outra coisa. Vamos tentar deixar você o mais confortável possível. Você deve estar apavorada. Nem consigo imaginar... — Ele fica com a voz embargada. — A gente não é de fazer essas coisas, Kylie. Não somos esse tipo de gente. Estamos sendo obrigados a fazer isso. Você precisa entender.

— Por que me pegaram?

— Sua mãe vai te explicar tudo quando você voltar pra casa. Minha mulher não quer que eu converse com você sobre isso.

— Você parece mais legal que ela. Será que não poderia dar um jeito de...

— Não. A gente... nossa... a gente te mata se você tentar fugir. Estou falando sério. Você sabe que a gente é ca... capaz disso. Você viu. Ouviu. Aquele pobre sujeito... meu Deus do céu! Bota isso no punho esquerdo — manda ele, entregando-lhe um par de algemas. — De um jeito que você não consiga fugir, mas não tão apertado que possa te machucar... assim. Um pouco mais apertado. Deixa eu ver.

Ele toma seu punho, o examina e aperta mais a algaema. Pega então a outra algaema, prende-a a uma pesada corrente de metal, que por sua vez é presa, com cadeado, ao fogão.

— São quase três metros de corrente, então você vai conseguir se movimentar um pouco. Está vendo aquilo ali, perto da escada? É uma câmera. Vamos estar de olho em você mesmo quando não estivermos aqui. A luz fluorescente estará sempre ligada pra que a gente possa ver o que você está fazendo. Então não tente fazer nenhuma besteira, tá?

— Tá.

— Tem um saco de dormir e um travesseiro pra você aí. Nessa caixa tem produtos de higiene pessoal e mais papel higiênico, biscoito salgado e livros. Gosta de Harry Potter?

— Gosto.

— Tem a série inteira aí. E mais umas velharias. Coisas pra meninas da sua idade. Eu sei do que estou falando. Sou prof... só coisa boa — diz ele.

Sou professor? Era o que ele ia dizer?, fica imaginando Kylie.

— Obrigada — diz então.

Seja gentil, Kylie, pensa ela com seus botões. *É melhor bancar a menina boazinha e assustada que não vai criar problema para eles.*

O homem se agacha ao seu lado, sem abaixar a arma.

— Estamos no meio da mata. No fim de uma estrada de terra. Se você começar a gritar, ninguém vai ouvir. Estamos num terreno enorme, cercado de vegetação. Mas, se começar a gritar, vou ver e ouvir pela câmera, e não vai ficar por isso mesmo. Se for o caso, terei que amordaçar você. E pra que você não tire a mordaca vamos ter que te algemar com as mãos pra trás. Está entendendo?

Kylie faz que sim.

— Agora bota os bolsos para fora e me dá seus sapatos.

Ela expõe os bolsos. Só tem dinheiro neles mesmo. Nada de canivete ou celular, que ficou caído na estrada, em Plum Island.

O homem se levanta e quase perde o equilíbrio.

— Jesus Cristo — diz para si mesmo, engolindo em seco. Sobe a escada balançando a cabeça, aparentemente perplexo e sem conseguir acreditar no que se meteu.

Quando a porta se fecha, Kylie se deita no colchão e suspira.

E começa a chorar de novo. Chora até não poder mais, volta a se sentar e olha para as duas garrafas de água. E se estiverem envenenadas? Estão lacradas ainda e são da Poland Spring. Ela bebe com avidez e de repente para.

E se ele não voltar? E se ela tiver de fazer essa água durar vários dias ou semanas?

Ela dá uma olhada na caixa de papelão. Dois pacotes de biscoito salgado, uma barra de Snickers e uma lata de Pringles. Escova de dentes, creme dental, papel higiênico, lenços de papel e cerca de quinze livros. Há também um bloco de anotações, dois lápis e um baralho. De costas para a câmera, ela tenta abrir a tranca da algema com o lápis, mas logo desiste. Precisaria de um clipe ou alguma coisa do tipo. Então examina os livros. Harry Potter, J. D. Salinger, Harper Lee, Herman Melville, Jane Austen. Realmente, ele deve ser professor. E de inglês.

Ela bebe outro gole de água, pega um pedaço de papel higiênico e enxuga as lágrimas.

Deita-se no colchão. Está frio. Então se enfia no saco de dormir de um jeito que a câmera não consiga captar sua imagem.

Assim se sente mais segura.

Se não puderem vê-la, já é alguma coisa. O truque do Patolino. Se não te veem, você não existe.

E se estiverem mentindo com esse papo de não quererem machucá-la? A gente acredita nas pessoas até ver quem elas são de verdade.

E eles já mostraram quem são, não?

Aquele policial provavelmente está morto ou moribundo. Deus do céu!

Ao se lembrar do tiro, ela tem vontade de gritar. Gritar para que

alguém venha ajudá-la.

Socorro, socorro, socorro! Ela move os lábios, mas não emite nenhum som.

Meu Deus, Kylie, como isso foi acontecer? Todo mundo avisou: nunca entre no carro de um estranho. Nunca entre no carro com um estranho. Garotas desaparecem por aí o tempo todo e, uma vez desaparecidas, quase nunca voltam.

Mas houve casos em que *voltaram*. Muitas desapareceram para sempre, mas algumas reapareceram. Às vezes elas voltam para casa.

Elizabeth Smart... era o nome da garota mórmon. Na entrevista, ela estava composta e tranquila. Disse que nessas situações sempre há esperança. Ela manteve a fé, o que lhe deu esperança.

Mas Kylie não tem fé nenhuma, o que, obviamente, é culpa dos imbecis dos seus pais.

Muito claustrofóbico aqui.

Ela se desvencilha do saco de dormir, com a respiração curta e acelerada, e olha em volta do cômodo de novo.

Será que estão mesmo vigiando-a?

Certamente no começo estavam. Mas às três da manhã? Quem sabe se ela arrastar o fogão talvez encontre um prego velho para destrancar a alçema. O negócio é esperar. Manter a calma e esperar. Então pega o bloco de papel na caixa.

Socorro, estou presa nesse porão, escreve, mas não tem ninguém para quem ela possa entregar o bilhete.

Ela arranca a folha e a amassa.

Então resolve desenhar. Desenha o teto da tumba de Senemute, do seu livro sobre o Egito. E isso começa a acalmá-la. Desenha a lua e estrelas. Para os egípcios, a vida após a morte era nas estrelas. Mas não existe vida após a morte, certo? Vovó acredita nisso, mas só ela. Isso não faz sentido, não é? Se alguém te mata, você está morto e pronto. E daqui a cem anos pode ser que encontrem seu corpo na floresta, e ninguém nem vai lembrar quem você era ou que havia desaparecido.

Você vai ter sido apagado da história, como um desenho no Traço Mágico que a gente sacode.

— Mamãe — sussurra ela. — Me ajuda. Por favor, me ajuda, mamãe!

Mas sabe que ninguém virá socorrê-la.

6

Quinta-feira, 9:16

Ao voltar para casa em Plum Island, Rachel entra na cozinha e cai no chão. Não é um desfalecimento. Ela não desmaiou, só não consegue mais se manter em pé. E fica ali estendida no chão frio, feito um ponto de interrogação retorcido. Seus batimentos estão disparados, a garganta, apertada. Parece estar sofrendo um ataque cardíaco.

Mas ela não pode ter um ataque cardíaco. Precisa salvar a filha.

Rachel se senta e tenta respirar e pensar.

Eles disseram para não chamar a polícia. Provavelmente porque têm medo.

A polícia vai saber o que fazer, certo?

Estende o braço para pegar o telefone, mas se detém. Não. Não vai arriscar.

Não chame a polícia. Nunca chame a polícia. Se eles descobrirem que ela chamou a polícia, matam Kylie na mesma hora. Havia algo na voz daquela mulher. Um desespero. Uma determinação. Ela vai fazer o que eles mandarem e dar continuidade à Corrente escolhendo outra vítima. Essa história toda é inacreditável, uma loucura, mas, mesmo assim... a voz daquela mulher... parecia bem real. Era evidente que ela estava apavorada com a Corrente e seu poder e que acreditava naquilo.

E eu também acredito, pensa Rachel.

Mas Rachel não precisa passar por isso sozinha. Precisa de ajuda.

Marty. Ele vai saber o que fazer.

Ela aciona a discagem rápida do número de Marty, mas cai na caixa postal. Tenta de novo, mas acontece a mesma coisa. Passa os olhos pela lista de contatos e liga para o número da nova casa dele em Brookline.

— Alôôô — atende Tammy com aquela sua vozinha cantada.

— Tammy? — pergunta Rachel.

— Oi, quem é?

— É a Rachel. Estou tentando falar com o Marty.

— Ele viajou.
— Ah?... Pra onde?
— Foi pra, humm, ééé... Qual é mesmo o lugar?
— A trabalho?
— Não. Você sabe... aquele lugar onde eles jogam golfe.
— Escócia?
— Não! Pra onde todo mundo vai. Estava todo empolgado.
— Golfe?... Desde quando?... Ah, esquece. Olha só, Tammy, preciso falar com ele com urgência e não estou conseguindo no celular.
— Ele foi com o pessoal da empresa. É um retiro, eles não estão com celular.

— Mas onde é, Tammy? Por favor, tenta lembrar.
— Augusta! Ele foi pra Augusta. Acho que tenho um número de contato aqui, se você precisar.

— Preciso, sim.
— Tá, calma aí, xô ver aqui. Pronto, achei.
Ela diz o número.
— Obrigada, Tammy. Preciso ligar pra ele.
— Espera. Qual é a emergência?
— Ah, não é nada. É um problema no telhado, está com uma infiltração. Só isso. Nada grave. Obrigada — diz ela e desliga.
Então disca o número que Tammy lhe deu.
— Gleneagle Augusta Hotel — atende a recepcionista.
— Eu gostaria de falar com Marty O'Neill, por favor. Sou a... é... esposa dele e não lembro em que quarto ele está.

— Humm, um momentinho... Setenta e quatro. Vou passar a ligação.

A ligação é transferida para o quarto, mas ele não está lá. Ela liga outra vez para a recepção e deixa recado para que Marty retorne o contato assim que puder.

Ela desliga e volta a se sentar no chão.

Está atônita, pasma, horrorizada.

Com tanta gente má nesse mundo com carma negativo, como isso foi acontecer justo com ela, principalmente depois do que passou nos últimos dois anos? Não é justo. E a pobrezinha da Kylie, uma menininha apenas, ela...

O celular ao seu lado toca. Ela o apanha e olha para a identificação: número desconhecido mais uma vez.

Ah, não!

— Ligando pro seu ex-marido? — pergunta a voz distorcida e assustadora. — É isso mesmo que vai fazer agora? Será que dá pra confiar nele? Entregar nas mãos dele a sua vida e a vida da sua filha? Espero que ele seja digno de confiança mesmo, porque, se ele disser alguma coisa a alguém, Kylie morre, e acho que teremos que matar

você também. A Corrente sempre dá um jeito de se proteger. Melhor pensar um pouco mais antes da próxima ligação.

— Desculpa. Eu... eu não consegui falar com ele. Deixei uma mensagem. É só que... não sei se consigo fazer isso sozinha, eu...

— Talvez você seja autorizada a ter ajuda mais pra frente. Vamos informar um jeito de entrar em contato com a gente, e aí você vai poder pedir permissão. Por enquanto, se não quiser ter problemas, não fale com ninguém. Só arrume o dinheiro e comece a pensar num alvo. Você consegue, Rachel. Você se livrou muito bem daquele policial na estrada. Sim, a gente viu. E nós vamos ficar de olho em você até que isso tudo acabe. Então anda logo — diz a voz.

— Não consigo — protesta Rachel timidamente.

A voz suspira.

— Nós nunca escolhemos pessoas que precisam de acompanhamento constante. É muito exaustivo pra nós. Seleccionamos pessoas proativas, autossuficientes. É o seu caso, Rachel. Agora, levanta desse maldito chão e vai à luta!

A ligação fica muda.

Rachel olha horrorizada para o telefone. Está *mesmo* sendo observada. Eles sabem para quem ela está ligando e tudo que está fazendo.

Ela deixa o telefone de lado, se levanta e vai tropeçando até o banheiro, como se estivesse saindo de um acidente de carro.

Abre a torneira e joga água no rosto. Não há espelho ali nem em nenhum outro lugar da casa, exceto no quarto de Kylie. Ela se livrou de todos eles por causa da visão terrível gerada por sua queda de cabelo. Claro que ninguém em sua família permitiu que ela cogitasse a ideia de que ia morrer. Sua mãe, a enfermeira, havia explicado desde o início que era um câncer de mama tratável em estágio 2A, que responderia bem a uma cirurgia de precisão, seguida de rádio e quimioterapia. Mas naquelas primeiras semanas, olhando-se no espelho do banheiro, ela se via diminuindo, definhando.

Dar um fim nos espelhos tinha sido um passo importante na recuperação. Ela não precisava se obrigar a acompanhar sua transformação naquela terrível e esquelética aranha pálida dos piores dias da quimio. Não se pode dizer que a recuperação foi exatamente um milagre: o índice de sobrevivência do estágio 2A em cinco anos era de noventa por cento, mas, de qualquer forma, você sempre pode cair nos dez por cento, não pode?

Ela fecha a torneira.

Que bom que não tem nenhuma droga de espelho aqui, pois o Reflexo Rachel a encararia com um olhar mortal e acusador. Deixar uma menina de 13 anos esperando sozinha num ponto de ônibus? Você acha que por acaso isso teria acontecido se Kylie estivesse com

Marty?

Não, não teria. Não no turno dele. Isso aconteceu quando ela estava sob sua responsabilidade, Rachel. Pois, vamos reconhecer: você é um fracasso. Eles estão totalmente enganados a seu respeito. Tragicamente equivocados. Começar no primeiro emprego de verdade aos 35? O que você andou fazendo até agora? Quanto potencial jogado fora! Corpo da Paz? Quem entra para o Corpo da Paz? Aqueles anos todos sem rumo com Marty, depois da Guatemala. Você indo trabalhar depois que ele finalmente decidiu que queria entrar para a faculdade de direito?

Você estava fingindo esse tempo todo. Mas não passa de uma fracassada, e agora a coitada da sua filha foi tragada para sua espiral de fracasso.

Rachel aponta para o lugar onde o espelho costumava ficar. Sua piranha burra. Eu queria que você tivesse morrido. Queria que estivesse nos dez por cento que morreram!

Ela fecha os olhos, respira, conta de dez a um e volta a abri-los. Corre até o quarto e se troca, vestindo a saia preta e a blusa branca que comprou para dar aula. Coloca a jaqueta cara de couro, escolhe um par de saltos altos respeitáveis, passa a mão pelos cabelos e pega a bolsa a tiracolo. Junta os documentos financeiros, o laptop e o contrato de emprego do Newburyport Community College. Pega o estoque de cigarros que Marty separou para fumar durante o exame da Ordem dos Advogados e o embrulho fechado com o dinheiro da indenização pelas inundações. Vai até a cozinha, calça os sapatos e quase dá de cara com o exaustor. Então se ajeita, pega o celular e vai correndo para o carro.

Quinta-feira, 9:26

O First National Bank da State Street no centro de Newburyport abre às nove e meia. Rachel anda de um lado para o outro na calçada em frente ao banco, fumando seu Marlboro.

A State Street está vazia, a não ser por um idoso agitado e muito pálido, com um casacão pesado e um boné do Red Sox, caminhando em sua direção.

Seus olhares se encontram quando ele para à sua frente.

— Você é Rachel O'Neill? — pergunta.

— Sou — responde ela.

O homem engole em seco e ajeita o boné.

— Mandaram eu dizer pra você que eu saí da Corrente há um ano. Mandaram dizer que a minha família está salva porque eu fiz o que foi pedido. Mandaram dizer que centenas de pessoas como eu podem ser recrutadas pra te trazer uma mensagem se a Corrente achar que você ou qualquer pessoa da sua família precisa receber um recado.

— Entendi.

— Você... você não está grávida, está? — pergunta o homem, hesitante, parecendo sair do script por um momento.

— Não.

— Então a mensagem é essa — retruca ele e, sem mais nem menos, lhe dá um soco na barriga.

Rachel fica sem ar, recurvada no chão. Ele tem uma força surpreendente, e a dor é terrível. Ela leva dez segundos para recobrar o fôlego. Então olha para ele sem entender nada. Agora está com medo.

— Mandaram dizer que, se você ainda precisar de alguma prova do nosso poder, pode procurar no Google a família Williams, de Dover, New Hampshire. Você não vai me ver de novo, mas tem muitos como eu por aí. E não tenta me seguir — avisa o homem, com lágrimas de vergonha rolando pelo rosto, virando-se para voltar rapidamente pelo caminho de onde veio.

Nesse momento, as portas do banco se abrem e o segurança a vê no chão. O guarda olha para o sujeito que se afasta apressado e fecha os punhos. Está claro que ele percebeu que alguma coisa havia acabado de acontecer.

— Posso ajudá-la, senhora? — pergunta ele.

Rachel tosse, se recompondo.

— Estou bem, eu acho. Eu... escorreguei.

O guarda estende a mão para ajudá-la a se levantar.

— Obrigada — agradece-lhe Rachel, contraindo-se de dor.

— Tem certeza de que está bem, senhora? — pergunta ele.

— Tenho, está tudo bem!

O guarda a observa intrigado por um instante e novamente olha para o homem que se afasta às pressas. Dá para ver que ele está se perguntando se ela não seria a isca de uma tentativa de assalto. A mão dele está preparada para sacar a arma.

— Muito obrigada — diz ela. E, baixando a voz a um sussurro: — Não estou acostumada com esses saltos. Só quero causar uma boa impressão!

O guarda relaxa.

— Ninguém viu que a senhora caiu, só eu. Não sei como vocês conseguem andar com esse tipo de sapato.

— Tem uma piada que eu conto sempre pra minha filha: “Como se chama um dinossauro de salto alto?”

— Como?

— “De-pés-machucado-sauros.” Ela nunca acha graça. Nunca ri das minhas piadas bobas.

O guarda sorri.

— Bom, eu achei engraçado.

— Obrigada de novo.

Ela ajeita o cabelo, entra no banco e pede para falar com o gerente, Colin Temple.

Colin é um cara mais velho que morava na ilha antes de se mudar para a cidade. Ele e Rachel frequentavam os churrascos na casa um do outro, e Marty pescava com ele em seu barco. Ela atrasou o pagamento da prestação da casa por duas vezes, depois do divórcio, mas Colin não a pressionou.

— Rachel O'Neill! Quem está vivo sempre aparece! — diz ele, sorrindo. — Meu Deus, Rachel, por que será que os pássaros começam a cantar toda vez que você está por perto?

Porque eles na verdade são corvos, e eu sou uma maldita morta-viva, pensa ela, mas não diz nada.

— Bom dia, Colin. Como vai?

— Tudo certinho. Em que posso ajudar?

Ela engole a dor do soco no estômago e força um meio sorriso.

— Estou com um probleminha e gostaria de saber se podemos conversar.

Eles seguem para a sala da gerência, decorada com imagens de iates e minúsculos e intrincados modelos de embarcações feitos pelo próprio Colin. Há também fotos de um king-charles-spaniel de focinho empinado cujo nome ela não consegue se lembrar de jeito nenhum. Colin deixa a porta entreaberta e se senta à sua mesa. Rachel se acomoda de frente para ele, tentando estampar uma expressão simpática no rosto.

— Então, como posso ajudar? — pergunta ele, ainda bem animado, mas já com certa desconfiança se insinuando no olhar.

— É a casa, Colin. O teto da cozinha está cheio de goteiras. Ontem eu chamei um mestre de obras pra dar uma olhada e ele disse que tenho que trocar tudo antes que comece a nevar, senão pode vir abaixo.

— É mesmo? Parecia tudo bem quando estive lá da última vez.

— Eu sei. Mas o teto ainda é original. Década de 1930. E todo inverno tem uma goteira. E agora está ficando perigoso. Pra nós, claro. Pra mim e pra Kylie. E também, como você sabe, pra casa. Como ela ainda pertence ao banco até a gente quitar todas as prestações, se a casa vier abaixo, esse bem de vocês perderá o valor — diz ela, chegando a fingir uma risadinha.

— Qual foi o orçamento que ele passou?

Rachel chegou a pensar em pedir os vinte e cinco mil, mas seria um valor absurdo para consertar um telhado. Sua poupança está zerada, mas ela pode sacar dez mil no Visa. E, quando Kylie estiver sã e salva em casa, ela pensa em como vai pagar a dívida.

— Quinze mil. Mas está tudo bem, Colin, eu posso pagar. Vou começar num emprego novo em janeiro — diz ela.

— Ah?...

— Fui contratada pra dar aulas no Newburyport Community College. Introdução à filosofia moderna. Existencialismo, Schopenhauer, Wittgenstein, todas essas coisas boas.

— Finalmente se valendo do diploma, hein?

— Pois é. Olha só, trouxe aqui o contrato de emprego e o salário detalhado. Não é muito, mas é certo, e é mais do que eu estava ganhando como Uber. As coisas agora realmente melhoraram muito pra nós, Colin... a não ser pelo telhado, é claro — fala ela, entregando-lhe os documentos.

Colin examina a papelada, então lança um olhar avaliador para Rachel. Ele sabe que tem alguma coisa errada. Ela provavelmente está com uma cara péssima. Murcha, magra, preocupada. Parecendo alguém em recidiva de câncer de mama e nos estágios finais de uma espiral mortal de metanfetamina.

Ele estreita os olhos. Muda de ares. Balança a cabeça.

— Não vai dar pra estender os prazos de pagamento de novo, nem podemos acrescentar mais nada ao empréstimo original. Eu não teria permissão pra fazer isso. Meu poder de decisão nesses casos é muito limitado.

— Um empréstimo dando a casa como garantia, então? — arrisca ela.

Ele balança a cabeça de novo.

— Sinto muito, Rachel, mas a sua casa não oferece segurança pra isso. Pra ser totalmente honesto, é apenas um chalé de praia melhorado, certo? E não é nem na praia.

— É na bacia das marés. Considerada orla marítima, Colin.

— Sinto muito mesmo. Sei que você e o Marty pensaram durante muitos anos em fazer uma reforma, mas acabaram não fazendo, confere? A casa não é adaptada pro inverno, não tem aquecimento central.

— E o terreno? Os preços por aqui têm subido nos últimos tempos.

— Vocês moram na área menos concorrida do oeste de Plum Island, não é o lado do Atlântico. De frente pro pântano, numa área propensa a inundações. Sinto muito, Rachel, não tem nada que eu possa fazer por você.

— Mas... mas... eu estou nesse emprego novo.

— Seu contrato lá é de apenas um semestre. Você é um risco pro banco. Consegue entender isso, não consegue?

— Você sabe que eu dou conta — insiste ela. — Você me conhece, Colin. Pago quase sempre no prazo. Saldo minhas dívidas. Trabalho muito.

— Sim. Mas não é esse o ponto.

— E o Marty? Ele agora é sócio minoritário. Ultimamente eu faço vista grossa quando ele não paga a pensão alimentícia, porque a Tammy está falida, mas...

— Tammy?

— A namorada nova dele.

— Ela está falida?

Droga, pensa Rachel. Ela sabe que esse tipo de informação não vai ajudar em nada, então tenta encerrar esse assunto rápido.

— Não é nada, não. Ela tinha uma loja de chocolate na Harvard Square, que faliu. Não é nenhuma empresária. Acho que tem só 25 ou...

— Como alguém perde dinheiro vendendo chocolate na capital das bocas nervosas da Nova Inglaterra?

— Não sei. Puxa, Colin. Somos velhos amigos. E eu... estou precisando desse dinheiro pra ontem. É uma emergência.

Colin se recosta na cadeira.

Rachel percebe que ele está considerando tudo o que ela disse. Provavelmente Colin sabe muito bem identificar um mentiroso...

— Sinto muito, Rachel, sinto muito mesmo. Se precisar de um empreiteiro, posso indicar o Abe Foley. Ele é honesto e trabalha bem e rápido. É o máximo que eu posso fazer.

Ela faz que sim com a cabeça.

— Obrigada — diz, sem convicção, e sai da sala, completamente derrotada.

Quinta-feira, 9:38

Humm, desta vez parece diferente.

É claro que nada indica que seja *mesmo* diferente. Não teria por que ser diferente. Eles sempre dizem as mesmas coisas, se comportam do mesmo jeito e acabam entrando na linha. O ser humano é previsível demais. Por isso as tábuas atuariais funcionam tão bem.

E é só uma sensação, nada mais. Ela pode perfeitamente esquecer isso e pensar em outra coisa. Mas ela não quer fazer isso hoje. Quer mesmo é ficar com essa impressão ruim e internalizá-la até entender por que está sentindo isso. Se aquela sensação significar realmente alguma coisa, tem quase certeza de que tem a ver com a pessoa que está atualmente na Corrente.

Talvez seja melhor fazer um levantamento da situação. Ela abre o arquivo criptografado em seu computador e examina os protagonistas do momento. Tudo parece em seu devido lugar. O link negativo dois é Hank Callaghan, dentista e professor da escola dominical de Nashua, que fez tudo direitinho. O link negativo um é Heather Porter, administradora escolar, também de New Hampshire, que fez exatamente o que foi mandado. O link zero é Rachel O'Neill, ou, como se apresenta agora, Rachel Klein. Ex-garçonete e motorista de Uber que em breve estará dando aulas numa faculdade comunitária.

Será que Rachel por acaso é a maçã podre?

Não tem a menor importância se for. Como Olly sempre diz, a Corrente é essencialmente um mecanismo autorregulador que conserta o próprio DNA avariado com apenas um empurrãozinho vindo de fora.

“Não se preocupe. Tudo sempre acaba em seu devido lugar”, era o que sua madrastra costumava dizer. E ela tinha razão. Em geral as coisas realmente acabavam em seu devido lugar. E ela também, no final, claro, acabou em seu devido lugar.

Não, Rachel não vai causar nenhum problema. Nenhum deles, por sinal. Rachel vai acabar entrando na linha, assim como todo os outros; caso contrário, morre, junto com a filha. E terá uma morte horrível,

para servir de exemplo aos outros.

Quinta-feira, 9:42

Na rua, do lado de fora do banco, Rachel tenta conter as lágrimas e a onda de pânico. O que vai fazer agora? Ela não pode fazer nada. Fracassou logo no início. *Meu Deus do céu, pobrezinha da minha Kylie.*

Olha a hora no celular: 9h43.

Funga, enxuga o rosto, respira fundo e entra de novo no banco.

— Senhorita, não pode entrar... — diz alguém no momento que ela entra novamente na sala de Colin.

Ele levanta o olhar do computador, parecendo surpreso e culpado ao mesmo tempo, como se estivesse procurando pornografia no Google.

— Rachel, eu disse...

Ela se senta, resistindo à vontade de pular do outro lado da mesa, botar uma faca no pescoço dele e berrar para os caixas entregarem a ela o maldito dinheiro em cédulas não sequenciadas.

— Aceito qualquer empréstimo que esse banco puder me dar a qualquer taxa de juros, por mais abusiva que seja. Eu preciso do dinheiro, Colin, e não vou sair dessa maldita sala enquanto não conseguir isso.

Ela sabe que tem um brilho perigoso no olhar, de assaltante de banco. *Olhe bem para mim, parece dizer, sou capaz de qualquer coisa agora. Você vai mesmo querer começar o dia vendo os guardas me arrastarem aos gritos e pontapés?*

Colin respira fundo.

— Bem, ééé... A gente tem um financiamento familiar de emergência de noven...

— Consigo quanto? — Rachel o interrompe.

— Quinze mil dólares dariam para o... o seu telhado?

— Dariam.

— A taxa de juros seria bem acima do nosso...

Ela desliga completamente e deixa Colin desenrolar o blá-blá-blá todo. Não está nem aí para taxa de juros, taxas de serviço... Só quer o

dinheiro. Quando ele acaba de falar, ela sorri e diz que aceita as condições.

— Preciso providenciar toda a papelada — diz ele.

— Vocês podem transferir o dinheiro direto pra minha conta?

— Prefere transferência e não cheque?

— Prefiro.

— Podemos fazer isso, sim.

— Volto pra assinar a papelada daqui a uma hora — diz ela, agradecendo-lhe e se retirando.

Dá então uma olhada rápida na lista de tarefas altamente comprometedoras que rabiscou às pressas.

1. Resgate
2. Celulares descartáveis
3. Pesquisar alvo/vítima
4. Comprar revólver, corda, fita adesiva etc.
5. Pesquisar lugar para esconder vítima

Ela está perto da biblioteca de Newburyport. Quem sabe poderia aproveitar esse tempo para fazer a pesquisa sobre o alvo/vítima... *Claro, isso mesmo, se mexa, Rachel, se mexa.*

Ela segue a State Street até a biblioteca, sobe correndo os degraus e encontra uma mesa desocupada na Ala Lovecraft. A primeira coisa que faz é pesquisar no Google a família Williams, de Dover, New Hampshire. Um assalto pavoroso. Uma invasão de domicílio que deu errado, na avaliação da polícia. A mãe, os dois filhos e o novo namorado dela foram amarrados e abatidos com um tiro na cabeça. As crianças foram mortas horas antes da mãe, de modo que ela teve bastante tempo para sofrer e pensar naquilo.

Com o coração na mão, Rachel começa a pesquisar possíveis alvos.

Como eles a tinham encontrado? Ela era um alfinete num mapa?! Teria sido pelos arquivos da associação de pais e mestres? Pelo perfil no Uber?

Facebook. O maldito Facebook.

Ela liga o MacBook Air, abre o Facebook e passa os quarenta e cinco minutos seguintes percorrendo nomes e rostos de amigos de amigos.

É inacreditável a quantidade de pessoas com postagens e perfis públicos, que podem ser vistos por qualquer um. *George Orwell estava errado, pensa. No futuro, não é o Estado que vai controlar todo mundo com vigilância maciça, e sim as próprias pessoas. Elas farão o trabalho do Estado por ele, postando constantemente sua localização, seus interesses, suas preferências alimentares, seus restaurantes favoritos, suas orientações políticas e hobbies — no Facebook, no Twitter, no Instagram e em outras*

redes sociais. Somos nossa própria polícia secreta.

Ela se dá conta de que certas pessoas atualizam seus *feeds* no Facebook e no Instagram em intervalos de poucos minutos, e assim acabam fornecendo a possíveis sequestradores e assaltantes informações geográficas e temporais sobre seu paradeiro.

Informações úteis, e Rachel decide ir atrás de alvos nas regiões da Grande Boston e de North Shore. Homens e mulheres bem-sucedidos, sem nenhuma ligação com as forças da lei, que moram em mansões e que têm famílias pequenas e toda a pinta de poderem pagar um resgate e dar continuidade à Corrente.

Ela apanha a agenda e faz uma lista preliminar de candidatos.

Fecha então o laptop, pega a jaqueta de couro, põe a lista no bolso com zíper e volta ao banco.

Colin está à sua espera. Ela assina os formulários e, quando acabam as formalidades, diz que vai esperar enquanto ele transfere o dinheiro. Coisa de um minuto.

Ela lhe agradece e vai para o Panera Bread na Storey Avenue. Pede um café e se senta a uma mesa no canto. Então se conecta ao Wi-Fi, liga o Mac e baixa o navegador Tor, que não parece nada confiável. Mesmo assim, clica no ícone e, num piscar de olhos, está na dark web. Ela já havia ouvido falar da dark web e sabe que é onde você consegue comprar armas, remédios de tarja preta sem receita e narcóticos.

Encontra onde comprar Bitcoins, lê as normas e os procedimentos, cria uma conta e compra o equivalente a dez mil dólares com o Visa. Em seguida, compra mais quinze mil, usando o dinheiro que havia acabado de ser depositado em sua conta no First National.

Procura a carteira de Bitcoin no InfinityProjects e transfere o dinheiro. A transação leva menos de um segundo.

E, assim, num estalar de dedos, o resgate foi pago. Jesus!

Então, o que vai acontecer agora? Eles vão telefonar? Ela olha para o celular e espera. Toma um gole de seu café observando os outros clientes no Panera. Essas pessoas não têm a menor ideia de que estão vivendo um sonho. Elas não têm noção de como as coisas podem ficar ruins do outro lado do espelho.

Ela puxa um fio solto na blusa.

O celular faz plim ao receber outra foto de Kylie, agora sentada num colchão num porão, com uma mensagem enviada por um número desconhecido: Novas instruções em breve. Lembre-se: Não é pelo dinheiro, é pela Corrente. Seguir para a parte 2.

Seguir para a parte 2? Isso significa que eles receberam o dinheiro? Rachel torce para que não tenha estragado tudo.

Mas claro que essa foi a parte fácil.

Ela fecha o Mac e caminha para o carro.

E agora? Volta para casa? Não, ela não vai voltar para casa. Agora precisa de celulares descartáveis e de uma arma, e é melhor fazer isso longe dos vizinhos, dos olhares curiosos e das leis de controle de armas de Massachusetts, atravessando a divisa para New Hampshire.

Ela corre para o Volvo, entra no carro, liga o motor e, forçando a embreagem e cantando pneus, segue em direção ao norte.

10

Quinta-feira, 10:57

Todas as rádios estão falando do policial que foi morto com um tiro perto de Plaistow. Em New Hampshire, não há mais do que quatro ou cinco assassinatos por ano, de modo que essa é uma notícia e tanto, e isso está sendo muito comentado.

Ela fica irritada ouvindo aquilo e desliga o rádio.

Logo depois de passar pela divisa em Hampton, New Hampshire, encontra o lugar que estava procurando: o Clube de Tiro Tático do Fred. Já havia passado por ali milhares de vezes, mas nunca pensou em entrar.

Até hoje. Ela estaciona o Volvo e entra no clube. A barriga ainda dói do soco que levou, e Rachel faz uma ligeira careta enquanto avança.

Fred é um sessentão alto e corpulento, de ar simpático, está usando um boné John Deere, camisa e calça jeans. Tem o rosto cheio de cicatrizes de acne, mas, apesar de tudo, ainda é um coroa bonito. Mas provavelmente o que mais chama atenção é o cinturão para armas que lhe enlaça a cintura baixa. Nos coldres, há duas automáticas, que Rachel deduz serem para dissuadir possíveis ladrões.

— Dia, moça — diz ele. — Em que posso ajudar?

— Preciso de uma arma. Pra ter em casa, sabe como é... pra defesa pessoal. Ficamos sabendo de assaltos no bairro.

— Você é de Boston? — pergunta ele, com um olhar que parece acrescentar: *Aquela cidade de Noam Chomsky, do clube de debates de Harvard e de Ted Kennedy?*

— Newburyport — responde ela, para logo depois se perguntar se não deveria ter dado uma origem fictícia.

— Está procurando uma pistola? Uma trinta e oito, ou alguma coisa do tipo? Algo simples?

— É, isso mesmo. Trouxe minha carteira de motorista.

— Vou botar seu nome no sistema. São dois dias pra fazer a checagem.

— O quê? Não, preciso que seja mais rápido — diz ela, tentando não levantar suspeita.

— Bem, hoje posso te vender um fuzil ou uma espingarda, qualquer um desses — diz Fred, apontando para um mostruário. Rachel tem um metro e setenta e cinco, mas qualquer uma daquelas armas parece grande demais para ela e completamente fora de propósito, pois teria de escondê-la debaixo do casaco para render uma pobre criança.

— Você não tem algo mais compacto?

Fred coça o queixo e lhe lança um olhar intrigado e penetrante. Ela gostaria de se sentir mais bonita. Uma mulher atraente não recebe um olhar daqueles... pelo menos não daquele jeito. Quando tinha lá seus 20 e poucos anos, Rachel parecia com Jennifer Connelly em *Hulk*, de Ang Lee, segundo Marty, mas aquilo foi antes, é claro. Agora vivia com olheiras, e o rosto carecia permanentemente de viço.

— Por lei o período é mais curto pra armas de cano longo, mas que tal uma dessas? — pergunta Fred, pegando sob o balcão uma escopeta Remington 870 Express Sintética com ação de bomba, enquanto explica.

— Isso serve — responde ela.

— É usada. De 2015. Pode levar por trezentos e cinquenta.

— Vou levar.

Fred estranha. Evidentemente, esperava que ela barganhasse, mas Rachel está tão desesperada que parece disposta a pagar o preço que for. Ela percebe que ele olha para o estacionamento e vê que seu carro é um Volvo 240 laranja bem castigado.

— Então — prossegue ele. — Vou incluir uma caixa de cartuchos e uma aulinha. Quer que eu mostre como usar?

— Quero, por favor.

Fred a conduz a um estande de tiro fechado.

— Já atirou alguma vez? — pergunta.

— Não. Já empunhei uma arma. Um fuzil, na Guatemala. Mas não disparei.

— Guatemala?

— Corpo da Paz. Fomos cavar poços. Eu e Marty, meu marido na época, nos formamos em artes liberais, e claro que nos mandaram pra floresta pra trabalhar num projeto de irrigação. Nós éramos completamente sem noção. E levamos nossa bebezinha, Kylie, com a gente. Uma loucura, pensando nisso agora. Marty disse que viu uma onça-pintada rondando o acampamento. Ninguém acreditou nele. Ele machucou o braço ao disparar.

— Bom, vou te ensinar a fazer direito — diz Fred, entregando a Rachel protetores de ouvido e mostrando-lhe como carregar a arma. — Prende bem firme no ombro. Vai dar um tranco, é uma calibre vinte. Não, não, com mais força. Você tem que encaixá-la ao corpo. Se

sobrar um espaço, a arma dá um coice na sua clavícula. Basta lembrar a Terceira Lei de Newton. Toda ação gera uma reação oposta equivalente.

Fred aperta um botão e um alvo de papel aparece num transportador no teto, parando a cerca de oito metros deles. O ambiente tem um cheiro claustrofóbico de graxa e pólvora. O alvo é um sujeito mal-encarado portando uma arma; não é uma criancinha apavorada.

— Puxa o gatilho, só isso. Vai com calma.

Ela aperta o gatilho e ouve-se um enorme *bang*. Fred tinha razão sobre a Terceira Lei de Newton. O cano bate forte em seu ombro. Ao abrir os olhos e observar o alvo de papel, ela vê que foi destruído.

— Oito metros ou menos, nenhum problema pra você. Mas se o alvo estiver longe ou correndo, deixa correr. Sacou?

— Deixar o alvo correr na minha direção pra eu poder matá-lo ou deixar o alvo correr pra longe e eu chamar a polícia?

Ele dá uma piscadela.

— Você é rápida no gatilho.

Ela pega os cartuchos e paga com o dinheiro de indenização das inundações. Agradece a Fred, volta para o carro e coloca a escopeta no banco do carona. Se está sendo monitorada de alguma forma pelo celular, espera que eles vejam que ela está levando isso a sério e fazendo o que deve ser feito.

Quinta-feira, 11:18

O Hampton Mall é o lugar perfeito para comprar celulares descartáveis. Ela para o carro no estacionamento, abre a mala e começa a procurar o boné do Red Sox da Kylie. Seu boné dos Yankees às vezes chama atenção, mas ninguém olha duas vezes para um boné dos Sox ou dos Patriots. Ela encontra o boné, põe na cabeça e abaixa bem a aba sobre o rosto.

O celular toca, seu estômago se contrai.

— Alô? — diz automaticamente, sem ver quem é.

— Oi, Rachel. Aqui é Jenny Montcrief, professora da Kylie.

— Oi, Jenny, ééé... Oi!

— A gente estava querendo saber onde a Kylie está.

— Ela não está passando bem. Eu ia ligar pra vocês.

— Mas você tem que ligar antes das nove horas.

— Da próxima vez eu ligo, prometo. Me desculpa. Ela não vai hoje, não está se sentindo bem.

— O que houve? Alguma coisa séria?

— Só um resfriado. Espero. E também... ela vomitou.

— Ah! Que chato. Tomara que ela possa vir amanhã. Estão dizendo que ela fez um trabalho muito bom sobre Tutancâmon, e a apresentação é amanhã.

— Amanhã... não sei. Vamos ver. Essas coisas são imprevisíveis. Desculpa, vou ter que desligar, estou justamente comprando remédio pra ela agora.

— Quanto tempo ela vai se ausentar?

— Não sei. Preciso desligar. — Rachel recebe outra chamada, de um número desconhecido. — Tchau, Jenny. Filha doente, tenho que correr — diz Rachel, atendendo a outra chamada.

— Espero que esteja fazendo o melhor que você pode, Rachel. Estou contando com você. Meu menino só vai ser libertado quando você achar alguém pro lugar dele — diz a mulher que está mantendo Kylie como refém.

— Estou fazendo o melhor que posso — responde Rachel.

— Eles disseram que mandaram uma mensagem falando da família Williams.

— Mandaram.

— Se você sair dessa, vai ter que ficar de boca fechada, caso contrário, vai receber o troco, que nem eles.

— Pode deixar. Não vou falar nada. Estou fazendo o melhor que posso.

— Isso mesmo, Rachel. E não esqueça: se eles falarem que você está criando problemas, não vou hesitar em matar a Kylie!

— Por favor, não diz isso. Eu...

Mas a mulher já havia desligado.

Rachel olha para o telefone. Suas mãos estão tremendo. A mulher está com os nervos à flor da pele. Kylie está nas mãos de uma pessoa que parece à beira de um colapso nervoso.

Um rapaz salta do carro na fileira oposta à de Rachel no estacionamento, olha para ela de um jeito estranho e a cumprimenta com a cabeça, fechando a cara.

Seria outro agente da Corrente?

Será que eles estão em toda parte?

Reprimindo um gemido, ela põe o celular na bolsa e se apressa em direção às portas duplas do shopping.

O supermercado Safeway já está aberto e cheio de gente. Ela pega um cesto de compras, passa pelos mostruários do Dia de Ação de Graças e encontra as prateleiras dos celulares baratos. Pega um que parece bom, um baratinho da AT&T que ainda faz fotos e vídeos. Quatorze dólares e noventa e cinco. Bota uma dúzia deles no cesto e depois ainda acrescenta mais dois. Quatorze. Será que basta? Restam apenas seis celulares na prateleira. Quer saber? Ela os pega também.

Ao se virar, ela vê Veronica Hart, a vizinha excêntrica que mora a cinco casas da dela em Plum Island. Deus do céu. Ela veio até aqui exatamente para não esbarrar em nenhum conhecido. Se Veronica vir os celulares, vai perguntar se ela está se preparando para o fim do mundo e lembrar que, no apocalipse, os zumbis vão derrubar as torres de transmissão de qualquer maneira. Vai ser bem complicado. Rachel se esconde atrás das mercadorias encalhadas de Halloween até ver a outra mulher pagar e sair.

Leva então os celulares para pagar nas máquinas de autoatendimento. Em seguida, vai para a seção de ferramentas e compra uma corda, correntes, um cadeado e dois rolos de fita adesiva.

O caixa é um hipster com longas costeletas estilo Elvis e óculos de sol.

— Trinta e sete e cinquenta — anuncia.

Ela lhe entrega duas notas de vinte.

— Você devia dizer “Não é o que você está pensando” — comenta o caixa.

Rachel não entende nada.

— O quê?

— Isso tudo — continua ele, botando as compras em dois sacos plásticos. — Parece um kit iniciante de *Cinquenta tons de cinza*, mas com certeza você deve ter alguma explicação mais inocente.

A verdadeira explicação é muito mais aterrorizante.

— Não, é exatamente isso — diz Rachel, saindo apressada da loja.

12

Quinta-feira, 11:59

Kylie está sem celular, então não tem a menor ideia da hora, mas acha que ainda pode ser de manhã. Ela não escuta nada, mas consegue ver que há luz pela janela do porão.

Ela se senta dentro do saco de dormir. Está tão frio que já se forma gelo nas beiradas das janelas. Quem sabe se ela correr de um lado para o outro ali dentro não consegue se aquecer?

Kylie se arrasta para fora do saco de dormir e se põe de pé no piso frio de concreto. Então vai até onde a corrente permite, o que não é muito longe. Um pequeno círculo em torno da cama e de volta ao velho fogão de ferro fundido. Será que esse negócio é tão pesado quanto parece? Ela se aproxima do fogão e, de costas para a câmera, o empurra com força. Ele não se move. Nem um centímetro. Ela corre de volta para o saco de dormir, se enfia lá dentro e espera sob as cobertas, tentando ouvir se a porta do porão é aberta, mas ninguém aparece.

Eles estão ocupados. Não a estão observando pela câmera. Ou pelo menos não o tempo todo. Provavelmente a conectaram a um laptop e de vez em quando dão uma olhada para ver o que ela está fazendo. De que ia adiantar se ela conseguisse mover o fogão? Continuaría acorrentada àquela droga, plantada ali ao pé da escada, sem poder sair.

Sob o saco de dormir, ela examina a algaema em seu pulso. Praticamente não há espaço entre o metal e a pele. Talvez uns dois milímetros só. Será que ela conseguiria deslizar o punho pelo aro com tão pouco espaço? Provavelmente, não. Como Houdini conseguia? Seu amigo Stuart adorava a minissérie sobre Houdini e insistiu para que ela também visse. Kylie certamente não se lembra de ter visto Houdini se livrar de uma algaema fazendo-a deslizar pelo punho em nenhuma de suas fugas. Ele sempre abria as trancas com uma chave escondida. Se ela conseguir sair dessa, terá de aprender certas técnicas de sobrevivência. Autodefesa, arrombamento de cadeado. Ela examina a

algema bem de perto. Lê as palavras COMPANHIA ALGEMAS INIGUALÁVEIS inscritas no metal logo abaixo de uma pequena fechadura. É só colocar a chave na fechadura e virar para a direita ou para a esquerda que a algema se abre. Ela precisa de algo que faça o papel da chave e acione o mecanismo. O zíper do saco de dormir não serve. O lápis que lhe deram para desenhar também não. Nada naquela caixa de papelão serviria, exceto talvez...

Ela olha para o tubo de pasta de dentes. De que será feito? Metal? Plástico? Ela sabe que as tintas a óleo para pintura são acondicionadas em tubos de metal, mas pasta de dentes? Mesmo examinando atentamente, não consegue chegar a uma conclusão. Proteção anticárie da Colgate. Parece um tubo velho que eles tinham no banheiro de hóspedes havia anos. Seria possível usar a extremidade pontuda inferior para abrir o fecho da algema?

Ela força a ponta no buraco da fechadura e acha que pode dar certo. Ela terá de rasgar cuidadosamente a base do tubo e tentar moldar uma chave. A mulher vai matá-la se a apanhar tentando fugir. Tentar fugir é um tiro no escuro bem arriscado, mas é melhor do que não tentar nada.

13

Quinta-feira, 12:15

Tem um sujeito baixinho em frente à casa dela. A escopeta está no banco do carona. Ao estacionar, Rachel estende o braço para apanhá-la. Baixa o vidro da janela e coloca a arma no colo.

— Oi? — diz ela, perscrutando o sujeito.

O homem se vira. É o velho Dr. Havercamp, que mora duas casas mais à frente na bacia das marés.

— Oi, Rachel — responde ele todo animado, com seu sotaque do interior do Maine.

Rachel pousa a escopeta no banco do carona novamente e salta do carro. O Dr. Havercamp está segurando alguma coisa.

— Acho que isso é da Kylie — diz ele. — O nome dela está escrito na capa.

O coração de Rachel dispara. Sim, é o iPhone da Kylie, o que talvez lhe dê alguma pista de onde ela esteja. Ela arranca o celular da mão dele e o liga, mas a única coisa que aparece é a tela bloqueada: uma foto de Ed Sheeran tocando violão e o espaço para a senha de quatro dígitos. Rachel não sabe a senha e tem certeza de que não vai conseguir adivinhar. Depois de várias tentativas erradas, o celular é automaticamente bloqueado por vinte e quatro horas.

— É o celular da Kylie. Onde estava? — pergunta Rachel, tentando parecer casual.

— No ponto de ônibus. Eu estava passeando com o Chester quando vi isso no chão e pensei: *É um celular*. Aí peguei e vi o nome da Kylie atrás. Ela deve ter deixado cair quando estava esperando o ônibus da escola.

— Puxa, ela vai ficar aliviada. Obrigada.

Rachel não o convida para entrar nem lhe oferece um cafezinho. Nesta região de Massachusetts, isso é quase um crime passível de pena de morte, mas ela não tem tempo para isso.

— Bom, é melhor eu ir andando. Tenho que bombear água. Até mais — diz ele. E ela o vê se afastar pelo matagal, na direção de seu

barco.

Quando ele vai embora, Rachel leva a escopeta e as outras coisas que comprou para casa, bebe um copo de água e liga seu Mac. O computador ganha vida e ela olha para ele desconfiada por um momento. Será que eles a estão espionando pela câmera do Mac e do iPhone? Ela leu em algum lugar que Mark Zuckerberg cola um pedaço de fita adesiva sobre a câmera de todos os seus dispositivos eletrônicos, como medida de segurança. Ela pega uma fita na gaveta da cozinha e faz exatamente a mesma coisa, cobrindo a câmera do celular, a do Mac e a do iPad.

Ela se senta então à mesa da sala de estar.

Agora, mãos à obra.

Rachel vai ter de sequestrar uma criança? Ela dá uma risada amarga. Como seria possível fazer uma coisa dessas? Isso é loucura. Completa loucura.

Como ela seria capaz de fazer algo assim?

Mais uma vez ela se pergunta por que foi escolhida. O que aquelas pessoas teriam visto nela que as levou a acreditar que ela seria capaz de fazer uma coisa tão perversa como sequestrar uma criança? Ela sempre foi a boazinha. Aluna nota dez no Hunter College High School. Gabaritou o SAT e se saiu muito bem na entrevista em Harvard. Ela nunca ultrapassa o limite de velocidade; paga seus impostos; nunca se atrasa para nada; fica para morrer quando é multada por estacionar em lugar proibido. E agora querem que ela faça uma das piores coisas que alguém pode fazer com uma família?

Rachel olha pela janela. Faz um dia lindo e claro de outono. A bacia das marés está rodeada de pássaros e há alguns pescadores catando isca no lodo. Esta área de Plum Island é um microcosmo desta região de Massachusetts. Do lado de cá da bacia das marés estão as menores casas do pântano; do lado leste, as mansões vazias de veraneio que dão para os vagalhões do oceano Atlântico. O lado oeste da bacia é dos trabalhadores: bombeiros, professores e vendedores de caranguejos que vivem aqui o ano inteiro. E o lado leste começa a ser tomado por veranistas ricos em maio e junho. Ela e Marty achavam que ali estariam seguros. Mais seguros do que em Boston. Seguros. Que piada! Ninguém está seguro. Como eles foram tão ingênuos de achar que se pode viver em segurança em alguma parte dos Estados Unidos?

Marty. Por que não retornou a ligação? Que diabos ele está fazendo em Augusta?

Ela pega a lista de nomes selecionados no Facebook e começa a percorrê-los de novo.

Todos aqueles rostos felizes e risonhos.

Um menininho ou uma menininha sorridente que ela vai arrastar

para o carro, na mira de uma arma. Pelo amor de Deus! Onde é que ela vai esconder essa pobre alma? Em casa, nem pensar. As paredes são de madeira, não há isolamento acústico. Se alguém começar a gritar, meia dúzia de vizinhos vai ouvir. E ela não tem porão nem sótão propriamente dito. Como disse Colin Temple, a casa não passa de um chalé de praia melhorado. E se ela se hospedar num motel? Não. Isso seria loucura. Teria muitas perguntas a responder.

Pela janela, ela observa os casarões do outro lado da bacia, e de repente lhe ocorre um plano muito melhor.

Quinta-feira, 12:41

Ela corre até o banheiro, tira a saia, coloca uma calça jeans e um par de tênis. Veste o suéter vermelho, coloca o boné do Red Sox da Kylie e um moletom com capuz e fecha o zíper; abre as portas de vidro e sai para o deque.

Caminha em meio à vegetação até a passagem arenosa que margeia a bacia.

Vento frio, algas em putrefação. O som de televisões e rádios ligados nas casas próximas.

Ela permanece junto à margem até estar a meio caminho da bacia, na direção do mar. Chega então ao Northern Boulevard, e, tentando passar despercebida, começa a explorar os casarões que dão para o Atlântico.

Todos os veranistas já foram embora, mas como saber quais são as casas das pessoas que só aparecem de vez em quando e quais são as das que moram de fato aqui? Agora que a ilha dispõe de água encanada e esgoto, a população permanente aumentou, mas os ricos de famílias tradicionais têm hábitos certos: chegam sempre no Memorial Day e vão embora no Dia do Trabalho, como aves migratórias.

Descobrir se uma casa está ocupada é simples: luzes acesas, carro na garagem, vozes. Saber se uma casa está vazia, mas apenas temporariamente, também é bem fácil: luzes apagadas, nenhum carro, correspondência se acumulando na caixa de correio, mas o gás ainda ligado.

Já saber se uma casa está vazia e se vai ficar assim por algum tempo é mais complicado, mas não tanto quanto se poderia imaginar. Luzes apagadas, energia desligada, Wi-Fi, idem, nenhuma correspondência na caixa de correio, tubulação de gás desativada. Mas ainda assim pode ser que essas residências sejam usadas nos fins de semana por pessoas que trabalham em Boston ou em Nova York de segunda a sexta, e que resolvam aparecer ali no sábado de manhã com

suas botas e seus casacos L. L. Bean, dando de cara com uma estranha na cozinha junto a uma criança amarrada numa cadeira.

O que ela procura é uma casa adaptada para o inverno. Os “ciclones bomba” são particularmente severos nessa época do ano e, embora a maioria das casas à beira-mar tenha sido construída sobre dunas, em caso de maré alta e tempestade forte as ondas podem chegar aos deques e quebrar as caríssimas portas de vidro. Então, quando os donos não pretendem voltar antes do Natal ou da primavera, certamente se preocupam em proteger com tapumes as portas e janelas voltadas para leste.

Exatamente o que havia sido feito em vários dos casarões maiores. E um deles, perto do pontal, chama sua atenção. É uma construção de tijolos, algo raro por ali; quase todas as outras casas da ilha são de madeira. Melhor ainda que as paredes de tijolo é o fato de haver um porão. O que significa que a propriedade foi construída antes de 1990, quando se tornou obrigatório em Plum Island que todas as casas fossem à prova de inundação — ou seja, sobre pilotis.

Rachel dá a volta na promissora propriedade, analisando-a. As janelas que dão para o mar estão vedadas com tapumes, e as laterais, também. Ela pula a cerca e checa a chave geral e as tubulações. Gás e energia estão desligados, e a caixa de correio, vazia; é evidente que as correspondências estão sendo encaminhadas para outro endereço ou ficando nos correios. Na caixa, há a indicação de que a casa pertence aos Appenzellers. Ela conhece os dois de vista. Um casal de mais idade. Ele tem quase 70 anos, é de Boston, professor de química aposentado da Universidade Emory. A mulher, Elaine, é um pouco mais nova, 50 e tantos. Os dois estão no segundo casamento. Se Rachel não está enganada, passam o inverno em Tampa.

Ela se dirige então ao deque da parte de trás, que dá para leste. O deque é ladeado por paredes, o que significa que é possível ficar ali sentado sem ser visto, a não ser por quem passa bem na sua frente caminhando pela praia. Nesta época do ano, não há muito movimento naquela região.

A entrada dos fundos dá direto na cozinha. A porta de tela se abre com um puxão forte. E a porta da cozinha propriamente dita tem uma maçaneta comum.

Ela examina a maçaneta de perto e tira uma foto dela com o celular. Passa dez minutos investigando a imagem no Google e descobre que se trata de uma maçaneta Schlage F40 imitando o estilo georgiano, e que, segundo vários sites de trancas, pode ser arrombada com um martelo e um cinzel batendo diretamente no mecanismo.

Mas o que a preocupa é o adesivo na janela da cozinha avisando que a casa é protegida pela Atomic Alarms. Se ela abrir a porta dos fundos, talvez tenha apenas trinta segundos para achar o alarme, e, se

não for rápida em digitar o código, vai ser aquele inferno, certo? Só que o adesivo parece bem antigo. Já foi azul vivo um dia, mas agora está reduzida a um cinza desbotado. Será que o alarme ainda funciona mesmo com a casa sem luz?

A casa tem outro problema sério. Fica bem ao lado de um dos vários caminhos que atravessam as dunas até a praia de Plum Island. A esta hora do dia, ninguém costuma passar por ali, mas, na parte da manhã, ela supõe que não falte gente passeando com seus cães ou fazendo caminhadas. Se uma criança começar a berrar a plenos pulmões, certamente será ouvida, a menos que ela consiga isolar acusticamente o porão. Um tapume sobre a janela do porão pode abafar o som, mas não será infalível. Humm... Vem à lembrança a advertência de Voltaire de que o ótimo é inimigo do bom. Ela poderia passar uma semana procurando a casa vazia mais adequada, uma semana durante a qual Kylie estaria sofrendo num cárcere improvisado. A não ser pelo aviso sobre o sistema de alarme e pelo atalho pelas dunas, a casa dos Appenzellers é ideal. Relativamente afastada das outras mansões da região e parcialmente isolada pelas dunas. Fica a cerca de quinze metros da rua, e há ciprestes, plantados pelos Appenzellers, para proteger a casa do pôr do sol a oeste.

Ela se senta numa das cadeiras de madeira da varanda dos fundos dos Appenzellers e digita no celular o número da Secretaria de Segurança de Newbury.

— Secretaria de Segurança, Jackson falando. Em que posso ser útil?

— atende uma voz masculina, com um sotaque de Revere tão forte que seria capaz de descascar a tinta de uma pintura.

— Oi! Você poderia esclarecer uma dúvida sobre alarmes?

— Posso tentar.

— Meu nome é Peggy Monroe. Eu moro na ilha. Minha filha ficou de passear com o mastim napolitano da Elsie Tanner na ausência dela, e a Elsie deixou as chaves, mas tem um adesivo da Atomic Alarms na janela, e a minha filha está com medo de que o alarme dispare quando ela abrir a porta. Você acha que pode ter algum problema?

Rachel não está acostumada a mentir. Não tem certeza se é melhor falar o mínimo possível ou bater papo, dando nomes e detalhes para não levantar suspeita. Adotou a última opção, e agora está com medo de ter estragado tudo.

Jackson boceja.

— Olha só, senhora... Posso dar um pulo aí pra olhar, mas sai por cinquenta dólares no mínimo.

— Cinquenta dólares? É mais do que ela ganha pra passear com o cachorro!

— É, imaginei isso. Olha, acho que a sua filha não vai ter problema. A Atomic Alarms saiu do mercado na década de 1990.

Quase todos os clientes deles passaram pra Breeze Security, que fez questão de tirar todos os adesivos da Atomic Alarms das janelas das casas, então, se ainda tem algum por aí, provavelmente esse alarme não está conectado a nenhuma central. Por acaso ela viu algum adesivo novo?

— Não.

— Então provavelmente não tem problema. Se acontecer alguma coisa, é só ligar pra cá que eu vejo se posso fazer algo.

— Muito obrigada.

Ela volta para casa, do outro lado de Plum Island, e pega um cinzel e um martelo na velha caixa de ferramentas de Marty, que por sinal ele nunca usou. O irmão dele, Pete, é que era engenheiro, entendia de mecânica, o verdadeiro faz-tudo. Quando eles se mudaram para lá, Pete é que havia tornado a casa habitável, quando voltara de uma de suas viagens.

De repente um desânimo toma conta dela. Se acontecer alguma coisa com Kylie, Pete vai morrer. Tio e sobrinha se idolatram. Rachel sente os olhos se enchendo de lágrimas, mas se contém. Não é o choro que vai trazer Kylie de volta.

Ela põe o martelo e o cinzel numa bolsa de ginástica e pega uma lanterna. Se acontecer algum problema, tem a escopeta também, que cabe direitinho na bolsa.

Começa a chuveirar quando ela está andando pela trilha da bacia das marés. O céu está cinzento, e pesadas nuvens negras se acumulam a oeste. Seria bom se chovesse. Espantaria passeadores de cães e bisbilhoteiros.

Ela se pergunta se os sequestradores estão mantendo Kylie num lugar aquecido e seguro. Ela é uma menina sensível. Precisa de cuidados. Rachel cerra o punho e dá um soco na própria coxa. *Estou indo, Kylie, estou indo, estou indo.* Põe o capuz do casaco na cabeça e caminha pelo Northern Boulevard em direção à casa dos Appenzellers. Aqueles ciprestes na frente vão ajudar bastante ocultando as atividades abomináveis que vão acontecer lá dentro. Ela passa pelo trecho arenoso e pula a cerca de novo. Examina a janela retangular do porão, uns quinze centímetros acima do solo. Um metro de largura por trinta centímetros de altura. Bate no vidro: não parece muito espesso, mas, se for coberto com uma chapa de acrílico ou uma tábua grossa, talvez dê para abafar os sons.

Ela vai para a varanda dos fundos e abre a porta de tela. Seu coração está acelerado. Parece loucura fazer uma coisa dessas em plena luz do dia, mas ela precisa agir.

Pega o cinzel na bolsa e o posiciona bem no buraco da fechadura. Então levanta o martelo e bate forte com ele no cinzel. Ouve um baque metálico, mas, quando tenta girar a maçaneta, não consegue.

Posiciona então o cinzel mais uma vez e bate com muito mais força. Desta vez erra feio, e o martelo bate na madeira da porta.

Meu Deus, Rachel!

Ela prepara de novo o martelo e bate pela terceira vez. O mecanismo todo se desintegra, lançando pedacinhos em sua direção. Rachel coloca o cinzel e o martelo no chão e, com todo cuidado, tenta abrir a porta.

A maçaneta gira, e, quando ela a empurra, a porta se abre rangendo.

Ela pega a escopeta e a lanterna e, se tremendo toda, entra na casa.

Quinta-feira, 13:24

Lá está ela dentro da casa que acabou de arrombar. Trinta segundos de medo.

Nenhum cachorro. Nem alarme. Ninguém grita.

Não é apenas sorte. Ela fez um bom trabalho de reconhecimento.

A casa está vazia e com cheiro de mofo. Uma fina camada de poeira cobre as superfícies na cozinha. Ninguém vem aqui desde o início de setembro. Ela fecha a porta da cozinha, pela qual entrara, e começa a explorar a casa.

Três andares desinteressantes e um porão bastante interessante de paredes de tijolos e piso de concreto, com apenas uma máquina de lavar, uma secadora e um boiler. A casa é sustentada por uma série de pilares de concreto, e ela pensa, horrorizada, que poderia acorrentar alguém a um deles. Dá então uma olhada na janelinha acima da secadora. Vai cobri-la com um tapume que pode comprar na loja de ferragens da cidade.

Rachel treme, num misto de fascínio e repulsa. Como pode pensar numa coisa dessa com tanta naturalidade? É assim que a gente fica depois de sofrer um trauma?

É.

Ela se lembra de repente da época da quimioterapia. Aquele entorpecimento. A sensação de estar mergulhando num abismo e caindo, caindo, caindo sem parar.

Ela sobe a escada e sai pela porta dos fundos, fechando-a. Fecha também a porta de tela e verifica se realmente não há ninguém na costa para só então descer os degraus em direção ao mar.

Então volta para casa debaixo do chuveiro e dos salpicos das ondas do mar.

Abre o MacBook na mesa da sala e começa a checar no Facebook as atualizações dos perfis da lista de possíveis alvos.

Escolher o alvo certo é muito importante. É preciso selecionar a vítima certa, na família certa, gente que não vai despirocar

completamente e chamar a polícia, e que, além disso, tenha dinheiro para pagar o resgate e controle emocional para orquestrar um sequestro e assim ter o filho de volta.

Rachel se pergunta mais uma vez por que foi escolhida. Ela mesma não teria se escolhido. De jeito nenhum. Escolheria uma pessoa muito mais equilibrada. Um casal, talvez, com dinheiro.

Pega o bloco de anotações e escreve alguns pré-requisitos para reduzir a longa lista de vítimas em potencial. Ninguém que a conheça e que possa reconhecer sua voz. Ninguém de Newburyport, nem de Newbury ou de Plum Island. Mas também ninguém que seja de um lugar muito distante. Ninguém de Vermont, do Maine ou do sul de Boston. Gente com grana. Gente estável. Nada de policiais, jornalistas ou políticos.

Ao percorrer todos aqueles nomes e rostos, mais uma vez ela fica pasma com o fato de as pessoas simplesmente jogarem seus segredos mais íntimos na internet para qualquer um ver. Endereços, números de telefone, profissão, quantos filhos têm, onde estudam, seus hobbies, as atividades que praticam.

Uma criança provavelmente seria a melhor opção. A mais maleável. Menos chance de resistir ou de tentar fugir e com mais chance de mexer com os sentimentos da família. Mas hoje em dia as crianças são muito vigiadas. Pode ser bem complicado sequestrar uma criança sem ser vista.

— Menos a minha filha. Qualquer um consegue sequestrar a minha filha — diz Rachel, fungando.

Pensando nos pré-requisitos, ela analisa o Facebook, o Instagram e o Twitter. Reduz a longa lista a apenas cinco crianças. E as organiza por ordem de preferência.

1. Denny Patterson, de Rowley, Massachusetts.
2. Toby Dunleavy, de Beverly, Massachusetts.
3. Belinda Watson, de Cambridge, Massachusetts.
4. Chandra Singh, de Cambridge, Massachusetts.
5. Jack Fenton, de Gloucester, Massachusetts.

Não acredito que estou fazendo isso, pensa Rachel. Muito embora, é claro, ela não *tenha* de fazer nada. Ela poderia procurar a polícia ou o FBI.

Então pensa nessa possibilidade. Avalia de fato essa opção. Os agentes do FBI são profissionais, mas a mulher que está com sua filha não tem medo da justiça; ela tem medo é da Corrente, isso sim. A pessoa que se encontra acima dela na Corrente está com seu filho. E, se Rachel for considerada uma desertora, as instruções que essa mulher tem são de matar Kylie e procurar outro alvo. A mulher parece

à beira de um ataque de nervos. Rachel não tem a menor dúvida de que ela seria capaz de fazer qualquer coisa para ter o filho de volta...

Não, nada de FBI. Além do mais, quando tiver de fazer a mesma ligação que recebeu dessa mulher, precisa parecer igualmente determinada e ameaçadora.

Ela passa os olhos pelas anotações que fez a respeito dos vários alvos. Sua primeira escolha parece de fato boa: Denny Patterson. Doze anos. Mora com a mãe, Wendy, em Rowley. Mãe solteira, pai fora de cena. E a mulher não é nenhuma pobretona. Na verdade, parece ter uma excelente condição financeira.

Rachel para e pensa. O que os agentes da Corrente querem? O mais importante é que a Corrente tenha prosseguimento. Alguns envolvidos podem ser mais ricos que outros, porém, mais crucial que a riqueza é o fato de que eles precisam ser inteligentes e discretos para acrescentar mais um elo e fazer com que as coisas continuem se desenrolando. Cada elo da Corrente é valioso. Os alvos precisam ter dinheiro, mas também é fundamental que sejam competentes, maleáveis e que tenham medo. Como ela agora. Um elo forte com algumas centenas de dólares no banco é melhor que um milionário fraco.

Kierkegaard dizia que o tédio e o medo estão na origem de todo mal. As pessoas perversas por trás da Corrente querem o dinheiro coletado e temem o indivíduo que seja capaz de fazer tudo desmoronar.

Rachel não será essa pessoa.

Voltando a Denny. A mãe dele tinha uma empresa que foi comprada pela AOL há um tempo. Ela adora o filho e se vangloria dele o tempo todo. Parece durona, dificilmente vai desmoronar. Quarenta e cinco anos. Participou duas vezes da Maratona de Boston, em 2013 e no ano passado. E foi mais rápida no ano passado. Quatro horas e dois minutos.

Denny gosta de videogames, da Selena Gomez e de cinema. E o melhor — para Rachel — é que ele é louco por futebol. Joga três vezes por semana depois das aulas e quase sempre volta para casa a pé.

Ele volta para casa a pé.

Um garoto normal, simpático, de cabelos encaracolados. Não tem nenhuma alergia, nem problemas de saúde, não é grande para a idade. Na verdade, parece até um pouco mais baixo que a média. Certamente não é o goleiro do time.

A mãe tem uma irmã que mora no Arizona. O pai não é muito presente. Mora na Carolina do Sul. Casou-se de novo.

Não há parentes policiais nem com conexões políticas.

Wendy abraçou mesmo a causa do futuro digital, ela posta no Instagram ou no Twitter sua localização e o que está fazendo

praticamente a cada minuto do dia e da noite, exceto quando está dormindo! Então, se Rachel estiver espionando o menino no jogo de futebol, poderá saber onde Wendy se encontra.

O garoto 1 parece bem promissor. Ela agora dá uma olhada no garoto 2: Toby Dunleavy, também 12 anos, de Beverly. Tem uma irmãzinha. A mãe posta o tempo todo no Facebook tudo o que eles fazem.

Ela abre a página de Helen Dunleavy no Facebook. Uma loira atraente e simpática de seus 35 anos. *Não sou neurótica. Sou muito ocupada para ser neurótica*, diz a legenda da foto. Helen mora em Beverly com o marido, Mike, e os dois filhos, Toby e Amelia. Mike é consultor de gestão no banco Standard Chartered em Boston. Helen tem um emprego de meio expediente. É professora de jardim de infância na North Salem Elementary School.

Amelia tem 8 anos, quatro a menos que Toby. Rachel percorre o feed de notícias da mãe das crianças. Helen dá aulas duas vezes na semana pela manhã e parece dedicar o restante de seu tempo a manter os amigos sempre atualizados no Facebook sobre o que a família faz ou deixa de fazer. Mike Dunleavy aparentemente vive fazendo horas extras em Boston e quase sempre volta para casa tarde da noite. Rachel sabe disso porque Helen posta sobre o trem que Mike pega para voltar para casa e se vai deixar as crianças esperando pelo pai acordadas ou não.

Rachel encontra o perfil de Mike no LinkedIn. Ele tem 39 anos, nasceu em Londres e recentemente morou em Nova York. Não tem nenhum histórico policial ou político e parece ser uma pessoa estável. Gosta de futebol e trabalhou como leiloeiro antes de virar consultor de gestão. Sua única incursão pelo mundo da fama se deve ao fato de uma vez ter vendido uma lata de *Merda d'artista*, de Piero Manzoni.

Helen tem duas irmãs. Ela é a filha do meio. Suas irmãs são donas de casa. Uma delas é casada com um advogado; a outra, divorciada, e seu ex-marido é cientista de alimentos.

Alguém busca as crianças na escola todos os dias, sem falta, mas o que torna Toby interessante é o fato de ele ter começado a praticar tiro com arco. Duas vezes por semana ele vai ao Clube de Tiro com Arco de Salem.

Essa é a nova grande paixão de Toby. Em sua página no Facebook tem um link para um vídeo encantador do YouTube, no qual ele atira em vários alvos com arco e flecha, ao som de “Here Comes the Hotstepper”, de Ini Kamoze. E o melhor é que ele volta do clube para casa a pé. Sozinho. Ele é um bom menino. *As crianças deviam fazer mais coisas assim*, pensa Rachel, mas logo se lembra de que ela é exatamente o motivo pelo qual existem pais superprotetores e pais helicópteros.

Os garotos 1 e 2 parecem promissores, e ela ainda tem três alternativas sólidas como reserva.

Fecha então o computador, pega o casaco e vai de carro para a loja de ferragens no centro. No carro, o celular começa a tocar.

— Alô?

— Oi. Eu poderia falar com a Rachel O'Neill, por favor?

— É ela.

— Oi, Rachel. Aqui é a Melanie do departamento antifraude do banco Chase. É para avisar sobre uma movimentação suspeita no seu cartão Visa hoje de manhã.

— Ok.

Melanie faz algumas perguntas para confirmar se está falando mesmo com Rachel e vai direto ao ponto:

— Aparentemente, alguém usou seu cartão para comprar dez mil dólares em Bitcoin. Está sabendo de alguma coisa a esse respeito?

— Vocês não impediram a transação, certo?

— Não, não impedimos. Humm, mas ficamos pensando...

— Fui eu, sim. Eu fiz a compra. Está tudo bem. É um investimento que estou fazendo com o meu marido. Desculpe, mas estou superocupada no momento, preciso desligar.

— Então não houve nenhuma atividade suspeita?

— Não. Nada. Está tudo certo. Mas obrigada de qualquer forma. Preciso desligar. Tchau — diz Rachel, desligando.

Na loja de ferragens, ela compra um tapume para a janela do porão dos Appenzellers, e, quando está voltando para casa, Marty liga. Finalmente!

Ela se esforça por não cair no choro ao ouvir aquele sempre afável e animado “E aí, querida, como vão as coisas?”.

Por alguma razão, é impossível odiar Marty, por mais que se queira. Deve ter alguma coisa a ver com aqueles olhos verdes e os cabelos escuros ondulados. A mãe de Rachel bem que avisou que ele era um cafajeste, mas esse tipo de conversa de mãe nunca surte efeito.

— Tammy comentou alguma coisa sobre o telhado estar com goteira... — diz Marty.

— O quê?

— O telhado. Tammy disse que a casa está com goteiras.

— Onde você está, Marty? — pergunta ela, quase acrescentando *Preciso de você.*

— Em Augusta. Num retiro.

— Quando você volta?

— Volto na sexta à noite pra pegar a Kylie pro fim de semana. Não precisa se preocupar.

Rachel reprime um soluço.

— Ah, Marty... — sussurra ela.

— Sexta-feira é amanhã, benzinho. Aguenta firme.

— Pode deixar.

— O problema não é o telhado, né? O que houve? Tem alguma coisa errada. Pode falar.

Além do fato de eu provavelmente estar morrendo e de nossa filha ter sido sequestrada?, ela quase diz, mas se contém. Rachel se contém porque Marty não entenderia e iria direto à polícia.

— Algum problema relacionado a dinheiro? Eu sei que não tenho ajudado muito, mas vou melhorar. Prometo. Já conseguiu um empreiteiro?

— Não. Não consegui ajuda nenhuma — diz ela em voz monocórdia.

— O estrago foi muito grande?

— Não sei.

— Olha só, querida, eu vi a previsão do tempo. Ninguém vai querer consertar o telhado essa noite com chuva. Quem sabe o Pete não pode ajudar?

— Pete? Onde ele está?

— Em Worcester. Eu acho.

— Vou mandar uma mensagem pra ele. Acho que isso eu posso fazer...

— Como assim isso você pode fazer?...

— Nada. Não é nada. Isso mesmo, talvez eu peça ajuda ao Pete. Vou pensar.

— Tudo bem então. Vou ter que desligar, tá?

— Tá bom, Marty — fala ela, meio triste.

— Tchauzinho — diz ele, desligando.

Sem aquela voz grave que a acalma, o carro fica gelado e silencioso de novo.

Quinta-feira, 14:44

A menos que você cace com arco, seja parapléxico, um colecionador de armas de fogo antigas ou menor de 18 anos, a temporada de caça a veado em Massachusetts só começa em 27 de novembro.

Mas Pete nunca deu muita bola para as datas oficiais da temporada de caça no estado. Aliás, nunca foi de dar muita trela para a maioria das leis, normas e regulamentações.

Ele sabe que, se for flagrado pelos guardas-florestais ou por um xerife, pode ser multado ou estar sujeito a coisa pior. Mas os guardas não conseguem pegá-lo. Pete conhece esses bosques a oeste de Worcester como outras pessoas conhecem os bares nas redondezas de Fenway ou o rodízio das strippers no Hurricane Betty's. Ele caça nessas matas desde que era criança. Tudo bem que seus sentidos estão meio embotados por causa dos problemas recentes, mas mesmo assim ele não vai ser surpreendido por nenhum subordinado do xerife, muito menos por um guardinha com um colete de alta visibilidade.

De vez em quando ele pensa em se mudar para o Alasca, onde o número de guardas e policiais seria ainda menor, mas pretende ficar no estado pelo menos até Kylie entrar para a faculdade. Kylie é sua única sobrinha, e ele é louco por ela. Os dois trocam mensagens de texto quase todos os dias, e ele sempre a leva para ver os filmes aos quais a mãe não aguenta assistir.

Pete entra pela floresta de bétulas atrás do grande cervo. O bicho não faz ideia de que está sendo seguido. Pete anda contra o vento, caminhando em meio às árvores no mais profundo silêncio. Ele é muito bom nisso. Nos Fuzileiros Navais, era engenheiro, mas, depois de alguns anos construindo pontes sob tiros de morteiros, tirara um período sabático para fazer o curso de patrulha de reconhecimento em Camp Pendleton. Terminou como um dos primeiros da turma. O comando queria transferi-lo para um batalhão de reconhecimento, mas o objetivo de Pete fora apenas testar a própria capacidade.

Pete observa o velho cervo pela mira do fuzil, apontando abaixo do

coração, mas, quando está prestes a puxar o gatilho, seu celular vibra no bolso. *Eu devia ter desligado isso, pensa. Não imaginava que aqui teria sinal.*

Ele olha para o telefone. Duas novas mensagens, uma de Rachel e outra de Marty. Os dois haviam feito a mesma pergunta: *Onde você está?*

Tenta mandar uma resposta para Rachel, mas a mensagem não é enviada. E ignora a mensagem de Marty. Ele não odeia o irmão, mas os dois têm muito pouco em comum. A diferença entre eles é de seis anos, e, na época em que Marty já andava, falava e começava a ficar mais interessante, Pete só pensava em sair da casa. E saiu mesmo. Aos 12 anos, pegou “emprestado” o Chevrolet Impala de um vizinho e fugiu para East Franklin, Vermont. Queria ir para Montreal, vejam só, mas foi detido na fronteira com o Canadá.

E não aconteceu nada. Absolutamente nada. O juiz lhe passou um sermão, com o dedo em riste. Depois daquele episódio, ele roubou outros carros, mas passou a tomar mais cuidado. Nada de querer atravessar a fronteira, nem de correr muito. Pete começou a andar com uma galera barra-pesada no ensino médio, mas ninguém dava a mínima, desde que ele mantivesse as notas acima da média, o que Pete fazia. Para ele, estudar era um tédio, mas, de alguma forma, conseguiu entrar para a Universidade de Boston, no curso de engenharia civil. Lá, mal conseguiu manter a média. Passava a maior parte do tempo brincando com o novo software CAD, de projeto e desenho auxiliados por computador, inventando pontes suspensas extravagantes que jamais poderiam ser construídas e pontes cantiléver antiquadas que ninguém queria. Formou-se em maio de 2000 sem nenhum plano ou ideia do que faria com seu futuro.

Pete se mudou para Nova York e tentou ganhar a vida como especialista em segurança cibernética no promissor mundo da rede mundial de computadores. Todo mundo dizia que a internet era a nova corrida do ouro, mas ele provavelmente estava garimpando nos rios virtuais errados. Mal conseguia ganhar dinheiro para pagar os juros dos financiamentos de seus estudos.

Até que, um ano depois: o 11 de Setembro.

Na manhã seguinte, ele foi à Times Square. Ninguém que estava em Nova York será capaz de esquecer o dia seguinte. O mundo era outro. No estande de alistamento, a fila ia até a rua 34. O avô de Pete tinha sido da Marinha. Com o diploma de engenheiro e seu conhecimento na área, a equipe de recrutamento recomendou a Marinha ou os Fuzileiros Navais. Pete escolheu os Fuzileiros. E foi tudo o que ele fez nos 13 anos seguintes. Escola de Oficiais, engenheiros de combate, sete viagens ao exterior, cinco delas em teatros de operações. Depois dos Fuzileiros, ele ainda fez algumas viagens e acabou voltando para

Worcester.

Mas aquele capítulo da sua vida estava encerrado. Agora ele é apenas mais um desempregado de 41 anos que precisa de um pouco de carne de caça de graça para sobreviver ao inverno.

O cervo baixa sua grande cabeça para matar a sede num regato. No flanco esquerdo, nota-se uma longa cicatriz. Os dois já estiveram em guerras.

Pete está com o alvo na mira, mas algo lhe diz que o cervo vai ter de esperar. Ele tem um pressentimento ruim: está rolando alguma coisa. Algo está errado.

Então lê de novo as mensagens: *Onde você está?*

Será que Rach está com algum problema? Ele pousa o fuzil no ombro e procura um lugar mais alto, em busca de sinal, mas agora o celular está com um por cento de bateria.

Ele sobe a pequena colina que dá para a queda-d'água e tenta mandar uma mensagem de lá, mas, nos dois minutos que leva para fazer isso, é claro que seu telefone morre. Então o grande cervo se vira e olha para ele, e os dois se encaram por três segundos.

Assustado, o bicho se esgueira entre as árvores. Pete o vê fugir, arrependido. Lá se foi sua refeição. Ele trava o fuzil e volta à caminhonete.

E agora começa a sentir um certo desconforto. Já está na hora? Ele olha para o céu. Será que já são três horas? Mas é claro que são. Ele caminha pela mata outonal e encontra a caminhonete na clareira onde a deixou. Infelizmente, não trouxe o carregador, então terá de esperar até chegar ao seu apartamento em Worcester para saber o que Rachel quer.

Quinta-feira, 15:27

Kylie está sentada no saco de dormir. Ela segura o tubo de pasta de dentes em uma das mãos, os punhos doendo do esforço de tentar abrir a tranca da algema. Ela se lembra de um vídeo do YouTube que Stuart queria lhe mostrar, sobre três maneiras de se livrar de algemas. Stuart adora essas coisas: Houdini, mágica, fugas. Ela não viu o vídeo; ficou no celular procurando um outro vídeo sobre uma nova câmara secreta que alguém descobriu na Grande Pirâmide.

Da próxima vez ela vai prestar atenção.

Se houver próxima vez, pensa ela, com um arrepio de pavor.

Respira fundo e fecha os olhos.

Kylie também gosta de mágica.

Os egípcios viviam num mundo infestado de deuses e demônios.

Aqui também há demônios, mas eles são seres humanos.

Ela se pergunta se sua mãe está fazendo o que os sequestradores mandaram. E se eles não a teriam confundido com outra pessoa. Alguém com acesso a alguma caixa-forte ou a segredos do governo...

Ela respira fundo, solta o ar lentamente, e repete aquela respiração.

Está mais calma agora. Não totalmente calma, porém mais calma.

Está ouvindo o nada.

Não, não é exatamente o nada. Sempre tem alguma coisa. Grilos. Um avião. Um rio bem distante. Segundos passam, depois minutos. Ela quer que o rio a leve dali, para longe daquela gente, daquela história toda. Não importa para onde. Ela só quer se deixar levar pelas águas, boiando, cruzando pântanos até chegar ao Atlântico.

Não. Isso é pura mentira. Um sonho. *Isto aqui é real*. Este porão. Estas algemas. *Esteja no agora*, costumava dizer o orientador nas aulas de meditação, das quais eles tanto zombavam. *Esteja presente e veja tudo que há para ver no agora*.

Ela abre os olhos.

E olha, olha *de verdade*.

Vê tudo o que há para ser visto.

Quinta-feira, 15:31

Wendy Patterson pega Denny na Rowley Elementary School e o leva para o futebol na Rowley High School, depois segue para Ipswich, onde toma um *chai latte* de soja no Starbucks. Posta uma foto da bebida no Instagram, junto com um biscoito do Dia de Ação de Graças que comprou para o filho.

Denny vestiu o uniforme do futebol e está treinando drible com o time. Rachel o observa de seu Volvo 240 estacionado do outro lado da rua e, pelo celular, acompanha os tweets de Wendy, assim como as postagens dela no Facebook e no Instagram. Enquanto observa o menino, sente uma onda de náusea misturada a dúvidas. Como ela vai fazer uma coisa dessas? É a maior crueldade que se pode fazer com uma mãe, com uma família. Mas aí pensa em Kylie trancada no porão de alguma louca. É a maior crueldade que se pode fazer, mas que precisa ser feita.

Então fica ali acompanhando o treino de Denny e, quando a aula acaba, constata que, sim, Wendy ainda está no Starbucks de Ipswich. A garoa parou e, ao que tudo indica, Denny vai voltar para casa a pé. Wendy não dá nenhuma indicação no Facebook de que virá buscá-lo.

Será que Rachel o pega agora?

Ela havia planejado fazer apenas uma sondagem, e não embarcar em uma missão de captura. Ainda não tinha preparado a casa dos Appenzellers. Não havia pregado o tapume na janela do porão; nem arrumado um colchão. Mas e se a oportunidade surgisse?

De carro, ela segue o garotinho, que volta para casa com um amigo. É claro que não pode sequestrar duas crianças, então terá de esperar até que eles se separem.

Ela sabe que sua atitude pode parecer muito suspeita, dirigindo a dez quilômetros por hora na cola de duas crianças.

Não havia pensado direito naquilo. Não tem a menor ideia de onde fica a casa de Denny em Rowley. Na rua principal? Numa sem saída? Ela se xinga mentalmente por não ter visto no Google Maps o caminho

do colégio até a casa do menino.

O amigo acompanha Denny por alguns quarteirões, mas depois se despede e segue por outro caminho, então o menino fica sozinho.

O pequeno Denny está sozinho.

O coração de Rachel bate acelerado. Ela olha para o banco do carona. Arma, touca ninja, algemas, venda.

Abaixa o vidro e verifica os espelhos retrovisores.

Há testemunhas. Um senhor com um cachorro. Uma adolescente correndo. Rowley é uma comunidade pequena e pacata, mas nem parece tão pacata hoje. E de repente, do nada, Denny vira na direção de uma das casas, pega a chave no bolso e entra.

Rachel estaciona o Volvo do outro lado da rua, entra no perfil de Wendy no Facebook e descobre que agora ela *está* vindo para casa.

Rachel tem oito ou nove minutos com Denny lá dentro sozinho. Mas será que ele está sozinho mesmo? E se tiver um cachorro, uma empregada ou algo assim?

Será que ela simplesmente coloca a touca ninja, atravessa a rua e toca a campainha? Como ela vai colocá-lo no carro se tem de sair dirigindo rápido? Nos filmes, os sequestradores que agem sozinhos usam um pano embebido em clorofórmio para raptar suas vítimas. Será que ela consegue comprar clorofórmio na farmácia? E se exagerar na dose e a porra da criança tiver uma parada cardíaca?

Rachel cobre o rosto com as mãos.

Como isso foi acontecer com ela? Quando vai acordar desse pesadelo?

Rachel fica remoendo esses pensamentos até que já é tarde demais. O SUV Volkswagen branco de Wendy para em frente a casa e ela salta do carro.

Rachel se xinga.

Ela estragou tudo. Quase de propósito. Por pura covardia.

Mas assim que a mãe aparece, Denny sai da casa e vai jogar basquete no quintal do vizinho, que também está do lado de fora de casa.

Ela fica olhando para os dois com avidez. Como um predador observando sua presa.

Qualquer um dos dois serviria. Se ela conseguisse pegar um deles sozinho...

Ela olha para o relógio. Ainda não são cinco horas. Ao acordar hoje de manhã, ela era uma pessoa completamente diferente. Como disse J. G. Ballard, a civilização não passa de uma fina e frágil camada de verniz que recobre a lei da selva: *Antes você do que eu. Antes seu filho que o meu.*

Quando os dois meninos encerram o jogo de basquete, Denny entra novamente em casa. Momentos depois, uma viatura da delegacia de

Lowell para em frente à casa dos Pattersons e um policial fardado de um metro e noventa salta do carro.

Rachel afunda no banco, mas o policial nem nota sua presença. Ele está com uma caixa gigante de Lego. Toca a campainha dos Pattersons, e Wendy vem atender a porta. Ela o beija, e Rachel o vê entrar na casa. Pela janela da sala de estar, ela o observa afagar os cabelos do pequeno Denny e lhe entregar a caixa de Lego.

Parece que Wendy não publica tudo no Facebook e no Instagram, pensa Rachel. E lá se vai o garoto 1. Nada de envolvimento com a lei. As regras são bem claras. Ela pega o bloco de anotações e o celular. O garoto 2 passou a ser o garoto 1.

Toby Dunleavy.

Rachel entra no perfil de Helen Dunleavy no Facebook. Havia escolhido Helen por ser outra dessas mulheres que sentem necessidade de compartilhar tudo o que acontece na vida delas a cada meia hora. Mas ela parece uma boa pessoa e uma boa mãe. O perfil de que precisa: uma boa mãe será capaz de fazer qualquer coisa para ter o filho de volta.

Ela então mergulha fundo em Mike, o marido de Helen. O Standard Chartered lhe proporciona um emprego bem seguro e é um lugar bem entediante para se trabalhar. Ele provavelmente está acostumado a lidar com estresse, e a família terá dinheiro para pagar o resgate. Mike é inglês, mas morou muitos anos em Manhattan. Tem um blog sobre comida e escreveu um post bem divertido cujo título é “O que veio primeiro: a Zabar’s ou o Upper West Side?”. Um cara legal também. Um cara que não merece passar por um inferno.

Mas, por outro lado, ninguém devia passar pelo que ela está passando.

Ela para e tenta mais uma vez pensar em outra maneira de sair daquela situação, mas nada lhe ocorre. Dar continuidade à Corrente. E pronto. Se seguir a Corrente, sua filha volta para casa. Caso contrário...

Seu iPhone começa a tocar quando ela está lendo as publicações de Toby no Tumblr. Na tela aparece *número desconhecido*.

— Alô? — atende Rachel, hesitante.

— Como vão as coisas, Rachel? — pergunta uma voz. A pessoa está usando um dispositivo que distorce a voz. É a mesma pessoa que fez o contato inicial com ela hoje de manhã, quando estava na I-95.

— Quem é você? — pergunta Rachel.

— Uma pessoa amiga, Rachel. Uma pessoa que vai te dizer a verdade, por mais amarga que ela seja. Você é filósofa, não é?

— Acho que sou...

— Como se costuma dizer, os vivos não passam de uma espécie dos mortos, certo? E uma espécie bem rara. O berço balançando acima do

abismo. Sua filha se chama Kylie, não é isso?

— Isso. Ela é uma menina maravilhosa. É tudo o que eu tenho.

— Se quiser que ela continue no mundo dos vivos, se quiser ter a sua filha de volta sã e salva, vai ter que sujar as mãos.

— Eu sei. Estou pesquisando alvos nesse exato momento.

— Ótimo. É isso que a gente quer. Você tem papel à mão?

— Tenho.

— Então anota isso: 2-3-4-8-3-8-3-h-u-d-y-k-d-y-2. Repete pra mim.

Rachel repete.

— É o nome da conta dessa parte da Corrente no Wickr. Vou soletrar: W-i-c-k-r. Você vai ter que baixar o aplicativo no seu celular. Manda pra essa conta as informações sobre os alvos que você está estudando. Alguém aqui vai checar essa lista. Podemos vetar alguns nomes. Às vezes vetamos todos os candidatos, mas podemos também sugerir alguns dos que você escolheu. Entendeu?

— Acho que sim.

— Entendeu ou não?

— Entendi. Olha só, talvez eu precise de ajuda nessa parte, mas não sei se dá pra envolver meu ex-marido, Marty, nisso. Ele pode querer ir direto pra polícia.

— Então é melhor deixar seu ex-marido de fora — retruca a voz distorcida no mesmo instante.

— O irmão dele, Pete, foi fuzileiro naval, mas não é nenhum fã da lei e da ordem. Teve problemas com a polícia quando era mais novo, e acho que foi preso em Boston no ano passado.

— O que não quer dizer muita coisa. Pelo que eu sei, a polícia de Boston é capaz de prender alguém por qualquer motivo.

Rachel vislumbra ali uma pequena oportunidade. Uma sementinha de algo que talvez nunca venha a crescer, mas que não deixa de ser uma semente.

— Pois é — diz ela, acrescentando, com ar de indiferença. — É capaz de prender alguém até por atravessar a rua fora da faixa, por fazer uma bandalha com o carro...

A voz distorcida reprime uma risadinha.

— É verdade. — Mas a pessoa logo trata de voltar ao que interessa.

— Talvez a gente autorize esse seu ex-cunhado. Manda algumas informações sobre ele pelo Wickr.

— Vou mandar.

— Ótimo. Estamos progredindo. É assim que tem funcionado há muitos e muitos anos. A Corrente vai te ajudar a passar por isso, Rachel — diz a voz, e a linha fica muda.

O policial de Lowell sai da casa dos Pattersons e caminha até a viatura. Wendy vai até a porta e acena para ele.

Está na hora de sair desta rua e desta cidade.

Rachel põe a chave do carro na ignição. O Volvo dá um tranco, e o policial se vira para olhar na direção do barulho. Ela não tem alternativa a não ser acenar para ele. Mais uma pessoa que a viu fazendo algo estranho ou suspeito hoje.

Ela pega a Rota 1A em direção a Rolfes Lane, passa pelo pedágio e atravessa a ponte para Plum Island.

A meio quarteirão de casa, vê o amigo nerd de Kylie, Stuart, se aproximando. Droga!

Ela abaixa o vidro e para o carro.

— Oi, Stu! — diz, em tom casual.

— Sra. O'Neill, humm, quer dizer... Sra. Klein, ééé... Será que... O que houve com a Kylie? Não recebi mais mensagem dela hoje. A Sra. M. falou que ela está doente.

— É, a Kylie não está se sentindo bem — responde Rachel.

— Ah, é? O que aconteceu?

— Ela está mal do estômago, essas coisas...

— Sério? É mesmo? Ela parecia bem ontem.

— Foi de repente.

— Deve ter sido mesmo. Ela me mandou mensagem hoje de manhã e não comentou nada. Achei que ela estava querendo se livrar da apresentação do trabalho de egiptologia, o que não faz muito sentido, porque... A senhora sabe...

— Se tem alguém que manja do assunto é ela, eu sei. Mas, como eu disse, foi mesmo muito... ééé... repentino.

Stuart parece meio intrigado, não totalmente convencido.

— Bom, todo mundo mandou mensagem pra ela, mas nada dela responder.

Rachel tenta pensar numa explicação convincente.

— Ficamos sem Wi-Fi em casa, por isso ela não respondeu. Ela não está podendo mandar mensagem, nem entrar no Instagram, nem nada disso...

— Achei que ela ainda tinha uns minutos no celular...

— Não tem.

— A senhora quer que eu dê uma olhadinha no Wi-Fi? Pode ser o roteador...

— Não, melhor não. Eu também já estou pegando esse vírus. É contagioso. Não quero que você fique doente. Pode deixar que eu digo à Kylie que você perguntou por ela.

— Então tá. Até mais — diz Stuart, e Rachel o encara até que, intimidado, ele dá meia-volta, acena para ela e retorna pelo mesmo caminho.

Ela avança com o carro pelos cinquenta metros restantes até sua casa. Não tinha pensado nisso. Os colegas de Kylie mandam mensagens o tempo todo. Se ela fica sem responder por mais de uma

hora, surge um enorme vazio na vida deles. Daqui a pouco Rachel não terá mais desculpas plausíveis. Mais uma coisa com que se preocupar, como se já não bastasse tudo o que está acontecendo!

Quinta-feira, 17:11

Pete ainda não está em casa, mas não aguenta mais. Passou o dia inteiro na mata.

Ele está subindo pelas paredes; seu corpo está pegando fogo. Como dizia o velho De Quincey, é a coceira que não pode ser coçada.

Ele sai com o Dodge Ram da Rota 2 e entra na Reserva Estadual Wachusett Mountain, onde há uma lagoa em que nunca tem ninguém.

Ele pega a mochila no banco de trás.

Olha para um lado e depois para o outro na estrada e vê que não há ninguém por perto. Então tira da mochila um saquinho plástico com heroína mexicana de primeira. A nova política de repressão federal aos opioides legais atingiu todos os pacientes que obtinham medicação pelos órgãos de assistência a veteranos de guerra. Por um tempo, ele conseguiu se suprir recorrendo à dark web, mas a repressão acabou chegando lá também. Na verdade, agora é mais fácil conseguir heroína do que Oxycontin; além disso, a heroína é muito mais eficaz, principalmente as amostras novas de Guerrero e a que vem do Triângulo Dourado.

Ele pega uma colher, o Zippo, uma seringa e uma borracha para amarrar no braço. Queima a heroína, prende bem o braço fazendo uma veia saltar, enche a seringa com a droga e dá petelecos na agulha para tirar as bolhas de ar.

Aplica a injeção e rapidamente guarda a parafernália toda no portafolhas, para o caso de acabar desmaiando e um palhaço do Serviço Nacional de Parques vir meter o bedelho.

Pelo para-brisa, contempla a folhagem de outono e o azul-celeste das águas da lagoa. As árvores não estão mais frondosas, mas ainda assim são lindas. Vermelhos e laranjas ardentes e amarelos queimados sinistros. Ele relaxa e deixa a heroína se dissolver na corrente sanguínea.

Nunca se interessou pelas estatísticas, então não tem ideia de quantos veteranos são viciados em algum tipo de opioide, mas

imagina que o número seja grande. Especialmente entre aqueles que participaram de combates. Na campanha de 2008, literalmente todos os integrantes da sua unidade foram feridos. Depois de certo tempo, o pessoal já não procurava mais os médicos. Para quê? Não havia nada que eles pudessem fazer em relação a uma concussão, uma costela quebrada, uma distensão nas costas. Você estaria apenas ocupando uma cama, enquanto os companheiros lá fora abriam estradas e removiam explosivos das pontes.

O que esses opioides e a heroína fazem é acabar temporariamente com a dor. A dor acumulada ao longo de todas aquelas décadas percorrendo o planeta. Dor de osso esmagando osso, dor das quedas, dor das vigas derrubadas em cima de você, dor do manuseio incompetente de máquinas, dor de cair num riacho dez metros abaixo, dor da onda de choque de um explosivo improvisado detonado dez metros atrás de você.

E isso é só dor física.

Ele reclina o encosto do banco e deixa a heroína aliviar seu fardo de um jeito que nem o sono é capaz. Os receptores opioides μ do cérebro ativam uma cascata que leva à liberação de dopamina e a uma onda de bem-estar.

Suas pálpebras tremem e ele enxerga numa espécie de ilusão de ótica os galhos das árvores do outro lado da lagoa, as folhas caídas e os pássaros de pernas finas caminhando na superfície de mercúrio da água. Lembranças e imagens inundam sua mente sempre que ele se droga. Em geral lembranças ruins. Em geral a guerra. Às vezes o 11 de Setembro. Ele pensa em Cara e em Blair. Pete mal passou dos 40, mas já casou e se divorciou duas vezes. Praticamente todos os seus conhecidos estão no mesmo barco, claro, e a coisa é pior entre os que se alistaram. O sargento McGrath, um sujeito que estava em sua última missão, se divorciou *quatro* vezes.

Cara não passou de um erro da juventude... eles ficaram casados apenas treze meses. Mas Blair... meu Deus, Blair era como uma canção de Townes Van Zandt. Ela levou um pedaço do seu coração, da sua vida e do seu dinheiro.

Dinheiro. Outro problema. Mais sete anos nos Fuzileiros Navais e ele poderia ter se aposentado. Mas a verdade é que quase tinha acabado na corte marcial pelo que aconteceu em Bastion em setembro de 2012.

Mulheres, dinheiro e a droga da guerra... que se dane tudo isso, pensa ele, fechando os olhos e deixando a heroína dar um jeito nele.

Ela realmente dá um jeito.

Dá um jeito em tudo.

Ele dorme uns vinte minutos, acorda e dirige até uma 7-Eleven para comprar um maço de Marlboro e um Gatorade. Esqueceu-se

momentaneamente de Rachel.

Entra de novo no carro e liga o rádio. Está tocando Springsteen. Coisa nova do Springsteen, que ele não conhece, mas tudo bem. Acende um cigarro, toma um gole do Gatorade e segue para Holden, pegando a 122A até o centro.

Já são dois meses desde que voltou para Worcester. Não que tenha qualquer apego ao lugar. Não tem mais família ali, apenas alguns amigos dos velhos tempos.

O apartamento fica num antigo moinho convertido em condomínio. É só um lugar para dormir e receber correspondência.

Ele estaciona o carro e entra.

Pega uma garrafa de Sam Adams na geladeira e coloca o iPhone para carregar. Quando o aparelho volta à vida, Pete vê que recebeu uma segunda mensagem de Rachel.

Eles falaram que tudo bem se eu envolver você nisso. Por favor, me liga!

Ele digita o número dela, e Rachel imediatamente atende.

— Pete? — pergunta.

— Eu. O que aconteceu?

— Você está em casa?

— Estou. O que foi?

— Vou te ligar então — diz ela.

O telefone toca. Aparece *número desconhecido* na tela.

— Rachel?

— Estou ligando de um celular descartável. Ah, Pete... Eu precisava falar com alguém. Tentei falar com o Marty, mas ele está na Geórgia. Meu Deus — começa ela, chorando.

— Aconteceu algum acidente? O que houve? — pergunta ele.

— É a Kylie. Levaram a Kylie. Ela foi sequestrada.

— O quê? Tem certeza de que não é...

— Pegaram ela, Pete!

— Você chamou a polícia?

— Não posso, Pete. Não posso falar com ninguém.

— Chama a polícia, Rachel. Chama a polícia agora!

— Não posso, Pete. É complicado. É muito pior do que você imagina.

20

Quinta-feira, 18:00

Passa pela cabeça de Pete o mesmo pensamento que não sai da mente de Rachel: se arrancarem um fio de cabelo de Kylie, ele é capaz de jogar todos eles no fogo e pisotear as cinzas ainda fumegando. Vai passar o resto da vida atrás de todos eles até matar todo mundo.

Ninguém vai encostar um dedo em Kylie, e ela vai voltar para casa.

Pete chega em seu Dodge Ram ao portão de entrada do guarda-móveis na Rota 9. Estaciona em frente ao box 33. É o maior disponível e equivale a duas garagens. Ele havia passado do box pequeno para o médio, e agora fazia uso da “instalação de estocagem de luxo”. Abre o cadeado, rola a porta de metal para cima, acende a luz e se fecha lá dentro.

Quando sua mãe vendeu a casa e se mudou para aquele lugar perto de Scottsdale, Pete simplesmente pegou todas as suas tralhas e as jogou ali, trazendo mais coisas ao longo dos anos. Até comprar o apartamento onde mora atualmente, nunca havia tido uma casa de verdade. Tinha morado num dos quartos de casal de Camp Lejeune e numa sucessão de alojamentos no Iraque, no Catar, em Okinawa e no Afeganistão. Esse guarda-móveis pouco conhecido que fica entre a estrada e a ferrovia de carga é a única coisa que ele pode chamar de residência permanente.

Pete é capaz de passar horas aqui revirando coisas velhas, mas hoje ignora as caixas de nostalgia e vai direto ao armário de armas que fica na parede dos fundos. Rachel estava confusa ao telefone, não conseguiu ser clara. Kylie foi sequestrada, e ela por enquanto não quer dar queixa na polícia. Quer cooperar com os sequestradores e fazer o que eles estão mandando. Se ele não conseguir convencê-la a recorrer ao FBI, os dois precisarão estar muito bem armados. Ele destranca o armário e pega suas duas pistolas — a .45 ACP da Marinha que pertencia ao avô e sua Glock 19 —, e por fim a Winchester calibre 12. O fuzil já está no carro.

Ele pega munição sobressalente para todas as armas e mais duas

granadas de atordoamento que havia surrupiado. Se a coisa evoluir para uma missão de resgate, de que mais vai precisar? Ele pega o kit de arrombamento — gazua, marreta, bloqueador eletromagnético de alarme, luvas de látex, lanterna — e os equipamentos de escuta e bloqueio de escuta que comprou para o novo emprego quando deixou os Fuzileiros Navais.

Leva tudo para o Dodge Ram e se pergunta: *O que mais?*

Ele pega no porta-luvas o saco plástico com a heroína.

Seria este o momento de parar completamente. O fim da linha. Deixar esse negócio aqui e se mandar.

Agora ele tem outras prioridades.

Nunca mais vai aparecer uma oportunidade como esta.

Tocar fogo. Aguentar firme. Trazer Kylie de volta.

Encruzilhada. Recomeçar. Aquele papo todo...

E ele ali.

Hesitando.

Pensando.

Até que balança a cabeça, guarda o saco plástico no bolso do casaco, fecha o armário, sai do box e pega a estrada.

Quinta-feira, 20:30

Rachel pesquisou sobre a família Dunleavy até ficar com os olhos ardendo e a cabeça girando. Agora os conhece melhor do que eles mesmos.

Não deixou passar nenhum blog nem postagem no Facebook e no Instagram. Cada tuíte e retuíte. Sabe que Toby começou a fazer aulas de tiro com arco por causa de um arqueiro dinamarquês que viu no YouTube, e não porque seu pai gosta de caçar. Sabe que Amelia Dunleavy tem alergia a amendoim e que, por isso, ele foi proibido na escola dela.

Leu o blog todo sobre caça com arco recém-criado por Mike e todas as postagens de seu blog sobre comida desde a primeiríssima delas, em 2012, uma receita de Bundt de chocolate.

Sabe que Helen queria voltar a trabalhar em tempo integral, mas não tinha certeza se teria a energia necessária para uma professora do sexto ano. E mais toneladas de coisas do tipo. Algumas úteis a Rachel; a maioria, não.

Ela fecha os arquivos do computador e passa os olhos pelas anotações. Imprimiu um mapa de Beverly e traçou as possíveis rotas do Clube de Tiro com Arco até a casa dos Dunleavys. Terá de fazer pesquisa in loco. Preparou terreno para um alvo B e um alvo C, mas sabe que o pequeno Toby Dunleavy é o certo.

No momento, está completamente escuro na bacia das marés. Os barcos estão amarrados para a noite.

Há roupas espalhadas por toda parte, a areia do gato está suja, a louça do café da manhã ficou por lavar: a casa parece a porra de uma instalação de arte contemporânea da Tracey Emin, celebrando uma época de inocência que nunca mais vai voltar.

Rachel examina o seio esquerdo. Não nota nada de diferente, mas provavelmente sua médica tem motivos para estar preocupada: pode muito bem ter algo maligno crescendo ali de novo. Se ela não fizer nada, a entidade maligna acabará por matá-la, findando com sua

existência. Como isso seria bom!

Ela olha pela janela. A claridade da luz do dia desapareceu, e o céu revoltado ficou azul-escuro e preto.

A garoa virou chuva.

Ela ouve o som de uma caminhonete se aproximando na rua.

Corre para fora de casa.

Pete salta do carro e ela corre para ele, que a abraça. Então os dois ficam ali, debaixo da chuva, sem falar nada por uns quinze segundos. Pete a conduz de volta para casa e os dois se sentam à mesa da sala.

— Me conta a história toda desde o início — pede ele.

Rachel relata a Pete tudo que aconteceu desde a primeira ligação que recebeu, inclusive tudo que ela fez: pagou o resgate, comprou os celulares descartáveis, uma arma, arrombou a casa dos Appenzellers, pesquisou possíveis vítimas. Mas não diz nada sobre a preocupação da oncologista: isso fica entre ela e a morte.

Pete escuta sem dizer nada. Ele a deixa falar.

Está tentando absorver tudo.

É inacreditável.

Ele viu o mal de perto no Afeganistão e no Iraque, mas não esperava nada assim tão frio e diabólico em seu próprio país. Nem em seus sonhos mais delirantes seria capaz de imaginar uma força maligna como esta atingindo sua família. Isso só pode ser coisa do crime organizado ou de um cartel.

— O que você acha? — pergunta ela ao terminar de relatar toda a história.

— Acho que precisamos chamar a polícia, Rachel — responde ele, com toda calma.

Ela já esperava essa resposta. Mostra então em seu laptop a história da família Williams, e, enquanto Pete lê a matéria, ela conta sobre o homem que apareceu em frente ao banco. Rachel pega a mão dele.

— Você não falou com eles, Pete. Eu falei. Essa mulher que está com a Kylie está apavorada por causa do filho. Se mandarem ela matar a Kylie, ela vai matar. Eu sei que vai. Ela vai matar a Kylie e escolher outra vítima pra ficar na boa com eles. Nossa única alternativa é dar continuidade à Corrente.

Rachel sabe que parece a integrante de uma seita, e é mais ou menos isso do que se trata. Agora ela está totalmente dentro, acredita neles e quer que Pete faça o mesmo.

— Quer dizer que vamos ter que sequestrar alguém pra ter a Kylie de volta? — pergunta ele balançando a cabeça, horrorizado.

— Sim, Pete. Se não fizermos isso, eles matam a Kylie. Se a gente chamar a polícia, ela está morta. Se contarmos qualquer coisa pra alguém, acabou.

Pete se lembra da aula de ética que fora obrigado a assistir em

Quantico. O militar israelense convidado a falar explicara por que era ético desobedecer a uma ordem ilegal. Mesmo na vida militar, a moral entra nessa equação. E o que Rachel pretende fazer agora não só é ilegal como é também absolutamente errado do ponto de vista moral. E de todos os ângulos possíveis e imagináveis. Do ponto de vista ético, o certo seria procurar o FBI imediatamente. Encontrar o escritório mais próximo e contar a história toda para eles.

Mas isso fará com que Kylie morra. É o que Rachel acha, e ele acredita nela. E a segurança de Kylie é a única coisa que importa para ele.

A decisão foi tomada. Se tiverem de sequestrar alguém para ter Kylie de volta, é isso que ele vai fazer. Se Pete tiver de matar alguém para que isso aconteça, é o que ele vai fazer. Se conseguir trazer a sobrinha de volta e for mandado para uma cela por cinquenta anos, não está nem aí. Não está nem aí porque isso significaria que Kylie foi salva.

— Hoje de manhã eles me mandaram uma foto da Kylie pra mostrar que ela está bem — conta Rachel, trêmula, entregando-lhe o celular.

Pete olha para a foto da pequena Kylie vendada, sentada no colchão em um porão. Há pouquíssimas pistas ali do local onde ela se encontra. Eles deram para ela garrafas de água mineral Poland Spring, biscoito salgado, coisas que encontramos em qualquer lugar. Não há indicações de que Kylie tenha sido maltratada fisicamente, mas é claro que não dá nem para imaginar como ela deve estar apavorada.

Ele vai à cozinha se servir de uma xícara de café. Precisa de um momento para avaliar a situação.

— Vamos deixar a polícia de fora disso? Definitivamente? — pergunta Pete.

— A pessoa da Corrente e a mulher que está com a Kylie foram bem claras. Elas falaram que, se eu descumprir alguma regra, terão que matar a Kylie e escolher outro alvo.

— E como elas vão saber se você descumpriu alguma regra?

— Não sei.

— Grampearam a sua casa? Houve algum arrombamento aqui? Você recebeu algum desconhecido nos últimos tempos?

— Não, nada. Mas acho que hackearam meu celular hoje. Eles sabiam que tinha um carro da polícia atrás de mim na estrada. E eles sabem pra quem estou ligando e o que ando falando. Parece que eles sabem onde estou o tempo todo. Acho que podem estar espionando pela câmera do celular. Isso é possível?

Pete assente com a cabeça, desliga o iPhone de Rachel e o guarda numa gaveta. Fecha o MacBook dela e o coloca junto ao celular.

— Claro. Você disse que comprou celulares descartáveis, não foi?

— Comprei.

— A partir de agora, ligue apenas deles. E não use mais o seu computador. Eu trouxe o meu. Provavelmente eles invadiram a câmera do seu celular e a do computador e desativaram a lâmpada das câmeras, pra poderem ver você sem que você saiba que elas estão ligadas. Você nem imagina as coisas que podem ser feitas na espionagem da dark web.

— Eu cobri a câmera com fita adesiva.

— Boa ideia, mas eles também podem estar escutando. Vou dar uma olhada na casa pra ver se encontro grampos. Você disse que não houve nenhum arrombamento... Mas recebeu alguma visita não solicitada pra conserto de TV, encanamento, essas coisas?...

— Não, nada.

— Ótimo. Pode ser mesmo só um programa espião de computador e celular. E o que você contou pro Marty?

— Até agora nada. Ele está em Augusta jogando golfe.

— Marty é meu irmãozinho, adoro ele, mas é meio linguarudo, e, se você está preocupada com a segurança e querendo evitar que o FBI fique sabendo...

— Nada que ponha a Kylie em risco — diz ela.

Pete pega a mão fria e trêmula de Rachel e diz:

— Vai dar tudo certo.

Ela faz que sim com a cabeça e olha bem naqueles olhos escuros e seguros.

— Tem certeza?

— Tenho. Vamos trazer a Kylie de volta.

— E por que eu? Por que você acha que eles me escolheram? Por que a minha família?

— Não sei.

— Ela falou que pesquisou a minha vida na internet. Viu que Marty e eu participamos daquele projeto do Corpo da Paz na Guatemala. Sabe sobre Harvard, que sobrevivi a um câncer e leu sobre todos os meus empregos. Achou que eu parecia capaz de segurar as pontas. Mas eu não sou. Eu sou um fracasso, Pete. Sou fraca.

— Não é não, você...

— Eu estraguei a minha vida. Investi tudo no Marty. Não sou nem capaz de cuidar da minha filha!

— Para com isso, Rach.

— Eu não tinha nem uma arma. Tive que comprar. Hoje.

— Fez bem.

— Atirei pela primeira vez na vida hoje.

Agora Pete toma as mãos dela.

— Confia em mim, Rachel. Você está se saindo bem. E agora eu estou aqui pra te ajudar.

— Sei que você era engenheiro nos Fuzileiros Navais, mas alguma vez, por acaso, alguma vez você...

— Sim — responde ele, simplesmente.

— Mais de uma vez?

— Sim.

Ela faz que sim com a cabeça e respira fundo.

— Fui até New Hampshire pra comprar a arma e algumas outras coisas. Quase dei de cara com uma pessoa da ilha, mas acho que ela não me viu.

— Perfeito.

— Como é que alguém consegue cometer um crime na Nova Inglaterra se todo mundo se conhece?

Pete sorri.

— A gente vai descobrir, Rach. E o que mais você fez?

— Meus alvos são esses — diz ela, entregando-lhe a lista de crianças vulneráveis que atendem aos critérios.

— Você está atrás de pais estáveis capazes de resistir à tentação de procurar a polícia e de quebra orquestrar o sequestro de uma criança? — pergunta Pete.

— Não pode ser gente sem grana, nem ninguém que tenha ligação com policiais, jornalistas nem políticos. E que tenham filhos de uma certa idade. Nada de crianças com necessidades especiais. Nem diabéticos ou nada do tipo.

— E que tal sequestrar um cônjuge em vez de um filho? — pergunta ele.

— Não dá pra saber como uma pessoa vai reagir em relação a um cônjuge. Olha só o nosso caso. Três divórcios, somando nós dois. Mas todos os pais amam seus filhos, não é?

— É. Bom, parece tudo ok. Toby Dunleavy então é o seu alvo número um?

— É. Era outro, mas a mãe dele estava namorando um policial.

— Você já foi até a casa dos Dunleavys?

— Não. Vou fazer isso à noite. Mas primeiro você tem que me ajudar com o colchão e com o tapume na casa dos Appenzellers.

— Onde fica essa casa?

— Do outro lado da bacia das marés. Vamos, eu te levo.

Eles saem na chuva e seguem pela trilha até a bacia.

— Muitos desses casarões ficam vazios nessa época do ano — explica Rachel.

— E você arrombou um deles sozinha? — pergunta Pete.

— Aham. Eu sabia que os Appenzellers não estavam aqui. Fiquei meio preocupada com a possibilidade de ter um alarme na casa, mas não tinha.

— Muito bem. Já arrombei algumas casas e achei assustador.

— Podemos entrar pelos fundos — diz Rachel quando eles alcançam a passagem junto à casa dos Appenzellers.

— Escolheu bem o lugar, Rach. Gostei dos tijolos. Como destrancou a fechadura?

— Não destranquei. Arrebentei com um cinzel.

— E como você aprendeu a fazer isso?

— Google.

Eles entram e, no primeiro andar, pegam um colchão e roupa de cama no quarto de hóspedes e levam tudo para o porão. Rachel trouxe o tapume para cobrir a janela.

— Vamos prender isso na janela com a furadeira elétrica velha do Marty. Acho que faz menos barulho do que um martelo — diz Pete.

Eles prendem o tapume e tentam tornar o porão o mais habitável possível, com lençóis, cobertores, alguns brinquedos e jogos que a Rachel já havia levado para lá. É um horror pensar que, se o plano funcionar e se eles não forem mortos nem presos, em pouco tempo um garotinho apavorado estará aqui. Rachel prendeu uma corrente pesada a um pilar de concreto perto do colchão, e só de ver aquilo Pete sente um frio na espinha.

Eles fecham a porta dos fundos da casa dos Appenzellers e voltam para a casa de Rachel.

— E agora? — pergunta Pete.

— Precisamos ver se tem grampos aqui em casa. Odeio a sensação de que eles conseguem acompanhar tudo o que eu faço.

Pete concorda.

— Eu posso fazer isso.

Ele tira de sua bolsa o detector sem fio. Nos velhos tempos dos equipamentos analógicos de grampo, era necessário um radiorreceptor e um complexo equipamento, mas agora qualquer detector sem fio de cinquenta dólares faz o serviço. Ele dá uma olhada na casa e começa a vasculhar o celular e o computador.

— Basicamente negativo — diz, por fim. — Fiz uma varredura completa na casa toda, de cima a baixo. Olhei até o vão em cima da cozinha.

— *Basicamente* negativo?

— É. Não tem grampos na casa. Mas, como eu desconfiava, o seu Mac está totalmente comprometido.

— Como?

— Tem um robô espião no seu Mac. Quando ele é ligado a uma rede sem fio, o robô invade a câmera e reproduz em outro dispositivo o que está acontecendo na sua tela. Com isso, foi muito fácil capturar as suas senhas. O robô tem um nome escolhido aleatoriamente, que não significa nada. O dispositivo de destino também é criptografado.

— Como você sabe isso tudo? — pergunta Rachel, impressionada.

— Bom, você me conhece. Gosto de mexer em computadores desde a Idade da Pedra da internet. E ando querendo voltar a trabalhar com isso, de forma mais séria. Segurança privada é um setor que está crescendo muito para o pessoal da reserva.

— E dá pra tirar o robô?

— Facilmente. Mas, se eu fizer isso, a ausência será imediatamente notada.

— Quem está me hackeando vai ficar sabendo que eu sei deles?

— Exatamente. E, se descobrirem que você sabe deles, certamente vão tomar providências. O negócio é não usar o Mac e o celular até a Kylie voltar. Aí eu tiro o robô e limpo os aparelhos.

— Eles vão me ligar no iPhone. Preciso dele.

— Então não esquece que eles estão na escuta. E que o seu celular, claro, também é um transmissor de GPS.

— Será que eles estão por perto, espionando a casa? — pergunta Rachel.

— É possível — responde Pete. — Poderiam estar nos espionando nesse exato momento. Mas acho que não estão.

Rachel sente um calafrio.

— Fico imaginando a Kylie naquele porão. Ela deve estar apavorada.

— Ela é uma garota forte. Meu docinho é bem durona.

Talvez durona até demais, pensa ele. Tomara que ela não faça nenhuma besteira.

Sexta-feira 1:11

Kylie espera até parecer bem tarde, embora, naturalmente, não tenha como saber a hora. Nada de iPhone, iPad ou de Mac. Nem de relógio, é claro. Mas quem usa relógio hoje em dia?

Deitada ali no colchão, ela ouve barulho de tráfego ao longe, de vez em quando escuta motores de avião mudando de empuxo na descida até Logan. Aviões muito distantes indo para um aeroporto muito distante.

Ela se senta no colchão, de costas para a câmera, beliscando um biscoito. Seu primeiro plano falhou. Não dá para abrir as algemas com o tubo de pasta de dentes. Ela tentou durante horas, mas foi um fiasco. Mas o segundo plano talvez funcione.

Logo que escureceu, o homem lhe trouxe um cachorro-quente e um copo de leite. Colocou a bandeja ao lado dela no chão. A arma estava no bolso do casaco de moletom. A mulher havia descido para recolher a bandeja com a arma na mão direita. Eles estão sempre armados. Ela é apenas uma garota de 13 anos, acorrentada a um fogão que pesa noventa quilos, mas eles não querem correr nenhum risco. Sempre descem armados.

E Kylie se deu conta de que era isso que ia ajudá-la.

Ela havia visto o objeto minutos antes naquela tarde. Com o sol avançando lentamente no céu, ela viu um brilho num canto do porão. Aproximando-se o máximo que conseguiu, constatou que era uma chave inglesa que mal podia ser distinguida junto à parede, debaixo do boiler. Provavelmente havia caído ali e fora esquecida no cantinho, talvez anos antes. Claro que eles tinham preparado o porão para ela, mas para ver a chave inglesa ali, só mesmo se deitando no chão e olhando diretamente na direção do boiler e em determinado momento da tarde, quando os raios de sol entravam pela janela.

A chave inglesa é a chave.

Então ela espera. E espera.

Num período que provavelmente é o das primeiras horas da manhã,

o tráfego parece diminuir na estrada e há menos barulho de aviões sobrevoando aquela região.

Ela não para de pensar naquele policial. Será que ele morreu? Eles devem tê-lo matado. O que significa que ela está nas mãos de dois assassinos. Eles não parecem assassinos, mas são. Kylie tenta reprimir o terror desse pensamento, mas não importa o que ela pense, lá está ele...

Ela pensa em sua mãe.

Mamãe deve estar louca de preocupação. Não vai aguentar. Ela não é tão forte como tenta parecer. Ainda não tem um ano que terminou a quimioterapia. E papai... papai é incrível, mas talvez não seja a pessoa mais confiável do mundo.

Ela olha de novo para a câmera junto à escada. Que horas serão agora? Será que eles vão conseguir dormir esta noite? Eles têm de dormir por algumas horas.

Então ela continua esperando.

Talvez agora sejam duas da manhã. *Ok. Vamos lá então*, pensa ela.

Ela se levanta, estica bem a corrente e, com toda força, começa a puxar o fogão. É um peso enorme, claro, mas o piso de concreto liso não oferece muita resistência. Mais cedo, ela jogou água nos pés de ferro fundido do fogão e a espalhou ao redor, na esperança de que pudesse ajudar.

Ela puxa a corrente com toda força, reclinando-se para trás, como num cabo de guerra. Está suando, seus músculos doem. Parece que é impossível para uma menina como ela...

O fogão sacoleja. Seus pés cedem e ela cai no chão, batendo com o cóccix.

Morde o lábio para se impedir de gritar.

Agora está rolando no chão. *Droga, droga, droga.*

A dor começa a diminuir, e ela tenta se examinar da forma que consegue. Não parece ter quebrado nada. Nunca quebrou um osso na vida, mas imagina que a dor seria muito pior que a que está sentindo. Quando Stuart quebrou o punho patinando no lago congelado em Newbury Common, tinha uivado de dor.

Mas era o Stuart...

Ela se levanta e sacode a dor dos membros. A dor é a fraqueza saindo do corpo, disse certa vez seu tio doido, Pete. *Então agora sou muito mais forte*, pensa ela com seus botões, mas não acredita muito naquilo.

Agarra a corrente e a puxa com força, então o fogão sacoleja mais uma vez. Agora ela consegue arrastá-lo lentamente enquanto puxa. Como aprendeu nas aulas de ciências, é tudo uma questão de atrito e impulso. O fogão é enorme, mas o piso liso está molhado.

É pesado, muito pesado mesmo, mas está saindo do lugar. O

barulho é horrível, um guincho estridente, mas não alto o suficiente — assim ela espera — para ser ouvido fora do porão, muito menos no restante da casa.

Ela está suando e continua puxando durante dois minutos, até que para, exausta, e se senta na beirada do colchão, respirando com dificuldade.

Cheia de dedos, olha para a câmera, mas não tem como descobrir nada. Não tem nenhuma luz indicando se está ligada ou não. A ideia é que ela pense que está ligada *o tempo todo*.

Ela se arrasta até a chave inglesa debaixo do boiler. A corrente se retesa em seu pulso esquerdo quando ela se estica toda. Mesmo parecendo o Senhor Fantástico, ainda fica a cerca de um metro de distância da ferramenta. Volta então ao saco de dormir para fazer alguns cálculos. Talvez consiga mover o fogão mais uns trinta centímetros hoje à noite. Talvez ainda leve mais uma noite inteira para botar a mão na chave inglesa, mas ela vai conseguir.

Ela está exultante. Tem um plano, e agora tem como colocá-lo em prática. Talvez isso possa matá-la. Por outro lado, se não fizer nada, também pode acabar morrendo.

Sexta-feira, 4:20

A Poseidon Street fica um pouco depois do centro de Beverly Town, perto da baía das marés. É uma típica rua residencial arborizada da Nova Inglaterra, num bairro onde as pequenas casas coloniais de dois andares, com suas janelas minúsculas e seus telhados íngremes, destoam das residências mais novas e amplas com grandes janelas. No número 14 da Poseidon Street fica uma dessas casas mais recentes, a da família Dunleavy, uma construção de três andares em estrutura de carvalho imitando o estilo georgiano, com pintura mostarda retrô. No jardim da frente, uma linda árvore de bordo vermelha sustenta um balanço. À luz dos postes da rua, nota-se uma relva com brinquedos, uma bola e uma luva de futebol americano.

Rachel e Pete estacionaram no fim da rua, à sombra de um salgueiro-chorão que ainda tem algumas folhas.

Não há como não parecerem suspeitos. Felizmente, embora esse não seja o tipo de bairro onde as pessoas costumam dormir dentro dos carros, é o tipo de lugar onde todo mundo finge não estar vendo alguém adormecido dentro de um veículo às quatro da manhã.

Pete está de olho nas redes sociais dos Dunleavys pelo laptop.

— Ninguém acordado ainda — diz.

— Mike vai acordar daqui a uma hora mais ou menos, depois a Helen e as crianças. Às vezes ele pega o trem das seis pra South Station. De vez em quando, o das seis e meia — informa Rachel.

— Ele devia ir de carro. Não tem trânsito nesse horário — comenta Pete. — Ei! A gente precisa tomar cuidado com uma coisa.

— Com o quê?

— Sapatos com GPS. Muitos pais superprotetores botam GPS nas mochilas e nos sapatos dos filhos. Se eles se perdem, os pais conseguem encontrar as crianças em segundos por um aplicativo.

— Existe isso mesmo? — pergunta Rachel, perplexa.

— Se existe! Bota a mão numa dessas crianças com chip pra você ver só se o FBI não está na sua porta antes de você piscar duas vezes.

— E o que a gente faz?

— Posso fazer uma varredura no garoto pra ver se está enviando algum sinal. E depois a gente joga o iPhone e os sapatos dele fora. Aí é tranquilo.

— Helen é do tipo que provavelmente contaria vantagem se tivesse algo assim pra localizar os filhos, mas nunca mencionou nada — diz Rachel, surpresa com a acidez do próprio comentário. Lembra-se então do comentário de Tácito que dizia que a gente sempre odeia aqueles a quem fizemos mal. Ou, nesse caso, aqueles a quem estamos prestes a fazer algum mal.

— Talvez você tenha razão — diz Pete. — Mas, de qualquer maneira, vamos dar uma olhada nos sapatos.

Eles observam a casa, bebem café e esperam.

Nenhum movimento na rua. Há muito já se foi a época do leiteiro. A primeira pessoa que sai para passear com o cachorro só aparece às cinco e meia.

O primeiro sinal de que tem alguém acordado na casa dos Dunleavys surge às seis e um, quando Mike retuíta um tuíte de Tom Brady. Em seguida, Helen acorda e abre o Facebook. Ela curte uma dezena de postagens dos amigos e compartilha um vídeo sobre mulheres que combatem o Estado Islâmico na Síria. Helen é uma democrata moderada. O marido parece um republicano moderado. Os dois se preocupam com o mundo, com o meio ambiente e com os filhos. São pessoas inofensivas, e, em circunstâncias completamente diferentes, Rachel poderia se ver como amiga deles.

As crianças também são adoráveis. Não são mimadas nem levadas, apenas crianças legais.

— Olha isso aqui — diz Pete. — Helen acabou de postar no Instagram uma foto do restaurante Seafarer, na Webb Street, em Salem.

— Está no Facebook agora também — fala Rachel.

— Ela diz que vai tomar o café da manhã lá com a amiga Debbie. Salem fica longe daqui?

— Não. Cinco minutos, talvez dez, se tiver trânsito.

— Não é ideal... Mas um café da manhã com uma velha amiga não pode durar menos do que quarenta e cinco minutos, certo?

Rachel balança a cabeça.

— Não sei. Se for só um café com muffin, pode levar menos tempo. Mas elas iriam ao Starbucks se só quisessem café com muffin. Por quê? No que você está pensando?

— Estou pensando aqui... depois que o Mike sair e as crianças forem pra escola, e Helen estiver tranquila no café da manhã dela, a casa vai estar vazia.

— E daí?

— Eu entro pela porta dos fundos e dou uma olhada na casa. Posso tentar instalar um vírus espião nosso no computador deles?

— Você consegue fazer isso?

— Claro que consigo.

— Como?

— A parte do arrombamento é a mais fácil, como você viu na casa dos Appenzellers. A parte do vírus eu aprendi com meu camarada Stan quando trabalhei pra ele depois que saí dos Fuzileiros Navais.

Rachel balança a cabeça.

— Não sei, não.

— Vamos estar um passo à frente. Vamos saber o que eles estão pensando. O bicho vai pegar quando a gente botar a mão no Toby.

— E é seguro?

— E alguma coisa que estamos fazendo é segura?

Mike Dunleavy finalmente sai para o trabalho às sete e quinze. Vai de carro até a estação ferroviária de Beverly e deixa a BMW no estacionamento. Helen sai com as crianças às oito e um. Não está tão frio para casacos de inverno, mas ela os agasalhou bem mesmo assim. Rachel acha os dois uns amores com seus casacos impermeáveis grandes demais, de touca e cachecol.

— Quer ir atrás deles? — pergunta Pete.

Rachel balança a cabeça.

— Não precisa. Vamos ficar sabendo quando a Helen deixar os dois na escola e for pro café.

Eles ficam esperando no Volvo, e, de fato, às oito e quinze, Helen posta no Facebook uma selfie tirada dentro do Seafarer.

Pete dá uma olhada na rua. Um garoto com idade para estar no ensino médio pratica arremessos de basquete mais adiante no quarteirão, e, do outro lado da rua, uma menininha sai de casa e começa a pular numa cama elástica cercada.

— Olha só aquilo ali... A porta da casa está fechada, a garotinha está sozinha na cama elástica. Seria perfeito — diz Pete.

— Seria — concorda Rachel. — Mas não é esse o plano.

— Não? Tudo bem, vou nessa então.

Rachel agarra a mão dele.

— Tem certeza, Pete?

— Precisamos do máximo de informações sobre essa gente. Num ataque ao inimigo, são dias inteiros, às vezes semanas, reunindo informações de inteligência antes de entrar em ação. Mas nós não temos dias nem semanas, então precisamos conseguir o máximo de informações o mais rápido possível.

Rachel reconhece que aquilo faz sentido.

— E é por isso que eu vou entrar agora, quando a casa provavelmente está vazia. Se um tio velho doido estiver lá com uma

espingarda, estou ferrado. Se eu não voltar em uns quinze minutos mais ou menos, você vai embora.

— Mas o que você vai fazer exatamente?

— O que eu conseguir em quinze minutos.

— Tá. Até umas oito e meia então.

— Isso.

— E se você não voltar até oito e meia?

— É porque alguma coisa deu errado. Não vou falar nada, é claro, mas você vai ter que mudar pro alvo B. Ou então, melhor ainda, fazer uma lista de alvos completamente diferentes. Com nomes que eu não tenha visto.

— Se eu notar alguma coisa suspeita na rua, ligo pra você.

— Combinado. Mas, se as coisas ficarem esquisitas, é melhor você se mandar daqui.

Pete bota a mochila no ombro, verifica se não tem ninguém olhando e corre até a cerca entre a casa dos Dunleavys e uma pequena mata que separa a praia da rua. Rachel o observa pulando a cerca para o quintal dos Dunleavys.

Ela espera para ver se escuta um grito ou o tio velho doido dando um tiro, mas nada acontece.

Pelo retrovisor, observa a menininha pulando na cama elástica do outro lado da rua. Parece que não tem ninguém tomando conta dela. A porta da casa está fechada. Na verdade, seria bem fácil ir até lá e pegar a criança.

Jesus Cristo. Que tipo de gente pensa numa coisa dessas? No que você se transformou, Rachel?

Ela acende a tela do celular para consultar a hora: 8h22.

Fecha os olhos e pensa em Kylie. Será que ela conseguiu dormir? Conhecendo a filha do jeito que Rachel conhece, sabe que ela provavelmente ficou pensando na mãe e no pai a noite inteira, preocupada.

Ó minha Kylie, já estou indo. Vou trazer você de volta. Nunca mais vou deixar você sair de perto de mim. Serei uma mãe mais cuidadosa. Vou manter você segura. Vou acabar com essa história de redes sociais. Não vou confiar em ninguém. Fui uma idiota.

Olha novamente para o telefone: 8h23.

Uma van branca vem passando devagar pela rua, o tipo da van branca esculhambada que nunca significa boa coisa. Mas o motorista nem presta atenção nela, e a van segue seu caminho.

Ela mete a mão no bolso do casaco tentando achar os cigarros de Marty, mas não os encontra. Um cachorro está latindo feito um doido em algum lugar ali perto.

Mas onde? Os Dunleavys não têm cachorro. Ela saberia se tivessem.

Talvez seja dos vizinhos. O cachorro do vizinho pode ter visto Pete,

um estranho, entrar na casa. Será?

O telefone marca 8h28.

Ela liga o rádio. Uma daquelas intermináveis reprises de *Car Talk*. Um dos irmãos não para de reclamar do micro-ônibus da Volkswagen.

Agora são 8h31.

Cadê o Pete?

Os latidos ficam mais furiosos.

A garotinha desce da cama elástica, pega alguma coisa, aparentemente uma lata de refrigerante, e volta a pular.

Péssima ideia, meu bem. Vai sujar seu lindo vestidinho, pensa Rachel.

Já são 8h34.

Uma viatura preta e branca da delegacia de Beverly aparece em seu espelho retrovisor.

— Ah, não — resmunga ela, girando a chave da ignição. O bom e velho motor do Volvo começa a ronc.

O carro de polícia percorre a rua lentamente. Há dois policiais lá dentro. Estão vindo direto em sua direção.

E agora são 8h37.

Os latidos ficam ainda mais altos.

A viatura se aproxima.

Ela engata a primeira, pé esquerdo na embreagem, o direito sobre o acelerador.

Acontece o inevitável com a garotinha: ela derrama o refrigerante na roupa toda. E começa a chorar. Os dois policiais se viram para olhar para ela.

Pete aparece no alto da cerca dos Dunleavys. Pula na mata, corre até o Volvo e entra por uma das portas de trás do carro, ofegante.

— Vai! — diz.

— Tudo bem? — pergunta Rachel, alarmada.

— Sim. Tudo certo. Vai!

Rachel solta a embreagem, e o carro vai embora. Segue para leste, em direção a Manchester, e depois para norte, na direção de Ipswich e da Rota 1A. Os policiais não a seguiram. Pete está no banco de trás, mexendo no celular.

— Está tudo bem? — pergunta ela mais uma vez.

— Sim, tudo.

— O que aconteceu lá?

— Nada. Foi moleza. A janela dos fundos estava aberta, entrei em dois segundos. Achei um computador no escritório do andar de baixo, e ligado ainda. Botei um vírus nele. Não achei o telefone, então não deu pra botar uma escuta nele, infelizmente. Muita gente nem tem mais telefone fixo em casa. Mas, quando entrarem no computador, vai dar pra ler as senhas de e-mail, Skype, FaceTime e iMessage.

— Caramba! — diz Rachel, impressionada.

— É!

— Aprendeu isso tudo com o seu camarada Stan?

— Quase tudo. Sempre tive uma mente meio fora da lei...

— Pois é. Marty me contou que você roubou um carro e foi pro Canadá com 11 anos.

— Nada... não consegui chegar ao Canadá. E eu tinha 12 anos — retruca Pete com falsa modéstia.

— Você passou mais de quinze minutos lá dentro.

— Eu sei. Encontrei o quarto do Toby. Fui dar uma olhada. Garoto normal. Aparentemente sem problemas de saúde. Gosta dos Red Sox, de X-Men e de uma série chamada *Stranger Things*. Uma criança perfeitamente normal.

— Então ele serve? — pergunta Rachel, sôfrega.

— Sim, serve.

Eles atravessam a ponte, chegando a Plum Island.

Rachel boceja quando chegam à casa dela.

— Quando foi a última vez que você dormiu? — pergunta Pete, preocupado.

Ela faz um gesto com a mão, como se isso não tivesse importância.

— Vou fazer mais café. Temos trabalho pela frente.

Rachel sobe para pegar o quadro de avisos do quarto de Kylie. Abre a porta, com uma louca esperança de que a filha esteja escondida ali, de que tudo isso não passe de uma piada cruel e de mau gosto.

O quarto está vazio, mas tem o cheiro de sua menininha. Aquele perfume barato da Forever 21 que ela adora. A coleção de conchas, o cesto de roupa suja transbordando, os livros de astronomia e os volumes sobre o Egito. Uma caixa com todos os cartões de aniversário que ela já ganhou na vida. Os pôsteres do Brockhampton e da versão de *Orgulho e preconceito* com Keira Knightley. Os fichários dos deveres de casa bem arrumadinhos. A fotomontagem com os amigos e a família.

Rachel de repente não se sente bem. Ela pega o quadro de avisos, volta para o corredor e fecha a porta delicadamente.

Lá embaixo, os dois começam a traçar um fluxograma da vida do pequeno Toby. Ele tem aula de tiro com arco hoje à noite e domingo à noite. O treino acaba às sete, e ele volta a pé para casa. É a oportunidade deles.

— O Clube de Tiro com Arco se reúne num lugar chamado Old Customs Hall, perto do mar em Beverly. Pouco menos de um quilômetro da casa dos Dunleavys — diz Pete, olhando no Google Maps. — Fiz o caminho algumas vezes no Google Street View. Ele sai do Old Customs Hall, sobe a Revenue Street, vira à esquerda na Standore Street, à direita na Poseidon Street e está em casa. Não leva mais do que sete ou oito minutos. No máximo dez, talvez.

Seria bem corrido, e eles sabem disso.

— Temos que pegar esse menino entre sete e sete e dez. Na verdade, pra dar certo, isso tem que acontecer na Standore Street, porque vai ter muita gente na Revenue Street e não podemos raptar o garoto na frente de casa dele, na Poseidon, porque a mãe pode estar na porta esperando — diz Rachel.

Pete coça o queixo. Seria bem corrido mesmo, tanto no tempo como na geografia, mas ele não diz nada. Foi para esse garoto que eles planejaram tudo. Rachel reprime um bocejo.

— Não quer dormir um pouco enquanto eu volto lá pra checar o caminho todo dessa vez? — propõe Pete.

— Não preciso dormir. Vamos.

— Agora?

— Agora.

Eles saem, entram no Volvo e em apenas quinze minutos estão em Beverly. Talvez a cidade seja perto demais de onde Rachel mora, mas não tem outro jeito.

E agora está mais movimentada. Rachel acha que é meio preocupante o número de babacas por ali passeando com o cachorro ou curtindo a vida. Babacas, porque como essas pessoas podem estar tão despreocupadas e felizes enquanto o mundo está desabando? Já desabou. O Old Customs Hall fica perto do mar, outra área muito movimentada, ponto de encontro, com muita gente passeando com cachorros.

— Previsão do tempo atualizada — diz Pete, olhando para o laptop.

— Vai garoar essa noite, sem chuva forte. Tomara que seja o suficiente pra que as pessoas não queiram sair de casa, mas nada que justifique a mãe vir buscar o garoto.

— Quando a Kylie estiver de volta, só vou deixar ela sair sozinha quando tiver 50 anos — resmunga Rachel, perfeitamente consciente da bobagem que está dizendo.

Os dois dirigem do Old Customs Hall, passando pela Revenue Street e pela Standore Street, até chegar à Poseidon Street, um percurso de cerca de três minutos por uma área residencial comum da Nova Inglaterra. A Standore é uma rua de velhos e majestosos carvalhos que ainda ostentam folhas.

— Excelente cobertura — observa Pete.

Eles dão meia-volta e seguem para o centro da cidade.

— Muito bem, o plano é o seguinte — declara Rachel. — Um, vamos de carro até o Old Customs Hall. Dois, esperamos as crianças saírem. Três, seguimos Toby até a casa dele, pela Revenue Street e pela Standore Street. Por favor, Deus, que Toby esteja sozinho. Quatro, estacionamos o carro perto dele. Cinco, agarramos o garoto e jogamos ele dentro do carro. Seis, vamos embora.

— Você quer que eu pegue ele?

Ela faz que sim.

— E eu dirijo.

— Combinado.

Ela olha para Pete.

— Tem tanta coisa que pode dar errado, Pete. Que bom que você está comigo.

Pete se lembra daquela noite de setembro de 2012, em Camp Bastion, quando tudo deu errado. Ele morde o lábio.

— Não. Vai dar tudo certo, Rachel — diz.

— Mas, mesmo dando tudo certo — retruca ela, arrasada —, ainda vai ser horrível.

Sexta-feira, 11:39

Kylie acorda num saco de dormir. Onde é...

Tomada pelo horror, ela se lembra de onde está e do que aconteceu. Está num porão em algum lugar ao norte de Newburyport, nas mãos de duas pessoas, marido e mulher, até sua mãe pagar um resgate. Sua garganta se fecha. Ela se senta no saco de dormir, hiperventilando. O ar aqui embaixo é pesado e bolorento.

Mas ela o inala assim mesmo e se obriga a ficar calma. *Eles vão me matar, eles vão me matar, eles... não. Não vão. Eles não são psicopatas. Não vão me fazer mal se a mamãe fizer o que eles querem. O que aconteceu com o policial foi um acidente.*

E ela ainda não está morta.

Está elaborando um plano. A chave inglesa... sim!

Pelo brilho do sol, ela provavelmente dormiu tarde. E é incrível que tenha conseguido dormir. Precisa muito fazer xixi agora, então vira-se de costas para a câmera, pega o balde e usa o saco de dormir todo amassado como proteção.

Minutos depois, a porta se abre, e ela vê o sujeito no alto da escada. Atrás dele, Kylie avista um quintal e uma árvore. Ele deixa a porta aberta e desce a escada segurando uma bandeja. Está de pijama e com a touca ninja. Ela ouve a respiração pesada do homem, como se descer a escada demandasse certo esforço.

— Bom dia — diz ele. — Se ainda for de manhã. E é, eu acho. Trouxe pra você um... bem... um café da manhã meio tardio. Cheerios. Você gosta de Cheerios, não gosta?

— Claro.

Ele atravessa o porão e coloca a bandeja perto dela. Uma tigela de Cheerios com leite, um copo de suco de laranja, outra garrafa de água. Ela nota a coroa da arma no bolso da calça do pijama.

— Desculpa o atraso. Fomos deitar muito tarde ontem. Não esperávamos... ééé... que as coisas ontem dessem tão... você deve estar com fome. Conseguiu dormir? — pergunta ele.

Ela balança a cabeça, de forma evasiva.

— Não é nenhuma surpresa — retruca ele. — Circunstâncias muito doidas. Nunca na vida eu imaginei...

— *Por que* vocês estão fazendo isso? — pergunta Kylie.

Ele respira fundo.

— Porque eles estão com o nosso garoto — responde o homem baixinho e balançando a cabeça. — Conseguiu dar uma olhada nos livros?

Kylie vê uma brecha ali.

— Consegui. Nunca tinha lido *Moby Dick*. Sempre pensei que ia achar chato.

— Mas você gostou? — pergunta ele, se animando.

— Gostei. Até onde li.

— Olha, que ótimo. É um clássico. Talvez seja chato no início, pra uma pessoa da sua geração. Mas, quando você entra no espírito, a leitura acaba fluindo.

— É, tem razão. Gostei do cara tatuado.

— Queequeg? Ele não é incrível?! Melville viveu quase um ano com os nativos das ilhas do Pacífico Sul, e o retrato que ele pintou deles é bem afetuoso, não acha?

Kylie tenta desesperadamente pensar em algo para dizer, algo que deixasse seu professor de inglês impressionado caso fosse convocada a falar sobre um livro que não leu durante a aula.

— É, e o livro como um todo... é uma grande metáfora, não é? — comenta ela.

— Claro que é. Exatamente! Muito bom. Você...

— Só deixa a bandeja aí e volta pra cá pra cima! — diz uma voz no alto da escada.

— É melhor eu ir — sussurra o homem. — Come e relaxa e, por favor, não tenta fazer nenhuma besteira. Eu nunca vi essa mulher desse jeito.

— Anda! — grita a mulher, e ele sobe a escada, trancando a porta ao sair e deixando Kylie sozinha de novo.

Desta vez ele também desceu armado.

A arma é a chave de tudo.

Sexta-feira, 15:13

O alarme do seu celular toca. Ela programou um alerta para avisá-la quando o mais recente lote do resgate passasse pelo sistema Bitcoin e caísse na sua conta na Suíça. Às vezes o Visa ou a MasterCard, e principalmente o Amex, bloqueia a transação, mas aparentemente o pagamento passou normalmente.

O irmão costuma zombar dela por esse tipo de microgestão. Quando ela lhe permite administrar a Corrente, ele diz que não faz quase nada. Que simplesmente deixa que o sistema se policie. Mas ela é mais intervencionista. Afinal, o filho é *dela*.

Ela olha para o celular. Beleza: vinte e cinco mil dólares irrastráveis entraram pela lavanderia do Bitcoin.

O que é bom por um lado, mas, se pagaram assim tão rápido, é porque poderiam ter pagado muito mais. Erro dela. *Ela* estabeleceu o valor do resgate. *Ela* entrou na conta de Rachel e avaliou sua renda. Achou que vinte e cinco mil já seriam demais. *Ela estava trabalhando como motorista de Uber até algumas semanas atrás, pensa, e a família não tem dinheiro.*

A ideia não é sugar tudo das pessoas, e sim estabelecer valores administráveis. *Não é pelo dinheiro, blá-blá-blá.*

Mas...

Ela espelha o computador de Rachel no celular, mas Rachel não ligou o Mac desde a noite passada. Evidentemente está usando outro computador. Isso significa que Rachel não é uma completa idiota.

Pela janela, ela vê a chuva caindo inutilmente no porto de Boston. Será que Rachel está tentando passar a perna nela? Estaria cometendo um terrível erro, se fosse o caso.

Ela abre o Wickr e manda uma mensagem para Rachel: Está pronta pra prosseguir com o seu alvo, Toby Dunleavy?

Cinco minutos depois, Rachel responde: Sim. Vamos fazer essa noite, se der. Ou no domingo à noite, se hoje não der certo.

Por que não amanhã à noite? Ou amanhã de manhã?, pergunta ela.

O menino tem aulas de tiro com arco e volta pra casa a pé. As aulas são hoje à noite e domingo à noite, responde Rachel.

Ela não está gostando do tom de Rachel. A mulher não parece assustada o bastante. Nem humilde. Rachel não se deu conta de que é a piranha gama falando com a piranha alfa.

Posso acabar com você, Rachel, pensa ela. Basta eu estalar os dedos e você estará morta que nem uma puta cracuda da D Street.

Mande mensagem pelo Wickr assim que pegar o menino, escreve ela. Eu darei o primeiro telefonema à família. Você vai ligar cinco minutos depois. A primeira coisa que vai dizer é “Você tem que lembrar que não é a primeira nem será a última. Não é pelo dinheiro, é pela Corrente.” Entendeu?

Entendi, responde Rachel.

Mais uma vez, Rachel parece seca e confiante. Ela não está gostando nada disso.

Fecha as mensagens e pensa por alguns minutos.

Olly vive dizendo a ela que não deve deixar as coisas ganharem contornos pessoais. Como se ele fosse mais velho e soubesse mais das coisas. Tudo bem, mais velho por quinze minutos. É verdade que não há a menor necessidade de ficar apressando os acontecimentos. Não é uma questão de rapidez. O que importa é que tudo continue fluindo.

Na concepção de Olly, quanto mais pessoas forem acrescentadas à Corrente, maior será a probabilidade de uma deserção. Por isso o medo é importante. É o componente mental.

Os seres humanos são criaturas cujas vidas são governadas por instintos profundos. Essas pessoas são como camundongos, camundongos nos campos de feno, e ela é o falcão que investe contra esses camundongos, vendo cada coisinha que fazem.

Então ela se lembra de Noah Lippman. Estava levando a sério o relacionamento deles, mas ele rompeu o namoro e se mudou para o Novo México com uma namorada nova. No entanto, a Corrente deu um jeito de estender seus tentáculos até o deserto. Em Taos, ele passou por vários incidentes desastrosos. A namorada morreu atropelada, ele foi demitido do hospital onde trabalhava, foi assaltado e violentamente espancado, e atualmente trabalha feito um escravo por um salário indigno num asilo em Santa Fé. Agora Noah tem cabelos brancos e manca desde o assalto.

A Corrente nem sempre é uma coisa ruim, na opinião dela. Algumas vezes, até ajudou as pessoas. Ajudou a focarem no que de fato era importante. E, de certa maneira, ela está fazendo um favor a esses camundongos no campo de feno. *Pois então, pensa ela, agora você tem um propósito, não é, Rachel? Agora sabe o que precisa fazer para ver sua doce Kylie de novo. Esse pânico cego que está sentindo? Esses picos de adrenalina? Essa necessidade de agir? Tudo isso vem da Corrente. A*

Corrente libertou você.

Ela fecha o laptop.

Não interfira, diz Olly, deixe a coisa correr.

Mas às vezes a gente pode se divertir um pouco.

Ela clica no Wickr de novo e manda uma mensagem para Heather Porter: O resgate a ser pago por Rachel dobrou: agora são cinquenta mil dólares. O restante deve ser pago ainda hoje. Informe isso a ela imediatamente. Além disso, ela tem que concluir a parte dois do processo hoje. Se ela não pagar o novo resgate nem concluir o sequestro até a meia-noite, você terá que matar Kylie O'Neill e encontrar um novo alvo.

Ótimo, assim as coisas se acertam, pensa ela, com certa satisfação.

Sexta-feira, 15:57

Rachel está debaixo do chuveiro. Alterna entre a água pelando e a fria, mas nem a água ajuda: ela ainda está vivendo um pesadelo. Outras pessoas perdem seus filhos, pessoas que não tomam os devidos cuidados. Gente que deixa uma criança de 13 anos voltar para casa a pé depois de saltar em pontos de ônibus isolados no Mississippi ou no Alabama. Esse tipo de coisa não acontece no seguro, civilizado e refinado norte de Massachusetts.

Ela sai do boxe para o frio piso do banheiro e sacode a cabeça. Foi esse tipo de presunção e esnobismo que fez com que sua filha fosse sequestrada, para início de conversa. Ela está meio zozza. O seio esquerdo dói. Rachel se sente totalmente perdida. Volta a imaginar seu rosto no espelho inexistente do banheiro. Aquele rosto abatido, chupado, feio, esquelético e idiota... Nada a ver com o da Jennifer Connelly. Livrar-se dos espelhos... que piada. Esconder a verdade, simplesmente. Todos aqueles espelhos quebrados no depósito de lixo da cidade. Toda aquela má sorte voltando para ela.

Camus escreveu: “No meio do inverno, eu aprendia enfim que havia em mim um verão invencível.”

Que besteira.

Ela só sente dor, medo e infelicidade. Sobretudo, medo. E, sim, estamos no meio do inverno. É verdade. Em plena Era do Gelo no Polo Norte, totalmente privado de sol. *Minha filha foi sequestrada, e, para tê-la de volta, terei de pegar um garotinho lindo na rua, ameaçá-lo, ameaçar a família dele, e falar sério. Falar sério quando disser que vou matá-lo, pois, se eu não o matar, nunca mais voltarei a ver Kylie.*

Ela veste uma camiseta, o suéter vermelho, calças jeans e vai até a sala de estar.

Pete levanta os olhos do computador.

Ele não pode saber da tormenta que ela está enfrentando. Não pode saber do medo e das dúvidas. Ele não quer fazer isso. É um bom homem. Um veterano. Ela precisa dar uma de Lady Macbeth.

— Então estamos prontos — diz Rachel, com frieza.

Pete faz que sim com a cabeça. Ele havia acabado de voltar da casa dos Appenzellers.

— Como está a casa? — pergunta ela.

— Perfeita. Supertranquilo lá embaixo no porão. Um balde pra fazer xixi. Consegui uns quadrinhos pro garoto não morrer de tédio. Alguns bichinhos de pelúcia e jogos também. E balas.

— E a previsão do tempo?

— Ainda está garoando. Nada de chuva pesada.

— O que a família está fazendo agora? — pergunta Rachel.

— Mike ainda está no trabalho. O restante da família, em casa. No momento, Helen Dunleavy está escrevendo uma longa postagem no Facebook sobre a figueira do quintal. Ah, e o Toby não tem mesmo alergia a amendoim.

— Ótimo. Uma vez eu peguei um voo com uma mulher alérgica a amendoim, e ela teve um ataque só por causa do cheiro de um sanduíche de pasta de amendoim. Um pesadelo — conta Rachel, suspirando. — Obrigada por ter vindo, Pete. Você é uma rocha. Eu não conseguiria enfrentar isso sem você.

Pete olha para ela e engole em seco. Sua boca abre e fecha. Ele tem duas coisas a lhe dizer. Precisa contar sobre a heroína e sobre o incidente em Camp Bastion. Ele não é nenhuma rocha. Não é confiável. É um fracasso. Teria ido à corte marcial se não tivesse se desligado dos Fuzileiros.

— Preciso dizer uma coisa... — começa então.

O iPhone de Rachel toca: *número desconhecido*.

Ela atende no viva voz, para que Pete também possa ouvir.

— Sim? — diz Rachel.

— Houve uma mudança de planos — anuncia a mulher que está com Kylie.

— Como assim?

— Você terá que depositar mais vinte e cinco mil dólares na conta da InfinityProjects.

— Nós já pagamos o resgate. É...

— Mas mudou. Às vezes eles mudam as coisas. Você terá que pagar mais vinte e cinco mil. Além disso, precisa concluir a segunda parte do processo hoje. Está entendendo? Se não fizer essas coisas *hoje*, terei que matar a Kylie.

— Não, por favor! Eu fiz tudo o que você mandou. Estou cooperando!

— Eu sei que está. Mas eles mandaram essa mensagem agora. Temos que fazer o que eles mandam, Rachel. Mais vinte e cinco mil e a segunda parte concluída, tudo até meia-noite. Se você não fizer isso, terei que matar a Kylie. Porque, se eu não fizer isso, eles matam o meu

filho, então eu não tenho escapatória.

— Não, isso é loucura! A gente está cooperando, estamos fazendo...

— Você entendeu o que eu falei, Rachel?

— Sim, eu...

A ligação fica muda.

Mais vinte e cinco mil hoje? Como?

— Tem um carro chegando! — diz Pete, olhando pela janela da sala.

— Vindo pra cá?

— Vindo pra cá — afirma ele. — Duas pessoas. Um homem e uma mulher. Estão estacionando perto da minha caminhonete. Qual é o carro do Marty atualmente?

Rachel sai correndo até a janela da cozinha. O carro é uma Mercedes branca; o sujeito ao volante é Marty, e ela tem certeza de que a mulher ao lado dele é Tammy. Rachel só esteve com ela em uma situação, numa das vezes em que eles vieram buscar Kylie, e Tammy é uma loira de pernas longas e cabelos lisos num corte bob, exatamente como os da passageira ao lado de Marty.

— É o Marty!

Pete corre para a janela da cozinha.

— Jesus, é mesmo! O que ele está fazendo aqui? Achei que você tinha comentado que ele estava na Geórgia.

Rachel suspira.

— Hoje é sexta-feira. Ele veio pegar a Kylie pro fim de semana.

— Estamos em cima da hora. Temos que nos livrar deles.

— Eu sei!

Marty acena para ela pela janela. Rachel fica ali, perplexa junto à pia, vendo Marty e Tammy subindo os degraus. Marty abre a porta da cozinha, sorri para ela, inclina-se para a frente e lhe dá um beijo no rosto. Está com uma aparência ótima. Bem bonito. Tipo estrela de cinema. Perdeu peso, o rosto dele está corado e finalmente parece ter encontrado um barbeiro que cortasse direito sua espessa cabeleira ondulada. Os olhos verdes brilham, mas as grossas sobrancelhas ficam franzidas de preocupação quando ele olha para ela.

Ela resiste à compulsão atávica da fraqueza, ao desejo de se jogar no peito de Marty, de enlaçar seu pescoço com os braços e chorar. Rachel funga, se recompõe e sorri.

— Puxa, você está ótima.

Marty é um ator e tanto na hora de mentir. Atrás dele ouve-se alguém pigarreando discretamente, e ele então abre espaço para Tammy.

— Bom, você se lembra da Tam, não?

Tammy é alta e bonita, com olhos azuis de um tédio mortal.

— Rachel! — diz ela, abraçando-a. — Como vai?

— Tudo bem — responde Rachel, respirando fundo.

Agora que passou o choque de dar de cara com o casal, ela só tem dois objetivos: tirá-los dali o mais rápido possível, sem dar motivo para que eles desconfiem da ausência de Kylie.

— Pete, o que você está fazendo aqui? — pergunta Marty.

Pete avança e abraça o irmão.

— E aí, Marty?

— Caramba, Pete, que ótimo te ver! Andou pegando sol, hein! Olha só o cara! Tammy, esse é o meu irmão, Pete — apresenta Marty.

— Que bom finalmente te conhecer pessoalmente — diz ela, beijando-o no rosto.

— Viu só? Toda boa-pinta e inteligência da família ficaram comigo — zomba Marty. — E o que te traz aqui, mano?

Rachel percebe claramente o cérebro de Pete funcionando, tentando pensar em algo para dizer.

— Chamei o Pete pra me ajudar com o telhado — responde ela.

— É, o telhado — concorda ele. — Dei um jeito nele.

— Puxa vida. Sinto muito, querida — diz Marty, aborrecido. — Você estava mesmo bem chateada ao telefone.

— Agora está tudo bem — fala Rachel, olhando para o relógio.

— E cadê a minha garotinha linda? Chegamos muito cedo? — pergunta Marty, nitidamente aliviado por ter escapado de uma briga monumental por causa do vazamento, olhando ao redor em busca de Kylie.

— Vão levar a Kylie pra um passeio? — pergunta Pete, exagerando no tom casual.

— Vamos levar a Kylie pra ficar um pouco com o papai e com a titia maluquinha, que nesse caso sou eu — responde Tammy.

— Kylie! — grita Marty.

— Ahhh! Eu já ia esquecendo... Isso é pra você — diz Tammy, pegando uma garrafa de champanhe numa sacola de compras. — Pelo seu primeiro aniversário que está chegando.

— Primeiro aniversário? — Rachel pensa alto. — Mas a gente só se divorciou em fevereiro...

— Não, não é isso. Tem um ano desde a sua última químio. Foi o que o Marty me contou. Já se passou um ano, e não voltou.

— Ah, sim, entendi. Um ano já? Jesus, o tempo voa, hein! — diz Rachel, ainda furiosa por ter esquecido que Marty vinha hoje.

— Um ano de completa remissão. Isso não é pouca coisa — comenta Marty. — Você devia comemorar, tem o fim de semana livre pra fazer o que quiser. Aproveita! Por que você não vai ao concerto do Max Richter, já que nunca conseguiu me arrastar com você?

Rachel põe a garrafa de champanhe, agora banhada em ironia, na bancada. Seria educado oferecer aos dois algo para beber, mas isso

consumiria mais alguns preciosos minutos. Sua mente está a mil. Como ela vai explicar isso? Não pode dizer que Kylie está doente. Marty iria fazer questão de vê-la.

— Então... Augusta? — pergunta Pete, hesitante, sem querer puxar conversa, mas, ao mesmo tempo, tentando ganhar tempo para pensar.

— Por que você foi tocar nesse assunto? — faz Tammy, fingindo que está se enforcando.

— Puxa, cara... nossa, o clube de golfe é sensacional... — começa Marty.

— Cadê a Kylie? Está se aprontando? — pergunta Tammy. Ela pega a mão de Rachel, abre um grande sorriso para ela e checa o celular ao ouvir um *ping*.

Essa juventude é mesmo demais, pensa Rachel, desvencilhando a mão. Para você ver, dá para esconder qualquer coisa por trás de um sorriso.

Qualquer coisa até...

Então lhe vem um pensamento.

Um pensamento terrível.

Um pensamento diabólico.

— Que lindo o seu colar — diz ela a Tammy. — Estou querendo comprar uma *corrente*. O que você acha?

Tammy levanta os olhos do celular.

— O quê?

— Estou querendo comprar uma corrente. Como a sua. Não é pelo dinheiro, não é? É pela corrente.

— Pode ficar com ela se quiser, querida. Comprei na Filene's. Na liquidação.

Nem o menor vacilo. Ela não tem absolutamente nada a ver com a Corrente. Nem poderia. A seleção é quase totalmente aleatória. Por isso é genial. Rachel se vira para o ex-marido.

— Marty, olha só, nem sei como te dizer isso. Dei mole. Devia ter ligado. A Kylie viajou.

— Viajou?

— A culpa é toda minha por vocês terem vindo até aqui à toa. Esqueci completamente que vocês vinham hoje. Estou tão estressada com essa história de voltar a dar aulas depois de tantos anos, e ainda teve a questão do telhado... Estava tentando preparar minhas aulas e simplesmente esqueci — diz Rachel.

— Onde ela está?

— A Kylie foi pra Nova York — responde Rachel.

— Nova York? — pergunta Marty, intrigado.

— É que ela está fazendo um trabalho pra escola sobre Tutancâmon, e tem uma minixposição no Met... E ela foi tão bem nesse bimestre que eu deixei.

— Em Nova York?

— É, eu fui com ela até o ônibus, a avó ficou esperando no Port Authority e a levou pro apartamento no Brooklyn. Ela vai ficar lá um tempinho pra ver tudo o que quiser sobre o Egito — diz Rachel.

As sobranças de Marty se contraem.

— Mas estamos em novembro. Sua mãe não está na Flórida?

— Não, ela não foi esse ano. Ficou mais um tempo em Nova York porque o clima está muito bom.

— E quando a Kylie volta?

— Daqui a alguns dias. Parece que elas querem ir a um musical. Ééé... parece que a mamãe tem como conseguir entradas pra *Hamilton*.

— Ah, então vou perguntar pra Kylie. Quando é que elas vão? Vou mandar uma mensagem pra ela — diz Tammy.

— Você tem o celular dela? — pergunta Rachel, apavorada.

— Claro. E a gente se segue no Instagram. Mas acho que ela não postou nada sobre Nova York...

— Não, ééé...

— Estranho — diz Tammy, olhando para o celular. — A Kylie não posta nada no Instagram desde ontem de manhã. Normalmente ela posta duas ou três vezes por dia.

— Tem certeza de que ela está bem? — pergunta Marty, preocupado.

— Ela está ótima — insiste Rachel. — Provavelmente a avó confiscou o iPhone dela. Minha mãe vive dizendo que a gente deve olhar pro mundo real em vez de ficar com a cara enfiada numa tela a poucos centímetros do nariz.

Marty concorda.

— Isso é bem a cara da Judith mesmo — diz. — Mas puxa vida, Rachel. Por que você não ligou pra gente ou mandou uma mensagem? Teria nos poupado um tempo.

O sangue sobe à cabeça de Rachel. Mas que audácia! Era ele quem estava jogando golfe em Augusta enquanto a filha foi sequestrada. Foi ele que abandonou a esposa que estava se recuperando de um câncer para ficar com uma mulher mais jovem. Foi ele que...

Não.

Não é o momento de entrar em guerra. Ela tem de se mostrar superarrepentida e acabar logo com isso.

— Desculpa, Marty. Desculpa mesmo. A culpa foi minha. Eu sou uma imbecil. É muita pressão, sabe? O emprego novo, voltar a dar aulas... Esse telhado. Desculpa.

Marty fica constrangido com a autorrecreinação de Rachel.

— Tudo bem, esquece. Tá tudo certo. Essas coisas acontecem, meu bem.

Tire esses dois daqui agora!, berra uma voz dentro da cabeça de

Rachel.

— Querem ficar pra jantar? — pergunta ela, arriscando. — É uma pena vocês terem feito esse caminho todo até aqui e terem que voltar agora. Posso fazer... — ela tenta se lembrar do prato que Marty menos gostava. Mexilhão? Claro! Ele sempre detestou mexilhão ao alho — uma bela salada, e na peixaria aqui perto tem uns mexilhões incríveis.

Marty balança a cabeça.

— Não, não. É melhor a gente ir logo pra não pegar o trânsito da volta.

— Trânsito? — pergunta Tammy, intrigada. — O trânsito pesado é no sentido contrário.

— Vai ter trânsito — insiste Marty.

— Desculpa ter feito vocês virem até aqui à toa — diz Rachel.

Marty faz um gesto de cabeça solidário para ela.

— Tudo bem. Que tal no fim de semana que vem?

— Sim. E eu vou com ela até Boston pra vocês não precisarem vir até aqui. É o mínimo que eu posso fazer — diz Rachel, se perguntando se Kylie já estará de volta no próximo fim de semana. Se sua filha estiver com ela, e sã e salva, nada mais terá importância. Marty poderá levá-la àquele maldito aquário todo fim semana, até o fim dos tempos.

— Não precisa — diz ele, se despedindo com um abraço. Tammy a beija no rosto. Em cinco minutos eles estão lá fora novamente, entrando no carro.

Pete e Rachel acenam da entrada, voltam para casa e fecham a porta.

Já são cinco e vinte. Quanto tempo perdido! A aula de tiro com arco começa às seis, e Toby Dunleavy volta para casa às sete.

— Eles querem mais vinte e cinco mil até meia-noite, senão vão matar a Kylie — diz Rachel, tentando não entrar em pânico.

— Já estou cuidando disso — responde Pete, fazendo login num site de compras de Bitcoin na dark web.

— O que você vai fazer? — pergunta Rachel.

— Limite de crédito de quinze mil num cartão, dez mil no outro, nenhum problema — responde Pete.

— Você tem dinheiro no banco pra cobrir isso?

— E isso tem alguma importância? O que interessa é trazer a Kylie de volta.

Rachel dá um beijo na nuca de Pete e o ajuda a criar uma conta para transferir o valor.

— Está de olho na hora?

— Estou quase acabando — diz ele. — Pode ligar o Dodge. Não esquece de pegar as toucas e as luvas.

Ela corre para fora da casa, bota tudo no carro, enfia a chave na

ignição e liga o motor.

Agora são cinco para as seis.

— Feito — declara Pete quando ela volta. Ele olha para a página de Helen Dunleavy no Facebook. — Ela está a caminho do clube. É melhor a gente ir também. Vou pegar a arma.

— Não quero que esse menino saia ferido — diz Rachel.

— Acho que a gente não vai precisar ferir ninguém, mas talvez seja necessário dar um tiro pro alto pra assustar algum samaritano. Tenho aqui um Colt 45 carregado e bem barulhento — garante Pete.

Rachel faz que sim. Fica pensando em suas palavras: *Não quero que esse menino saia ferido*. Esse menino. Esse menino tem nome: Toby. Toby Dunleavy. Mas será mais fácil pensar nele como *esse menino*. Algo abstrato. E não um ser humano. Não uma criança. Talvez eles precisem ameaçar *esse menino*. Na verdade, podem até ter de cumprir a ameaça.

Rachel estremece. Pete olha para ela.

— Tudo certo. Vamos — diz ela.

Eles entram no Dodge e seguem pela Rota 1 em direção a Beverly. O trânsito está mais intenso do que o normal, mas eles não ficam preocupados. São apenas vinte minutos de percurso, e ainda falta uma hora para acabar a aula de tiro com arco.

Pete pega a mão de Rachel e dá um leve apertão.

— Talvez seja melhor ligar pra sua mãe e avisar, caso o Marty ligue perguntando pela Kylie.

— Boa ideia — diz ela, digitando o número da mãe na Flórida.

— Estou indo jogar bridge, o que é? — atende Judith.

— Mamãe, presta atenção, acabei de dizer pro Marty que a Kylie está com você em Nova York.

— O quê? Que história é essa?

— Ele veio aqui hoje, é o fim de semana dele, mas a Kylie detesta a namorada nova dele e não queria ficar com eles, aí eu entrei em pânico e falei que ela tinha ido passar uns dias com você em Nova York.

— Mas eu estou na Flórida.

— Mamãe, eu sei que você está na Flórida, mas, se o Marty ligar, você tem que dizer pra ele que está no Brooklyn e que a Kylie está com você.

— E o que nós estamos fazendo em Nova York?

— A Kylie quer ver aquelas coisas todas do Egito no Met.

— Ela bem que ia gostar.

— E vocês têm ingressos pra *Hamilton*.

— E como foi que a gente conseguiu isso?

— Sei lá, pode ser uma amiga sua que passou os ingressos adiante.

Há um longo silêncio na linha enquanto Judith pensa.

— Você me meteu num belo monte de mentiras, Rachel. Agora vou ter que fingir que vi *Hamilton* se o meu ex-genro ligar. E o que eu vou dizer pra ele?

— Ah, mamãe. Não é possível que a senhora não consiga pensar em alguma coisa. Ah, e você também confiscou o celular da Kylie — solta Rachel no exato momento em que eles passam por uma placa com os dizeres BEVERLY, PRÓXIMA SAÍDA.

— Por que eu pegaria o celular da minha neta de 13 anos?

— Porque você não aguenta mais ver a garota indo até Nova York pra ficar o tempo todo com a cara enfiada num pedaço de vidro.

— Tudo bem, faz sentido mesmo — retruca Judith.

— Então tá, mãe. Muito obrigada. Você salvou a minha vida. Agora tenho que desligar — diz Rachel quando eles já estão chegando a Beverly.

— Se cuida, minha querida. Fico preocupada com você.

— Estou bem, mãe. Está tudo bem.

Ela desliga. Está chovendo, e do mar vem um vento gelado.

— Esse tempo não me agrada — comenta Pete. — Helen pode mudar de ideia e ir pegar o Toby, em vez de deixar o menino voltar sozinho pra casa. Melhor eu checar.

Nada no Facebook, mas, graças ao vírus plantado no desktop dos Dunleavys, eles descobrem que Helen está escrevendo para a irmã, dizendo que, por recomendação dela, está vendo *Atômica* com Mike.

É a oportunidade deles.

Estacionam na Revenue Street às seis e meia, mas são surpreendidos por um grupo de crianças e adultos saindo do Old Customs Hall.

— Mas o que é isso? Quem são essas crianças? Meu Deus, acho que é o Clube de Tiro com Arco! — exclama Pete.

— Olha aqueles arcos todos! São eles! Já era! — exclama Rachel.

— Vai! Mete o pé! — diz Pete, e Rachel engata a marcha.

— Estou indo.

— Não estou entendendo. Eles deviam sair às sete. Por que eles saíram antes? E meia hora antes! Não faz sentido — diz Pete.

— Ai meu Deus. Meu Deus do céu — Rachel não para de repetir isso.

— Tudo bem — diz Pete em tom monocórdio. — Eles só estão indo embora. Vai dar tudo certo.

Rachel segue rapidamente pela Revenue Street. Dobra na Standore Street e lá, a quase cem metros adiante, os dois veem uma criança com casaco de capuz carregando uma bolsa, com a ponta de um arco composto para fora. A criança está com o capuz na cabeça e caminha em direção à casa dos Dunleavys.

— É ele? — pergunta Rachel.

— Não tenho a menor ideia, mas com certeza aquilo saindo da bolsa é a ponta de um arco. E não tem mais ninguém na rua. Por enquanto.

— Toucas ninja — diz Rachel, tentando desesperadamente não deixar transparecer o pânico na voz.

— Terreno limpo — diz Pete.

No fim das contas, eles nem precisaram de árvores ou do escuro para se esconder, pois a chuva deu um jeito de espantar possíveis testemunhas. Rachel aciona o limpador de para-brisa, apaga os faróis, continua seguindo com o carro e para na frente da criança.

— Ninguém por perto — diz Pete, olhando para os dois lados.

— Então vai!

Pete pula do banco do carona com o .45. Rachel o vê falando com a criança. Ele se vira e balança a cabeça para ela.

Há algo errado. Pete volta para o carro sem o garoto.

O que foi que aconteceu?

— Qual é o problema? — pergunta ela.

— É uma menina — diz ele.

Rachel abaixa a touca ninja e salta do carro. Com certeza é mesmo uma menininha magrela, de cabelos castanhos, com cerca de 8 ou 9 anos, carregando uma bolsa grande demais para seu tamanho.

— Você saiu agora do Clube de Tiro com Arco? — pergunta-lhe Rachel.

— Saí — responde a garotinha.

— Por que todo mundo saiu mais cedo? — pergunta Pete.

— O aquecedor está com defeito, então a gente teve que voltar pra casa. Por que vocês estão com essas coisas na cara?

— Como você se chama? — pergunta Rachel.

— Amelia Dunleavy.

— Onde está o seu irmão Toby?

— Ele foi pra casa do Liam e me mandou levar a bolsa dele pra casa.

— O que a gente faz agora? — pergunta Pete a Rachel.

— Vamos levar a menina — diz ela, decidida.

— Não era esse o plano.

— Mas agora é — responde Rachel. Ela sabe que não será capaz de fazer isso outra vez. E, se não conseguir fazer isso, Kylie estará morta.

— Vem, Amelia — diz Pete. — A gente leva você pra casa.

Ele a põe no carro, afivela o cinto de segurança dela, senta-se ao seu lado e trava a porta. Rachel dá meia-volta e segue em direção à saída da Rota 1A.

— Tem certeza disso? E os problemas de saúde dela? — pergunta Pete.

— A gente dá um jeito. Nada de amendoim nem derivados de

amendoim. A gente compra uma caneta de adrenalina... Merda! — exclama Rachel, dando um murro no painel.

— Você não devia falar essa palavra! — intervém Amelia.

— Tem razão — retruca Rachel. — Desculpa, querida. Quantos anos você tem?

— Oito — responde Amelia. — Vou fazer 9 em dezembro.

— Quem deixa uma criança de 8 anos voltar pra casa sozinha à noite numa época dessas? Na chuva? Quem é capaz de fazer uma coisa dessas? — resmunga Rachel.

— Era pro Toby estar comigo. Hoje foi a minha primeira aula no Clube de Tiro com Arco. Eu já sei usar o arco pra crianças. Ele tinha que me levar para casa, mas foi pra casa do Liam porque a gente saiu cedo.

— E o Toby deixou você voltar sozinha?

— Ele falou que eu já sou grande. Deixou eu levar a bolsa dele — responde Amelia.

— Bom, agora você vai com a gente. Sua mãe disse que tudo bem. É uma aventura — conta Rachel.

Pelo retrovisor, ela vê Amelia balançando a cabeça.

— Não quero ir com vocês. Quero ir pra casa — resmunga ela.

— Mas você não pode ir pra casa. Precisa vir com a gente — insiste Rachel.

— Eu quero ir pra casa! — repete Amelia, começando a choramingar.

Rachel sente engulho quando Amelia começa a se debater e puxar o cinto de segurança.

— Eu quero ir pra casa! — berra Amelia, e Pete segura a garotinha rebelde com suas enormes mãos.

Ao sair da cidade, Rachel para o Dodge no acostamento num trecho isolado da Rota 1A, na área de mata pantanosa entre Beverly e Wenham. Desce do carro, tira a touca e vomita.

Cospe e vomita de novo. Sente um gosto amargo na boca. A garganta queimando. Lágrimas rolam pelo seu rosto.

Ela continua vomitando, até que já são apenas os movimentos peristálticos, pois não há mais nada para colocar para fora.

Pete abre a porta do carro e joga os sapatos de Amelia e a bolsa fora.

— Melhor jogar no pântano — diz. — Só pra garantir. Pode ter algum transmissor de GPS aí.

Rachel enfia os sapatos dentro da bolsa, puxa o zíper sem fechar completamente e atira tudo no charco, onde fica boiando. Ela não tem tempo para uma cena de afundamento de carro tipo Norman Bates em *Psicose*, então vai chafurdando pelo atoleiro e afunda aquela porcaria com o pé. Então coloca a touca ninja de novo.

— Quer que eu dirija? — pergunta Pete quando ela volta para a picafe. Ela balança a cabeça e se vira para Amelia, que tem lágrimas correndo pelo pequeno rosto. Os olhos dela estão arregalados. É evidente que a garotinha está apavorada.

— Vai dar tudo certo, benzinho — diz Rachel. — Só vamos ficar com você por uns dias. É uma brincadeira. A mamãe e o papai estão sabendo de tudo.

— Eles também estão brincando? — pergunta Amelia, surpresa.

— Sim, estão. Vai dar tudo certo. Eu juro — diz Rachel, engatando a primeira e dando a partida no carro.

— Agora você vai ter que colocar essa venda, querida — diz Pete.

— Faz parte da brincadeira.

— Que nem cabra-cega? — pergunta Amelia.

— Isso — responde Pete.

— Já brinquei disso.

Ela põe a venda, e Pete e Rachel tiram as toucas ninja.

Mal saíram de Newbury quando Rachel vê a viatura pelo retrovisor.

— Polícia — diz, com toda a calma.

Pete olha para trás.

— A gente não fez nada de errado. Continua dirigindo, não acelera nem anda devagar — diz ele.

— Eu sei — resmunga ela. — Mas me dá uma arma. Se pararem o nosso carro, não vai ter conversa que tire a gente dessa.

— Rachel...

— Me dá!

Pete entrega o .45 a Rachel, que o deixa no colo.

— Você sabe usar isso? — pergunta ele.

— Sei. Já sabemos o que vamos fazer se formos parados?

— Sim — responde ele, prendendo a respiração.

Sexta-feira, 18:57

Os policiais seguem colados neles por uns trinta segundos, lentamente emparelham e acabam ultrapassando o carro deles.

É claro que passaram direto.

Rachel não fez nada de errado.

Ela segue para a casa dos Appenzellers.

Amelia está meio atordoada ou apavorada, talvez. Mas isso não importa, ela está obedecendo.

— Entra você com ela. Eu vou fazer as ligações — diz Rachel a Pete.

Quando não há mais ninguém na rua, Pete tira Amelia do Dodge e desce com ela para o porão.

Rachel fica no carro e acessa o Wickr pelo celular. Feito, manda ela para o contato.

O que está feito?, vem a resposta.

Sequestrei Amelia Dunleavy. Estou com ela aqui agora.

O celular de Rachel toca.

— Bom. Muito bom — diz a voz distorcida. — Vou ligar pra família dela agora. Você vai ligar pra eles depois e pedir cem mil dólares, a serem pagos em Bitcoins naquela mesma carteira.

— Cem mil! Mas isso...

— Equivale a apenas metade do que eles têm em aplicações. Eles podem pagar esse valor facilmente. Não é pelo dinheiro, Rachel.

— Eu sei. É pela Corrente.

— Exatamente. Vou telefonar pra eles e mandar eles pegarem papel e caneta. Você vai falar com eles daqui a cinco minutos contados a partir de agora de um celular descartável. Eles estarão esperando a sua ligação.

A linha fica muda.

Rachel liga para Pete de um celular descartável.

— Alô? — atende ele.

— Tudo certo? — pergunta Rachel.

— Ela está apavorada, é óbvio. Morrendo de medo. Estou dizendo que somos amigos da família dela. Ela meio que acredita e meio que não.

— Cuida dela, Pete. Nada de amêndoas, amendoins ou castanhas por aí. Não sei qual o grau de sensibilidade dela, então temos que ser mais do que cuidadosos. Não podemos bancar a babá burra, que nem nesses filmes...

— Não vamos.

— Temos que ler os rótulos de tudo que dermos pra ela comer e comprar uma caneta de adrenalina.

— Pode deixar. Vou cuidar disso. Acho que dá pra comprar pelo eBay. Já ligou pra família?

— Vou ligar agora.

— Usa outro telefone. Se afasta um pouco da casa pra ligar.

— Boa ideia. Vou fazer isso.

Ela sai dirigindo rápido na direção do estacionamento perto do mar. Digita o número dos Dunleavys.

— Alô? — diz uma mulher, ansiosa.

— Peguei a sua filha Amelia. Ela foi sequestrada. Nem pense em chamar a polícia. Se você chamar a polícia ou alertar as Forças de Segurança, eu mato a sua filha. Entendeu?

Helen começa a gritar.

Rachel a acalma dizendo que, se ela não se acalmar, vai meter uma bala na cabeça da criança.

A conversa dura dez minutos.

Ao desligar, Rachel sai do carro e vomita de novo, e depois mais uma vez, até não restar mais nada no estômago.

Ela olha para o mar escuro arrebatando na costa.

Então se senta na areia quando uma chuva fria e forte começa a cair.

A cabeça dói. Parece que o crânio vai explodir.

Rachel fica ali por mais uns cinco minutos, até que se levanta, pisoteia o celular descartável e joga os pedaços no mar. Vira o rosto para a chuva que cai e implora à água que a purifique. Mas de nada adianta.

Telefona para Pete de outro celular descartável.

— Pronto. Tudo bem por aí?

— Mais ou menos. Botei a algema e acorrentei ela à pilastra. Ela não se importou muito. Não está gritando nem dando escândalo, mas está chorando porque quer a mãe e falou que não pode ficar aqui sem o Sr. Boo. Parece que é um urso. Tem um monte de bichos de pelúcia aqui, mas parece que só o Sr. Boo serve.

— Eu entendo — diz Rachel.

Ela entra no carro, vai até sua casa e sobe ao quarto de Kylie, onde

encontra Marshmallow, o coelhinho de pelúcia cor-de-rosa da filha. Como a filha está conseguindo dormir sem Marshmallow e sem o gato dela?

Ela pega Marshmallow, veste um casaco com capuz e corre na chuva até a casa dos Appenzellers.

Bate na porta dos fundos, e Pete a abre. Ele está falando ao telefone. Com cara de preocupação.

— O que foi? — sussurra ela.

— O Amex está verificando a transação — responde ele, tapando o fone com a mão.

— O Visa fez a mesma coisa comigo. Se o dinheiro não for transferido essa noite, eles matam a Kylie.

— Eu sei. Pode deixar que eu cuido disso — responde ele. Pete não parece nada bem; está agitado, com os olhos esbugalhados, suando.

— Você está bem?

— Sim, tá tudo bem. Vou cuidar disso.

Rachel coloca a touca ninja e desce até o porão.

Amelia está exausta. Já chorou, se debateu, chorou de novo, e provavelmente agora só quer dormir, mas não consegue porque o Sr. Boo não está com ela. Está sentada no saco de dormir sobre o colchão, cercada de Legos, jogos e bichos de pelúcia que não têm nada a ver com ela.

Rachel se senta ao seu lado.

— Eu sei que você está com medo, querida, mas não precisa ter medo de nada. Você está segura aqui, eu juro. Não vou deixar acontecer nada com você.

— Eu quero a minha mãe — diz Amelia.

— Eu sei. Logo, logo você vai estar com ela. Olha, fiquei sabendo do Sr. Boo e, embora a gente não tenha o Sr. Boo aqui, esse aqui é o amiguinho especial da minha filha, o Marshmallow. Ela tem ele desde que nasceu. E ele é muito, muito especial mesmo. Tem treze anos de amor dentro dele.

Amelia olha desconfiada para Marshmallow.

— Eu quero o Sr. Boo.

— A gente não tem o Sr. Boo, mas tem o Marshmallow — insiste Rachel. — O Marshmallow é amigo do Sr. Boo.

— É?

— Claro, eles são muito amigos.

Rachel o entrega a Amelia e ela o pega, hesitante.

— Quer que eu conte uma história? — pergunta Rachel.

— Acho que sim...

— Você gosta de leite e biscoito?

— Gosto.

— Espera um pouquinho que eu vou ver o que posso fazer.

Ela sobe. Pete está na varanda tentando convencer a American Express a aprovar a transação. Se ele não conseguir fazer isso, uma louca vai matar sua filha dentro de duas horas.

Rachel bate na porta da cozinha, e Pete se vira para ela.

— O que eles falaram? — pergunta ela.

— Ainda estou conversando com eles.

Rachel lê o rótulo dos biscoitos Lorna Doone e pesquisa os ingredientes no Google para ter certeza de que a menina pode comê-los. Nada de nozes, sementes ou castanhas. Desce de novo para o porão com o leite e os biscoitos.

Ela conta a Amelia a história de Cachinhos Dourados e os três ursos, e a menina fica contente porque conhece essa história.

Ela então conta a de João e Maria, que Amelia também conhece.

Histórias de criancinhas sobrevivendo aos perigos da floresta.

Pobre Amelinha, desaparecida como aquela outra Amelia há tantos anos.

Ela é uma boa menina. Uma garota inteligente. Rachel gosta dela. Como poderia não gostar? E como poderia fazer mal a ela?

Meia hora depois, Pete aparece no alto da escada e faz um sinal de positivo com o polegar.

— A transferência foi feita?

— Foi.

— Graças a Deus!

— Como está a Amelia?

— Vem ver.

— Ela está dormindo. Como você conseguiu fazer isso? — sussurra Pete, já ao pé da escada.

— Leite, biscoitos e o Marshmallow, aparentemente.

— Quais biscoitos?

— Lorna Doone. Tudo certo. Eu chequei.

— A caneta de adrenalina já está vindo. Comprei pelo eBay.

— Mas mandou entregar aqui?...

— Não. Vai pra um posto de coleta do eBay em Newbury.

— Ótimo.

— Eu fico aqui essa noite — diz Pete. — Vai pra casa, você parece esgotada.

— Eu deveria ficar.

— Não. Vai pra casa, por favor.

Ela não quer discutir com ele. Está *mesmo* esgotada. Completamente acabada. Tira uma foto de Amelia com um dos celulares descartáveis.

— Vou mandar pra eles.

— Dorme um pouco, Rachel.

— Não estou cansada — insiste ela.

Pete coça o braço, está suando. Parece ligeiramente distante, indisposto.

— Tem certeza de que você está bem? — pergunta ela.

— Eu? Estou ótimo. Pode ir, vou ficar bem aqui.

Ela assente e sobe a escada. Sai pela varanda. Caminha pela praia. Está em casa.

A chuva gelada lhe faz bem. Ela precisa mesmo de desconforto, sofrimento, dor... Chegando à porta de casa, telefona para os Dunleavys de outro celular descartável.

— Sim? — atende Helen, arfante, em pânico.

— É melhor tratar de providenciar esse dinheiro e o alvo. Vou te mandar uma foto da Amelia. Ela está dormindo, está bem.

— Deixa eu falar com ela!

— Ela está dormindo. Vou mandar uma foto.

Quando a foto é enviada, Rachel destrói o celular e entra em casa.

Ela prepara uma xícara de café e começa a acompanhar as atividades dos Dunleavys pelo computador espelhado. Nenhum e-mail nem mensagem de texto para a polícia.

À meia-noite, o iPhone de Rachel toca.

— Alô?

— Rachel? — sussurra uma voz.

— Sim.

— Eu não devia estar te ligando. Eu só queria que você soubesse que o meu filho foi libertado há uma hora. Ele está com a gente agora!

— O seu filho voltou?

— Voltou. Nem consigo acreditar nisso! Estou tão feliz! Ele está salvo e está aqui em casa com a gente. Eu tinha até medo de alimentar muita esperança... mas ele voltou.

— Mas... então... será que agora você tem como libertar a Kylie?

— Não posso. Você sabe que eu não posso. A Corrente tem que continuar. Você precisa confiar no processo. Se eu quebrar a Corrente, começa a retaliação. Eu vou estar em perigo, meu filho vai estar em perigo, e a Kylie e você também.

— A não ser que eles estejam blefando.

— Não, eles não são gente de blefar. Acho até que eles iam gostar se desse tudo errado e a gente comesse a se matar. Você viu o que aconteceu com aquela família.

— Vi.

— Eles me contaram sobre uma vez, há muitos anos, quando uma pessoa desertou e as punições alcançaram sete níveis pra trás na Corrente. Só aí as coisas começaram se acalmar.

— Merda!

— Mas eu quero que você saiba que está a um passo de ter a Kylie de volta. Logo, logo isso vai acabar, Rachel. Pode ter certeza.

— Ai meu Deus, espero mesmo que sim.

— Vai, sim.

— Como você conseguiu? Como conseguiu passar por tudo isso? De onde tirou forças?

— Não sei, Rachel. Acho que você precisa apenas focar no momento em que vai estar com a Kylie de novo. Tudo o que fizer, cada decisão que tomar, é um meio pra chegar a esse fim, entende?

— Sim.

— Houve um incidente quando pegamos a Kylie, uma coisa horrível. Não aconteceu nada com ela. Ela está bem. Mas eu tive que fazer uma coisa terrível, e a pessoa que eu era antes estaria morrendo de agonia pelo que eu fiz naquele momento. Mas sabe o que eu estou sentindo agora? Nada. Nada a não ser alívio. Eu fiz o que tinha que fazer e consegui meu filho de volta. E isso é a única coisa que importa.

— Acho que eu entendo.

— Você só precisa aguentar mais um pouco.

— Eu vou aguentar.

Sábado, 00:07

Mike Dunleavy olha para a mulher, que está chorando aos soluços, enroscada em posição fetal no chão do banheiro. Ele se deita ao seu lado e começa a chorar também.

Coloca a arma no chão. A essa altura do campeonato, não há motivo para ficar andando pela casa com uma arma carregada.

A pistola não tem utilidade. Não há ninguém para ele matar.

— Como o Toby está? — pergunta Helen, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Está dormindo. Falei pra ele que a Amelia vai passar alguns dias na casa de uma amiga.

— Ele acreditou?

— Não deu bola. Só queria saber onde estava o equipamento de tiro com arco. Eu disse que estava guardado.

— Você acha que a gente deve rezar pedindo ajuda a Deus? — pergunta Helen.

— Nós vamos fazer isso?

— Nós temos que fazer.

— Não temos, não. Podemos chamar a polícia.

— Eles matam ela se a gente chamar a polícia. A mulher que está com ela é um monstro. Senti isso pela voz dela. Nós somos os piores pais do mundo. Sabe aquelas pessoas que têm overdose dirigindo? Somos mais idiotas do que elas!

Helen começa a chorar de novo. Soluços longos e arfantes, como se estivesse morrendo. Mike olha para o rosto dela à fraca luz que entra pela janela do banheiro.

Ela parece frágil e destruída, totalmente perdida. Ele não tem palavras.

— Como é que a Amelia vai dormir sem o Sr. Boo? — pergunta ela.

— Não sei.

— Vamos pegar ela de volta, não vamos? Diz que ela vai voltar — pede Helen.

— Vamos pegar ela de volta. Vamos fazer tudo o que pudermos.
Nem que eu tenha que matar todos esses canalhas, ela vai voltar.

Sábado, 5:38

Ainda está escuro lá fora, mas talvez um pouco mais claro a leste. Kylie não consegue dormir. Não dormiu nada desde que conseguiu botar a mão na chave inglesa.

Com toda a adrenalina correndo pelo seu corpo a noite inteira, foi impossível dormir. Ela só terá uma oportunidade, e não pode perdê-la.

O plano é simples. Todos os melhores planos são simples. Não são?

Entrar no barco, encontrar a baleia, matá-la.

Entrar no barco, encontrar o tubarão, matá-lo.

O homem ou a mulher vai descer a escada trazendo uma bandeja com uma tigela de cereal e um copo de suco de laranja. Vai se curvar para deixar a bandeja. Depois vai tirar a tigela e o copo da bandeja.

É aí que Kylie vai bater com a chave inglesa na cabeça dele ou dela, com força.

Uma pancada com o máximo de força que ela conseguir reunir, bem no alto da cabeça. Segurando a chave inglesa com as duas mãos, para deixar a pessoa inconsciente.

A pessoa estará no chão, inconsciente. Se Kylie tiver sorte, ele ou ela vai estar com a chave das algemas. Kylie vai se libertar delas, subir a escada correndo e seguir até a estrada mais próxima. Mas, se a chave não estiver com a pessoa, Kylie vai ter de usar a arma. A arma é a peça crucial. Não houve uma única vez em que um deles tenha descido sem estar armado.

Se a pessoa não estiver com a chave, Kylie vai esperar até que o homem ou a mulher volte a si e vai apontar a arma para a cabeça dele ou dela, chamar o outro e obrigar os dois a lhe entregar a chave das algemas. Caso contrário, ela atira.

Se eles não acreditarem, ela atira bem no joelho de quem estiver em sua mira. Seu tio Pete a levou para praticar tiro na floresta algumas vezes. Ela sabe disparar um revólver. Soltar a trava, checar o tambor, puxar o gatilho. O cúmplice irá buscar a chave e entregá-la para ela, mas, se um deles resistir, Kylie faz um trato com eles: quando

voltar para casa e estiver com sua mãe, vai dizer que não se lembra de onde era o cativeiro. Ficaré um dia inteiro sem conseguir lembrar. Isso dará a eles vinte e quatro horas para fugir do país.

Kylie está satisfeita com o plano. É lógico e racional, e ela não vê nenhuma razão para que não funcione. A parte mais difícil será no início, mas num segundo já terá passado. *Você consegue, garota. Claro que consegue*, pensa ela. Mas está tremendo de medo deitada no saco de dormir.

Tremendo não é bem a palavra. *Sacudindo violentamente* talvez seja o mais próximo da verdade. Mas coragem é coisa de família. Ela pensa na mãe enfrentando todas aquelas sessões de quimioterapia. Pensa na avó brigando com a Universidade de Nova York durante aqueles anos todos para continuar morando numa das casas do corpo docente depois que o marido fugiu com uma aluna. E pensa na bisavó Irina, a garotinha decidida que não sossegou enquanto não obrigou a família a subir numa carroça puxada por um burro e fugir para o leste com o Exército Vermelho em retirada, até chegar a um trem que os levou a uma estranha cidade com um enorme domo chamada Tashkent. Ficaram quatro anos lá sem um tostão, completamente marginalizados, e, quando voltaram para a *shtetl* na Bielorrússia, no outono de 1945, descobriram, obviamente, que todas as pessoas que tinham permanecido lá haviam sido mortas pelos alemães. Não fosse a coragem da bisavó, Kylie não estaria aqui hoje.

É disso que ela precisa agora: a coragem e a determinação da pequena Irina, da de sua mãe e de sua avó. Da coragem de todas as mulheres, de todas as suas antepassadas. Examina a chave inglesa mais uma vez. Pesada. Tem uns dezoito centímetros. Provavelmente alguém a esqueceu ali depois de consertar o boiler. Mais chance de ter sido um técnico do que um dos donos da casa. Eles não têm cara de quem conserta boiler. Não é o tipo de chave inglesa capaz de quebrar uma corrente, mas talvez seja grande o suficiente para quebrar a cabeça de alguém.

E isso é o que ela logo vai descobrir.

Sábado, 6:11

Rachel checa os alertas sobre desaparecidos, relatórios da polícia e o noticiário em busca de informações sobre uma criança sumida, e está o tempo todo de olho no espelhamento do computador dos Dunleavys.

O dia clareando. A hora da verdade. Tão tarde. Tão cansada.

Não caia no sono, não caia no sono, não caia no sono...

Ela fecha os olhos por alguns segundos.

Vazio.

Luz do sol.

Pássaros cantando.

Merda.

Que dia é hoje?

As horas são como anos, e os dias parecem décadas. Há quantos milênios ela está nesse maldito pesadelo?

Outra manhã. Aquela sensação no estômago, aquele arrepio na espinha, aquele pavor. Ninguém sabe o que é medo até ver o filho em perigo. Morrer não é a pior coisa que pode acontecer com uma pessoa. A pior coisa que pode acontecer a alguém é ver alguma coisa acontecendo com o seu filho. O nascimento de um filho transforma imediatamente qualquer um em adulto. O absurdo é o descompasso ontológico entre o desejo de significado e a incapacidade de encontrar significado neste mundo. O absurdo é um luxo fora do alcance dos pais com filhos desaparecidos.

Está sentada à mesa da sala de estar. Eli, o gato, mia ao seu lado. Há quase dois dias ninguém põe comida para ele.

Ela enche sua tigela, bebe uma caneca de café frio e vai para o deque. Veste então um casaco e segue pela trilha da bacia das marés até a casa dos Appenzellers.

O sol vai subindo sobre o Atlântico e sobre os casarões do leste da ilha. Seu iPhone toca. *Número desconhecido*. Ela sente um frio no estômago. O que será agora?

— Alô?

— Preciso de você! Vem pra cá! — grita Pete.

— Estou a dois minutos daí.

— Corre! Preciso de ajuda.

Rachel sai correndo e entra no Northern Boulevard. Com o coração disparado, desce o caminho até a praia e sobe a escada dos fundos da casa dos Appenzellers.

Não gosta nada de ver a porta aberta.

Entra.

Sobre a mesa da cozinha estão o .45 de Pete e uma bolsa que parece cheia de drogas. O que é isso? Será que Pete é usuário? Sua cabeça está a mil.

Será que ela pode confiar nele? Meu Deus, será que ele está metido nisso tudo?

Rachel acha que conhece Pete, mas até que ponto se conhece mesmo alguém? Ele é louco por Kylie, mas já foi preso algumas vezes, e ela nem sabe muito bem o que ele andou fazendo nesses anos todos desde que saiu dos Fuzileiros.

Ela balança a cabeça. Não, Deus do céu. É o Pete! É paranoia da sua cabeça. A Corrente não tem nada a ver com Tammy nem com Pete.

Mas e as drogas? Isso é muito sério. Ela terá de...

— Rachel! Aqui embaixo! Bota a touca.

Ela coloca a touca ninja e desce correndo a escada do porão.

Pete está segurando Amelia, envolta numa toalha, tremendo e se contorcendo. Há cereal derramado no chão.

— O que foi que aconteceu?

— Eu dei Rice Krispies pra ela. Achei que estivesse tudo bem! Não li as letrinhas miúdas. Diz que pode conter vestígios de nozes e castanhas.

— Meu Deus!

— A caneta de adrenalina só chega daqui a algumas horas — revela Pete, em pânico.

Os lábios de Amelia incharam, e ela apresenta uma palidez cadavérica. Há espuma nos cantos da boca da menina e sua respiração é curta e ofegante.

Rachel toca a testa da menina com as costas da mão.

Febre.

Levanta sua blusa.

Urticária.

Rachel abre a boca de Amelia e a examina. Não há obstrução. A língua não está inchada. Ainda.

— Está com dificuldade pra respirar, Amelia? — pergunta Rachel.

— Está conseguindo respirar? Me responde.

Amelia faz que sim com a cabeça.

— O que a sua mãe faz quando você fica assim?

— Médico.

Ela está coberta de suor, a respiração vai ficando mais penosa.

— Temos que levar essa menina pra um hospital — diz Pete.

Rachel se vira para ele. No que ele está pensando? Hospital? Não há a menor possibilidade de eles levarem Amelia a um hospital. Se fizerem isso, o jogo acabou e Kylie está morta.

— Não — diz ela.

— Ela está tendo uma reação alérgica — fala Pete.

— Estou vendo.

— Ela precisa de um médico. Não temos a caneta de adrenalina aqui.

— Nada de médico — insiste Rachel. — Vou ficar com ela no colo.

Ela pega a menina e Pete finalmente entende.

— Tem certeza?

— Tenho. Já decidi.

Uma decisão terrível, que a Corrente a obrigou a tomar.

Ou a menininha morre ali mesmo em seus braços ou, de alguma forma, vai melhorar.

— Vou ficar aqui com ela. E você vai se virar e arrumar uma caneta de adrenalina!

— Como?

— Assalta a porra de uma farmácia! Sei lá. Vai!

Pete sobe as escadas correndo.

— Vou deixar a arma com você — diz, da cozinha.

— Tá bom. Vai logo!

Ela escuta a porta dos fundos bater.

Está embalando Amelia.

— Médico — diz a menina.

— Sim, meu bem — retruca Rachel.

Não vai ter médico nem hospital.

Se a menina morrer, ela e Pete abandonam a casa e tentam de novo. A polícia vai encontrar uma menininha morta acorrentada a uma pilastra, coberta de saliva e vômito, cercada de bonecas, brinquedos e jogos. Será uma das mais cruéis cenas de crime que jamais terão visto.

O rosto de Amelia está pálido. Os olhos, vidrados. Ela começa a tossir.

Ir a um hospital poderia salvá-la.

Um paramédico do Corpo de Bombeiros de Newburyport poderia salvá-la.

Mas Rachel não vai chamar paramédicos, nem médico, nem hospital nenhum. Isso serviria apenas para matar Kylie. Se tiver de escolher entre Amelia e Kylie, ela vai escolher Kylie.

Rachel começa a chorar.

— Tenta respirar mais devagar — diz ela para Amelia. — Devagar, com calma, inspira profundamente.

Ela sente o pulso de Amelia. Está ficando mais fraco. A garotinha está esverdeada. A pele está ensopada, como se ela tivesse saído do banho.

— Eu quero o papai — geme Amelia.

— A ajuda já está chegando. Eu juro.

Rachel continua embalando a menininha nos braços. Ela está morrendo. Amelia está morrendo e não há nada que Rachel possa fazer.

Quem sabe um anti-histamínico ajude. Talvez tenha alguma coisa lá em cima, no armário de remédios.

Ela pega o celular e pesquisa no Google *alergia a amendoim e anti-histamínicos*. O primeiro artigo que aparece diz que não é para dar anti-histamínicos a uma criança com uma reação alérgica grave, pois esse tipo de medicamento não trata a anafilaxia e pode piorar as coisas.

— Vamos lá, Pete — diz Rachel em voz alta. — Vamos.

Amelia está mole e quente, com espuma saindo dos lábios.

— Mamãe — chama ela, gemendo de novo.

— Está tudo bem — mente Rachel. — Está tudo bem.

Ela aperta a menina bem forte contra o corpo.

Os minutos vão passando. Amelia não melhora, mas não piora.

A casa está em silêncio.

Ela ouve as gaivotas, o mar, um *toc-toc-toc*...

Ähn?

Ela se senta no colchão para ouvir melhor.

Ouve mais uma vez o *toc-toc-toc*.

Mas o que é isso?

— Elaine? — chama alguém.

Tem alguém batendo à porta da casa.

Alguém lá em cima.

Uma mulher.

Ela deita Amelia no colchão, sobe a escada do porão sem fazer barulho e vai engatinhando até o corredor.

Toc-toc-toc de novo. E outra vez ela escuta:

— Elaine? Você está em casa?

Rachel está deitada, imóvel, no chão do corredor.

— Elaine? Tem alguém em casa?

A vozinha de Amelia se faz ouvir pela porta aberta do porão.

— Mamãe...

— Elaine? Pessoal, vocês estão em casa?

Rachel vai se arrastando até a cozinha.

A bolsa com drogas não está mais ali, mas Pete deixou o .45.

Rachel o apanha na mesa da cozinha e segue sorrateiramente para a sala. Tem mesmo uma cretina lá fora. Mesmo se Elaine estivesse em casa, não ia gostar que alguém estivesse batendo a sua porta às seis e meia da manhã.

— Ããã... — geme Amelia.

Com o coração na boca, Rachel desce a escada furtivamente, quase escorregando e quebrando o maldito pescoço. Corre até Amelia e bota o dedo em seus lábios

— Shhh — faz Rachel.

— Elaine, você está aí ou não? — insiste a voz na porta. — Achei que tivesse visto movimento aí dentro!

Amelia geme mais alto, e Rachel não tem escolha senão tapar a boca da menina. Amelia não consegue respirar direito pelo nariz. Começa a se debater, mas está fraca demais para opor resistência.

— Shhh — repete Rachel. — Calma. Está tudo bem, está tudo bem.

E a aperta contra o peito.

O barulho lá em cima cessou.

Passam-se dez segundos.

Quinze.

Vinte.

Trinta.

— Acho que não tem ninguém em casa — diz a voz lá fora.

Rachel ouve a mulher descendo a escada da varanda, e, instantes depois, escuta o pesado portão da frente sendo fechado. Ela tira a mão da boca de Amelia e a menininha arfa, desesperada por ar.

Rachel sobe correndo e vai até a janela do térreo. A bisbilhoteira é uma idosa de galochas e capa de chuva roxa.

— Meu Deus — diz Rachel para si mesma.

Completamente exausta, ela se senta no chão, esperando a chegada da polícia.

Como eles não chegam, ela volta ao porão para ficar com Amelia.

A menina parece um pouco melhor. Ou será que é porque Rachel quer muito isso?

Ela liga para Pete, mas ele não atende.

Então espera dois minutos e liga de novo. Nada.

Onde é que ele está? Que diabos está fazendo?

Tinha drogas naquela bolsa mesmo? Será que ele está chapado? Ela sabe que Pete passou um tempo na clínica dos veteranos em Worcester no último ano, mas não perguntou o que havia acontecido. Pete nunca foi de falar muito, e ela não queria pressioná-lo.

Onde é que ele está?

Será que abandonou as duas ali?

Amelia está deitada ao lado dela agora, tossindo.

Rachel a acomoda no saco de dormir e passa os braços ao redor dela, como uma mãe faria. Acaricia sua testa e a embala.

— Vai dar tudo certo, meu bem — diz com suavidade. — Querida, eu juro que daqui a uma hora ou duas você vai estar bem.

Rachel a embala, conversando com ela e ao mesmo tempo se sentindo a maior fraude do mundo. Cinco minutos se passam em câmera lenta. Ela chegou a pensar em deixá-la morrer. Estava preparada para deixá-la morrer. Ela a deixaria morrer se...

PÃ-PÃ-PÃ.

PÃ-PÃ-PÃ.

PÃ-PÃ-PÃ.

Rachel se arrasta de novo até o alto da escada.

PÃ-PÃ-PÃ.

PÃ-PÃ-PÃ.

PÃ-PÃ-PÃ.

Na ponta dos pés, vai até o quarto do segundo andar e olha pela janela.

É um policial de Newburyport.

A velha que veio até aqui atrás de Elaine chamou *mesmo* a porra da polícia.

— Tem alguém aí? — pergunta o policial, batendo mais uma vez.

Rachel prende a respiração. Se por acaso Amelia conseguir gritar, o policial certamente vai ouvir.

— Alguém em casa? — insiste o homem.

Ele olha pela fenda da caixa de correio e examina as janelas. Rachel se esconde atrás da cortina. Se estiver desconfiado, ele vai arrombar a porta. E aí?

Se Rachel atirar nele, não vai resolver o problema. Outros policiais vão aparecer para investigar. E depois outros. E o sequestro terá ido por água abaixo, e Kylie vai morrer. Mas, se ele encontrar Amelia, Rachel vai ser presa e Kylie morta.

O policial recua alguns passos e observa a lateral da casa. Se vir a janela que foi tapada recentemente com um tapume...

Rachel desce a escada correndo.

Amelia continua gorgolejando no porão. Um terrível som de quem está sufocando.

Talvez esteja até tendo uma parada cardíaca agora. Rachel atravessa a cozinha correndo, enfiando o .45 na parte de trás da calça. Precisa dar um jeito nesse policial. Se a brincadeira acabar, Kylie está morta. Simples assim.

Rachel sai pela varanda dos fundos e segue pelo caminho de areia até chegar à frente da casa.

— Ei, você aí! — grita ela, da rua.

O policial se vira para ela. Ela o reconhece. Já o viu alguma vezes

na sorveteria de Ipswich. Certa vez ele multou Marty por eles terem estacionado perto demais do hidrante em frente a uma barraca de hortaliças. Ele tem 20 e poucos anos. Kenny não sei o quê.

— Oi — responde o policial.

— Você veio porque eu chamei? — pergunta ela.

— Você chamou a polícia?

— Elaine Appenzeller pediu pra eu ficar de olho na casa enquanto ela está na Flórida. Eu vi uns garotos brincando por aí. Mandeí eles caírem fora e ameacei chamar a polícia. E aí...

— Eles não foram embora? É isso?

— Não. Mas agora eles foram, claro. Agora que você está aqui. Desculpa. Não devia ter chamado, não é? Quer dizer... Eles estavam invadindo a propriedade. Isso é contra a lei, certo?

— Como eles eram?

— Ah, não, não tem necessidade de nenhuma investigação! Eram só meninos de 10 anos. Olha... desculpa. Eu só estava querendo assustar os garotos quando disse que ia chamar a polícia, mas aí eles ficaram me encarando, do jeito que a garotada dessa idade faz... Aí eu falei “Vou apertar o número”, e devo ter apertado mesmo...

Kenny sorri.

— A senhora fez o que devia fazer. Não sei se dá pra responsabilizar meninos de 10 anos por invasão, mas, se ninguém fizer nada a respeito, o passo seguinte é arrombar e invadir propriedades. A senhora nem imagina quantos desses casarões de veraneio são invadidos na baixa temporada.

— É mesmo?

— Se é. Em geral é garotada mesmo, claro. São pouquíssimos os casos de arrombamento de verdade... muitas vezes eles usam as casas pra consumo de drogas ou pra propósitos imorais.

— Propósitos imorais?

Kenny fica vermelho.

— Sexo — explica.

— Ah!

Os dois ficam se olhando.

— Bom, vou só ver se a porta da frente e a dos fundos estão trancadas e depois vou embora — diz ele.

Rachel não pode deixá-lo fazer isso. A porta dos fundos vai entregar tudo.

Ela se pergunta se Amelia ainda está viva lá embaixo no porão. Ela se pergunta como a Rachel de agora é capaz de pensar numa coisa dessas com tanta frieza e indiferença. A Rachel de ontem estaria com o coração partido. Mas a Rachel de ontem está morta e desaparecida.

Ela puxa o fio solto do suéter vermelho e apalpa o .45 nas costas. A arma do policial está no coldre. Ela podia obrigá-lo a entrar na casa

sob a mira da arma e executá-lo, então tirar Amelia de lá e levá-la para outro esconderijo.

— A gente já não se viu algumas vezes em Ipswich, na sorveteria White Farms? — pergunta então.

— É, costume ir lá — responde ele.

— Sou doida pelos crocantes. Qual o seu sabor favorito?

— Framboesa.

— Nunca experimentei.

— É muito bom.

— Sabe qual sabor eu nunca experimentei mas tenho vontade? O Escandaloso. Aquele que tem um pouco de tudo.

— É, sei qual é. Meio pesado.

— Quem sabe, se você não estiver fazendo nada, sei lá... — diz ela e sorri.

Kenny é meio lerdo para entender as coisas, e Rachel imagina que não seja todo dia que uma mulher mais velha e razoavelmente atraente dá em cima dele, mas o rapaz acaba entendendo que ela está flertando com ele. Na verdade, deve estar pensando que ela inventou essa história toda dos garotos no jardim só para que ele viesse até aqui.

— Se quiser me dar seu telefone, eu...

— Sim — responde Rachel. — Essa semana não dá, mas semana que vem, se você não estiver muito ocupado... Ou então a gente pode sair pra beber alguma coisa ou algo assim. Quer dizer, se estiver muito frio pra tomar sorvete — acrescenta, abrindo seu melhor sorriso.

Kenny sorri também.

— Tem papel e caneta? — pergunta ela, percebendo que ele não tem. — Na viatura?

Ela o acompanha até o veículo, acidentalmente tocando seu braço algumas vezes. Então lhe dá o número de seu telefone e lhe agradece.

— Vou verificar as trancas. De qualquer maneira, tenho que entrar pra colocar comida pros peixes — diz Rachel.

— Posso ir com você — Kenny se oferece.

Ela balança a cabeça.

— Não precisa, eu me viro sozinha, tenho um coração de leão... e acabei sendo proibida de entrar no zoológico de Boston por isso.

Kenny nunca tinha ouvido essa antes e acha graça. Ele entra na viatura e Rachel novamente sorri, acenando, quando ele dá a partida.

Quando o carro está fora de vista, ela corre até a porta dos fundos, entra pela cozinha e desce para o porão, colocando a touca ninja.

— Aguenta firme, querida! Aguenta firme!

Amelia está coberta de urticária e suor, mas, por incrível que pareça, está viva.

Mas para lá do que para cá.

— Ai meu Deus, meu bem, aguenta firme. Só mais um pouquinho.

Amelia está babando, e respira com cada vez mais dificuldade.

Rachel a retira do saco de dormir.

Ela está ardendo em febre. Revirando os olhos.

A respiração vai ficando mais lenta, cada vez mais e mais devagar, até parar completamente.

— Amelia?

Ela não está respirando. Meu Deus do céu! RCP. Como é que a gente...

Rachel se lembra do que é preciso fazer e começa a respiração boca a boca.

Inspira profundamente e expelle o sopro de vida de volta para Amelia. Uma vez, duas.

Ela muda de posição e pressiona o peito de Amelia rápido e com força, trinta vezes.

A menininha está respirando de novo, mas agora ela precisa de ajuda. Rachel digita o número da emergência, mas não pressiona “ligar”.

Um telefonema e os paramédicos virão salvar a vida de Amelia.

Vão salvar Amelia e condenar sua filha à morte.

Ela aperta o iPhone com tanta força que chega a pensar que o vidro pode rachar.

O rosto de Amelia.

O rosto de Kylie.

Não. Ela não pode fazer isso. Soluçando, no piso de concreto, coloca o celular no chão.

Sábado, 7:27

A porta no alto da escada do porão se abre.

— Café da manhã na hora certa hoje — diz o homem, descendo os degraus com um jarro de suco de laranja, torradas e uma tigela de cereal. Kylie procura a arma e lá está ela, presa à frente na cintura da calça, algo que o tio Pete costuma dizer que ninguém jamais deveria fazer com armas de fogo.

— Está acordada? — pergunta o homem.

— Estou — responde Kylie, sentando-se no saco de dormir.

— Ótimo. Gosta de geleia? Eu adoro. Nunca tinha comido até ir a Londres há alguns anos. Comi geleia com torrada no meu café da manhã.

— Sim, gosto sim. Minha mãe às vezes compra.

— Torradas, manteiga do Maine — de vacas alimentadas com pasto, é claro, pensa ela —, cereais e suco de laranja. Já dá para forrar o estômago.

Ele deposita a bandeja no chão.

De propósito, ela deixou *Moby Dick* aberto no chão, com as páginas voltadas para baixo, a dois quintos do fim. Kylie sabe que ele vai pegar o livro, impressionado.

— Caramba, você está indo muito bem. Já passou da metade...

Quando ele se abaixa, Kylie bate com a chave inglesa em sua cabeça. O fato de ele estar usando uma touca ninja facilita as coisas, porque ela pode fingir que não está agredindo um ser humano. O homem dá um gemido, e ela o golpeia de novo.

Ele cai para a frente e, com um baque meio patético, se estatela na beira do colchão.

Ela não tem a menor ideia de que parte do crânio atingiu, mas sabe que o golpe funcionou. Ele apagou.

Agora sabe que precisa correr contra o tempo.

Precisa virá-lo de barriga para cima, pegar a chave das algemas no bolso dele, livrar-se delas e subir correndo a escada.

Lá fora pode haver um cão, ou a mulher pode estar lá, ou pode haver qualquer outra coisa... Ela estará com a arma. Terá de atirar. Se não houver ninguém lá fora, terá de correr direto para a cerca o mais rápido possível. Se estiver na região de New Hampshire onde acredita estar, o terreno será lamacento e pantanoso, mas, se seguir em direção a leste, chegará à I-95 ou à Rota 1 ou ao mar. E precisará continuar correndo sem parar, mesmo que eles gritem para ela parar.

O sujeito é pesado, mas ela consegue virá-lo de barriga para cima, empurrando o peito suado e as axilas cheirando a cebola.

Tira a arma do cinto dele e procura a chave das algemas em todos os bolsos.

Nada de carteira, nem de identidade, nada, muito menos qualquer chave.

Ela procura de novo, só para ter certeza. Ele está com uma calça marrom antiquada com bolsos fundos que estão completamente vazios. Não há bolsos traseiros, mas a camisa tem um bolso na frente. Seria o lugar perfeito para esconder a chave da alga.

Claro!, pensa ela, mas também não tem nenhuma chave ali também. *Droga!*

Plano B, então. Kylie examina a arma. Seis balas no tambor. *Ok*, pensa ela, *agora é só ele acordar*.

Um minuto se passa.

Dois.

Ai meu Deus, será que ela o matou? Ela só bateu na cabeça dele com a chave inglesa. Nos filmes ninguém morre assim. Ela não queria matá-lo...

O homem começa a se mexer.

— Ai, minha cabeça — reclama ele, com um sorriso débil. — Bem no cocuruto. Me pegou direitinho.

Ele solta um gemido, e, depois de alguns segundos, se senta e olha para ela. Kylie está com a arma na mão. O revólver carregado.

— Bateu na minha cabeça com o quê? — pergunta ele, gemendo e enfiando as mãos sob a touca ninja para esfregar os olhos.

— Achei uma chave inglesa no chão — responde Kylie.

— Que chave inglesa?

Kylie levanta a chave inglesa com a mão esquerda.

— Ah, meu Deus! Como foi que não vimos isso?

— Estava debaixo do boiler.

— Impossível! Eu chequei o porão todo.

— Mas você tinha que estar num certo ponto em determinado momento do dia pra ver. Eu me lembrei do que o Howard Carter falou quando achou a tumba de Tutancâmon. É preciso estar olhando, e não apenas vendo.

O sujeito faz que sim com a cabeça.

— Interessante. Você é muito inteligente, Kylie. Muito bem, então o que deveria acontecer agora no seu plano?

— Eu te revistei. Você não está com a chave das algemas, mas *ela* deve estar. Quero que você grite pra ela daqui pra que ela traga a chave.

— E se eu não fizer isso?

— Eu atiro em você.

— E você acha que é capaz de fazer isso?

— Sim. Acho que sim. Meu tio Pete me levava pra praticar tiro ao alvo de vez em quando. Eu sei atirar.

— Mas é diferente... atirar num alvo, num pedaço de papel... e numa pessoa...

— Vou dar um tiro na sua perna pra mostrar que estou falando sério.

— E depois?

— Ela vai me dar a chave e eu vou embora.

— E por que ela deixaria você ir embora?

— Porque senão eu mato você — responde Kylie. — Mas eu sei que vocês não queriam fazer isso tudo, então vou fazer uma promessa. Depois que eu sair daqui, vou falar pra minha mãe que não me lembro de nada. Vou esperar vinte e quatro horas pra dizer à polícia onde fica essa casa. Vocês vão ter um dia inteiro pra fugir pra onde quiserem. Pra qualquer país onde não tenha... ééé... um desses...

— Tratados de extradição?

— Isso.

O homem balança a cabeça, pesaroso.

— Sinto muito, Kylie. Valeu a tentativa, mas não é assim que funciona. A Heather não está nem aí pra mim. Ela deixaria você atirar em mim. Deixaria você meter quantas balas quisesse em mim.

— Claro que ela vai se importar! Chama ela. Diz pra ela trazer a chave!

— Não. — Ele suspira. — Há muitos anos ela não está nem aí pra mim, se é que algum dia esteve. O Jared é filho dela do primeiro casamento. Eu fui uma espécie de... quebra-galho, eu acho. Um quebra-galho a quem ela acabou ficando presa. Eu amo a Heather, mas acho que o sentimento nunca foi recíproco.

Kylie faz um registro mental dos dois nomes que ele deixou escapar por estar atordoado, Heather e Jared. Informações que podem vir a ser úteis, mas, no momento, ela precisa é se mandar dali.

— Não tô nem aí pra nada disso, meu senhor. O que eu quero é sair daqui. E não estou blefando.

— Não acho que você esteja blefando. Você parece mesmo uma mocinha bem determinada. Devia puxar o gatilho.

— Eu vou mesmo.

— Pois então puxe.

Ela se levanta, aponta o revólver para o joelho do homem e puxa o gatilho do jeito que seu tio Pete lhe ensinou.

O cão bate no percussor. Ouve-se um clique, e, depois, silêncio. Ela puxa o gatilho de novo. O tambor gira; o cão recua e cai sobre outro percussor. Outro clique, novamente seguido de silêncio. Ela puxa o gatilho mais quatro vezes até passar pelas seis balas da arma.

— Não estou entendendo — diz.

O homem estende o braço e toma a arma dela. Abre o revólver e lhe mostra os seis reluzentes cartuchos *vazios* de metal que colocou nela.

Sábado, 7:35

Ouve-se um barulho lá em cima na cozinha.

Será que o policial voltou?

Rachel pega a arma e aponta para o alto da escada do porão.

— Quem é? — pergunta.

Ela mira com a arma. Prende a respiração.

Pete desce a escada correndo.

— Consegui a caneta de adrenalina. Chegou e estava no posto de coleta! — diz ele.

— Graças a Deus!

Rachel recua enquanto Pete aplica a injeção na perna de Amelia. O efeito é quase imediato. Parece um milagre. Amelia arfa e começa a tossir.

Ela tosse, aspira o ar, tosse de novo.

Pete lhe dá água e ela bebe, ofegante.

Ele toma seu pulso.

— Voltando ao normal. E ela está respirando melhor.

Rachel assente, sobe a escada, encontra o armário de bebidas dos Appenzellers e se serve de uma generosa dose de uísque.

Bebe e volta a encher o copo.

Quarenta e cinco minutos depois, Pete vem ao seu encontro.

— Como ela está? — pergunta Rachel.

— Bem melhor — responde ele. — A febre baixou bastante.

— Ela estava muito mal. Acho que até parou de respirar.

— Foi culpa minha. Eu não verifiquei o cereal.

— E eu ia deixar a menina morrer, Pete.

Pete balança a cabeça, mas sabe que ela teria feito isso mesmo, e ele provavelmente também.

— Virei um deles — sussurra Rachel.

Eles se entreolham por um instante. Os olhos de ambos contam a mesma história: vergonha, cansaço, medo.

— Quando você saiu, uma mulher veio até aqui atrás da Elaine

Appenzeller. Ela foi embora, mas chamou a polícia — conta Rachel.

— A polícia veio aqui?

— Veio.

— Fomos descobertos?

— Acho que não. Eu flertei com o policial, e acho que ele deve estar pensando que eu sou uma coroa oferecida que manda alarmes falsos pra polícia só pra conseguir transar.

— Você não é coroa — retruca Pete com um sorriso, tentando melhorar o clima.

Provavelmente eu estou morrendo, Pete, pensa Rachel, dá para ser mais coroa do que isso?

— Então Amelia está bem?

— Sim, está melhorando.

— Vou lá embaixo dar uma olhada nela.

A respiração e o estado geral de Amelia só voltam plenamente ao normal depois de uma hora e meia. Se um simples vestígio de frutos de casca rija fez isso com ela, uma quantidade maior certamente a teria matado.

— Por que vocês estão sempre com essas máscaras? — pergunta Amelia.

— É pra que, quando a gente te devolver pra sua mamãe, você não seja capaz de dizer pra ela como a gente era — responde Rachel.

— A mamãe não sabe como vocês são?

— Não.

— Se você for amiga dela no Facebook ela vai saber — Amelia resolve o problema.

— Quem sabe... Quer uma caixinha de suco?

— É de maçã?

— É — diz Rachel, entregando-lhe o suco.

— Detesto suco de maçã. Todo mundo sabe que eu detesto suco de maçã. — Amelia suspira e joga a caixinha de suco longe, e depois joga também o cavalo de Lego com que brincava. Ele se desfaz em meia dúzia de pedaços. — Odeio esse lugar e odeio você! — berra.

— Você não pode falar alto, querida — diz Rachel. Eles tinham resolvido a questão do isolamento acústico, mas mesmo assim...

— Por quê?

— Porque senão a gente vai ter que botar fita isolante na sua boca, pra você ficar quieta.

Amelia olha para ela espantada.

— E como eu iria respirar?

— Pelo nariz.

— Você vai fazer isso mesmo?

— Vou.

— Você é má.

Rachel concorda com ela. A garotinha tem razão. Ela é má. Tão má que estava disposta a deixá-la morrer ali mesmo.

Rachel pega um celular descartável na bolsa.

— Quer falar com a mamãe? — pergunta.

— Quero! — responde Amelia.

Rachel digita o número de Helen Dunleavy.

— Alô? — diz Helen com voz de medo e cansaço.

— Quer falar com a Amelia?

— Sim, por favor.

Ela põe o celular no viva voz e o entrega à menina.

— Meu amor, é você? — pergunta Helen.

— Mamãe, quando eu vou pra casa?

— Logo, logo, meu bem. Não vai demorar.

— Eu não gosto daqui. É escuro, e eu tô com medo. Quando o papai vem me buscar? Não tô me sentindo bem. Aqui é chato.

— Não vai demorar, meu amor. Ele vai te buscar logo.

— Eu vou ter que perder muitas aulas?

— Acho que sim. Não sei.

— Odeio essa corrente na minha mão. Odeio!

— Eu sei.

— Dá tchau pra mamãe — intervém Rachel, estendendo a mão para pegar o celular.

— Tenho de ir agora — diz Amelia.

— Tchau, meu amor. Eu te amo!

Rachel pega o telefone e começa a subir a escada.

— Como você pôde ver, ela está bem e em segurança. Por enquanto. Você precisa andar logo com as partes um e dois.

Rachel fecha a porta do porão e segue para a cozinha.

— Acho que conseguimos transferir o dinheiro essa noite — diz Helen.

— Transfere agora! E começa a procurar um alvo. Se for preciso, vamos matar a Amelia. Eu quero a minha filha de volta, e você está no meu caminho — diz Rachel e depois quebra o celular ao meio. Levanta a tampa traseira do aparelho, retira o cartão SIM e o pisoteia até que ele se parta em dois. Então joga os pedaços no saco de lixo que Pete deixou na cozinha.

Depois fica parada ali, tremendo de raiva e frustração.

Linhas horizontais de poeira pairam nos raios de luz do sol que entram pelas janelas vedadas. Ela ouve o mar quebrando na praia a quase cem metros dali, e lá embaixo a menina está murmurando sozinha.

Ela inspira, expira, inspira, expira. A vida é uma cascata de agora caindo um por cima do outro sem nenhum significado nem propósito. Dentre todos os filósofos, Schopenhauer foi o único que entendeu isso.

— Vou voltar pra casa — grita ela para Pete e, quando não vê mais ninguém por perto, sai pelos fundos e caminha pelas dunas. Sente vontade de chorar, mas já chorou tudo que tinha para chorar. Virou uma pedra. O Rochedo de Gibraltar. E de novo esse pensamento: a antiga Rachel se foi. Como Lady Macbeth, ela não tem mais lágrimas para chorar há uma eternidade. Ela agora é outra pessoa.

Sábado, 7:41

O homem leva alguns minutos para se recompor.

Kylie olha para ele sem acreditar.

Seu plano A já era; e o plano B, idem.

E ela não tem um plano C.

— Não estou entendendo... Por que você não carregou o revólver?
— pergunta ela finalmente.

— Você acha que eu seria capaz de apontar uma arma carregada pra uma criança? Eu? Se toda a minha vida profissional foi voltada pra... aai, minha cabeça. E ainda por cima depois daquele incidente com o... depois do que aconteceu quando pegamos você... Caramba. Ainda está latejando. Você bateu em mim duas vezes? Não foi pouca coisa, não. Agora seja boazinha e me dá essa chave inglesa.

Kylie entrega a chave inglesa ao homem, e ele a deposita na bandeja.

— Preciso confessar que eu te admiro, Kylie. Você é engenhosa, e também é determinada e corajosa. Se a situação fosse diferente, eu estaria torcendo pelo seu sucesso.

— Então, por favor, me deixa...

— Mas não fique pensando que eu sou um bundão ou que não estou falando sério. Estou falando muito sério. Já estamos muito perto do fim. E já passamos por muita coisa. Então eu acho que vou ter que te punir pra que você não faça nada assim de novo.

— Eu não vou fazer. Não tenho como.

— Agora é um pouco tarde pra você querer me prometer isso.

O homem se inclina para a frente e lhe dá um tapa tão forte que a corrente se retesa e Kylie gira, caindo no piso de concreto.

Um zumbido em sua cabeça.

Pontinhos brancos em seu campo de visão.

Escurecimento.

Uma elipse do tempo.

Pontinhos brancos de novo.

Dor.

Sangue escorrendo das narinas e da boca.

Onde ela está?

Num lugar com muito mofo.

Um sótão?

Um porão?

Um...

Isso mesmo.

Há quanto tempo ela está inconsciente? Um minuto? Dois? Um dia?

Quando abre os olhos, o homem já não está mais ali. Levou a chave inglesa e o revólver com ele. A bandeja continua ali.

Seu rosto está ardendo. A cabeça parece vazia.

Ela se senta. Se tentar ficar de pé, sabe que vai cair de novo.

Sua visão ainda está embaçada. A parede é um grande borrão colorido.

Gotas de sangue pingam do nariz no saco de dormir.

Ping. Ping. Ping.

Uma poça de sangue vermelho na lustrosa superfície de náilon, num formato parecido com o mapa da América do Sul.

Ela molha o dedo no leite da tigela de cereal. Ainda está gelado. Isso quer dizer que ela ficou inconsciente por apenas alguns minutos.

Ela começa a chorar. Sente-se tão sozinha e com muito medo. Abandonada pelo mundo inteiro, sem ideias, nem esperança, ou nenhum plano.

Sábado, 16:00

Rachel vai de carro até um shopping em New Hampshire e volta com um kit de primeiros socorros, bonecas, DVDs, uma tenda de montar de princesa e jogos. Pura culpa. Pura culpa depois do fato consumado. Agora Amelia está melhor. Jogou Serpentes e Escadas com Pete e comeu um sanduíche de presunto.

Eles montam a tendinha e colocam *Frozen, uma aventura congelante* no DVD portátil. E observam Amelia vendo o filme durante uma hora, até que o Wickr dá um alerta no celular de Rachel. Ela sobe para ver o que é.

Uma mensagem de 2348383hudykdy2.

O resgate dos Dunleavys foi pago, diz simplesmente a mensagem.

Rachel pega um dos celulares descartáveis e liga para os Dunleavys.

— Alô? — atende Helen.

— O resgate já foi pago. Você sabe o que fazer agora.

— Como é que a gente vai fazer isso? Isso é loucura. É impossível — diz Helen.

Uma breve discussão, e alguém fala:

— Não.

Mike Dunleavy pegou o telefone.

— Olha só, escuta aqui... — começa ele, mas Rachel o corta imediatamente.

— Passa o telefone pra sua mulher ou a sua filha morre — diz ela.

— Eu quero saber quem é...

— Coloca a sua mulher na linha agora, seu babaca! Estou com um revólver apontado pra cabeça da Amelia — grita ela.

Um segundo depois, Helen está de volta à linha.

— Desculpa...

— Você vai se arrepender, sua piranha cretina. Trata de fazer o que tem que ser feito ou você nunca mais vai ver a Amelia. Assim que tiver uma lista de alvos, manda pro contato no Wickr pra aprovação final — rosna Rachel, desligando.

Ela retira o cartão SIM do aparelho e o esmaga, junto com o celular, no chão da cozinha. Joga o celular quebrado no saco de lixo.

Minutos depois, acessa o espelhamento do computador da casa dos Dunleavys no laptop de Pete e vê que eles de fato estão olhando perfis no Facebook e no Instagram. Muito bem, é assim que se faz hoje em dia.

Pete vem subindo a escada.

— Novidades?

— Eles pagaram o resgate.

— Eles tinham como pagar. É a segunda parte...

— É... Como está a nossa menina?

— Está bem. Ainda está vendo filmes da Disney. Prometi jogar Operando com ela mais tarde.

Rachel faz que sim com a cabeça, distraidamente.

— Olha, Rachel, você pode ir pra casa. Vou ficar bem aqui — diz Pete.

— Não, vou passar a noite com a Amelia — insiste ela.

— Ela pediu que eu ficasse essa noite, e não você — explica ele com delicadeza.

— Por quê?

— Ela tem medo de você.

— Ahh.

— É melhor eu ficar. Estou acostumado com essas coisas. Passar a noite num saco de dormir no chão não é problema pra mim.

Rachel concorda.

— Acho que é isso então.

— É...

Eles se olham sem dizer nada. Rachel o observa. Ela sabe que tem alguma coisa errada, mas ainda não descobriu o que é. Alguma coisa a ver com aquela bolsa que parecia ter drogas?

— Você está bem, não está, Pete? — pergunta ela.

— Sim, estou bem — responde ele.

— Estou realmente contando com você.

— Estou bem. Eu te garanto — reforça ele.

Pete sabe que ela sabe. Já está quase na hora de ele arrumar um jeito de fazer de novo. Está precisando. Seu corpo está implorando. Ele achou que poderia usar a própria experiência para se forçar a parar, mas não é tão simples assim. Não é à toa que isso se chama vício.

Rachel, por fim, se levanta.

— Me liga — diz ela.

— Pode deixar.

Ela dá um triste adeus para ele e vai embora.

O mar fustiga as dunas e um vento frio e penetrante vem do norte sobre Rachel. Cai uma chuva de vento, e relâmpagos castigam os

rochedos de Dry Salvages, em Cape Ann.

Rachel vai para casa e pega uma Sam Adams na geladeira. Mas não fica satisfeita com uma cerveja. Ela enche meio copo com vodca e acrescenta água tônica. Pensa então na primeira ligação anônima. Aquela voz. Aquela história de os vivos serem apenas uma espécie dos mortos. Era o tipo de coisa que ela dizia aos amigos na época de caloura. Profundidade ao alcance de jovens. Como se quem quer que estivesse por trás da Corrente quisesse bancar o cinquentão maduro, mas fosse na verdade da sua idade ou até mais jovem.

Rachel imaginava que só mesmo depois de uma vida inteira alguém pudesse ser tão mau, mas não. *E você, Rachel? Uma sequestradora, torturadora de crianças, mãe incompetente. Tudo ao mesmo tempo. E lá no fundo do seu coração você sabe que teria deixado Amelia morrer. Havia a intenção, e é isso que importa na filosofia moral, na vida e perante a lei.*

Sua queda foi vertiginosa e rápida. Você está na jaula, despencando para o inferno. E vai piorar. Sempre piora. Primeiro vem o câncer, depois o divórcio, depois sua filha é sequestrada e você se transforma num monstro.

Domingo, 2:17

Mike e Helen Dunleavy eram tudo o que Rachel esperava que fossem. Apesar de todo o pânico e de toda a procrastinação da manhã de sábado, no sábado à tarde mesmo eles já tinham dado um jeito.

Escolheram um garoto de East Providence chamado Henry Hogg, menino cadeirante cujo pai era vice-presidente de uma empresa de petróleo, de modo que poderia pagar cento e cinquenta mil dólares sem pestanejar. Na noite de sábado, o pai de Henry estava num jantar do Rotary Club em Boston, e, às nove horas, a madrastra pegou o menino na casa de um amigo dele, a três quarteirões da sua casa. E foi empurrando a cadeira de rodas sozinha pelas ruas de Providence.

Os Dunleavys deram um jeito de fazer com que o menino nunca chegasse à sua casa.

Kylie não está sabendo de nada disso, mas, pouco depois da meia-noite de domingo, a porta do porão se abre e a mulher, Heather, manda a menina se levantar.

Rachel só fica sabendo disso quando seu telefone toca, às duas e dezessete da manhã de domingo.

Ela está em casa, enroscada no sofá, caindo no sono e acordando o tempo todo. Completamente destruída. Parou de comer, parou de tomar banho. Não consegue dormir por mais de alguns minutos.

A cabeça não para de latejar. O seio esquerdo dói.

O *I Ching* está aberto perto dela no hexagrama *hsieh*: liberação. Seus dedos repousam na frase *Matam-se três raposas no campo e recebe-se uma flecha amarela*. Será que a flecha amarela é um sinal de que sua filha está bem?

O telefonema a arranca do torpor e ela agarra o celular como se ele fosse um colete salva-vidas.

Número desconhecido.

— Alô? — diz Rachel.

— Rachel, tenho ótimas notícias pra você — diz a mulher que está com Kylie.

— Sim?

— Kylie será libertada dentro de uma hora. Ela vai receber um celular descartável e ligar pra você.

Rachel cai em prantos.

— Ai, meu Deus! Você está falando sério?

— Sim. E ela está bem. Não tocamos nela. Mas você não pode esquecer que tanto você como ela ainda correm sério perigo. Você precisa ficar com a sua vítima até receber o ok da Corrente. Se tentar desertar, eles te matam. Lembre-se da família Williams. Eles podem me mandar matar você e a Kylie, e eu vou fazer isso pra proteger o meu filho. Caso contrário, eles vão mobilizar os que estão acima de mim na Corrente pra me matar, matar você e os nossos filhos. Eles não estão de brincadeira. São gente do mal.

— Eu sei.

— Tive que resistir à tentação de soltar a Kylie quando o meu filho voltou pra casa são e salvo. Queria acabar logo com esse negócio, mas sabia que, se fizesse isso, ela, você, eu e o meu filho estaríamos correndo perigo.

— Juro que não vou botar ninguém em perigo. Onde está a minha Kylie?

— Vamos vender a sua filha e circular com ela de carro durante quarenta e cinco minutos, e depois deixá-la em algum ponto movimentado. Ela vai receber um celular pra te dizer onde está.

— Obrigada.

— Obrigada, Rachel, por não ter estragado tudo. Tivemos muito azar, mas agora acabou. Por favor, permita que isso acabe, não deixe as pessoas sob o seu comando estragarem tudo. Adeus, Rachel.

Ela desliga.

Rachel telefona para Pete na casa dos Appenzellers e lhe dá a notícia. Ele fica exultante.

— Não acredito. Espero que seja verdade.

— Também espero — diz Rachel. — Estou rezando pra isso.

— Eu também.

— Como está a Amelia?

— Está dormindo na tendinha.

— Melhor eu desligar.

— Vai me mantendo informado.

Passa-se uma hora.

Uma hora e quinze.

Uma hora e vinte.

Uma hora e vinte e cinco.

— Será que alguma coisa...

O iPhone de Rachel começa a tocar. *Número desconhecido.*

— Alô?

— Mamãe! — exclama Kylie.
— Kylie, onde você está?
— Não sei. Eles disseram pra eu esperar um minuto antes de tirar a venda. Eles foram embora, e eu estou aqui numa estrada, sei lá, no fim do mundo. Está escuro.

— Consegue ver alguma coisa?
— Parece que lá na frente tem uma estrada maior.
— Vai andando pra lá. Ah, Kylie, você está livre mesmo?
— Mãe, eu estou livre. Vem me buscar!
— Onde você está, querida? Assim que eu souber onde você está, vou te buscar.

— Acho que estou vendo uma placa da Dunkin' Donuts. É, sim. Tem uma Dunkin' Donuts. É um posto de gasolina com uma loja de conveniência. Dá pra ver daqui!

— Está aberto?
— Sim, acho que está.
— Vai até lá e pergunta onde você está. Não desliga, cuidado ao atravessar a estrada, e fica na linha.

— Não, eu preciso desligar, eles não carregaram o celular todo, só tem mais uma barrinha de bateria. Eu ligo do posto.

— Não! Kylie! Não desliga! Por favor!

O celular fica mudo.

— Não!

Cinco minutos de tensão, até que ele toca de novo.

— Mãe, eu estou na Rota 101, dentro da Dunkin' Donuts de um posto Sunoco.

— Em qual cidade?

— Não sei, mãe, e não quero perguntar de novo. É meio estranho eu aparecer aqui assim do nada a essa hora da noite e não saber onde estou.

— Meu Deus, Kylie. É só perguntar.

— Mãe, olha só, bota no Google. Eu estou em New Hampshire, na 101, bem na altura da I-95.

Rachel pesquisa no Google.

— É o Sunoco perto de Exeter?

— Sim. Tem uma placa indicando Exeter.

— Chego aí em vinte minutos! Você espera vinte minutos?

— Tá, mãe.

— Pede um copo de água se você não tiver dinheiro pra comprar comida.

— Não, eles me deram dinheiro. Vou comprar um donut e uma Coca. Pedi o meu celular de volta e eles falaram que não estava com eles.

— Nós achamos o seu celular — diz Rachel, correndo até o carro.

— Você pode trazer ele?

— Depois. Agora já estou no carro.

— O que você falou pro Stuart? — pergunta Kylie.

— Eu disse pra ele que você estava doente e falei pro seu pai que você tinha ido pra Nova York. Meu Deus do céu, Kylie, você está aí mesmo? Está voltando pra mim de verdade?

— Sou eu mesmo, mãe. Estou com fome. Vou comprar um donut. Ou até dois. Vou desligar e comprar um donut, mãe — diz Kylie.

— Não desliga! Vou chegar num minuto — diz Rachel, mas Kylie já havia desligado de novo.

A I-95 fica a poucos minutos de distância, e Rachel a percorre a cento e vinte por hora, praticamente a velocidade máxima do Volvo.

Com o Google Maps, ela chega ao desvio da 101 e lá, bem à sua frente, está o posto Sunoco.

Kylie está sentada sozinha a uma mesa à janela do Dunkin' Donuts. Os cabelos castanhos, o rosto cheio de sardas, a faixa prateada na cabeça. É ela!

Parece tão pequena e frágil sob aquela luz forte!

— Kylie! — grita Rachel.

Ela vira o carro, parando em uma vaga, abre a porta e sai correndo.

As duas se abraçam, em prantos.

Kylie não para de chorar. Rachel não para de chorar.

É de verdade mesmo.

Está acontecendo mesmo.

Sua menina voltou. O *I Ching* prometia uma flecha amarela quando tudo acabasse.

Não há nenhuma flecha amarela por ali, mas Kylie voltou paro o seu mundo.

Obrigada, meu Deus. Obrigada, Deus. Obrigada.

— Ah, mamãe. Achei que a gente nunca mais ia se ver — diz Kylie.

Rachel nem consegue acreditar. Não tem nem certeza se o mundo comporta todo o alívio e toda a felicidade que está sentindo.

— Eu sabia que ia ver você de novo! Sabia que ia ter você de volta — responde Rachel, apertando-a contra o peito. Apertando muito. Sua menininha, com seu cheiro de sempre. Ela está trêmula e fria. Deve estar com fome, e muito, muito assustada.

As lágrimas correm.

Rios de alívio e felicidade.

Uma alegria esquisita, exagerada, meio troncha.

— Está com fome? — pergunta Rachel.

— Não. Comi um donut, e eles me davam comida lá.

— O que eles te davam?

— Coisas normais. Cereais. Biscoito.

— Vamos. Vamos embora daqui. Vamos pra casa. Tio Pete está lá.

- Tio Pete?
- Sim, ele está me ajudando.
- Você não contou pro papai?
- Não.
- Por causa da Tammy?

Rachel assente.

— Eles disseram que, se eu contasse alguma coisa, a gente estaria correndo perigo — diz Kylie.

— Me falaram a mesma coisa. Vamos pra casa.

— Preciso ir ao banheiro — diz Kylie.

— Eu vou com você.

— Não, mãe, não. Está tudo bem.

— Eu não vou perder você de vista.

— Mãe, você não vai entrar no banheiro comigo. Eu volto num minuto.

Rachel a acompanha até o banheiro da Dunkin' Donuts e fica esperando na porta. É um desses banheiros unissex que comportam apenas uma pessoa de cada vez, de modo que não há como ter ninguém lá dentro para raptar Kylie e fugir com ela por uma janela ou algo parecido, mas, ainda assim, Rachel não suporta perder contato visual com ela, nem que seja por alguns segundos.

A caixa, uma mulher de meia-idade, olha para ela.

— Sua filha? — pergunta.

— É.

— Eu já ia chamar a polícia. Achei que ela estivesse fugindo...

Rachel sorri e manda uma mensagem para Pete dizendo que Kylie está bem.

— Tem que ficar de olho mesmo nessa idade — diz a mulher no caixa. — Adolescência é difícil. Eu sei muito bem disso. Tenho quatro filhas.

— E ela é a minha vida — responde Rachel.

A mulher assente.

— Não dá para perder os filhos de vista.

— Pode crer.

Kylie sai do banheiro e Rachel a abraça. As duas saem do posto de mãos dadas.

— Quero tomar um banho quente beeem demorado quando chegar em casa — diz Kylie assim que elas entram no carro.

— Claro. O que você quiser.

— Estou me sentindo imunda.

— Mas você está bem? Eles tocaram em você? Te machucaram?

— Não... sim. O homem, ontem. Que dia é hoje?

— Domingo de manhã, eu acho.

— Eu tentei fugir e ele me bateu — conta Kylie, sem rodeios.

— Meu Deus! Ele bateu em você!

— Sim. E o mais engraçado é que ele não era o pior. A malvada era ela. Ela era assustadora — conta Kylie e começa a chorar de novo.

Rachel lhe dá um abraço apertado.

— Vamos. Vamos embora daqui. Quero ir pra casa. Quero ver meu gato e o tio Pete — fala Kylie.

Rachel dá a partida, liga os faróis e rumo para o sul.

— Tem mais uma coisa, mãe — diz Kylie.

— O quê? — pergunta Rachel, esperando o pior.

— Não tenho muita certeza, mas acho que eles podem ter atirado num policial. Um policial parou a gente, e acho que eles atiraram nele.

Rachel faz que sim com a cabeça.

— Acho que li alguma coisa sobre um policial de New Hampshire ter levado um tiro na quinta de manhã.

Kylie engole em seco.

— E ele morreu?

— Não sei — mente Rachel.

— A gente precisa ir à polícia — diz Kylie.

— Não! É muito perigoso. Eles matam a gente. Eles vão caçar a gente. Você, eu, o Pete, seu pai, todos nós. A gente não pode falar nem fazer nada, Kylie.

— Então o que a gente faz?

— A gente não faz nada. Vamos ficar de boca fechada e tentar esquecer isso.

— Não!

— Não temos outra saída, Kylie. Sinto muito, mas é o único jeito.

Quando elas chegam a Plum Island, dez minutos depois, Pete está esperando pelas duas. Quando Kylie salta do carro, ele a abraça e a levanta e gira a sobrinha no ar.

— Lindinha, você está aqui! — diz ele, entrando em casa com ela.

Eli pula no sofá junto a Kylie, e ela o pega e começa a beijá-lo.

— Como está a?... — sussurra Rachel para Pete.

— Dormindo. Volto pra lá em cinco minutos. Só queria ver vocês — responde ele.

— Tio Pete — chama Kylie, estendendo os braços para mais um abraço.

Rachel se senta ao lado da filha e Pete se acomoda do outro lado. Eli se aconchega em seu colo. *É um milagre, é simplesmente um milagre*, pensa Rachel. Às vezes as crianças voltam, mas, muitas vezes, não. Principalmente as meninas.

— Você sabe tudo o que aconteceu? — pergunta Kylie a Pete.

— Sei. Ando ajudando a sua mãe.

— Abraço coletivo — pede Kylie, chorando de novo.

Pete abraça as duas.

— Nem consigo acreditar — diz Kylie. — Achei que ia ficar um milhão de anos lá.

Então os três ficam ali por alguns minutos, até que Kylie olha para os dois com um sorrisinho forçado e diz:

— Estou com fome.

— O que você quiser — declara Rachel.

— Pizza.

— Vou botar uma no micro-ondas.

Ela tenta se levantar para ir até a cozinha, mas Kylie não a solta.

— Você está bem, Kylie? — pergunta Pete. — Eles machucaram você?

— O homem me bateu depois que eu bati nele pra tentar fugir. Doeu muito.

— Merda — diz Pete, com os punhos cerrados.

— Você deve ter ficado apavorada — comenta Rachel.

Kylie começa a falar, e Pete e Rachel a ouvem.

Ela conta tudo aos dois.

Eles deixam que ela desabafe. Se ela quer falar, que fale. Kylie não é de se fechar, e Rachel é grata por isso. Ela acaricia os cabelos da filha e sorri ao ouvir seu relato de coragem.

Então vai preparar a pizza, e Pete volta à casa dos Appenzellers para ver como Amelia está.

Kylie sobe ao seu quarto para ver como estão suas coisas.

— Mãe, posso mandar mensagens pro Stuart e pros meus amigos agora? Será que está tudo bem se eu falar com eles? — pergunta Kylie.

— Sim, mas você vai ter que falar que teve um problema de estômago, tá?

— Tudo bem. E o que eu digo pro papai?

— Ai, droga. Aí já é outra história. Você tem que falar pro seu pai que foi a Nova York — diz Rachel, explicando a situação que ela inventou envolvendo o pai, Tammy e a avó.

— Preciso do meu celular!

Rachel vai buscá-lo.

— Eu não podia mandar mensagens fingindo que era você porque não sabia a sua senha.

— É superóbvia: um-dois-nove-quatro.

— Como assim?

— É o aniversário de Harry Styles! Caraca, tem um milhão de mensagens!

— Você tem que dizer pra todo mundo que estava doente.

— Pode deixar. Mas segunda eu quero ir pra escola. Que dia é amanhã?

— Segunda.

— Quero ir pra escola.
— Não acho que seja uma boa ideia. Quero levar você num médico.
— Eu estou bem. Quero ir pra escola. Quero encontrar todo mundo.
— Tem certeza?
— Não quero ficar confinada numa casa de novo.
— Bom, agora não tem mais essa história de ônibus escolar. Não sei onde eu estava com a cabeça.
— Ah, cadê o meu coelhinho de pelúcia? Cadê o Marshmallow?
— Vou trazer ele de volta hoje à noite.
— Ele não sumiu?
— Não.

Kylie manda mensagens para os amigos, que provavelmente estão dormindo. Ela e Rachel se deitam na cama para ver seus cliques favoritos no YouTube: “Take On Me”, do A-Ha, a dança do peixe na cara do Monty Python, meia dúzia de vídeos do grupo de rap Brockhampton, o trecho de *Diabo a quatro* em que Groucho Marx desconfia do próprio reflexo.

Kylie toma um banho e diz que quer ficar um pouco sozinha, então, meia hora depois, quando Rachel vai ver como a filha está, a menina está dormindo profundamente. Rachel desmorona no sofá e chora.

Pete volta às seis da manhã e bota algumas toras de madeira na lareira.

— Tudo bem por lá? — pergunta Rachel.

— Amelia ainda está dormindo.

Pete prepara um bule de café, e os dois se sentam em frente à lareira.

Tudo parece normal de novo. Barcos de pesca rumando para o rio Merrimack. Bernstein tocando na WCRB. O *Globe* sendo jogado num invólucro de plástico na frente da casa.

— Nem acredito que ela está em casa — comenta Rachel. — Cheguei a pensar que nunca mais veria a minha filha.

Eles observam a lenha ficar esbranquiçada e se transformar em cinzas. O celular de Rachel toca. *Número desconhecido*. Ela atende no viva voz.

É a voz distorcida. É a Corrente falando diretamente com ela:

— Eu sei o que você está pensando. É o que todo mundo pensa quando tem a pessoa que ama de volta. Você acha que pode libertar seu refém e acabar com isso. Mas a verdade é que você não pode lutar contra a tradição. Sabe o que é uma tradição, Rachel?

— Como assim?

— Uma tradição é um argumento vivo. Um argumento vivo em favor de uma prática que começou há muito tempo. E que funciona na nossa tradição particular. Se você resolver bancar a esperta com a Corrente, pode ter certeza de que ela vai pegar você e a sua família.

Não adianta ir pra Arábia Saudita, pro Japão ou pra qualquer lugar. Nem mudar de nome ou assumir outra identidade. A gente sempre vai dar um jeito de te encontrar.

— Já entendi.

— Entendeu? Espero que sim. Porque ainda não acabou. Só vai acabar quando as pessoas que você recrutou fizerem o que têm que fazer sem bancar os espertinhos e as que elas tiverem recrutado também fizerem o que precisam fazer sem estragar tudo. Tem alguns anos já que não temos nenhuma deserção na Corrente, mas pode acontecer. As pessoas acham que podem derrotar o sistema. Mas não podem. Ninguém é capaz disso, nem você vai ser.

— A família Williams.

— Houve outras tentativas também. Ninguém nunca conseguiu.

— Vou cumprir a minha palavra.

— É melhor mesmo. Transferimos dez mil dólares pra sua conta hoje de manhã, dez por cento do que os Dunleavys pagaram. Tiramos da mesma carteira Bitcoin na qual eles depositaram. Você jamais teria como explicar isso pras autoridades. Mesmo se você conseguisse escapar dos nossos assassinos, algo que até hoje ninguém nunca conseguiu, a gente divulgaria todas essas informações e você seria presa. Não faltam provas pra incriminar você como o gênio por trás de uma sofisticada quadrilha de sequestradores. Você é inteligente. Consegue ver o quadro todo, não consegue?

— Sim, consigo.

— Ótimo — diz a voz. — Provavelmente não vamos voltar a nos falar. Adeus, Rachel, foi um prazer fazer negócio com você.

— Não posso dizer o mesmo.

— Podia ter sido pior. Podia ter sido muito pior.

Quando a ligação é encerrada, Rachel estremece e Pete a abraça. Ela está muito pálida, magra e frágil, e seu coração bate depressa. Como um pássaro ferido colocado numa caixa de sapato para que se cuide dele até que se recupere, na esperança de que um dia volte a voar.

Domingo, 16:00

Kylie finalmente desce a escada. Tem numa das mãos seu iPad e, na outra, o celular. Eli está encarapitado em seu ombro.

— Recebi mais de cento e cinquenta notificações no Facebook, no Instagram e no Twitter — diz, tentando parecer animada.

Rachel sorri. Lá se vão suas esperanças de radicalizar totalmente e acabar com essa história de redes sociais. Kylie sorri para a mãe. *Nós duas fingindo uma para a outra*, pensa Rachel.

— Você é uma garota popular — diz Rachel.

— Falei com o Stuart. Parece que todo mundo engoliu a história da doença. Mandeí mensagem pra vovó também. Ela está bem. Mandeí até um e-mail pro papai.

— Desculpa ter obrigado você a fazer isso...

Kylie assente, mas não diz que *está tudo bem*, porque não está tudo bem quando você faz a filha mentir para os amigos e a família.

— Não falou nada de mais, não é?

— Não.

— Qualquer coisa que disser nas redes, o mundo inteiro vai ver.

— Eu sei, mãe. Nunca vou poder contar pra ninguém, não é?

— Não... Mas você está bem, querida? — insiste Rachel, acariciando o rosto da filha.

— Mais ou menos — responde Kylie. — Fiquei com muito medo lá embaixo. Tinha vezes que eu achava que ia... sei lá... *desaparecer*? Sabe aquela história... de quando as pessoas acham que se alguém sair da sala deixa de existir?

— Solipsismo?

— Era o que eu achava que ia acontecer comigo naquele porão. Achava que estava deixando de existir porque ninguém mais estava pensando em mim.

Rachel a abraça forte.

— Tudo o que eu fiz foi pensar em você! Cada segundo de cada minuto de todos os dias.

— E tinha vezes que eu achava que aqueles dois simplesmente iam me deixar lá. Sei lá, se achassem que tinham sido descobertos, iriam embora, e eu ficaria sem comida e sem água e acabaria morrendo.

— Eu jamais teria deixado isso acontecer — diz Rachel. — Nunca. Teria encontrado você de algum jeito.

Kylie faz que sim com a cabeça, mas Rachel percebe que ela não acredita nisso. Como ela iria encontrar Kylie? Rachel não a encontraria. Sua filha teria ficado presa naquele porão para sempre.

Kylie caminha até a porta telada e olha para a bacia das marés.

— Seu chinelo está fazendo um barulho engraçado — comenta Rachel, tentando melhorar o clima.

Kylie se vira para ela.

— Mãe?

— Diga.

— Eles me explicaram que só podiam me soltar quando você desse continuidade à Corrente.

Rachel baixa os olhos.

— Mãe?

Rachel engole em seco. Ela não pode mentir sobre isso. Só pioraria as coisas.

— É isso mesmo.

— Então, espera... Quer dizer que você... que você... — Kylie está horrorizada.

— Sinto muito. Eu... eu... eu tinha que fazer isso.

— Você sequestrou uma pessoa?

— Eu tive que fazer isso.

— Ainda está com ela?

— Estou. Não posso libertar a pessoa enquanto a Corrente não continuar.

— Meu Deus! — diz Kylie, os olhos arregalados. — Onde?

— Nós encontramos... Eu achei uma casa vazia do outro lado da bacia das marés. Uma casa com um porão.

— Essa pessoa está lá agora? Sozinha?

— O Pete foi pra lá.

— É menino ou menina?

— Quanto menos você souber, melhor.

— Eu quero saber!

— É uma menina — responde Rachel, tomada por uma onda de vergonha.

Um espesso rio de vergonha, marrom da cor da merda.

— Você não pode simplesmente deixar ela ir embora?

Rachel luta contra um nó na garganta e a vontade de fugir e se obriga a enfrentar a situação. Olha bem nos olhos de Kylie e balança a cabeça.

— A gen... a gente não pode procurar o FBI e pedir pra eles esconderem a gente e dar identidades novas pra gente ou algo assim? — pergunta Kylie.

— Não é tão simples assim. A gente... Eu sequestrei uma pessoa. Eu seria presa. E você não estaria em segurança. Acredito neles quando dizem que ninguém nunca conseguiu quebrar a Corrente. Acho que eles iam nos encontrar em qualquer lugar. Não posso correr esse risco.

— Posso ver a menina? Posso falar com ela?

Rachel estremece à simples ideia de envolver Kylie ainda mais nessa história.

— Não, você vai voltar pra escola. A gente cuida disso. Eu e o Pete.

— Qual é o nome dela?

— É melhor você não saber.

— Ela está com o Marshmallow?

— Está. — Rachel tenta abraçá-la, mas Kylie a repele.

— Não me toca! — diz.

— Posso trazer o Marshmallow de volta. Eu...

— Não é isso! Não tem nada a ver com o Marshmallow. É o que você fez. Como você foi capaz de sequestrar uma criança, mãe? Como conseguiu fazer isso?

— Não sei. Não tinha outro jeito.

— Você machucou ela?

— Não. Não chegou a tanto — responde Rachel, nadando de novo no rio de mentiras e vergonha.

— Como você conseguiu fazer isso, mãe?

— Não sei.

Kylie recua um passo e depois outro, até bater na porta de tela.

Rachel olha para as próprias unhas sujas e se vê de relance no espelho. Parece um desses profetas esqueléticos e meio doidos tentando reconquistar um ex-seguidor que abandonou o barco. Mas não, não é isso. É pior ainda. Ela é um demônio, arrastando a própria filha com ela para o fundo do poço. O oposto da boa e generosa Deméter. Ela obrigou Kylie a mentir. Envolveu-a num crime. Essa fissura entre as duas vai se transformar num abismo. Nada jamais voltará a ser o que era.

Ela olha nos olhos cheios de lágrimas de Kylie, que refletem um sentimento de traição.

Rachel imagina um vapor sulfuroso no ar. Não, elas ainda não escaparam do inferno. A fuga levará meses, talvez anos.

Kylie começa a soluçar.

— Você teve que fazer isso pra que eu pudesse voltar?

— Tive.

— Você e o tio Pete?

— É.

Kylie abre a porta, e entra um vento frio da bacia das marés.

— Vamos lá fora? — pergunta ela.

— Está um gelo — diz Rachel.

— A gente se enrola na manta. Não quero ficar dentro de casa.

Elas vão para o deque.

— Posso te abraçar? — pergunta Rachel, hesitante.

— Pode — responde Kylie, dócil.

Kylie se senta no colo da mãe na espreguiçadeira, enrolada em um cobertor, o longo cinto do roupão de Rachel envolvendo as duas como um cordão umbilical. Elas não dizem nada. Apenas ficam ali.

O dia vai morrendo numa linha de vermelhos e amarelos ao longo do vale de Merrimack. Escurece, e, quando as estrelas surgem no céu, mãe e filha são tragadas pela noite. Uma noite que será longa e terrível.

Domingo, 22:45

Seu instinto estava certo. Alguém está tentando ferrar com a Corrente. Quer dizer... seu instinto está *parcialmente* certo. No entanto, o problema não é Rachel Klein. E o problema não é Helen Dunleavy. O problema é Seamus Hogg. Usando tecnologia básica de espionagem, ela grampeou os telefones dos Hoggs e leu os e-mails de Seamus. Seamus mandou um e-mail para o tio, um sujeito chamado Thomas Anderson Hogg, que mora em Stamford, Connecticut, perguntando se eles podiam se encontrar em um Starbucks de Stamford amanhã de manhã às dez.

O que é um grande problema, porque Thomas Anderson Hogg é delegado federal aposentado.

Seamus vai abrir o bico.

E não é nem com a polícia, e sim com o maldito U. S. Marshals.

Ela volta a examinar os dados sobre Rachel. Até agora, um elo banal, mas surpreendentemente competente da cadeia. Ela fez tudo certo. Pagou o resgate rápido, pagou o resgate adicional rápido, se saiu bem no sequestro.

Ela se mostrou capaz e eficiente. Está tendo ajuda do ex-cunhado, outra figura interessante. Foi licenciado com honras dos Fuzileiros Navais, mas não saiu impune do incidente de setembro de 2012 em Camp Bastion. Sem pensão. Só benefícios básicos de veterano. Foi preso em Worcester, Massachusetts, em 2017, por posse de um grama de heroína. As acusações foram retiradas depois. A foto três por quatro mostra um sujeito que envelheceu prematuramente, sério e assombrado.

Será que o ex-marido também estaria ajudando?

Ela busca no Google o ex-marido de Rachel, Marty O'Neill.

Este sim, um cara bonitão. Bem bonito mesmo. Estranho que ela ainda não tivesse esbarrado com ele antes. O espectro de solteiros cobiçáveis em Boston é bem pequeno. Formado em Harvard, advogado, namora uma loirinha meio desligada. Nascido em

Worcester, mora em Boston e é sócio de um grande escritório de advocacia, Banner & Witcoff. Sim, ele é o inteligente da família.

Pois então vamos ver como eles lidam coletivamente com uma surpresinha.

Ela acessa o Wickr e escreve uma mensagem para Rachel:

Seamus Hogg desertou. Vai abrir o bico. Ele mandou um e-mail para o tio, um delegado federal aposentado, e vai se encontrar com ele amanhã às dez da manhã em Stamford, Connecticut. E é claro que esse encontro não pode acontecer. Os Dunleavys estragaram tudo. Escolheram um alvo não confiável. E a cagada deles vai recair sobre você, Rachel. Mate a sua refém e escolha outro alvo ou então impeça esse encontro e trate de lembrar aos Dunleavys e aos Hoggs que eles fazem parte da Corrente. Se você não fizer nenhuma dessas duas coisas, você e a sua família vão arcar com as consequências. Sabemos onde você mora. E vamos encontrar você aonde quer que vá.

Domingo, 22:59

O Atlântico negro. O céu negro. Uma poeira de estrelas mortíferas. Rachel está fumando um cigarro no deque quando um alerta dispara no Wickr no seu celular. Uma mensagem para ela.

Ela lê a mensagem, a digere, entra em pânico, se acalma, pega um celular descartável, liga para Pete na casa dos Appenzellers e lê a mensagem para ele.

— Não seriam os Dunleavys que deveriam resolver isso?

— Esses desgraçados da Corrente entraram em contato *comigo*. É o revide, eles avisaram, Pete. Se os Hoggs foderam com tudo, quer dizer que os Dunleavys ferraram tudo, e que eu tenho que matar a Amelia e arrumar outro alvo, senão eles vêm atrás de mim.

— Espera aí. Eu vou praí — diz Pete. — Amelia está dormindo.

Rachel digita o número de Helen Dunleavy, mas o telefone toca e toca e a chamada acaba caindo na caixa postal. Ela liga de novo, mas ninguém atende. Espera um minuto e tenta pela terceira vez, mas nada ainda: ou aquela piranha imbecil está morta ou desligou o telefone.

O computador também está desligado. Nenhum sinal de qualquer dispositivo eletrônico deles. O que será que aconteceu com eles? Que porra é essa?

Ela entra no Wickr e manda mensagem para 2348383hudykdy2: Os Dunleavys não estão atendendo o telefone.

Imediatamente vem uma resposta: Isso não é problema nosso, Rachel. Isso é problema seu.

Pete chega um minuto depois.

— O que os Dunleavys falaram? — pergunta ele.

— Não atendem. Os imbecis desligaram o telefone.

— Então o que a gente vai fazer?

— Eu não vou matar a Amelia e começar tudo de novo.

— É claro que não.

Pete torce para que Rachel não note seu olhar vidrado. Ele se picou

tem uns quinze minutos. Achava que não aconteceria mais nada essa noite, e seu corpo exigia o narcótico. Não conseguiu resistir e se drogou na cozinha dos Appenzellers.

— Pete?

— Não sei o que fazer — diz ele, meio arrastado.

— A gente vai agora mesmo à casa dos Dunleavys dizer que eles têm que botar esse cara na linha.

— Liga pra eles.

— Já liguei! Eles não estão atendendo. Você não está ouvindo?

— Que tipo de pessoa desliga o telefone com a filha sequestrada? — pergunta Pete.

— Talvez eles já estejam mortos. Talvez a situação já tenha se voltado contra eles, e nós vamos ser os próximos — diz Rachel.

— Eles podem estar vindo atrás da gente agora mesmo.

— Vamos levar a Kylie pra casa dos Appenzellers. Ninguém sabe do lugar, só a gente — sugere Rachel.

— Vou arrumar as coisas.

Rachel vai até o quarto de Kylie. Ela ainda está acordada, com o iPad na mão.

— Sinto muito, meu bem, mas não é seguro você passar a noite aqui hoje. Aconteceram umas coisas na Corrente.

Kylie fica apavorada.

— O quê? Eles estão vindo atrás da gente?

— Não. Ainda não. Preciso resolver uma coisa. Vou levar você pra casa dos Appenzellers. Lá você vai estar segura.

— Eles estão vindo atrás de mim de novo, não estão?

— Não. Não é isso. Não é com você. Não se preocupe. É só uma precaução. Seu tio e eu vamos cuidar de tudo. Vamos, arruma as suas coisas.

Rachel e Kylie vão de carro para a casa dos Appenzellers e entram pelos fundos. Pete está esperando na cozinha com seu .45 e a escopeta de Rachel.

Kylie olha para as armas, engole em seco e abraça Pete.

— A menininha está aqui? — pergunta ela.

Rachel faz que sim com a cabeça.

— Onde?

— Porão. Dormindo — responde Pete.

— Pete e eu vamos ter que sair. A Amelia provavelmente não vai acordar, mas, se você tiver que descer, coloca isso — diz Rachel, entregando-lhe uma touca ninja preta.

— Pra ela não poder me reconhecer — conclui Kylie, fascinada e horrorizada.

— Estava rezando pra que você não se envolvesse ainda mais nessa história, mas, se a Amelia começar a chorar, você terá que descer pra

acalmar a menina — diz Rachel. — Não podemos deixar ela fazer muito barulho.

— Mas acho que ela vai dormir até de manhã. Fiz ela pular corda durante uma hora — diz Pete.

— Aonde vocês vão? — pergunta Kylie à mãe.

— Temos que cuidar de um assunto urgente.

— Que tipo de assunto urgente?

— Está tudo bem, querida, não é nada grave, mas nós dois precisamos ir e você vai ter que ficar aqui com a Amelia.

— Vocês têm que me dizer o que está acontecendo!

Rachel assente. Ela merece saber.

— Uma das famílias mais adiante na Corrente está pensando em chamar a polícia. Nós precisamos impedir que isso aconteça. Se eles chamarem a polícia, todos nós estaremos em perigo.

— E aonde vocês vão?

— Providence.

— Você vai até lá pra falar pra eles pagarem o resgate e fazer tudo que vocês fizeram?

— Isso.

— E se... E se vocês não voltarem?

— Se a gente não voltar até de manhã, liga pro seu pai vir te buscar. Fique aqui nessa casa. Não vá pra casa. Quando ele chegar, conte tudo pra ele. Mas até lá é melhor deixar o seu celular desligado.

Kylie faz que sim, séria.

— A que horas de manhã?

— Se não tiver notícias da gente até, digamos, onze horas, provavelmente é porque tivemos problemas — diz Pete.

— Tipo... morreram? — pergunta Kylie, o lábio trêmulo.

— Não necessariamente. Só que alguma coisa deu errado — explica Rachel, mesmo achando que *morreram* seja mais provável.

Kylie abraça os dois.

— Vai dar tudo certo — diz. — E eu vou ficar de olho nela.

Sua filha agora está envolvida num esquema de sequestros. Rachel se sente mortificada e furiosa. Mas não pode se deixar levar por esse tipo de sentimento. O relógio não para. Ela enxuga as lágrimas do rosto.

— Vamos ao que interessa então — diz ela a Pete. — Eu dirijo.

Domingo, 23:27

Pântano à esquerda, charco à direita. Farol alto ligado. Cheiro de lubrificante de armas, suor, medo. Ninguém diz nada. Rachel está dirigindo. Pete está ao seu lado de escopeta em punho.

Beverly, Massachusetts.

Velhas casas de madeira. Carvalhos. Um ou outro prédio de apartamentos. Silêncio. Luzes azuis de TVs e alarmes contra roubo.

Tédio noturno numa rua residencial. O que é bom. Menos xeretas pela frente.

Poseidon Street.

As luzes estão apagadas na casa dos Dunleavys.

— Dá a volta no quarteirão — diz Pete. — Não para.

Rachel lhe obedece, estacionando uma rua adiante.

Tudo tranquilo. Ninguém por perto. Só uma pergunta: por que Helen Dunleavy não atende o maldito telefone?

Rachel imagina a família inteira amarrada a cadeiras na cozinha com a garganta cortada.

— A gente pode entrar pelo matagal do lado da casa deles — diz Pete. — E depois pela porta dos fundos.

— Como? — pergunta Rachel.

Pete mostra uma chave inglesa e um kit de arrombamento.

— Se é para fazer isso, vamos fazer direito... — diz.

— É. A gente já enfiou os pés pelas mãos — comenta ela.

Enfiar os pés pelas mãos, nesse caso, é um eufemismo. Agora ela vai ter de dar uma de Lady Macbeth. Agir. Acreditando no que está fazendo. Assumindo o que está fazendo. Por Pete, por si mesma, por Kylie: a vida de sua família inteira está em jogo.

— Tenho um kit de pulso eletromagnético pra neutralizar o sistema de alarme, se eles tiverem um. Assim que entrarmos, usamos revólveres — diz ele, entregando-lhe o .38 que ele guarda no porta-luvas. Ele também tem um .45 e uma 9 milímetros.

Revólveres. A parte mais horrível.

Pete passa com dificuldade por cima da cerca dos Dunleavys. Rachel fica olhando para ele. Qual o problema dele? Ela se pergunta mais uma vez se ele está usando alguma coisa ou se está com algum ferimento que não comentou. Ela precisa que ele esteja cem por cento.

— Você está bem, Pete? — pergunta Rachel, em tom severo.

— Claro! Tudo certo. Você está bem?

Ela olha feio para ele no escuro.

— É melhor a gente ir logo, não? — pergunta ele.

— É.

O quintal dos Dunleavys. Brinquedos, móveis de jardim, um balanço. A porta dos fundos, que dá entrada para a cozinha.

— Vamos — diz Rachel.

Lanternas acesas. Pulso eletromagnético acionado.

Pete começa a remexer na fechadura. Um ligeiro tremor em sua mão direita.

— Você consegue fazer isso?

— Claro. Já fiz isso antes. Consigo dar um jeito nisso rapidinho — diz ele.

Três minutos. Quatro minutos.

— Tem certeza?

A porta finalmente destrava. Pete gira a maçaneta. Não há correntinha de segurança. Nenhum alarme é disparado.

— Tudo certo? — pergunta Rachel.

— Tudo.

Eles vestem as toucas ninja e entram na cozinha. Rachel vasculha o ambiente com a lanterna.

Nada de cadáveres. Nem de assassinos.

— A gente sabe pra onde está indo? — sussurra ela.

— Tranquilo — responde Pete. — Me siga.

Ela o segue escada acima.

Chão atapetado. Quadros nas paredes. Um grande relógio no alto da escada. Um espelho que a assusta por um breve instante, quando vê nele uma pessoa com uma arma.

— Primeiro quarto à esquerda — sussurra Pete baixinho.

Passam pela porta do quarto. Cheiro de corpo. Cheiro de bebida. Uma mulher roncando na cama. Lanternas apontadas para os cantos. Mais ninguém por ali. Pete segue na ponta dos pés até a cama, ajoelha e põe a mão na boca da mulher. Ela geme sob a mão dele e Pete a mantém quieta.

Rachel checa o banheiro da suíte enquanto Pete abafa os gritos da mulher com sua enorme mão.

— Está limpo — diz Rachel.

— Você é Helen Dunleavy? — pergunta Pete. — Responde com a cabeça.

Ela faz que sim.

— Onde está o seu marido? — pergunta ele. — Uma palavra só. Qual cômodo? Só sussurra. Se falar alto está morta.

— Porão — responde Helen.

— Tentei ligar pra você. Reconhece a minha voz? — pergunta Rachel.

— É você que está com a Amelia — diz Helen, e começa a chorar.

— Cadê o garoto? Henry Hogg? — pergunta Rachel.

— Porão.

— Com o seu marido?

— A gente se alterna pra...

Rachel olha para Pete.

— Traz o marido pra cá. Eu fico com ela.

Ela acende a luz do quarto e aponta o .38 para Helen enquanto Pete vai até o porão.

— O que aconteceu com o seu celular? — pergunta Rachel, irritada. — Por que ele não está ligado? Por que você não está dormindo com ele embaixo do travesseiro como qualquer pessoa normal faria numa situação dessas?

— Eu... eu... eu não sei. Não está aí na cômoda? — pergunta Helen, a expressão cansada, assustada. Os olhos dela estão vermelhos e fundos. Isso já diz alguma coisa.

Rachel olha para a cômoda. O celular está apagado.

— Você esqueceu de carregar.

— Eu... não sabia.

— Dormindo tranquilamente enquanto a sua filha está lá, nas mãos de sequestradores? Qual é o seu problema?

— Eu... eu estava só tirando um... — começa ela, quando a porta do quarto se abre.

Mike Dunleavy entra com as mãos para cima. Ele não se parece com as fotos que estão na internet ou no Facebook. Parece muito mais velho, mais grisalho, mais gordo, mais burro. Ele não era o cara esperto cheio da grana? Agora parece um daqueles pais lesados que chegam atrasados para pegar os filhos na escola porque esqueceram que era o seu dia. Não é de se admirar que esses idiotas tenham estragado tudo. Como foi que conseguiram sequestrar alguém? Vai ver estão até mentindo.

— O menino está no porão? — pergunta Rachel a Pete.

— Sim, claro — responde ele, soltando uma espécie de assobio, como quem quer dizer que a coisa lá embaixo não é nada bonita de se ver.

— Foram vocês que pegaram a Amelia? — pergunta Mike, com um leve sotaque inglês.

— Estamos com ela.

— Ela está bem? — pergunta Helen, desesperada.

— Ela está bem. Estamos cuidando dela.

— Por que vocês estão aqui? — quer saber Mike. — Fizemos tudo o que vocês pediram.

— Não. Vocês estragaram tudo. Tentamos ligar, mas o celular de vocês morreu e o seu computador está desligado — diz Rachel.

Helen está olhando para ela de um jeito estranho. *Se ela disser algo do tipo “Acho que sei quem você é”, meu Deus do céu, vou ter de atirar nela aqui mesmo*, pensa Rachel.

— É por causa dos Hoggs, não é? — pergunta Helen. — Eles fizeram alguma coisa.

— É o que eles estão prestes a fazer — explica Pete.

— Meu Deus! O que eles vão fazer? — pergunta Helen.

— Seamus tem um tio que é delegado e marcou um encontro com ele amanhã em Stamford — informa Rachel.

— O qu... o que isso quer dizer? — pergunta Helen, chocada.

— Teoricamente, isso significa que vocês têm que matar o pequeno Henry e começar de novo, senão a gente tem que matar a Amelia e começar de novo. Simples assim. Eu não vou deixar a Corrente chegar perto de mim nem da minha família. Estão entendendo? — rosna Rachel.

— Deve ter outra... — começa Mike.

— E tem. Nós três pegamos o carro e vamos pra Providence e explicamos tudo pessoalmente pro Sr. Hogg — diz Rachel.

— Nós três? — pergunta Pete.

— Nós três — insiste Rachel. — Não dá pra confiar nesses palhaços. Ela se vira para Helen.

— Você fica aqui tomando conta do garoto. O seu marido vem com a gente. Vamos no carro de vocês. É uma BMW, não é?

— É — confirma Mike.

— Deve ser rápida o suficiente. Vai calçar um sapato. Ah... e tratem de achar o Sr. Boo. Precisamos do Sr. Boo — diz Rachel.

— Sr. Boo? — Mike não entende direito.

— O ursinho de Amelia. Ela quer ele.

Helen vai buscar o Sr. Boo.

— Se você chamar a polícia ou avisar os Hoggs ou fizer qualquer besteira enquanto a gente estiver fora, Amelia está morta. Eles vão matar a sua filha e depois vão vir atrás de você e do Toby. Está entendendo? — pergunta Rachel.

Helen faz que sim com a cabeça.

Eles vão até a BMW de Mike, um carrão preto, top de linha. O tipo de carro que dão para quem faz muito dinheiro no Standard. Luxuoso. Confortável. Rápido.

Mike entrega as chaves a Rachel. Ela se senta ao volante.

Pete vai atrás com Mike.

Ela vira a chave na ignição, e o carro ganha vida.

Ela olha pelo retrovisor. Pete ainda está meio zonzo. Mike, se cagando de medo. Ela dá conta dos dois perfeitamente. Vai dar conta dos dois.

— Coloquem os cintos.

Domingo, 23:59

Ela começa a se fundir com o tráfego.

A rodovia zumbe. A rodovia canta. A rodovia brilha.

Uma víbora se arrastando para o sul.

Diesel e gasolina.

Água e luz.

Vapor de sódio e neon.

A Interestadual 95 à meia-noite. A espinha dorsal dos Estados Unidos, entrelaçando linhas de vida, destinos, narrativas sem nenhuma relação umas com as outras.

A rodovia está sem rumo. A rodovia sonha. A rodovia se examina.

Todos esses filamentos de destino se entrelaçando nessa meia-noite fria.

Cidades e saídas deslizando para o sul, fechando outras possibilidades, outros caminhos. Peabody. Newton. Norwood.

O mapa do Google fazendo seu próprio mapa do zodíaco.

Pawtucket.

Providence.

A saída para a Brown University. Região de Lovecraft. Uma velha estrada marginal para Providence Oriental. Casarões. Casarões ainda maiores.

Maple Avenue. Bluff Street. Narragansett Avenue.

— Aqui — diz Mike.

— É aqui?

— É.

A casa é uma construção enorme e feia imitando o estilo Tudor, uma dessas mansões massificadas do início dos anos 2000, numa rua cheia de residências semelhantes.

Eles passam pela casa e estacionam logo adiante.

— Entrada principal ou a dos fundos? — pergunta Rachel a Pete.

— Difícil saber — resmunga ele. — Não sabemos se tem cães, alarmes, essas coisas...

— Pelos fundos, então — decide Rachel.

Os três saltam da BMW, dão a volta no quarteirão até o quintal dos Hoggs e pulam uma cerca de metal nos fundos da casa. Nenhum cão vem atrás deles. Nem refletores se acendem. Nenhum tiro repercutindo na noite.

A porta dos fundos parece bem resistente, mas tem outra porta que dá para uma espécie de entrada secundária na lateral da casa. Tem apenas um fecho sem tranca do outro lado de um vidro. Pete aciona seu kit de pulso eletromagnético e quebra o vidro.

Eles ficam esperando alguma reação. Um grito. Uma luz se acendendo.

Nada.

Pete passa a mão pelo vidro quebrado e abre o fecho da porta.

Eles entram e se dão conta de que estão num pequeno e estreito vestíbulo de madeira cheio de casacos e botas.

Lanternas acesas.

Do vestíbulo, eles seguem para a cozinha e depois para a sala de jantar.

Uma sala de jantar com quadros nas paredes.

A lanterna de Rachel ilumina um retrato de família. Dois meninos, um homem e sua mulher. Sujeito alto de cabelos negros lustrosos. Esposa baixa, fofinha e atraente, com cara de gente boa. Os garotos parecem ter a mesma idade, pré-adolescentes. Um deles está numa cadeira de rodas. Por que será que os Dunleavys sequestraram o da cadeira de rodas? Por que dificultar tanto as coisas?

Que tipo de gente é capaz de sequestrar uma criança incapacitada?

E que tipo de pessoa é capaz de sequestrar uma criança que pode morrer de reação anafilática a frutos de casca rija?

Que tipo de gente sequestra uma criança?

Eles entram numa sala de jogos com uma mesa de sinuca profissional, um alvo de dardo e um Nintendo Wii. Pelo menos parece que os Hoggs têm dinheiro.

— Acho melhor você ficar com isso — diz Pete, meio distraído, entregando a Mike uma pistola 9 milímetros.

Rachel olha para ele, pasma. Por que diabos ele daria...

Mike se vira e aponta a pistola para a cabeça dela.

— Agora, sua piranha cretina, você vai ter o que merece. Vai soltar a Amelia hoje mesmo ou eu...

— Você o quê? — rebate Rachel. — Acha que a gente seria burro de te dar uma arma carregada?

Mike fica olhando para a arma.

— Eu...

Rachel arranca a pistola das mãos dele e a entrega a Pete, que finalmente parece se dar conta do erro que cometeu.

Rachel encosta o cano do .38 na bochecha de Mike.

— Você ainda não entendeu como isso funciona, não é? Mesmo que a gente liberte a Amelia, não significa que acabou. A Corrente tem que continuar. É assim que funciona. Eles vão matar você e a Amelia e a sua mulher e o Toby. Matam vocês todos e começam de novo. E vão me matar também, e a minha família toda.

Mike balança a cabeça.

— Mas eu... — começa.

Rachel aponta a pistola para a cara dele. Mike recua cambaleando até esbarrar em um aquário. Ela agarra a lapela do casaco dele e o impede de cair.

E o puxa para perto.

— Entendeu agora?

— Acho que sim — choraminga Mike.

Rachel pressiona o cano da arma embaixo do queixo dele.

— Entendeu mesmo? — insiste.

— Entendi — geme ele, começando a chorar de verdade.

Ela tira a touca ninja de Mike e deixa a arma pender ao lado do corpo. Olha para ele e o encara por um, dois, três segundos.

— Fecha os olhos — diz ela.

Ele lhe obedece e Rachel tira a própria touca ninja, abaixa a cabeça dele e encosta sua testa na dele.

— Você não consegue entender? Eu estou te salvando, Michael — diz ela suavemente. — Estou salvando você e a sua família.

Ele assente.

Ele finalmente entende. Testa com testa. Vítima e cúmplice. Cúmplice e vítima.

— Vai dar tudo certo — sussurra ela.

— Tem certeza? — pergunta ele.

— Tenho. Eu juro.

Ela coloca a touca ninja de novo e entrega a de Mike.

Então olha para Pete.

— O que está acontecendo com você? Vê se toma jeito — murmura para ele.

Um cachorro entra por uma porta lateral, um pastor-alemão grandalhão marrom amarelado. E congela ao vê-los ali.

— E aí, garoto — chama Pete. O cachorro se aproxima, cheira sua mão e gosta do que sentiu.

Pete afaga sua cabeça. O cão cheira Rachel e Mike e, satisfeito, vai para a cozinha.

De um quarto na frente da casa vem o barulho ensurdecido de uma televisão ligada.

Eles seguem na direção do som por um corredor com mais retratos de família.

Na sala, deparam-se com um homem grandalhão cochilando numa cadeira reclinável em frente à Fox News. Um sujeito poderoso, de queixo duplo, derrubado pelos acontecimentos, como Gulliver.

Ele estava lendo a Bíblia, que caiu no chão ao seu lado. No colo, um revólver.

Rachel faz sinal com a cabeça para Pete.

Pete pega cuidadosamente a arma e a guarda no bolso do casaco.

— É o Seamus Hogg? — sussurra Rachel.

Mike faz sinal positivo.

Rachel pega a Bíblia.

Ele estava no Deuteronômio.

Agora, pensa ela, está na hora de ensinar a esse homem uma nova religião.

Segunda-feira, 4:17

Praia vazia. Céu apático. Ondas se sucedendo no frio oceano negro.

Rachel sobe os degraus dos fundos da casa dos Appenzellers.

Vista de fora, a casa parece deserta.

Passa pela cozinha.

Chega à escada que dá para o porão.

— Kylie?

Vozes lá embaixo.

Ângulo holandês. Primeiro plano do rosto de Rachel. Meu Deus.

Mais essa agora?

Ela pega a 9 milímetros, mantém a arma à sua frente e começa a descer as escadas.

Kylie e Amelia estão na tendinha.

Estão jogando Operando. Kylie não está usando a touca ninja. As duas comem batatinhas, Amelia está dando gargalhadas.

É a primeira vez que Rachel escuta a risada da menina.

Ela se senta na escada do porão e põe a arma de lado.

Quer ficar irritada com Kylie por não ter seguido o protocolo. Mas não consegue. Kylie está cuidando da menininha do jeito que qualquer ser humano cuidaria de outro ser humano.

Kylie tem mais empatia do que ela. É mais corajosa também.

Rachel volta para o andar de cima.

Coloca a arma em cima da mesa da cozinha e se senta.

Tudo que sente é desprezo e nojo de si mesma. Nada disso teria acontecido se ela tivesse sido uma boa mãe.

Por um momento, ela se pergunta como seria enfiar o cano da arma na própria boca. Aquele aço frio repousando na língua, como se fosse certo ele estar ali. O pensamento a assusta, e ela afasta a arma.

— Quando isso vai acabar? — sussurra para a escuridão.

A escuridão não se manifesta.

Segunda-feira, 18:00

Seamus Hogg foi muito bem instruído. Agora ele entende. Traça um plano e o executa com rapidez. Aparentemente, ele aprendeu rápido sobre sequestro de crianças. Vai dirigindo até Enfield, Connecticut, e espera do lado de fora de um campo de futebol por um menino de 14 anos chamado Gary Bishop, que joga como *defensive tackle*.

Rachel não entende muito de futebol americano, mas sabe que a posição de *defensive tackle* é importante. Isso a preocupa, mas o alvo foi aprovado pelo contato do Wickr. Quão cuidadosos eles são na hora de verificar essas coisas? Será que eles se importam com a possibilidade de dar tudo errado? Será que às vezes eles querem que dê tudo errado? Como funciona a cabeça de um monstro?

Ela olha para o relógio acima do marcador de marés.

18:01.

E sai para esperar no deque.

Kylie está na sala fazendo seu dever de casa. Está fingindo que está tudo normal, sentada ali fazendo o dever de matemática, mas de vez em quando suspira. Rachel tenta sentar ao seu lado, mas Kylie prefere ficar sozinha. Então Rachel a observa pela vidraça. Dia tranquilo na escola, contou ela. Estava com uma aparência péssima e não foi difícil convencer todo mundo de que estivera mesmo doente.

Pete está na casa dos Appenzellers com Amelia. Ela agora está na sua tenda de princesa jogando Operando sozinha. Amelia odeia Rachel. Foi o que ela disse a Pete.

— Não quero a moça. Odeio ela.

Rachel a entende perfeitamente.

Ela olha para seu celular e para o telefone descartável ao lado dele no deque: 19:15.

Se der tudo errado de novo, será que os Dunleavys vão mesmo matar Henry Hogg e recomeçar tudo do zero?

Se eles não conseguirem fazer isso, será que ela terá de matar a pequena Amelia na casa dos Appenzellers? Matar aquela adorável

menininha, triste e apavorada, naquela tenda? O revólver .38 está no bolso de seu roupão. Terá de ser ela a fazer. Deixar Pete fazer isso seria fugir de suas responsabilidades. Pete já usou armas. Ela sabe disso. Provavelmente já matou pessoas. No Afeganistão, ele esteve em vários tiroteios. No Iraque, então, não dá nem para contar.

Mas foi ela quem o envolveu nessa história. De modo que tem de ser ela. Não há escapatória.

Ela pediria a Pete que esperasse na cozinha e desceria até o porão calçando apenas meias. Amelia não ouviria seus passos pelo piso de concreto. Rachel atiraria na nuca da menina enquanto ela estivesse brincando. Amelia jamais saberia o que aconteceu. Da existência para a não existência num estalar de dedos.

Matar uma criança... A pior coisa que uma pessoa pode fazer na vida.

Mas isso seria melhor do que ver Kylie ser sugada de novo para esse buraco.

Rachel começa a chorar. Ondas avassaladoras de angústia e raiva. Será que eles acham graça disso? Obrigar pessoas dignas a fazer coisas terríveis? Qualquer ser humano neste planeta pode ser forçado a violar as próprias crenças e seus princípios mais arraigados. Isso não é hilário?

Ela espera até sete e vinte e cinco e telefona para os Dunleavys.

— E aí?

— Acabamos de ligar pro Seamus Hogg. O sequestro deu certo. O garoto quase não deu trabalho. Está com ele.

— Ótimo.

— E a Amelia?

— Amelia está bem. Está jogando Operando de novo. Está segura.

Rachel desliga.

Vai até seu quarto e se senta na beirada da cama.

Põe o .38 em cima da cômoda, solta levemente o cão, aciona de novo a trava, libera o tambor, retira as balas, coloca-as na gaveta da cômoda e respira.

Uma hora depois, há um alerta do Wickr em seu celular. O contato dela informa que ela pode soltar Amelia Dunleavy.

Depois de um leve contratempo, a Corrente está novamente funcionando às mil maravilhas.

Rachel liga para Helen Dunleavy de um celular descartável.

— Alô?

— Vamos libertar a Amelia dentro de meia hora. Vamos ligar com as instruções — diz Rachel e desliga.

Ela vai até a casa dos Appenzellers, veste a touca ninja e desacorrenta Amelia com ajuda de Pete e a tiram do porão. Os dois calçam luvas e Rachel veste a menina com um par de jeans e um

suéter, ambos livres de digitais. Quando a rua está vazia, eles a cobrem com uma toalha e a colocam no banco de trás da caminhonete de Pete.

Eles dirigem até o parquinho de Rowley Common e tiram-na do carro. Eles falam para Amelia ficar com a toalha na cabeça e contar até sessenta e depois ir brincar no balanço até sua mãe chegar para buscá-la. Eles deixam o Sr. Boo, devidamente limpo, com ela e um polvo de brinquedo pelo qual ela se afeioou.

Eles estacionam o Dodge do outro lado da rua. Pete fica observando Amelia pelo binóculo enquanto Rachel liga para os Dunleavys. Ela os lembra mais uma vez da Corrente, do revide e das terríveis consequências de libertar a vítima antes da hora ou de abrir o bico com alguém. Eles já ouviram o discurso pela voz da Corrente e garantem que vão fazer tudo direito.

Rachel diz ao casal onde a menina está e desliga.

Ela e Pete continuam esperando no carro.

Uma menina pequena largada sozinha no balanço de um parquinho público nos Estados Unidos do início do século XXI. O que poderia ser mais assustador?

Passam-se cinco minutos.

Amelia começa a ficar entediada.

Ela sai do balanço e vai até a beira da Rota 1A. Os carros passam a oitenta quilômetros por hora.

— Droga! — diz Pete.

Rachel está com o coração na boca.

Agora há outras pessoas no parque, dois adolescentes com capuz na cabeça.

— Ela vai acabar sendo atropelada — diz Pete.

— Deixa que eu cuido disso — declara Rachel.

Ela coloca a touca ninja de novo, desce do carro e corre até a menina.

— Amelia, essa estrada é perigosa. Eu disse pra você esperar no balanço! Papai e mamãe vão chegar daqui a cinco minutos.

— Eu não quero brincar no balanço.

— Amelia, se você não for pro balanço, eu vou falar com a sua mamãe e com o seu papai que você não quer que eles venham te buscar, e aí eles não vão vir!

— Você faria isso? — pergunta Amelia, de repente amedrontada.

— Sim, senhora — afirma Rachel. — Agora vai brincar no balanço.

— Você é muito malvada! Eu te odeio!

Amelia se vira e caminha de volta para o parquinho.

Rachel sai correndo antes que os adolescentes registrem a touca ninja e comecem a se perguntar se há algo errado. Quando ela tem certeza de que eles não estão olhando, entra no carro.

Amelia se senta desanimada no balanço sozinha quando os dois adolescentes entram na casa de brinquedo, aparentemente para fumar um baseado.

O tempo se arrasta.

Finalmente os Dunleavys chegam de carro e saem correndo para abraçar a filha, chorando.

Assunto encerrado.

Os holofotes não estão mais neles, e agora é só esperar que os outros mais adiante na Corrente não botem tudo a perder e mandem a bola de volta para eles.

Os dois voltam para casa para ver como Kylie está e depois seguem direto para a casa dos Appenzellers, para remover todo e qualquer indício da presença deles lá. Esvaziam o porão e tiram o tapume que usaram para cobrir a janela, levam o colchão de volta para o quarto de cima, limpam as digitais. Arrumam o mecanismo da fechadura da porta dos fundos e a trancam da melhor maneira que conseguem. Os Appenzellers certamente vão notar alguma coisa estranha ali quando voltarem, na primavera. Mas ainda falta muito para a primavera.

Eles levam o lixo para um lixão em Lowell. Ao voltarem, já está tarde, mas Kylie ainda está acordada.

— Acabou — diz Rachel. — A menininha está com os pais de novo.

— Acabou mesmo? — pergunta Kylie.

Rachel afasta o menor sinal de incerteza da voz e olha bem nos grandes olhos castanhos da filha.

— Acabou.

Kylie cai no choro, e Rachel a abraça.

Elas pedem pizza, e Rachel se deita ao lado de Kylie e fica lá até a filha pegar no sono. Ela então manda uma mensagem à oncologista, dizendo que vai telefonar para ela de manhã. Espera não estar morrendo. Seria mesmo o fim da picada depois de tudo isso.

Ela desce a escada. Pete está lá fora de moletom, cortando lenha para a lareira. Conseguiu fazer meia dúzia de pilhas, cada uma com quase dois metros de altura. Lenha mais do que suficiente para um inverno inteiro e mais um ou dois apocalipses zumbi. Ele entra com um feixe de lenha e acende a lareira.

Rachel lhe oferece uma Sam Adams, ele abre a garrafa e se senta com ela no sofá. Alguma coisa despertou nela ao vê-lo cortando lenha. Algo ridiculamente tolo e primitivo.

Ela nunca conheceu Pete o suficiente para ter uma queda por ele. Ele sempre estava em algum lugar muito longe. Iraque, Camp Lejeune, Okinawa, Afeganistão, ou simplesmente viajando. Ele é muito diferente de Marty. Mais alto, mais magro, mais moreno, mais taciturno, mais calado. Marty é bonitão de qualquer ângulo; Pete já não é para qualquer gosto. Os dois não se parecem nem agem de

maneira semelhante. Pete é introspectivo; Marty, um extrovertido. Marty é sempre a alegria da festa; Pete é aquele sujeito que fica num canto, dando uma olhada na estante de livros, olhando para o relógio para ver se consegue dar um jeito de escapar.

Pete termina a cerveja em um gole só e vai pegar outra. Ela acende um Marlboro para ele da reserva de emergência de Marty para o exame da ordem dos advogados.

— E também temos isso aqui — diz ela, pegando uma garrafa de Bowmore doze anos e servindo dois dedos para cada um.

— Muito bom — elogia Pete. Ele gosta daquela sensação. Esse baratinho da bebida. Ele já havia esquecido. É completamente diferente da sensação que os opioides proporcionam. A heroína é um cobertor de proteção que puxamos sobre nós. O mais belo cobertor do mundo, que alivia a dor e nos deixa mergulhar num universo outonal de êxtase.

A bebida nos puxa para fora. Pelo menos é o que acontece com ele. Mas o fato é que ele não confia muito nessas emoções.

— Vou só checar as portas — diz ele, pigarreando.

Pete se levanta abruptamente, pega a 9 milímetros na bolsa, verifica os arredores e tranca as portas.

Tarefa concluída. Ele não tem outra opção a não ser voltar a se sentar no sofá. Então toma uma decisão. Está na hora de contar a Rachel a verdade sobre ele. Seus dois grandes segredos.

— Preciso te contar uma coisa a meu respeito — começa ele, hesitante.

— É?

— Coisa dos Fuzileiros. Eu fui... dispensado com honras, mas foi por muito pouco. Quase fui levado à corte marcial pelo que aconteceu em Bastion.

— Do que você está falando?

— Catorze de setembro de 2012 — começa ele em tom monocórdio.

— No Iraque?

— Afeganistão. Camp Bastion. Talibãs usando fardas do exército americano se infiltraram no campo, entraram na base e começaram a atirar nos aviões e nas tendas. Eu era o oficial de plantão na unidade de engenharia no hangar vinte e dois. Só que... Bem... Só que eu não estava no plantão. Estava chapado na minha tenda. Só maconha. Mas mesmo assim... Tinha deixado um primeiro sargento no meu lugar.

Rachel assente.

— Quando cheguei lá, o lugar era um inferno. Balas zunindo, uma confusão enorme. A RAF atirando nos Fuzileiros americanos, que atiravam no exército. Mas por acaso tinha uns seguranças particulares lá, que acabaram impedindo o massacre. Eu jamais imaginaria que um

grupo de talibãs fosse conseguir penetrar tão fundo na base. O príncipe Harry, da Inglaterra, estava lá nessa noite. A área VIP ficava a duzentos metros de onde tudo aconteceu. Foi um desastre, como você pode imaginar, em boa parte por minha causa.

— Deixa disso, Pete. Isso foi há seis anos — protesta Rachel.

— Você não está entendendo, Rach. Fuzileiros morreram, e parte da responsabilidade foi minha. Eles me puniram com base no Artigo Quinze, mas teria sido corte marcial se eles não estivessem preocupados com a repercussão disso. De qualquer forma, eu me mandei uns anos depois. Seis anos antes de completar vinte de serviço. Sem pensão nem benefícios. Sou um idiota mesmo.

Ela se inclina para a frente e lhe dá um beijo delicado nos lábios.

— Está tudo bem — diz ela.

O beijo o deixa sem fôlego.

Você é linda, ele quer dizer, mas não consegue. Ela está exausta, magra e frágil, mas ainda assim deslumbrante. O problema não é esse. O problema é articular o que ele está sentindo. Ele sente que corou e desvia o olhar.

Ela afasta uma mecha de cabelo rebelde da testa franzida dele.

E o beija de novo, dessa vez mais intensamente. Ela já queria fazer isso havia um tempo, mas temia que estragasse o clima.

Só que não foi o que aconteceu.

Os lábios dele são macios, mas seu beijo é forte e marcante. Ele tem gosto de café, cigarro, uísque e outras coisas boas.

Pete a beija com avidez, mas, um minuto depois, hesita.

— O que foi?

— Não sei se devo — diz ele baixinho.

— Como assim? Você não me acha...

— Não é isso. Não é nada disso. Você é muito atraente.

— Eu sou só pele e osso, eu...

— Não, você está linda. Não é isso.

— O que é, então?

— É que eu não... Tem um tempão... — diz ele. Não chega a ser mentira. Ele está pensando no segundo grande segredo, a heroína, e se perguntando se vai conseguir ter um bom desempenho.

— Tenho certeza de que você vai se lembrar de tudo rapidinho — diz Rachel, levando-o para o quarto.

Ela tira a própria roupa e se deita na cama.

Ela não sabe, mas é muito gostosa, pensa Pete. Cabelos castanhos, pernas muito, muito compridas.

— Vem — diz ela, provocante. — É um revólver isso aí no seu bolso ou você... Ah, é um revólver!

Pete coloca a 9 milímetros na mesa de cabeceira e tira a camiseta.

Quando ele tira as calças, está de certa forma surpreso ao ver que

tudo está funcionando perfeitamente.

— Ora, ora, ora... — diz Rachel.

Pete sorri. *Que alívio*, pensa, e se junta a ela na cama.

Eles transam como se tivessem sobrevivido a um desastre de avião.

Frenético, tenso, desesperado, faminto.

Vinte minutos depois, ela goza, e ele também.

Um oásis espetacular depois de meses de seca.

— Quer dizer então... — diz Pete.

— É... — solta Rachel.

Ela se levanta para pegar cigarros e uísque.

— E é meio estranho também, né? — continua ela. — Meio perverso. Tipo, dois irmãos, meu Deus. Quem é que faz um negócio desses?

— Só deixa o meu pai fora disso. Acho que o coração dele não ia aguentar...

— Que nojo.

Pete se levanta, vai até a sala e percorre a coleção de vinil dela, composta basicamente de Motown e jazz. Todos os CDs são de Max Richter, Jóhann Jóhannsson e Philip Glass.

— Caramba, Rachel! Você por acaso já ouviu falar de rock and roll?

Ele bota *Night Beat*, de Sam Cooke, para tocar.

Quando ele volta para a cama, ela vê nitidamente as marcas das agulhas em seus braços.

Não é nenhuma surpresa. Já desconfiava de algo assim. Ela toca nas marcas e depois o beija afetuosamente.

— Se você for ficar aqui, vai ter que ficar limpo — diz ela.

— Eu sei — concorda ele.

— Não, Pete, estou falando sério. Você deu a comida errada pra Amelia. Entregou uma arma pro Mike Dunleavy. Você precisa se livrar dessa merda.

Pete sente a força do olhar dela.

Está envergonhado.

— Desculpa. Desculpa mesmo. Você tem razão. Você merece isso, e a Kylie também. Não é mais só problema meu. Vou ficar limpo.

— Mas quero que me prometa isso, Pete.

— Eu prometo.

— Sei que não é a mesma coisa que químio, mas eu passei por uns maus bocados. Estou aqui pra te ajudar.

— Obrigado, Rach.

— O que aconteceu ontem à noite em Providence Oriental? Na casa do Seamus Hogg? Você estava chapado?

— Não. Não chapado, mas...

— O quê?

— No limite. Eu simplesmente não estava pensando quando

entreguei a arma pra ele. Desculpa. Ele podia ter matado a gente.

— Mas não matou.

— Não.

Ela se deita em seu peito e o encara.

— Eu não teria conseguido fazer isso sem você, Pete. De verdade.

E o beija nos lábios.

— Foi você, meu bem, foi você que salvou sua família — insiste Pete. — Você conseguiu. Você é capaz de qualquer coisa.

— Ah! Passei os últimos anos me sentindo um grande fracasso. Trabalhei como garçõete e arrumei aqueles empreguinhos só pro Marty poder estudar pra esse exame. E antes também. Sabe, quando eu estava ajudando o Marty a estudar pro LSAT, tirei setenta no teste prático. E ele tirou cinquenta e nove. Eu tinha muito potencial, Pete. E joguei fora.

— Você deu a volta por cima, Rach. O que você fez foi incrível trazendo a Kylie de volta — diz ele.

Ela balança a cabeça. É um milagre que a Kylie esteja de volta, e não se recebe crédito por um milagre.

Rachel põe a mão no peito dele e sente seu coração batendo. Calmo, lento, deliberado. Ele tem três tatuagens: um ouroboros, o logo dos Fuzileiros Navais e o numeral romano V.

— Por que o V? — ela quer saber.

— Cinco participações em combate.

— E a serpente?

— Pra me lembrar de que não há nada de novo sob o sol. Tem gente que sobreviveu a coisa muito pior.

Ela suspira e o beija mais uma vez, e o sente ficar excitado por baixo dela.

— Seria bom se esse momento durasse pra sempre — comenta Rachel.

— E vai — afirma Pete, feliz.

Não, pensa Rachel, não vai.

SEGUNDA PARTE

O MONSTRO NO LABIRINTO

Uma comunidade hippie lamacenta em Crete, Nova York, lá pelo fim dos anos 1980. É uma manhã de início do outono, cinzenta e chuvosa. A comunidade crescera em torno de uma série de celeiros decrepitos. E tem sido motivo de preocupação desde o verão de 1974, mas é evidente que nenhum dos profissionais contratados desde então tinha muita competência em pecuária, agricultura ou mesmo para questões básicas de manutenção.

O nome da comunidade mudou várias vezes em uma década e meia. Já se chamou Filhos de Astério, Filhos da Europa, Filhos do Amor e assim por diante. Mas o nome não é importante. Quando o acontecimento daquela manhã de outono chega às páginas do *New York Daily News*, a manchete sensacionalista é simplesmente “Massacre com drogas e sexo em seita no norte do estado”.

Mas, no momento, tudo está em paz.

Um bebê, provavelmente de uns 2 anos, um menino chamado Raio de Lua, está lá fora com sua irmã gêmea, Cogumelo, e vários outros bebês, crianças mais velhas, galinhas e cachorros. Eles estão brincando num terreno lamacento atrás do curral, sem a supervisão de nenhum adulto. A criançada parece bem feliz, apesar de molhada e suja.

Dentro do celeiro, cerca de uma dúzia de jovens adultos sentados em círculo estão viajando, cheios de LSD na cabeça. No fim da década de 1970, haveria trinta ou quarenta pessoas ali, mas aquela época foi o auge desse tipo de experiência de vida alternativa, e isso já faz muito tempo. A *vibe* dos anos 1980 é bem diferente, e a comunidade aos poucos está morrendo.

Os acontecimentos de hoje representarão seu pavoroso capítulo final.

Uma caminhonete estaciona na entrada do curral. Um velho e um rapaz saltam dela. Eles se entreolham e colocam toucas ninja. Ambos estão armados com revólveres de cano curto calibre .38.

Eles entram no celeiro e perguntam aos jovens chapados onde Alicia está.

Aparentemente ninguém sabe onde Alicia está, ou nem mesmo quem é Alicia.

— Vamos olhar na casa — diz o velho.

Eles saem do celeiro, passam por um trator enferrujado e entram no antigo casarão da fazenda.

O lugar é um labirinto, parece uma pista com obstáculos. Colchões, móveis, roupas, brinquedos e jogos espalhados por todo lado. Os dois sacam suas armas e revistam os cômodos do primeiro e do segundo andar.

Então olham para a escada que dá para o terceiro andar. Em algum lugar lá em cima, há música tocando.

O rapaz reconhece o álbum *Sticky Fingers*, dos Rolling Stones, um dos favoritos de Alicia.

À medida que sobem a escada, a música vai ficando mais alta. Eles entram no amplo quarto principal no momento em que “Sister Morphine” dá lugar a “Dead Flowers”.

E dão de cara com Alicia, uma jovem loira, nua com outra jovem e um homem ruivo de barba avermelhada. Eles estão numa enorme e antiquada cama de dossel. Alicia e o barbudo estão drogados. A outra mulher parece dormir profundamente.

O velho se ajoelha perto de Alicia, lhe dá uma bofetada no rosto e tenta fazê-la reagir.

— Cadê as crianças, Alicia? — pergunta ele, mas ela não responde.

O jovem a sacode e repete a pergunta, mas ela ainda não responde. Até que ele desiste de perguntar.

O velho pega um travesseiro e o entrega ao homem que está com ele.

O rapaz olha para o travesseiro e balança a cabeça.

— É a única saída — diz o velho. — Os advogados vão devolver as crianças pra ela.

O rapaz pensa por um tempo, faz que sim com a cabeça e, inicialmente com certa relutância, mas depois com crescente fúria, começa a asfixiar Alicia com o travesseiro. Ela se debate, arranhando as mãos dele, chutando-o.

O barbudo cai em si e percebe o que está acontecendo.

— Ei, cara! — diz.

O velho saca o revólver e atira na cabeça do barbudo, que morre imediatamente.

O rapaz larga o travesseiro e pega seu .38.

— Tom? — pergunta Alicia, arfante.

O velho dá um tiro na cabeça dela também.

Em meio a todo aquele alvoroço, a outra mulher não despertou, ou talvez esteja fingindo que está dormindo. Mas o velho atira nela de qualquer forma.

Voam penas para todo lado, os lençóis estão empapados de sangue.

A porta do banheiro se abre e um jovem nu entra no quarto com um rolo de papel higiênico na mão.

— O que está acontecendo aqui? — pergunta.

O velho mira com cuidado e atira no peito do perplexo intruso. Foi um tiro no coração, que provavelmente o matou, mas o velho atravessa o quarto e dá dois disparos na cabeça dele também, só para garantir.

— Jesus, que estrago! — solta Tom.

— Eu cuido disso enquanto você procura as crianças — diz o velho.

Dez minutos depois, Tom encontra Raio de Lua e Cogumelo brincando na lama atrás do celeiro e os leva para a caminhonete.

Com uma faca de caça, o velho decepa quatro dedos da mão esquerda de Alicia: os dedos que arranharam o rapaz e que têm mostras de seu DNA.

Encontra um galão de gasolina e espalha seu conteúdo pela casa. Limpa o galão com um lenço, vai até a pia da cozinha e se serve de um copo de água. Depois de bebê-la, elimina as digitais do copo também.

Abre a porta de tela e, com o pé, a mantém entreaberta, então acende vários palitos de fósforo e os joga no chão da cozinha.

Um rastro de chama vermelha corre pelo piso de linóleo.

O velho entra na caminhonete em que Tom está.

Eles seguem para longe da comunidade, o velho ao volante, Tom atrás com as crianças.

Não cruzam com nenhum outro carro na estrada estreita que sai da fazenda, o que é uma sorte para todo mundo.

Tom olha pelo para-brisa traseiro e vê a casa em chamas.

Seguem por quarenta minutos, até encontrar um reservatório. O velho para a caminhonete, salta do carro, limpa os dois revólveres e a faca com um lenço.

Joga a faca de caça na sacola de papel onde estão os dedos de Alicia. Abre um buraco na sacola e a atira na água gelada, junto com os revólveres.

Tudo afunda imediatamente.

As três ondulações na lagoa se cruzam por um breve momento, como a espiral tripla encontrada na entrada das sepulturas coletivas da Europa neolítica.

As espirais desaparecem e a água escura volta a se aquietar.

— Vamos — diz o velho. — Vamos embora.

Nevasca. Frio. Os volumes aos seus pés são pássaros que congelaram e caíram das árvores. Seu rosto é castigado pela neve, mas ela mal sente. Ela está e não está aqui. Está vendo a si mesma num cinema de confissões.

Tudo que está tentando fazer é voltar da caixa de correio para casa. Mas não consegue enxergar nada na vastidão desse branco translúcido de Old Point Road.

Ela não quer pegar o caminho errado e ir parar no pântano. De roupão, caminha cautelosamente com suas pantufas.

Por que está vestida assim? Por que tão despreparada? Desprevenida?

O brejo espera que ela preencha uma ausência. *Você está devendo uma vida ao vácuo porque conseguiu sua filha de volta.*

Na água, os patos soam o alarme. Tem alguma coisa à espreita na beira da bacia das marés.

O vento faz a neve rodopiar à sua frente. O que foi que deu nela para ir até ali num tempo desse?

A brancura escurece assumindo a forma de uma criatura. Um homem. A curva no capuz do casaco faz com que pareça que ele tem chifres.

E talvez tenha. Talvez ele tenha o corpo de um homem e a cabeça de um touro.

Ele se aproxima.

Não, é um homem. Está usando um casaco preto longo e aponta um revólver para o peito dela.

— Estou procurando Kylie O'Neill — diz ele.

— Ela não está em casa... ela... ela... ela está em Nova York — gagueja Rachel.

O homem ergue o revólver...

Ela acorda sobressaltada.

A cama está vazia. Pete não está ali. A casa está em silêncio. Ela já teve esse sonho antes. Variações em torno do mesmo tema. Ninguém precisa ser nenhum gênio para interpretar esse pesadelo: você tem uma dívida. Sempre terá uma dívida. Está devendo. Uma vez que se está na Corrente, não se sai dela nunca mais. E se sequer pensar em

tentar se libertar, ela vai se voltar contra você.

Como o seu câncer.

Ele sempre estará lá, à espreita, pelo resto de sua vida. Pelo resto de suas vidas.

Câncer.

Exatamente.

Ela olha para o travesseiro, e ali estão algumas dezenas de fios de cabelo castanhos e pretos e — que lindo — alguns grisalhos agora também.

Quando ela foi à consulta com sua oncologista naquela fatídica manhã de terça-feira, a Dra. Reed imediatamente a mandou fazer uma ressonância magnética. O resultado foi suficientemente preocupante para que a médica recomendasse uma cirurgia naquela mesma tarde.

A mesma sala de paredes creme do Hospital Geral de Massachusetts.

O mesmo anestesiata texano simpático.

O mesmo cirurgião húngaro pragmático.

E até a mesma sinfonia de Shostakovich tocando.

— Vai ser tudo um primor, meu bem. Vou contar de trás pra frente começando do dez — disse o anestesiata.

Meu Deus do céu, quem ainda fala “um primor”?, pensou Rachel.

— Dez, nove, oito...

A cirurgia foi considerada um sucesso. Ela precisaria de “apenas um ciclo auxiliar de quimioterapia”, o que, para a Dra. Reed, era fácil falar, pois não era ela que passaria por isso. Não seria ela quem receberia o veneno em gotas nas veias.

Mesmo assim, uma sessão a cada duas semanas durante quatro meses é algo que Rachel pode encarar. Agora que sua menina voltou para casa, nada pode ser tão terrível assim.

Ela espana os fios de cabelo do travesseiro e faz o mesmo com o pesadelo em sua mente. Consegue ouvir Kylie lá em cima, no chuveiro. A filha costumava cantar no banho. Mas não faz mais isso.

Rachel abre as persianas e pega a xícara de café que Pete deixou para ela ao lado da cama. Parece uma bela manhã. Ela fica surpresa por ver que não está nevando. O sonho parecia tão real! A cama está virada para o leste, na direção da bacia das marés. Ela bebe um gole do café, abre a porta de tela e vai para o deque. Ar frio e revigorante, as zonas entremarés estão cheias dos pássaros que vivem no lodo.

Ela avista o Dr. Haverkamp caminhando pelas dunas na frente de casa. Ele acena, e ela o cumprimenta também. Ele desaparece por trás de um grande *prunus maritima*, um desses arbustos conhecidos como *beach plums*, que deram nome à ilha, assim como a outra existente em Nova York. Os frutos agora estão maduros. Elas fizeram algumas jarras de conserva de ameixa no outono passado e as venderam para o

mercado local. Ela e Kylie dividiam as tarefas. *Vineland Jam Corporation* fora o nome escolhido por Kylie para o empreendimento, devidamente inscrito nas etiquetas feitas em casa. Kylie adorou saber da possibilidade de que perigosos piratas vikings tivessem chegado a Plum Island. Aquela era uma época em que dava para sonhar com perigos num lugar plenamente seguro.

Rachel aperta o cinto do roupão e vai até a sala.

— Querida, quer que eu prepare o seu café da manhã? — pergunta ela à filha.

— Torrada, por favor — responde Kylie lá de cima.

Rachel vai até a cozinha e põe duas fatias de pão na torradeira.

— Feliz Dia de Ação de Graças — diz alguém atrás dela.

— Merda! — grita Rachel, virando-se com a faca de pão na mão.

Stuart comicamente coloca as mãos para cima.

— Stuart, desculpa. Eu não sabia que você estava aqui.

— Por favor, pode baixar a faca, Sra. O'Neill — pede ele, fingindo estar apavorado.

— Desculpa pelo palavrão também. Não conta pra sua mãe.

— Tudo bem. Acho que já ouvi essa palavra uma ou duas vezes em outros... ééé... contextos.

— Quer torrada?

— Não, obrigado. Só vim dar um alô pra Kylie antes de vocês saírem.

Rachel balança a cabeça e prepara uma torrada para ele também. Ela, Kylie e Pete irão para Boston para o Dia de Ação de Graças. O feriado caía dois dias depois de uma terça-feira de químio, e Marty aproveitou para convidar todo mundo para passar a data com ele.

Tudo bem. Está tudo bem.

Rachel faz mais duas torradas e as coloca em um prato.

Pete volta da corrida, ofegante mas feliz. Ele tem corrido muito nas duas últimas semanas, está ficando mais forte. O Departamento de Assuntos de Veteranos de Worcester o está submetendo a um tratamento com metadona, para tirar gradualmente os opioides do organismo. Até agora está funcionando. E é bom que continue funcionando. A prioridade é a família dela. Pete sabe disso.

Pete lhe dá um beijo na boca.

— Boa corrida? — pergunta ela.

Ele olha para Rachel. E percebe.

— Pesadelo? — sussurra Pete.

Ela faz que sim.

— O mesmo.

— Você devia procurar ajuda.

— Você sabe que eu não posso.

Eles não podem contar a ninguém que atravessaram o espelho e

entraram no mundo em que os pesadelos são reais.

Pete se serve de uma xícara de café e se senta ao lado de Rachel à mesa da sala.

Em momento algum ele chegou a propor formalmente se mudar para a casa dela. Havia ido de carro a Worcester e trazido as coisas de que precisava, que não eram muitas, e simplesmente foi ficando.

Dos três, talvez Pete seja quem está melhor.

Se tem algum pesadelo, não diz nada, e a metadona afasta suas piores ânsias.

Dos três, Kylie certamente é quem está pior.

Naquela noite na casa dos Appenzellers, Kylie foi ficar com Amelia no porão. A menina tinha acordado e Kylie foi confortá-la, dizendo que ia dar tudo certo. Mas a questão não é essa. A questão é o fato de ela ter ido até o porão. Ela agora fazia parte do esquema que mantinha Amelia prisioneira. Kylie então fora vítima e agressora. Como todos eles. Vítimas e cúmplices. É isso que a Corrente faz com você. Ela te tortura e te obriga a torturar outras pessoas.

Kylie não fazia xixi na cama desde os 4 anos. Agora, praticamente toda manhã o lençol está molhado.

Quando sonha, tem sempre o mesmo pesadelo: ela é jogada num calabouço e deixada lá para morrer sozinha.

Está tudo diferente em Plum Island. Kylie não vai mais sozinha à escola, nem ao mercado, nem a lugar nenhum.

Antes, elas raramente trancavam as portas; agora as trancam sempre. Pete trocou e reforçou todas as trancas. Apagou os programas espões dos dispositivos eletrônicos de Rachel, e eles pagaram seu amigo Stan para tirar os grampos da casa e colocar rastreadores GPS do tamanho de moedas nos sapatos de Kylie. Ela é monitorada quando vai a qualquer lugar, especialmente quando fica com o pai na cidade.

Kylie sabe que não pode contar ao pai o que aconteceu. Nem ao pai, nem a Stuart ou ao orientador da escola, nem à avó. A ninguém. Mas Marty não é nenhum bobo, e sabe que há algo errado. Acha que talvez tenha a ver com algum garoto. Mas ele não vai pressionar a filha. Ele já tem os próprios problemas. Tammy teve de voltar para a Califórnia de uma hora para outra para cuidar da mãe, que recentemente sofreu um acidente. E ela não está interessada em se relacionar com alguém que está no outro extremo do país. Alguns poucos e-mails secos, e assim, sem mais nem menos, tchauzinho, Marty.

Pete nem ficou muito surpreso. Marty livrou Tammy da falência, restabeleceu seu crédito na praça, resolveu todos os problemas jurídicos dela e então ouviu: *Muito obrigada, vou voltar pra Califórnia.* Ela manipulou todo mundo, na opinião de Pete. Ele conhece esse tipo de mulher; na verdade, se casou com uma quase igual a Tammy. E

conhece muitos Tammys do sexo masculino também.

Kylie finalmente desce. Ela trocou o pijama por calça de moletom e uma camiseta.

Rachel sabe o que isso quer dizer. O pijama está no cesto de roupa suja.

— Oi, Stuart. E aí? — diz Kylie.

Ela não podia parecer mais triste. Tomara que no feriado de Ação de Graças consiga espairecer um pouco. Rachel a observa, fingindo examinar alguma coisa em seus livros de filosofia. Stuart está falando com ela, e Kylie responde de um jeito vago e indiferente.

Até que ele se despede; então eles tomam o café da manhã e vão se vestir.

À uma da tarde, Pete as leva de carro até a nova casa de Marty em Longwood, bem perto do Fenway Park. Boa vizinhança. Advogados, médicos, contadores. Cercas de madeira pintadas de branco, gramados impecáveis.

— Independentemente do valor que o Marty esteja dando de pensão alimentícia, você pode pedir mais — comenta Pete, estacionando o Dodge.

Marty nem tentou cozinhar. Pediu comida para todos por um aplicativo, e estava tudo delicioso. A casa ainda não está completamente mobiliada, e ele não tem uma namorada nova na cidade, o que surpreende um pouco Rachel. Marty é o tipo de sujeito que sempre tem um plano B.

Eles ficam sabendo dos detalhes do súbito rompimento com Tammy e das novidades no trabalho de Marty. Ele está chateado porque Tammy rompeu com ele por mensagem e depois sumiu, mas Marty não é do tipo que se deixa abater por coisas assim. Ri dos clientes, conta uma história engraçada envolvendo a leitura de um testamento e depois desfia algumas de suas melhores piadas de advogado.

Não faz nenhuma pergunta sobre os estudos de Kylie. Já está sabendo que as notas dela despencaram e acha melhor não trazer o assunto à tona.

Kylie está distante e Rachel, cansada demais para dizer qualquer coisa, mas Pete mantém a conversa fluindo. Conta que está pensando em se aventurar de caiaque na Intracoastal Waterway e divaga sobre as complexidades do canal de Cape Cod e da Baía de Chesapeake.

A mãe de Rachel telefona da Flórida, e Marty insiste em falar com ela. O coração de Rachel quase vem à boca quando ele pergunta sobre *Hamilton*, mas Judith se lembra de mentir direitinho.

Quando está falando só com Rachel, Judith diz que a filha tem de romper relações com essa família O'Neill medonha, e Rachel escuta, concorda, deseja à mãe um feliz Dia de Ação de Graças e desliga.

— O que você fez no Dia de Ação de Graças do ano passado, tio

Pete? — pergunta Kylie.

— Eu estava em Cingapura. Viajando. Nada especial. Não consegui achar um peru.

— E quando foi seu último Dia de Ação de Graças em casa? Com a família? — quer saber Rachel.

Pete tenta se lembrar.

— Tem alguns anos já. O último que lembro foi em Okinawa, em Camp Butler. Serviram peru e purê de batatas no refeitório. Foi muito bom.

Rachel ouve, sorrindo. Ela segura a mão de Kylie por baixo da mesa, move a comida de um lado para o outro no prato e finge comer. Olha para a filha, que no momento está rindo das piadas do pai, mas que quase sempre está à beira das lágrimas. Olha para Pete, pensativo e calado, mas fazendo um esforço danado para sustentar a conversa. Olha para Marty, bonitão, exuberante, divertido. Tammy é uma idiota. Marty é um achado.

Ela pede licença para ir ao banheiro.

Contempla seu reflexo no espelho do corredor.

Está definhando de novo. Dissolvendo-se no espaço. Entra no banheiro e puxa a droga do fio vermelho que vive soltando em seu suéter favorito.

E se senta no vaso com a cabeça entre as mãos, pensando.

Seu celular emite um alerta. Nova mensagem no Wickr. Ela só recebe mensagens de uma pessoa pelo Wickr: *número desconhecido*. A Corrente.

Ela abre a mensagem.

Você tem muito o que agradecer este ano, Rachel. Nós devolvemos sua filha para você. Devolvemos a sua vida. Sinta-se grata por nossa clemência e lembre que, uma vez que você entra na Corrente, está nela para sempre. Você não é a primeira nem será a última. Nós estamos vigiando, nós estamos ouvindo; podemos ir atrás de você a qualquer momento.

Rachel larga o telefone, sufocando um grito.

E cai em prantos. Isso nunca mais vai acabar. Nunca.

Ela cai no chão e, depois de alguns segundos, se lembra de respirar.

Chora, lava o rosto, dá descarga, respira fundo e se junta à família novamente.

Todos olham para ela. Todo mundo sabe que ela estava chorando. Duas pessoas acham que sabem por quê.

Fruit Street, 55, Boston, Massachusetts.

Ela fala para eles não irem. Quer que eles vão, mas sempre diz para eles não irem. Pete tem de levá-la, claro, mas não há motivo para Kylie e Marty estarem ali também.

Para um ex-marido, Marty até que se sai muitíssimo bem.

Eles aguardam na sala de espera.

O espaço é ótimo. Tem uma televisão sintonizada na CNN e uma pilha de *National Geographic* desde a década de 1960. Tem vista para o Porto de Boston. Dá até para ver o *USS Constitution*.

Ela fica feliz por eles não estarem lá dentro para vê-la se contrair de dor quando a enfermeira acessa o cateter ou quando o veneno começa a correr por suas veias e ela começa a tremer, vendo o quarto girar.

A quimioterapia é uma pequena morte que convidamos a entrar em nossa casa para manter a grande morte esperando na varanda.

Depois da humilhação e do sofrimento, eles a levam de cadeira de rodas para a sala de recuperação e sorriem para ela. Abraços de Kylie e Pete. Marty não consegue parar de falar, parece que engoliu uma vitrola.

Tudo de que a gente precisa. Família. Amigos. Apoio.

A Dra. Reed está satisfeita com o tratamento. E seu prognóstico é bom. A trajetória aponta para o canto superior direito do gráfico.

Mas a terrível verdade secreta é que ela não está nada bem.

Seu corpo está enfraquecendo.

Ela está ficando mais debilitada.

E ela sabe que não é o câncer que a está consumindo. Não é esse o C maiúsculo.

Não é o câncer.

Ela.

A Corrente.

Uma família acaba de se mudar para uma casa em Bethesda, Maryland. Foi um longo dia, mas agora os homens da mudança já foram embora e todas as caixas estão lá dentro.

A família posa para uma foto em frente à nova residência. Uma família feliz num bairro residencial ensolarado. Imagine uma versão do início da década de 1990 da pintura *'61 Pontiac*, de Robert Bechtle, só que com crianças da mesma idade. Gêmeas. O marido, Tom Fitzpatrick, um sujeito baixo e elegante de cabelo escuro, está usando camisa branca e uma gravata preta fininha. Parece até o primeiro Darrin de *A Feiticeira*. De aparência completamente inofensiva. Sua nova esposa, Cheryl, está grávida. Tem longos cabelos loiros lisos e franjas que chegam até pouco acima dos lindos olhos castanhos. Sem querer forçar a analogia, poderíamos dizer que ela também tem algo de Samantha Stephens.

O menino, Raio de Lua, agora se chama Oliver. Garotinho gorducho de aparência inofensiva, com uma intensidade talvez um tanto macabra em seu olhar vidrado. A menina, Cogumelo, chama-se Margaret. Ela também tem esse lance sinistro do olhar vidrado, mas quase não dá para notá-lo por causa dos cabelos ruivos encaracolados e pelo fato de ela nunca parar quieta. Se Tom fosse de levar os filhos a psiquiatras, Margaret provavelmente já estaria tomando Ritalina, mas ele não é disso. Ele é um pai antiquado.

— Nem tudo se resolve com remédio — costuma dizer seu pai.

Dois dias depois da mudança, eles organizam um chá de casa nova e convidam os vizinhos. Na rua moram assessores parlamentares, funcionários do Departamento de Estado e do Tesouro.

Há três festas acontecendo na casa ao mesmo tempo naquela noite. Tem a festa em que os homens conhecem uns aos outros. Tom se sai bem. Parece um sujeito quadrado e chato, com cabelinho G.I. Joe, que usa protetor de bolso para colocar canetas e tem muita cerveja light na geladeira.

Tem a festa das mulheres. Cheryl é bonitinha, sem graça e talvez meio simplória. Típica mãe de família tradicional, que tinha lá seus sonhos, mas abriu mão deles para se tornar uma esposa dedicada. Cheryl queria ser padeira, como o avô.

E tem a festa das crianças na sala de estar. É a mais interessante. Os meninos estão dissecando a coleção de discos, considerada muito fraca: John Denver, Linda Ronstadt, Juice Newton, os Carpenters. As meninas revelam segredos de família. O pai de Ted é um bêbado que está tendo um caso com a secretária. A mãe de Mary bateu com o carro há dois anos e matou uma ciclista. A mãe de Janine acha que o bairro virou um inferno desde que uma família indiana se mudou para lá.

A festa continua até bem depois da hora de as crianças irem para a cama, e Oliver descobre que os Jets e os Giants são horríveis, mas que os Giants são ainda piores porque estão na mesma divisão dos Redskins.

Oliver confessa que, na verdade, nem gosta de futebol americano. Um garoto de 10 anos chamado Zachary lhe diz então que ele é uma bichinha fedorenta. Zachary também fala para ele que sua mãe parece uma puta.

Com toda a calma, Oliver conta que sua mãe está morta, que ela foi assassinada, que seu corpo foi mutilado e queimou em um incêndio.

Zach fica pálido. E mais branco ainda depois que Margaret o desafia a beber a meia lata de cerveja que ela achou. Zachary toma o líquido da lata em uma golada e diz que já havia bebido cerveja antes. Isso pode até ser verdade, mas ele não havia tomado cerveja batizada com uma colher de chá de xarope de ipeca.

Zach começa a vomitar em jatos, o que acaba de vez com a festa.

Ela encara a tela do computador. Página em branco, cursor piscando.

É uma gelada manhã de dezembro, e falta uma hora para a maré alta. A bacia das marés está cheia de gansos migratórios e êideredredão.

Ela respira fundo e digita: *Aula 2: Introdução ao existencialismo. Os existencialistas acreditavam que a nossa vida é uma tentativa de impor significado a uma existência na qual não há significado. Para eles, este mundo é um ouroboros — uma serpente que engole a si mesma. Os padrões se repetem. Não há progresso. A civilização é uma ponte de cordas pendurada sobre um abismo.*

Ela balança a cabeça. O tom não está bom. Clica no Delete e vê seu árduo trabalho desaparecer num instante.

Kylie desce usando seu novo casaco vermelho. Ela parece feliz hoje. Assim como a mãe, está ficando boa na arte de fingir que está feliz. Um sorrisinho de canto de boca, um falso tom alegre na voz. Mas os olhos contam outra história.

Ela vinha sofrendo de dores no estômago nos últimos tempos. Os médicos não identificaram nada. Falaram que provavelmente é estresse. Estresse que a leva a se dobrar de dor, provoca pesadelos e a faz molhar a cama.

Ela tenta ser forte, mas Rachel sabe.

— Podemos ir? — pergunta Kylie.

— Claro. Não está saindo nada mesmo — responde Rachel, fechando o laptop.

— Só preciso de cinco minutos para tomar um banho e a gente sai — diz Pete.

— Seria bom se a gente não se atrasasse — retruca Kylie.

— Se ele falou cinco minutos, são cinco minutos — afirma Rachel.

Num planeta cheio de homens que não são dignos de confiança — pais que abandonam a família, maridos que fogem com mulheres mais jovens —, Pete é do tipo que não deixa ninguém na mão. Mesmo assim, Rachel não deixaria um viciado morar na mesma casa que sua filha, então ela se certifica de que ele está seguindo religiosamente o tratamento com metadona. Está. E, além disso, para firmar sua reputação de provedor responsável, pegou um bico como segurança

para saldar a súbita e enorme dívida com cartões de crédito.

Exatamente cinco minutos depois, eles estão no Volvo, a caminho da cidade. Estacionam no Starbucks, e Rachel se aquece com um chá numa mesa perto da janela enquanto Kylie e Pete saem para fazer umas compras.

É uma movimentada manhã de sábado, há moradores e turistas nas ruas de Newburyport. Marty está vindo buscá-los com a nova namorada em alguns instantes. É claro que ele está com uma namorada nova. O plano B pelo menos. Mas, em vez de marcarem de se encontrar em Plum Island, eles optam por um local mais seguro e neutro, o Starbucks de Newburyport.

Assim que Kylie sai de seu campo de visão, Rachel pega o celular e checa o aplicativo que localiza o rastreador de GPS nos sapatos da filha. Sim, lá está ela na High Street, virando à esquerda para entrar na Tannery. Todo filho de qualquer pai é refém do acaso, mas nem todos os pais são lembrados disso de maneira tão vívida.

Ela vê Pete do outro lado da rua com um monte de sacolas de compras. Acena para ele, que entra no Starbucks e lhe dá um beijo no rosto.

— O que você comprou? — pergunta ela.

— Umas coisinhas pra Kyles.

— Espero que não tenha gastado muito dinheiro, já passou do seu limite...

— Shhh — faz Pete. — Uma das minhas maiores alegrias nessa vida é comprar presentes pra minha sobrinha.

Eles ficam ali conversando, à espera de Marty, que está atrasado, como sempre.

— Finalmente, aí vem o homem em pessoa — diz Pete, batendo no relógio e se levantando. — E é claro que a namorada nova dele é linda. E, meu Deus!, aparentemente é ainda mais jovem que a anterior.

Marty chega todo sorridente. Está usando calça jeans desbotada, camiseta cinza de gola V e um casaco de couro Armani. Seu cabelo está curto e ele arrumou um bronzeado sabe-se lá onde.

A garota é uma coisinha de cabeleira loira toda repicada. Mais baixa que Marty, ao contrário de Tammy, mas ainda assim linda. Um adorável nariz arrebitado, olhos muito azuis e covinhas. Parece que mal saiu do ensino médio.

Apresentações feitas. Apertos de mão. Rachel nem se dá ao trabalho de guardar o nome dela porque sabe que esta garota provavelmente será sucedida por outra igualzinha daqui a algumas semanas.

Kylie entra no café, abraça o pai e cumprimenta a namorada dele com um aperto de mão.

A namorada nova diz que Kylie está supercausando, além de

parecer bem confortável em seu casaco de lã vermelho. Kylie gosta do elogio.

Elas conversam um pouco e Rachel sorri e vai desaparecendo lentamente, fundindo-se ao ambiente. Como é fácil desaparecer com tão pouco peso! Quando a única coisa que lhe dá substância é o veneno correndo em suas veias.

— Temos que ir agora — diz Marty, e recomeça a rodada de abraços e beijos, e lá se vão eles na Mercedes branca de Marty.

— Kylie vai ficar bem — diz Pete no jantar naquela mesma noite. — Ela gostou da namorada nova do Marty.

— Melhor ela não se apegar muito a essa garota. Provavelmente vai ter outra ainda mais jovem na semana que vem — retruca Rachel com certa amargura, surpreendendo a si mesma.

Depois do jantar, eles checam a localização de Kylie pelo GPS (ela está na casa de Marty) e ligam para ela pelo FaceTime.

Mais tarde, Pete vai ao banheiro tomar a metadona. Ele tinha começado a misturar um pouco de heroína mexicana no remédio, só para ajudá-lo a passar a noite.

Rachel não sabe disso. Mas nesses dias ela mesma tem precisado tomar dois Ambien e dois dedos de uísque para conseguir dormir. Ela se senta ao computador e tenta retomar a aula que está preparando, mas não consegue avançar. Assiste a uns vídeos no YouTube, mas nem Ella Fitzgerald cantando Cole Porter consegue animá-la.

Página em branco na tela. Cursor piscando.

Rachel dá ração ao gato e decide arrumar a casa. Quem consegue trabalhar numa casa suja?

Sobe até o quarto de Kylie e levanta o edredom da cama. O lençol está encharcado, e o colchão, úmido. Devia ter trocado de manhã. Agora acontece toda noite. Ninguém consegue dormir. Todo mundo tem pesadelos. Na casa do pai, Kylie dorme com duas toalhas de praia por baixo, para ele não descobrir.

Rachel se senta na beira do colchão de Kylie e deixa a cabeça cair nas mãos. No chão, perto de seu pé, ela vê o Moleskine da filha. Ela o pega e luta contra a vontade de abri-lo. É o espaço sagrado e privado de Kylie.

Não abra, não abra, não...

Ela o abre e começa a folhear as páginas. Há desenhos, anotações típicas de um diário, listas de músicas e filmes favoritos, possíveis nomes para um futuro cachorro e assim por diante, começando no início do ano. Tudo interrompido no dia em que ela foi sequestrada. Depois disso, a caderneta está cheia de grotescos rabiscos aleatórios, páginas totalmente pretas, um desenho do porão onde ela foi mantida presa e informações sobre os sequestradores: *O homem provavelmente era professor. Mulher chamada Heather. Menino chamado Jared.* Uma

referência a um kit de mágica do Houdini que ela havia ganhado de presente de Natal antecipado e às dicas nele contidas sobre como se livrar de algemas. Mais páginas pretas e espirais desenhadas com tanta força que a página se rasgou. Uma das anotações mais recentes, de dois dias atrás, é o endereço de um site que fala de maneiras indolores de se matar. *Pílulas? Afogamento?*, rabiscou Kylie na margem.

Rachel engole em seco.

— Isso não vai acabar nunca — pensa ela.

Desce de novo, pega o computador e manda uma mensagem para Kylie perguntando como ela está. Meia hora depois, Kylie responde que está bem. Eles estão vendo *The Maze Runner — Correr ou morrer*.

Rachel fecha o laptop e olha para a escuridão lá fora.

— Eu vou fazer isso — sussurra ela para a noite.

Embora seu laptop não tenha mais vírus e programas espões, ela resolve usar o de Pete. Verifica se os programas antivírus e antimalware estão funcionando direito. Estão. Abre um programa que oculta o IP. Faz login no Tor. Do Tor, vai para o Google e cria uma identidade falsa, AGarotaChamadaAriadne@gmail.com, pois todas as outras versões envolvendo o nome Ariadne já existem.

Encontra a plataforma blogger do Google e inicia uma sessão com sua nova conta falsa de e-mail. Cria um blog com template minimalista. Dá ao blog o título de *Informação sobre a Corrente*.

O endereço é simples: ACorrenteInformação.blogspot.com.

Na descrição do blog, ela escreve: *Este blog é para qualquer pessoa deixar dicas ou informações anônimas sobre a entidade conhecida como A Corrente. A seção de comentários fica mais abaixo. Por favor, tomem cuidado. Apenas comentários anônimos.*

Será que existe alguma forma de A Corrente rastreá-la? Ela acha que não. Vão encontrar apenas uma pessoa falsa que ela acabou de inventar. Nem o Google sabe quem ela é. *Criar blog agora?*, pergunta o Google.

Ela clica no *Sim*.

É dia de mudança de novo. O ano é 1997. Os gêmeos agora têm um irmãozinho, Anthony. Desta vez, eles estão se mudando para um lugar chamado Anaheim. Tom foi promovido. Vai dirigir alguma coisa. Tem a ver com drogas. Vai ser um emprego muito estressante, diz ele, mas não parece preocupado.

Oliver e Margaret cresceram, agora são crianças de aparência normal. Margaret tem sardas e cabelos ruivos alaranjados, como os do avô, e também como os do homem com quem sua mãe dormia na comunidade. Oliver é gorducho, tem a pele bem clara e cabelos ruivos mais escuros. Ainda tem o mesmo olhar vidrado que incomoda as pessoas desde que ele era bebê.

A nova rua da família em Anaheim é quase uma cópia idêntica da rua em que moravam em Bethesda.

O pequeno Anthony brinca na calçada com um monte de amigos novos.

Oliver e Margaret observam da janela do andar de cima. Eles não convivem muito com crianças da idade deles. Margaret é a mais sociável dos dois, mas não quer deixar o irmão gêmeo sozinho.

Cheryl os encontra no quarto deles.

— Vamos, crianças, vão lá pra fora como o irmãozinho de vocês — diz ela.

Os gêmeos não se movem.

Cheryl quer ficar sozinha em casa para poder tomar alguns Diazepans e uma vodca com tônica.

— Não quero ir lá pra fora — diz Oliver.

— Você quer ir pra Disneylândia ou não? — pergunta ela.

— Quero — responde Oliver.

— Pois então tratem de ir lá pra fora brincar como crianças normais!

O primeiro dia deles brincando na rua nova não acaba bem.

Uma menininha do outro lado da rua, do tipo garota alfa, Jennifer Grant, provoca Margaret e a faz chorar. Diz que ela é feia e ri dela porque Margaret não conhece as canções de pular corda.

Oliver sabe que não pode bater em uma menina, mas bate nela mesmo assim. Jennifer vai correndo para casa, de onde sai seu irmão

mais velho. Ele agarra Oliver pelo pescoço e o levanta do chão, sacudindo-o e sufocando-o ao mesmo tempo. Oliver não consegue respirar, não consegue gritar. O menino mais velho o joga no asfalto, Jennifer sai de sua casa, cruza os braços e começa a rir, as outras crianças que estão por ali fazem a mesma coisa. Inclusive o pequeno Anthony, mas não dá para recriminá-lo por ficar do lado da maioria.

O tipo de cena que se via antigamente em programas educativos. Não parece real. Mas é real. E dura apenas alguns instantes. Entediadas, as crianças logo vão procurar outra diversão.

Os gêmeos voltam para casa, se escondem na garagem e esperam o pai chegar do trabalho.

Ele chega tarde. Trabalha no escritório do FBI na Wilshire Boulevard, o que significa muito chão para ir e voltar.

No jantar daquela noite, os gêmeos não comentam sobre o incidente, e Anthony na verdade já até se esqueceu dele. Tom não para de falar. Conta sobre o novo emprego e sobre as novas oportunidades. Cheryl lembra ao marido que ele queria contar algo às crianças. Ele abre um sorriso e pergunta aos filhos se eles querem ir à Disneylândia no próximo sábado. Todos dizem que sim.

Quando o sábado chega, contudo, Tom tem de trabalhar, mas diz às crianças que eles irão no fim de semana seguinte.

— Aposto que a gente nunca vai — comenta Margaret, profetizando naquela noite com Oliver no quarto deles.

— Aposto que não mesmo — concorda o irmão.

— Seu pescoço ainda está doendo?

— Não — responde ele, mas ela percebe que o irmão está mentindo.

Margaret se senta na cama para ler um dos livros do Clube das Babás. É aquele em que Mary Anne recebe uma dessas cartas de corrente e fica muito preocupada. As amigas falam que é para ela rasgar a carta e que nada de ruim vai acontecer.

Mary Anne rasga a carta. Nada de ruim acontece. Esse é o problema das cartas de corrente.

Margaret então tem uma ideia.

A coisa ruim tem de acontecer antes.

Na terça-feira seguinte, o coelhinho de Jennifer Grant escapa da gaiola e foge.

No dia seguinte, na escola, Jennifer encontra um bilhete em sua merendeira: *Derrama suco de uva em você mesma na hora do almoço ou seu coelho morre.*

No refeitório, na frente de todo mundo, Jennifer derrama suco de uva em si mesma.

Os bilhetes continuam.

As exigências vão piorando.

Jennifer se levanta no meio da aula e diz “Merda”. Ela pede para ir ao banheiro cinco vezes numa mesma aula.

O bilhete mais perturbador manda Jennifer sair de casa nua às seis da manhã e ficar em frente à própria casa durante dez segundos. Se ela fizer isso, o coelho será devolvido.

Jennifer fica em frente à sua casa nua durante dez segundos, e, no mesmo dia, encontra um bilhete em seu armário informando onde seu coelho morto está.

Margaret e Oliver botam a foto instantânea que tiraram de Jennifer nua embaixo da cômoda do quarto. Certamente isso será útil em algum momento.

A vida continua normalmente. O pequeno Anthony está se ajustando bem à nova escola e aos novos amigos. Parece que os gêmeos finalmente estão se adaptando.

Cheryl se sente sozinha e entediada. Liga para a mãe, que diz que ela deve aceitar as coisas do jeito que são. A vida é muito pior para muita gente. Cheryl continua se medicando com Diazepam, vodca com tônica e Cuba Libre.

Depois de dois meses no trabalho em Los Angeles, Tom volta para casa bêbado. Bateu com o carro e está furioso. Ele e Cheryl começam uma violenta discussão. Tom bate nela, e Cheryl desmorona.

O pequeno Anthony começa a choramingar, mas Oliver e Margaret o observam com indiferença.

O consultório do terapeuta fica em Brookline, num prédio comercial novo em cima de uma loja que vende guarda-chuvas feitos sob encomenda. *Três* hipster.

Rachel espera numa recepção luxuosa, folheando nervosamente exemplares da *Vogue* britânica.

A chuva castiga as janelas, o ponteiro dos minutos do relógio de pêndulo reformado avança de forma lenta. Ela olha fixamente para uma reprodução de *Em frente ao espelho*, de Manet. Uma mulher se contempla num espelho, mas não dá para ver o rosto dela, o que Rachel acha ótimo, de certa forma, considerando sua fobia de espelhos. No som ambiente toca um dos últimos álbuns de Miles Davis. *Você está presa*, pensa ela, lembrando-se do título do álbum, o que também não deixa de ser um comentário irônico sobre sua situação.

Ela se pergunta sobre o que Kylie está falando. Rachel disse à filha que ela não poderia falar da Corrente nem do que lhe aconteceu, mas espera que a terapeuta a ajude a encontrar formas de lidar com os pensamentos suicidas, com o fato de molhar a cama e com a ansiedade.

Ela e Kylie sabem que não vai adiantar nada, mas precisam pelo menos tentar. O que mais elas poderiam fazer?

Cinquenta minutos depois, a terapeuta aparece e faz um pequeno sinal de encorajamento para Rachel com a cabeça. Ela parece ter uns 25 anos. *O que alguém de 20 e poucos anos sabe sobre o coração humano ou, na verdade, sobre qualquer outra coisa?*, pensa Rachel, sorrindo para ela também.

No carro, no caminho de volta para casa, Kylie não fala nada.

Elas atravessam a ponte de Plum Island, passam pelo pedágio e sobem a pista em direção à casa delas. Rachel não quer pressionar a filha, mas o fato é que Kylie não disse absolutamente nada.

— Então? — tenta finalmente Rachel.

— Ela perguntou se eu estava sendo vítima de abuso sexual. Eu disse que não. Perguntou se eu estava sofrendo bullying na escola. Eu disse que não. Perguntou se eu estava tendo problemas com algum namorado. Eu disse que não. Ela falou que eu demonstro sinais de ter

sofrido algum trauma físico.

— Bem, isso é verdade. Eles bateram em você.

— É. Mas não posso contar isso pra ela, não é? Não posso contar pra ninguém. Tudo o que eu podia fazer era ficar sentada lá mentindo sobre problemas da adolescência, estresse e minhas preocupações por estar indo pro ensino médio. Não posso contar pra ela que um policial foi assassinado na minha frente nem que essas pessoas colocaram um revólver na minha cara e ameaçaram me matar e matar a minha mãe. Não posso contar pra ela que tive que deitar no chão com uma menininha que foi sequestrada pela minha mãe. Nem posso contar que eles ainda podem vir atrás da gente se a gente abrir o bico e disser qualquer coisa sobre o assunto — diz Kylie e começa a chorar.

Rachel a abraça sob o martelar da chuva que bate no capô do carro e desce pelo para-brisa do Volvo.

— A gente não tem saída, não é, mãe? Se a gente contar qualquer coisa pra polícia, você e o tio Pete vão presos por sequestro. E eles ainda vão tentar matar a gente, não vão?

Não há nada que Rachel possa dizer.

A casa está fria quando elas entram e encontram Pete tentando consertar o fogão a lenha.

— Como foi? — pergunta ele.

Rachel balança a cabeça.

Não fala nada, ela só articula.

Os três jantaram em silêncio. Kylie mexe a comida de um lado para o outro no prato. Rachel não consegue comer. Pete fica preocupado com as duas.

Quando Pete e Kylie vão para a cama, Rachel faz login em seu blog. Há uma nova notificação nos comentários. De Anônimo. Ela rola a tela para baixo e lê o comentário.

Diz o seguinte: *Exclui esse blog agora, antes que eles vejam. Fica de olho na coluna de mensagens dos leitores do Boston Globe.*

Ela nem precisa ler duas vezes. Faz login no Blogger e clica em *Excluir blog*.

Tem certeza de que você deseja excluir este blog e todo o seu conteúdo?, pergunta o Blogger.

Ela clica em *Sim* e faz logout.

Quarta-feira, cinco da manhã. Rachel não consegue dormir.

Ela se levanta, veste o confortável suéter vermelho e o roupão e faz um pouco de café. Durante alguns minutos, fica sentada na sala escura, contemplando as luzes das casas do outro lado da bacia das marés.

Então vai até lá fora e espera. Puxa o fio solto do suéter. Eli, o gato, vem xeretar e, depois de aceitar algumas carícias, corre em direção à areia e sai para perseguir os gambás.

Um estado de alerta eriça as terminações nervosas de sua nuca. É uma reação que remonta a gerações. Os seres humanos são ao mesmo tempo predadores e presa.

As batidas insistentes do coração. O tremor talismânico de seus membros.

Hoje vai ser um dia importante.

As cortinas estão se abrindo para o terceiro ato.

O sol da manhã está baixo e fraco, e o ar, frio, mas não demais.

O cheiro do pântano.

O som dos pássaros.

O farol amarelo de uma bicicleta em Old Point Road.

O pequeno Paul Weston vem na direção de sua casa. Quase ninguém ali agora tem assinatura do *Globe* para recebê-lo na porta de casa. Paul desce a alameda de bicicleta. Ela acena para ele da entrada, para não assustá-lo, mas ele se assusta mesmo assim.

— Minha nossa, Sra. O'Neill! Quase me matou de susto — diz ele.

— Desculpa, Paul. Não consegui dormir. Aí resolvi esperar o jornal.

Em vez de atirar o *Globe* de onde ele está, o rapaz se aproxima dela com a bicicleta e o entrega em mãos.

— Tenha um bom dia — deseja ele e vai embora.

Ela entra, abre o jornal em cima da mesa da sala e acende a luz.

Ignora as manchetes e vai direto para as colunas e para os classificados. Mesmo com a Craigslist e com o eBay, o *Boston Globe* ainda publica diariamente dezenas de pequenos anúncios.

Passa os olhos pelos obituários, pelas mensagens românticas e pelos anúncios de carros até finalmente encontrar o que está procurando sob o título Miscelânea:

Compra e venda de correntes: 1-202-965-9970.

Rachel acorda Pete e lhe mostra o anúncio.

Ele balança a cabeça.

— Não sei, não.

— Nós vamos fazer isso — insiste Rachel.

— Por quê?

— Porque se a gente não fizer alguma coisa isso nunca vai acabar.

Esse negócio está matando a Kylie e está por aí agora mesmo perseguindo a gente, sem deixar a gente esquecer, arrastando outras famílias, outras mães, outras crianças.

— Você fala como se a Corrente tivesse vida própria.

— Mas é exatamente isso. É um monstro que exige um sacrifício humano a um intervalo de alguns poucos dias.

— Não sei, Rachel. Deixa isso pra lá.

— Não vou deixar pra lá mesmo. Vou ligar pra esse número de um celular descartável.

— Talvez seja melhor eu ligar. Acho que ninguém na Corrente conhece a minha voz. Quer dizer, se for uma armadilha...

— Vou disfarçar a voz. Vou fazer o sotaque da minha avó.

Pete pega a sacola de celulares descartáveis no armário, eles escolhem um ao acaso e vão para o deque, para não acordar Kylie. Pete olha no relógio. Ainda são seis e meia da manhã.

— Não é cedo demais?

— Quero ligar antes de a Kylie acordar.

Pete assente. Não está gostando nada disso, mas é Rachel quem manda, ele tem apenas de dar apoio. Ela digita o número.

Uma voz masculina imediatamente atende:

— Alô?

— É sobre um anúncio no jornal — diz Rachel, tentando imitar o sotaque polonês da avó.

— O que tem? — pergunta o sujeito.

— Ando tendo problemas com uma corrente e azei que o senhor talvez também tivesse o mesmo problema e quem sabe não poderíamos nos ajudar — diz Rachel.

Há uma pausa significativa na ligação.

— Foi você que escreveu o blog? — pergunta ele numa voz grave de barítono, que também tem um leve sotaque estrangeiro.

— Foi.

Outra pausa prolongada.

— Não sei se posso confiar em você. E você devia estar se perguntando a mesma coisa. Não dê nenhuma informação pessoal, ok?

— Ok.

— Eles podem estar ouvindo. Na verdade, podem até ser você. Ou eu. Está entendendo?

— Estou.

— Entende mesmo? O perigo é real.

— Eu sei. Já vi de perto — diz Rachel, meio que abandonando o sotaque.

Passam-se alguns segundos. E então:

— Como você se identificou como Ariadne, pode me chamar de Teseu. Quem sabe não entramos no labirinto juntos...

— Sim.

— Espero que não seja nenhuma tola, Ariadne. O seu blog foi uma tolice. Essa ligação foi uma tolice.

— Não me considero uma tola. Sou apenas uma pessoa que quer dar um fim nisso.

— É muita pretensão sua. O que faz você pensar que pode deter essa entidade?

Ela olha para Pete.

— Pensei numas coisas.

— É mesmo? Muito bem, Ariadne, você vai fazer o seguinte. Vá pro Logan hoje ao meio-dia. Chegando ao aeroporto, compre uma passagem para um voo doméstico pra qualquer cidade com partida do terminal A. Passe pela segurança e espere na área de embarque. Tenho o número desse telefone. Leve ele com você. Posso ligar pra você. Ou não. Não confie em ninguém, muito menos em mim. Lembre-se de que ninguém constrói um labirinto pra se esconder, mas pra ficar à espreita.

A ligação fica muda.

— E aí? — pergunta Pete.

— Eu vou.

— Não confie em ninguém. Muito menos nele.

— Isso precisa acabar. Eu vou — insiste ela.

— Não, você não vai. Isso é loucura.

Pete está mesmo preocupado, mas seus receios em certa medida também se devem a suas próprias dificuldades. Rachel não sabe que a metadona não está ajudando como deveria. Quando se está tentando largar a heroína mexicana mais pura, a metadona da Bayer não é a solução que os orientadores psicológicos de veteranos viciados pensam que é.

Ele anda tenso, agitado, não está conseguindo pensar com clareza. Encarar esse novo projeto no estado em que se encontra? Com Rachel fazendo quimioterapia?

É loucura. Nem pensar. Melhor deixar para lá.

— Você não pode me dizer o que fazer, Pete. Estou farta das pessoas ficarem me dizendo o que eu tenho que fazer! — solta Rachel.

— É a sua vida que está em jogo aqui. A vida da Kylie.

— Eu sei disso! Você acha que eu não sei disso? Estou justamente

tentando salvar nossas vidas! — Rachel toma as mãos dele nas suas. — A gente tem que fazer isso, Pete — sussurra Rachel.

Pete olha para ela.

Rachel está sendo literalmente envenenada, semana sim, semana não, no número 55 da Fruit Street.

E está sobrevivendo. Está conseguindo enfrentar mais essa. Ela continua viva.

— Ok — diz ele. — Mas eu também vou.

Rachel nunca gostou do Logan. As pessoas lá estão sempre estressadas; foi lá que o 11 de Setembro começou. Aquelas filas enormes. Uma energia ruim. O merchandising dos Red Sox...

Ela e Pete se dirigem ao balcão da Delta e compram duas passagens para Cleveland.

Passam pela segurança e esperam. Ela está de óculos escuros e com o boné dos Yankees enterrado na cabeça, como se adiantasse alguma coisa.

Chega meio-dia. Passa de meio-dia.

— E agora? — pergunta Pete.

— Não sei.

— Por que você não liga pro número que estava no jornal?

Ela espera cinco minutos e liga.

— Este número não existe — informa uma gravação.

Já é meio-dia e meia, e finalmente seu celular descartável toca.

— Vá até a Legal Test Kitchen perto do portão de embarque da Delta e peça uma cerveja preta Cthulhu e um *chowder*. Sozinha — diz a voz.

— Estou com uma pessoa. Ele me ajudou. Estamos juntos nessa — diz ela.

— Hmmm. Ok, então peça duas Cthulhu e dois *chowders*. Parece que a mesa setenta e três está desocupada. É um reservado à esquerda.

— E depois?

— Depois a gente vê, não é?

Eles vão até a lanchonete, sentam-se à mesa setenta e três e pedem as cervejas e dois *chowders* de mariscos. Eles têm a sensação de que estão sendo observados, e de fato estão.

— Quem você acha que é? — pergunta Rachel, examinando clientes e atendentes ao redor. O lugar está cheio. Muita gente está olhando na direção dela. Impossível saber quem é a pessoa.

Ela enterra ainda mais o boné na cabeça.

— Isso foi uma péssima ideia. Agora eles sabem quem nós somos e a gente não sabe quem eles são — resmunga Pete.

Rachel concorda. Seu instinto dizia para ela confiar nessa pessoa, mas por que deveria fazer isso? A paranoia de Pete teria sido a opção

mais segura.

Mas ela está extremamente preocupada com Kylie. Qualquer coisa que decida fazer é uma escolha ruim. Agir é ruim. Deixar de agir é ruim. É o clássico se correr o bicho pega, se ficar o bicho come. É como saltar de paraquedas num campo minado e não ter para onde correr. Talvez seja assim que a Corrente testa as pessoas, mandando alguém como isca para possíveis desertores... Qualquer pessoa aqui pode ser agente da Corrente. E agora ela e Pete terão de...

Um sujeito grandalhão de óculos se aproxima e se senta no reservado com eles.

— Vocês se arriscaram muito vindo até aqui — comenta ele com um leve sotaque do Leste Europeu. E estende a mão enorme e cabeluda. — Pelo jeito eu sou o valente Teseu. E você deve ser a brilhante Ariadne.

— Sim — responde Rachel, cumprimentando-o com um aperto de mão.

Ele é muito alto: um metro e noventa e quatro ou um metro e noventa e cinco, talvez... E grandão também, algo entre cento e vinte e cento e trinta quilos. Talvez esteja na casa dos 50. Ainda tem boa parte dos cabelos, longos e desgrehados. A barba por fazer já está ficando grisalha. Está usando um jeans marrom desbotado, tênis All Star e um *trench coat* sobre um casaco de veludo cotelê e uma camiseta com uma estampa da capa de *Zen e a arte da manutenção de motocicletas*. Não parece ser a mente diabólica por trás da Corrente. Mas nunca se sabe, não é mesmo? Segura um copo que parece conter uma dose dupla de uísque.

Pete estende a mão.

— Você veio com ela? — pergunta o sujeito, apertando-a.

Ele faz que sim.

O homem abre um sorriso vulnerável, fraco, pesaroso, assustado, e engole o resto da bebida.

— Bem, é impossível vocês terem passado pela segurança com revólver, faca ou veneno químico, mas estamos apenas adiando o inevitável, não é? Se vocês são da Corrente, agora sabem quem eu sou, e eu estou morto — diz ele. — Mas, se *eu* for da Corrente, eu sei quem vocês são, e vocês estão mortos.

— Será que você conhece a gente mesmo? Quantas pessoas você acha que já não passaram pela Corrente? Provavelmente centenas — diz Pete.

— Você tem razão. Centenas. Talvez milhares. Quem poderia saber? O que estou dizendo é que, a essa altura, vocês já tiraram uma foto minha e podem tentar me encontrar usando a base de dados de vocês e mandar alguém me matar assim que eu sair desse aeroporto. É só acrescentar isso à lista de tarefas de quem estiver atualmente na

Corrente, e eles vão me matar e matar a minha filha também. Qualquer um pode ser pego. Basta estar motivado pra matar presidentes, reis, herdeiros do trono, praticamente qualquer pessoa.

Ele tira os óculos e os coloca em cima da mesa. Os olhos castanhos são aguçados, inteligentes e tristes, pensa Rachel. E eles têm certo ar professoral ou clerical. Talvez se deva acreditar naquele par de olhos castanhos.

— Vamos ter que confiar uns nos outros — diz Rachel.

— Por quê? — pergunta o homem.

— Porque você parece uma pessoa que passou por tudo que eu passei.

O homem a examina atentamente e assente.

— E você? — pergunta a Pete.

— Eu ajudei. No fim. Sou ex-cunhado dela.

— Militar, ao que parece. Fico surpreso por eles terem permitido. A não ser que você tenha tentado esconder...

— Ele é da reserva, então eles falaram que tudo bem. Eu não tinha mesmo mais ninguém — explica Rachel.

— A Corrente é uma gaiola sempre em busca dos pássaros mais vulneráveis — murmura o homem, parando um garçom que estava passando para pedir mais uma dose dupla de uísque. — Algum de vocês já fez krigagem ou programação de matrizes ou análise de regressão? — pergunta ele.

— Krigagem? — pergunta Rachel, sem ter a menor ideia do que ele está dizendo.

— É um processo de regressão gaussiano. Uma ferramenta de análise estatística. Não?

Pete e Rachel balançam a cabeça.

Ele bate no número da mesa.

— O número setenta e três significa o quê pra vocês?

— John Hannah, da linha ofensiva dos Pats — responde Pete prontamente.

— Gary Sanchez também usou o setenta e três por um tempo quando começou a jogar nos Yankees — completa Rachel.

O homem balança a cabeça.

— E pra você, significa o quê? — pergunta Rachel.

— É o vigésimo primeiro número primo. O número vinte e um tem os fatores primos sete e três. Uma feliz coincidência. A mesa setenta e sete logo ali também está vaga. Não é um número primo, é claro, mas é a soma dos oito primeiros números primos, e o número atômico do irídio. Foi graças ao irídio que finalmente conseguiram provar o que matou os dinossauros, o que era o maior mistério quando eu era criança. O marcador da camada de irídio na fronteira K-T. O número atômico setenta e sete foi o prenúncio da morte pros dinossauros. É

um número final. Todos os livros deviam terminar no capítulo setenta e sete. Só que nunca terminam. Mas estamos começando uma coisa nova aqui, não estamos? Por isso a mesa setenta e três, que é um pouco mais adequada que a setenta e sete, não?

Rachel e Pete olham para ele sem entender nada.

Ele suspira.

— Tudo bem. Estou vendo que matemática não é o forte de vocês. Bom, não tem importância. A história é mais importante que a técnica. Quanto tempo? — pergunta então.

— Quanto tempo o quê?

— Há quanto tempo vocês saíram?

— Mais ou menos um mês.

Uma expressão de avidez se esboça em seu rosto. Um sorriso horrível.

— Ótimo — diz. — Era o que eu esperava. Eu já saí tem três anos e meio. Os rastros já esfriaram. Preciso de alguém que ainda esteja com o cheiro deles.

— Pra quê? — pergunta Rachel.

O uísque dele chega e o homem o bebe de uma só tragada. Ele se levanta e deixa uma nota de cinquenta dólares em cima da mesa.

— Você tem razão. Acho que vamos ter que confiar uns nos outros — diz ele a Rachel. — Dele eu não gosto. Não dá pra saber qual é a dele. Mas você... você não é nenhuma mentirosa. Vamos.

Pete balança a cabeça.

— Acho que não. Estamos bem aqui.

O sujeito passa a mão pelos cabelos e os prende num rabo de cavalo.

— Bom, é o seguinte: vou estar no pub Four Provinces da Massachusetts Avenue em Cambridge em uns quarenta e cinco minutos. Ficarei num dos espaços reservados do fundo. Não vai ter problema. Sou frequentador do lugar. Talvez eu veja vocês lá. Talvez não. Depende de vocês.

— Qual o problema daqui? — pergunta Rachel.

— Quero um pouco de privacidade pra contar a minha história. E pra gente traçar o nosso plano.

— Plano pra quê?

— Pro que trouxe a gente até aqui — responde ele.

— E o que foi que trouxe a gente até aqui? — pergunta Pete.

— Quebrar a Corrente, é claro.

Eles estão se mudando mais uma vez. Agora, de volta para a Costa Leste. Agora, mais perto de casa: Boston. Estão encaixotando as coisas. Decidindo o que guardar, o que doar, o que jogar fora. O pequeno Anthony e Tom vão sentir falta de Los Angeles, mas os gêmeos e Cheryl nunca se adaptaram de fato a esse lugar.

Talvez Boston seja mais fácil. O pai de Tom mora perto e adora os netos.

De qualquer forma, é mais um fim de semana de mudança.

Cheryl arrasta a cômoda no quarto dos gêmeos.

Encontra a foto que Oliver tirou de Jennifer nua. A menina está na frente de casa, e a foto provavelmente foi tirada do beliche do quarto de Oliver.

Ela lhe mostra a foto e pede uma explicação. Oliver não consegue pensar em nenhuma. Mas não nega que tirou a foto. Cheryl o chama de pervertidozinho e lhe dá uma bofetada no rosto.

— Espera só o seu pai chegar em casa — diz ela.

Tom volta do supermercado com várias caixas. Demorou muito para chegar. Na volta, parou num bar.

Oliver e Margaret estão esperando no andar de cima. Os dois ouvem Cheryl conversando com Tom. Ouvem Tom dizer:

— Meu Deus do céu!

Tom sobe. Agarra Oliver pela gola da camiseta, o tira da cama de cima do beliche e o joga na parede.

— Seu doente mental! Sabe o que eu acho? Acho que colocaram LSD na sua papinha quando você era bebê! Como a gente vai saber? Meu Deus do céu, vai ver vocês nem são meus filhos! — berra ele.

Anthony também subiu para se divertir. Margaret o vê parado na porta do quarto, rindo. Um sorriso que vai lhe custar a vida.

— Foi só uma brincadeira — diz Oliver.

— Vou te mostrar a brincadeira — rebate Tom.

Ele suspende Oliver, o carrega até o banheiro, joga o menino debaixo do chuveiro e abre a água fria.

Oliver grita quando a água gelada bate em seu corpo.

— Muito divertido, não acha? — pergunta Tom.

Tom mantém o chuveiro ligado por dois minutos e finalmente o

desliga.

Oliver berra, desesperado. Tom balança a cabeça, passa o braço pelo ombro de Anthony e desce com ele.

Oliver está caído num canto do boxe, ainda soluçando. Margaret entra no boxe e chega perto dele, pegando sua mão. Oliver está envergonhado por ter chorado e por tudo o que aconteceu.

— Vai embora — diz.

Mas ele não quis dizer isso, e Margaret sabe disso.

Os soluços se transformam em lamúrias. O fim do dia se arrasta. O sol se põe ao fim da Orange Avenue, destacando a silhueta dos aviões que pousam no Aeroporto de Long Beach.

— Está tudo bem — diz Margaret, segurando a mão trêmula do irmão gêmeo. — A gente pega eles.

Os três estão num espaço reservado nos fundos do pub Four Provinces em Cambridge.

Rachel e Pete estão sentados de frente para o grandalhão. O clima no pub está animado, mas ali não. Há três copos grandes de Guinness e três uísques duplos diante deles, o que fará com que não sejam incomodados pela garçonne por um tempo. Rachel tira o boné de beisebol e o coloca perto do copo. Olha para Pete, mas ele se limita a dar de ombros. Ele também não tem ideia de por onde começar.

Rachel olha no relógio. São duas e quinze da tarde. Kylie vai para a casa de Stuart depois da aula, e a mãe dele vai pegá-los na escola. Ela é uma dessas advogadas duronas, extremamente confiável. O pai de Stuart é ex-militar; trabalha em casa e ainda é integrante da Guarda Nacional de Massachusetts. Além de Marty, os pais de Stuart são praticamente as únicas pessoas em quem Rachel confia que vão manter Kylie segura. Mas o fato é que as horas estão correndo, e Rachel pretende voltar antes de escurecer.

— Alguém vai ter que começar — diz ela.

O grandalhão desajeitado de olhos tristes concorda.

— Tem razão. Fui eu que entrei em contato com você — diz. — Bom, primeiro o mais importante. Segurança. Nada de blogs, nem e-mails ou anotações, e, quando formos nos encontrar, façam o favor de se certificar de que não estão sendo seguidos. Saltem do metrô em estações aleatórias, estilo *Operação França*. E repitam isso várias vezes, até terem certeza de que não tem ninguém na cola de vocês.

— Claro — responde Rachel, distraída.

O sujeito fecha a cara.

— Não, nada de *claro*. Só *Claro* não adianta nada. Você tem que ter certeza. Sua vida está em jogo. Vocês correram um risco enorme quando foram me encontrar no aeroporto. E ainda vieram pra cá! Como vocês sabem que não arrastei vocês pra cá pra matar vocês e sair pelos fundos?

— Eu não estava armado no aeroporto, mas agora estou — diz Pete, batendo no bolso do casaco.

— Não, não, não! Você não está entendendo!

— Entendendo o quê? — pergunta Rachel, toda educada.

— Que precisam ficar atentos. Nas últimas semanas... bom, não sei. Houve um arrombamento no departamento de matemática. Saquearam meia dúzia de salas, não só a minha. Pode ter sido um recado. Mesmo eu tendo sido discreto, devo ter chamado atenção de alguma forma. Posso estar sendo investigado. Eles podem estar de olho em mim. Não sei. E, acima de tudo, vocês não sabem. Não têm a menor ideia de quem sou eu.

Rachel assente. Algumas semanas atrás, ela classificaria essa conversa como paranoia. Agora não mais.

O sujeito suspira profundamente e pega um bloco de anotações surrado no bolso do casaco.

— É o meu terceiro diário da Corrente — explica. — Meu nome verdadeiro é Erik Lonnrott. Trabalho aqui. — E aponta para trás com o polegar.

— Na cozinha? — pergunta Pete.

— No MIT. Sou matemático. Vir pra Cambridge foi a pior coisa que aconteceu comigo e com a minha família.

— O que aconteceu? — pergunta Rachel.

Erik dá uma longa golada na Guinness.

— Vou começar do começo. Eu nasci em Moscou, mas meus pais se mudaram pros Estados Unidos quando eu tinha 13 anos. Cresci no Texas. Estudei na A&M University. Foi lá que obtive meu Ph.D. em matemática e conheci minha mulher, Carolyn. Ela era pintora. Fazia telas enormes e lindas, quase sempre com tema religioso. Tivemos uma filha, Anna, quando eu estava fazendo meu pós-doutorado em topologia em Stanford. Bons tempos, aqueles.

— E depois você veio pra cá — continua Rachel.

— Nós nos mudamos pra Cambridge em 2004. Me ofereceram um contrato de professor adjunto. Quem recusaria algo assim no MIT? Tudo estava indo bem até 2010, quando... — Ele engasga, a voz vai perdendo força. Ele toma outro gole e se recompõe. — Minha mulher estava voltando pra casa de bicicleta do estúdio em Newton e foi atropelada por um utilitário. Ela morreu na hora.

— Sinto muito — diz Rachel.

Ele abre um sorriso triste e assente.

— Foi horrível. Eu queria morrer, mas tinha uma filha. A gente superou. Quando uma coisa dessas acontece... Você acha que não vai conseguir, mas consegue. Demorou cinco anos. Cinco longos anos. As coisas finalmente começaram a se ajustar, e aí...

— A Corrente — completa Pete.

— Quatro de março de 2015. Eles pegaram a Anna quando ela estava voltando a pé da escola. Em Cambridge, à luz do dia. Eram apenas quatro quarteirões.

— Pegaram minha filha no ponto de ônibus.

Erik pega a carteira e mostra a foto de uma menina alegre de cabelos encaracolados usando calça jeans e camiseta.

— Anna tinha 13 anos, mas era muito tímida, parecia ser mais nova. Vulnerável. Quando disseram o que eu tinha que fazer pra tê-la de volta, não acreditei. Como alguém pode pensar numa coisa dessas? Mas mesmo assim fiz o que tinha que fazer. Anna foi mantida num lugar subterrâneo escuro durante quatro dias até ser libertada.

— Meu Deus!

— E nunca se recuperou desse horror. Começou a ter convulsões, a ouvir vozes. Um ano depois, ela tentou se matar cortando os pulsos na banheira, e agora está num hospital psiquiátrico em Vermont. Quando eu vou visitá-la, às vezes ela nem me reconhece. Minha própria filha. Tem dias que está bem; em outros, não. Tem dias que ela está muito mal. Minha Anna, tão bonita, tão inteligente, comendo de babador, papinha com colher de plástico. A Corrente acabou com a minha vida e com a vida da minha filha, e desde então eu venho tentando encontrar um jeito de acabar com ela.

— Existe alguma forma de acabar com ela? — pergunta Rachel.

— Talvez — responde Erik. — Agora é a sua vez de falar. O que aconteceu com você?

Pete balança a cabeça.

— Não, isso aqui não é uma troca de favores. Como você mesmo disse, não temos a menor ideia de quem você é...

— Eles levaram a minha filha — conta Rachel. — Eu tive que sequestrar uma menina. Tenho tido pesadelos desde então. Minha filha está muito, muito mal.

— E você tem câncer — comenta Erik.

Rachel sorri e inconscientemente leva a mão ao cabelo, que está ficando ralo.

— Você não deixa passar nada, não é?

— E você é de Nova York — afirma Erik.

— Talvez eu seja só uma torcedora dos Yankees — responde ela.

— Você é as duas coisas. E uma torcedora bem corajosa. Que não se importa com os olhares raivosos de todas as pessoas aqui nesta cidade.

— Não me incomodaria se ficassem só nos olhares — diz Rachel, conseguindo esboçar outro sorriso.

— Há mais de um ano venho pesquisando essa entidade conhecida como Corrente — diz ele, entregando o bloco de notas a Rachel e Pete. Eles soltam a tira elástica e o abrem.

Está cheio de datas, nomes, gráficos, comentários, dados, padrões, anotações, textos. Tudo em tinta preta, numa caligrafia minúscula ininteligível. E, notam eles, em código.

— No início não tinha nada; o medo cala as pessoas. Mas comecei a

cavar mais fundo e encontrei referências à Corrente em classificados anônimos publicados nos jornais. Encontrei uma ou duas pistas meio obscuras aqui e ali. Uma história de crime estranha, que não batia. Fiz uma análise pelo Crivo de Eratóstenes, uma análise de regressão estatística, usei a cadeia de Markov, uma análise de eventos temporais. Combinei os resultados e os fiz retroceder, e cheguei a algumas conclusões. Não muitas, mas algumas.

— Que conclusões? — pergunta Rachel.

— Parece que a Corrente começou em algum momento entre 2012 e 2014. A análise de regressão leva a uma data intermediária em 2013. Os responsáveis, naturalmente, querem que a gente acredite que eles são uma entidade antiga sobre a qual ninguém levou a melhor em dezenas e até centenas de anos, mas acho que é mentira.

— A ideia de uma origem antiga faz com que A Corrente pareça ainda mais imbatível — concorda Rachel.

— Exatamente. Mas não creio que seja nada antigo — continua Erik, tomando outro gole.

— Eu também não — diz Rachel.

— Que outras conclusões você tirou disso? — pergunta Pete.

— Naturalmente, o criador da Corrente é muito inteligente. Tem formação universitária. QI de gênio. É muito culto. Provavelmente tem uma idade próxima à minha. E branco, do sexo masculino.

Rachel balança a cabeça lentamente.

— Acho que não — diz.

— Eu pesquisei. Predadores desse tipo em geral atuam dentro do próprio grupo étnico. Mesmo levando em conta o fator pseudoaleatório na escolha das vítimas. Ele tem mais ou menos a minha idade, talvez seja um pouco mais velho.

Rachel franze a testa, mas não diz nada.

— A Corrente é um mecanismo de autopropetuação que tem como objetivo se proteger e gerar dinheiro pro seu criador — prossegue Erik. — Acredito que foi concebida por um homem branco perto de seus 50 anos, no início dessa década, talvez como reação à recessão e à crise financeira. Possivelmente adaptando modelos latino-americanos de sequestro com troca de vítimas.

Rachel toma um gole de sua Guinness.

— Talvez você tenha razão quanto à época de origem, mas está equivocado quanto à idade e ao gênero.

Erik e Pete olham para ela, surpresos.

— Ela não é tão velha quanto finge que é nem tão esperta quanto acredita ser. Estava improvisando comigo quando começou a falar de filosofia — continua Rachel. — Não é a praia dela.

— O que faz você pensar que é uma mulher?

— Não sei exatamente como explicar. Mas sei que estou certa. Eu

falei com uma mulher que usava um aparelho de distorção de voz.

Erik faz que sim com a cabeça e anota alguma coisa em seu bloquinho.

— Você foi contatada por um celular descartável e pelo Wickr? — pergunta.

— Sim.

Ele sorri.

— A Corrente é esperta na hora de cuidar da própria segurança. As ligações anônimas de aparelhos descartáveis, as carteiras anônimas no Bitcoin, que duram algumas semanas e desaparecem, o Wickr, anônimo e criptografado, com identificação trocada periodicamente... Os intermediários contratados pra fazer o trabalho sujo... Muito inteligente. Quase infalível.

— Quase?

— Indiscutível, em certa medida. Na minha opinião, seria impossível fazer o caminho inverso por todos os links da Corrente pra chegar até a sua origem. Isso, claro, por causa do fator pseudoaleatório na escolha das vítimas. Você escolheu livremente o seu alvo, exatamente como eu, e assim por diante o tempo todo, até o início. Seria inútil tentar rastrear o caminho todo até a origem. Eu sei. Eu tentei.

— Então como a gente chega até as pessoas que controlam a Corrente? — pergunta Pete.

Erik pega o bloco de notas e o folheia.

— Apesar de toda a pesquisa que eu fiz, na verdade não descobri tantas formas de solucionar o caso. Eu...

— Está querendo dizer que isso tudo aqui foi perda de tempo? — interrompe Pete.

— Não. Os métodos deles são muito bons, mas, quando lidamos com fator humano, erros podem acontecer. Ninguém é perfeito no que faz. Ou pelo menos eu acho.

— E que erro A Corrente cometeu?

— Talvez tenham ficado um pouco relaxados, meio preguiçosos. É o que veremos. Como foi a última interação de vocês com eles?

Rachel abre a boca para responder, mas Pete põe a mão em seu braço.

— Não fala mais nada.

— Precisamos confiar uns nos outros — diz Rachel.

— Não, Rach, não precisamos — solta ele.

Pete não percebe o próprio erro, mas Rachel sim, e Erik também. Erik pega o bloco de notas e escreve alguma coisa, provavelmente Rachel.

Nós já fomos tão longe!, pensa ela.

— Foi há um mês. Na primeira semana de novembro — responde

ela.

— Eles ligaram pra você?

— Ligaram.

— E usaram o Wickr?

— Usaram. Por que isso é tão importante?

— As contas do Wickr e do Bitcoin são protegidas por criptografia do nível mais alto disponível no mercado, o que demandaria dezenas de milhares de horas para serem violadas com os mais poderosos recursos de computação. E tenho certeza de que, pelo menos no início, eles mudavam periodicamente o ID do Wickr como medida extra de segurança. E também, claro, pode haver várias camadas de redundância e contas de fachada. Mas mesmo assim acho que encontrei uma falha no método de comunicação deles.

— Que falha?

A garçonete abre a porta e a cabeça dela aparece no reservado.

— Vão querer pedir alguma coisa pra comer? — pergunta ela, com sotaque escocês.

— Não — responde Erik secamente.

Quando ela fecha a porta, ele começa a vestir o casaco.

— Ela é nova — diz. — Não gosto de nada novo. Vamos.

Um banco no parque Boston Common. Um vento frio soprando do porto. Eles estão em frente ao Monumento à Memória de Robert Gould Shaw e do 54o Regimento. Pouca gente por ali. Alguns corredores, estudantes universitários, pessoas passeando com carrinhos de bebê.

Rachel o observa e espera. Quando finalmente se sente seguro, Erik continua:

— Em geral o padrão de construção das funções pseudoaleatórias criptografadas é considerado imune a vazamentos, mas eu acho que não é. E, quando ocorre algum deslize, as coisas ficam ligeiramente mais fáceis para uma pessoa como eu.

— Não estou entendendo — diz Rachel. Ela olha para Pete. Ele também está boiando, apesar de ter conhecimento de softwares.

— Eles entram em contato com a gente de duas formas, e as duas, creio eu, podem ser decodificadas — continua Erik.

— Como?

— Os celulares descartáveis não são tão seguros quanto as pessoas pensam que são, ainda que as chamadas sejam feitas de aparelhos novinhos em folha, de dentro de uma gaiola de Faraday. Existe um consenso de que as ligações feitas dessa forma seriam totalmente irrastráveis — explica Erik, com um sorriso.

— Mas você descobriu uma maneira de rastrear as ligações, não foi? — pergunta Pete.

Erik abre ainda mais o sorriso.

— É isso o que mais ando pesquisando nesse último ano.

— Qual é o lance?

— Teoricamente é possível medir níveis de energia e padrões de antena por meio de um software instalado num smartphone. O telefone pode analisar a chamada recebida em tempo real.

— Você já fez isso? — pergunta Pete, impressionado.

— Ando testando esse conceito.

— Então dá pra rastrear uma ligação de um celular descartável?

— Não, mas a estação de base do celular, a torre sem fio mais próxima, poderia ser localizada — explica Erik, cautelosamente.

— Você já fez isso! Não fez? — insiste Pete.

— Diz logo — pede Rachel.

Erik espera um corredor passar por eles e continua:

— Estou em fase de conclusão de um aplicativo certeiro que procura a estação de base mais próxima de onde partiu a ligação de um celular, até de um celular descartável isolado numa gaiola de Faraday. Uma vez localizada a estação de base, seria possível restringir a frequência do sinal do celular, obtendo-se um vetor aproximado da torre para o telefone, a uma distância, digamos, de duzentos ou trezentos metros.

Rachel não tem certeza se entendeu tudo.

— Mas o que isso significa? — pergunta.

— Talvez tenha uma maneira de seguir a trilha até o centro do labirinto — responde Erik.

— E o Wickr? — questiona Rachel. — É o principal meio de comunicação deles.

— É uma técnica não muito diferente. Meu algoritmo não é capaz de decodificar a mensagem ou encontrar o remetente, mas pode achar a estação de base mais próxima do local de onde a mensagem foi enviada. É claro que, se eles estiverem se comunicando da Times Square, em Nova York, estamos fodidos, mas, se eles estão ligando de uma residência privada, talvez a gente consiga rastreá-los.

— E por que você ainda não fez isso? — pergunta Pete.

— Porque meu último contato com eles foi há dois anos e meio, e o celular descartável que eles usaram pra falar comigo foi destruído. Além disso, o ID que eles usaram no Wickr pra se comunicar comigo foi alterado. A trilha se perdeu. Mas, já com você... — diz ele, olhando para Rachel.

— Eu o quê?

— Se não estou equivocado sobre o deslize, eles ainda podem estar usando o mesmo ID no aplicativo que usaram pra se comunicar com você.

— Estão. Eles me mandaram uma mensagem no Dia de Ação de Graças.

— Perfeito! — exclama Erik.

— E como funcionaria isso? — pergunta Rachel.

— Você teria que achar um jeito de provocá-los ou de ameaçá-los ou deixá-los suficientemente preocupados pra que eles quisessem falar com você. Eles podem querer mandar mensagem pra você, ou, melhor ainda, te ligar de um celular descartável. Se eles falarem por tempo suficiente, nós ativamos o software, e quem sabe a gente não localiza a torre de base pela qual se comunicaram?

— Mas se eles estiverem na Times Square ou dirigindo ou se deslocando de um lugar pro outro? Vamos ter deixado eles putos e não vamos ter como encontrar essas pessoas. Além de estarmos com um alvo pintado bem nas nossas costas pra quando eles vierem atrás

de nós — protesta Pete.

— O plano envolve riscos — retruca Erik.

— Pra nós. É arriscado pra nós. Pra você o risco é zero — insiste Pete.

— O que exatamente eu teria que fazer? — pergunta Rachel.

— Não! Rachel, você não... — começa Pete.

— O que eu teria que fazer? — repete ela.

— Você tem que engatar uma conversa com o nosso Número Desconhecido pelo Wickr, ou, melhor ainda, pelo telefone, pra que eu tente localizá-los quando eles fizerem contato.

— Como assim, engatar uma conversa?

— Você tem que prolongar a ligação o máximo que puder. O rastreamento do Wickr não é muito preciso, ainda estou trabalhando no software, mas rastrear uma ligação... Rastrear uma ligação de dois, três minutos? Seria perfeito.

— E o que aconteceria?

— Vou rastreá-los pelo algoritmo e, se tiver sorte, descubro a torre de base do celular da qual vem a ligação.

— Também funciona com telefone fixo? — pergunta Pete.

— Se eles forem burros o suficiente de ligar pra gente de um telefone fixo, consigo descobrir onde estão em dois segundos.

— Acho que isso pode fazer eles acharem que posso causar algum problema — observa Rachel. — Uma conversa longa assim... Vou acabar chamando atenção deles pra mim e pra minha família.

— Verdade — concorda Erik. — E preciso confessar que o aplicativo não está funcionando cem por cento ainda. Estou na verdade no estágio beta. Rastrear uma ligação que pode ter vindo de qualquer parte dos Estados Unidos requer uma computação muito avançada.

— E se você ignorasse o resto do país e focasse apenas em uma única região? — pergunta Rachel.

— Isso faria com que as coisas fossem muito mais fáceis — responde Erik. — Mas eu não posso fazer isso. Eles podem estar ligando de qualquer lugar dos Estados Unidos. Até do exterior. Eu...

— Ela é de Boston. E parece que a Corrente atua sobretudo na Nova Inglaterra. Perto de casa. Eles mantêm as coisas nas imediações. É o que eu faria, pro caso de acontecer algum problema.

— Como você sabe que “ela” é de Boston? — questiona Erik. — Não percebi nenhum sotaque local.

— Ela se livrou dele. Ela fala de forma clara e precisa quando está usando o aparelho de distorção de voz. Mas não dá pra se livrar completamente da entonação, não é? Comecei a desconfiar disso e fiz um teste com ela numa das nossas conversas. A gente estava falando da polícia de Boston, e eu comentei que lá a gente é preso até por

fazer uma bandalha com o carro. Ela riu, com certeza entendeu. Só eles dizem “bandalha”. Eu nunca tinha ouvido essa palavra antes de me mudar pra cá. Talvez muita gente que não é de Boston entenderia, mas meu palpite é que ela é de Boston, sim.

Erik assente.

— Isso já ajuda muito. Se o aplicativo tiver que dar busca só na Nova Inglaterra, vai ser muito mais eficiente. Em várias ordens de grandeza. A América do Norte tem quinhentos milhões de habitantes e bilhões de linhas telefônicas. A Nova Inglaterra tem talvez dez milhões de habitantes.

— O seu aplicativo pode funcionar cinquenta vezes mais rápido — ressalta Rachel.

Erik faz que sim com a cabeça.

— Talvez.

— Mas deve ter outra maneira de fazer isso, um jeito que não atraia a atenção pra nós — diz Pete.

— Não consigo pensar em nada. Vocês ainda têm contato direto com eles. Vai ser arriscado, mas não tão imprudente. Nós acionamos o aplicativo e, quando descobrirmos onde eles estão, podemos ligar para a polícia e fazer uma denúncia anônima. Podemos até esperar um mês, mais ou menos, pra eles não ligarem o nosso telefonema com a prisão.

— Não estou gostando nada disso — confessa Pete.

— Estamos correndo contra o tempo. Daqui a pouco eles vão mudar o ID no Wickr e não vamos ter como nos comunicar diretamente com eles. E esse arrombamento recente me fez parar pra pensar — conta Erik. Ele escreve algo em um pedaço de papel. — Esse é o número do meu celular descartável novo. Preciso que vocês decidam isso logo.

Rachel pega o papel, olha para Erik e depois para o monumento atrás dele. O verso de um poema lhe vem à cabeça, que fala do coronel Shaw cavalgando em sua bolha, “à espera da santa pausa”.

Estamos todos cavalgando em nossas bolhas, pensa ela, estamos todos esperando a santa pausa.

Ela estende a mão para Erik. Ele a aperta.

Rachel se levanta do banco.

— Vamos ter que pensar.

Erik volta para sua sala no MIT sentindo-se bem.

Finalmente há um fio de esperança, depois de um longo tempo sem nenhuma informação. Ele já estava ficando desesperado. Agora tem uma chance. A bola ainda está em jogo, e eles estão avançando. Esses filhos da mãe vão ter o que merecem.

Chegara a pensar que teria de publicar um anúncio no *New York Times* desafiando a Corrente a entrar em contato com ele, se não quisessem que ele revelasse sua existência. Mas eles não teriam respondido ao anúncio, e, pior ainda, mais cedo ou mais tarde teriam descoberto quem o havia publicado, e então ele e a filha correriam um grande perigo.

Rachel tem razão de estar nervosa com a possibilidade de desafiar a Corrente, mas antes ela que ele, pensa Erik, e imediatamente se sente culpado.

Somos nós contra eles. Todos nós. Rachel. Foi mesmo uma bênção encontrá-la. E ela é inteligente. Tem umas sacadas incríveis. É claro que ele tinha mesmo de focar em Boston. A maior parte das informações que ele coletou vem daqui da Nova Inglaterra. Os resultados que descobriu no Colorado e no Novo México que atendiam aos pré-requisitos da sua pesquisa são pontos fora da curva.

Sim. Isso é um avanço real.

Ele anda com leveza, entra em seu velho Chevrolet Malibu e sai do estacionamento dos funcionários do MIT.

Não reparou na mulher de aparência estressada que o observa em seu carro. Nem percebe que ela o segue até sua casa em Newton.

E talvez nem precisasse mesmo se alarmar. Ele não é a única pessoa que está sendo seguida.

Ele ainda não está no topo da lista de tarefas dela. Se fosse tirar uns dias de folga, sair de férias ou algo assim, talvez estivesse a salvo.

Mas, infelizmente para Erik, agora que ele está determinado a ir até o fim, não tem a menor ideia de que seus movimentos e, pior ainda, suas buscas no Google estão sendo monitorados, registrados e mandados para serem processados na Corrente.

Tom, Cheryl, Oliver, Margaret e o pequeno Anthony estão num cruzeiro pelo Caribe para comemorar a promoção de Tom a agente especial sênior.

Tom e toda a Divisão de Crime Organizado do escritório de Boston ganharam atenção especial da imprensa, por bons motivos. A Patriarca, a máfia de Boston, originalmente de Providence e a certa altura tão poderosa em Boston, foi estropiada por traidores, escutas telefônicas e agentes da polícia infiltrados. A gangue de Winter Hill foi desbaratada e o próprio Whitey Bulger está foragido. Tom é praticamente o menino de ouro da agência. É verdade que tem lá seus problemas de temperamento, mas quem não tem? Ele trabalha muito, e essas férias são merecidas.

Tom reservou uma suíte júnior para a família perto do convés de passeio. É claro que o pequeno Anthony ficou com um beliche só para ele, enquanto as crianças mais velhas, Margaret e Oliver, tiveram de dividir um.

Margaret e Oliver na verdade não se importam tanto assim, e ignoram solenemente as tentativas de Anthony de curtir com a cara deles.

O navio para em Nassau e parte ao anoitecer, com um espetáculo de fogos de artifício. O cruzeiro está quase no fim e eles rumam para Miami. Foi realmente uma viagem e tanto.

No meio da noite, Anthony sente uma mão em seu braço. É Margaret.

— Shhh — faz ela. — Quero te mostrar um negócio irado no convés.

— O quê? — pergunta Anthony, sonolento.

— É surpresa. Segredo. Mas é bem legal.

— O que é?

— Talvez seja melhor você voltar a dormir. É só pra garotos mais velhos. O Oliver já está lá.

— É uma baleia?

— Vem comigo que eu te mostro.

Margaret leva Anthony para a popa do navio. Oliver de fato está esperando por eles.

— O que é?

— Lá — diz Oliver, apontando para a escuridão. — Vem cá, vou te levantar pra você ver.

— Não, eu... — diz Anthony, mas já é tarde demais.

Margaret e Oliver estavam planejando isso havia meses. Eles se certificaram de que o navio era antigo e que não havia câmeras de vigilância. Prepararam o terreno com alguns falsos relatos das cômicas aventuras sonambulísticas do irmãozinho.

Erguem-no à altura do parapeito e o atiram no rastro de espuma deixado pelo navio.

Hoje é dia de levar Kylie a Newburyport para ficar com o pai. A namoradinha ainda é a mesma. A loirinha. Hoje Rachel está decidida a prestar atenção e descobrir pelo menos o nome dela enquanto Kylie vai buscar o pedido elaborado que fez no Starbucks.

— Rachel agora dá aula na faculdade — Marty está dizendo à garota.

— Nossa, que legal! — exclama a loirinha.

— Desculpa, fico até meio sem graça de perguntar... Mas como é mesmo o seu nome? Tenho certeza de que você disse mais de uma vez, mas ando meio desorientada, como você pode imaginar — diz Rachel.

Marty agora está realmente preocupado. Não está zangado, e sim preocupado com a saúde mental de Rachel. A químio pode acabar com a gente de várias maneiras.

— Ginger — responde Marty, polidamente.

— E o que você faz? — pergunta Rachel.

— Acredite se quiser, Ginger trabalha pro FBI — diz ele, mais uma vez respondendo por ela.

Pete e Rachel se entreolham, os olhos de ambos estão arregalados. Certamente é a primeira vez que eles escutam essa informação, pois Rachel percebe que Pete está tão espantado quanto ela. Kylie nunca comentou isso, o que os surpreende: eles botaram na cabeça dela que nenhum deles podia ter ligação com as forças da lei.

— FBI? — pergunta Rachel.

— FBI — responde Ginger, forçando uma voz grave e sonora de trailer de cinema.

— Mas ela não é só agente, também está fazendo doutorado em psicologia criminal na Universidade de Boston. Mocinha bem ativa essa menina — acrescenta Marty.

— Não foi ideia minha. Eles meio que me obrigaram — conta Ginger, toda modesta, num charmoso sotaque de Boston.

— Doutorado? Mas você não tem idade pra isso... — começa Rachel, se perguntando se Ginger não seria uma garota precoce.

— Ela tem 30 anos — explica Marty.

Rachel não consegue entender se ele está dizendo isso para se justificar ou para contar vantagem. Uma mulher quase da idade dele?

Uma adulta de verdade, com um emprego de verdade? Ele está tentando tirar onda com a cara dela, só pode.

— Você parece não ter nem 18 — solta Rachel. — Você só pode... — E deixa a frase solta no ar, sem saber como concluir.

— Tomar banho com sangue de virgens toda noite? — conclui Marty por ela.

— Não era isso que eu ia dizer — fala Rachel, mas seu pequeno protesto se perde nas gargalhadas de Ginger. Ela acha Marty hilário.

— Só sigo uma rotina bem saudável de tratamento da pele — diz Ginger.

— E onde foi que os pombinhos se conheceram? — pergunta Pete, agora também um pouco mais interessado em Ginger.

— A gente quase que literalmente deu de cara um com o outro correndo no parque — conta Marty.

— Não é a primeira vez que ele faz isso — diz Pete. — Isso é agressão, companheiro. Um dia não vai funcionar, e você vai parar no xilindró.

Ginger novamente dá uma gargalhada. Para ela, os dois irmãos são hilários.

Ela é bonita, jovem, tem senso de humor e é inteligente; se tiver dinheiro também, é um prato cheio para Marty, pensa Rachel.

— Então você é daqui, Ginger? — pergunta ela.

— Meu Deus, meu sotaque é tão carregado assim?

— Não, não é isso. Só estava me perguntando em que faculdade você estudou. Pode ter sido a mesma do Marty. Eu não sou daqui.

Marty balança a cabeça.

— Não, ela estudou na Innsmouth High — responde ele. Rachel nunca ouviu falar dessa universidade. — Redneck Ville — explica Marty.

— Acho que eu sempre fui meio bicho do mato — diz Ginger. — Ainda bem que isso passou.

Claro, claro, pensa Rachel. Bichos do mato de verdade não fazem doutorado na Universidade de Boston. Muito embora ela nem devesse falar nada. Harvard. Qual é? Bolsa parcial, é verdade, mas mesmo assim...

— E o que você faz no FBI? — pergunta Rachel, rapidamente olhando para Pete mais uma vez.

— Análises psicológicas de criminosos? — arrisca Pete.

Ginger ri.

— É isso que parece? Há anos quero entrar na Unidade de Análise Comportamental, mas a agência, com sua infinita sabedoria, me mandou para a Divisão de Crimes de Colarinho Branco.

— E é legal? — pergunta Rachel.

A conversa envereda para os banqueiros corruptos, mas, numa

pausa, Marty pergunta como Kylie vai na escola. Rachel balança a cabeça.

— Ela está num momento bem estressante.

— Você tem lido os e-mails dos professores?

— Claro — responde Rachel. — Mas não acho que seja o momento... bom, agora não é o momento de falar sobre isso.

— Não, claro, tem razão — concorda Marty. — É só que... ééé... se a Kylie estiver com algum problema... bom, a Ginger trabalha com psicólogos e terapeutas.

— Nós já tentamos um psicoterapeuta. É complicado — responde Rachel.

— Conheço profissionais muito bons — reforça Ginger, querendo ajudar. — Tanto na agência como fora dela.

— Vamos mudar de assunto. Lá vem ela — diz Pete.

Apesar de toda preocupação de sua família, Kylie é toda sorrisos. Escolheu uma daquelas invenções do Starbucks cheias de creme e chocolate no alto.

— Acho que é melhor a gente ir andando — sugere Marty.

— Já? A gente não pode ficar aqui mais um pouquinho? — pede Kylie.

Eles estão sentados à mesa perto da janela e conversam, enquanto uma nevasca ameaça desabar. Marty comenta que o melhor Natal é o da Nova Inglaterra.

Rachel sorri e tenta interagir, mas Pete percebe que ela está ficando cansada. Todos se despedem, e ele a leva para casa.

Nessa noite, ela não consegue comer nada.

Nem dormir.

Ela se senta na cama com uma xícara de chá frio.

De novo aquele pensamento autopunitivo: se o câncer a tivesse levado há um ano, nada disso teria acontecido.

E eles continuam. Os sonhos. O homem na neve. O medo. Xixi na cama. As dores no estômago. A cada dia que passa, Kylie fica mais fraca. Ela tenta fingir que está tudo bem, mas Rachel percebe. Rachel sabe que não está. Ela também está cada dia mais debilitada. Está definhando. Quanto mais o tratamento contra o câncer se prolongar, mais longo será o processo de recuperação.

Eles precisam atacar agora.

Pete é contra o plano. Está lidando com os próprios demônios. A dor está voltando. A ânsia. Ele também está ficando fraco.

Os pesadelos de Kylie. Os pesadelos de Rachel. Kylie chorando no banheiro. Pete escapulindo no Dodge Ram para ficar sozinho. Os cabelos de Rachel caindo em tufos. Kylie agora se recusa a dormir na casa das amigas porque não quer que ninguém descubra que faz xixi na cama. Todos já experimentaram a garrafinha Beba-me. Todos desenrolaram o novelo de lã vermelha. Todos já caíram do outro lado do espelho.

Rachel e Pete estão no deque gelado nos fundos da casa.

As ondas do Atlântico. Lua crescente. As constelações geladas e indiferentes do inverno.

Pete espera Rachel tomar uma decisão.

Ela termina o uísque e se abraça.

— A gente vai ter que fazer isso — conclui ela.

Pete balança a cabeça.

— A gente não tem que fazer droga nenhuma.

— Erik tem...

— Ele pode fazer isso. Ele que corra o risco.

— Ele não pode fazer isso sem a gente, sem mim... Você sabe disso.

— Já estamos fora disso. Escapamos por um triz. Tivemos sorte.

Essa coisa quase acabou com a gente — diz Pete.

Rachel olha para ele. Pete não parece em nada o oficial dos Fuzileiros Navais que participou de cinco combates. A dúvida o está paralisando. Ou será que agora que tem algo a perder — uma família — ficou mais cuidadoso. Ele não consegue entender que vai perder a família de qualquer forma, se eles não fizerem nada.

— Isso não é uma *coisa*, Pete. A Corrente não é nenhuma mitologia.

Não é autoperpetuadora. Ela é humana. É feita de seres humanos. É falível, vulnerável, assim como nós. O que nós vamos fazer é encontrar o coração humano que está em seu cerne e acabar com isso de uma vez.

Pete pensa por um bom tempo e finalmente assente.

— Ok — diz baixinho.

— Ótimo.

Rachel liga para o número de Erik.

— A gente topa — diz.

— Quando?

— Quero a minha filha longe disso. Em segurança.

— Então quando? Não pode demorar, tem que ser antes que eles mudem os protocolos.

Marty e a namorada provavelmente podem ficar com Kylie no fim de semana, pensa Rachel.

— Sábado.

— Eu te ligo às dez da manhã. Você vai ter que provocá-los. Vai ter que fazer com que eles te liguem.

— Eu sei.

— Vai ser perigoso.

— Eu sei.

— Até sábado.

Marty ri com satisfação.

— Eu vou adorar ter a Kylie aqui. Na verdade, vai ser perfeito. Ginger sugeriu que fôssemos visitar o avô dela nesse fim de semana. Eu levo a Kylie.

O coração de Rachel quase para.

— Uau! Já está na fase de conhecer os pais? — pergunta ela, tentando parecer engraçada e espirituosa, mas sem se sentir *nada* engraçada. Marty jamais teria se casado com uma mulher como Tammy. Por outro lado, com uma mulher inteligente, uma agente do FBI ainda em idade de lhe dar os dois filhos homens que ele sempre quis...?

— Não é nada disso. Não vou pedir a mão dela em casamento. E é o avô dela, não o pai. Não é nada sério. É só pra gente se conhecer. O irmão gêmeo dela também vai estar lá. Mas eu queria que a Kylie fosse com a gente. E você também é bem-vinda. E o Pete. Parece que eles têm um velho casarão meio caindo aos pedaços perto do rio, com muitos balanços e um bosque lá perto pra brincar, se o tempo continuar bom.

— Parece ótimo, mas eu vou tentar relaxar nesse fim de semana.

— Por que não inventa algo divertido, se estiver animada? Um dia no spa... Me manda a conta.

— Quem sabe? Até que pra um ex-marido você não é dos piores.

— Isso foi um elogio ou você está sendo irônica?

Rachel se despede dele e sobe para comunicar os planos a Kylie.

— Pirou, mãe? O Stuart vai passar o fim de semana aqui. Os pais dele vão pra formatura da irmã adotiva dele no Arizona — diz Kylie.

— Ai meu Deus! É mesmo!

Ela liga para Marty de novo.

— Não vai dar esse fim de semana. Não sei onde eu ando com a cabeça. Desculpa. O Stuart vai passar o fim semana com a gente. A mãe dele vai pra Phoenix.

— Stuart? Aquele garoto esquisito cheio de sardas? Ele pode vir também. A Ginger não vai se importar.

— Você teria que falar com a mãe dele. Duvido que ela concorde. Ela não confia nem em mim direito, então acho que não vai confiar

em você também.

— Não, vai ser exatamente o contrário. Ela vai ver que o confiável sou eu. Me manda o número dela que eu ligo.

Rachel manda o número para Marty por mensagem e é claro que ele joga todo o seu charme para cima da mãe de Stuart. E Rachel acaba ficando com o fim de semana só para ela.

Qualquer outro paciente que estivesse fazendo quimioterapia passaria esse tempo descansando e se recuperando.

Rachel vai caçar a toca do monstro.

Ela desce ao encontro de Pete.

— Bom, é prudente, não é?... Se a gente encontrar eles pelo aplicativo do Erik, eles não terão como rastrear a gente nem nada disso, não é? — pergunta ela, tentando se tranquilizar.

— Acho que, se a gente não irritar muito eles, não vai acontecer nada. Vai ser a conta de rastrear a ligação. Eles não vão nem ficar sabendo que a gente está atrás deles. Duvido que a gente consiga descobrir a localização deles, mas, se por acaso a gente conseguir, nós vamos ter que alertar as autoridades. Um telefonema anônimo pro FBI e pronto.

— Então não tem perigo pra nós? — pergunta Rachel mais uma vez, pensando mais em Kylie que em si mesma.

Pete assente.

— Ok — diz Rachel, dando três batidinhas no tampo da mesa de madeira, só para garantir.

Uma casa em Watertown, Massachusetts, no final da década de 1990. Mais um desses bairros residenciais spielbergianos cheio de crianças tentando fazer cesta, andando de bicicleta, jogando hóquei de rua. A trilha sonora é de provocações verbais, cantigas de pular corda, risadas...

Mas o número 17 da Summer Street é uma casa de luto, não de alegria.

Já se passaram seis meses desde o cruzeiro a Nassau. Cheryl não conseguiu superar. Afinal, como superar uma coisa dessas?

Ela está fazendo terapia e tomando vários ansiolíticos. Mas nenhum deles está ajudando.

O que ajuda é se entorpecer.

Toda manhã, assim que Tom e os gêmeos saem, ela prepara uma vodca com tônica, carregando na vodca. Depois liga a televisão, engole um Clonazepan e um Xanax e sai do ar.

A manhã se arrasta.

Às onze e meia, o correio vai passar. Quando ela era pequena, eram duas entregas por dia. Agora, há apenas uma, às onze e meia.

Ela sabe o que o carteiro vai trazer.

Algumas contas, folhetos com propaganda e mais uma daquelas cartas.

Ela fecha os olhos e, quando volta a abri-los, o sol já atravessou o céu e está na hora de verificar a caixa de correio.

Ela ignora o lixo postal e as contas e abre a carta que lhe é endereçada. *Querida piranha*, é assim que começa.

O resto da carta diz que ela é uma puta e uma péssima mãe e que foi ela a responsável pela morte do filho.

É a décima terceira carta que recebe. Todas escritas em letras maiúsculas com caneta esferográfica preta.

Ela a guarda junto com as outras numa caixa de sapato no armário de toalhas e de roupas de cama.

Prepara outra vodca com tônica. Encontra um daqueles guarda-chuvinhas de coquetel e o coloca entre as pedras de gelo. Vê uma parte da novela e sobe.

Ela se senta no chão do banheiro e abre um frasco de Nembutal.

Joga um na boca e bebe um gole do drinque. Depois toma mais um comprimido e bebe outro gole.

Engole o frasco inteiro e fica deitada no chão do banheiro.

Às quatro da tarde, Margaret e Oliver voltam para casa.

Os dois já estão acostumados a voltar sozinhos da escola.

Oliver liga a televisão. Margaret sobe para ler. É uma leitora voraz. Está dois anos adiantada em relação à sua série. Está lendo *As tumbas de Atuan*, de Ursula Le Guin. Ela não consegue parar de ler, até que chega um momento em que precisa muito ir ao banheiro. É aí que encontra Cheryl caída no chão.

Há espuma saindo pela boca de Cheryl, suas pupilas estão fixas e dilatadas, mas ela ainda respira. Margaret chama Oliver, e os dois ficam olhando para a madrastra.

— As cartas — diz Margaret.

— As cartas — concorda Oliver.

Eles ficam um tempo olhando para ela. O rosto dela está da cor do papel de parede do escritório de Tom, um amarelo claro.

Tom só volta para casa depois das sete e meia. As crianças estão em frente à televisão comendo pizza de micro-ondas.

— Onde está a mãe de vocês? — pergunta ele.

— Deve ter saído — responde Margaret. — Ela não estava em casa quando a gente chegou.

— Mas o carro dela está parado do outro lado da rua — fala ele.

— Ah, é? — diz Margaret, voltando a atenção para a televisão.

— Cheryl! — grita Tom, olhando lá para cima, mas não tem resposta. Vai até a cozinha e pega uma Sam Adams na geladeira e come um pedaço da pizza.

Quando finalmente sobe, já é tarde demais. O Nembutal provocou falência respiratória, levando a uma parada cardíaca.

Ele cai de joelhos e pega a mão fria da mulher.

E começa a chorar.

— O que eu fiz pra merecer isso? — pergunta em voz alta.

Então ele se lembra.

Erik passou a noite inteira trabalhando. Já foram cinco xícaras de café. Penetrou seis camadas na boneca russa do anonimato e das identidades falsas. Apagou seus rastros e está usando um MacBook novinho em folha, com IP falso com localização na distante Melbourne, Austrália. Está mergulhado até o pescoço no labirinto, mas está seguro. Ou pelo menos é o que ele pensa.

Está satisfeito com sua pesquisa. Os alicerces estão bem assentados. Sempre estiveram.

As condições de Karush-Kuhn-Tucker são ideais. As informações estão lá mesmo, para quem souber onde e como procurar. São muitas pistas, detalhes pessoais, confissões. Cada pessoa introduzida na Corrente acrescenta um nível geométrico de instabilidade, e há um bom tempo o negócio ameaça entrar em colapso. Basta descobrir uma maneira de dar forma aos dados coletados.

Ele bebe mais um gole do café e lê um artigo interessante de Maria Schuld, Ilya Sinayskiy e Francesco Petruccione sobre previsão por regressão linear num computador quântico. O algoritmo deles é fascinante.

Mas ele sabe muito bem que isso se trata de uma distração, algo para análise futura.

O Alexa da Amazon está tocando *Physical Graffiti* pela terceira vez esta noite. Ele dá um tempo para prestar atenção na introdução de “Trampled Under Foot”.

Olha para a foto em que está com a mulher e a filha em frente ao MoMA, em Nova York. O lugar favorito de sua mulher no mundo. As duas estão sorrindo, mas ele parece aflito.

Balança a cabeça, tenta reprimir as lágrimas e olha para os pontos marcados na tela, que terão de ser condensados em seu bloquinho de anotações sobre a Corrente.

Tudo está indo bem. Embora não tenha testado completamente o aplicativo, ele *acha* que deve funcionar. E deve funcionar apenas para Rachel.

Ele reorganiza a lista na tela. Este são os pontos em relação aos quais está completamente seguro no momento:

- Pelo menos duas pessoas. Duas marcas registradas e dois modos de operação. Parentes. Irmãos?
- Baseados em Boston
- Não há ligação com o crime organizado
- Alguma ligação com a justiça ou com a polícia

“Trampled Under Foot” acaba e começa “Kashmir”.

A mulher já o está observando há noventa segundos. Os batimentos cardíacos dela estão lá no teto.

As instruções que ela recebeu são claras: matar Erik, pegar seu bloco de notas.

Ela sabe por que a Corrente a escolheu: por ter sido condenada duas vezes por invasão de domicílio. Acham que ela é uma espécie de especialista. Mas ela não é. Foram só loucuras da adolescência. Hoje ela é uma respeitável professora do sexto ano. Foi sorte a fechadura da porta dos fundos de Erik ser de um modelo tão antigo. Praticamente qualquer pessoa conseguiria arrombar aquela porta.

Ela teve sorte.

Erik teve azar.

Na verdade, ela já havia matado antes. Um cachorro na estrada, saindo de Cape Cod. Ela o atropelou e foi obrigada a acabar com seu sofrimento usando uma pá de neve.

Talvez seja exatamente isso que está fazendo com Erik.

A mulher dele está morta. A filha está num hospital psiquiátrico.

Sim, pensa ela, erguendo a arma e mirando nas costas dele.

O alarme de Pete toca às cinco horas. Ele o desliga antes que o barulho acorde Rachel e rapidamente se levanta da cama.

Sua pele, seus olhos e seus órgãos internos estão loucos por um pico. Já se passou um dia inteiro. Um de seus jejuns mais prolongados até agora. Ele está tentando uma técnica que alguns caras do programa recomendaram chamada estiramento. Você estende o máximo possível o tempo entre uma dose e outra: primeiro fica um dia inteiro sem, depois um dia e meio, depois dois dias. Ele olha no relógio. Vinte e quatro horas e cinco minutos. Está conseguindo. Está chegando perto do seu recorde. Está se sentindo bem. Por enquanto.

Prepara um café, faz flexões, então entra no banheiro e tranca a porta. E se ele usasse só metade do que está acostumado? Será que conseguiria largar o vício assim? Será que poderia funcionar? Metade é loucura. Talvez dois terços.

Ele mede dois terços da dose habitual, derrete tudo numa colher, enche a seringa e injeta nele.

Ele se deita no sofá e, por uma hora, é tomado por lindos sonhos.

Então desperta.

Podia ter aguentado mais tempo. Está se sentindo bem.

Faz mais café, toma uma ducha e prepara massa de panqueca. Lembra-se das armas e, pela terceira vez, vai verificar se elas ainda estão trancadas na caminhonete. Estão. Examina o rifle de caça, o .45, a escopeta de Rachel e a 9 milímetros.

Ele levou as quatro armas para o campo ontem e passou um bom tempo praticando. Nos Fuzileiros Navais, era oficial de engenharia, mas independentemente da função, todo fuzileiro é, antes de mais nada, soldado de infantaria.

Rachel acabou de acordar.

Na verdade, nem chegou a dormir de fato.

Ela se levantou no meio da noite para vomitar.

Faz onze dias desde sua última sessão de quimioterapia, mas às vezes é assim mesmo. Ou talvez seja o medo.

O Garoto Chamado Teseu vai ligar para a Garota Chamada Ariadne às dez em ponto.

Ela sai do quarto e se senta à mesa da sala.

Pete dá um beijo em sua cabeça.

— Não dormiu?

— Dormi. Um pouco. Tive outro sonho.

Pete nem precisa perguntar com o quê.

Outro pesadelo.

Outro vislumbre do futuro.

Às oito, Kylie finalmente acorda, e Stuart aparece prontamente às oito e meia.

— Quem quer panqueca? — pergunta Pete.

Assim que Pete despeja a massa na frigideira, Marty e Ginger chegam na Mercedes branca dele.

Pete baixa o fogo e ele, Rachel e Kylie saem para cumprimentá-los.

— Ora, ora, se não temos aqui Lily, Rosemary e Jack of Hearts! — brinca Marty em referência à música de Bob Dylan, dando tapinhas nas costas de Pete e beijando Rachel e Kylie.

— E se não temos aqui tamb... — esboça Pete, sem conseguir acompanhar a brincadeira.

Decididamente é Marty quem tem o dom da palavra na família.

Que casal atraente, pensa Rachel. O cabelo de Ginger cresceu um pouco e ela tirou completamente a tintura, de modo que agora está com uma linda coloração ruiva, que lhe cai bem melhor. Os olhos de Marty parecem ainda mais verdes.

— Pete fez panqueca e eu vou fritar um pouco de bacon — diz Rachel.

Eles se sentam à mesa da sala de estar e tomam o café da manhã.

— Isso está muito bom, irmãozão... Comprou a massa pronta? — pergunta Marty.

Pete balança a cabeça.

— Estou com Mark Bittman: panqueca industrializada é sinal de uma civilização decadente.

— Minha infância foi exatamente assim — conta Marty a Ginger e a Kylie. — A gente faz uma pergunta inocente e escuta um sermão sobre tudo o que está errado no mundo.

— Que mentira. Ele é que era muito mimado — rebate Pete.

— Como foi a sua infância, Ginger? — pergunta Rachel.

— Nossa. Uma loucura. Nem queira saber. Nem me lembro direito dos anos na comunidade. A gente pulou de galho em galho antes de voltar pra Boston.

— Foi por isso você quis trabalhar pro FBI? Pela estabilidade? — questiona Rachel.

— Não exatamente. Meu pai era agente e meu avô foi da polícia de Boston. Acho que está no sangue — responde Ginger.

— Tem certeza de que está tudo bem se a gente largar duas crianças com vocês? — pergunta Rachel a Marty em separado, quando

terminam de tomar o café da manhã.

— Eu conversei com a Ginger. Ela vai adorar levar a Kylie e o amiguinho à casa do avô. É um velho casarão perto do rio Inn cheio de coisas legais pra fazer. As crianças vão ficar loucas lá. Vão amar.

— Tem várias dessas casas velhas perto do rio nessa região de Massachusetts que são bem perigosas. Toma cuidado, tá?

— Não se preocupa, a casa é maravilhosa. Eles gastaram um dinheirão com a reforma.

— Então a Ginger tem dinheiro, né? Sorte a sua.

— É... deve ser dinheiro de família. Nenhum agente do FBI ganha tanto assim — comenta ele.

— A não ser que ela seja da banda podre da polícia — brinca Rachel.

— Ah, Rach! Olha bem pra ela. Parece que ela saiu do elenco de *Law & Order*!

Stuart e Kylie finalmente estão prontos, e Pete e Rachel levam todos até o carro.

— Fiquem de olho nas crianças — recomenda Rachel.

Ginger lhe dá um abraço.

— Não precisa se preocupar. Elas vão ficar bem com a gente — promete ela.

Deve ser isso mesmo. Dinheiro de família, conclui Rachel olhando para a bolsa de Ginger, uma Hermès Birkin pequena porém maravilhosa.

Abraços e beijos para todos os lados, e os quatro vão embora.

Em casa de novo, Pete abre um mapa da Nova Inglaterra em cima da mesa.

— Em algum lugar por aqui — diz.

— Agora só temos que esperar a ligação do Erik. Vou ver se os chips localizadores que colocamos nos tênis da Kylie estão funcionando.

Ela liga o celular e... sim... Lá está Kylie se deslocando para o sul.

Eles consultam a previsão do tempo. Chuva fina, talvez rajadas de neve.

Poderia ser pior.

Eles esperam a ligação de Erik.

Dez horas. Nada.

Dez e quinze.

Dez e meia.

Onze horas.

Aconteceu alguma coisa.

— O que a gente faz? — pergunta Pete.

— Acho que a gente só pode esperar — responde Rachel. Mas ela sabe que algo terrível aconteceu.

Pete também sabe. Tem aquela sensação que dá um minuto antes de os alarmes soarem e de começar a chover tiro para todo lado.

Onze e quinze.

Onze e meia.

Vem uma bruma densa do Atlântico. Uma falácia patética agourenta.

Às onze e quarenta e cinco chega uma mensagem no celular descartável de Rachel.

Se você está recebendo esta mensagem, é porque eu fui neutralizado ou incapacitado. Ou, mais provavelmente, porque estou morto. Estou mandando um link para você baixar anonimamente o aplicativo de localização de comunicações por celular e mensagens de texto. Um lembrete: quanto mais tempo você ficar em comunicação direta com eles, mais perto chegará de descobrir com quem está falando; portanto, se vier a fazer uso do aplicativo, mantenha a pessoa falando o máximo de tempo que puder. Eu não consegui fazer com que o aplicativo funcionasse devidamente com o Wickr, nem com o Kik ou com outros aplicativos criptografados. Se eles se comunicarem com você por algum deles, não vai funcionar direito. Talvez a versão 2.0 funcione, se eu ainda estiver vivo. Boa sorte.

A mensagem seguinte é um link para um site no qual eles podem baixar o aplicativo de Erik.

Ela mostra a mensagem para Pete e liga a televisão no jornal.

Passam-se mais quarenta e cinco minutos até a notícia aparecer na WBZ Boston.

“Um professor do MIT foi assassinado essa manhã. Erik Lonnrott levou três tiros em casa...”

A reportagem informa em seguida que não houve testemunhas. A polícia trabalha com a hipótese de assalto seguido de morte, pois a casa havia sido saqueada e aparentemente vários pertences da vítima foram roubados.

— Ele anotou meu nome no bloquinho — diz Rachel.

Algumas semanas depois da morte de Cheryl, Tom promete aos filhos que a família vai começar uma vida nova. Ele se sente outro homem, uma pessoa melhor, diz. Vai marcar aquela viagem à Disneylândia. Trabalhar menos. As crianças agora terão toda a sua atenção.

O truque do homem mudado dura uns dez dias. Certo dia, algo o deixa irritado no trabalho e ele para num bar ao voltar para casa.

O bar se transforma em parada obrigatória na volta do FBI.

Certa noite, ele conhece uma pessoa no bar e não volta mais para casa.

Oliver e Margaret não se importam.

São independentes. Oliver passa boa parte do tempo no computador. Margaret continua lendo muito. Romances policiais e histórias de amor são seus gêneros favoritos. Também está escrevendo. Cartas anônimas.

Um garoto de quem ela gostava convidou outra menina para ir à discoteca da escola com ele.

A menina recebeu uma carta que a convenceu a não aceitar o convite.

O professor que lhe deu uma nota muito baixa recebeu uma carta que ameaçava revelar seu segredo. Um velho truque que ela leu num livro de Mark Twain e, no dia seguinte, o professor apareceu para dar aulas branco como um fantasma.

Margaret também está trabalhando em outro projeto. Passa um bocado de tempo copiando e aperfeiçoando a caligrafia do pai.

No aniversário de um ano de morte de Cheryl, Tom volta para casa bêbado.

As crianças conseguem ouvi-lo enfurecido com alguma coisa lá embaixo.

Trêmulos, os dois esperam no quarto enquanto Tom sobe a escada causando um estardalhaço.

E não precisam esperar muito.

Pom, pom, pom, pom.

A porta do quarto é aberta com um pontapé.

— Cadê o bolo de carne? — pergunta ele, e isso parece tão bobo que Margaret quase solta uma risadinha.

Ele acende a luz e a vontade de rir desaparece. Tom tirou o cinto.

Ele havia pedido a Margaret que guardasse um pedaço do bolo de carne para ele, mas ela e Oliver comeram tudo. E não tinha mais nada na geladeira.

— Você nunca me escuta, sua merdinha? — pergunta Tom, puxando-a da cama com tanta força que ele acaba deslocando o ombro dela.

Ele bate nela duas vezes com o cinto dobrado e a manda parar de chorar, alegando que mal encostou nela.

Então desce a escada furioso.

Margaret passa a noite inteira morrendo de dor, e é a enfermeira da escola, na manhã seguinte, que finalmente a manda para o hospital. Tom está cheio de culpa e remorso. Ele para de beber e começa a frequentar a igreja e o Promise Keepers.

Margaret e Oliver esperam pacientemente a hora de agir.

A igreja não dura nada.

Alguns meses depois, as bebedeiras começam pra valer de novo.

Certa noite, Tom está deitado no sofá completamente bêbado. Margaret aproveita a oportunidade para retirar o revólver de seu coldre de ombro. Então ela e o irmão delicadamente abrem a boca de Tom e põem o cano do revólver entre os lábios dele e, juntos, os dois puxam o gatilho. Em seguida, limpam as digitais da arma e a colocam na mão direita do pai.

Colocam o bilhete de suicídio que escreveram em cima da mesinha de centro.

Os dois se preparam para fingir que estão chorando e ligam para a emergência.

Depois de um tempo sob os cuidados da assistência social, as crianças são então entregues ao avô Daniel em seu mosqueiro caindo aos pedaços à beira do rio Inn, numa região pantanosa de Massachusetts.

Vovô Daniel se aposentou pela polícia de Boston.

As crianças nunca conviveram muito com ele, mas Daniel com certeza se lembra dos dois. Lembra-se da época em que eram bem pequenos e moravam numa comunidade no norte do estado de Nova York.

Daniel não costuma mais ir muito à cidade. Vive de pesca, da caça e da captura de animais, e sua casa é decorada com as carcaças de vários bichos.

Daniel recebe a assistente social com uma escopeta pendurada no ombro. Margaret e Oliver abraçam o avô.

A assistente social fica aliviada ao ver que as crianças aparentemente reconhecem aquele senhor e que gostam dele.

— A madrastra deles não ia muito com a minha cara nem gostava

daqui, mas eu via as crianças de vez em quando — explica Daniel.

Quando a mulher vai embora, Daniel leva os dois até a cozinha e entrega a cada um uma lata de Budweiser, que eles aceitam, meio nervosos. Os restos de um porco estão pendurados de cabeça para baixo sobre a grande pia. A pele branca está tão infestada de moscas que fica preta.

Daniel mostra às crianças como abrir as latas de cerveja. É igual a abrir uma Coca. Diz aos dois que podem chamá-lo de Red ou Vovô. Pergunta o que eles querem fazer da vida. Oliver diz que quer ganhar muito dinheiro, talvez com computadores, e Margaret fala que quer ser agente do FBI, como o pai.

Daniel pensa por um instante.

— Bom, veremos — comenta. — A primeira coisa que temos que fazer é melhorar esses nomes. — Então ele olha para o garoto. — Vamos chamar você de Olly. Tá bom?

— Sim, senhor — responde Olly.

Então examina a menina.

— No seu caso é óbvio por causa dessa sua cabeleira ruiva. Vamos chamar você de Ginger.

O monstro anda por aí, à solta por trás do vidro embaçado.

Matou Erik e, quando vir o nome de Rachel nas anotações dele, vai matá-la também. E Kylie, Pete, Marty, Ginger e todos que estejam ligados a ela.

Agora não há mais escolha. Escolha sempre foi uma ilusão.

Só há uma coisa a fazer.

Sua mão está tremendo.

Pete olha para ela, ansioso.

Ela sabe o que vai fazer agora.

Antes de qualquer coisa, ela liga para Marty para perguntar se está tudo bem com Kylie. Para variar, Kylie não atendeu o celular, mas o localizador de GPS está indicando que eles estão no shopping de Copley Place.

Marty atende imediatamente.

— Sim, está tudo bem com ela, estamos acabando de comprar umas coisas aqui no shopping — diz ele.

— Você está vendo a Kylie de onde está?

— Estou, claro. Ela está na loja da Adidas com o Stuart.

— E daí vocês vão pra casa do pai da Ginger?

— Do avô dela. O que está acontecendo, Rach? Sei que tem alguma coisa errada.

— Só quero saber se a Kylie está bem.

— Está. O irmão gêmeo da Ginger vai estar lá, e, como você sabe, ela é agente do FBI, e o avô foi da polícia de Boston. Não tem lugar mais seguro pra ela estar.

— Ótimo, Marty. Cuida bem dela, tá?

— Pode deixar, meu bem. E vê se você se cuida também. Tenta relaxar, pelo amor de Deus. Você não precisa recuperar as energias?

— Eu vou descansar.

Eles se despedem e desligam.

— O que a gente faz agora? — pergunta Pete. — Chama a polícia?

Rachel prende os cabelos num rabo de cavalo.

— A Kylie está bem, mas eles virão atrás da gente. Temos que sair daqui.

— Qual o plano? — pergunta Pete.

— Vamos baixar o aplicativo e ver se funciona. Se conseguirmos a localização deles, checamos o endereço e chamamos a polícia.

— E se não conseguirmos?

— Aí a gente liga pra Ginger, conta tudo o que aconteceu e pede pra ela ficar com a Kylie sob custódia. E aí acho que vamos ter que nos entregar.

Pete olha para ela.

— Quanto tempo você acha que a gente tem?

— Não sei. Horas? Vamos ter que fazer isso logo — diz Rachel.

Ela aciona o aplicativo de Erik. Conseguiu baixá-lo, mas, quando tenta abri-lo, aparece uma mensagem na tela de seu celular dizendo o seguinte: Para que este aplicativo funcione é necessário entrar com o número seguinte desta sequência: 8, 9, 10, 15, 16, 20... Se for inserido um número errado, seu celular será bloqueado e todos os dispositivos vinculados à sua conta serão desativados por vinte e quatro horas.

Rachel mostra a mensagem para Pete.

— Tecnologia poderosa! Temos que saber os dígitos exatos, senão estamos fodidos — murmura ele.

— E qual é o padrão numérico? Você reconhece?

Ele balança a cabeça.

— Não são números primos. Nem a soma dos números anteriores. Não é nenhuma série que eu consiga identificar.

— Só temos uma chance de acertar. Se a gente errar, só vai dar pra tentar de novo amanhã.

— E amanhã será tarde demais.

— Oito, nove, dez, quinze, dezesseis, vinte — diz Rachel em voz alta.

— Vou botar no Google — fala Pete, mas tudo que ele encontra são links para vídeos do YouTube ensinando crianças a contar.

Rachel fecha os olhos, tentando pensar. Que sequência é essa? Ela já viu isso antes em algum lugar.

— Um protocolo de segurança a mais não faria o menor sentido a essa altura do campeonato, não é, Pete? — pergunta ela, pensando em voz alta. — Bom, o Erik sabe que a única pessoa que vai tentar baixar esse aplicativo sou eu. Não é?

— Sim — concorda Pete.

— E talvez a Corrente, se eles conseguiram botar a mão nas anotações dele e estão tentando decifrar o que ele escreveu. Então qual seria o código que o Erik introduziria aqui pra dificultar as coisas pra eles mas que ao mesmo tempo não criasse problemas pra mim?

— Não sei — responde Pete.

Rachel coloca o celular em cima da mesa e começa a andar pela sala. A chuva castiga a claraboia. O navio da Guarda Costeira emite uma buzina de nevoeiro.

— Alguma coisa relacionada a filosofia? — sugere Pete.

— Tudo o que ele sabe sobre mim é que eu tenho câncer, que sou mãe e que o meu time é o New York... Caralho! Já sei!

Ela pega o celular e digita 23.

Aparece uma mensagem na tela: Número correto. Você pode ativar o aplicativo depois de se registrar usando seu nome de usuário.

— Vinte e três? — questiona Pete. — Não entendi. É um número primo, mas vinte não é primo.

— São números de Yankees aposentados. Ninguém de Boston ia saber, mas um torcedor dos Yankees, sim — explica Rachel.

O aplicativo abre num mapa da Costa Leste dos Estados Unidos. É um aplicativo simples e fácil de usar. Há um botão verde que diz Iniciar Rastreamento e um botão vermelho que indica Encerrar Rastreamento. Mas a aparente simplicidade esconde uma análise matemática e estatística bem apurada.

— Qual o nome de usuário? — pergunta Pete.

Rachel digita Rachel.

Nome de usuário não reconhecido. Mais duas tentativas de login, avisa uma mensagem na tela.

Ela digita Erik.

Nome de usuário não reconhecido. Mais uma tentativa de login.

Ela digita Ariadne.

Aparece uma tela cheia de texto.

Bem-vinda, Ariadne. Este aplicativo funciona com mensagens de texto e comunicações telefônicas. A versão beta também funciona, até certo ponto, com aplicativos de comunicação criptografados. A Versão 2 funcionará com a maioria dos aplicativos de mensagens criptografadas. É só clicar no botão verde quando estiver ao telefone que este aplicativo vai tentar localizar a torre de telefonia celular mais próxima do ponto de origem da chamada. Quanto mais tempo você ficar em comunicação com seu interlocutor, mais perto da localização da torre o aplicativo chegará e mais preciso será o resultado.

Ela mostra o texto a Pete.

Ele o lê e assente.

— Então se eles responderem sua mensagem no Wickr só pelo Wickr, talvez não funcione.

— Acho que não.

— Se a gente não estivesse com tanta pressa, eu ia sugerir que esperássemos até amanhã de manhã. No domingo cedo, a maioria das pessoas geralmente está em casa. Já no sábado à tarde...

— É agora ou nunca. A gente tem que arriscar.

— Ok então.

— Lá vamos nós — diz Rachel.

Ela clica no ícone do Wickr no celular e começa a digitar.

Andei pensando no que você falou no Dia de Ação de Graças. Quero saber se existe uma forma de sair da Corrente para sempre. Ando tendo pesadelos. Minha filha sofre com dores de estômago. Será que a gente pode pagar para sair da Corrente definitivamente? Obrigada.

Ela mostra a mensagem a Pete e a envia para Wickr 2348383hudykdy2.

Dez minutos depois, recebe uma notificação de que seu interlocutor está mandando uma resposta. Clica em Iniciar Rastreamento e imediatamente o algoritmo de Erik é acionado.

Que bela surpresa ter notícias suas! Ainda está meio cedo para presentes de Natal, você não acha? Lamento informar que não oferecemos o serviço que você está solicitando, diz a mensagem.

O GPS do celular de Rachel se acende, mas não acontece nada. O mapa congela e o aplicativo trava. Ela bate na tela, mas não funciona.

— Não funcionou — diz.

— Ele achava mesmo que não ia funcionar com aplicativos criptografados. Falou que funciona melhor rastreando ligações.

— Se eu escrever “Por favor, liguem pra mim”, eles certamente vão ficar desconfiados — diz Rachel.

— Não sei.

Então um pensamento ocorre a Rachel.

— Sabe de uma coisa? E se esse Erik for um maluco? Talvez não tenha mesmo a menor chance de isso funcionar.

— O MIT não contrata debiloides.

— Mas mesmo assim ele podia ser maluco. Pode ter ficado louco por causa de tanto sofrimento.

— Será que você não pode tentar falar com eles de novo sem deixar eles putos?

— Pra quê? Assim que eles virem meu nome naquele bloquinho, vêm atrás da gente.

— A gente não sabe se eles pegaram as anotações. Ele pode ter escondido o bloquinho num lugar seguro, sei lá.

Rachel olha pela janela.

— Eles pegaram, sim — afirma. — E estão lendo tudo agora. Mais cedo ou mais tarde, vão juntar dois e dois.

— A culpa é minha. Me desculpa por isso — diz Pete.

— Eu não teria conseguido trazer a Kylie de volta sem você, Pete.

Rachel abre o Wickr de novo.

Deve ter algum jeito de sair da Corrente para sempre. Alguma coisa que eu possa fazer por vocês ou um valor que eu tenha que pagar. Uma forma de encerrar as coisas definitivamente, de sabermos que estamos cem por cento seguros. Por favor, pela minha filhinha, digam o que é, digita ela, enviando a mensagem.

Em apenas dois minutos vem a resposta. E mais uma vez pelo Wickr, e não pelo telefone. Ela aciona o aplicativo.

Você deve ser muito burra. Qual foi a primeira coisa que eu falei para você? Não é pelo dinheiro, é pela própria Corrente. Ela tem de continuar para sempre. Se um único elo da Corrente se perder, tudo desmorona. Entendeu, sua burra?, responde Wickr 2348383hudykdy2.

O algoritmo faz uma busca e recalibra, então o localizador de GPS de Erik se acende, mas trava de novo, e não mostra nenhum resultado. O celular de Rachel congela e ela tem de desligá-lo e ligá-lo novamente.

— Nada — diz Rachel.

— Merda!

— Vou tentar outra vez.

Por favor. Estou implorando. Pela minha família, tem alguma coisa que eu possa fazer para sair da Corrente?, digita Rachel.

Ela mostra o que escreveu a Pete.

— Manda — diz ele.

Ela envia a mensagem. Desta vez, não vem uma resposta de imediato.

Cinco minutos se passam.

Dez.

— Já era — diz Rachel.

O iPhone dela toca.

Ela se atrapalha ao tentar pegá-lo e o deixa cair no chão.

O celular quica no chão, e a tela se racha.

— Merda! — grita Rachel, agarrando o aparelho e acionando o aplicativo de Erik. — Alô? — atende ela.

A chamada é do Número Desconhecido. A voz, como sempre, está distorcida.

— Tem uma coisa que você pode fazer por nós, Rachel. Por que não se mata, sua piranha imbecil?!

O algoritmo é acionado e começa a focar numa região de Massachusetts ao norte de Boston.

— Por favor, eu...

— Adeus, Rachel — diz a pessoa.

Faz ela continuar falando, articula Pete.

— Espera. Não desliga. Eu sei coisas sobre você. Descobri algumas informações — diz Rachel.

Há uma pausa e a voz finalmente pergunta:

— Que informações?

A mente de Rachel está a mil. Ela não quer ser associada a Erik, caso não tenham pegado as anotações dele. O que ela poderia ter descoberto sozinha sobre a Corrente?

— A mulher que pegou a minha filha se chamava Heather. O

marido dela falou pra Kylie sem querer que o filho dela se chama Jared. Não deve ser difícil achar uma mulher chamada Heather com um filho chamado Jared.

— E o que você pode fazer com essa informação? — pergunta a voz.

— Podemos começar a fazer todo o caminho de volta até o início da Corrente.

— Aí você estaria assinando sua própria sentença de morte, Rachel. Você é mesmo muito burra pra jogar assim com a sua vida e com a vida da sua filha.

Durante toda a conversa, o aplicativo vai restringindo cada vez mais a área. O círculo vai diminuindo, tendo agora ao centro uma região que engloba o sul de Ipswich e o norte de Boston.

— Eu não quero causar nenhum problema. Eu só... Eu só quero me sentir segura — diz Rachel.

— Se você entrar em contato com a gente de novo, vai estar morta até o fim do dia — afirma a voz. E a ligação é encerrada.

Mas o aplicativo funcionou. O telefonema foi dado de Choate Island, na região pantanosa de Essex. A torre de telefonia mais próxima do autor da chamada fica na própria Choate Island.

Rachel faz uma captura do mapa na tela e o mostra a Pete.

— É isso! — grita ele.

— Vamos!

Eles saem correndo até a caminhonete.

Seguem a toda a velocidade para o sul pela Rota 1A, passando por Rowley e Ipswich. Em Ipswich, pegam a 133, uma estrada estreita que atravessa o Grande Pântano de Ipswich.

Chegam de carro o mais próximo possível de Choate Island, mas não há nenhuma estrada ali que leve à ilha pantanosa propriamente dita, então eles terão de caminhar para chegar até a torre. O nevoeiro naquela região não é tão denso, mas a chuva que vem do mar é muito fria e cai neles em diagonal.

Eles estacionam e saltam da caminhonete. Eles vestem casacos e calçam botas para caminhadas. Pete está armado com o fuzil, a Glock, o .45 e duas granadas de atordoamento, que pensou que poderiam ser úteis. Rachel pega sua escopeta. Está tremendo. Ela está com tanto medo que mal consegue respirar.

— Não se preocupa, Rach. Não vai acontecer nada hoje. Vamos só fazer o reconhecimento da área. Vamos coletar as informações e chamar a polícia.

Por uma trilha, eles chegam ao terreno pantanoso perto de Choate. Mesmo com a chuva e com o frio, está cheio de moscas. Dos dois lados do caminho, a mata é densa, sufocante e claustrofóbica. Aqui e ali, eles vislumbram o rio Inn, espesso e lamenento sob uma camada

marrom de algas. O Inn é um afluente do rio Miskatonic, que faz uma curva no brejo em certo trecho em direção ao norte. O pântano inteiro parece afundar em direção ao centro de uma massa oculta. Das árvores pende uma espécie de barba-de-velho; pássaros grasnam nos galhos mais altos, e o inverno ainda não afastou as moscas insistentes.

Rachel está assustada. Eles estão chegando perto. Ela sente isso.

Os sonhos, as canções e os pesadelos os trouxeram até aqui.

Eles foram advertidos a não investigar a Corrente, e aqui está ela tentando fazer o caminho inverso para chegar aos primórdios da Corrente seguindo o fio de Ariadne.

Mas o labirinto não vai entregar assim tão fácil seus segredos.

Eles fazem uma busca nos pântanos e nos brejos de Choate por três horas, no frio e na lama, e não encontram nada.

Nada da torre de telefonia.

Nenhuma estação retransmissora.

Praticamente nenhum sinal de civilização.

Eles param numa pequena clareira, bebem da água que trouxeram e recomeçam a busca. Mais horas de frustração. Ao cair do sol, estão encharcados, exaustos e em carne viva por causa das picadas dos insetos. Rachel nem tem certeza se eles ainda estão em Choate Island, se voltaram ao continente ou se estão em outra ilha, numa bacia de drenagem completamente diferente. Já atravessaram dezenas de regatos e trilhas. Ela não aguenta mais. Ninguém que faz quimioterapia se aventura em longas caminhadas na lama em dezembro.

Ela respira com dificuldade.

Rachel está morrendo ali, naquele momento, no meio do pântano. Pete não pode saber disso.

Olha para o céu ameaçador sobre sua cabeça. Gigantescas nuvens cinzentas e negras pairam sobre o pantanal a oeste.

— A previsão do tempo não indicou que ia nevar? — pergunta ela.

— É possível. E com certeza a gente não vai querer ficar aqui.

— Se você fosse construir uma torre de telefonia, onde colocaria ela? — pergunta Rachel. — O engenheiro aqui é você.

— Num lugar alto — responde Pete.

— E tem alguma elevação por aqui?

— Olha lá aquela colina.

É um morro pequeno, talvez fique uns dez metros acima do nível do mar. A uns quinhentos metros da mata.

— Por que não?

Eles já estão a dois terços do caminho quando começam a ver o contorno da torre de telefonia celular. Está caída, ou talvez parcialmente afundada.

Eles chegam ao topo da colina, ofegantes.

De lá de cima é possível avistar todo o sistema do rio Inn se estendendo para oeste. A planície aluvial é vasta, fétida e repulsiva, como se estivesse escondendo uma cidade corsária à espera de ser desenterrada de seu próprio esgoto.

Um desânimo avassalador toma conta de Rachel.

Qual era afinal o plano de Erik? O que ele esperava que Rachel e Pete fizessem depois que encontrassem a torre mais próxima do local de onde vieram as ligações da Corrente?

— E agora? — pergunta ela a Pete.

Ele olha para as nuvens no céu e depois para o relógio. Cinco horas. Eles estão andando o dia todo. Estão com frio, encharcados, e ele não quer entrar a noite com Rachel no pântano. Não sem os equipamentos necessários e com uma nevasca iminente.

E ele ainda tem outras preocupações. Meteu os pés pelas mãos hoje de manhã com essa besteira de dois terços de dose. Sua pele está começando a formigar. Os olhos estão secos. Está suando feito um porco. Ainda não está tão mal, mas vai ficar.

Precisa de um pico.

E logo.

— Acha que a gente deve encerrar por hoje? — pergunta.

Rachel balança a cabeça. Eles estão tão perto. Precisa encontrá-los antes que venham atrás dela. Não haverá outra oportunidade. Tem de ser agora.

— Vamos encerrar por hoje? — insiste Pete.

— E depois o quê? — pergunta Rachel.

— Ir à polícia? Contar tudo pra eles. Eles que venham procurar a casa.

— A gente vai preso.

— Os Dunleavys podem não querer cooperar com a polícia — comenta Pete.

Rachel balança a cabeça de novo.

— Eles só vão ajudar a gente se souberem que a Corrente acabou.

Pete assente.

— O que é aquilo ali perto do rio? — pergunta Rachel, apontando para o norte e pegando o binóculo de Pete. — Uma cabana?

Ela examina a construção.

Fica a pouco mais de um quilômetro de onde estão. Um casarão velho circundado por uma varanda. Bem na direção da torre.

— Acho que vale a pena dar uma olhada — diz Pete. — Vamos ter que atravessar mais um ou dois córregos, mas acho que fica na ilha.

Eles atravessam um rio gelado com a água na altura das coxas e sobem por um matagal esparso relativamente próximo a casa.

É uma residência grande parcialmente assentada sobre palafitas, perto de um rio. Nas proximidades, a leste, há algumas fazendas

abandonadas, já afundando no pântano. Sob a varanda, do lado norte da construção, há vários veículos estacionados.

Os pelos da nuca de Rachel estão eriçados.

Alguma coisa nesse lugar parece clamar *desfecho!*

— O que você quer fazer, Rach? — pergunta Pete.

— Vamos tentar chegar um pouco mais perto. Se a gente conseguir ver as placas...

— Vamos ter que rastejar. Grudados no chão, devagar. A mata por aqui não é densa, podemos ser vistos — diz Pete.

Rachel prende a correia da escopeta no ombro, bebe os últimos goles de água e segue Pete rastejando em direção a casa.

O terreno é úmido e lamacento, cheio de arbustos e espinhos.

Em trinta segundos eles estão arranhados, cheios de cortes, sangrando.

Começa a nevar.

Agora estão a cerca de cem metros.

É uma construção feia, cheia de reparos toscos de diferentes épocas, com madeiras diversas. Foi ampliada muito recentemente para abrigar dois quartos a mais no andar de cima, pelo que parece.

Pete pega o binóculo e tenta ler as placas dos veículos na varanda, mas não consegue.

— Rachel, você enxerga melhor do que eu. Quer tentar?

Ela observa os carros. Uma Mercedes, duas caminhonetes, um Toyota.

Vê alguém chegar à varanda.

— Kylie! Meu Deus! — grita ela, levantando-se e começando a correr na direção da casa.

— O que foi que deu em você? — berra Pete, assustado.

Ela está a quase vinte metros de vantagem, mas ele consegue alcançá-la em sete segundos. Pete a derruba no chão, e Rachel cai perto de um velho tronco de árvore.

— Que porra é essa? — pergunta Pete, virando-a de frente para ele.

Ela se debate violentamente para se livrar dele.

— Eles pegaram a Kylie! Estão com ela! Ela estava na varanda — diz Rachel, ofegante.

Pete olha por cima do tronco em direção à varanda. Não vê ninguém.

— Você está enganada.

— Era ela! Eu vi!

Pete balança a cabeça. Não existe a menor possibilidade de eles terem pegado a Kylie. Ela está com o Marty, e eles são cuidadosos.

Rachel está hiperventilando.

— Não é a Kylie — sussurra Pete. — E eu posso te provar isso. A gente colocou um GPS no tênis dela, lembra? Posso te mostrar

exatamente onde ela está agora, e garanto que não é aqui.

— Deixa eu ver — exige Rachel. — Eu sei o que eu vi.

Pete abre o aplicativo do GPS e mostra a Rachel que Kylie não está ali perto.

— Ela está em Boston — diz ele.

Rachel fica olhando para o celular. De fato, o GPS de Kylie está emitindo sinais do centro de Boston, e não daqui.

— Tenho certeza de que era ela — insiste Rachel, confusa.

— Vem. Vamos voltar pra mata antes que alguém veja a gente.

Innsmouth High. Ginger numa sessão de orientação vocacional no primeiro ano do ensino médio.

— Então, o que você quer ser quando crescer, Margaret?

— Quero ser agente do FBI, como o meu pai.

— Isso é muito louvável, meu bem, mas você vai precisar melhorar algumas notas.

— Quais?

— Seu inglês é ótimo, mas você precisa se esforçar mais em matemática e ciências. Seu irmão certamente pode te ajudar.

— É, ele adora essas coisas.

Olly ajudando Ginger com o dever de casa no casarão caindo aos pedaços do avô, à beira do rio Inn. Telas de proteção, mata-formigas e insetos no verão. Fogão a lenha, frio e aquecedores a querosene no inverno.

Daniel ensinando os gêmeos a caçar nas áreas escuras do vale do Miskatonic. Daniel ensinando os gêmeos a esfolar, defumar e conservar a carne.

Daniel contando velhas histórias da polícia às crianças. Velhas histórias de guerra.

Ginger e Olly estudam com afinco e conseguem entrar para a Universidade de Boston, o que deixa Daniel orgulhoso. Olly estuda engenharia da computação. Ginger faz psicologia.

Os dois se saem muito bem nos estudos, na verdade. O único problema são os empréstimos que têm de fazer para pagar a universidade. Daniel não é um homem rico, e eles cresceram pobres.

Mas, depois que eles se formam, Olly é recrutado por meia dúzia de startups do Vale do Silício, e Ginger, pelo FBI, pela CIA e pelo Escritório de Alcool, Tabaco e Armas de Fogo.

Ginger entra para o FBI.

Lá, o que não falta é afeto por ela e pelo pai. *Uma pena o que aconteceu com o seu pai. Uma pena mesmo...*

Ginger trabalha muito e rapidamente é promovida. Acaba fazendo muito contatos. *Eu conheci o seu pai. Era um grande agente. Nós costumávamos...*

Ginger virando noites.

Ginger aos poucos vai subindo na cadeia de comando.

Às vezes ela se pergunta se está fazendo isso por si mesma ou para agradar ao avô. Ou quem sabe para superar o pai. Será que a vida de Ginger seria resultado de sua relação com o pai ou uma reação a ela?

Ela faz cursos na Unidade de Análise Comportamental em Quantico, onde há todo tipo de psicólogos e investigadores para ajudá-la a explorar essas questões, se quiser. Um de seus professores cita o poeta alemão Novalis: “Para dentro vai o caminho misterioso.” Ginger se identifica com a frase, e até gostaria de fazer essa viagem interior um dia para descobrir os motivos de ela ser como é, mas seria algo para fazer sozinha. Jamais seria capaz de confiar sua história e o que ela pensa a um terapeuta.

Olly se muda para a Califórnia, inicialmente para trabalhar na Apple e depois na Uber, e em seguida em algumas startups, cujos negócios são mais arriscados e das quais se torna sócio.

— Quando uma delas estourar, ficamos milionários.

Quando uma delas estourar... Ele trabalhou para duas empresas seguidas que foram à falência.

Mas não importa.

Ginger descobriu outra forma de ganhar dinheiro.

Muito dinheiro. Muito poder.

Ela ouviu falar do Cartel de Jalisco no início da década de 2010.

Eles implantaram no norte do México um modelo totalmente novo de distribuição de heroína. As gangues e os cartéis eram violentos e assustadores demais para a classe média americana. Os rapazes de Jalisco perceberam isso e se deram conta de que havia um vasto mercado inexplorado para o produto deles, se soubessem abordar os clientes da maneira correta.

Para formar sua clientela, começaram a distribuir heroína de graça em frente a clínicas de veteranos, clínicas que administravam metadona e farmácias. Os médicos que exageravam na prescrição de Oxycontin haviam gerado uma ampla base de viciados em opioides e analgésicos que estavam entrando em pânico, agora que o governo federal finalmente começava a reprimir o uso de narcóticos.

A heroína cumpria muito bem essa função. Funcionava melhor que o Oxycontin ou a metadona e era de graça, pelo menos no início. E os caras que distribuíam a heroína não tinham nada de assustadores. Os traficantes não andavam armados e sorriam muito.

Em dois anos, o Cartel de Jalisco ganhou um milhão de usuários.

E se diversificou para outros empreendimentos criminosos.

Ginger acaba sendo designada para uma força-tarefa que iria investigar o Cartel de Jalisco. Está procurando conexões com a máfia de Boston. Graças a delatores e infiltrados do FBI, a Patriarca está em declínio, mas o Cartel de Jalisco está em ascensão.

Ginger descobre um esquema de sequestros do Cartel de Jalisco no qual pessoas que devem dinheiro ficam em posse dos bandidos até que sua família pague a dívida. Mas há um traço de humanidade no esquema: outro membro da família pode trocar de lugar com a vítima que foi sequestrada.

O modelo de sequestro do Cartel de Jalisco funciona usando o mínimo de violência, e, vendo ali um potencial pouco aproveitado, Ginger se pergunta se o esquema não poderia ser adaptado para seus próprios fins.

Lembra-se de como as correntes por cartas foram eficientes na infância.

E discute o assunto com Olly.

Com a ajuda do irmão, gênio da programação, a Corrente nasce em Boston, em 2013.

Não é um sucesso logo de cara. Há alguns problemas. Um pouquinho de sangue demais.

Mantendo distância para não sujar as mãos, eles usam capangas de Jalisco e Tijuana desesperados por dinheiro. E que não sabem para quem estão trabalhando. A mulher misteriosa por trás de tudo é conhecida como Mujer Roja ou Muerte Roja. Dizem que é esposa de um chefe do cartel, uma seguidora americana de Nuestra Señora de la Santa Muerte.

Os assassinos de Jalisco e Tijuana são meio rápidos demais no gatilho. Ainda não entenderam que nos Estados Unidos as operações requerem certa sofisticação. No princípio, os assassinatos passam um pouquinho da conta. O negócio todo ameaça entrar em colapso.

Ginger se livra dos mercenários mexicanos e passa a usar seus contatos na ameaçada Patriarca da Nova Inglaterra. Eles conhecem o *American way of death*. Há décadas fazem exatamente isso.

Por fim, a Corrente começa a funcionar perfeitamente.

As coisas começam a entrar nos eixos.

A Patriarca sai de cena, e a Corrente começa a andar sozinha.

Ginger enviando as cartas.

Ginger fazendo as ligações.

Ginger ditando o jogo.

Então a coisa se transforma num esquema milionário de chantagem, sequestro e terrorismo gerido como um negócio de família por Olly e Ginger.

— Somos o Uber dos sequestros — diz Olly —, com os clientes fazendo a maior parte do trabalho.

Se pudessem abrir o capital do negócio, acrescenta ele, valeria dezenas de milhões de dólares.

Mas já está muito bom assim.

Eles saldaram as dívidas dos financiamentos universitários. E ficam

ricos.

Abrem contas bancárias na Suíça e nas ilhas Cayman.

A Corrente funciona às mil maravilhas agora, e é infalível.

Olly fez várias análises internas para detectar possíveis falhas e identificou apenas três possíveis áreas de preocupação que poderiam gerar algum problema.

Primeiro, certo desleixo de Ginger. Ele disse à irmã que ela teria de usar uma nova conta no Wickr, um novo celular descartável e uma nova carteira Bitcoin a cada etapa da Corrente. Mas ela nem sempre faz isso. Dá uma trabalhadeira dos infernos, então normalmente ela só muda as contas uma vez por mês mais ou menos. Ele também a instruiu a nunca fazer uma ligação anônima da Corrente quando estiver no trabalho, em casa na Back Bay ou na casa de Daniel à beira do Inn.

Ela promete ser mais cuidadosa, embora seja bem difícil dar conta da nova função no FBI, do doutorado e administrar um empreendimento criminoso altamente sofisticado, tudo ao mesmo tempo. Mas, de qualquer forma, são muitas camadas de criptografia entre eles e a Corrente. Criptografia, gaiolas de Faraday, redundâncias...

O segundo grande motivo de preocupação é o fato de Ginger usar a Corrente para acertar contas pessoais. Ela já fez isso três vezes (até onde Olly sabe). O ideal seria que negócios e vida pessoal não se misturassem, mas os seres humanos sempre acabam dando um jeito de confundir tudo. E improvisar regras de funcionamento para moldar o sistema sempre vai parecer uma forma de contornar a situação e uma medida temporária para o inventor do sistema.

E essa questão dos acertos de contas acaba levando à terceira área de preocupação: a vida sexual de Ginger.

Olly tem consciência de que é meio esquisito em matéria de relacionamentos. Ele nunca teve um compromisso sério ou qualquer interesse romântico. É uma pessoa introvertida, não gosta de festas nem de contato físico. Será que aqueles hippies acabaram ferrando com sua cabeça lá atrás?

Ginger, por outro lado, é uma mulher do mundo. Os dois seriam um caso curioso num estudo psicológico de gêmeos. Ela sempre estava com algum namoradinho durante o ensino médio e a faculdade e, desde que entrou para o FBI, saiu com vários homens, dois deles casados.

Sexo é importante, Olly entende isso perfeitamente, do ponto de vista intelectual. É o que mantém o DNA dos mamíferos eternamente em mutação e um passo à frente dos vírus e dos fatores patogênicos que tentam varrer a espécie do mapa. Olly compreende isso num nível científico e matemático. Mas sexo continua sendo uma ideia remota

para ele, e amor... Deus me livre!... Algo ainda mais impensável.

O poder corrompe, e o poder absoluto corrompe absolutamente. E, quando se mistura poder com sexo, aí o que você tem é o que Ginger eventualmente acabou fazendo com a Corrente. Várias vezes ele a pegou usando informações dos bancos de dados do FBI para fins que não tinham a menor relação com a Corrente. E desconfia de que tenham acontecido outros incidentes dos quais nem ficou sabendo.

Isso não é nada bom.

Ele precisa fazer com que ela pare com isso.

Olly está sentado no escritório do avô com as anotações de Erik Lonnrott nas mãos. O fogo está aceso na lareira. Pela janela, ele vê a neve caindo.

Olly examina atentamente o bloco de anotações. É basicamente uma cópia passada a limpo de um bloco de anotações anterior. Ou talvez de alguns blocos. Erik estava trabalhando nisso havia um bom tempo. Olly sabia que alguém estava investigando a Corrente, e suspeitava de que talvez fosse Erik. O professor andou se livrando de muita coisa nos últimos tempos, não tinha como ser tão inocente assim, e muitos históricos de busca e análises levavam diretamente aos computadores do MIT.

Não conseguiram encontrar o laptop nem o celular de Erik, mas o bloco de notas estava com ele.

Erik se deu ao trabalho de fazer a maior parte das anotações em código. O que não chega a ser um problema para Olly. Nenhum código concebido pelo homem é indecifrável. Além disso, o pobre Erik havia ficado muito empolgado nas últimas semanas de vida e, em vez de continuar codificando cuidadosamente as anotações, tinha simplesmente escrito em russo ou em hebraico. Como se isso pudesse esconder alguma coisa. Que tolo.

Olly nem fica impressionado ao examinar as últimas anotações. Erik não chegou a avançar muito. Não tinha suspeitos, não havia estabelecido a ligação com o Cartel de Jalisco, estava atirando para todas as direções.

Algumas das últimas anotações eram apenas palavras ou nomes aleatórios.

Há indicações de um aplicativo que ele estava criando, mas não há sinal de para que servia.

A última anotação certamente foi escrita há pouquíssimo tempo — talvez alguns dias atrás.

Diz simplesmente: לתר

É uma palavra que significa “ovelha” em hebraico.

É uma palavra que se pronuncia “Rachel” em inglês.

Olly suspira e olha pela janela.

Marty, o novo namorado de Ginger, tem uma ex-mulher chamada

Rachel, não é isso?

Essa pequena reunião de família vai ser muito mais interessante do que ele esperava. Ele pega o celular e manda uma mensagem para a irmã: Ginger, será que você pode fazer o favor de vir falar comigo quando tiver um tempo?

Rachel tenta telefonar para Kylie, mas não consegue.

— Não tem sinal — diz ela. — Mas graças a Deus ela está bem.

Porém agora é Pete quem parece preocupado.

— Merda. Talvez não — fala ele.

— O que foi?

— Olha só o tempo decorrido no localizador.

— Meu Deus! Ela está na loja Adidas em Boston há nove horas! — diz Rachel. — Já sei o que aconteceu. Ela comprou outro tênis, jogou fora o que estava usando e esqueceu o GPS.

— Como podem ter pegado a Kylie num shopping em plena luz do dia? Não faz sentido — comenta Pete.

Rachel está em estado de choque.

Seu mundo caiu.

De novo.

E desta vez a culpa é toda dela. Eles a alertaram. Mandaram Rachel deixar as coisas quietas, e ela meteu os pés pelas mãos com esse plano imbecil.

Ela começa a se sentir mal.

Tonta.

Enjoada.

Com engulhos.

Aqueles velhos pensamentos: *Sua idiota. Piranha imbecil. Era melhor ter morrido. Seria melhor para todo mundo.*

Eles pegaram sua linda e inocente menina, sua menina maravilhosa.

Culpa dela.

Imbecil, imbecil, imbecil, imbecil!

Chega de ser imbecil.

Ela tira a escopeta da correia. Entrará pela porta dos fundos, sob a varanda. Vai destruir a tranca a tiros se for preciso e matar todo mundo que estiver lá dentro para tirar sua filha de lá.

Ela limpa os flocos de neve do rosto e segue em direção a casa.

— Aonde você vai? — pergunta Pete.

— Pegar a Kylie.

— Você nem sabe quem está lá dentro ou o que tem lá — retruca

ele.

— Não interessa. Pode ficar aqui, eu vou.

Pete arranca a arma dela.

— Não. Nós dois vamos. Espera aqui dois minutos, eu vou na frente sondar.

— Eu vou com você.

Pete balança a cabeça.

— Eu sou profissional, Rachel. Fiz o curso de reconhecimento nos Fuzileiros. Já fiz esse tipo de coisa várias e várias vezes.

— Eu vou com você.

— Espera só dois minutos, ok? Deixa eu verificar primeiro.

— Dois minutos?

— Dois minutos. Faça sinal quando estiver embaixo da varanda. Espera aqui.

Pete sabe que devia ter feito tudo isso sozinho hoje. O que foi que deu na cabeça dele para trazer uma pessoa com câncer àquele lugar?

Ele vai se arrastando em direção à parte coberta embaixo da casa onde os carros estão estacionados. São cinco veículos ali: uma Mercedes branca, um Mustang vermelho, duas caminhonetes e um Corolla, o que pode ser interpretado como muita gente. Agachado, ele passa pelos carros. Uma luz de segurança se acende e ele congela, mas ninguém aparece para ver o que está acontecendo, e ele volta a avançar lentamente. Ao lado da parte coberta há uma garagem fechada e, mais adiante, aparentemente, a porta principal e os janelões de uma sala de estar no térreo. Ele não pode se arriscar passando por ali, então retorna pelo mesmo caminho. Tenta entrar pela porta ao lado da garagem. Trancada. Mas o portão da própria garagem não está completamente fechado. Há um espaço de pouco mais de um centímetro entre o chão e o portão. Ele se deita de barriga para baixo e passa os dedos pela abertura. Se for apenas o alumínio amassado, não vai adiantar nada. Mas se for uma mola de torção danificada...

Ele coloca as duas mãos embaixo do portão e tenta levantá-lo, e ele aos poucos começa a subir.

É assim que eles vão entrar, bem ao estilo guerrilha urbana dos Fuzileiros Navais. Invadir, checar o espaço ao redor, passar para o cômodo seguinte e vasculhar todos os andares até garantir que a casa esteja liberada. Há um número desconhecido de elementos hostis, mas ele e Rachel têm a surpresa como aliada. Ele se levanta e cambaleia ligeiramente.

Não!...

Está tonto.

Sua pele está pegando fogo.

É a abstinência.

Ele tomou um pico hoje de manhã. *Você não pode avacalhar com isso. E você sabe muito bem disso, Pete.*

Daqui a pouco vai ter um milhão de formigas subindo pelas pernas e pelos braços dele, entrando por sua boca, descendo pela sua garganta...

Para!, diz a si mesmo. Para agora mesmo!

Que babaquice querer bancar o herói. Rachel teria sido muito mais bem-sucedida se tivesse vindo no lugar dele. *Preciso voltar*, pensa ele, virando-se e dando de cara com um sujeito empunhando uma espingarda.

— Pois é, achei que tivesse escutado alguma coisa — diz o homem.

Pete pensa em reagir, mas, em vez de pensar em reagir, ele devia ter *reagido*. Um golpe com a lanterna na cabeça do cara. Bota no joelho. Coronha na cara. Um guarda nocauteado. Mas ele não fez nada. Está lento demais. Não por estar velho ou porque já não tem memória muscular, e sim porque se estragou com heroína, oxicodona e com todos os outros opioides em que conseguiu botar as mãos.

E agora Pete tem o mesmo pensamento que ocorreu a Rachel: *Imbecil, imbecil, imbecil, imbecil*. Imbecil e fraco. O homem dá um passo para trás e aponta a espingarda para o rosto de Pete.

— Larga a lanterna e a arma — diz.

Pete joga a lanterna e a 9 milímetros no chão.

— Agora, com dois dedos, pega esse .45 no cinto e coloca no chão também.

Pete tira da cintura seu precioso .45 ACP e o joga no chão, perto de seus pés, onde a neve se acumulou. Agora se sente nu. O ACP pertenceu ao seu avô na Marinha. Foi com ele que o velho, furioso, certa vez atirou num kamikaze que investiu contra seu navio na Batalha de Okinawa. E ele fora o talismã de Pete no Iraque e no Afeganistão.

— Merda — xinga Pete.

— Cara, você está na merda. O Daniel não tolera ninguém nas terras dele. E esse “não tolera” não quer dizer que ele vai te entregar pra polícia. Coloca as mãos na cabeça.

Pete leva as mãos à cabeça.

— Isso tudo é um mal-entendido. Eu me perdi — começa ele, mas o outro o manda calar a boca.

— Vamos ver o que o Daniel acha. Os netos dele estão aí hoje. Acho que ele não vai gostar nada disso. Ajoelha no chão. Bota as mãos atrás da cabeça.

O sujeito lhe dá um chute nas costas, e Pete cai.

Terra. Cascalho. Neve.

Sua mente está a mil. Ele tenta pensar. Nada lhe vem à cabeça.

— Fica aí deitado, camarada, não se mexe. Vou lá tocar a

campainha e trazer todo mundo aqui rapidinho.

Ginger entra na grande suíte reformada toda satisfeita. A Corrente neutralizou a ameaça representada por Erik Lonnrott, e seu namorado novo está se entendendo às mil maravilhas com Daniel. Os dois são torcedores do Red Sox, e Marty consegue citar nomes como Ted Williams, Carl Yastrzemski e Roger Clemens sabendo perfeitamente do que está falando. Daniel disse a Marty que, se ele quiser, pode chamá-lo de Red. Uma rara honra.

Foi uma ótima decisão trazê-lo hoje. Não é todo mundo que ela convida para conhecer o avô e o irmão. Mas Marty O'Neill é especial. Engraçado. Inteligente. Estudou no Harvard College e fez direito em Harvard; não é pouca coisa. E é bem charmoso se você gosta de irlandeses morenos de olhos verdes. O que é o caso dela.

É verdade que ele tem uma filha, uma filha de 13 anos, uma filha de 13 anos meio chata, mas que perdeu um pouco o rebolado por causa de problemas recentes. E a adolescente adora tanto Marty quanto sua nova namorada, que tem um emprego incrível e é meio hipster e superantenada.

Olly certamente ficaria furioso se descobrisse que ela conheceu Marty fuçando a vida dele na Corrente, mas Marty não era exatamente uma vítima nem nada. A ex-mulher o havia deixado de fora da jogada. E ela acabou encontrando o perfil dele no Facebook meio que por acaso, quando estava pesquisando sobre Rachel.

Bom, mais ou menos.

É verdade que ela deu um jeito de a Corrente tirar a namorada anterior dele, Tammy, do caminho. Mas não passou disso.

Daquela vez.

Se Olly soubesse quantas vezes ela se valeu das informações às quais tinha acesso pela Corrente em suas pequenas aventuras, certamente teria um ataque. Mas qual é o sentido de ter esse poder todo se não o usa? Não há nada de mais em fazer isso de vez em quando. Seria inaceitável não se aproveitar disso.

Afinal de contas, a Corrente tinha sido invenção dela. Era seu brinquedo. Essa história toda de abertura de capital e milhões na internet não passa de conversa fiada de Olly. Foi a Corrente que deu uma casa a Olly em São Francisco, outra para ela em Boston e o

apartamento na Quinta Avenida. A Corrente. Ideia dela.

Então ela pode muito bem brincar com Marty O'Neill se quiser. Ele é bonito, inteligente, engraçado. Olly não precisa se preocupar. Ela tem tudo sob controle. Ginger é a aranha. A mosca chata, claro, é a ex-mulher dele. Foi muita audácia dela entrar em contato pelo Wickr hoje. Ninguém *nunca* mandou mensagem pelo Wickr depois de ter saído da Corrente. Normalmente, as vítimas ficam extremamente gratas por estarem fora do esquema. Gratas e com medo. Talvez fosse melhor encontrar uma maneira de dar um sumiço nessa mulher. Bastaria um telefonema ou uma mensagem: *Acrecentamos uma condição para que sua filha volte viva. Uma mulher chamada Rachel Klein O'Neill que mora em Plum Island, Massachusetts: dê um sumiço nela até o fim da semana. O corpo nunca deverá ser encontrado.*

Rachel pode ser apagada do mapa a qualquer momento.

— As crianças estão superbem. Estava com a Kylie na varanda — diz Marty, chegando por trás dela e lhe dando um beijo na nuca. Ginger se vira para ficar de frente para ele, e Marty a abraça. — Isso é ótimo pra Kyles. Eu não sou um expert em adolescentes, mas parece que ela não está numa fase muito boa.

— Pois é. Eu passei pra Rachel o nome de um dos nossos terapeutas.

— Bom, a Rachel também não tem andado muito bem, como você pode imaginar — diz Marty.

O celular de Ginger avisa que chegou uma mensagem.

— O que foi? — pergunta Marty, quando ela lê a mensagem do irmão.

— Nada, é o Olly. Aposto que está querendo falar do jantar. Quer ver como o vovô vai tentar botar fogo na casa de novo fazendo churrasco? Espera só um pouquinho que eu já volto.

Ginger atravessa o patamar da escada no segundo andar e segue em direção ao escritório do avô. Entra, fecha a porta e se senta. Olly está com aquele olhar de superioridade que assume às vezes, capaz de testar a paciência de um santo.

— Sim? — fala ela. — O que foi?

— Você andou usando a Corrente pra fins particulares de novo, não foi?

— Não.

— Usou, sim.

— É sempre pros *nossos* fins.

— Você sabe o que estou querendo dizer. Você interferiu nas coisas. Como fez com o Noah Lippman.

— Não.

— E com aquela tal de Laura não-sei-o-quê, por quem você tinha uma queda há alguns anos. A pobre-coitada cometeu o maior erro da

vida dela rejeitando você, e três meses depois sumiu do mapa sem deixar vestígios. Você esperou três meses pra soltar a Corrente em cima dela. Muito sensata.

— Noah ainda está vivo.

— Por assim dizer... A gente não usa a Corrente pra vinganças pessoais, Ginger. Já falamos disso várias vezes.

— Eu não fiz nada disso.

— Nem pra conhecer caras bonitos.

Ginger solta um gemido. Ele sabe o que ela fez.

— Você tem ideia de como é difícil conhecer gente nessa cidade?

— protesta ela.

— Não tem nada de difícil. Existem milhões de aplicativos de encontros.

— Então quer dizer que eu tenho que ignorar todo homem que tenha tido qualquer contato com a Corrente, mesmo que de longe?

— Sim! Você conhece muito bem os protocolos.

— E quem criou esses protocolos? Quem inventou a Corrente?

— É uma medida de segurança, querida.

— Isso tudo foi invenção minha. Você não criou nada. Fui eu. Posso fazer o que eu quiser.

Olly fecha os olhos e suspira. Não há bem que não se acabe, pensa. Na verdade, fica até surpreso por ter durado tanto. Todos os modelos diziam que a Corrente provavelmente duraria apenas uns três anos, até entrar em colapso. Não seria possível intimidar tanta gente por muito tempo. O número de pessoas envolvidas cresce quase que exponencialmente, e nenhuma conspiração é capaz de sobreviver a um crescimento exponencial. É um típico sistema estocástico rápido/lento e, quando chega ao ponto de ruptura, o rompimento é espetacular.

Olly cofia o cavanhaque que está tentando cultivar, sem muito sucesso, há meses.

— A gente devia ter acabado com a Corrente há alguns anos — murmura. — Pra que continuar com isso se já temos um bom dinheiro?

— Por que parar? Você tem inveja porque foi invenção minha.

— O objetivo não era deixar a gente bem de vida? Já conseguimos isso.

— Será que o objetivo era esse mesmo? — pergunta ela, com desprezo.

Olly franze a testa, balançando a cabeça.

— Você não consegue entender mesmo, não é? — continua Ginger. Olly não tem o espírito da ave de rapina pairando sobre o campo. Ele não é um verdadeiro predador como ela. Um autêntico predador às vezes mata mesmo sem estar com fome. — Não éramos nós dois contra o resto do mundo? Você não se lembra disso?

Olly franze ainda mais as sobrancelhas.

— Tá bom. Qual é o problema? — pergunta ela.

— Aquele bloco de notas — responde Olly.

— Você já decodificou as anotações, não foi?

— Não, ainda não.

— Então o que é?

— Quase no fim, o maluco do Erik parou de escrever tudo em código.

— E...?

— Qual é mesmo o nome da ex-mulher do seu namorado novo?

— Ai, merda!

— Em algum momento, mais ou menos na semana em que o Erik morreu, parece que ele se encontrou com uma mulher chamada Rachel.

— Merda, merda, merda.

— Vai, fala.

Agora é a vez de Ginger suspirar.

— Sabe qual é o seu problema, Olly? Você tem sangue de barata. Não tem sangue nas veias. Parece o Spock. Devia procurar ajuda. Isso não é normal.

— Isso é coisa séria, Ginger. Tipo arrumar identidade falsa e fugir do país.

— Quanto a gente tem na Suíça?

— O suficiente. — Olly vai até o armário de armas, o destranca e abre a porta. — Eu sempre achei que, se um dia desse tudo errado, seria culpa sua, por você ter misturado emoções com negócios.

Ela sorri.

— Meu Deus, Olly, é assim que todo mundo se ferra no final. Você não sabia disso? Não dá pra lutar contra a biologia.

— Mas a gente pode tentar.

De volta à suíte principal, Marty olha pela porta de vidro para o tronco de carvalho entre a casa e a mata pantanosa e cheia de arbustos mais adiante. A neve cai em flocos miúdos sobre o rio, sobre as árvores vivas e sobre os troncos mortos. Exatamente como em um poema de Robert Frost.

Muito agradável aqui. Pelo que Ginger dizia, nem dava para imaginar. Não tem nada de casa velha e estranha no meio do pântano. É uma propriedade e tanto. Uma casa linda. Cheia de quadros nas paredes. Coisa cara. O velho, Daniel, deve ter grana. E é mesmo uma peça, como Ginger bem avisou.

As crianças estão adorando o lugar, e Ginger, amando se exhibir. Ela é a mulher certa para ele, pensa Marty. Rachel foi um erro. Os dois eram muito jovens. Ele falou para todo mundo que se apaixonou por Rachel quando leu suas brilhantes resenhas sobre livros no jornal estudantil de Harvard, mas era mentira. Era uma coisa física mesmo. Eles não tinham muito em comum.

Quando se passa dos 30, consegue ver melhor essas coisas. Tammy foi só fogo de palha, mas Ginger é diferente. Ela é especial. Com ela, ele pode sossegar. Morar na cidade. Ter mais alguns...

— Estava pensando em você — comenta ele quando Ginger entra no quarto de novo, com sua bolsa.

Seus cabelos ruivos caem encaracolados entre os seios.

Ele tem um impulso de jogá-la na cama e atacá-la.

— Ginger, essas portas têm tranca? Como tem crianças na casa, pensei... — começa ele, quando vê pelo canto do olho algo que chama sua atenção.

Ele se vira para olhar.

— O que é aquilo ali? — pergunta Marty a Ginger.

— O quê?

— Saiu alguém de trás da árvore. E a pessoa está vindo pra cá. É isso mesmo que estou vendo?

— Onde?

— Achei que tivesse visto alguém na neve. É isso mesmo. Olha... Meu Deus! Você não vai acreditar... mas... ahn... acho que é a minha ex-mulher.

Ginger pega a Smith and Wesson .38 na bolsa e aponta para a cabeça dele.

— Eu acredito em você.

Rachel apoia a escopeta no ombro e mira no capanga.

— Não se mexe — diz ela.

O capanga dá meia-volta para olhar para ela.

— Ei! Calma, minha senhora. Acho que você não deve nem saber usar esse negócio aí.

— Acho que você não vai achar isso depois que eu rasgar você ao meio com um tiro — responde Rachel.

Pete pega seu .45.

— Larga a arma, cara — diz ele.

O guarda coloca a arma no chão e levanta as mãos.

— Deita de cara no chão — ordena Pete, e o sujeito lhe obedece, enquanto ele chuta a arma para longe.

— Não precisa me machucar. Tem corda e silver tape na garagem. O controle do portão está no bolso do meu casaco — vai logo dizendo o capanga.

— Tem quantos homens armados na casa? — pergunta Pete.

— Só eu...

— Ninguém se mexe! — diz alguém, e ouve-se um tiro.

Um clarão. De pé na porta estão Ginger e um homem mais ou menos da idade dela: o irmão gêmeo dela, deduz Rachel. Ambos armados.

— Rachel, é você? O que está acontecendo? — pergunta Ginger toda inocente.

É a Ginger? Que história é essa? Rachel é tomada pela dúvida. Será que o sinal do rastreador de Erik acabou cruzando com o do GPS que eles colocaram no tênis de Kylie? Será que Kylie transferiu os chips com GPS para o tênis novo e essa caçada ridícula pelo pântano não passou de um enorme equívoco?

Meu Deus, é isso mesmo! Se isso tudo é um engano, Kylie está bem. Isso mesmo! Rachel tem de se explicar rápido, antes que alguém acabe ferido.

— Me desculpa, Ginger. Você deve estar achando isso tudo uma loucura. Eu estava dizendo a esse senhor aqui...

O portão da garagem se abre e aparece um velho magro e de cabelos brancos segurando um fuzil de assalto.

— O que vocês estão fazendo na minha propriedade? — pergunta o velho.

— Vovô, está tudo bem! — diz o irmão de Ginger.

— O Olly tem razão, Red, estamos cuidando disso — reforça Ginger. — Rachel, é melhor você e o seu amigo largarem as armas.

— Por favor, presta atenção todo mundo. Acho que cometemos um enorme erro. Me desculpa. Eu coloquei um rastreador no tênis da Kylie. Achei que ela tivesse sido sequestrada.

— Larga a arma, Rachel, por favor. Mas por que você achou que ela tinha sido sequestrada? — pergunta Ginger.

— É meio complicado — responde Rachel.

Ginger está bem embaixo do refletor instalado sobre a porta, e Rachel vê seu rosto.

Pela primeira vez ela a vê bem nitidamente.

Aqueles cabelos avermelhados. Os olhos azuis. Aqueles lindos olhos azuis. Um azul frio. Um azul gelado do fundo de um abismo. Olhos azuis que estão assistindo a essa cena toda com um frio desdém.

Ginger parece até estar gostando disso.

Então os olhos de Ginger encontram os de Rachel, e as duas se encaram pelo que parece uma eternidade, mas que na verdade não passa de pouco mais de um segundo.

Esse segundo é suficiente.

Elas se reconhecem.

Você.

Você.

Rachel sabe, e Ginger sabe, e Ginger sabe que Rachel sabe.

Não foi nenhum erro do aplicativo de Erik.

A Corrente leva até aqui, e Ginger não vai deixar ninguém sair deste lugar vivo. Eles descobriram o segredo, e, para protegê-lo, Ginger terá de matar todo mundo. Rachel, Pete, Marty, Stu e Kylie.

Rachel estava prestes a dizer a Pete que eles deviam largar as armas e pôr as mãos para o alto. Mas, se eles fizerem isso, Ginger os mata ali mesmo.

Rachel se vira para Pete. Olha para o refletor acima da porta. Pete acompanha seu olhar.

— Ela é a Corrente e vai matar a gente — avisa Rachel.

Pete assente.

Os gêmeos estão atrás de um batente. Será difícil acertá-los, então ele ergue o .45 e atira no refletor.

Escuro, confusão. Gritos. Um arco de chama amarela sai da garagem quando Daniel dispara com sua arma automática.

— No chão! — grita Pete.

Rachel se joga no chão.

Projéteis traçantes voam do cano da arma e acertam o espaço onde Rachel estava sete décimos de segundo antes. Eles não atingem o alvo e continuam girando por seus longos eixos, viajando por centenas de metros na noite.

Então todas as armas são disparadas ao mesmo tempo. Um .38, uma 9 milímetros e o enorme fuzil de assalto de novo. Tiros de várias direções quase atingem a cabeça de Rachel.

Ela enterra o rosto na neve e grita.

Nada disso importa. As armas, o tiroteio, o cheiro enjoativo de pólvora. O que importa é Kylie. Ela está em algum lugar da casa, e Rachel vai buscá-la. Pete está fazendo uma contagem mental. Dez segundos, e o pente de balas do fuzil de assalto na garagem se esgota.

Dez segundos depois, ele levanta a cabeça. As duas pessoas que estavam na varanda entraram na casa. A munição do velho acabou, e ele está recarregando.

Pete dá três disparos na direção da garagem, para deixar o sujeito na defensiva, e se arrasta para outra posição. Atirar e mudar de posição. Atirar e mudar de posição. É o que mantém você vivo num tiroteio com poucos lugares para se proteger, e a essa distância os tiros de uma automática como aquela derrubam qualquer um. Até acabam com você.

Ele rola na neve para a direita, se arrasta para trás de um arbusto e atira mais uma vez. Seu corpo todo dói pela necessidade de um pico, mas ele vai lutar contra a dor e contra todos os que estão ali também.

— Rachel? Você está bem? — pergunta Pete.

Nenhuma resposta.

Ele precisa traçar um plano. Qualquer plano. No treinamento de infantaria, Pete aprendeu que um plano ruim executado imediatamente é melhor que um grande plano executado uma hora depois. Eles têm razão em relação a isso. Aqui fora, ele vai morrer. Precisa dar um jeito de entrar.

Quinze segundos devem ter se passado desde o início do tiroteio.

Vamos nessa, pensa ele.

— Calma aí, espertinho — diz alguém, agarrando-o. Ele se esquiva de um punho na direção de seu rosto e de uma faca na direção das costelas.

É o capanga que os flagrou na propriedade. Ele se esquecera completamente do imbecil. O sujeito havia agarrado sua mão que empunhava a arma e agora está tentando matá-lo com uma enorme faca. A faca vem na direção de seu rosto; Pete se esquiva, a faca corta sua bochecha esquerda. Pete dá um chute forte no escuro e atinge carne humana. Consegue liberar a mão da arma e atira.

Ouve-se um horrível baque surdo, e depois silêncio.

— Pete? — chama uma voz perto dele.

— Rachel?

— Vou entrar na casa — sussurra ela. — Pela garagem, é o único jeito.

— Qual é o plano?

— A gente entra, pega as crianças e mata todo mundo que não seja a Kylie, o Marty e o Stuart — diz Rachel.

— Pra mim está ótimo.

Eles entram na garagem. O atirador se foi, mas várias caixas contendo algo inflamável estão pegando fogo e lançando labaredas violentas perto de uma dúzia de latas de tinta. Eles não podem ficar ali.

— Tem uma porta que dá pra casa — diz Rachel.

Ela está pronta para isso. Este é o momento para o qual inconscientemente veio treinando a vida inteira. A radiação, a quimioterapia, os dias difíceis na Guatemala, os longos turnos como garçoneiro, as corridas de Uber até o Logan à meia-noite... Tudo isso foi uma preparação para esse momento. Ela está pronta. Tudo pela família, não é? Tudo é pela família. Qualquer imbecil sabe que não se pode se interpor entre uma urso-cinzenta e seu filhote.

Pete pega uma das granadas no bolso do casaco.

— Vou abrir a porta e atirar uma granada. Fecha os olhos e cobre os ouvidos — sussurra ele para Rachel, abrindo a porta para arremessá-la. Um segundo depois, a granada explode com um barulho ensurdecedor, em meio a um violento clarão branco. É uma arma basicamente inofensiva, para imobilizar a curta distância. Não vai machucar as crianças, mas vai assustar qualquer um que não esteja esperando por isso. — Espera aqui — diz Pete, passando pela porta.

Vários alarmes de fumaça são disparados. A casa é antiga, mas foi reformada, e, numa das reformas, foi instalado um sistema de sprinklers para proteger a coleção de obras de arte dos netos. Rachel nunca esteve numa casa com sistema de sprinklers próprio e se assusta quando é atingida por uma chuva de água fria. Ela não tem a menor ideia do que está acontecendo.

Pete bota a cabeça no portal.

— Não tem ninguém aqui. Podemos ir. Essas latas de tinta vão começar a explodir já, já.

— Em qual direção? — pergunta Rachel, tossindo.

Pete não tem a menor ideia.

— Vamos procurar num cômodo de cada vez. Fica atrás de mim. Presta atenção nos meus pontos cegos — orienta ele.

Pete segue em frente, mas se pergunta quanto ainda consegue aguentar. Está com dificuldade de respirar. A adrenalina adia o colapso, mas isso não vai durar muito. *Aguenta firme, Pete*, pensa ele,

até Kylie estar em segurança.

A casa foi ampliada de um modo não muito bem planejado e parece um labirinto de quartos, corredores e cômodos.

Um corredor.

Uma sala.

Uma TV grande, um sofá, troféus de caça.

Outra porta.

Mesa de jantar, cadeiras, quadros.

Um grito ao longe.

— Kylie! — berra Rachel.

Nenhuma resposta.

De volta ao corredor.

Pete abre outra porta com um chute e aponta a arma para o canto de uma cozinha.

— Kylie! Stuart! — chama.

Nada.

As luzes piscam à medida que todo o térreo vai sendo tomado pela fumaça do incêndio na garagem. Continua pingando água dos sprinklers, e uma poça se forma aos pés deles. O cheiro é forte, azedo, neolítico.

Num dos quartos, Rachel encontra o casaco de Kylie, mas não há sinal da filha.

As luzes se apagam e voltam a se acender. Está mais fraca, amarelada e meio demoníaca.

O quarto dá para outro cômodo.

Pete empurra a porta e verifica o interior do cômodo.

Vazio, mas eles ouvem passos no corredor. Rachel aponta para a porta e leva o dedo aos lábios. Pete pega a outra granada no bolso, abre a porta com um puxão e atira a granada no corredor.

Outra forte explosão e um clarão de luz branca seguidos de tiros de metralhadora. Pete espera até que os tiros parem e então, num movimento rápido e premeditado, sai dali com Rachel, jogando-se para a direita enquanto ela se joga para a esquerda.

Ali, na frente dela, no fim do corredor, um homem recarrega um fuzil de assalto. Não é nenhum dos gêmeos, é o velho de novo. Tem cabelos brancos; ele está mais afastado, mas parece confiante. É o sujeito que Olly chama de vovô e Ginger chama de Red.

Rachel aponta sua escopeta.

Lembra-se do que aprendeu no campo de tiro: espere até que seu alvo esteja próximo; caso contrário, ele pode fugir. Mas o homem não está vindo em sua direção nem fugindo dela. Está parado no fim do longo corredor.

Ele acabou de recarregar a arma. Olha para Rachel e aponta uma longa arma negra para ela.

Rachel puxa o gatilho.

Em pontaria desviada.

A parede à sua direita se incendeia. O coice do disparo atinge seu ombro. O homem grita, deixa a arma cair e vai cambaleando para um quarto próximo. Pete se vira, verifica se Rachel está bem e sai apressado pelo corredor atrás do homem, mas ele sumiu.

Pete pega a MP5 caída no chão. Uma arma perfeita para mirar de perto. Limpa o mecanismo e a pendura no ombro.

— Acho que estou sem munição — diz Rachel.

Pete lhe entrega a 9 milímetros, e ela deixa de lado a escopeta, que já cumpriu sua finalidade tchekoviana.

As luzes da casa param de piscar e finalmente se apagam.

A escuridão é quase total.

Escuridão. Fumaça. Poças de água imunda.

Resta seguir em frente usando a lanterna do iPhone.

Eles chegam a uma ampla sala de estar onde há dezenas de troféus de caça nas paredes, e não são só de animais locais: antílopes, guepardos, leões, um leopardo. Predadores e presa juntos.

Ela está tomada pelo medo, mas o medo também é uma libertação. O medo libera energia e é o precursor da ação.

Pete está encharcado de suor.

— Tudo bem? — pergunta ela.

— Tudo — responde ele.

Pete, na verdade, não está nada bem, mas o MP5 é reconfortante em seu ombro, restam nove balas no pente e ele ainda tem seu leal .45. Tudo certo.

— Mamãe! — chama uma voz distante.

Eles abrem as portas de vidro e se veem na neve. Vem um vento forte e gelado do norte, que rodopia em torno deles.

— Lá, eu acho — diz Rachel, apontando para uma construção abandonada. Na neve, há pegadas que levam na direção dela.

Eles seguem as pegadas até a entrada de um velho abatedouro. Provavelmente fora um lugar usado como matadouro antes, mas agora as paredes e o telhado estão esburacados, e tudo está coberto de hera.

Eles apagam as lanternas dos celulares e entram.

Imediatamente sentem cheiro de sangue e putrefação.

O chão está cheio de cacos de vidro, que estalam sob seus pés.

É difícil enxergar qualquer coisa, uma vez que a única luz vem das chamas que envolvem a casa atrás deles.

O vento uiva atravessando as paredes e o telhado em ruínas.

Rachel quase morre de susto ao esbarrar num porco pendurado numa viga presa ao teto. Os olhos sem vida do animal estão na altura dos seus.

À medida que sua visão se adapta à escuridão, ela vê outros

animais pendurados em ganchos: faisões, corvos, um texugo, um veado.

O abatedouro tem dois níveis, ligados por uma escadinha.

— Devem estar lá em cima — sussurra Pete. — Escada é um lugar perfeito pra emboscadas. Cuidado.

Rachel assente e tenta não fazer muito barulho ao andar.

Eles avançam lentamente.

Cacos de vidro, neve, fedor. Ferrugem, sangue seco, morte.

Chegam apenas até a metade dos degraus de concreto quando alguém começa a atirar.

— Pistola, do seu lado direito! — grita Pete, revidando com a MP5 e chegando ao alto da escada. Ele faz mais três disparos mas seu alvo se abaixa atrás de uma máquina e desaparece.

Ele sorri, satisfeito. Os filhos da mãe perderam a oportunidade.

Olha então para o pente da arma. Agora a MP5 está vazia. Ele a abandona e saca seu fiel .45.

— Pegou alguém? — sussurra Rachel.

— Não.

— Cuidado com as crianças — diz ela, subindo as escadas atrás dele.

Suas mãos estão tremendo, e ela se força a empunhar a pistola com mais firmeza. Não dá para vacilar agora, justamente quando eles estão...

Uma lâmpada de arco voltaico se acende no alto.

Rachel gira 360 graus com a 9 milímetros em punho. O matadouro é uma ruína de concreto imunda com sucata de maquinaria agrícola velha e lixo para todo lado. Perto dela, mais dois porcos pendurados. Um deles foi abatido recentemente e seu sangue está pingando num balde.

Mas nada disso interessa.

O que interessa é o que ela vê a dez metros de distância, no fim do piso superior: Ginger de pé com o irmão gêmeo, Olly, ambos com Kylie e Stuart na mira de suas pistolas.

Kylie e Stuart estão chorando, apavorados; estão com as mãos algemadas na frente deles. Marty está caído no chão perto deles, aparentemente apenas semiconsciente. Sua cabeça está sangrando, e ele respira com dificuldade, gemendo de dor. Ginger segura Kylie pela gola da camiseta, apontando o revólver para a cabeça dela. Olly está com o braço em volta do pescoço de Stuart e tem o cano da arma encostado na orelha do garoto.

Pete e Rachel ficam paralisados.

— Mãe! — grita Kylie.

— Solta ela! — berra Rachel para Ginger.

— Acho que não vai rolar — rebate a outra.

Rachel aponta a 9 milímetros para o rosto de Ginger.

— Eu te mato — diz.

— Tem certeza de que vai me acertar daí? Quantas vezes você já atirou na vida, Rachel? — pergunta Ginger.

— Não vou errar, sua piranha.

— Larga a arma ou eu atiro nas crianças.

— Não vamos fazer isso — diz Pete. — Não é assim que funciona. Vocês soltam as crianças e nós vamos embora. Aí vocês terão bastante tempo pra juntar o dinheiro e arrumar passaportes falsos e todo mundo sai ganhando.

Ele cambaleia ligeiramente, mas se firma e recupera o equilíbrio.

— Força aí, marinheiro. Aguenta firme! Por que não se senta e dá uma acalmada? — sugere Ginger, lançando um olhar significativo para Olly.

— É melhor você escutar o que estou falando — resmunga Pete, se aproximando.

Eles formam mesmo uma dupla confiante. Confiante até demais. Mais alguns centímetros e ele tem Olly na mira. Stuart bate na altura de seu peito, então, se ele mirar no alto da cabeça de Olly, o tiro do .45 o mata na hora. Mas tem de ser logo. A adrenalina no seu organismo decididamente chegou ao máximo, e daqui para a frente é só ladeira abaixo.

— Puxar o cão para trás é tão clichê — diz Ginger. — Você vai querer mesmo que eu faça isso? Será que é tão tapado que vou ter que desenhar? Eu vou matar essa garota se você não largar a arma agora.

— E aí você morre — diz Pete, agora ele está a uns seis metros dos irmãos. Um tiro rápido resolveria tudo.

— Larga a arma agora, seu imbecil! — rosna Olly com ar frio e imperioso.

Pete mira no alto da cabeça de Olly. Ele tem de atirar. Tem de agir imediatamente. Mas está tudo doendo. Da cabeça aos pés. As mãos estão tremendo.

— Se você não largar a arma agora... — começa Olly.

Ouve-se um forte estampido, e uma bala do .38 de Ginger atinge Pete no tronco e ele cai.

Rachel mergulha atrás de um cocho de coleta de sangue, escapando de outra bala por pouco.

— Você atirou nele — diz Olly a Ginger.

— Esse teatrinho já estava me dando nos nervos — retruca ela. — Agora é a sua vez, Rachel. Larga a arma e bota as mãos pra cima ou vamos matar a Kylie. Olly, bota sua arma no rosto dela, mas não tira o braço do pescoço desse garoto.

Olly encosta o cano da pistola na bochecha direita de Kylie.

— Mãe! — geme ela.

Rachel sente o estômago embrulhar. Seus olhos estão cheios de lágrimas. Pete foi alvejado; Marty está caído no chão. E ela está exausta. Muitas semanas disso. Anos. Tudo deu errado desde o primeiro diagnóstico da oncologista no Hospital Geral de Massachusetts.

Não tem mais saída. Uma parte dela quer se deitar naquele chão imundo, fechar os olhos e dormir.

Mas ela está vendo o rosto de Kylie, e Kylie é o seu mundo. Agachada atrás do cocho, ela aponta a 9 milímetros para Ginger por cima da borda.

— Larga a arma e bota as mãos pra cima! — grita Ginger no meio de um redemoinho de neve.

— Não! Larga a arma você — responde Rachel, lágrimas correndo pelo rosto.

— Mãos pro alto e a gente deixa você ir embora. Com as crianças. Como o seu amigo sugeriu. A gente sabe que a brincadeira terminou — diz Olly. — Essa aqui acabou estragando tudo. E não foi a primeira vez. A gente deixa vocês irem e vocês deixam a gente fugir. Podemos fazer um acordo. Você nos dá vinte e quatro horas, e a gente vai pra América do Sul.

O coração de Rachel dá um salto. Aí está uma nova possibilidade. Um fiozinho de esperança.

— Promete! Promete que vai deixar a gente ir embora — pede Rachel. — Se vocês... Se vão fugir do país, não tem necessidade de matar mais ninguém.

— Bota as mãos pro alto, larga a arma e eu dou minha palavra de que não vamos fazer nada com você nem com as crianças — diz Olly.

— Vocês vão deixar eu ir embora com as crianças?

Quando estiver segura com as crianças, ela pode chamar a polícia e voltar para buscar Marty e Pete.

Olly faz que sim com a cabeça.

— Eu não sou um monstro. Você pode levar a sua família embora. Em troca, você espera um dia antes de chamar a polícia. Você só precisa largar a arma e botar as mãos pra cima. Vamos, Sra. O'Neill, vamos resolver isso logo pro bem de todo mundo!

A cabeça dela está zunindo. Uma colagem de imagens e instintos conflitantes. *Não confia neles, pega as crianças, não confia neles, pega as crianças...*

Ela tem de escolher, então decide acreditar nele.

Pega as crianças primeiro, depois se preocupa com as intenções dele, pensa ela.

Ela se levanta, põe as mãos para o alto e joga a 9 milímetros no chão.

— Sai de trás daí, bota as mãos na cabeça e ajoelha — ordena

Ginger.

Rachel lhe obedece, e Ginger empurra Kylie na direção dela. Kylie cai nos braços da mãe e Rachel a abraça.

— Dessa vez nunca mais vou desgrudar de você — sussurra Rachel.

Olly empurra Stuart na direção da *Pietà* improvisada. E se vira para a irmã.

— É assim que se faz, Ginger. É assim que deve ser. E não com isso — diz, balançando a arma na frente dela. — Com isso — acrescenta, batendo na lateral da própria cabeça. — Viu o que eu fiz aqui? Eu conversei com ela. Só isso. Sem armas, nem violência... Um mecanismo que vai se corrigindo sozinho. Basta um telefone e uma voz. E um pouquinho de inteligência.

— Então você vai deixar mesmo eles irem embora? — pergunta Ginger.

— É claro que não! Como a gente pode se dar ao luxo de fazer uma coisa dessas? Meu Deus do céu, Ginger, às vezes fico preocupado com você.

— A gente vai matar eles?

— É claro! — retruca Olly, exasperado.

— Então é melhor a gente fazer isso agora — diz Ginger. — Parece que a gente passou metade da noite aqui brincando de gato e rato na neve. Melhor vocês fecharem os olhos, pessoal. Pra vocês a guerra acabou.

Não tinha como um presente antecipado de Natal ser mais *geek* do que um kit de mágica do Houdini, e Kylie está numa idade em que os amigos não perdoam uma coisa dessas. *Mágica? Para com isso, quem quer saber de mágica?*

Então ela não contou para ninguém. A não ser para o Stuart, claro. Para o Stuart ela contou.

E acabou aprendendo alguns truques. Como havia prometido a si mesma quando estava acorrentada àquele fogão de ferro no porão, ela de fato aprendeu a se livrar de algemas. Assistiu a vários vídeos no YouTube e praticou. Muito. E ficou boa naquilo. Tão boa quanto possível no prazo de algumas semanas. Agora consegue se livrar de uma algaema simples em menos de trinta segundos. Mas com braçadeiras já é outra história. O que importa é que qualquer algaema de metal pode ser aberta com uma chave universal, se a pessoa souber o que está fazendo. Como se fosse um talismã, passou a sempre carregar um abridor de algaema no chaveiro.

Sempre.

Sem que ninguém veja, ela abre o fecho que mantém seus punhos atados à sua frente.

E agora? A neve entra pelos buracos no telhado. Sua mãe a envolve em um abraço, Stuart está chorando e, ali no chão, bem na sua frente, está a pistola que Rachel descartou.

Ela estende o braço e pega a arma. Parece pesada. Muito pesada. Os gêmeos estão conversando.

— Então é melhor a gente fazer isso agora — diz Ginger. — Parece que a gente passou metade da noite aqui brincando de gato e rato na neve. Melhor vocês fecharem os olhos, pessoal. Pra vocês a guerra acabou.

Kylie levanta a 9 milímetros, mira e puxa o gatilho.

O rosto de Olly afunda, explodindo seu crânio, que respinga na parede de concreto atrás dele. Kylie nunca viu nada parecido com aquilo. É muito mais do que assustador. Mas ela só tem uma fração de segundo para ficar horrorizada. Ginger empunha a arma e a aponta na direção dela.

— Sua piranha! — grita Ginger, atirando cegamente em Kylie.

Kylie dispara de novo, mas dessa vez mira alto e a bala retine no teto.

Um pedaço enferrujado da estrutura cai no chão entre Ginger e o corpo do irmão. Assustada, ela se vira para ver o que foi o barulho. Kylie empurra a mãe e Stuart para trás do cocho de concreto.

Ginger se recompõe e faz quatro disparos em rápida sucessão.

Quatro tiros atingem o cocho.

Ginger muda de posição, fecha um olho e mira cuidadosamente no ombro de Kylie, exposto devido a uma rachadura no concreto, mas não sai mais nenhum tiro. A arma está descarregada.

— Merda! — xinga ela.

Ela está sem munição, pensa Rachel, e pega a 9 milímetros da mão de Kylie, se levanta, mira e puxa o gatilho. Mas nada acontece. A 9 milímetros está vazia, ou, o que é mais provável, emperrada, e ela não tem a menor ideia de como resolver isso.

As duas mulheres se encaram.

Outro olhar de reconhecimento.

Espelho Rachel, espelho Ginger, você poderia ser eu, eu poderia ser você.

Rachel balança a cabeça. Ela não vai cair nessa de você-e-eu-não-somos-assim-tão-diferentes. *Todos nós temos opções.*

Ginger sorri e deixa sua arma cair.

— Vou acabar com você — rosna Rachel, correndo até ela.

Ginger rapidamente entra na defensiva, mas a fúria de Rachel derruba as duas no chão.

Ginger se levanta de um salto, e Rachel encontra algo metálico no chão, que joga na direção da outra mulher, mas ela erra o alvo e o objeto bate na parede de concreto.

Rachel se levanta e tenta dar um soco em Ginger, mas é muito

lenta, e a outra acaba se esquivado do golpe com facilidade. Os olhos azuis de Ginger brilham de prazer quando ela dá uma cabeçada no rosto de Rachel.

Rachel nunca havia quebrado o nariz, e a dor é tão forte que ela fica cega por um momento. Ginger a esmurra nas costelas, na barriga e no seio esquerdo.

Rachel recua, cai com um joelho no chão, mas de alguma forma consegue se levantar de novo.

— Gostou, piranha? Então toma mais — diz Ginger, dando-lhe um soco na garganta, mais um no seio esquerdo e outro bem no meio do nariz já sangrando.

Murros fortes e certos que machucam.

Rachel cai no chão.

Ginger pula em cima dela e a vira de barriga para cima.

Ginger é muito rápida e eficiente, e Rachel não tem a menor chance contra ela.

— Não, hhrrr... — Rachel está sufocando, o pescoço é esmagado pelas mãos de Ginger.

— Eu sabia que você ia dar problema. Sabia desde o início — diz Ginger, com um olhar selvagem, extático e tresloucado fixo em Rachel, bem perto de seu rosto. Ginger está espumando pela boca. Ela tem um sorriso nos lábios, está gostando disso. — Eu sabia! — repete ela, apertando ainda mais o pescoço de Rachel. Nas aulas de defesa pessoal do FBI, ela aprendeu a asfixiar uma pessoa em apenas alguns segundos.

A visão de Rachel começa a ficar turva.

Tudo vai ficando branco.

— Você vai morrer, piranha! — berra Ginger.

Visão turva.

Branco.

Nada.

Rachel sabe que está desaparecendo para sempre.

Sente que sua vida está se esvaindo naquele chão imundo de concreto.

Como dizer a Kylie que ela a ama, mas que não vai conseguir sair dessa?

Não tem como. Ela não consegue falar. Nem respirar.

Não há nada que ninguém possa fazer.

Agora Rachel entende tudo.

A Corrente é um método cruel de explorar o sentimento humano mais importante — a capacidade de amar — para ganhar dinheiro. Não iria funcionar em um mundo no qual não houvesse amor entre pais e filhos ou entre irmãos ou entre casais, e só uma sociopata sem amor, ou que não entende o amor, conseguiria usá-la para alcançar

seus objetivos.

Foi o amor que arruinou Ariadne e Teseu.

E o Minotauro também, na história de Borges.

O amor, ou uma desastrosa tentativa de amar, foi o que quase acabou com Ginger.

Rachel consegue ver tudo isso.

Ela entende.

A Corrente é uma metáfora para os elos que nos prendem aos amigos e à família. O cordão umbilical entre mãe e filho, o caminho a ser percorrido pelo herói em sua jornada, o delicado novelo de fio vermelho que vem a ser a solução que Ariadne encontra para o problema do labirinto.

Rachel entende tudo isso.

Conhecimento é dor.

Ela fecha os olhos e sente a escuridão envolvê-la.

O mundo está diminuindo, perdendo contornos, desaparecendo...

Então ela sente outra coisa.

Algo afiado. Cortante. Algo que machuca. Um longo e fino caco de vidro.

Ela o arrasta pelo chão com o polegar e o envolve com a mão.

As mãos estão ensanguentadas, mas ela segura firme o caco de vidro.

Rachel Klein, a mulher que evita espelhos, caiu dentro do espelho e saiu dele com um pedaço de vidro.

E vai dá-lo de presente a Ginger.

É isso.

E com o resto de força que lhe resta no corpo, ela enfia o estilhaço de vidro na garganta de Ginger.

Ginger grita, solta Rachel e leva as mãos ao próprio pescoço.

Ela apalpa o caco de vidro e tenta se salvar, mas Rachel atingiu a carótida, e um grande fluxo de sangue arterial já está brotando da ferida.

Rachel rola para longe dela, fazendo um esforço enorme para respirar. Ginger arregala os olhos.

— Eu sabia que você... — começa a dizer, mas cai morta no chão.

Rachel respira, fecha os olhos e os abre de novo.

E agora só há Kylie abraçada a ela.

Ela abraça a mãe por vinte segundos e depois se levanta, pega um pedaço de pano e pressiona a ferida no abdome de Pete.

De alguma forma, a bala não acertou nenhum vaso sanguíneo importante, mas ele precisa de cuidados médicos. E rápido.

Kylie encontra o celular da mãe e liga para a emergência. Pede à atendente que mande a polícia e uma ambulância.

Kylie entrega o aparelho a Stuart e corre para ajudar o pai.

Stuart explica à atendente como chegar ao local pela Rota 1A. Ao ver que a casa atrás deles está pegando fogo, diz que precisam dos bombeiros também.

— Fica na linha, benzinho, já estamos mandando ajuda — diz a atendente.

Kylie pega pedaços de lona e cobre seu tio Pete e o pai com um deles e usa o outro para proteger a mãe e Stuart do vento e da neve que castigam o matadouro.

— Venham pra cá — Rachel chama Kylie e Stuart, puxando-os para perto de si.

Diz aos dois que vai ficar tudo bem naquele tom de voz que as mães usam há dezenas de milhares de anos para tranquilizar os filhos.

— O que eu posso fazer pra ajudar? — pergunta Marty, rastejando para perto deles.

— Ajuda o tio Pete. Pressiona a ferida dele — pede Kylie ao pai.

Marty assente e pressiona o pedaço de pano com força na barriga do irmão.

— Aguenta firme, irmãozão. Tenho certeza de que você já enfrentou coisa pior — diz Marty.

O ferimento de Pete parece grave, mas ainda há chama em seus olhos escuros. A morte terá de enfrentar uma força xamânica, forte, hostil.

Começam a cair brasas do que restou do telhado do matadouro.

— Pessoal, a gente vai ter de sair daqui — observa Marty.

Rachel olha para as grandes chamas que tomam toda a ala oeste da casa.

— Será que a gente consegue tirar o Pete daqui? — pergunta.

— Acho que a gente vai ter que dar um jeito de fazer isso — responde Marty.

As chamas engolem o andar superior da casa, fazendo a varanda de madeira desabar.

Neve e brasas se misturam no abatedouro, caindo do céu negro.

— Acho que eles estão chegando — diz Rachel, ouvindo na noite o som das sirenes.

Kylie sorri, Stuart assente e Rachel tenta protegê-los melhor com a lona. Vai ser difícil algum dia se separar de novo de sua filha. Impossível. Rachel beija Kylie no alto da cabeça.

Pete fica feliz em ver a cena.

Pisca devagar.

Tenta dizer alguma coisa, mas, naquele momento, não há palavras.

Ele sabe que está entrando em estado de choque. Já viu isso um milhão de vezes. Precisa de um médico rápido se quiser sobreviver.

Marty está falando com ele, mas ele precisa da... Onde está?

Ele tateia o chão até os dedos tocarem o Colt .45 do avô,

supostamente disparado num acesso de fúria em uma missão no *USS Missouri*.

Pete de alguma forma consegue levantá-lo.

O .45 do avô... O amuleto que manteve o velho a salvo no Pacífico e que protegeu Pete em cinco missões de combate.

Pete espera que ainda haja alguma pitada de sorte dentro dele.

Desde que era pequeno, todo mundo o chamava de Red. Ele foi batizado como Daniel, o nome do pai, mas o velho é violento demais para ser popular com o menino.

Nas forças armadas, todos o chamam de Red. Ou Sargento. Ou sargento Fitzpatrick. Ele prefere Red.

O Exército é bom para ele. O Exército o ensinou a ler.

Lá está Red nas aulas de suporte à leitura para adultos. Red dando uma olhada rápida nas tirinhas de jornal. Red mergulhando nas histórias em quadrinhos. Um enorme sol vermelho em Krypton. O Superman caminhando pela estrada vermelha.

O Exército o manda para fora do país.

Red na floresta.

Red no delta.

Red em um puteiro em Nha Trang.

Red em um puteiro em Saigon.

Ele sabe que as putas têm medo dele. As putas não gostam de seus olhos nem do sinal de nascença que parece uma escama em seu pescoço. As putas não o chamam de Red nem de Daniel nem de Sargento. Pelas costas, elas o chamam de *ông ma quy*, que significa “demônio do mar”.

Red num helicóptero.

Red num tiroteio no vale de Ia Drang. Red mantendo a calma sob os morteiros. Red sendo condecorado com a Estrela de Prata.

Red de volta aos Estados Unidos sendo presenteado com um menininho pela namorada de Boston.

Red entrando para a polícia de Boston.

Estamos em meados da década de 1960, e não faltam oportunidades para um jovem a fim de se dar bem. Às vezes é necessário sair dando uns tapas em algumas pessoas por aí.

Às vezes é necessário fazer algo bem pior do que isso.

Manchas vermelhas no chão de um boteco em Dorchester.

O vermelho toma as paredes do casebre de um dedo-duro num porão.

Mãos vermelhas. Olhos vermelhos. Quartos tomados pelo vermelho.

A mulher de Red foge para Michigan com outro homem. Pegadas

vermelhas na neve em frente a uma casa em Ann Arbor.

O filho de Red cresce e entra para a polícia, seguindo o exemplo do pai.

Dias de glória.

Em letras vermelhas.

Antes da queda. Antes de aquela piranha hippie entrar na vida de seu filho.

Agora ele é um homem velho. Cabelos brancos. Mas o velho Red ainda é o mesmo.

Eles acham que podem me matar?

Eu sou osso duro de roer.

Red consegue se levantar do chão do armário de toalhas e de roupas de cama onde estava se recuperando. Vai mancando até o quarto ao lado da biblioteca. Há fumaça por todo lado. A casa está pegando fogo. Ele encontra o kit de primeiros socorros. Olha para a ferida perto das costelas, onde foi atingido pelo tiro. Já passou por coisas piores. Naquele tiroteio com gangues em 1977. Pior foi quando uma cobrança deu errado em Revere em 1985.

Era um homem jovem à época. Muito mais jovem.

Está sangrando muito. Manchando ataduras e gazes de vermelho. Ele vai mancando até o armário de armas. Gritos e tiros vindos do matadouro lá fora.

Ele pega uma M16 com um lança-granadas M203 acoplado.

A única arma que serve quando se precisa de algo mais convincente.

Segue cambaleando até a cozinha, tossindo na densa fumaça negra.

A dor é inimaginável. Pelo menos quatro costelas quebradas e provavelmente um pulmão perfurado. Mas ele vai conseguir. Red teria conseguido, e ele ainda é o Red de antes, apesar dos cabelos brancos.

Vai se arrastando para a nevasca lá fora e segue na direção dos fundos do velho matadouro.

Com essa dor excruciante, dá um passo de cada vez.

Pisca para tirar a neve dos olhos.

São só uns quinze metros, mas parece que são cinquenta.

Ele só aguenta rastejar. Está espumando sangue quando expira. Com certeza está com um pulmão perfurado.

Chega à porta dos fundos do matadouro. A entrada da morte.

A terra está vermelha. O corrimão e a neve também.

É difícil respirar. Só lhe resta um pulmão, que também está se enchendo de sangue.

Ele sobe o último degrau de concreto e espia pela abertura da porta.

A luz está acesa e ele vê tudo.

Lá estão seus dois netos amados mortos no chão. As crianças que

ele resgatou há tantos anos. As únicas pessoas que realmente o amaram e que o entenderam. Olly e Ginger no mundo vermelho.

Aquela mulher está lá, encolhida com as duas crianças debaixo de uma lona. Marty e outro homem estão caídos no chão perto deles, ambos aparentemente vivos ainda. Mas não por muito tempo.

Red levanta a M16 e leva o dedo ao gatilho do lança-granadas. Está carregado com uma granada antiblindagem de alto teor explosivo que vai matar todo mundo ali. Inclusive ele, provavelmente.

Ótimo, pensa, e puxa o gatilho.

Gente falando ao longe. Algo frio e molhado caindo em seu rosto.

Onde ele está?

Ah, sim.

Apagou por um segundo. Marty está falando com ele. Tentando levantá-lo. Rachel está com Kylie e Stuart.

Pete segura seu .45. Olhando pela linha do chão, vê Daniel na entrada dos fundos do matadouro, ao mesmo tempo em que Daniel o vê. O velho está com uma M16 com um lança-granadas acoplado à arma.

Rachel estava errada. É algo profundo *sim*. É mitologia *sim*. Velho contra novo, Exército contra Marinha, catarse contra caos. É evidente que o deus da guerra está mantendo um deles vivo só para se divertir.

Os dois puxam o gatilho. O velho puxa o dele primeiro e, por um breve instante, fica confuso quando o gatilho de metal não sai do lugar. Então logo vem a constatação: ele se esqueceu da trava de segurança manual do lança-granadas da M203. A M203 é uma arma perigosa. Não dá para dispará-la assim do nada. Ela tem de ser armada, e a trava precisar ser destravada manualmente.

Merda.

Ele se atrapalha com a arma por uma fração de segundo, tentando encontrar a trava de segurança, mas a arma de Pete dispara um clarão, e o peito de Daniel explode em dor e fogo, e sua alma é atingida por um .45 da Segunda Guerra Mundial.

Formas. Sirenes. Neve.

Um cobertor.

— Desculpa, Pete, mas esse lugar aqui vai explodir. Precisamos tirar você daqui.

Rachel, Kylie e Stuart ajudam Marty e Pete a sair do abatedouro.

Eles saem cambaleando da construção em chamas e caem na neve. Atrás deles, botijões de gás começam a explodir abaixo da cozinha.

— Vamos! — grita Rachel, arrastando-os para o mais longe possível da construção.

Chamas azuis.

Flocos de neve.

Luzes de lanternas.

Um carro dos bombeiros do vale do rio Miskatonic se aproxima pela estrada. A palavra *Bombeiros* aparece escrita de trás para a frente por cima de uma grande flecha amarela.

Rachel faz que sim com a cabeça.

Finalmente, três raposas mortas e a flecha amarela. A libertação chegando.

Pete pede a Rachel que se aproxime.

— O que foi?

— Se eu não sobreviver, não deixa botarem nenhum babaca pra fazer o meu papel no cinema — resmunga ele.

Ela dá um sorriso e o beija.

— Só mais uma coisa — diz ele, mas a voz morre na garganta.

— Eu também — diz ela, beijando-o novamente.

Ninguém vai interpretar Pete na adaptação cinematográfica desta história. Pete é uma figura polêmica demais para um filme. Depois de confessarem, ele e Rachel são formalmente acusados de sequestro, cárcere privado e exposição de crianças a risco. Só por isso já somam cinquenta anos de prisão.

E há também a breve expedição a Innsmouth. Terá sido uma tentativa de resgate ou invasão de domicílio?

Demorou um bom tempo para que tudo fosse esclarecido.

Uma equipe de agentes federais passou semanas analisando os documentos da Corrente encontrados no disco rígido de Ginger.

Foi preciso um gesto heroico da família Dunleavy, que voluntariamente informou à polícia que Rachel levou Amelia com o consentimento deles, por ter dito que ia quebrar a Corrente. O que também explica o dinheiro. Os policiais não acreditam numa só palavra, mas é evidente que os Dunleavys não serão testemunhas de acusação num eventual processo.

A essa altura, uma onda de compaixão envolve Rachel, Pete e todas as vítimas da Corrente. A opinião pública está em peso com eles; Rachel e Pete são réus carismáticos, e há grande possibilidade de nulificação por júri. O procurador-geral de Massachusetts consegue ver perfeitamente para que lado o vento sopra. Rachel e Pete são colocados em liberdade durante as investigações. Sem o depoimento da família Dunleavy contra eles, com a opinião pública a favor deles e o lado oculto de Ginger ficando cada vez mais evidente, os advogados dizem a Rachel que, a essa altura, é bem pouco provável que as autoridades optem por um julgamento caro e impopular. Rachel matou o monstro. A Corrente foi quebrada para sempre, e todas as pessoas que tinham qualquer ligação com ela foram libertadas.

A história da Corrente propriamente dita está sendo investigada por dezenas de jornalistas. Um repórter do *Boston Globe* descobre que suas origens remontam a um esquema de troca de reféns originado no México.

Existem centenas de vítimas da Corrente, mas o medo de retaliação e as eventuais represálias brutais e sangrentas conseguiram manter quase todas elas caladas ao longo dos anos.

Pelo menos é o que Rachel leu na imprensa. Essa é a versão do *Globe*. Há relatos sensacionalistas nos tabloides e na internet. Mas, para se preservar, Rachel não lê os tabloides e praticamente não entrou na internet desde que foi solta.

Rachel não dá entrevistas; não quer aparecer; não faz muita coisa além de buscar a filha na escola e preparar suas aulas de filosofia para a faculdade comunitária, esperando até que, um dia, acabe virando notícia velha.

Aos poucos ela deixa de ser o assunto do momento no Twitter e no Instagram. Outro pobre-diabo tomou seu lugar. E depois dele virá outro. E depois outro. Tudo muito familiar...

Em Newburyport, ela ainda é reconhecida nas ruas. E como poderia não ser? Mas, quando vai a algum shopping em New Hampshire ou a algumas regiões de Boston, volta a ser uma pessoa anônima, e ela prefere assim.

Uma manhã ensolarada no fim de março.

Rachel está na cama com o laptop. Apaga os vinte novos pedidos de entrevista que chegaram por e-mail e fecha o computador. Pete está tomando banho ali do lado. Cantando. Bem desafinado.

Ela sorri. Pete está ótimo agora. Seu tratamento com metadona está indo muito bem e ele tem um novo emprego como consultor de segurança numa empresa de tecnologia avançada em Cambridge. Ela vai descalça até a cozinha, acende o gás, enche a chaleira de água e a põe para ferver.

De vez em quando escuta um ping do iPad de Kylie lá em cima. A filha está acordada, encolhida debaixo das cobertas, conversando com os amigos. Kylie também está ótima. Sempre ouviu dizer que as crianças são resilientes e que conseguem superar os traumas, mas mesmo assim é incrível ver que ela está se saindo tão bem.

Às oito horas, Stuart aparece e ela lhe dá um abraço; ele se senta para fazer carinho no gato, esperando pacientemente até que Kylie esteja pronta. Stuart também está ótimo, e de todos eles parece que é quem mais curte a fama. Muito embora Marty também esteja gostando de ser alvo de atenções. Já apareceu várias vezes na televisão para relatar sua experiência. E, a cada relato, seu papel no resgate vai ficando um pouco mais exagerado. Marty está bem, e sua nova namorada, Julie, *bem mais* jovem, aparentemente acha que eles todos estão participando de uma comédia romântica na qual Rachel, a melancólica primeira mulher, acabará levando a melhor por seus irresistíveis encantos.

Rachel se senta à mesa da sala de jantar e abre o laptop de novo. Deixa os pensamentos fluírem. Folheia *No Café Existencialista*, de Sarah Bakewell, e se surpreende com uma belíssima foto de Simone de Beauvoir usando um broche em forma de labirinto.

Fecha o livro e acena para o Dr. Havercamp, que segue em direção ao bambuzal para bombear a água do fundo do barco.

— Estou querendo começar a aula com uma piada, Stuart. O que você acha dessa? “Meu amigo abriu uma livraria especializada em filosofia alemã. Eu disse que não vai dar muito certo: é um Nietzsche de mercado muito restrito”, conta Rachel, com um olhar de triunfo.

Stuart faz uma careta.

— Não gostou? — pergunta Rachel.

— Não sei se sou a pessoa ideal pra opinar...

— Mãe, ele está querendo dizer que o seu estilo de fazer piada está mais pra uma faixa etária bem avançada — explica Kylie, se reclinando sobre o parapeito da varanda.

Pete sai do banho sacudindo a cabeça.

— Espero que seu plano B não seja uma carreira de comediante — diz.

— Ah, vão pro inferno então! — solta Rachel, fechando o laptop.

Assim que todos estão prontos, eles vão para o carro e, como ainda é cedo para entrar na escola, param no Dunkin’ Donuts da Rota 1.

Rachel olha para a filha enquanto ela dá uma mordida em um pastel de amêndoas. Kylie e Stuart estão debatendo os *spoilers* da terceira temporada de *Stranger Things*. A filha é quase a velha Kylie tranquila e meio maluquete de sempre. É claro que a ferida vai estar sempre lá. Aquela coisa sombria. Eles nunca vão conseguir se livrar completamente daquele trauma. É parte dela agora, é parte de todos eles. Mas ela parou de fazer xixi na cama e tem pesadelos com menos frequência. O que já é alguma coisa.

— Tá, essa agora é muito boa. Quantos hipsters são necessários para trocar uma lâmpada? — pergunta ela.

— Mãe, por favor! Para com isso! — implora Kylie.

— Quantos? — Stuart quer saber.

— É um número muito obscuro, você provavelmente nunca ouviu falar dele — diz Rachel, e Pete enfim abre um sorrisinho.

Ela deixa as crianças na escola, e Pete, na estação de trem em Newburyport. Ele tem de usar terno no emprego novo, e odeia isso. Fica o tempo todo ajeitando a gravata.

— Para com isso! Você está lindo — elogia ela, e está sendo sincera.

Quando o trem dele chega, ela volta para o Volvo, dirige até o centro e vai direto para a Walgreens. Checa se Mary Anne, a caixa que ela conhece, não está trabalhando e segue para a sessão de testes de gravidez como quem não quer nada.

A quantidade de opções é inacreditável. Ela escolhe um kit de forma aleatória e vai até o balcão.

A caixa é uma adolescente com idade para estar no ensino médio,

e, segundo seu crachá, ela se chama Ripley. Ela está lendo *Moby Dick*.

Não parece estar no trecho sobre “*Rachel*, errante”. Os olhares das duas se encontram.

— Em que capítulo você está? — pergunta Rachel.

— Setenta e seis.

— Um sujeito uma vez me falou que todos os livros deviam acabar no capítulo setenta e sete.

— Cara, eu queria que esse aqui acabasse. Ainda falta um bocado. Olha só, ééé... se eu fosse você levaria o Clearblue — diz a garota.

— Clearblue?

— As pessoas acham que estão economizando com o FastResponse. Mas é mais comum o FastResponse dar falso positivo. — Ela baixa a voz. — E eu falo isso por experiência própria.

— Vou levar o Clearblue — diz Rachel.

Ela paga, toma outro café no Starbucks da State Street e dirige de volta à ilha.

Entra no banheiro, tira o kit da caixa, lê as instruções, urina em cima da fita e o coloca dentro da caixinha de novo.

Está bem quente para um dia de março, então ela pega a caixa, vai lá para fora e se senta na beirada do deque com os pés balançando sobre a areia.

A maré está cheia. O cheiro do mar é forte. Ao longe, o calor forma ondulações quase imperceptíveis sobre os casarões à beira do Atlântico. Uma garça branca avança lentamente pelo mato baixo enquanto um falcão voa em direção ao continente a oeste.

Barcos de pesca. Pescadores de caranguejos. O latido preguiçoso de um cão lá embaixo, perto da loja de conveniência.

Ela sente a força das metáforas: conforto, estabilidade, segurança.

Thoreau chamava Plum Island de “o lúgubre Saara da Nova Inglaterra”, mas hoje não é isso que se vê.

Ela olha para a caixa em suas mãos. A caixa que contém dois possíveis futuros. Dois futuros que vêm desabando sobre ela a sessenta segundos por minuto, sessenta minutos por hora.

Uma batida do coração de cada vez.

Ela sorri.

Qualquer futuro estará bom.

Todos os futuros são bons.

Ela resgatou sua filha da escuridão.

Acabou com o monstro.

Há desafios pela frente.

Um milhão de desafios.

Mas ela conseguiu Kylie de volta.

E ela tem Pete.

Ela sobreviveu.

A vida é frágil, passageira e preciosa.
E o simples fato de viver já é um milagre.

POSFÁCIO E AGRADECIMENTOS

Bastam dois espelhos virados um para o outro para se construir um labirinto.

Jorge Luis Borges, *Sete noites*

Escrevi a primeira versão de *A Corrente* na Cidade do México, em 2012, depois de ficar sabendo de um esquema inventado por mexicanos, no qual um membro da família se oferece para trocar de lugar com uma vítima de sequestro mais vulnerável. Associei essa ideia a um acontecimento do final da década de 1970, a época das terríveis correntes por carta. A parte da Irlanda onde eu cresci era tão supersticiosa que nós acreditávamos completamente na força dos feitiços escritos. Certo dia, quando eu estava na quinta série, a professora pediu a nós que levássemos qualquer carta que tivesse nos aborrecido, e eu lhe entreguei uma carta de corrente que estava me preocupando. Ela a rasgou, junto com outras, desafiando as ameaças de olho grande, catástrofes e má sorte, rompendo assim a corrente. O episódio me marcou profundamente na infância, e eu nunca o esqueceria. Passei as três décadas seguintes perguntando de tempos em tempos a minha mãe como a Sra. Carlisle estava, e ficava aliviado por saber que ela estava passando relativamente incólume pela vida.

Em 2012, “*A Corrente*” era um conto, mas achei que tinha tudo para se transformar em um romance, então acabei guardando o manuscrito inacabado em uma gaveta por cinco anos. Em 2017, finalmente contratei um agente literário, Shane Salerno, fundador da Story Factory. Eu estava escrevendo a série do detetive Sean Duffy, que se passava na Belfast da minha juventude e, embora esses livros estivessem ganhando boas críticas e alguns prêmios, não eram o sucesso que eu esperava. Shane me telefonou perguntando se eu não teria alguma história americana na cabeça, então comentei sobre a versão que eu tinha de *A Corrente*. Ouvi alguma coisa cair e se quebrar na cozinha dele, e ele disse que era para eu parar imediatamente o que quer que estivesse fazendo e começar a escrever um romance com o enredo de *A Corrente* naquele minuto. E foi o que eu fiz.

Todo livro é um processo colaborativo, e eu gostaria de agradecer a

Don Winslow, Steve Hamilton, Steve Cavanagh, John McFetridge e Shane Salerno por terem lido as primeiras versões de *A Corrente* e terem me dado sugestões inteligentes.

Ao meu brilhante editor na Mulholland, Josh Kendall, que examinou o manuscrito com o olhar aguçado de médico-legista. Ele fazia com que eu me perguntasse o tempo todo se uma ideia ou um conceito estava tão amarrado e convincente quanto possível. Na Mulholland e Little, Brown eu também gostaria de agradecer à incansável e brilhante Tracy Roe, a Pamela Marshall, Katharine Myers, Pamela Brown, Craig Young, Reagan Arthur e Michael Pietsch e a toda a equipe comercial. Na Orion, devo agradecer também a Emad Akhtar, Leanne Oliver, Tom Noble, Jen Wilson, Sarah Benton e Katie Espiner por terem dado seu sangue, seu suor e suas lágrimas. E na Hachette Austrália, meu agradecimento especial a Vanessa Radnidge, Justin Ratcliffe e Daniel Pilkington.

Quero agradecer à equipe da Biblioteca Pública de Newburyport, onde fiz boa parte das pesquisas para *A Corrente*, e à equipe da seção George Bruce da Biblioteca Pública de Nova York no Harlem, que me proporcionou um lugar tranquilo para escrever. Por uma mera coincidência ou uma espécie de mágica, eu estava em Praga escrevendo um artigo sobre bloqueio criativo e acabei finalizando os últimos capítulos de *A Corrente* no antigo escritório de Franz Kafka (atualmente um hotel), no número 7 da Na Poříčí.

Para concluir, gostaria de agradecer a Seamus Heaney, Ruth Rendell, Don Winslow, Ian Rankin, Brian Evenson, Val McDermit e a Diana Gabaldon, que ao longo dos anos me estimularam e me aconselharam, me dizendo que segurasse as pontas, quando muitas vezes eu me perguntava se havia sido mesmo talhado para essa bobagem de escrever.

E finalmente quero agradecer a minha esposa Leah Garrett, que sempre foi minha primeira e a mais criteriosa leitora, e a minhas filhas, Arwynn e Sophie, não só pela ajuda em relação aos costumes e à linguagem adolescentes mas também por me ensinarem o que você é capaz de fazer quando o bem-estar dos seus filhos e a segurança deles estão ameaçados.

Sláinte.

Best-seller do *New York Times*

ADRIAN MCKINTY

AUTOR DE **A CORRENTE**

A

QUANDO SUA FAMÍLIA
ESTÁ EM PERIGO,
VOCÊ É CAPAZ DE
QUALQUER COISA

ILHA



ADRIAN McKINTY

A ILHA

Tradução de
João Pedroso

1ª edição



EDITOR A RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2023

M144i

McKinty, Adrian

A ilha [recurso eletrônico] / Adrian McKinty ; tradução João
Pedroso. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2023.
recurso digital

Tradução de: The island

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5587-756-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Pedroso, João. II.
Título.

23-83694

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Título original:

The Island

Copyright © 2022 by Adrian McKinty

Este livro foi publicado mediante acordo com Little, Brown and
Company, Nova York, Nova York, EUA.

Trecho de *A tempestade* retirado de: SHAKESPEARE, William. *A
tempestade*, ato III, cena II.

Tradutor José Francisco Botelho. São Paulo: Penguin-Companhia das

Letras, 2022. E-book.

Os personagens deste livro visitam as terras do povo bunorogue. O autor gostaria de agradecer aos guardiões tradicionais dessas terras e prestar respeito ao passado e ao presente de seus anciões. Os povos originários foram os primeiros contadores de história dessa terra, que sempre foi e sempre será aborígene.

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21)
2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-65-5587-756-4

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

Calma: esta ilha é cheia de rumores,
De sons, doces acordes e toadas
Que só trazem deleite e não machucam.

William Shakespeare, *A tempestade*, 1611

Eu me encho
Do azedo e do doce,
Antes
que aquilo,
aquela coisa,
lá de fora
Chegue.

Oodgero Noonuccal, "Not My Style"

Sumário

Abertura

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50

Um corvo de olho amarelo e desconfiado a observava do eucalipto chamuscado por um raio.

O corvo era a morte.

Se grasnasse, ela estaria morta. Se voasse em direção a Jacko, e ele se virasse para olhar, ela estaria morta.

Com a cabeça meio virada, o corvo a observava.

Ela engatinhou pela grama quebradiça, chegou ao tronco, parou e recuperou o fôlego.

Secou o suor da testa com a barra da camiseta e sugou toda a umidade que conseguiu do tecido.

Parou por um instante para se recompor e passou furtivamente pela árvore até chegar ao limiar da charneca. Agora, não havia mais nada entre ela e Jacko. Nenhuma vegetação. Nenhum esconderijo. Não fazia nem mais sentido continuar engatinhando.

Devagar, bem aos poucos, ela se levantou.

Com cuidado, passou o facão da mão esquerda para a direita. Era um troço velho e pesado, todo enferrujado. Ela segurou firme o cabo de madeira lascado e torceu para que não se despedaçasse quando fosse brandido.

Estabilizando-se, ela avançou com cautela.

Já tinha matado antes — salmões, trutas e patos.

Mas isso era diferente, não era? Bem diferente.

Era um ser humano.

Jacko estava sentado de costas para ela, escarranchado num barril de óleo. A carabina pré-histórica presa no ombro parecia letal o bastante de onde ela estava.

Descalça sobre rochas e cascalho, ela se aproximou lentamente.

Na baía, algo enorme se moveu debaixo da água não muito longe da orla. Foi uma decisão acertada não buscar segurança a nado. Aquilo era uma barbatana cheia de cicatrizes de um tubarão-branco. Jacko também o tinha visto. Ele se levantou, pegou a carabina do ombro e atirou no bicho. A arma disparou com um estouro poderoso que rasgou a calmaria. Garças e gaivotas levantaram voo da charneca.

Ela olhou para o corvo lá atrás.

Parecia inabalado. Continuava empoleirado no mais alto dos galhos escurecidos, encarando-a. Cenas como essa não eram novidade para ele. Sem sombra de dúvida, estava esperando carniça em breve.

Jacko claramente tinha errado o alvo.

— Merda! — disse ele consigo mesmo e se levantou empunhando a

carabina enquanto o tubarão mergulhava e sumia.

Ela esperou até ele soltar a arma, mas Jacko não soltou.

Só ficou lá, encarando a água.

Olivia continuava esparramada na frente dele, imóvel.

O walkie-talkie chiou.

Jacko puxou o ferrolho, e um cartucho caiu na areia. Colocou o ferrolho de volta no lugar, e uma nova bala deslizou para a câmara.

Se ela fizesse qualquer barulho agora, e Jacko se virasse, sabia que ele lhe daria um tiro no peito à queima-roupa. Ela tinha conhecimento sobre armas e havia fingido gostar do assunto para passar o tempo com o pai. Sabia que o ferimento de saída de uma .303 a essa distância seria do tamanho de uma bola de beisebol.

Ela continuou parada, esperando que ele voltasse a pendurar a carabina no ombro, mas Jacko continuou observando o mar enquanto murmurava baixinho.

O sol estava às costas dela, e sua sombra crescia centímetro a centímetro em direção ao campo de visão de Jacko. Não gostava nem um pouco disso. Se houvesse qualquer outra forma de se aproximar dele, ela teria usado, mas não havia. Se ele sequer olhasse de relance para a esquerda, veria a pontinha da silhueta dela.

Pelo menos ela estava contra o vento.

As gaivotas pousaram. As garças pararam sobre a água.

O sol castigava os braços e o pescoço expostos dela.

Enfim, Jacko pendurou a carabina de volta no ombro e se sentou. Pegou isqueiro e cigarros. Acendeu um e guardou o isqueiro no bolso.

Ela ensaiou dar um passo à frente. A sombra se moveu junto.

Jacko não se mexeu nem um centímetro. Ela estava agora a menos de cinco metros de distância. Ele se inclinou para trás e soprou fumaça para o céu. Mais um passo. Dedos, depois a sola e por fim o calcanhar. O pé ia com o mais suave dos toques sobre a praia coberta de pedras.

Dedos, sola, calcanhar.

Mais um passo.

E outro.

Até que...

Uma pontada forte e curta de pura dor.

A ponta irregular de uma garrafa velha quebrada tinha perfurado a pele do seu calcanhar.

Ela mordeu o lábio para conter o grito. Sua sombra dançava de um lado para o outro; pelo jeito, tentando chamar a atenção de Jacko. Piscando para afastar as lágrimas, ela cruzou as pernas e se sentou. Estava sangrando, mas o vidro não tinha penetrado muito fundo. Segurou o caco e o puxou com delicadeza. Lambeu o dedão, esfregou-o no machucado e começou a se sentir melhor. Pegou uma pedra lisa e pressionou o corte com ela. O sangramento diminuiu. Tinha que bastar. Ela não podia ficar ali

sentada o dia inteiro.

Levantou-se de novo e deu alguns passos incertos.

Sua sombra traidora agora estava inteira no campo de visão de Jacko.

Mais perto.

Dava para ler o que estava escrito nas costas da regata amarela encharcada de suor dele. Havia uma estrela vermelha em cima das palavras BINTANG BEER.

Dava para sentir o cheiro dele. Fedia a cê-cê, fumaça de cigarro e óleo de motor.

Completo silêncio. Os ecos do tiro de carabina tinham sumido, e o único som era o da água do mar correndo pelo canal.

À esquerda, o pouco que sobrou da neblina matinal evaporava à luz do sol. O ar se enchia de expectativa pelo calor que estava por vir. Seria um forno. Mais de 43 graus fácil, fácil.

Era, lembrou ela, 14 de fevereiro. Engraçado como as estações aqui eram ao contrário. Em casa, estaria uns 4 graus ou até menos.

Dia dos Namorados.

Há exatos doze meses, Tom apareceu para a primeira sessão de massoterapia na clínica de West Seattle. Estava nevando. Quando ele se deitou na maca, ainda tinha flocos de neve no cabelo.

Quanta diferença um ano fazia.

Naquela época, ela não tinha filhos, podia ficar desempregada a qualquer momento e morava num apartamento úmido perto da praia de Alki. Agora, era casada, responsável por duas crianças e estava prestes a matar um homem que mal conhecia numa praia diferente do outro lado do mundo.

Ela deu mais três passos com cuidado e ergueu o facão.

A placa dizia ALICE SPRINGS 25, TENNANT CREEK 531, DARWIN 1.517. Ela levou um ou dois segundos para absorver a informação.

Se acabassem perdendo a saída para Alice, teriam que percorrer mais 500 quilômetros para conseguir água, comida e gasolina. Ela olhou pelas janelas para os dois lados da estrada vazia e não viu absolutamente nada. Tinha uns vinte minutos que o rádio sintonizava e perdia o sinal, mas parecia que o sinal estava ficando um pouco melhor. Quase dava para ouvir John Lennon cantando sobre um sedã que subia a estrada devagar.

Conseguia identificar praticamente todas as músicas dos Beatles com apenas um ou dois compassos ou um trequinho qualquer da letra. Seus pais e quase todo mundo na ilha de Goose endeusavam John Lennon e, como os sinais de TV e internet eram instáveis, música acabava sendo uma coisa ainda mais importante. A canção terminou, e o DJ começou a tagarelar.

— Essa foi “Come Together”, a primeira faixa de *Abbey Road*. E antes dela a gente ouviu “Hey Jude”. Alguém aí sabe me dizer de que álbum é “Hey Jude”?

O DJ parou de falar por um instante para que os ouvintes pudessem responder.

— Não era de álbum nenhum, foi só um single lançado num compacto simples — sussurrou Heather.

— Nem precisa ligar, pessoal. Isso não é uma competição. É uma pegadinha. “Hey Jude” nunca foi lançada em nenhum álbum original dos Beatles, só nas compilações. Bom, minha gente, espero que tenham aproveitado o clima ameno da meia-noite, porque acabamos de atingir a temperatura mais baixa do dia: 36 graus Celsius, ou, para os velhotes, 96,8 graus Fahrenheit.

Dormindo, Tom resmungou, e ela baixou o volume. Ele tinha uma manhã cheia pela frente, e cada segundo de sono agora ia ajudar. Ela se virou para dar uma olhada nas crianças. Estavam dormindo também. Embora até meia hora atrás Owen estivesse no celular na

esperança de que algum Wi-Fi se materializasse do nada no meio do deserto. Olivia capotou bem mais cedo. Heather verificou se o cinto de segurança dos dois estava bem preso e voltou a atenção para a estrada vazia.

Seguiu dirigindo.

O câmbio barulhento. As mariposas na luz do farol. O rolar dos pneus do Toyota no asfalto.

Ela refletiu como a montagem dos filmes do Mad Max era boa para apagar o tédio das viagens de carro pelo interior da Austrália. A paisagem de Uluru era toda assim. Fazia qualquer um sentir saudade do empolgante engarrafamento matinal da West Seattle Bridge. Não havia nenhum outro carro por ali; só o barulho do Toyota e do rádio sintonizando e perdendo o sinal. Não havia ninguém nos arredores, mas, perto de uma placa que informava manutenção na pista, ela viu grandes máquinas cor de terra cobertas de poeira que pareciam mastodontes sonolentos na estrada de acesso.

Ela seguiu em frente e começou a ficar preocupada de ter pegado alguma saída errada. Não havia nenhum sinal de cidade ou aeroporto. O GPS não atualizava fazia um tempo, e, de acordo com ele, ela estava perdida numa imensidão branca e vazia em algum lugar do Território do Norte.

O desconforto aumentou quando a estrada ficou pior. Ela procurou algum sinal de vida à frente e dos lados.

Nada.

Que merda. Lá atrás, naquela obra, ela deve ter pegado a saída err...

Um imenso canguru cinza apareceu do nada diante dos faróis.

— Merda!

Ela pisou com tudo nos freios, e o Toyota estremeceu até parar com uma desaceleração alarmante. Tom e as crianças foram para a frente, mas voltaram para trás, puxados pelos cintos de segurança.

Tom grunhiu. Olivia choramingou. Owen resmungou. Mas ninguém acordou.

— Uau — disse ela, encarando o canguru.

O animal continuava lá, a pouco mais de um metro do carro. Um segundo a mais e teriam sofrido um acidente grave. Suas mãos tremiam. Estava difícil respirar. Ela precisava de ar. Colocou o carro em ponto morto, deixou os faróis acesos e desligou o motor. Abriu a porta e saiu. A noite estava quente.

— Xô — falou para o imenso canguru. — Não tenho como seguir viagem se você ficar no meio da estrada.

Ele não se mexeu.

— Xô! — repetiu e bateu palmas.

O canguru continuou encarando o carro. Como é que ele não

entendia a linguagem universal do “xô”?

— O farol deve ter cegado o bicho. Apaga os faróis — disse uma voz saída da escuridão à direita.

Heather deu um pulo, virou-se e viu um homem a alguns metros, no deserto. Quando soube que ela ia para a Austrália, Carolyn falou das “cobras e aranhas mais mortais do mundo” e, como isso não surtiu efeito, mandou uma lista de filmes sobre viajantes pedindo carona e assassinados por maníacos no interior do país.

— Chega a ser um gênero cinematográfico, Heather! Só pode ser baseado na vida real — disse Carolyn então.

Heather assistiu a apenas um deles, *Wolf Creek: viagem ao inferno*, que já foi assustador o bastante.

— Não quis assustar você — disse o homem.

O coração dela batia forte, mas a voz do sujeito era tão tranquila, tão gentil e inofensiva que a acalmou imediatamente.

— Hum, desculpa. O que foi que você disse sobre os faróis, mesmo? — perguntou.

— Os faróis devem ter cegado o canguru. Apaga e espera um minutinho — repetiu o homem.

Ela esticou o braço para dentro do Toyota e apagou os faróis. O homem esperou alguns segundos e então foi até a estrada.

— Vamos lá, amigo! Sai daí! — disse ele e bateu palmas.

O canguru virou a cabeça, olhou para os dois com certa indiferença e depois, sem pressa nenhuma, pulou noite adentro.

— Bom, por essa eu não esperava. Obrigada — agradeceu Heather, oferecendo a mão para cumprimentar o sujeito.

Ele aceitou a gentileza. Tinha mais ou menos um e setenta de altura, uns 60 anos e cabelo preto e cacheado. Usava um suéter vermelho, bermuda jeans e chinelos. Fazia uma semana que estavam na Austrália, mas aquele era o primeiro aborígene que Heather encontrava. Bem ali no meio do nada.

— Você não deve ser daqui — disse o homem.

— Não mesmo. O meu nome é Heather, sou de Seattle. Hum... Nos Estados Unidos.

— Eu sou Ray. Também não sou daqui. A gente só veio para o festival. Eu e o meu povo, na verdade.

— O seu povo?

— ã-hã, a gente acabou de chegar para o festival. A gente vem todo ano.

Assim que seus olhos se ajustaram à escuridão, ela percebeu que havia várias pessoas no deserto com o sujeito. Na verdade, era um acampamento inteiro, com talvez umas vinte ou trinta pessoas. Velhos e crianças. A maioria dormia, mas algumas estavam ao redor das cinzas de uma fogueira.

— Para onde você está tentando ir? Alice? — perguntou Ray.

— Estou tentando chegar no aeroporto. Se eu continuar nessa estrada...

— Que nada, eles deviam era ter sinalizado melhor. Essa estrada só vai contornar o mato. É só voltar até onde você viu as obras na pista e pegar a direita. Vai chegar em Alice em uns quinze minutos. Não vai ter trânsito.

— Obrigada.

Ray fez que sim com a cabeça. Os dois ficaram ali, meio sem graça, por um instante. Ela percebeu que não queria que a conversa acabasse.

— Que festival é esse que você mencionou? — perguntou.

— O Festival de Alice Springs. É o evento do ano por essas bandas. Os brancos não gostam que a gente fique pela cidade, mas não têm como impedir que a gente venha para o festival.

— Mas como é esse festival? É tipo uma quermesse?

Ray concordou com um aceno de cabeça.

— Quase isso, acho. É uma exposição de gado, mas tem comida e música também. Brinquedos para as crianças. Tem gente que vem de centenas de quilômetros de distância. Costuma acontecer em julho, só que vai ser mais cedo esse ano. Vêm povos de todo o território, alguns até lá de Queensland. Eu e o meu povo estamos andando já faz três dias.

Ela olhou impressionada para o “povo” dele mais uma vez. Aquela gente (avós, pais, mães e crianças) estava atravessando o deserto havia três dias?

— Os pequenos ali nunca viram uma estadunidense. Para eles, vai ser novidade. Você se importa de dar um oi? — perguntou Ray.

Heather passou alguns minutos conhecendo os familiares de Ray (os que estavam acordados, pelo menos). Nikko, a neta, e a esposa dele, Chloe. Chloe ficou admirada com seus brincos, e Heather implorou a ela que os aceitasse em agradecimento à ajuda de Ray na estrada. O presente foi aceito, mas não antes de ele dar a Heather um pequeno canivete que ele mesmo tinha feito.

— Eu vendo no festival. Madeira de *jarrah* e ferro meteórico — contou.

— Ferro meteórico?

— Isso. Daquele meteoro que caiu lá em Wilkinkarra.

O canivete tinha emus e cangurus entalhados de um lado e o que ela deduziu ser a Via Láctea do outro. Era lindo. Heather fez que não com a cabeça.

— Não posso aceitar de jeito nenhum! Deve custar centenas de...

— Tenho sorte se consigo vinte pratos por cada. É de coração. Uma troca. Os seus brincos pela faca. Viu a argola ali embaixo? Me falaram

que, se você colocar as chaves ali e botar o canivete na bandeja ao lado do detector de metais junto com o celular, dá até para pegar avião com ele. Pensam que é só um chaveiro ou algo do tipo.

Não tinha como convencer Ray a pegar de volta o presente, então ela aceitou de bom grado. Voltou para o Toyota, acenou em despedida e refez a jornada até a placa que indicava obras na pista. Desta vez, pegou a saída correta para Alice. Conforme a cidade se aproximava, a estrada ficava mais firme. Casas e lojas saíam da escuridão. Ela viu fogueiras de acampamentos e mulheres reunidas ao redor das chamas. Mais nativos que, pelo visto, deviam ter vindo para o festival.

O celular recuperou o sinal do GPS. O rádio voltou à vida.

— No próximo cruzamento, pegue a direita para chegar ao aeroporto de Alice Springs — anunciou o Google Maps de repente com um animado sotaque australiano.

Dez minutos depois, Heather estava no aeroporto. Dirigiu até o estacionamento da locadora de carros e desligou o veículo. Uma placa dizia NÃO ALIMENTE DINGOS, CACHORROS SELVAGENS OU GATOS FERAIS acima de um desenho de um cachorro com ar triste e um gato indiferente. Ela se certificou de que as portas estivessem trancadas e deixou todo mundo dormir mais um pouquinho.

— Chegamos — disse, por fim, e sacudiu Tom com gentileza.

Ele se espreguiçou.

— Ah, que bom. Obrigado, amor. Eu podia ter dirigido um pouco! Era só ter me acordado. Teve algum problema?

— Até que não, mas teve um canguru que parou no meio da estrada — respondeu ela enquanto prendia o canivete no chaveiro.

— Você viu um canguru e não acordou a gente? Qual é, Heather! — resmungou Owen do banco traseiro antes de se agitar num bocejo.

Acordaram Olivia, pegaram a bagagem e foram andando atordoados e sonolentos até o terminal de embarque. Estavam três horas adiantados. Tom jamais se atrasou para um voo e não ia começar agora. O aeroporto estaria deserto se não fosse por um casal gótico todo montado que, pelo visto, não se parecia em nada com as fotos dos passaportes. Quando chegou a vez de Heather passar pela máquina de raios X, ela sorriu para a segurança.

— Esses góticos de hoje em dia... Vou te contar. Maquiagem demais e catedrais de menos — disse. A mulher pensou na própria piada por um instante e riu baixinho. Em seguida, acenou para toda a família passar.

Ninguém confiscou o canivete para sorte de Heather, já que ele salvaria a vida dela dali a dois dias.

2

Conduziram um Owen e uma Olivia morrendo de sono até o portão. O embarque foi liberado mais cedo, e eles eram os únicos passageiros da classe executiva; na verdade, eram praticamente os únicos passageiros no avião inteiro. Tom sempre ficava nervoso ao voar. Pela figura profissional dele, ninguém imaginaria que ficasse nervoso, mas ficava. Quando foi à clínica de massagem pela primeira vez, Heather percebeu quase de imediato que seus problemas nas costas não eram resultado de uma “antiga lesão de esqui”, mas sim da tensão acumulada nos ombros e na lombar. Médicos normalmente eram os mais céticos em relação aos benefícios de uma boa massagem, mas ela só precisou apertar bem, e, no fim da primeira sessão, Tom já estava oitenta por cento melhor. Ele continuou indo para a massoterapia mais pela conexão entre os dois que por qualquer “lesão”.

Os comissários de bordo começaram a dar os avisos de segurança.

Ela deu um tapinha na perna de Tom, e ele lhe ofereceu um sorriso.

— Estou com fome — disse Owen.

Heather procurou dentro da mochila e lhe ofereceu uma barra de cereal. Ele fez que não com a cabeça.

— Dessa não! Pelo amor de Deus, Heather, você sabe que eu odeio isso!

— A gente comeu todas as de morango. Só sobraram essas — explicou Heather.

— Então deixa para lá! — resmungou Owen.

Ele colocou de volta os fones de ouvido, puxou o capuz, conectou o celular no carregador e voltou para o seu joguinho de corrida.

Heather meditou um pouco enquanto o avião taxiava. *Tudo faz parte da jornada.* Seu cansaço era a jornada, a cara feia de Owen era a jornada, a tensão de Tom era a jornada e o rostinho lindo e sonolento de Olivia era a jornada.

Decolaram um pouquinho antes do amanhecer, e a vista do lado esquerdo da aeronave era espetacular, o sol nascendo sobre o que parecia uma imensidão vermelha e vazia. A Austrália era quase tão

grande quanto os Estados Unidos, mas tinha menos de um décimo da população. Um deserto ocre, vermelho e escarlate. Imensos saaras de uma vastidão vazia de óxido de ferro interrompidos por grandes pedras de arenito que pareciam lápides de uma raça de gigantes havia muito extinta. Ela pensou em Ray e seu povo atravessando tudo aquilo para chegar ao festival. Era inacreditável.

Seus olhos estavam pesados. *Vou descansá-los só um pouquinho*, pensou.

Acordou quando pousaram em Melbourne. Tinha sonhado com Seattle. Com a neve sobre o bosque do parque Schmitz.

— Onde é que... — começou a dizer, mas então a memória veio.

O aeroporto era igualzinho a todos os outros, e a cidade, vista do banco traseiro de um SUV enorme, parecia-se com todas as outras. Tom estava na frente, conversando com Jenny, a representante do congresso. Heather ia atrás, ao lado de Olivia, ainda grogue de sono. Owen estava acordado agora, com o rosto enfiado no seu livro sobre cobras australianas, a cabeça coberta pelo capuz do casaco, sem olhar pelas janelas. Tom e seus amigos da geração X costumavam comentar nos jantares como ficavam preocupados porque *millennials* e as crianças da geração Z não “se envolviam de verdade com o mundo”, mas Heather achava que Owen não tinha nenhuma culpa. O mundo havia lhe tirado sua querida mãe pouco antes do seu aniversário de 12 anos. O mundo tinha enfiado na vida dele uma estranha magrela que deveria ser sua “nova mãe”. Que palhaçada!

— Coloquei vocês em um Airbnb perto da praia, conforme solicitado — disse Jenny enquanto se inclinava para olhar para Heather. Era jovem, na casa dos 20, com cabelo cor de cobre e sorridente.

— Mas eu não pedi... — começou a se explicar Heather.

— Eu que pedi, amor — falou Tom. — É muito melhor que o hotel do congresso. Já dei uma olhada pela internet. É ótimo. Uma casa longe de casa.

— Ah, claro. Tudo bem — concordou Heather, embora, no íntimo, estivesse animada para curtir o serviço de quarto e alguns mimos enquanto Tom fazia as coisas do congresso.

Dirigiram pela orla reluzente de Melbourne e passaram por um farol e uma marina no caminho. Havia palmeiras, praia e um oceano índigo.

Tom gentilmente cutucou Olivia e disse:

— Isso me lembra: por que a gente nunca vê um elefante se escondendo atrás das palmeiras?

— Por quê? — perguntou Olivia, morrendo de sono.

— Porque eles se escondem muito bem.

— Chega dessas piadas de tio do pavê! — implorou Olivia.

— Achei engraçada — sussurrou Heather.

Tom deu uma risadinha, pegou a mão de Heather e deu um beijinho nela.

— Mas eu não me arriscaria a abandonar a medicina para tentar uma carreira em stand-up — acrescentou Heather.

— Lá vem você arruinando os meus sonhos — disse Tom e deu um tapa na própria testa.

— Está gostando da Austrália, Heather? — perguntou Jenny.

— É a primeira vez que saio dos Estados Unidos! Então estou, sim, tudo é muito empolgante — respondeu Heather.

— Já passou o jet lag?

— Quase, acho. A gente passou dois dias em Sydney e dois em Uluru. Vai ficando mais fácil a cada manhã.

— E com o que você trabalha? — perguntou Jenny.

— Sou massoterapeuta — respondeu Heather. — Agora, fico mais cuidando das crianças, mas ainda tenho uns clientes rabugentos que se recusam a ir em outro lugar.

— Minha amiga Kath é fisioterapeuta — disse Jenny. — Kath é tão engraçada. Ela tem cada história. E ela é durona. Faz os velhinhos completarem os exercícios bem direitinho. Ela sempre diz que a diferença entre um fisioterapeuta e um terrorista é que com um terrorista talvez dê para negociar.

— No momento ainda não tenho licença para praticar fisioterapia — falou Heather, mesmo sabendo que Tom odiava quando ela mencionava isso.

— Olha, chegamos na baía — continuou Jenny. — É bem aqui. O clima vai estar perfeito para a praia. Vocês gostam de praia, certo, crianças?

Ninguém respondeu. Entraram numa rua residencial silenciosa chamada Wordsworth e pararam ao chegar a uma grande casa modernista retangular.

— Tem piscina. Você e as crianças podem nadar enquanto eu trabalho — disse Tom com um sorriso largo.

Ele ficava tão bonito quando sorria, refletiu Heather. Fazia com que parecesse mais novo. Na verdade, Tom estava maravilhoso para a idade. Qualquer um lhe daria uns trinta e tantos anos, mas na verdade ele tinha 44. Não tinha praticamente nenhum fio grisalho, e a dieta o mantinha magro. O cabelo agora estava maior que o normal, e naquela manhã as mechas caíam pela testa como a asa de um jovem corvo. De acordo com o perfil publicado na matéria “Os melhores médicos de Seattle”, os olhos dele eram de “um azul severo e frio”. Mas não para ela. Para ela, eram olhos azuis inteligentes e brincalhões. Amorosos.

Jenny os ajudou a levar as malas até a varanda.

— Alguém precisa usar o banheiro? Os banheiros daqui são tudo de bom. Heather? Parece que está precisando fazer o número dois, hein.

— Hum... Estou bem.

— A casa é ótima. Só do bom e do melhor para um dos nossos principais palestrantes. O dono daqui é um escroto, mas esse lugar é incrível.

Entraram numa grande sala de estar de plano aberto, com sofás de couro e almofadas e tapetes que pareciam custar uma fortuna.

— Os quartos ficam lá em cima — informou Jenny. — Todos têm vista para o mar.

— Tenho que ir para a abertura do evento — disse Tom a Heather.

— Mas volto à noite. Relaxem e divirtam-se.

Heather deu um beijo na bochecha de Tom e lhe desejou boa sorte.

— Se cuida, amor — acrescentou ela enquanto se sentava.

Jenny deu um sorriso.

— Pode deixar que eu cuido dele. É o meu trabalho. Alguma dúvida?

— Hum... O que é um escroto? — perguntou Heather.

— O saco onde ficam os testículos — respondeu Jenny.

Heather fez cara de nojo.

— Não literalmente, amor — disse Tom. — É só uma expressão.

E então, simples assim, a assistente e Tom partiram.

— Caramba, olha o que a Cardi B acabou de postar! — disse Olivia, mostrando o celular.

— Ah, por favor, né. Por que é que essa aí ainda se dá ao trabalho? Ela não passa de uma Nicki de quinta categoria — disse Owen.

Olivia riu.

— Sabe aquela história com o Drake? Ele nunca ia trabalhar com ela.

— Vocês estão falando do Drake... o rapper? — arriscou Heather.

— Sério, Heather. Nem tenta — disse Olivia. — Você não faz a menor ideia do que a gente está falando.

Owen ia colocar mais lenha na fogueira, mas foi dominado por outro bocejo, e aí Olivia bocejou também. Heather os levou lá para cima e apressou os dois para o quarto. Graças a Deus ninguém se opôs.

Escolheu um quarto para ela e Tom. Tinha vista para a rua, para o farol e era decorado num estilo meio asteca. Quando foi dar uma olhada para ver se as crianças queriam comer alguma coisa, encontrou as duas cochilando na cama.

Heather tirou os tênis de Owen e o cobriu com o edredom. Fez o mesmo com Olivia, fechou as cortinas e voltou para o quarto de casal. A organização do congresso providenciou uma garrafa de vinho tinto, provavelmente caríssimo. Ela a abriu, serviu-se de uma taça, chutou os tênis *slip-on* e tirou a camiseta e o jeans. Colocou um roupão e estava

prestes a entrar no banho quando notou a porta que levava à piscina no terraço. Era pequena, mas funcional.

O biquíni estava guardado numa das malas, mas o terraço era protegido por uma tela que oferecia privacidade. Heather levou a taça de vinho à borda da piscina, tirou o roupão e se jogou na água azul gelada. Ela se permitiu chegar ao fundo da piscina e deixou todo o longo caminho que tinha percorrido dirigindo, a terra, as dores e os desconfortos irem embora aos poucos.

Tudo foi muito mais estressante do que ela havia imaginado, as crianças vinte e quatro horas por dia sem escola nem amigos com que se distrair. Abriu os olhos e fitou o imenso céu azul índigo australiano pelas lentes da água da piscina. Parecia muito o céu do estuário de Puget, mas também estranhamente alienígena.

Já fazia trinta segundos que estava prendendo a respiração.

Ela sabia que seria uma viagem difícil, mas não tinha a menor ideia do quanto. Nos últimos cinco dias, praticamente não teve um momento só seu.

Crianças eram linhas de pesca que capturavam as pessoas em suas crueldades, vontades, dedos grudentos, dramas e decepções. O complexo industrial das mães fazia parecer que era tudo abraços, fogueiras e escolinhas de futebol, mas isso era papo furado.

Ela emergiu da água aos trinta e cinco segundos. Engasgou-se em busca de ar e percebeu que estava à beira das lágrimas. Engoliu o choro, e as lágrimas foram embora. Balançou a cabeça e saiu da água.

Lá dentro, passou pela porta errada e se viu dentro de um closet gigantesco com nada além de centenas de cabides. Havia um espelho enorme nos fundos. Fazia dias que Heather não via um. Foi sugada por ele. Sua mãe, pintora, dizia que a tristeza sempre vazava pelos olhos. Os olhos verdes de Heather pareciam mais cansados que tristes. Seu rosto estava um pouco bronzeado, e o cabelo havia clareado um tantinho por causa do sol. Tinha perdido peso, o que não era bom, porque era tudo massa magra. Não estava se exercitando nem praticando ioga. Parecia frágil, que nem aquelas garotas que seguiam o Charles Manson; quando Tom contava para as pessoas que ela havia crescido numa espécie de comunidade, dava para ver que pensavam naquele culto sexual Nxivm ou coisa pior. Claro que não tinha nada a ver com isso.

Ela pegou o celular, sentou-se de pernas cruzadas no chão e fez uma ligação.

— Alô? — disse uma voz feminina.

— Oi, sou eu.

— Ai, amiga! Estava me perguntando se um dia eu ia falar com você de novo. Tinha certeza de que um caroneiro matador ou uma aranha ia pegar você.

— Ainda não. Que horas são aí, Carolyn?

— Cinco e meia. Cinco e meia da tarde.

— Aqui é de manhã. A manhã de amanhã, eu acho.

— Cara, que doideira. Mas, falando sério, você está de olho nas aranhas, certo? E eu por acaso cheguei a avisar daqueles polvos-de-anéis-azuis que matam qualquer um em dez segundos?

— Avisou, amiga. Mas o engraçado é que tem bem poucos polvos-de-anéis-azuis no deserto, acredita? — disse Heather.

— Depois não vem colocar a culpa em mim quando eles pegarem você. Como é que vai o seu maridinho de ouro?

— Bem.

— Aposto que bem mesmo. Ele é um pedaço de mau caminho, aquele lá. E como vão os monstinhos? — perguntou Carolyn.

— Não fala assim deles.

— Ah, pronto! Eu sabia que você ia acabar com síndrome de estocolmo mais cedo ou mais tarde. Dá uma tossida aí pedindo socorro em código Morse se ele estiver ouvindo.

— Ele não está, e está tudo bem.

— Você vem me visitar quando voltar? Me mostrar as fotos e me contar como foi?

— Claro.

— Faz séculos que a gente não se vê.

— É que as balsas... É complicado.

— Ele não gosta quando você vem para cá, não é?

— Você está doida.

— É por causa das drogas, não é? Ele acha que a gente é um bando de degenerados. Você nunca devia ter contado das plantações de maconha. E é ele que dá para os filhos os tais “remédios controlados”. Como médico é hipócrita, e...

— Pelo amor de Deus, Carolyn, será que dá para mudar de assunto? Como andam as coisas aí em casa? Me fala do estuário. Como está o tempo aí? — interrompeu Heather.

— Me deixa ir na janela. Não dá para ver merda nenhuma. Neblina e chuva. Está chovendo.

— Sonhei que estava nevando. Como vai o Scotty?

— Daquele jeito. Ele veio me ver ontem. Só abriu a porta bem calminho e entrou. Fiz carinho, e ele pegou no sono no tapete mesmo.

— E você tem visto o meu pai?

— ã-hã. Ele está bem. Tem passeio de caiaque.

— E a minha mãe? — perguntou Heather.

— Nos dias bons, ela só joga tinta nas pessoas que passam.

— E nos ruins?

— Insiste para que a gente entre e veja a arte dela.

— Ai, nossa, que saudade de vocês. Mas agora estou vendo o

mundo, sabe?

— Me conta! Como é a Austrália?

— É linda! Árida, vermelha e tão bonita. E o povo aqui é superamigável.

— Já ouvi falar. Presta atenção: se você vir algum Hemsworth dando sopa, passa o meu número.

— Pode deixar — disse Heather. — E você está bem?

— ã-hã, estou ótima.

— Tem composto alguma música? — perguntou Heather.

— Não. E você?

— Não.

A linha ficou em silêncio. A estática foi invadida por certa tensão.

— Você sabe que estou muito feliz por você, não é, amiga... — disse Carolyn.

— Estou sentindo que vem um “mas” aí.

— Mas, cara, quando você partiu, disse que queria ser cantora ou atriz. Disse que queria voar...

— E agora eu não passo de uma dona de casa chata que despencou no chão toda troncha numa confusão de cera misturada com penas — disse Heather.

— Viu só? E você tinha talento. Tem uma letra de música nisso aí. Vai saber até onde você poderia ter chegado. Nova York? Hollywood?

Heather bocejou.

— É melhor eu ir, tenho que levar as crianças na praia daqui a pouco.

— Pelo amor de Deus, você está mesmo na mão desse cara, não é? Uma babá vinte e quatro horas por dia, que mora no serviço e com quem ele ainda dá uns amassos sem pagar um centavo.

— Não é bem assim — disse Heather.

— Não é? Seja sincera comigo, amiga. Não vou denunciar você para a Gestapo das Mães.

Heather suspirou.

— Olha, foi uma semana difícil. Um ano difícil, na verdade... É...

— São crianças ricas e mimadas, não é?

— Não, olha só, o problema sou eu, acho. Nunca fui tia, e você bem sabe que ser babá nunca foi a minha praia. Ninguém fala como crianças podem ser cruéis. Eu amo o Tom e sou muito grata por tudo o que ele fez por mim, mas é que... é cansativo às vezes.

— Claro que é. Até com crianças boazinhas.

— Elas não são terríveis, e tenho pena delas... A mãe...

— Você tem que se proteger, amiga! O importante é você e a sua vida. Vê se não acaba que nem a primeira esposa dele, bêbada e morta ao pé da escada.

— Carolyn! Você sabe que isso aí é uma mentira. Você sabe que

Judith tinha esclerose múltipla, problemas de equilíbrio...

— Estou só brincando. Eu trocaria de vida com você num piscar de olhos, mesmo com as crianças merdinhas, se achar que ele tem uma queda por ruivas geniosas.

— É bem capaz de ter mesmo. — Heather riu.

— Falando em bebida, vocês ainda vão fazer aquela visita a vinícolas que tinha comentado?

— Não sei. Tomara que sim — disse Heather e bocejou de novo. — Preciso dormir. Até mais, querida.

— Se cuida, amiga.

— Você também. Faz um carinho no Scotty por mim.

Ela desligou, entrou no quarto, deitou-se de bruços na cama e dormiu em questão de segundos.

Owen a acordou uma hora depois cutucando o seu pescoço.

— Era para você levar a gente para tomar sorvete — disse ele.

— Quê? Onde é que... Ah, é. Verdade. Praia e depois sorvete. Me dá cinco minutos.

Ela foi ao banheiro se arrumar e abriu a porta um pouquinho quando ouviu seu nome.

— Não conta para a Heather, mas eu achei uma vitrola lá embaixo — disse Olivia. — Tem um monte de vinil.

— Não conta para o papai também! Aposto que está cheio de música clássica.

— Pelo menos com a idade do papai até que combina. A Heather só ouve aquelas merdas hippies de *millennial*. Tenho medo de pensar no dia em que ela vai confessar que é da Lufa-Lufa e perguntar qual é a nossa casa de Harry Potter — disse Olivia.

— *Cringe* demais! — concordou Owen, e os dois riram.

Heather fechou a porta do banheiro e se permitiu soltar um “que merdinhas” bem baixinho. Já eram soldados infantis comprometidos com a guerra entre gerações. E, sério, se algum dos dois tivesse se dado ao trabalho de dar uma olhadinha nas *playlists* dela no Spotify, teriam achado Porridge Radio, Chance the Rapper, Vampire Weekend, Post Malone, Big Thief, The Shaggs... Ela suspirou e percebeu que era uma batalha que nunca ia vencer.

A casa tinha um ótimo estoque de protetor solar e toalhas de praia. Deu a Ritalina de Owen, o Lexapro de Olivia, e os três atravessaram a rua para a praia de St. Kilda. Owen quase nunca tirava o moletom, mas estava tão quente que Heather achou que até ele acabaria cedendo.

— Vamos lá, gente, deixa eu levar vocês na água — disse ela.

— De jeito nenhum — resmungou Owen, mas Olivia a seguiu até o mar.

Olivia era magra como o pai e tinha o cabelo loiro e a tez da mãe.

Tinha crescido bastante no último ano. A mente dela podia até estar de luto e funcionando mal, mas o corpo não sabia disso. Continuava espichando. Estava com 14 anos, mas qualquer um daria 16 ou até mais. Heather e Olivia entraram na água, mas estava fria demais. Owen molhou o pé e fez cara feia para as duas como quem diz “você me enganaram”.

Encontraram um restaurante simples que servia peixe com batata frita e sorvete no St. Kilda Sea Baths. Heather estava convencida de que ficaram devendo quase três dólares do troco, mas era tímida demais para discutir por isso. Ela voltou para perto das crianças em silêncio enquanto tomavam sorvete, e os três atravessaram a rua para voltar para casa. Certificou-se de que ambos tomassem banho e se secassem. Olivia tinha terminado toda a lição de casa e se ofereceu para ajudar Owen com um dever de astronomia para a aula de ciências. Olivia até que tinha se saído bem no último ano, mas o coitado do Owen estava tendo que repetir ciências. Owen recusou a ajuda, e uma briga teve início. Heather colocou os dois para verem um filme do Godzilla na TV.

Estava exausta. Mas sabia que era o preço a pagar — para ficar com Tom, precisava ficar com as crianças. E ela queria ficar com Tom. Amava Tom não apesar das suas maniazinhas e esquisitices, mas por causa delas — o pacote completo. A inteligência, o luto, a meticulosidade, o humor de tio do pavê, o jeito como a primeira coisa que fazia no dia era olhar para ela, a forma como tinha mudado por Heather. Quando contou o que escroto significava, ele não revirou os olhos como o Tom de três meses atrás faria. Ainda tinha um pouco do ar de superioridade, mas estava tentando ser um homem melhor.

Ela falou para as crianças que ia dar uma caminhada. Deu a volta no quarteirão e encontrou um 7-Eleven. O vendedor falou que o maço de Marlboro custava vinte dólares e, depois que ele mostrou a etiqueta de preço, ela acreditou. Heather fumou dois cigarros e escutou “Bet My Brains”, do Starcrawler, no caminho de volta.

As crianças estavam curtindo o filme.

Tom mandou para ela por mensagem várias “piadas” para quebrar o gelo na grande palestra que daria no congresso e perguntou: Engraçadas ou não?

Ela ficou com pena de responder Não, mas tentou não se esquecer de lhe dizer que contasse só uma piada, no máximo.

Quando *Godzilla* acabou, ela abriu o armário que dizia PARA MATAR O TÉDIO. As crianças grunhiram, mas ela se impôs e decidiram jogar Risk. Depois de encontrar um aparelho de som, ela ignorou os CDs dos Beatles e colocou Mozart para tocar.

Quando Tom chegou às seis parecendo acabado, Olivia já tinha conquistado quase o mundo inteiro. Ele se sentou no sofá feliz da vida

e ficou assistindo, satisfeito com o fato de que as crianças estavam fazendo alguma coisa das antigas e adorando. Ela lhe trouxe uma taça de vinho e, enquanto iam para a cozinha, Olivia destruiu a última resistência da Ásia.

— Como foi o dia? — perguntou Tom.

— Todo mundo tirou uma soneca, e depois levei as crianças para a praia. E o seu?

— Foi divertido. Conheci os mandachuvas locais em cirurgia ortopédica e a gente ficou contando histórias sobre joelhos. O povo daqui tem o joelho tão ruim quanto nos Estados Unidos. Graças a Deus — disse Tom, beijando-a.

— Vocês viram que eu ganhei? Ah, não, sem beijos! — disse Olivia, triunfante, vindo para a cozinha com Owen logo atrás.

Tom riu.

— Olha, tenho várias recomendações de lugares para a gente jantar. E amanhã, enquanto eu trabalho na minha palestra, vocês podem descansar.

— Que descansar o quê! A gente não viu nenhum bicho legal desde que chegou — disse Owen. — O Jake me disse no Instagram que acha que eu estou é em Utah.

— Tenho certeza de que o Jake está só provocando você.

— Por favor, pai! A gente não pode ficar só aqui! Temos que explorar um pouco antes de voltar para casa! A gente tem que pelo menos ver uns coalas. Por favor, por favor, por favor! — disse Owen, e até Olivia se juntou à comoção e entooou apenas um “por favor” derradeiro meio sarcástico.

— Eles têm um bom argumento — opinou Heather.

— Você não queria ver aquelas vinícolas de que a gente falou? — perguntou Tom.

Heather fez que não.

— Vamos fazer alguma coisa com as crianças.

Cansado, Tom acenou positivamente com a cabeça.

— Está bem, vou pensar — disse.

Tom acordou pouco antes de amanhecer. A inevitável carga de adrenalina depois de um dia cheio encontrando gente o fez cair no sono direto. Heather ressonava suavemente quando ele, com cuidado, levantou-se. Ele a observou por um tempo e abriu um sorriso largo. Ela era incrível. Tão divertida, madura e gentil. As crianças ainda não estavam cem por cento convencidas, mas chegariam lá. Judith não teria vindo para a Austrália por nada nesse mundo, mas, para Heather, tudo era uma aventura.

Ele foi para o terraço, sentou-se ao lado da piscina e, respirando fundo e focando o momento, meditou por dez minutos. Depois, fez cinquenta flexões seguidas de cinquenta abdominais. Seguiu essa rotina desde os primeiros dias na faculdade de medicina, um jeito de acalmar a mente e se manter concentrado. Jamais teria conseguido suportar o ano anterior sem esses rituais matinais.

Em seguida, Tom desceu a escada, tomou um copo de água e ligou para a locadora de carros. Ficou irritado quando descobriu que o Porsche Cayenne que tinha reservado já não estava mais disponível. Teria que pegar ou o E-Hybrid ou um Turbo mais antigo.

— Eu queria o Cayenne novo. Liguei ontem à noite para falar disso — disse ele, tentando controlar a raiva.

— Peço desculpas, senhor, mas não temos nenhum disponível. O cliente anterior pegou o último. Temos o Turbo ou o E-Hybrid. O híbrido é nosso Porsche que mais sai, é...

— Não, obrigado. É uma viagem longa. De jeito nenhum que eu confiaria num híbrido!

— Temos um SUV da BMW para...

— Vou pegar o Turbo. Consegue entregar aqui às nove em ponto? Quero sair cedo. Estamos na Wordsworth Street, número três, em St. Kilda.

— Claro, senhor.

Espumando de raiva, Tom desligou. Ninguém fazia o trabalho direito. Ninguém.

Ele se trocou, colocou uma bermuda e uma camiseta, calçou os tênis e saiu para uma corrida à beira-mar. Depois, subiu até a piscina. Mergulhou e deu uma ou duas voltas completas antes de entrar de novo em casa. Tomou um banho e, como o espelho estava embaçado, barbeou-se com a lâmina elétrica usando a câmera do celular. Tinha emagrecido na viagem, o que lhe caía bem. Estava parecendo um Ted Hughes jovem.

— Você conseguiu, cara. Sobreviveu ao último ano. Que orgulho, meu parceiro — disse para o Tom na câmera do telefone. — Um artigo na *Journal of Orthopedic Surgery*. Congressos internacionais. Foi o orador principal de vários eventos importantes. Sucesso aos 44 anos. Quem teria imaginado? Se Judith pudesse ver você agora, ficaria feliz.

O Tom da câmera do celular refletiu sobre isso por um segundo e lentamente meneou a cabeça.

Ele se enrolou numa toalha e entrou no quarto. Heather veio de um closet que ele sequer tinha notado que existia. Estava de robe ouvindo “212”, aquela música que ela adorava e ele odiava.

— Onde você estava? — perguntou Tom.

— Nárnia — respondeu ela.

Tom deu um sorriso.

— E fez alguma coisa interessante por lá?

— Coisas de rainha... E, sabe, eu consigo tirar a minha túnica real num piscar de olhos — sussurrou.

— As crianças?

— Dormindo que nem pedra.

Ela se despiu, ele se despiu, e os dois caíram na cama. Transaram pela primeira vez desde que saíram dos Estados Unidos e chegaram ao clímax juntos enquanto a luz do sol entrava pelas persianas. Heather descansou no peito de Tom.

Ela lhe deu um beijo no queixo.

— Você deixou uma barbinha aqui.

— Já, já eu arrumo.

— Eu gostei. Dá um visual hipster, meio Frank Zappa.

Tom fez que não com a cabeça.

— As pessoas gostam que médicos sejam bem sem graça. Sem graça, calmos e competentes.

— Você é duas dessas três coisas — disse Heather, beijando-o de novo.

Tom fechou os olhos.

— Esse ano foi difícil para todos nós. Mas eu estou tentando, não é?

— Está — disse Heather. — Todo mundo está.

— Eu te amo de verdade, querida — falou Tom e retribuiu o beijo.

— Também te amo... Espera aí, está tudo bem? Você está com uma ruga de preocupação na testa.

— Não consegui o carro que eu queria. Eu queria o novo Cayenne com GPS avançado, câmera de ré e sistema antiacidente, mas eles só tinham o...

A porta foi aberta e uma Olivia sonolenta entrou.

— A que horas a gente sai? — perguntou ela enquanto Heather se cobria.

— Assim que o Owen se levantar. E, olha, se a gente tem mesmo que fazer essa viagem, precisamos ir cedo para voltar cedo. Tenho que trabalhar na minha palestra. O pessoal do congresso vai colocar no YouTube — disse Tom.

Olivia foi rápido para o corredor.

— Levanta, Owen! Você está atrasado — gritou ela.

Owen grunhiu uma resposta, e os dois começaram a brigar. Tom deslizou para fora da cama, correu para a porta do quarto e a fechou. A discussão foi abafada na mesma hora.

— Achei que você ia dar um fim na briga — disse Heather.

— Lição básica de paternidade, amor: o que não se vê nem se escuta não está acontecendo.

Apesar da briga, uma hora depois estavam na estrada num Porsche Cayenne laranja-vivo rumando para o sudeste de Melbourne. A rodovia era grande e nova, cortando sem piedade os monótonos bairros de classe média da zona leste de Melbourne. O Porsche era tão confortável quanto se podia esperar, embora fosse um troço esquisito com um “snorkel” enorme na frente para atravessar cheias de rios.

Nada de cheias hoje. Eles estavam a dezesseis mil quilômetros dos Estados Unidos, mas a paisagem, refletiu Tom, podia muito bem ser de um bairro de classe média qualquer. Targets, Walmarts e galerias comerciais. Mas até que era interessante. Aquilo, imaginou ele, era a Austrália de verdade, longe das rotas turísticas, onde as pessoas de fato moravam.

Dirigiram pela península de Mornington, e os bairros foram gradualmente diminuindo e dando espaço para o interior montanhoso do país. Heather apontou para alguns cucaburras e grandes corvos nos fios telefônicos frouxos. Ela tirou foto de um lóris e mandou para Carolyn.

As crianças, por sua vez, não estavam interessadas nos pássaros e ficavam cada vez mais frustradas.

— Cadê os cangurus? Cadê os coalas, caramba? — exigiu Owen.

Tom olhou para ele pelo retrovisor e franziu a testa. Aquele garoto era tão diferente da irmã. Se tivesse ganhado uma viagem para a Austrália quando tinha a idade de Owen, Tom teria curtido cada segundo. Agora Owen ficaria de mau humor até que voltassem e ele tomasse seu diazepam. Tom estava prestes a falar umas verdades para o filho quando Heather colocou a mão na coxa dele.

— Pessoal, querem ouvir uma que o seu pai me contou ontem? — disse ela. — Tecnicamente, coalas não são ursos. Sabem por quê?

— Pai, por favor, não deixa ela terminar a piada! As suas já são ruins o bastante — implorou Olivia.

— Porque eles não têm *coalificação* para isso — terminou Heather, e as duas crianças cobriram o rosto com as mãos.

A estrada ficou mais esburacada e se afunilou para uma só mão conforme se aproximavam da costa. Wi-Fi, Siri e Google Maps pararam de funcionar.

Era mais um dia quente lá fora — 41 graus —, mas, dentro do carro, todo mundo tinha uma garrafinha de água que pegou no Airbnb e estava fresquinho, 20 graus.

Era meio-dia, e eles não tinham visto muita coisa, e Tom queria voltar para Melbourne para trabalhar na palestra sobre artroplastia de joelho. As crianças estavam com fome, então pararam numa banquinha de comida. A fumaça de uma churrasqueira nos fundos lutava contra um persistente enxame de mosquitos. Um velhote desgrehado lá pelos 50 anos vendia cerveja, refrigerante e “salsicha na chapa”, que, ao que tudo indicava, eram pães de fôrma com salsicha.

Heather, Olivia e Owen pegaram sanduíches por caríssimos cinco dólares cada. Tom recusou e, em vez da salsicha, optou por uma lata de cerveja. Sentaram-se a uma mesa de piquenique à sombra.

Sem sinal de telefone, Tom pegou seu enorme livro de contos e peças de Tchekhov. Owen tirou o dever de astronomia das últimas páginas da apostila de ciências e o encarou com raiva por um minuto ou dois.

— É impossível — murmurou, por fim.

— Posso ajudar você com isso aí — ofereceu Olivia.

— Não preciso da sua ajuda — respondeu Owen, com raiva.

Um motorhome velho da Volkswagen estacionou, e um casal magro de cinquenta e muitos ou sessenta e poucos anos saiu. Pegaram duas latas de Victoria Bitter e se sentaram à mesa livre na sombra. Não dava para os casais não se cumprimentarem.

— O meu nome é Tom e essa aqui é a minha esposa, Heather, e esses são os meus filhos, Owen e Olivia — disse Tom.

— O meu é Hans e o dela é Petra — respondeu Hans.

— A gente é dos Estados Unidos. Lá de Seattle — disse Tom.

— Nós somos de Leiden, na Holanda. Eu sou engenheiro. Venho de uma longa família de engenheiros. Engenheiros automotivos.

— Ah, é?

— ã-hã. Meu bisavô inventou o volante.

Owen ergueu a cabeça do dever de casa.

— Foi o seu avô que, tipo, inventou o volante? — perguntou ele,

incrédulo.

— Meu bisavô.

— Ele que contou isso para você? — perguntou Owen.

— Foi.

— Duvido — disse Owen, meneando a cabeça.

— E o que você faz, Petra? — perguntou Heather à mulher.

— Sou socióloga — respondeu a senhora.

Owen continuava olhando para Hans com todo o ceticismo que um garoto de 12 anos tem. Começou a ficar meio desconfortável.

— Acho que está quente demais aqui. Vamos comer no carro — anunciou Hans.

O casal voltou para o motorhome.

— Owen, por que você falou desse jeito com o cara? — perguntou Tom depois que ficaram sozinhos.

— Não falei nada de mais. Eu acreditei real nele. Até porque foi a *minha* tataravó que inventou a colher. Antes, só tinha garfo — disse Owen.

— E o nosso tataravô inventou o fogo — disse Olivia.

Heather, Owen e Olivia estavam rindo agora, e Tom começou a rir também.

Uma Hilux estacionou, e dois homens saíram do carro. O maior usava uma espécie de chapéu de caubói, calça jeans, camisa xadrez vermelha e botas. Tinha uns 25 anos, barba preta cuidadosamente aparada, sobrancelhas escuras e olhos azuis. Era bonito, pensou Tom, para quem gosta desse tipo de homem mais bruto e fã da natureza. O segundo era um pouco mais baixo, devia ter um e oitenta. Era mais velho, uns cinquenta e poucos talvez, e careca. Era magro, esguio e parecia um tanto ameaçador. Tinha uma cicatriz na bochecha esquerda e uma tatuagem antiga no pescoço que talvez um dia tivesse sido uma âncora. Estava de macacão e galochas e sem camisa.

Tom olhou para o relógio. Era meio-dia.

— Hora de voltar, pessoal — disse.

— A gente nem viu um coala! — protestou Olivia.

— A gente não viu nada! — acrescentou Owen.

— A gente fez o que dava. Mas tenho que voltar para trabalhar — explicou Tom.

Owen deu um chique: Tom era o pior pai do mundo. A viagem estava um saco. Por que é que tinham se dado ao trabalho de ir até a Austrália se não iam ver nada? Olivia cruzou os braços, balançou a cabeça e fez cara feia com toda a sua força.

Tom olhou para Heather, mas ela não tinha como ajudar com aquela situação.

— Licença, parceiros — disse uma voz. Era o mais alto dos dois homens. — Desculpa me meter, mas acabei ouvindo. Os seus filhos

querem ver um coala?

— Quero! — disse Olivia.

— Venham comigo — disse o sujeito.

A família foi atrás dele até a traseira do Toyota, onde, numa gaiola debaixo de um cobertor, havia um coala dormindo.

— Aaaah! A gente pode segurar ele? — perguntou Olivia.

— Isso não vai rolar, foi mal — disse o homem. — Eles são muito vulneráveis a doenças, e vocês são dos Estados Unidos, pelo que entendi.

— Isso, de Seattle. Meu nome é Tom e esses são Heather, Olivia e Owen.

— O meu é Matt, e esse experimento que deu errado aqui é o Jacko, meu irmão.

— Ô! Olha essa boca! — rosnou Jacko.

— E de onde veio esse carinha? — perguntou Heather, apontando para o coala.

— A gente é lá do outro lado da baía, de uma ilha particular. E lá tem coala por tudo que é canto. E cangurus, equidnas e vombates. É tipo um Jurassic Park, parceiro — disse Jacko.

As crianças se viraram para o pai.

— A gente tem que ir lá! — pediu Olivia.

Tom fez que não com a cabeça.

— Você disse ilha *particular*?

— É, foi mal, mas nada de visitantes — respondeu Matt.

— Pai! — protestou Owen, e Olivia adicionou um suspiro teatral de quem não podia acreditar.

Tom olhou para eles. Passaram por um ano difícil. E ele vinha sendo tão rigoroso na viagem. Quem sabe um pouco do jeitinho sujo estadunidense resolvesse.

— Tem uma balsa? A gente pode pagar — disse Tom.

Matt fez que não com a cabeça.

— Balsa até tem, mas a questão não é dinheiro. A mãe não gosta de visitantes. A ilha Holandesa é dela, sabe?

— Quanto dinheiro? — perguntou Jacko.

Tom havia sacado trezentas pratas no aeroporto de Alice Springs e tinha recebido o cachê de setecentos dólares do congresso. Tinha quase mil dólares australianos. Abriu a carteira.

— Quatrocentas... Quinhentas pratas? Só para ver e quem sabe bater uma foto ou outra? Para as crianças — disse.

— Esses ianques! Nem tudo tem um preço, parceiro! — disse Matt, meneando a cabeça com desgosto.

Mas Jacko jogou um braço nos ombros de Matt e o puxou por um minuto. Os dois começaram uma discussão furiosa. O casal holandês chegou a sair do motorhome para ver o que estava acontecendo.

— Ele disse ilha *Holandesa*? — perguntou Hans.

— Se você pagar novecentos, aí vai dar trezentos para cada um. Para mim, para o Matt e para o Ivan, que é o cara da balsa — propôs Jacko, voltando. — Mas vai ter que ser jogo rápido. Só umas fotinhas e depois é zarpar de novo.

— Novecentos! Aí já é loucura — protestou Tom.

Isso dava o quê? Quinhentos dólares americanos?

— Pai! — choramingou Owen mais uma vez.

— Acho melhor a gente voltar logo para Melbourne — disse Heather.

— Aí são vocês que saem perdendo. É um lugar muito especial — disse Jacko. — É único. Tem animais por todo lado. A gente produz a nossa própria eletricidade. Planta a própria comida. Não tem celular, nem imposto, nem lei. Quando foi a última vez que um policial deu as caras por lá mesmo, Matty?

— Antes da minha época — disse Matt. — Mas não é isso que...

— Coalas, pássaros e até uns pinguins — continuou Jacko.

— Tem até pinguim, pai! — disse Olivia.

— Seiscentos é o meu limite — insistiu Tom.

— Se nós pudermos ir também, pagamos a diferença — ofereceu Hans.

Matt não parava de sacudir a cabeça, mas o sorriso feroz de Jacko só se alargava mais e mais.

— Acho que chegamos a um acordo, parceiros.

O comboio de veículos parou num cais de madeira decrépito que mais parecia um membro ossudo cutucando a baía. A balsa era uma embarcação de fundo chato e contava com um motor diesel, uma cabine minúscula para o caso de o tempo ficar ruim e uma rampa de cada lado. Muito parecida com as balsinhas que se viam no estuário de Puget.

Ivan, o piloto, era um sujeito alto e robusto com uns 50 anos, um longo cabelo grisalho e olhos verdes injetados. Estava fumando e usava um macacão pesado de brim mesmo com o calorão que fazia. Ficou surpreso quando viu os três carros, mas, quando Jacko lhe deu trezentas pratas, ele enfiou a grana no bolso e fez que sim.

Tom entrou dirigindo primeiro, seguido pelo casal holandês e pelo Toyota.

Saíram dos carros enquanto Ivan soltava os cabos de aço que prendiam a balsa na costa. Com uma vara, o piloto afastou a balsa de um monte de pneus velhos que protegiam a doca, depois ligou o motor, e lá foram eles.

— Se querem ver tubarões, indico irem para bombordo. Ou, para vocês que não entendem nada do mar, o lado esquerdo da balsa — disse Ivan, enquanto apagava um cigarro e acendia outro, e Jacko assumiu o leme.

Todos foram para bombordo e conseguiram ter um vislumbre da barbatana de um tubarão-tigre, o que fez Owen agradecer todos com um sorriso.

— Qual o tamanho da ilha? — perguntou Tom.

— Cinco quilômetros de largura — respondeu Ivan. — E três de comprimento.

— Cadê os coalas? — perguntou Heather.

Matt veio da balaustrada de sotavento. Havia tirado o chapéu. Com seus longos cabelos castanhos, Heather achou que ele parecia um daqueles caras dos comerciais de absorvente dos anos noventa que as mulheres iam cavalgando encontrar.

— Os coalas vão estar nas árvores — respondeu Matt. — Olha, vocês não dirijam para longe do cais. Não tem internet nem Wi-Fi, então é fácil se perder. E definitivamente fiquem longe da fazenda que fica no meio da ilha.

— Eu ia gostar de ver uma fazenda australiana — disse Tom.

— Não! — negou Matt. — Não era nem para vocês estarem na ilha. De qualquer forma, nem tem nada para ser visto. É uma fazenda que agora a gente só mantém por passatempo. Ovelhas, cabras, um gerador e um poço. Só para a gente. Só para a família.

— Então vocês vivem do quê? — perguntou Tom.

— O governo federal manteve uma prisão no fim da estrada aqui de 1920 até o fim dos anos oitenta. Pagavam aluguel, e a gente vive do que sobrou desse dinheiro. Tentaram transformar em ponto turístico depois que a cadeia fechou, mas a mãe colocou um ponto-final nessa história.

— Ô, se colocou — murmurou Ivan.

— Olha lá! Outro tubarão! — disse Owen.

Ele pegou o braço do pai e o levou até a frente da balsa, onde Olivia estava. Hans foi atrás deles e deixou Matt sozinho com as duas mulheres.

— Tem quantas pessoas na ilha? — perguntou Petra depois de um tempo.

— Incluindo as crianças, umas vinte e cinco ou vinte e sete, por aí, acho.

— Tem escola lá? — perguntou Heather.

— As mais velhas estudam num internato. Os mais novos fazem *homeschooling*, se é que vocês sabem o que é isso.

Heather sorriu.

— Eu sei. Fui educada em casa também.

— Em Seattle? Pensei que era uma cidade grande — disse Matt, parecendo, quem sabe, um pouquinho mais amigável.

— Eu me mudei para Seattle faz poucos anos. Cresci numa ilha pequenininha também. Ilha de Goose, no estuário de Puget.

— E como era? — perguntou Petra, genuinamente curiosa.

— A gente se mudou para lá quando eu era pequena. Depois que os meus pais saíram do Exército. Era como se fosse uma colônia de artistas — explicou Heather, curtindo a experiência de contar um pouco da sua história para completos desconhecidos. — Foi fundada nos anos setenta, mas acabou atraindo muitos ex-militares com transtorno de estresse pós-traumático e coisas desse tipo. Lá tem arteterapia. E natureza. É um lugar bem tranquilo. Ficou... hum... muito pequeno para mim, aí me mudei para Seattle.

— Eu fiz o contrário — disse Matt. — Que nem os seus pais. Me mudei para cá. Casei aqui. Não tenho o sangue da família. Sou genro.

— É meio... hum... no meio do nada, não é? — sugeriu Petra.

— É o objetivo. Cresci num flat em Melbourne. Mãe solo. Os bondes elétricos, os carros, a gritaria... Essas coisas da cidade me deixam maluco. Vim para cá com a Tara, a segunda filha. Só que elas brigavam que nem cão e gato. Ela deu o fora, mas eu fiquei. Aprendi técnicas de sobrevivência na natureza aqui, sem falar que vejo uns cem pássaros diferentes quando saio para caminhar de manhã.

— Sobrevivência na natureza? Pássaros? Você e o meu pai iam se dar superbem — disse Heather.

— Pelo jeito, ia mesmo. Aquele ali não é o seu pai, ou é? — perguntou Matt.

— Não! Tom é o meu marido! — respondeu Heather, corando.

— É que você mal parece ter idade para ter filhos — disse Petra.

Heather olhou para Tom e as crianças.

— Sou a segunda esposa dele. A primeira, Judith, morreu faz um ano — explicou ela baixinho.

— Ai, não. Coitadinhos — lamentou Petra. — Mas tenho certeza de que você deve trazer conforto para eles.

Eu tento, articulou Heather com a boca, mas não falou nada.

Matt tentou e não conseguiu acender um cigarro. Heather lhe emprestou um Zippo, e aí deu certo.

— Tem algum descendente de aborígenes aqui? — perguntou Petra.

— Não. Olha, a nossa ilha *não é* um ponto turístico — insistiu Matt.

— A gente deu um belo de um jeito neles. Traçamos uma linha negra naqueles malditos — disse Jacko quando ele e Ivan trocaram de lugar no leme.

— Linha negra?

— Vocês já ouviram falar da Linha Negra da Tasmânia, né? — disse Jacko.

Heather e Petra fizeram que não.

— Dois mil homens sob o comando do major Sholto Douglas marcharam pela Tasmânia e capturaram todos os aborígenes que sobraram. Mataram um monte deles — disse Jacko, feliz da vida. — Fizeram a mesma coisa aqui na ilha Holandesa pouco depois.

— E os caminhos do sonho? — perguntou Petra.

— Um deles veio aqui uns anos atrás com esse papinho. Lembra, Matt? — disse Jacko.

— Lembro — respondeu Matt.

— Ele veio e falou que, como não tinha nenhum nativo, a nossa terra não tinha Sonhos. A audácia. Uma fraude do cacete. Mas a mãe sacou direitinho qual era a do sujeito. Aquela conversinha sobre demônios e *bunyips*. A mãe mandou que o Ivan e eu fôssemos atrás dele com as nossas espingardas! Tinha que ver o cara correndo! — contou Jacko, morrendo de rir.

— Puxa vida — disse Petra e se virou para Heather, que estava de olhos arregalados, apreensiva.

O desconforto de Heather aumentava conforme a balsa barulhenta se aproximava implacavelmente da costa. Para se distrair, ela ficou observando Ivan controlar o leme com o pé e jogar uma linha de pesca na água.

— O que ele está pescando? — perguntou-se Heather em voz alta.

— Se tem tubarão por aqui, deve ter peixe grande tipo salmão ou atum — respondeu Petra.

— Você pesca, Petra? — perguntou Heather.

— Ah, pesco, sim. Hans e eu pescamos de fly na Alemanha — disse Petra. — E você?

— Não pesco mais. O meu pai cresceu pescando de fly no Kentucky, mas, nossa, os pescadores de verdade da família são do lado da minha mãe. A mãe dela, a minha avó, cresceu na Reserva Makah. A minha mãe dizia que eles conseguiam pescar qualquer coisa do mar. Até baleias.

— É melhor ele parar com a pescaria. A gente já está chegando — disse Matt. — Última chance de usar a casinha, gente.

Olivia puxou a manga de Heather, que ergueu a mão igual a uma criança na escola.

— Por acaso “casinha” é o banheiro? — perguntou ela a Matt.

Matt sorriu para ela.

— Isso mesmo, parceira, fica ali dentro da cabine. Só não se esquece de acender a luz e ver se tem alguma aranha antes de sentar.

Olivia olhou para Heather e fez que não com a cabeça.

— Com que tipo de aranha devo me preocupar? — perguntou Heather.

— Vem comigo, eu verifico para vocês. Viúvas-negras da Austrália. São umas cretinas, se quer saber. Se escondem embaixo do assento da privada de vez em quando. Podem matar em alguns casos. — Matt foi até o pequeno banheiro, abriu a porta e deu uma olhada. — Está seguro.

— O que que é aquela coisa? — perguntou Olivia, apontando para uma aranha enorme na outra ponta da parede.

Era uma coisinha marrom e peluda do tamanho da mão dela.

— Ah, essas aí são inofensivas. É uma aranha-caçadora-gigante. Inclusive, fazem um baita favor pra gente. Elas comem moscas. Não vão machucar você — disse Matt.

Olivia não se sentiu nem um pouco mais tranquila.

— Vou segurar — disse ela.

— Tem certeza, querida? — perguntou Heather.

— Tenho! — respondeu Olivia, envergonhada.

A menina cruzou os braços e foi, brava, até a proa da embarcação

ficar com Owen e o pai.

— O banheiro é ok? — perguntou Petra a Heather.

— Se você tiver problemas com aranhas, não acho que seja uma boa ideia usar — respondeu Heather.

Matt assumiu a direção enquanto Ivan se juntava a Jacko na frente da balsa. Jacko causava arrepios em Heather, e não passava despercebido por ela que os dois homens cobiçavam Olivia. Não teve certeza de início, mas então viu Jacko dar uma cotovelada nas costelas de Ivan para chamar a atenção dele quando Olivia se abaixou para pegar alguma coisa do deque. Heather sabia lidar com esses assédios revirando os olhos e dando uma resposta atravessada, mas Olivia não estava acostumada a receber esse tipo de atenção nojenta de homens mais velhos. Com olhos azuis, pernas compridas, cabelo loiro e um belo rosto, ela ia arrasar corações dali a uns três ou quatro anos. Mas não agora. Heather ia comentar alguma coisa, mas, felizmente, estavam chegando à costa, e os dois ficaram ocupados rebocando a balsa ao passo que Matt desligava o motor e a embarcação deslizava até o cais de concreto.

— É isso aí, minha gente, entrem nos seus veículos! Não passem de meia hora, no máximo quarenta e cinco minutos, e aí levo vocês de volta — anunciou Ivan enquanto abaixava a rampa da balsa.

— Isso aí, tirem foto dos coalas e voltem antes que a mãe comece a reclamar — murmurou Jacko.

— Tomem cuidado e não demorem, é sério! — acrescentou Matt, dirigindo-se a Heather.

Eles entraram no Porsche e foram explorar a ilha. Heather ficou aliviada de voltar para o ar condicionado. A Austrália era sua primeira experiência num clima tão quente, e já havia decidido que não era a sua praia. A estrada que partia do píer seguia para o leste. A paisagem não tinha nada de inspiradora. Não havia coalas em lugar nenhum, só um descampado cheio de grama recém-queimada e um ou outro eucalipto com um corvo. Heather olhou para aquela vastidão lúgubre amarela e marrom e teve a sensação de que havia levado uma boa rasteira.

— Que porcaria! — disse Owen, dando voz ao que todos estavam sentindo.

— E se a gente for mais para a frente? — sugeriu Tom.

— Acho que é para a gente ficar perto da orla — disse Heather.

— A gente pagou, então vai, sim — retrucou Tom, irritado e acelerando o Porsche.

Atravessaram um cruzamento e chegaram ao que imaginavam que fossem os restos da antiga prisão. Uma casa e alguns prédios em ruínas cobertos de líquen e musgo. Um homem magricela e grisalho saiu das sombras de uma das construções e, furioso, acenou para que

desacelerassem. Tom parou o carro e abriu a janela.

— O que vocês estão fazendo aqui? — perguntou o sujeito, chocado.

— A gente... hum... está procurando coalas e...

— Vocês têm que ir embora. Isso aqui é propriedade particular. É perigoso. Vocês precisam sair. Agora!

Heather agarrou o joelho de Tom.

— Não estou gostando *nada* daqui.

O homem bateu no Porsche com seu bordão.

— Saiam! — gritou.

Tom fez que sim e fechou o vidro. Estava tão assustado quanto todos os outros. Dirigiram de volta até o cruzamento.

— Para que lado? — perguntou Tom, nervoso.

— Esquerda! — disse Owen.

— Em frente — disse Heather.

— Acho que é para virar à direita — disse Tom.

Ele pegou a via da direita, que logo virou uma estrada de terra com mato alto dos dois lados.

— Merda! Caminho errado! — disse Tom.

Deram meia-volta e voltaram para o cruzamento.

— O moço da balsa disse para a gente ficar quarenta e cinco minutos no máximo — falou Olivia, verificando o relógio do celular.

— Não se preocupa, vai dar tempo de sobra — disse Tom.

Ele pisou fundo, e o Porsche acelerou. A estrada fez uma curva. O sol quase diretamente acima deles já mergulhava para o horizonte. Alguma coisa azul chamou a atenção de Heather.

— Cuidado! — gritou ela.

Uma mulher de vestido azul numa bicicleta apareceu vindo de uma rua secundária, completamente alheia ao Porsche indo para cima dela. Heather teve uma sensação momentânea de leveza. O carro não chegou a sair do chão nem nada do tipo; o Porsche estava cem por cento em segurança. A sensação vinha de outro ramo da física. Era uma impressão de que a sua vida tinha ido parar num daqueles multiversos dos quais Tom sempre falava. Num universo, Tom ligou para a locadora cinco minutos mais cedo, e eles conseguiram alugar o Porsche que contava com radar e sistema antiacidentes. Neste universo, o real, Heather gritou:

— Tom!

Neste exato instante, a mulher de bicicleta desapareceu sob a frente do SUV.

Os freios a disco eram potentes, mas o Porsche estava muito rápido.

— Ai, meu Deus do céu! — gritou Tom quando o carro atingiu a bicicleta com um baque nauseante.

O carro derrapou por uns vinte metros até acabar numa vala de drenagem. Os airbags se inflaram, e Heather foi puxada com tudo para trás pelo cinto de segurança. Eles pararam, mas o motor morreu e as rodas continuaram girando.

Heather abriu os olhos.

O mundo estava trinta graus torto na horizontal. Havia mato alto dos dois lados da estrada. Não viam a mulher e a bicicleta em lugar nenhum. O airbag esvaziava lentamente à frente dela.

Heather torceu o pescoço e enfiou as unhas da mão esquerda no punho. Havia aprendido a fazer autotriagem com os pais. Analisou a si mesma em busca de algum sangramento ou ossos quebrados, mas sabia que estava relativamente bem. Soltoou o cinto e se virou para olhar as crianças.

Os airbags laterais do banco traseiro haviam inflado e esvaziado. Olivia estava atordoada, mas parecia bem. Owen cortou a bochecha no cinto.

— Você está bem, Owen? — perguntou ela.

Os olhos dele encontraram os de Heather, e o garoto fez que sim.

— Fala! Me diz se está bem ou não.

— Estou bem — confirmou ele.

— Que bom. Olivia, você está bem?

— Acho que sim. O que aconteceu?

— Batemos em alguma coisa? — perguntou Owen.

Heather olhou para Tom. O airbag o estava pressionando contra o banco. O lado do motorista havia entrado na vala, e o corpo dele estava inclinado para longe dela.

— Tom? Tom! Você se machucou? — perguntou Heather.

— Quê? Não... Não... machuquei. Cabeça... janela — grunhiu ele.

— Me deixa ver.

Ele bateu a cabeça na janela e arranhou a testa. Estava claramente desorientado, talvez tivesse sofrido uma concussão.

Nos últimos seis meses, Tom fez tudo por ela. Abriu portas, pagou contas, brigou com garçons, zerou a dívida do cartão de crédito, dirigiu o tempo todo e cuidou de todas as emergências. Mas ele precisaria de alguns minutos para se recuperar, e as crianças não podiam...

Ela teria que...

— Eu vou — disse. — Crianças, quero que vocês fiquem no carro por enquanto. Tirem o cinto. Olivia, ajuda o seu irmão.

O ombro de Heather doía no ponto pressionado pelo cinto. Ela tirou o airbag vazio do caminho e encontrou a maçaneta. Os dedos formigavam e o braço parecia de borracha. Ela forçou a porta, mas nada aconteceu. Colocou mais força e mesmo assim nada. Deu um chute naquela filha da puta, e aí, sim, ela se abriu.

O calor a atingiu como uma onda.

Tinha se esquecido do calor. O ar-condicionado devia estar no talo.

Ela saiu do carro e caiu no chão. Suas mãos queimaram no asfalto.

Quando se levantou, respirou fundo e foi aos trancos até a frente do SUV. A mulher não estava lá. Foi atravessada por uma tênue esperança. Ela correu os olhos pelo mato dos dois lados da estrada. Era tentador imaginar que Tom havia, de alguma forma, desviado dela, mas Heather sabia muito bem que isso não tinha acontecido. Sentiu a bicicleta sendo amassada embaixo dos pneus.

Ela se abaixou sobre um joelho e olhou embaixo do carro. E lá estava, uma bicicleta sob a roda esquerda traseira. Correu até a parte de trás do carro e viu o corpo terrivelmente esmagado a três metros.

Ela correu e se ajoelhou ao lado da mulher.

— Você está... Ai, meu Deus.

As pernas estavam torcidas para baixo numa posição nada natural, em que pernas não deveriam ficar. Tinha um sangramento que atravessava o vestido azul. Heather levantou o vestido e viu um arranhão enorme no peito, mas nenhum ferimento perfurante evidente. A mulher não parecia estar respirando.

— Ai, meu Deus, me desculpa! Ai, não, me desculpa, de verdade. Coitada... A gente não te viu... Ai, meu Deus...

Escorria sangue do nariz e da boca da mulher.

Ela precisava de um médico.

— Tom! Vem aqui!

Heather colocou a mão no pescoço da mulher e contou até dez; não havia sinal nenhum de batimentos cardíacos. Inclinou gentilmente a cabeça dela para trás, colocou dois dedos na boca e tirou todo o sangue, dentes quebrados e um pedaço de carne.

— *Por favor...* — disse Heather e respirou fundo.

Tentou soprar ar para os pulmões da mulher, mas ele voltou para a boca de Heather como um reflexo profano do sopro da vida: ocre, quente, rançoso e com cheiro de sangue. Havia alguma coisa bloqueando a traqueia. Ela levantou o corpo flácido.

— Vai ficar tudo bem — disse.

Bateu nas costas da mulher, e outro pedaço de carne caiu da boca.

— Tom! Preciso de você! Vem cá!

Heather a deitou no chão de novo, fez respiração boca a boca e desta vez o ar pareceu chegar ao que havia sobrado dos pulmões.

Ela começou a fazer massagem cardíaca.

Fez vinte e conferiu os batimentos de novo.

Nada.

Havia sangue escorrendo dos ouvidos, dos olhos, da boca e das narinas.

Já havia moscas pousando nela.

— Merda.

Tudo o que Heather estava fazendo era mover o sangue para lá e para cá dentro do cadáver de uma mulher. Não conseguiria salvá-la. Só médicos profissionais com uma equipe de emergência, e bolsa de sangue, e equipamento, e...

Ela pegou o celular do bolso da calça jeans e digitou 911.

Não, não era 911. Qual era mesmo o número da emergência australiana? Zero, zero, zero.

Ligou para 000. Não havia sinal. Ergueu o celular o mais alto que pôde. Sem sinal.

Correu até a frente do carro e queimou as mãos ao escalar seu capô escaldante.

Atordoado, Tom a encarava através do para-brisa. As crianças se mexiam atrás dele.

— Vê como as crianças estão e vem aqui! — disse ela.

Tom a encarou, perplexo por um instante, então fez que sim.

Heather olhou para o telefone. Sem sinal, era o que dizia.

A fazenda que Matt mencionou não devia ficar muito longe.

Será que teria um telefone lá? Mas Matt disse que *não* havia telefones na ilha, não disse? Ou será que ela estava lembrando errado?

Heather pulou do capô e correu de volta para a mulher.

Tentou fazer massagem cardíaca de novo.

Tentou e tentou.

Escorria muito sangue da boca da mulher.

Heather parou o que estava fazendo.

Toda a cavidade peitoral dela devia estar cheia de sangue. Provavelmente alguma veia importante se rompeu. Não havia nada que pudesse fazer. O impacto a matou, e já devia ter sofrido morte

cerebral havia alguns minutos.

Nunca houve a menor chance de salvá-la.

Heather abaixou de volta o vestido azul. Que rosto mais simpático, adorável e carinhoso o dela. Aquela mulher era filha de alguém, irmã, esposa. Uma jovem vida ceifada por eles.

— Me desculpa. A gente não viu você. Ai, meu Deus, me desculpa — disse Heather enquanto os olhos se enchiam de lágrimas.

Heather ouviu um barulho atrás dela. Era Tom saindo do carro. Coberto de terra, ele enfim apareceu ao seu lado. Deve ter escalado pela janela do lado do motorista e corrido pela vala até alcançá-la.

— Ai, meu Deus! O que foi que eu fiz?!

— Não foi culpa sua. Ela apareceu do nada.

— Eu buzinei! Não buzinei? Ai, meu Deus. Ela nem olhou para o lado!

— Não tinha nada que você pudesse fazer, Tom. — Ela se levantou e tentou pegar a mão dele, mas Tom a dispensou.

— Ela morreu? Tem certeza? — perguntou.

— Morreu. Morreu na hora.

— Massagem cardíaca! Eu sou treinado... Me deixa ver... A gente pode... Merda, olha para ela!

— Pensei a mesma coisa. Mas já fiz. É tarde demais. Tom, olha, você não podia ter feito nada. Freou assim que...

— Se a gente tivesse pegado o carro mais novo. Aquele que eu pedi. O radar antiacidente teria freado por nós. Era o que eu queria. Eu te falei!

— Eu sei.

— A culpa é sua e das crianças. Nem era para a gente estar aqui! Eu queria trabalhar na merda da minha palestra!

Os punhos de Tom estavam cerrados. Com olhos furiosos, ele encarava o nada a sua frente. Parecia quase transtornado.

Ele não costumava ficar assim, mas ela já havia presenciado isso uma ou duas vezes. A raiva de Tom a pegou de surpresa. Sabia que tinha que tirá-lo daquele estado rápido.

Ele era quinze centímetros mais alto. Ela ficou na ponta dos pés, esticou os braços, colocou as mãos na sua nuca e o fez abaixar a cabeça para olhar nos olhos dele.

— Tom! — disse, estalando os dedos na frente do rosto dele.

— Eu não fazia a mínima ideia de que ia ter gente andando de bicicleta nesse calor! Quem é que anda de bicicleta quando está quase 40 graus? Eu estava procurando coals nas árvores. Eles deviam ter avisado a gente. Você viu alguma placa de limite de velocidade? Eu não vi.

— Não tinha placa nenhuma, Tom. Ela veio do nada.

— Eu consigo salvá-la! Sempre existe uma esperança. Fiz estágio no

pronto-socorro durante a residência! — disse Tom e se ajoelhou.

Ela sabia que ele não ia acreditar que a mulher estava morta até ver com os próprios olhos.

Heather olhou para os dois lados da estrada. Não havia carros. Ninguém estava vindo.

Ainda.

Ela examinou o Porsche. Dois pneus estavam na vala, mas era uma vala rasa, menos de trinta centímetros de largura e uns sessenta de profundidade. Não ia demorar muito para conseguirem voltar à estrada. Por outro lado, era quase certo que teriam que empurrar o carro. Era importante aliviar o peso. Ela dirigiria, e Tom teria que empurrar. As crianças podiam ajudar. Owen era forte, e Olivia, com aquelas pernas compridas, poderia contribuir também.

Tom tinha começado a massagem cardíaca.

Heather deixou que ele tentasse por um minuto.

— Não está dando certo — disse ele.

— Ela morreu, Tom.

— Eu estava dirigindo rápido demais. Aquele cara me assustou. Eu estava olhando pela janela e dirigindo rápido demais. Temos que ligar para a polícia. Chamar uma ambulância — disse.

— É tarde demais agora. Não tem mais o que fazer.

Tom se levantou e tentou encontrar sinal no celular.

Heather foi até o Porsche, abriu o porta-malas e o vasculhou atrás da toalha de praia. Pegou-a e verificou como estavam as crianças — continuavam atrapalhadas com o airbag e o cinto de segurança. Voltou para perto de Tom e cobriu a mulher com a toalha.

Heather olhou para os dois lados da estrada de novo. Ainda vazia.

Refletiu sobre a situação.

Estava pensando em fazer algo *errado*.

Completamente errado.

Legalmente.

Moralmente.

É crime atropelar e não prestar socorro à vítima.

Tom matou a mulher. E agora ela ia agravar o horror desse ato. Parecia erradíssimo. Mas todos os seus instintos lhe diziam que era a única opção.

Tentou pensar no que sua mãe a mandaria fazer.

Sua mãe, concluiu, mandaria que esperassem as autoridades.

Seu pai diria que dessem o fora dali.

Ela voltou para o Porsche e abriu a porta traseira. Inclinou-se e soltou o cinto de Olivia.

— Você está bem, querida? — perguntou.

Olivia fez que sim e depois meneou a cabeça.

— O meu braço está doendo.

— Me deixa ver.

O cinto de segurança havia ralado o braço da garota. Não estava quebrado.

— Já, já a gente coloca um Band-Aid aí. Deixa eu ajudar você a sair. Pega a garrafa de água.

Heather pegou a mão de Olivia e a puxou para fora do veículo.

— Espera na frente do carro enquanto eu pego o seu irmão.

— O que aconteceu?

— Um acidente. Quero que você espere lá na frente do carro. Sei que está calor. Consegue esperar lá?

— Consigo — disse Olivia, ainda atordoada.

Tirar Owen foi mais complicado. Ele estava praticamente catatônico. Estava retraído atrás da sua “parede”, uma coisa que o garoto fazia desde a morte da mãe e que ainda era um mistério para Heather.

— Olivia, preciso de ajuda com o Owen.

— Owen! Sou eu! Vem — chamou Olivia, e as duas o tiraram do carro juntas.

Heather voltou até Tom.

— Tirei as crianças do carro. Vocês três podem empurrar e eu dirijo para fora da vala — disse.

— Naquela fazenda devem ter um rádio. Aí a gente chama uma ambulância aérea — sugeriu Tom.

— Não, Tom. Ela morreu com o impacto, e depois você... a gente passou por cima dela. Os pulmões e os órgãos internos foram esmagados. Sei que você sabe disso. Não tem mais nada que a gente possa fazer agora.

Tom ainda parecia atordoado, mas acenava que sim com a cabeça.

Era o momento.

Heather precisava tomar a decisão agora. Ela diria o que fazer e sabia que Tom seguiria o fluxo.

Mas o que era o certo a fazer?

Sua bússola moral e seus instintos de sobrevivência apontavam para direções absolutamente opostas.

— Olha, amor, você viu como essa gente é — começou. — Tem só uma família aqui na ilha. Eles controlam a balsa, que é o nosso único jeito de sair daqui. Não tem nem sinal de celular. Não dá para pedir ajuda. A gente depende completamente deles.

— E?

— Você ouviu o que o Jacko disse sobre a polícia. Ele me contou que eles pegaram espingardas e botaram uma pessoa para fora da ilha. Parece que a lei aqui fica por conta deles.

— O que... O que você está sugerindo? — perguntou Tom.

Heather olhou para ele. Tom era mais velho, sim; e também tinha

lido mais; mas sempre viveu nos mesmos círculos. Vinha de uma família com dinheiro, e sua experiência com a natureza humana era surpreendentemente limitada. Uma noite maldormida na rodoviária de Tacoma lhe ensinaria mais que mil livros.

— A gente esconde a mulher e a bicicleta no mato. Tira o carro da vala, dirige até a balsa e sai daqui o quanto antes. Quando estivermos em segurança no continente, aí contamos para a polícia que talvez tenhamos atingido alguma coisa enquanto dirigíamos. A gente pensou que era um animal, mas não tinha certeza.

— Você quer que a gente... que eu... abandone o local de um acidente? Um acidente que a gente causou?

Ela olhou nos olhos de Tom. As pupilas dele estavam enormes. As mãos tremiam. Tinha se perdido de novo.

— O que a-aconteceu? — perguntou Olivia. A curiosidade levou a melhor e a menina se aproximou para ver. Owen estava três metros atrás dela. — Aquilo ali é sangue?

Heather se virou.

— Volta lá para a frente do carro, Olivia, por favor. Leva o seu irmão.

— Alguém morreu? — perguntou Olivia tapando a boca com as mãos. Estava pálida e tremendo, assustada.

— Alguém morreu mesmo — murmurou Tom.

Heather estremeceu, pegou Olivia pela mão, agarrou o braço de Owen e os arrastou até a frente do Porsche.

— Houve um acidente. Vocês vão ter que ser corajosos, tá bom? — disse com delicadeza.

Ela percebeu que havia sangue e um amassado no snorkel do carro. Teriam que limpar antes de devolver o veículo. O grande para-choque de aço inoxidável também estava danificado; não era nada muito grave, mas precisaria ser explicado.

Owen soltou a mão dela.

— O papai matou ela, não foi? Ele matou ela — disse de uma forma estranha, como se estivesse distante, no fundo de um poço.

Owen, assim como Olivia, era ao mesmo tempo mais velho e mais novo do que a idade que tinha. Estava com 12 anos, mas às vezes parecia ter 15 e outras agia como um menininho assustado.

Heather voltou até Tom.

— Como as crianças estão? — perguntou ele.

— Vão ficar bem. Olha, você fez o seu melhor. Freou e buzinou.

— Isso! — exclamou Tom. — Eu buzei. E esse nem era o carro que eu queria. Eu queria o outro.

— Você fez tudo o que dava para fazer. Não é culpa sua. Acho que agora a gente tem que ir. Acho que a gente tem que voltar para o carro e chegar na balsa o quanto antes.

Tom fez que sim.

— Vamos tirar o corpo da estrada e dirigir até a balsa — disse Heather.

— A gente não devia fazer isso. É crime — respondeu Tom.

— Acho que não temos escolha. Essa gente dá medo. Eles têm armas. É tudo uma família só. Você confia que eles vão chamar a polícia?

Ele refletiu.

— Entendi o que você está... mas é uma decisão e tanto — disse Tom.

Ela percebeu que escorria suor dele. E que o corte na testa estava sangrando.

— Quer saber? A culpa é minha, Tom. Eu vou tomar a decisão. Você bateu a cabeça. Quem vai decidir sou eu, entendeu? Não precisa pensar em nada disso agora. A única coisa que você precisa fazer é me ajudar a tirar o corpo da estrada. A gente vai colocar no mato alto ali do lado.

— Você quer que a gente *mexa* nela?

— A gente tem que mexer. Você pega os tornozelos, e a gente coloca o corpo no mato. Tudo bem?

Tom se ajoelhou e esticou as pernas da mulher. Os ossos fizeram um *crec* grotesco de gelar o sangue. Tom ergueu os tornozelos e Heather a pegou pelos ombros. Escorria um sangue quente e grudento pelos dedos dela. E agora as moscas começavam a se juntar. Pousaram nas mãos de Heather e nos braços e no rosto da morta.

— Tem certeza? — perguntou Tom. — Nunca se mexe num corpo. Lembro quando eu encontrei Judith... Aquelas escadas... Eu não queria que as crianças pensassem que ela tinha feito de propósito. Queria mudar as coisas. Esconder o copo, a garrafa de uísque. Mas tive que deixar do jeito que encontrei... A gente não devia estar fazendo isso.

— Agora a gente já mexeu. Tarde demais. Só mais uns passos para trás. É fácil. Por favor, Tom, agora, não consigo segurar para sempre! Vai!

Tom começou a andar para trás, em direção ao mato.

— Isso, depois da vala, na grama.

Passar por cima da vala foi difícil, mas deram um jeito. Deitaram a mulher na grama comprida e seca.

— Agora a bicicleta — disse Heather.

Puxaram a roda dianteira da bicicleta de baixo do pneu traseiro do Porsche. Carregaram a bicicleta destruída até o mato e a esconderam lá também. Heather ajeitou algumas das folhas de capim-canguru para deixá-las na vertical de novo e, assim, esconder a trilha que haviam aberto.

Heather correu de volta para a estrada e jogou as partes maiores da

bicicleta no mato. Havia sangue e partes menores ainda por lá, mas não podiam fazer nada quanto a isso. Heather fechou os olhos por alguns segundos, abriu-os e tentou encontrar o lugar em que haviam escondido a mulher. Não dava para ver nada. Ainda mais para quem passasse por ali de carro.

Ela limpou o sangue das mãos na toalha da melhor forma que pôde. Limpou as mãos e a testa de Tom. As unhas estavam imundas e com cheiro de podre. Butucas e mosquitos pousavam neles impunemente.

— Tá, agora é só dar o fora daqui — disse Heather, tão calma quanto conseguia ficar enquanto devolvia a coberta ao porta-malas. — Crianças, preciso que ajudem o pai de vocês a empurrar o carro para fora da vala — disse e as guiou para a traseira do carro.

— O que aconteceu com aquela moça? — perguntou Olivia.

— A gente tirou ela do sol e depois vamos chamar a polícia — respondeu Heather.

— Você sabe o que está fazendo, Heather? — perguntou Olivia. — A gente não devia chamar uma ambulância ou alguma coisa assim?

— Devia, e vamos chamar depois, Olivia — falou Heather. — Mas agora temos que fazer o carro pegar. Tom, por favor, vem aqui e mostra para as crianças o que fazer. Eu dirijo.

— Eu que devia dirigir — disse Tom.

— Não, eu sou mais leve e você é mais forte. Você empurra e eu dirijo.

— Faz sentido — disse ele.

Heather andou pela vala e se sentou no banco do motorista. Ajustou o retrovisor e deu uma olhada no próprio rosto.

De onde essa Heather tinha vindo? Será que sempre esteve ali, à espreita? Será que foi só porque Tom sofreu uma concussão e ela precisou assumir o comando ou isso sempre foi parte dela? A adrenalina também contava. Quando passasse, ela provavelmente ficaria destruída.

Trocou para a primeira marcha. O velho Honda que dirigia era manual, por isso se sentia confortável com embreagem e câmbio. Não seria difícil. Apertou o botão de ignição, e o Porsche ligou.

— Todo mundo pronto? — perguntou.

— Á-hã — disse Tom.

— Empurrem! — gritou ela, pisando no acelerador.

Os pneus giraram na vala, mas o carro não se mexeu.

— Colocou na primeira? — gritou Tom.

— Coloquei! Continuem empurrando — respondeu Heather.

Eles empurraram, e o pneu da frente começou a se arrastar para fora da vala. Ela manteve o volante firme, e, mesmo que lentamente, o veículo pesado escalou de volta para a estrada. Estavam na perpendicular do sentido da estrada.

— Entra! Põe as crianças para dentro — disse Heather.

Tom pulou para o banco do carona. As crianças foram para o banco traseiro.

Algo entrou no campo de visão dela.

Havia outro carro vindo. Um Toyota. Um dos veículos da fazenda. Ela jamais conseguiria fazer a volta a tempo. *Merda. Mais trinta segundos e ninguém teria visto nada...*

Ela levou o Porsche para o lado esquerdo da via, e o Toyota parou ao lado deles. Uma janela foi abaixada. Eram Jacko e Matt.

— Oi — disse Heather.

— O que aconteceu com vocês? — perguntou Matt.

— Nada. A gente está só dando a volta — respondeu Heather.

— Vocês caíram no covão? — perguntou Jacko.

— No quê?

— A mãe chama de covão. A vala. Caíram?

— Caímos, mas deu tudo certo — disse Heather.

— Os airbags inflaram — completou Matt.

— Pois é. Esse carro é tão sensível. A gente nem estava tão rápido... mas, enfim, está tudo bem, obrigada por pararem. É melhor a gente pegar a estrada para não perder a balsa — disse Heather.

— O seu marido está bem? Você está bem, parceiro? Está com cara de acabado. Bateu a cabeça? — perguntou Matt.

— Estou bem — respondeu Tom.

— E os pequenos?

— Estão bem, sim. Está todo mundo bem. É melhor a gente partir para pegar a balsa.

— É, é melhor vocês irem mesmo — concordou Matt.

— Estamos indo. Obrigada.

— Vocês por acaso não viram a Ellen, não? Uma menina de bicicleta? — perguntou Jacko.

— Não — respondeu Tom, rápido.

— A gente não viu ninguém — acrescentou Heather. — Bom, acho melhor a gente ir. Tchau.

Ela fechou o vidro, acenou e continuou dirigindo.

Pelo retrovisor, viu Jacko e Matt parados dentro do carro por um instante antes de Matt abrir a porta e sair.

Viu-o se abaixar sobre um joelho e começar a olhar o chão antes de perdê-lo de vista numa curva.

— Merda — murmurou Heather e pisou fundo. — Põe o cinto, gente!

Dirigiu o Porsche a mais de cem por hora em direção à balsa.

Chegaram em dois minutos, e, felizmente, a embarcação estava lá.

Ela desacelerou e colocou um sorriso no rosto.

— Ninguém diz nada, entenderam? — disse, olhando para Tom e

depois se virando para as crianças no banco traseiro. — Ninguém diz nada. A gente vai dar um jeito nisso depois que sair da água.

Ela acenou para Ivan, parou o carro e abaixou o vidro.

— Olá! — falou.

— Viram uns coalas? — perguntou Ivan, inclinando-se na janela do carro.

Foi então que Heather percebeu que ele tinha um objeto preto e amarelo preso no macacão. Era um walkie-talkie.

— Ah, vimos, sim — garantiu Heather.

Ivan cutucou o nariz e suspirou.

— E é você que vai entrar na balsa com o carro? Não o seu marido?

— Isso. Ele está meio cansado.

— Olha, eu posso dirigir se quiser. Nunca dirigi um Porsche na vida — disse Ivan.

Heather deu uma olhada no sangue que cobria todo o volante.

— Não, não, é só você me guiar — disse ela com um sorriso amigável.

— Claro que guio, dona. Não tem com o que se preocupar. Deram uma batidinha, né? Vi que os airbags armaram.

— Na verdade, não. A gente só caiu numa vala. Esses airbags é que são sensíveis demais. O cara da locadora tinha até avisado — disse Heather.

— Esses carros modernos! Dirigi o meu velho Holden Sandman por trinta anos e nunca tive problema nenhum. As crianças conseguiram tirar foto junto com os coalas?

— Hum... conseguiram — disse Heather, na esperança de que Ivan não pedisse para vê-las.

— São umas praguinhas. Sabem arranhar a gente como ninguém. Quer dizer, os coalas, não as crianças! Enfim, vou abaixar a rampa e você vai devagar. Quando parar totalmente, puxa o freio de mão.

Ivan abaixou a rampa e ela subiu com o carro na balsa.

— Nem foi tão ruim, hein? — disse Ivan.

— Nem um pouco.

Heather desligou o motor. Ivan colocou as mãos nos bolsos e pegou um maço de cigarros. Acendeu um.

Não parecia estar particularmente apressado para ir embora.

— Hum... Olha, será que dava para a gente ir agora? — perguntou Heather.

Ivan fez que não com a cabeça.

— É melhor esperar. O casal holandês deve chegar a qualquer minuto. Mandeí que fossem vapt-vupt.

— O Matt disse que você ia levar a gente agora — disse Heather.

— Matt? Aquele lá tem vez que se acha o mandachuva. Nem da família O'Neill ele é. É um Watson. A balsa é minha, e eu decido

quando a gente vai, cacete.

— É que a gente está meio com pressa de voltar para Melbourne. Temos uma reserva de jantar.

Ivan resmungou e colocou as mãos nos bolsos.

— Eu teria que fazer duas viagens...

Heather vasculhou o bolso da jaqueta jeans, puxou uma nota de cinquenta dólares e a examinou para garantir que não havia sangue nela.

— Eu sei que daria trabalho. Mas e se eu desse um jeito de recompensar? — perguntou, segurando o dinheiro para fora da janela.

Ivan sorriu e pegou a nota.

— Vamos indo.

Ele levantou a rampa e fechou o portão nos fundos da balsa.

Heather olhou para trás para ver se havia algum carro vindo pela estrada.

Por enquanto, tudo certo.

Ivan soltou as cordas que amarravam a balsa à baía e pulou de volta para o barco. Ligou o motor.

— Será que a gente conta para ele da mulher? — perguntou Olivia.

— Ninguém diz nada até a gente chegar do outro lado — sibilou Heather.

— Austrália continental, lá vamos nós! — anunciou Ivan. — Podem sair do carro se quiserem.

— Estamos bem aqui — respondeu Heather.

Um rastro branco se agitou na esteira da embarcação, e a ilha Holandesa começou a se distanciar aos poucos.

Heather percebeu que estava prendendo a respiração.

Ivan foi até a janela do carro.

— Alguém falou para vocês das raposas? Eu e a Kate estamos pegando com armadilhas. É uma espécie invasora. A Kate já tem uma coleção e tanto de caveiras. Compram da gente. O governo.

— Não vimos raposa nenhuma — disse Heather, cobrindo o sangue no volante com as mãos.

— Está bem. Olha, se eu vir algum tubarão, aviso, e vocês podem tirar umas fotos — disse Ivan antes de voltar para a cabine.

— Acho que a gente... — começou a dizer Tom, mas parou quando Ivan pegou o walkie-talkie da lapela.

— Que foi? — disse Ivan. — Não dá para ouvir. Caralho, não estou ouvindo. — Ele colocou o motor em ponto morto. Bateu no walkie-talkie e girou o dial. — Não estou te ouvindo, parceiro.

Com os nós dos dedos esbranquiçados, Heather continuava agarrada ao volante. As costas da camiseta estavam encharcadas de suor. Sabia que estava com uma aparência péssima. Com cara de culpada.

— E se a gente... — começou Tom.

— Não — disse Heather.

— Acho que agora dá para ouvir, parceiro! — disse Ivan. — Fala.

Ivan foi até os fundos da balsa e teve uma conversa no walkie-talkie que Heather não conseguiu ouvir.

Ela não estava gostando nada daquilo. Pegou o celular e, com o dedão, digitou Socorro para Carolyn, a última pessoa para quem tinha mandado uma mensagem.

Mensagem não enviada. Sem conexão com a internet, dizia a resposta que chegou.

Ivan prendeu o rádio de volta à lapela.

Pegou uma bolsa esportiva, abriu o zíper e tirou alguma coisa de dentro dela.

Heather se inclinou por cima do volante para ver o que era.

— O que ele está fazendo? — perguntou Olivia.

— Não sei.

Ivan voltou lentamente para a janela do motorista. Apontou um revólver com cara de antigo para o rosto de Heather.

— Me entreguem todos os celulares e depois saiam do carro bem tranquilos e devagar. Se ficarem de palhaçada, se fizerem qualquer coisa, dou um tiro num dos pequenos. Entenderam?

A Hilux os esperava no cais da ilha Holandesa. No banco traseiro havia também uma loira virulenta com uma espingarda por ação de bombeamento.

Aquela, descobriram, era Kate, a mais nova da família.

— Nem um pio — disse Kate.

A estrada que ia da balsa até a fazenda era erma. Uma charneca vazia pontuada por uns dez veículos abandonados e queimados, largados para enferrujar. A fazenda em si era um conjunto variado de celeiros, galpões, casas a um sopro de desabar, duas propriedades menores e uma grande casa de frente para um pátio. As construções tinham telhados de ferro corrugado em péssimo estado. Crianças usando macacões cobertos de poeira ficaram observando o carro chegar.

Eles foram levados até a casa.

Heather percebeu que as crianças estavam murchando. Olivia estava de jeans e camiseta da Grimes. Owen, de bermuda cargo verde pesada, com o moletom vermelho de sempre e tênis da Adidas. Ela havia colocado um jeans da DL 1961 e camiseta preta. Tom estava de calça chino grossa e camisa branca de manga comprida. Tudo aquilo era apropriado para o clima do estado de Washington, mas não para o calor da Austrália.

— Aqui! — disse Kate e os forçou a se sentar num sofá.

O cômodo começou a encher de gente.

Matt, Ivan, Jacko e outro irmão, Brian, apertaram-se num sofá em frente ao deles. Matt havia tirado o chapéu de caubói. Ele, Jacko e Brian seguravam carabinas. Kate estava perto da janela com uma espingarda. Ninguém falava nada. Era um espaço amplo diminuído pelo acúmulo de gerações de móveis e quinquilharias. Havia uma lareira ardendo com fogo de verdade naquele calor. Na cornija, dezenas de fotos de família, e ainda mais na parede revestida por um papel de parede amarelo antigo já descascando nas pontas. Fotos da era de ouro da fazenda. Fotos da Irlanda. Cartões-postais de Sydney e

de Londres. Anos de verões escaldantes racharam o piso de madeira e preencheram as rachaduras com insetos mortos e lixo. Os sofás eram de couro, remendados com fita adesiva e com cobertores jogados por cima. Pelo visto, todo o clã O'Neill foi até lá para encará-los embasbacados. Homens e mulheres armados. As crianças, que antes riam, agora faziam silêncio. Um cachorro entre as pernas de Matt olhava, nervoso, para as escadas.

Um relógio de chão tiquetaqueava tão lentamente os segundos que a sensação era de que o tempo passava mais devagar.

Ninguém parecia saber o que ia acontecer agora.

A temperatura estava insuportável.

Heather apertava a mão de Tom de um lado e a de Olivia do outro. Normalmente Olivia não deixava que Heather a tocasse. Pelo menos Tom parecia estar um pouquinho melhor. Não estava mais com aquela palidez terrível, e seus olhos tinham voltado ao normal.

— A que horas o Danny volta? — perguntou Jacko para Matt baixinho.

— Só depois das seis — respondeu Matt.

— Tá... — disse Jacko.

As escadas rangeram.

E rangeram de novo.

Todo mundo ergueu o olhar.

Heather viu dois pés lá em cima. Os pés desceram um degrau e se tornaram um par de calcanhares; depois, de panturrilhas. Uma mulher poderosa de chinelos com um vestido cor-de-rosa descia a escada apoiada num pedaço de pau de um lado e, do outro, numa menininha. Devia ter uns 70 anos, era pálida e tinha um tapa-olho sobre o olho esquerdo. Usava uma peruca reluzente cor de cobre. Havia algo de aterrorizante nela que não tinha nada a ver com a aparência. Heather fez massagens em vários clientes mais velhos, e muitos tinham físicos imponentes. Mas aquilo era diferente. A mulher mudava o campo gravitacional do lugar. Deixava o ar elétrico. Heather percebeu que todos ali sentiam medo dela, o que a deixou com medo também.

Ela desceu a escada devagar.

Muito devagar.

Duas crianças se levantaram correndo de uma cadeira de balanço perto da lareira. Matt virou a cadeira para que ficasse de frente para a sala, e não para o fogo. Quando chegou ao fim da escada, a mulher ofegou e então continuou até o outro lado do cômodo, como um velho papa chegando a um tribunal da Inquisição.

Matt ajudou a mulher a se acomodar na cadeira de balanço, e, quando ele se sentou de volta, o cão se escondeu embaixo das suas pernas.

Um barulho parecido com o som de um cortador de grama

quebrado escapou da boca da mulher, e uma criança trouxe um copo com um líquido transparente que ela virou com satisfação.

Aquela obviamente era a mãe.

— São dos Estados Unidos? — disse a mãe com um ruído que parecia saído do lado errado de uma sepultura.

— Â-hã. Dos Estados Unidos — respondeu Matt.

— Conheço um ou dois ianques. O Terry dizia que eles eram até que bacanas no Vietnã. Os que eu conheci também eram. O que ele faz da vida? — perguntou a mãe.

— É médico. Dr. Thomas Baxter. Cuida do joelho dos outros. Está com o documento. É tudo verdade — disse Matt.

— Quanto dinheiro tinha na carteira?

— Quatrocentos contos.

— E quanto vocês já ganharam, seus lixos? — perguntou a mãe.

— Novecentos — respondeu Matt, sem graça.

— Não é muito. Não paga uma vida. E ela, faz o quê?

— Massoterapeuta, segundo ela — respondeu Jacko.

— Meu Deus do céu. Quase uma puta — disse a mãe. — Quando o Danny volta?

— Só depois das seis, talvez sete — disse Matt.

— E quem mais vocês deixaram entrar na minha ilha hoje, seus desgraçados? — perguntou a mãe, fazendo cara feia para Ivan.

— Não foi culpa minha, mãe. O Jacko e o Matt... — protestou Ivan.

— Chega! Me surpreende você, Matthew — disse a mãe, balançando a cabeça.

— Desculpa, mãe.

— Vocês deixaram outro carro entrar, não deixaram? — perguntou a mãe.

— Deixamos, mãe. Dois alemães — disse Ivan.

— E cadê eles?

— Devem estar esperando na balsa — respondeu Ivan.

— Então é bom alguém ir atrás deles e trazer os dois para cá, cacete! — grunhiu a mãe.

Jacko acenou com a cabeça para uma criança, que saiu correndo.

— Olha, eu sinto muito — disse Tom. — Ela apareceu do nada. Eu buzinei, mas a mulher não escutou...

— Ela era surda! — disse uma das crianças.

— Surda? — perguntou Tom.

— Isso, a Ellen era surda — disse a mãe.

— Foi sem querer. Bati bem atrás dela. Aconteceu tudo tão rápido. Quer dizer, é óbvio que a gente vai cooperar cem por cento com as autoridades.

— O que é que você vai fazer, *Dr. Baxter*? — perguntou Jacko com escárnio ao pronunciar o título de Tom.

— É... hum... Tom. Hum... Olha, vou assumir toda a responsabilidade. E... tenho certeza de que o meu seguro vai pagar uma quantia satisfatória — disse Tom.

— Seguros nem sempre pagam, não é? — disse a mãe.

— Eles vão pagar. Vou assumir a culpa.

— E onde é que você vai assumir essa culpa? — perguntou a mãe.

— Aqui e lá em Melbourne, é claro. Garanto que vou cooperar com a investigação da polícia e até adiar o nosso voo de volta para casa se for necessário.

— Nada disso — disse a mãe. — Nada de Melbourne. Nada de voar de volta para casa.

Murmúrios na sala, então silêncio de novo.

O tique-taque melancólico do relógio. Os estalos do fogo. O zunido de mosquitos. O ganido do cachorro. Nos fundos da sala, Heather viu o homem que lhes tinha vendido as salsichas na chapa. Quando pegassem o casal holandês, todo mundo que sabia da ida deles para a ilha estaria naquela casa, sob o controle da mãe.

— Vocês tentaram esconder o corpo. Fugiram do local do acidente. Isso é crime. Crime na ilha Holandesa, crime em Victoria e crime nos Estados Unidos — disse a mãe.

— Isso... hum... foi culpa minha. Tom tinha batido a cabeça. A ideia foi minha — explicou Heather. — Não sei no que eu estava pensando. Fiquei com medo. Queria voltar para o continente antes de chamar a polícia.

— Com medo, é? — disse a mãe. — A gente não quer que ninguém fique com medo, não é? — A mãe meneou a cabeça e fechou o olho. Parecia estar repassando tudo. Uma lenha na lareira estalou e se partiu.

— Olha... hum... talvez o Ivan e eu devêssemos ir de balsa até Stamford Bridge e chamar a polícia. Deixar que eles cuidem disso. Que tal, mãe? — perguntou Matt.

Heather olhou para ele e articulou com a boca um “obrigada”.

Ivan e Jacko balançaram a cabeça.

— A gente tem um histórico longo com a polícia de Vic. Você sabe no que vai dar — balbuciou Jacko. — Um de nós vai acabar levando a culpa por isso e por outras merdas, tipo fazer a nossa própria cana ou algo assim. E esse filho da puta aí vai acabar solto.

A maioria dos adultos murmurou em concordância.

— Não, nada de polícia. O Terry nunca precisou de polícia — disse a mãe.

Houve um longo silêncio. Crianças sussurraram. Escorria suor pelas costas de Heather. Devia estar uns 46 graus. Até as maiores varejeiras pareciam derrotadas e letárgicas.

— Talvez eu pudesse dar entrada num pagamento. Agora. Como...

hum... prova da minha honestidade e de que vou assumir a culpa — sugeriu Tom.

Heather apertou de leve a mão dele. Talvez essa fosse a saída.

A mãe tossiu, e alguém lhe trouxe outra bebida.

Tom se levantou.

— Olha, eu sinto muitíssimo. Entendo a sua...

— E quem é que disse que você podia levantar? Faz ele sentar, Ivan.

Ivan deu uma coronhada no estômago de Tom com a carabina.

— Deus do céu! Com a arma não, parceiro! — grunhiu Matt, mas já era tarde demais.

Tom estava encolhido no chão.

Quando deu por si, Heather tinha se levantado e se lançado sobre Ivan. Ele lhe deu um tapão na cara. Foi o tapa mais forte que ela já recebeu na vida. Quase deu uma volta completa e caiu no chão também.

As crianças gritaram. O cachorro começou a latir.

— Pelo amor de Deus, Matt. Não consigo pensar com essa barulheira. Para que foi que você trouxe essa gente para cá? Tira essa gente da merda da minha casa enquanto eu penso no que fazer! — disse a mãe.

O pânico deixou Heather com ânsia de vômito.

Ninguém sabia que eles estavam ali. Os celulares tinham sumido. Os organizadores do congresso só começariam a se preocupar com Tom na segunda-feira à noite, ou até mesmo na terça-feira de manhã antes da palestra. E já seria tarde demais.

A mãe apontou a bengala para Jacko e Matt.

— Eu não precisava ficar repetindo as coisas aqui antes. Tirem eles da minha casa! Tirem daqui, revistem direitinho, ponham no galpão de tosquia até o Danny voltar!

Heather estava de cara no chão de madeira. Seu braço esquerdo estava debaixo do corpo. Ela alcançou o bolso, pegou a faca que tinha ganhado em Alice Springs e a enfiou dentro da parte da frente da calça. Foi bem na hora. Jacko a puxou pelos cabelos e a fez ficar de pé. O irmão dele, Ivan, empurrou-a pela porta da frente, onde Kate a apanhou pelo pescoço e lhe deu mais um empurrão. Ela tropeçou nos degraus da varanda e estendeu as mãos para proteger o rosto antes de cair de novo na terra.

Era fim de tarde, e o círculo vermelho do sol já havia afundado no continente e deixado grandes ondas latejantes de calor pelo caminho. Olivia chorava. Heather se levantou e tentou pegar a mão da garota, mas Jacko as separou com um empurrão.

Estavam marchando para o velho galpão de tosquia, uma estrutura de madeira com cerca de nove metros de comprimento e três de largura. A porta era trancada por um cadeado. Havia palha no chão, e o lugar fedia. Era óbvio que havia anos que nada era tosquiado ali. A família foi empurrada para dentro.

— Sentem! — ordenou Jacko.

Heather se sentou no chão.

— A gente devia amarrar eles para evitar qualquer problema — sugeriu Jacko.

— Verdade — concordou Kate.

— A mãe não mandou amarrar ninguém — apontou Matt.

— Vê se pensa, parceiro. Isso, fácil, fácil, vamos amarrar as mãos deles — sugeriu Ivan.

— Puta que pariu, vocês são burros pra caralho. Eles vão simplesmente se desamarrar — disse Kate. — A gente tem que amarrar eles *em* alguma coisa. Manda o Freddie pegar um pouco da

corda número três. Deixa comigo. Enquanto isso, vamos fazer o que a mãe mandou e revistar esses filhos da puta.

— Aí é comigo mesmo — vociferou Jacko. — Aqueles policiais de merda já me revistaram tanto que aprendi todos os truques deles. A gente já pegou os celulares?

— Já — respondeu Ivan. — Mas não tem sinal aqui, é claro.

— Pega o menino aí para mim, faz favor?

Heather viu Owen ser empurrado para uma das paredes do galpão. Jacko vasculhou os bolsos dele e passou as mãos por pernas e costas. Pegaram o dinheiro e o dado de vinte lados que ele levava para todo canto. Já tinham pegado a carteira e o celular de Tom. Pegaram as chaves, uma caneta e não acharam mais nada quando o revistaram.

— Sua vez, mocinha — disse Jacko para Olivia.

— Será que dá para chamar uma das mulheres para revistá-la, por favor? — pediu Heather. — Ela é só uma menininha assustada.

Jacko cerrou o punho e apertou a bochecha de Heather com ele.

— Você está me dando nos nervos. Acho bom calar a boca, senão eu quebro a porra da sua mandíbula — disse.

— É melhor não fazer isso! — disse Tom.

— E se eu fizer? Você vai fazer o quê?

— Desculpa, eu... — começou Heather.

— Eu não mandei *calar a boca*? — gritou Jacko.

Heather fez que sim. Estava toda se tremendo.

— Só vai com calma na menina, parceiro — disse Matt para Jacko.

— Eu sei o que estou fazendo. — Ele revistou Olivia, virou-se para Heather e disse: — Agora você, princesa.

— A encrenqueira é ela mesma, ó — murmurou alguém que estava na porta.

— Pois é, eu sei — disse Jacko e empurrou o rosto dela para a parede. Heather sentiu as mãos grossas subindo e descendo nas suas pernas. Ele chegou aos bolsos da calça jeans, pegou o dinheiro e o maço de cigarros do dia anterior, bateu nos bolsos da bunda e passou as mãos pelas costas e debaixo dos braços. — Marlboro — disse, guardando-o no bolso.

— Cigarro? — soltou Tom sem pensar, como se o hábito de Heather de fumar em segredo naquele mundo perdido em que viviam antes importasse agora.

— Ela não tem nada? — perguntou Ivan.

— Nada — respondeu Jacko. — E vamos amarrar eles mesmo?

— Vamos. Eu estava pensando — disse Kate. — O que vocês acham, rapazes? A gente podia amarrar as mãos deles, deixar um bem longe do outro e aí... Estão vendo aqueles ganchos de ovelha lá em cima?

— Estou, e daí?

— A gente amarra uma corda em cada gancho e outra em volta do pescoço deles. É só apertar bem que aí eles não vão conseguir se mexer por aqui para um ajudar a desamarrar o outro. Que tal?

— Quem ia imaginar? A Kate é um gênio, porra! — disse Jacko, e todos os homens riram.

— Isso é loucura! Vocês não podem fazer isso com crianças! — implorou Heather.

Jacko se virou para Tom.

— Ela é encrenqueira mesmo. Se não calar a boca, ela vai acabar fazendo você e a sua família se machucarem de verdade, meu parceiro.

Heather olhou para Tom e balançou a cabeça.

— Acho que a minha mulher está preocupada que aconteça alguma coisa com as crianças — protestou Tom. — Você não pode estar pensando de verdade em enlaçar o pescoço de criancinhas.

— Olho por olho então — disse Ivan com uma risada desagradável.

— Se amarrar a corda na cintura deles, daria para prender todo mundo na lateral do galpão. Acho que vai ser mais seguro para todos — sugeriu Tom.

— Prender onde? Naquelas tábuas ali? Nada feito, parceiro. Vai ser nos ganchos e fim de papo — disse Kate. — É só falar para essas crianças do inferno não ficarem se mexendo que ninguém morre enforcado.

— Espera! E se eles se levantarem? — perguntou Matt. — Esse plano está furado, Kate.

Kate encarou Matt.

— Amarra as mãos, passa a corda em volta do pescoço até o gancho, depois outra corda do pescoço até a tábua atrás da cabeça de cada um. Satisfeito agora?

— Eles não vão conseguir dar nem um passinho. — Jacko riu.

— Essa é a ideia, parceiro — disse Kate.

Heather ficou observando, impotente, enquanto as crianças eram obrigadas a se sentar no chão com as mãos à frente e um laço era passado ao redor do pescoço delas, vindo de um gancho no teto. Outra corda, também ao redor do pescoço, as prendia à parede do galpão de tosquia. Tom era o próximo. Ela foi a última. Jacko a empurrou, amarrou seus pulsos bem apertado e colocou duas cordas ao redor do seu pescoço.

— Se certifica de que ela está bem presa — disse Ivan.

Tiraram quase toda a folga do laço de modo que Heather mal conseguia mover um músculo sem começar a se sentir enforcada.

— E se a gente amarrar as mãos deles *nas costas*? — perguntou Jacko.

— Pelo amor de Deus, como é que a gente complicou tanto essa

merda? Deixa assim! — disse Ivan.

— Tá bom, parceiro. Todo mundo confortável? Beleza, segurem a onda até o Danny voltar — disse Jacko e fechou a porta, fazendo o galpão mergulhar na escuridão.

Matt pegou Kate pelo braço e a puxou para longe do galpão de tosquia.

Ela o empurrou.

— Que que foi? — exigiu saber.

— A gente não pode fazer isso. Não pode prender essa gente. Um de nós vai ter que ir para o continente chamar um policial — disse Matt.

Kate se afastou um passo dele.

— Você ficou louco, foi? Quer que eu conte para o Jacko o que você acabou de falar? Ou para o Ivan? Ou para a mãe?

— A gente tem que pensar no futuro, Kate. Você sabe tão bem quanto eu que o dinheiro está acabando. Por quanto tempo mais dá para continuar assim? Dois anos? Três?

— Aonde você quer chegar?

— Aquela ideia da pousada ecológica que o Terry teve. É uma *boa ideia*. Turistas vindo aqui de verdade. Passando a noite, gastando dinheiro. Todo mundo sai ganhando. Mas, se a gente for em frente com isso, acabou, entendeu? Pode esquecer.

— O Terry morreu.

— É, morreu, mas a ideia não. Você concordou. Você, eu, a Janey e talvez até alguns dos outros. A gente fala com a mãe antes que o Ivan, o Jacko e aquele povo façam a cabeça dela.

Kate fazia que não com a cabeça.

— A mãe considera você o menino de ouro, Matt. Ela confia em você.

— E eu estou *pensando* nela. Estou pensando no que é melhor para todos nós. Quer que o Jacko fique no comando de tudo aqui? Com meia garrafa de cana na cabeça? A porra do Jacko?

— Eles entraram aqui. Mataram a Ellen. Vão ter que pagar! — insistiu Kate.

— Isso só vai acabar com mais gente morta. O Ivan me contou o que aconteceu com aquela menina que o Jacko pegou no começo dos

anos 2000. Pelo amor de Deus! Não precisa ser assim. A gente pode falar com a mãe, nós dois! É todo o nosso futuro que está em risco aqui. Olha, quando o dinheiro acabar, do que é que a gente vai viver? Nada. A pousada ecológica, turismo... Uma coisa assim pode salvar todo mundo.

— Não gosto desse tipo de conversa, Matt. Somos uma família, somos unidos — disse Kate.

— Claro que somos. Mas a gente tem que fazer o que é melhor para a família a longo prazo. Não só hoje à noite.

Kate refletiu por um instante, fez que não com a cabeça e lentamente ergueu a espingarda. A arma parou apontada para o peito de Matt.

— Você tem que tomar uma decisão, Matt. Você é de lá ou daqui? É um deles ou um de nós? Qual vai ser?

— Você não faria isso — disse Matt, olhando para o cano duplo da espingarda. Uma arma que matou centenas de coelhos, gatos, raposas e sabe lá Deus mais o quê.

— Eles ou a gente, Matt?

Matt tirou o chapéu e balançou a cabeça. A faixa do chapéu estava encharcada de suor. Ele secou a testa e fez que sim.

— A mãe me aceitou aqui. Me tratou que nem um filho. A família sempre vai ser a minha prioridade.

Kate baixou a arma.

— Era isso que eu precisava ouvir, Matt. O Jacko e o Ivan não precisam saber que a gente teve essa conversa. Mas vou ficar de olho em você. Só não esquece a quem você deve a sua lealdade.

As crianças estavam chorando. Heather, tentando respirar. Dezenas de moscas voavam em círculos acima deles. A cabeça de Tom estava latejando. Eles tinham feito tudo errado. Se tivessem aberto o jogo desde o começo, talvez os O'Neill não reagissem com tanta hostilidade. Ele devia ter seguido seus instintos: confessar tudo. Envolver a polícia. Por que foi escutar Heather? Ela é uma *millennial*. Não sabe de nada.

Ele balançou a cabeça.

Era tarde demais para recriminações.

Mas isso não precisava acabar sendo um erro fatal. Não estavam em algum condado caipira dos Estados Unidos. Nem no Terceiro Mundo. Era a Austrália, um dos países mais civilizados do planeta. Eles iriam ameaçá-los e tentar intimidá-los, mas *chegariam* a algum acordo. Essa mesmíssima situação aconteceu com Thomas Edison na Alemanha. Edison atropelou uma camponesa com o carro e simplesmente abriu a carteira e pagou por todo o...

— O que vai acontecer com a gente? — perguntou Olivia baixinho.

— Não vai acontecer nada, queridinha. Eles estão só tentando intimidar a gente. É bem o que valentões fazem — disse Tom.

— Você matou aquela mulher — retrucou Owen.

— Foi um acidente, Owen. Não matei ninguém. Ela entrou na estrada do nada com a bicicleta. Foi um acidente. É trágico, mas essas coisas acontecem o tempo todo.

— Isso é mentira. Vocês dois são uns mentirosos. Não foi isso que aconteceu — disse Owen. O garoto se inclinou para a frente, mas parou abruptamente quando as cordas o enforcaram.

Tom olhou para Heather em busca de apoio, mas ela estava se contorcendo no jeans para tentar ficar mais confortável ou sabe lá Deus o quê.

— A culpa é sua, Heather — choramingou Olivia. — A gente devia ter chamado a polícia. Não se foge depois de um acidente! Nunca ensinaram isso lá de onde você veio?

— Não tinha sinal de celular — falou Heather.

— Agora eles vão se vingar da gente — disse Olivia.

— Não é assim que funciona. Não na Austrália. E nem em lugar nenhum. Eles estão com raiva agora, mas vão se acalmar e pensar racionalmente. Isso é assunto de polícia. Mais cedo ou mais tarde, vão ligar para eles — insistiu Tom.

— Mas falaram que aqui não tem telefone nenhum — disse Owen.

— Vão pegar a balsa para o continente e ligar de lá. — Tom ainda conseguia ver Heather contorcendo-se no chão. — O que você está fazendo aí? — perguntou.

Encharcada de suor, ela ergueu o olhar para ele.

— Coloquei o chaveiro dentro da parte da frente da minha calça. Acho que consigo pegar.

— Mas para quê?

— Tem um canivete — sussurrou Heather. — Peguei lá em Alice Springs. Achei que fossem fazer a gente esvaziar os bolsos, então escondi.

— Deus do céu! Você é maravilhosa — disse Tom.

— Só se eu conseguir pegar — respondeu ela enquanto tentava manipular o canivete calça abaixo.

Os sentidos de Tom ficaram mais aguçados. Havia um plano B em ação. Ele olhou pelas fendas entre as tábuas. Estava escuro. Era provável que os O'Neill passassem a noite discutindo os próximos passos e, de manhã, estivessem mais racionais. Mas para que correr o risco? Se conseguissem cortar as cordas, não seria tão difícil cavar a terra e sair pelos fundos do galpão. Era o quê? Uns três quilômetros de campo até a balsa? Se ainda estivesse lá, ele poderia dar um jeito de ligar o motor e então atravessariam o canal estreito até o continente em uns quinze minutos. Era uma baía semifechada — sem dúvida as correntes os levariam até a costa. Se não conseguisse ligar o motor, talvez pudessem pegar a balsa mesmo assim e se deixarem levar pela maré.

A essa altura, Heather já tinha conseguido escorregar o canivete pela perna da calça. Ela o pegou com as mãos amarradas e abriu a lâmina. Era uma faquinha de nada.

— É afiado? — perguntou Tom.

— Â-hã — respondeu Heather, testando o fio com o polegar. — Jogo aí para você?

— Não! Não faz isso. Pode acabar caindo no meio do caminho, e aí o que a gente faz? Corta a sua corda primeiro e depois traz aqui — disse Tom, sussurrando alto.

Heather começou a serrar as amarras que lhe prendiam as mãos.

— Está dando certo? — perguntou Tom.

— Não sei. Acho que sim.

— Não consigo respirar, pai — reclamou Olivia.

— Sinto muito, meu amor. Tenta colocar um dedo entre a corda e o pescoço — instruiu Tom.

— Tá bom — respondeu Olivia, como se aquela fosse uma resposta simples para uma pergunta igualmente simples.

— O que a gente faz se conseguir cortar as cordas? — perguntou Owen.

— Vamos nos soltar e aí cavar por baixo das tábuas até os fundos do galpão. Depois a gente corre pelo meio do mato. O deque da balsa fica só a uns três quilômetros atravessando os campos. Dá para chegar lá fácil — respondeu Tom.

— E depois? — perguntou Owen.

— A gente atravessa para o outro lado.

— E se a balsa estiver do outro lado do canal? — disse Owen.

Tom estremeceu. Não tinha pensado nisso.

— Aí a gente se esconde na ilha.

— Eles vão encontrar a gente — choramingou Olivia.

Tom fez que não com a cabeça.

— Não vão encontrar, não.

Tom conseguia ver que Heather estava com o canivete entre o polegar e o indicador da mão direita. A corda era bem grossa, e ela parecia muito estranha tentando cortá-la.

— Tem certeza de que está funcionando?

— Acho que sim.

— Que bom. Continua, então.

— Você consegue mesmo, Tom? — perguntou Heather. — Esconder a gente?

— Claro que consigo — assegurou ele.

Owen estava começando a ficar empolgado.

— A gente podia pegar uns coelhos. Dá para fazer lanças e caçar.

— Deixa de ser burro, Owen — disse Olivia.

— Você contou para alguém que a gente estava vindo para cá? — perguntou Heather.

— Não, mas o GPS dos nossos celulares ficou ativado o caminho inteiro por quase toda a península, então a polícia vai ter como rastrear os nossos movimentos e descobrir para onde a gente foi.

— Só que não vão saber que a gente veio para cá. O GPS não estava funcionando na balsa — disse Heather.

Tom não precisava dessa negatividade agora, e ela tinha aquela mania dos jovens de dizer tudo o que vinha à mente.

— Querida! — disse ele, quase num tom de reprovação. — A polícia vai descobrir onde a gente está, certo?

Heather entendeu a deixa.

— Isso, isso, você tem razão. Claro que vai. A polícia já deve estar

atrás da gente a essa altura e vai nos encontrar amanhã.

Tom fez que sim. Se mantivessem a calma, olhassem ao redor e tentassem focar o aqui e agora, ficaria tudo bem.

— Isso mesmo. Vocês três têm que confiar...

Vozes. Havia pessoas se aproximando...

— Merda, estão voltando, esconde o canivete na terra — disse Tom.

Heather enfiou a lâmina meio de qualquer jeito no chão bem na hora que a porta do galpão se abriu.

— A gente precisa falar com vocês dois de novo — anunciou Matt.

— A gente precisa de água para as crianças — pediu Tom.

— Vamos dar água. A gente decidiu que é melhor falar com vocês antes que o Danny chegue — disse Matt e começou a desamarrear a corda que ligava o pescoço de Heather à armação de madeira.

Tom passou por um momento de tensão quando Matt olhou para o chão perto de onde Heather estava sentada, mas o homem não viu a faca. Ele desamarrou a corda do pescoço de Tom e puxou os dois para que ficassem de pé.

— É uma desgraça sem tamanho. Vocês deviam é ter vergonha. Não podem nos prender desse jeito. São só crianças! No que vocês estão pensando? — disse Heather para Matt.

Mesmo à luz fraca do galpão, Tom percebeu que Matt estava envergonhado.

— Pois é, foi mal por isso. Mas, porra, eu falei para vocês não virem para cá — disse Matt.

— Se vocês insistirem em manter a mim e ao Tom aqui para a gente combinar alguma compensação, tudo bem — disse Heather. — Mas vocês precisam levar as crianças de volta para o continente de balsa.

Tom olhou para ela com ar de “deixa comigo”. Ele queria diminuir a tensão. Heather estava ficando nervosa. A mãe nunca ia concordar com uma coisa dessas.

— Não, não precisa fazer isso. Mas as crianças precisam de água — disse ele.

— Vou trazer água. Venham — chamou Matt. — O Danny está na balsa. Quase chegando.

— Não vou deixar as crianças sozinhas aqui — disse Heather.

— Dou a minha palavra de que não vai acontecer nada com elas. Confia em mim — disse Matt com tanta sinceridade que Tom acreditou e Heather se viu acenando positivamente com a cabeça.

— Vamos, Heather — disse Tom. — Vamos nos acalmar e resolver essa situação.

Kate os esperava em frente ao galpão de tosquia com sua espingarda.

— Ela está no pátio — disse ela a Matt. — A gente trouxe a cadeira

dela para fora.

Eles se arrastaram entre as construções da fazenda e pedaços esquisitos de equipamento agrícola que mais pareciam instalações de arte moderna sinistras.

Chegaram ao pátio, onde o Porsche continuava estacionado, e Tom percebeu o motorhome do casal holandês. Onde eles tinham se metido enquanto tudo isso estava acontecendo?

A mãe estava sentada em sua cadeira de balanço com cerca de quinze ou vinte pessoas amontoadas ao redor no crepúsculo. As moscas não deram trégua quando o sol se pôs, e havia uma catinga de alga apodrecida vindo do mar. Tom notou que a maioria dos adultos estava armada. Era melhor Heather não tentar nenhuma besteira.

— O Danny está chegando. Acho bom a gente dar um jeito nessa história agora — disse a mãe. — Vocês dois, venham aqui na minha frente. Vamos resolver agora que nem adultos. Encontrar uma solução justa e bater o martelo. Concordam?

Tom fez que sim.

— Claro. Mais uma vez, peço desculpas pelo que aconteceu com a Ellen. Peço desculpas de verdade, tanto por mim quanto pela minha família.

— Que bom — disse a mãe. — Você vai ter que pedir desculpas para o Danny também. E é bom ser uma desculpa daquelas. Ele amava aquela garota.

— Vou pedir. E, olha, antes de o Danny chegar, quem sabe a gente chega num acordo e já apresenta para ele como um *fait accompli* — sugeriu Tom. — Um *fait accompli* é...

— Eu sei o que é! — disse Matt. — Eu frequentei o Liceu Mount Lourdes, sabia? Vamos ver se conseguimos dar um jeito nisso.

Tom começou a se acalmar. Claro, a mãe era aterrorizante, mas parecia disposta a firmar um compromisso. “Dar um jeito” era um bom sinal. Além do mais, havia um ligeiro sotaque irlandês na voz da mãe. Ela deve ter vindo para cá quando era criança. A matriarca da ilha Holandesa não era descendente de algum culto isolado incestuoso de adoradores de ídolos pagãos. Era só mais uma imigrante tentando a vida num país grande.

Tom deu um sorriso tranquilizador a Heather. De cabeça baixa e com as mãos amarradas na frente do corpo como um inimigo derrotado, ele se aproximou de Matt.

— Obviamente, o que aconteceu aqui foi uma tragédia terrível. Foi culpa minha, sinto muito e presto os meus sentimentos à família da Ellen e ao Danny.

— O Danny vai ficar puto da vida — disse um homem entre as pessoas reunidas.

Houve um murmúrio generalizado de concordância.

Tom mordeu o lábio. Sim, a ilha inteira era uma grande família, mas a mandachuva era a mãe. A palavra dela seria lei. Ele só precisava persuadi-la.

— Sinto muito pelo acidente, mas não foi por maldade. Ninguém tem culpa. Foi só uma dessas coisas que acontecem — disse Tom.

— Você estava rápido demais naquela via — disse Kate, e, mais uma vez, houve um murmúrio em concordância da multidão.

Tom sabia que entrar numa discussão acalorada seria fatal para o seu caso. Tudo o que tinha que fazer era concordar e parecer arrependido.

— Talvez você esteja certa. Talvez eu estivesse mesmo rápido demais — continuou ele. — Mas tentei salvá-la. Tentei muito. Eu sou médico e fiz o melhor que pude. E depois, quando vimos que não tinha mais solução, entramos em pânico. A gente fez a coisa errada, sem dúvida. Olha, não temos como trazer a Ellen de volta. Mas podemos oferecer uma... hum... compensação.

— Dinheiro, você quer dizer? — perguntou Jacko.

— Isso.

— Você é médico. De quanto dinheiro estamos falando? A Maya, a minha sobrinha, é enfermeira e recebe mal pra caralho — disse a mãe.

— Tenho me dado muito bem nos últimos tempos. Fui eleito um dos melhores médicos de Seattle esse ano, e, bom, sendo bem sincero, ganhei muito dinheiro quando me casei — disse Tom.

— Quanto dinheiro? — perguntou Kate.

— A minha falecida esposa, Judith, vinha de uma família rica de Seattle. Já ouviram falar da Microsoft?

Matt, Kate e Ivan fizeram que sim.

— Já — disse Matt.

— O pai de Judith foi um dos primeiros investidores. Temos umas ações e...

— Ações! Quanto dinheiro vivo você tem? — exigiu saber a mãe.

— Aqui na Austrália.

— Na Austrália, só umas centenas de dólares — admitiu Tom.

— Mas a gente consegue mais amanhã por transferência lá dos Estados Unidos — acrescentou Heather.

— Era aí que eu ia chegar. Podemos transferir um dinheiro para cá sem problema. Bastante dinheiro.

— Quanto? — perguntou a mãe.

Tom se inclinou para trás. Todos olhavam para ele. Havia mariposas voando em direção às lâmpadas. As estrelas estavam começando a aparecer. O ar estava ficando mais fresco. A temperatura estava abaixando — tanto literal quanto metaforicamente. Ele os conquistou com bom senso, persuasão e tranquilidade. O tipo de coisa que não era ensinada na faculdade de medicina, as boas maneiras com

os pacientes; era uma das habilidades mais importantes da profissão.

Estava no papo.

O segredo era o dinheiro. Eles saíram do campo da vingança e entraram no financeiro. Tom sabia que precisava escolher a quantia exata pelo princípio de Cachinhos Dourados. O valor não podia ser muito alto para não parecer absurdo, mas também não dava para ser tão baixo.

— Quinhentos mil dólares americanos — disse ele.

Alguns “nossa!” ecoaram pela multidão.

— Meio milhão? — disse Kate, desconfiada.

— Tenho isso na conta, sim — insistiu Tom.

— Como funciona a transferência? — perguntou uma mulher mais velha numa calça jeans imunda e numa regata rasgada. Ela também tinha uma arma, uma carabina com cara de velha que usava como bengala.

— Pois é. Como... Como é que funciona essa coisa de transferência? — exigiu saber Ivan.

— O dinheiro está numa conta-corrente lá dos Estados Unidos. Tenho mais em outras poupanças, mas dá para transferir tudo da conta-corrente sem levantar nenhuma suspeita.

— Isso é papo furado — disse Kate.

— Como assim “papo furado”? — perguntou Matt.

— Se a gente deixar eles irem para Melbourne pegar o dinheiro, nunca mais vamos ver essa gente na vida — disse Kate.

Mais murmúrios.

— Os pirralhos ficam aqui. Ele vai, pega o meio milhão em dinheiro e traz para cá. Aí a gente troca a bolada pelas crianças. Cem mil vão para o Danny, para compensar a perda, e o restante a gente divide — propôs Matt, olhando para ver se a mãe concordava.

— Cem mil por uma esposa morta! — disse Kate.

— Bom, ela não era do sangue de vocês, não é? Que nem eu — disse Matt.

As pessoas riram um pouco. Tom percebeu que o humor geral estava mudando. Estavam começando a ficar mais racionais.

— Acho que é justo — disse Tom.

— Talvez seja. Faz só um ano que a Ellen veio para cá — admitiu a mãe.

— Não! As crianças não podem ficar como reféns. Elas vão morrer de medo. O Tom leva as crianças e eu fico aqui, aí... — começou a dizer Heather, mas Tom a interrompeu:

— Pelo amor de Deus, Heather! Deixa comigo, *amor*. Vai ficar tudo bem. Quem sabe eu levo a Olivia para me ajudar a resolver as coisas. Você fica para cuidar do Owen. Vou pegar o dinheiro no banco e amanhã a essa hora já estou de volta. Vai ficar tudo bem. Depois a

gente vai para casa. Vai dar certo — disse Tom.

Ela franziu o cenho, mas depois fez que sim.

— Tá bom.

A mãe também acenou positivamente com a cabeça.

Ele começou a relaxar um pouco. *Talvez dê certo mesmo.*

— Como é que a gente vai ter certeza de que ele tem mesmo esse dinheiro? É muita grana — disse Kate.

— O povo dos Estados Unidos é rico! — disse outra pessoa.

— Olha para a merda do carro dele, sua idiota. É a porcaria de um Porsche.

— Eu tenho o dinheiro — insistiu Tom acima do burburinho crescente.

A mãe cutucou Ivan, que estava ao seu lado. Ele ergueu a pistola e deu um tiro para o alto.

Todos calaram a boca. No silêncio, Tom conseguiu ouvir Heather choramingando.

— Pronto. Agora que tenho a atenção de todo mundo — disse a mãe —, em primeiro lugar: Dr. Thomas Baxter, se você voltar com a polícia, nunca mais vai ver a sua esposa e o menino. Entendeu?

— Entendo plenamente — respondeu Tom.

— Eles vão ser levados para outro lugar.

— Entendi.

— Em segundo lugar: se você vier para cá com um mísero dólar a menos, o acordo já era.

— Não vai acontecer. Vou trazer a quantia exata.

— Em terceiro lugar: se, depois que vocês voltarem para os Estados Unidos, a polícia aparecer fazendo perguntas sobre dinheiro sumido, é melhor você ficar esperto, meu parceiro. Porque aí a gente vai contar para os policiais o que você fez, e isso vai ser só o começo. A nossa família é grande. Um de nós vai para os Estados Unidos atrás de você.

— Não vou dar para trás no acordo. Era isso que eu queria desde o começo. Sei que fiz uma coisa errada. Sei que não posso fazer nada para mudar isso. Mas eu cumpriria a minha palavra mesmo que vocês não mantivessem a minha mulher e o meu filho... *como...* — Sua voz foi ficando mais baixa. Ele não queria dizer “refêns”. Era uma situação excepcionalmente delicada, e Tom não queria deixar tudo ainda pior com palavras inflamatórias. — Como convidados.

Heather estava agitada. Ela costumava ser tão equilibrada. Inclusive, foi um dos motivos para Tom se sentir tão atraído. Ela era o oposto de Judith em muitos, muitos aspectos. Desde que havia conhecido Heather, um ano atrás, quase não a tinha visto perder as estribeiras, mas aquela era uma circunstância muito fora da curva. Ele não podia correr o risco de deixá-la estragar tudo agora.

— Vai dar tudo certo, Heather. Confia em mim — disse Tom com

calma. — Olha para mim, amor. Olha para mim. Confia em mim. Respira fundo. Isso, pronto.

Ela respirou e fez que sim.

— Você vai voltar com o dinheiro?

— Claro que vou.

— E vai fazer com que eles deem comida e água para a gente?

— Vou.

— Tá bom.

Ao longe, Tom ouviu o barulho de uma moto.

— É o Danny chegando — disse Matt. — Negócio fechado?

— Por mim, sim — respondeu Tom.

— Por nós também — falou Matt. — Somos gente sensata, Dr. Baxter. Moramos aqui sozinhos. Não fazemos mal a ninguém. Não convidamos ninguém para a nossa ilha, mas, se alguém vem aqui, sejam policiais ou gente do governo, esperamos que sejam respeitosos.

— Claro. O erro foi nosso, e sinto muito.

— A gente não queria nada disso... — disse a mãe.

— Desculpa interromper, mãe, mas acho que temos outro problema — falou Jacko.

— O que foi?

— A gente encontrou os alemães e está mantendo os dois lá em casa, mas eles querem muito ir embora — disse Jacko.

— É só dizer que a balsa precisa de reparos.

— Beleza — respondeu Jacko.

— Mais algum problema que eu precise resolver? — perguntou a mãe antes de dar uma longa tragada no cigarro.

— As crianças não podem de jeito nenhum passar a noite naquele galpão. Vocês vão ter que tirá-las de lá — disse Heather.

Ai, porra. A gente conseguiu. Não vem arranjar problema, gritava Tom telepaticamente.

Para sua surpresa, Heather pareceu entender o pensamento.

— Bom, a gente vai precisar pelo menos de lençol, alguma coisa para comer e um banheiro, senão a coisa vai ficar feia lá dentro — disse Heather.

A moto estava muito perto agora. Aproximando-se da fazenda. Tudo ficou em silêncio, na expectativa.

Uma linha de nuvens.

As estrelas silenciosas.

A lua crescente amarela silenciosa.

— O Danny vai ficar puto — murmurou Jacko.

— A gente já falou o que tinha para falar e fechou negócio — disse Matt. — O Danny vai ter que gostar e acabou.

— ã-hã — concordou Ivan. — Como o Matt falou, ela nem era do nosso sangue.

A moto estacionou diante da casa.
O silêncio sinistro ficou mais intenso.

Moscas.

Mariposas.

Vácuo.

Vazio.

Todos esperavam.

De repente, houve um grito.

— Pelo visto, contaram para ele — disse Kate.

— Acho que você matou a charada, Katie — respondeu Jacko com uma risadinha.

Um som de confusão fez-se ouvir, e a porta foi aberta com tudo.

Houve um gemido terrível, parecido com um cachorro morrendo.

Barulho de discussão.

E, então, silêncio.

Uma silhueta apareceu na soleira da porta.

Danny carregava o corpo de Ellen nos braços.

— Eita, porra — sussurrou Matt. — Jacko, se prepara porque é bem capaz de ele fazer alguma besteira.

Danny carregou Ellen até o pátio. Assim como todos os membros da família O'Neill, era alto e magro. Tinha cabelo ruivo e ralo e olhos escuros.

Olhou para Tom.

— Foi ele? — perguntou à mãe, cusbindo as palavras.

— Se acalma aí, parceiro, a gente já resolveu a situação.

— Pois é, me contaram — disse Danny. — Você acha que eu vou aceitar esse dinheiro sujo? Acha que vou pegar um centavo que seja? Em troca dela?

Danny colocou Ellen com gentileza no chão. Ela era uma boneca de pano, quebrada em dezenas de lugares. Tremendo, Danny acariciou seu rosto.

— Ela era tudo para mim. Era melhor que todos vocês juntos, e vocês sabem disso, porra! — disse Danny.

— Sinto muito. De verdade — falou Tom.

E sentia mesmo. Aquela coitada. Que coisa horrível. Mas... o problema agora era outro. O problema era o que fariam a seguir.

Danny se levantou. Seus olhos estavam vermelhos e vazios. Ele apontou um dedo para Tom.

— Você matou ela!

Tom fez que sim com a cabeça.

— Foi um acidente. Me desculpa. Mas... eu... eu assumo toda a culpa.

— Não é o bastante! — gritou Danny.

— Calma aí, parceiro. Todo mundo aqui concordou. Você perdeu a

reunião. A gente concordou e a mãe decidiu — disse Matt.

— Decidiu, mãe? Sem mim? — disse Danny com a voz distante e monocórdia.

— Decidi, sim. É melhor assim — respondeu a mãe com firmeza.

Danny foi até Tom e cutucou o peito dele com um dedo.

— Eu sinto muito, de verdade — disse Tom suavemente.

— Sente muito, é? Você sente muito! — O rosto de Danny estava retorcido de raiva e luto. Seus olhos eram fendas de uma fúria sombria. Escorria baba pelo queixo dele. — E vocês concordaram? — continuou Danny, ainda com o dedo no peito de Tom. — Esse riquinho filho da puta atropela a minha Ellen, uma inocente que não machucaria nem uma mosca. Que era tudo o que eu tinha no mundo. E vocês concordaram em não fazer nada?

— Eu estou arrasado de verdade com o que aconteceu. Ela apareceu do nada, eu... — começou a dizer Tom.

Danny lhe deu um empurrão no peito. Tom tropeçou nos próprios pés e caiu. Danny tentou chutá-lo, mas Matt o agarrou com seus braços enormes e o ergueu do chão.

— A mãe já deu a ordem, parceiro! — disse Matt.

Cauteloso, Tom se levantou.

— Vocês não podem decidir nada sem mim! — gritou Danny. — Olhem para ela! Olhem o que ele fez com ela! Ela era linda. Era tudo o que eu tinha. O que é que eu vou fazer?

— Se acalma, parceiro. Vai ficar tudo bem — insistiu Matt.

— Como?! Como é que vai ficar tudo bem? — gritou Danny. — E a mulher *dele*? E se a gente fizer alguma coisa com ela?

— Não. Isso não tem nada a ver com a minha mulher. Não tem nada a ver com a minha família. Era eu que estava dirigindo. A culpa é minha — disse Tom.

— Sua?

— Minha.

— Então tudo bem, tá bom, tá bom, já entendi — disse Danny, mais calmo agora. — Me solta, Matt. Tá tudo bem, me solta, parceiro.

Com cuidado, Matt soltou os braços e largou Danny de volta no chão.

— Nada vai trazer a Ellen de volta. Nada. É o melhor a fazer — falou Matt.

— Entendi — respondeu Danny. — Eu saí daqui, consegui um emprego e uma mulher enquanto vocês não fazem nada além de ficarem sentados fumando, reclamando e bebendo cana de pijama. E agora um bando de lixo que nem vocês quer decidir por mim?

Ele voltou até o corpo de Ellen, beijou-a e a abraçou. Pegou alguma coisa do bolso. Um crucifixo, pensou Tom, quando o viu reluzir à luz da lua.

Não, não era um crucifixo, era uma...

— Cuidado! — gritou Heather quando Danny se virou, correu até Tom e enfiou a faca nele com tanta força que quase o derrubou.

Heather deu um grito.

— Uhhhh — disse Tom enquanto a faca penetrava profundamente na lateral direita do seu corpo.

— Pelo amor de Deus! Olha o que você fez! — Tom ouviu Matt gritar.

— Ele mereceu — berrou Danny em resposta.

Danny puxou a lâmina para esfaquear Tom de novo. Antes que conseguisse golpeá-lo, Heather subiu nas suas costas e fez o que pôde para colocar as mãos ainda amarradas em volta do pescoço dele.

Essa aí é uma lutadora, pensou Tom enquanto suas pernas cediam. Ele caiu feito uma marionete sem cordas.

O chão era quente. Confortável.

Tinha uma visão de pés e das laterais das construções que constituíam a fazenda.

Heather era pequenininha, e Danny, em comparação, um homenzarrão. Não era uma luta justa, mas Ivan e Matt estavam entrando em cena.

— Seu burro do caralho! — dizia Ivan.

Danny gritava algo em resposta.

As vozes esmaeciam. Tudo parecia esmaecer.

Os campos.

As estrelas cadentes.

A lua crescente se dissolvia em vapor sobre a terra.

Seus olhos estavam pesados.

Quatro pensamentos perpassaram sua consciência errante. Quatro pensamentos, que também eram quatro palavras:

Judith.

Heather.

Olivia.

Owen.

Ele tentou se manter no agora, mas era tão difícil; o agora não parava de escorrer pelos seus dedos.

Tom sentiu um espasmo de preocupação, de ansiedade, de medo.

Arrependimentos.

Erros.

O dia esfriava.

A terra estava quente.

Quando fechou os olhos, o mundo desapareceu por completo.

Ele não conseguia sentir a ponta dos dedos.

Ele não conseguia sentir as pernas.

E então não havia mais um “ele” para sentir coisa alguma.

Heather tinha passado a corda de cânhamo ao redor do pescoço de Danny e continuou apertando até ele cair de joelhos e largar a faca.

— Dá um jeito nisso, Ivan! — disse a mãe.

Ivan agarrou Heather pelo cabelo e a jogou no chão como se ela não fosse nada.

— Pode deixar que eu cuido dela — rosnou Danny, recuperando-se.

— Você já cuidou de coisa até demais por uma noite, parceiro — disse Jacko, pisando com a bota nas costas de Danny e mantendo-o no chão.

Matt pegou a carabina que carregava pendurada no ombro e apontou para ele.

— Já chega, Dan! — gritou.

Danny deu uma gargalhada amarga.

— Ah, então agora é assim? Quem você pensa que é? Você não manda em nada aqui. Muito menos em mim.

— Sou tão O'Neill quanto qualquer um. E não vou tolerar você falando o contrário — disse Matt.

Heather não ligava para nada daquilo no momento. Ela foi arrastando-se até Tom.

Ele estava deitado de lado numa poça de sangue.

— A gente tem que chamar uma ambulância! — disse ela, histérica.

— Não tem telefone aqui — informou Kate.

— Vocês têm que ajudar ele! — gritou Heather.

— Já chega — disse a mãe.

— Não! Ainda dá para salvar ele — falou Heather. — Por favor! A gente pode ajudar.

De mãos amarradas, Heather agarrou a faca caída de Danny e com muito esforço se levantou. Havia meia dúzia de armas apontadas para ela agora.

— Vocês têm que ajudar! — implorou, brandindo a faca.

— É melhor largar isso aí, queridinha — disse Kate.

Ivan deu um tapa na lateral da cabeça de Heather e arrancou a faca

das suas mãos quando ela caiu.

E, então, Kate deu um tiro de espingarda para cima. Todos ficaram paralisados.

— Obrigada, minha querida — disse a mãe. — Isso aqui virou uma zona, é isso que virou! Como sempre, eu é que vou ter que resolver tudo, né? Não tenho um segundo de paz. Para começar: levem os corpos para casa. Botem todos no velho congelador.

— Os alemães estão lá. E eles? — perguntou Ivan.

— Jesus, Maria e José! Não deixem que eles vejam nada. E não deixem que eles vão embora. Mantenham todo mundo aqui até a gente decidir como vai resolver essa bagunça — respondeu a mãe.

— A gente já sabe o que vai fazer — disse Jacko. — Não vamos deixar a polícia pegar o Danny.

Com dificuldade, a mãe se levantou da cadeira de balanço.

— Será que alguém nessa merda dessa ilha escuta alguma coisa do que eu falo?

— Sim, mãe — respondeu uma dúzia de homens.

— Levem esses corpos lá para dentro!

Dois homens pegaram Tom, um pelos tornozelos e outro pelos ombros, e o removeram dali. Heather chorava convulsivamente. Tom estava morto. Tom, tão calmo e centrado. Tom, que sabia tudo. O que raios ela ia fazer agora?

Outros dois homens levaram Ellen para dentro. Assassino e vítima unidos. Sobre o que será que seus fantasmas estavam conversando?

Tom, ai, meu Deus, Tom.

Heather cerrou bem os olhos.

Tentou apagar as últimas horas.

Aquele rosto sem vida. Aquele reflexo da asa de um corvo morto.

Isso não pode estar acontecendo.

Eu estou em Melbourne. Tom vai me acordar, e a gente vai sair para ver pinguins e coalas.

Ela tentou abrir os olhos, mas teve que limpar o sangue das pálpebras primeiro.

Mosquitos.

Lua de cabeça para baixo.

Uma multidão armada.

Sangue preto na terra morta como Tom sob as estrelas mortas como Tom.

Uma criança apontando uma arma de brinquedo para ela.

Homens de verdade com armas de verdade.

Ela se sentou.

Havia pessoas conversando baixinho.

Heather sabia que não teria muitas outras oportunidades de fazer com que pensassem racionalmente.

— Vocês têm que deixar a gente ir. Isso já foi longe demais — disse.

— Faz essa piranha calar a boca. Se ela falar mais uma vez sem a minha permissão, pode quebrar a mandíbula dela — disse a mãe.

— Ouviu? — perguntou Matt para Heather.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Então o *que* é que a gente vai fazer? — perguntou Ivan.

— Se livrar deles o quanto antes! — respondeu alguém.

— Calma aí — disse Danny enquanto batia a poeira das roupas. — Vocês têm que perguntar para mim o que fazer. Eles são meus. Todos eles.

— Seu burro filho da puta — falou Kate. — Você nos custou quinhentos mil dólares. Você sempre foi burro mesmo. Uma anta, é isso que você é. Uma anta.

— Dá uma folga para o cara, Katie. A Ellen morreu — disse Matt.

— Morreu mesmo. Ela era tudo o que eu tinha. Você sabe disso. Nenhum dinheiro no mundo... — A voz de Danny foi ficando mais baixa.

Pessoas vieram para dar tapinhas nas costas de Danny, afagá-lo e abraçá-lo. Alguns aproveitaram a oportunidade para cuspir, beliscar e cutucar Heather.

Ela conseguia se sentir afundando. Estava com tanta sede. Tudo doía. Ela estava sentada de pernas cruzadas no chão. Uma trilha de sangue escorria do seu corpo até a terra. Tentou inspirar. Respirar doía. Suas costelas doíam. O ar parecia pesado. Sua avó dizia que os mortos conseguiam nos ver através dos espelhos. Talvez Tom pudesse vê-la de alguma forma. Que conselho será que ele daria agora?

— Se tenho que ficar aqui fora, dá para alguém dar um jeito nessas merdas desses mosquitos? — disse a mãe.

Alguém acendeu um fogareiro. Latas de cerveja começaram a ser distribuídas.

— A pergunta continua: o que a gente faz com esses três? — questionou Matt.

— Mata. Não temos escolha — respondeu Jacko.

— Não — disse Matt. — Isso só vai piorar as coisas.

— Quem é que vai dar por falta dessa gente? Eles nem são da Austrália, nenhum deles — comentou Ivan.

— Então vamos descobrir quem é que vai dar por falta deles, Kate — disse a mãe.

Kate agarrou Heather pelos cabelos e a puxou até colocá-la de pé.

— De onde você é? — perguntou.

— Quê?

Kate lhe deu um tapa na cara.

— De onde você é, sua piranha?

— De Seattle, Washington.

— E o que exatamente vocês estavam fazendo aqui? — perguntou Kate.

— O Tom veio para um congresso, e a gente veio junto para conhecer o país. Fomos para Sydney, Uluru e Melbourne, mas as crianças queriam ver uns coals no interior...

Kate a largou, e ela caiu de volta no chão.

— Turistas dos Estados Unidos, mãe, basicamente isso.

— Turistas. Então quem é que você acha que vai sentir falta deles? — pensou a mãe em voz alta.

— Alguém vai — disse Matt.

— Vai! Tom era o palestrante principal — contou Heather. — Do... hum... Congresso Internacional de Medicina Ortopédica. Vocês não podem simplesmente dar um sumiço na gente. A locadora do carro sabe também. A gente teve que assinar uns formulários. O melhor a fazer é deixar a gente ir e...

— Chega! — disse a mãe.

— Não, espera, me escuta, não precisa... — começou Heather, mas Kate se abaixou e, com uma mãozorra branca, apertou *com força* as bochechas dela.

— As únicas testemunhas são os alemães, não é? — perguntou a mãe.

— O Ned, conhecido nosso, estava cuidando da barraquinha de comida. Ninguém viu quando eles vieram com a gente na balsa a não ser os alemães — confirmou Jacko.

A mãe acendeu um cigarro e gesticulou para que abrissem espaço em volta da sua cadeira. Os murmúrios foram aos poucos se encerrando, e a multidão ficou em silêncio. A cabeça de Heather tinha parado de latejar e, na quietude, era possível ouvir pássaros empoleirados nos eucaliptos distantes. Um jato passou lá em cima, e a trilha que deixava era visível apenas à luz do luar. Tudo estava se encaminhando para o futuro. Inclusive ela. Mas Tom, pobre Tom, ficaria morto para sempre. Agora, Heather tinha que pensar nela mesma e nas crianças.

— Por favor. Sei o que vocês estão pensando e não vai dar certo — implorou Heather.

— Foi você que nos forçou a ir tão longe. Matou a Ellen e tentou fugir. A culpa é sua — disse a mãe.

— Não piora as coisas. Você...

— Matt! Eu falei para você calar a boca dessa piranha — disse a mãe com uma calma gélida. — É o último aviso, garota. Se falar de novo sem a minha permissão, vou mandar o Lenny, nosso ferreiro, tirar a sua língua fora com a tesoura de cortar couro. Acena com a cabeça se tiver entendido. Não quero mais nenhuma palavra sua,

entendeu?

Heather fez que sim.

— Só os alemães, então? Matt, e se a gente largasse o carro em algum lugar do continente?

Matt acenou positivamente com a cabeça.

— O GPS deve ter parado bem antes de Stamford Bridge.

— Jamie, você acha que daria para destruir o carro? — perguntou a mãe para alguém que Heather nem conseguia ver.

— Ô, se daria. É moleza. Tem um monte de declive bem íngreme na Red Hill Road. Alguns até de vinte e cinco metros. O carro cai num deles, a gente mexe um pouco nas mangueiras de combustível... Bum.

— O que você acha, Ivan?

Ele refletiu por um tempo antes de enfim pigarrear e dizer:

— Gosto do plano, mãe. A polícia vai achar o carro daqui a uns dias e só pensar: “Ah, que pena, esses estadunidenses burros esqueceram qual era o lado certo para dirigir.”

— Só que a polícia de Melbourne é esperta. E se eles vierem para cá? — perguntou Kate.

— A gente fala que não sabe nada de estadunidense nenhum; gostamos de ficar na nossa.

— Olha aqui, a decisão é minha, não é? — disse Danny. — Segundo a lei antiga. O erro deles foi *comigo*, não com vocês.

— Você já nos custou meio milhão de dólares, Danny! Cala a porra da boca — disse Ivan.

— O que é que você quer, Daniel? — perguntou a mãe.

Danny foi até o centro do círculo. Alguém tinha lhe passado uma jarra de barro, e ele tomou um enorme gole de uma bebida tão forte que Heather conseguia sentir o cheiro de onde estava, esparramada no chão.

— O que eu quero? — disse Danny depois de um instante.

— Não tem nada que eles possam dar para você agora, parceiro — disse Matt.

— Não, olha... Eu perdi uma mulher e ouvi falar que tem uma menina. Quero ver. Tragam ela aqui — ordenou Danny, limpando a boca com as costas da mão.

— Ivan? — chamou a mãe.

— Acho que não é uma boa ideia, mãe. Se vamos mesmo fazer isso, não pode ter nenhum sobrevivente — comentou Jacko.

— Quero o que é meu por direito — insistiu Danny.

— Você perdeu uma mulher, não uma filha — disse Matt.

— Não posso ficar com essa porra dessa piranha violenta. Não dá para confiar nela — argumentou Danny, apontando para Heather.

Kate riu.

— Verdade. Ela ia cortar o nosso pescoço, essa aí.

— É meu direito, não é? — disse Danny.

— O que a polícia ia achar, Ivan, se só tivesse três corpos? — quis saber a mãe.

— Acho que a menina pode ter sobrevivido ao acidente, saído andando por aí atrás de ajuda, se perdido, e o seu corpo nunca foi encontrado — disse Ivan.

— Pode até ser bom para a gente — comentou Jacko. — A polícia vai se concentrar na busca pela menina no continente. Nem vamos ser parte da história.

— Matem todo mundo! — gritou alguém.

A mãe ergueu as mãos para pedir silêncio.

— Ouvi tudo e agora vou dormir para tomar a minha decisão. A gente não precisa decidir nada hoje à noite, certo, Matt?

— Certo. E a gente também não quer colocar a balsa em funcionamento de noite. Nada fora do comum — disse Matt.

— Amanhã, se for isso que eu decidir, vamos levar o carro para o continente e o Jamie vai armar uma batida na Red Hill Road. O restante de nós pode ir se deitar agora. As minhas pernas estão doendo. Esqueci o meu cigarro do bom — continuou a mãe.

— E eu? — perguntou Danny.

— Você que vá tomar no cu, Danny! — ralhou Jacko.

— Tá bom, vamos deixar o Danny dar uma olhada na menina. Alguém vai lá pegar ela! — ordenou a mãe.

— Então o plano é matar essa aqui e o menino? — perguntou Kate, apontando para Heather.

Heather meneou a cabeça. Era surreal. Eles não podiam estar falando sério. Era tudo um erro. Um pesadelo. Um...

— Talvez — disse a mãe. — E os cigarros, cadê?

Uma menininha entregou um maço para a mãe. Ela acendeu um e passou a caixa adiante.

— Onde estão os alemães agora?

— Ainda lá na casa — contou Jacko. — Falei que a gente estava consertando a balsa e eles acreditaram, mas aí o velhote falou uma coisa que não devia.

— O que ele disse?

— Que tinha percebido o para-choque do Porsche torto e perguntou se tinha acontecido algum acidente.

— Merda! — disse a mãe. — Você ferrou tudo mesmo, não é, Daniel?

— A Ellen morreu. Quero aquilo que é meu por direito.

— Você vai receber o que é seu por direito, Danny — disse Kate. — Mas, parceiro, por sua causa, agora, a gente vai ter que matar mais duas pessoas, por segurança.

Heather se levantou.

— Vocês não podem estar falando sério! Ficaram loucos? — choramingou ela.

— Eu te avisei! Eu te avisei, caralho. Não avisei? Arranca a língua dela, Lenny — ordenou a mãe.

Um homem grande, bronzado e magro começou a atravessar a multidão. Ele usava um avental de couro e uma camiseta imunda. Seus olhos eram pretos, e ele tinha um ar de indiferença. Cheirava a sangue seco e carniça.

Ele agarrou Heather com violência pela cabeça e lhe deu um mata-leão.

Ela socou e arranhou o braço dele quando o homem enfiou dois dedos enormes na sua boca. Ela os mordeu, mas era como morder blocos de madeira.

— Dá para arrancar, sim. Jodie, pega a tesoura. Deixa que eu cuido dessa aqui.

Heather tentou gritar, mas não conseguia respirar nem emitir som nenhum.

Olivia conseguia ouvir a gritaria. Estava apavorada. Não sabia o que estava acontecendo lá fora. Não sabia o que devia fazer. Tinham pegado o seu celular, mas não era ao telefone que ela recorria quando estava perdida. A maioria das crianças da sua idade perguntava ao Google, à Siri ou à Alexa quando queria saber das coisas, mas ela sempre buscou o pai nesses momentos. Seu pai sabia tudo. Seu pai sabia tudo do mundo, e sua mãe sempre teve respostas para os seus problemas na escola com amigos, professores ou autoestima. Ela era tão inteligente quanto o seu pai, mas nunca gostou de ficar se exibindo por causa disso. Algum dos seus pais sempre sabia o que estava acontecendo e o que ela devia fazer.

Mas a sua mãe estava morta, e o seu pai foi tirado dela.

Estava completamente sozinha, sem o pai, sem a cobertinha que a acalmava e sem o Lexapro.

Owen não servia para nada.

Owen estava escondido dentro do capuz, sem dizer nada. Nem chorar chorava. Na pressa para sair de casa, Heather se esqueceu de lhes dar as medicações do dia. Era sempre assim. Heather era nova demais para ser uma mãe de verdade. Mães faziam listas, conferiam item por item e nunca esqueciam as coisas. Mães cuidavam dos filhos. A transição entre o Owen com TDAH e o Owen com TOC e crises de pânico era sempre difícil de acompanhar. Ela conseguia se virar, mas Owen já estava um dia e meio sem os remédios, então logo mais viraria um caco. Provavelmente era melhor deixá-lo quieto.

Estava tão quente.

A garganta de Olivia doía.

Ela estava com muita sede.

Deixou que as moscas pousassem no seu corpo. O cansaço era intenso demais para lutar contra os insetos agora. Elas rastejaram de um lado para o outro no seu braço.

Papai matou aquela mulher.

Mas a culpa era de Heather.

Ele estava dirigindo rápido para impressioná-la.

Heather se impressionava fácil. Não era muito inteligente. Não tinha nem concluído o ensino médio. A mãe de Olivia, sua mãe de *verdade*, tinha até doutorado. Sua mãe de verdade era bióloga.

Olivia conseguiu colocar dois dedos entre a corda e o pescoço. Isso fez com que respirar ficasse um pouco mais fácil.

Colocaram cordas ao redor do seu pescoço como se fossem enforcá-la. E era provável que fossem mesmo. Era provável que matassem todos eles. Olho por olho e toda aquela baboseira dos estudos bíblicos.

As cordas eram ásperas, e doía quando ela tentava se mexer. Em Owen, estavam por cima do moletom. Ele foi esperto de deixar assim. Desse jeito não arranhavam o pescoço. Ele continuava ali parado, como se estivesse morto. Nem chorando estava. Olivia estava. E ninguém vinha ajudar. Ninguém viria ajudar. A sua mãe tinha morrido, e o seu pai...

— Oi — disse uma voz.

Uma voz bem ao seu lado.

Apavorada, Olivia se virou. Um rostinho a encarava por uma fenda entre as tábuas. Uma menina de uns 7 ou 8 anos com cabelos loiros e grandes olhos escuros.

— Oi — disse Olivia. — Qual é o seu nome?

— Niamh — respondeu a menina. — E o seu?

— Olivia.

— É o seu irmão aquele ali? — perguntou Niamh.

— ã-hã. O nome dele é Owen.

— Oi, Owen — disse a menina.

Owen não falou nada.

— Ele não é de falar muito — explicou Olivia.

— Vocês não deviam estar aí — disse Niamh. — É para ovelhas. Elas usam de casinha às vezes. Não é lugar para se viver.

— Casinha é banheiro, certo? — perguntou Olivia.

— Casinha é casinha! — respondeu Niamh, chocada com o questionamento. — De onde vocês são?

— Dos Estados Unidos.

— Eu conheço os Estados Unidos. Ficam perto de Sydney, eu acho. Meu papai já foi para Sydney. Você está triste?

— Triste? É, acho que sim. Eu queria ir para casa.

— Está triste por causa do seu pai?

— Como assim?

— Está triste porque ele morreu?

— Ele não morreu — disse Olivia enquanto sentia uma onda de pavor tomando-a de assalto.

— Ele morreu, sim. O que você acha que acontece quando a gente morre? Na escolinha falam que a gente vai para o céu e vira anjo, mas

o papai diz que não existe céu coisa nenhuma. Ele diz que, quando a gente morre, não acontece nada.

— Por que você acha que o meu pai morreu? — perguntou Olivia.

— Porque o Danny deu uma facada nele. Uma facada daquelas. O sangue e as tripas saíram e depois ele deitou e ficou lá, sem fazer nada.

— Isso é mentira! — disse Olivia.

— É verdade. Eles fizeram uma coisa com a sua mamãe.

— A Heather não é minha mãe.

— O Lenny vai cortar a língua da sua mamãe. O Lenny vai colocar aquela tesourona na boca dela e cortar a língua fora porque aí ela não vai mais poder ficar respondendo a mãe. A mãe não gostou nada.

— Não! Nada disso aconteceu.

— É verdade. A mãe mandou eles levarem o seu papai e a Ellen para o velho congelador. Duas pessoas mortas juntas. Se olhar pela janela, dá para ver eles na mesona. Vem e vê com os seus próprios olhos.

— Você tem como me soltar? — perguntou Olivia.

— Quê?

— Você tem como me soltar?

A menina foi até a frente do galpão de tosquia e voltou.

— Eles colocaram um negócio na porta. Como é o nome daquelas coisas de metal, mesmo?

— Cadeado?

— Isso.

— Tem outro jeito de sair daqui? — perguntou Olivia.

— Não sei. Tinha um buracão no teto de onde dava para ver o lado de fora, mas eles arrumaram já.

— O teto é alto demais, de todo jeito.

— Uma das ovelhas fugiu no verão passado — contou Niamh.

— Por onde?

— Está vendo ali na parede que tem uma parte com cor diferente?

— Não, está escuro demais para ver qualquer coisa.

— Perto de mim, aqui onde eu estou. O Jacko arrumou. Ele usou madeira que veio com o mar. Acho que não é muito forte. E não pintaram nem nada. Ivan é um carpinteiro melh... Tem alguém vindo — disse a garota antes de se esconder na sombra.

Olivia ouviu uma chave girar no cadeado. A porta se abriu. Owen espiou pelo capuz.

— Muito bem, você vem comigo — disse um homem.

Era um sujeito gigante com bigode e cabelo preto. Ele se ajoelhou na frente de Olivia e desamarrou a corda que ia do pescoço dela até o gancho sobre sua cabeça. Depois, desamarrou a corda que a prendia à parede. Puxou-a pelas costas da camiseta até ela ficar de pé.

— Para onde você vai levar ela? — perguntou Owen.

— Cala a boca aí, amiguinho, se tiver algum bom senso nessa sua cabeça — disse o homem.

Ele levou Olivia para fora e trancou a porta do galpão.

— O que está acontecendo? — quis saber Olivia.

— Daqui a pouco você vai ver — respondeu o homem.

Ele a levou até o pátio da fazenda, onde havia muita gente reunida. Havia uma fogueira estalando. Música.

— Espera — disse o sujeito.

Ele mexeu em alguma coisa que tinha prendido ao cinto. Era uma garrafa de barro. Tirou a rolha e a passou para Olivia. Ela a pegou com suas mãozinhas pequenas. O cheiro era ruim.

— O que é isso? — perguntou ela.

— Cana. Você vai precisar.

— Eu... Eu não quero.

— Deixa que eu te ajudo a engolir.

Ele apertou as bochechas dela, fez com que ela abrisse a boca e virou a bebida. Olivia não teve escolha a não ser engolir, e o líquido queimava. Seus olhos ficaram marejados, e sua garganta parecia arder em chamas.

Ela tropeçou, e o homem a levantou pela cintura para carregá-la até o meio do círculo. Outro homem estava segurando Heather pelo pescoço e enfiando um alicate na sua boca.

Olivia gritou, soltou-se do sujeito que a carregava e correu até Heather. Chutou o homem que segurava o alicate, e ele ficou tão surpreso que acabou soltando Heather. Olivia caiu nos braços dela.

— Mataram o papai! Mataram ele, não mataram? — perguntou Olivia, chorando convulsivamente.

— Me desculpa. Me desculpa, meu bebê — disse Heather, apertando-a ainda mais, colocando as mãos amarradas de Olivia ao seu redor, abraçando-a o mais forte que conseguia.

Olivia se enterrou no peito de Heather. Nunca a havia abraçado de verdade antes, a não ser naquela única vez no casamento, antes do Natal. E foi só por educação.

Heather a embalou de um lado para o outro e começou a chorar também.

— O que eu faço agora? — perguntou o ferreiro.

— Deixa para lá — respondeu Matt.

— Ele morreu mesmo? — sussurrou Olivia.

— Eu sinto muito, meu amor. Sinto muito, muito mesmo — sussurrou Heather em resposta.

— Olha a menina aí! Quero dar uma olhada nela — disse Danny.

— Deixa ele dar uma olhada nela — ordenou Jacko.

Olivia sentiu um braço envolvê-la e afastá-la de Heather, que

tentou alcançá-la, mas o homem com avental de couro a empurrou para o chão.

— O que acha, Danny? — perguntou Jacko.

O sujeito chamado Danny a estava encarando. Ele era magro, ruivo e repulsivo. Estava com a língua para fora e babava. Parecia muito bêbado. Ele esticou a mão e tocou o cabelo dela. Olivia se encolheu.

Alguns dos homens começaram a rir, e alguém gritou:

— Vai fundo, Danny! Manda ver!

— Quantos anos você tem? — perguntou Danny. Seu bafo tinha o cheiro daquela cana que ela foi forçada a beber.

— Catorze — respondeu Olivia.

A velha com a bengala estava se aproximando, aquela que chamavam de mãe. Ela inclinou a cabeça da menina para trás e deu uma boa olhada. Suas mãos eram frias e grudentas.

— E aí, Danny? — perguntou a idosa.

— Ninguém nunca vai substituir a Ellen, mas já é melhor que nada — respondeu ele.

— Tudo na vida é equilíbrio. A natureza tratou você muito mal hoje. Isso vai restaurar o equilíbrio. Pode ficar com ela — declarou a mãe.

Vieram algumas risadas dos homens reunidos.

Olivia viu que Heather tinha se levantado. O sujeito com o alicate se colocou na frente dela. Ela deu a volta nele e se aproximou um passo da mãe.

— Você não fez nada de errado até agora — disse Heather.

— Como assim? — perguntou Matt.

— Você não fez nada de errado. Nadinha de nada. Tudo o que aconteceu de ruim foi culpa ou do Tom ou dele — continuou ela, apontando para Danny. — Se você nos levar de volta para o continente...

— Aí você vai até a polícia. Claro que vai! — argumentou a mãe com raiva.

— E daí? Nada vai acontecer com ninguém aqui além dele. Você não fez nada de errado — disse Heather.

— A gente sequestrou vocês — disse Matt. — Mantivemos todos aqui contra a vontade.

— Não, vocês nos mantiveram em segurança enquanto tentavam entrar em contato com a polícia do continente. Se deixarem esse sujeito ficar com ela agora, aí acabou — insistiu Heather. — Vão ter que matar todo mundo. E o casal holandês. Vocês têm certeza de que vão se safar? Essa é uma decisão enorme.

— Uma decisão que eu já tomei — disse a mãe.

— Você falou que ia dormir para pensar melhor. A gente não vai a lugar nenhum. Estamos trancados naquele galpão. Pode decidir de

manhã — apontou Heather.

Matt olhou para a mãe.

— Até que faz sentido o que ela está dizendo.

A mãe se apoiou no pedaço de pau e meneou a cabeça.

— E onde é que isso vai parar? A palavra do Terry era a lei e, na época dele, era isso e *ponto* — disse a mãe.

— Com licença, mas você não vai ter que voltar atrás em nenhuma decisão. É só para pensar a respeito durante a noite. Que diferença vai fazer? Não vamos a lugar nenhum — falou Heather.

— E que diferença vai fazer para você? — perguntou Matt.

Heather olhou para Danny e então para Matt.

— Eu tenho o dever de proteger essas crianças — disse ela baixinho.

— E os outros dois? — quis saber a mãe. — Acho que temos que segurar eles também. O que vamos fazer, Matt?

— Podemos decidir amanhã também.

A mãe pegou um lenço do bolso da saia. Assoou o nariz e examinou o conteúdo. Depois, olhou para Matt e terminou o cigarro.

— Eu falei que ia dormir para pensar melhor, não falei?

Matt fez que sim com a cabeça.

— Eu acho que é uma ótima ideia.

— Não! Você falou que eu podia ficar com ela! — choramingou Danny.

— E talvez eu fale de novo, mas agora cala essa boca, Daniel.

— Só quero o que é meu por direito!

— E vai ter. Mas precisa esperar. Tá bom, Jacko. Põe eles de volta no galpão de tosquia e tranca todo mundo lá. Inclusive os alemães. De manhã a gente dá um jeito. Se o Danny incomodar você, manda alguém jogar ele na porcaria do poço.

Heather venceu essa batalha. Mas havia muitas outras pela frente. Pelo menos tinha conseguido um pouco de tempo.

Danny começou a gritar e protestar atrás delas enquanto Jacko as levava de volta à prisão. Ainda com as mãos amarradas, Heather colocou os braços ao redor de Olivia, mas a menina se afastou. Heather sabia que ela ainda estava tentando processar tudo.

Tom teria que conversar com a filha sobre...

Espera. O que estava acontecendo? Tom. Como Tom poderia...

Ela engoliu em seco.

Tom. Ai, não. Ai, meu Deus. Tom não. Não foi amor à primeira vista, mas quase isso. Ele era tão engraçado, tão charmoso e tão inteligente. Todos os livros que ele tinha lido. Todas as coisas que ele sabia. E aquela educação da Costa Oeste à moda antiga. E não atrapalhava em nada o fato de ele ser tão bonito. Com aquela beleza típica dos anos cinquenta. A calma e a postura firme de um homem dos anos cinquenta. Ele não sabia consertar um motor como os homens da ilha de Goose, mas sabia preparar uma caneca de chocolate quente, ler poesia numa tarde chuvosa e colocar as crianças para dormir cedo no sábado, depois trancar a porta do quarto para mandar ver na cama.

E agora estava morto. E ela estava num pesadelo. No meio do nada, cercada por um bando de gente doida. E com tanta sede. Sua cabeça parecia aérea.

Seria tão fácil cair e também se deixar consumir por aquela terra avermelhada e quente...

Estava entrando em choque. Mas não podia. *Tinha* que manter a calma por si mesma e, agora, por Owen e Olivia.

Chegaram ao galpão de tosquia. Jacko destrancou a porta e as empurrou lá para dentro.

— Faz horas que a gente está sem água ou comida — disse Heather. Jacko se aproximou do rosto dela.

— Pensei que já tinha aprendido a lição, sua piranha tagarela. Agora cala essa boca ou eu calo para você.

— A gente precisa de água — disse Heather.

Jacko a separou de Olivia e a forçou a se sentar. Colocou o nó ao redor do seu pescoço e o apertou bem rente à viga do telhado. Amarrou uma segunda corda também ao redor do seu pescoço e a prendeu à parede dos fundos para que ela não conseguisse se mexer. Depois, começou o mesmo processo com Olivia.

— Não aperta muito — pediu Heather. — O Matt tinha concordado.

— O Matt é um frouxo — respondeu Jacko.

Enquanto olhava fixo para ela, ele apertou lentamente o laço ao redor do pescoço de Olivia até a garota começar a engasgar. Ela até tentou colocar um dedo entre a corda e o pescoço, mas já estava esticado demais.

— Por favor! — implorou Heather. — Para com isso!

— A mãe mandou garantir que vocês ficassem bem presos — disse Jacko.

— Ela mandou manter a gente vivo! — protestou Heather.

— Ela não está morta. Está bem confortável. Não é, bonitinha?

— Está doendo — disse Olivia, ofegante.

— Por favor — pediu Heather.

— Eu gosto quando você fala “por favor” desse jeito. Repete, vai — disse Jacko.

— Por favor, ela é só uma criança.

Jacko fez que não com a cabeça.

— Que nada, ela é uma mulher já. Quer dizer, pelo menos vai ser depois que o Danny der um trato nela — murmurou ele.

— *Eu* sou uma mulher. Por favor, larga ela.

Jacko fez que sim.

— Ah, você é uma mulher, é? — disse ele, abrindo uma folga no laço que envolvia o pescoço de Olivia.

A menina ofegou, tentando respirar fundo várias vezes. Jacko atravessou o galpão de tosquia. Afastou da frente do rosto as mechas de cabelo que restavam na cabeça e deu um sorriso amarelado de chagal.

Ele se agachou na frente de Heather e deu uma olhada nela.

— E bem novinha também. Quantos anos você tem? É bem mais nova que ele.

— Vinte e quatro — respondeu Heather.

— Vinte e quatro, é? Bom, 24, é você ou ela. Quem vai ser?

— Não foi isso que mandaram você fazer — disse Heather, desesperada.

— Mandaram? Ninguém manda em mim. Ninguém mandou coisa nenhuma! — Ele deu risada. — Você já morreu, gatinha. Todos vocês. Ou não estava prestando atenção?

— Me desculpa, eu não quis dizer “mandaram”. É só que a mãe pediu que você nos trancasse aqui. Você ouviu. Ela vai dormir para pensar no que fazer com a gente.

— Por mim, ela que durma por mil anos. Agora, queridinha, por mais que eu tenha adorado essa nossa conversinha, o seu trabalho é fazer uma escolha. Quem vai ser? Você ou a sua filha loirinha?

A garganta de Heather estava seca. Sua cabeça parecia à deriva.

— Por favor, você não precisa fazer isso.

— Ah, sim, eu gosto quando você pede “por favor”, toda americaninha, mas já deu de conversa fiada. Você ou ela? Dez segundos.

— O Matt disse que...

— Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três...

— Eu.

— Foi o que imaginei. Agora, seja uma boa menina e bota para fora.

Owen a encarava. Ambas as crianças estavam horrorizadas, apavoradas. E Owen ainda nem sabia o que tinha acontecido com o pai.

— Owen, Olivia. Quero que vocês dois fechem os olhos. Owen, tampa a cabeça com o capuz. Fechem os olhos com força, os dois.

Owen tapou a cabeça com o capuz. Olivia cerrou os olhos. Nenhum dos dois, ela esperava, sabia o que estava prestes a acontecer. A calça jeans de Jacko era originalmente azul, mas tinha tanta sujeira encrostada que o tom agora era um preto-avermelhado. Ele sorria. A carabina continuava pendurada nas costas.

Ela olhou para ele.

Ele leu a mente dela.

— Vê se não faz nenhuma gracinha, Heather. Porque você sabe muito bem o que vai acontecer com você e com ela.

A vontade dela era bater nas bolas dele com as mãos amarradas. E provavelmente seria uma bela de uma pancada dolorida, mas e depois? Ele quebraria a cara dela e estupraria Olivia.

Ela estendeu as mãos para o zíper e tentou abrir. Estava coberto com tanta imundície e ferrugem que não abria.

— Você consegue fazer melhor que isso, Heather.

Ela tentou com mais força, mas o zíper não se mexia.

— Acho que não foi muito usado.

— Espero para o seu bem que não esteja tentando ser engraadinha.

Ele deu um passo para trás, abriu o cinto e o zíper e abaixou a calça. Bem na hora, a porta se abriu e Matt apareceu com o casal holandês.

— Mas que porra é essa?

— Não é da sua conta, parceiro — respondeu Jacko. — Volta daqui a dez minutos.

— Nem fodendo. Some daqui.

— Quem mandou?

Matt tirou a carabina do ombro e a apontou para Jacko.

— Eu mandei, seu babaca.

— Se você fizer isso, vai acabar aqui com eles — zombou Jacko.

— E a sua cabeça vai acabar espalhada na porra do teto.

Os dois homens ficaram se encarando.

O ar estava elétrico.

Heather prendeu a respiração.

E se ela tentasse...

Jacko deu um passo para trás e subiu a calça. Deu uma olhada em Heather, depois em Matt, e cuspiu.

— Mal ia caber dentro dessa piranha mesmo, dá para ver de longe — disse ele e saiu revoltado do galpão enquanto murmurava consigo mesmo.

O coração de Heather batia forte. Suas mãos tremiam.

— Tá bom, vocês dois, sentem no chão — disse Matt para o casal holandês. — Não dá para ficarem andando por aí, então vou colocar essas cordas em volta do pescoço de vocês e prender no teto.

— Ficou louco? — disse Hans. — Você não pode fazer isso.

— Olha para as crianças. Se eu fiz com elas, não tenha dúvida de que vou fazer com vocês — respondeu Matt. — Sentem logo.

O casal holandês se sentou no chão sujo do galpão de tosquia. Suas mãos já haviam sido amarradas, e todos os seus pertences, tirados. Heather percebeu que Hans não estava processando os últimos acontecimentos, mas Petra já entendia. Ela começou a chorar quando Matt passou o laço pelo seu pescoço.

— Isso é um absurdo! Um completo absurdo! — disse Hans.

Ele ainda não havia entendido. Na sua cabeça, estava escrevendo uma carta invocadíssima para o Conselho de Turismo australiano.

Depois de prender o casal holandês, Matt conferiu os nós das crianças e de Heather. Podiam passar a noite inteira cutucando a corda que não adiantaria de nada.

— Precisamos de água para sobreviver até de manhã aqui. Comida também. Mas principalmente água. Vocês não vão decidir *nada* se a gente morrer de sede — disse Heather aos sussurros, mas num tom insistente.

Matt fez que sim com a cabeça.

— Espera aí.

Ele fechou a porta do galpão e a trancou.

— O que está acontecendo? Não acredito nisso! — exclamou Hans.

— *Ze houden ons gevangen. Ze gaan ons morgenochtend vermoorden* —

disse Petra, sem emoção nenhuma na voz.

A única palavra que Heather pensou ter entendido foi “*vermoorden*”.

Sim, eles vão matar a gente.

A porta do galpão foi destrancada e aberta. Matt entrou com uma garrafa de um litro de água.

— Isso é o máximo que consigo — disse ele, deixando a bebida em frente a Heather.

— Obrigada. Como é que vamos passar de um para o outro?

— Hum...

— Pode levar para as crianças tomarem um golinho? Por favor.

Matt ficou visivelmente constrangido.

— Quê?

— É que eu não consigo. Você pode fazer isso por mim, por favor? Só coloca na boca delas e faz elas beberem.

“A melhor forma de fazer um adulto se conectar a uma criança é alimentando-a. É primitivo”, dizia um dos livros sobre criação de filhos que Tom fez com que ela lesse.

Matt suspirou.

— Tá bom, tá bom.

— Crianças, quero que vocês tomem um belo de um gole — disse Heather.

Os dois estavam com tanta sede que beberam avidamente.

— Mas e a gente? — perguntou Petra.

— Vocês dividem com ela — respondeu Matt, jogando a garrafa em frente a Heather.

— Como vamos ao banheiro? — perguntou Hans.

— Aí vocês vão ter que se virar.

— Cadê o meu pai? — perguntou Owen.

Matt olhou para Heather.

— Essa eu deixo para a sua mãe responder.

— Ela não é a minha mãe — disse Owen.

— Bom, ela vai contar mesmo assim. Estou saindo, mas a gente vai ficar de olho em vocês, então nada de bancarem os espertinhos. Se ficarem quietinhos, ninguém vai acabar estrangulado. Se fizerem alguma gracinha, aí não venham jogar a culpa em mim depois. E, se vocês têm um pinga de noção, não façam barulho nenhum. A mãe gosta de dormir. Boa noite.

— Você vai mesmo deixar a gente assim? — perguntou Heather.

— E o que é que eu posso fazer?

Ele saiu e trancou a porta.

— Cadê o seu marido? — questionou Hans depois de Matt ter saído.

Heather sabia que agora não havia saída. Mas alguém precisava

segurar firme aquele menino quando ela contasse.

Coitado do Owen. Coitada da Olivia. Ai, meu Deus, coitadas dessas crianças.

Heather tomou um longo gole de água.

— Me conta — pediu Owen.

Ele era esperto demais para Heather dourar a pílula ou tentar ludibriá-lo com um “Não sei”.

— Owen, quero que você olhe para mim. Olha para mim, Owen. Por favor.

— Mataram ele, não mataram? — disse o garoto das profundezas do capuz.

— Owen, eu...

— Mataram porque ele matou aquela mulher — concluiu Owen no automático.

— Não — disse Hans. — Mataram ele?

— Owen, eu sinto muito de verdade. Tentei impedir. A gente tinha meio que dado um jeito em tudo, mas aí o marido da mulher chegou. Sinto muito, meu amor. De verdade. Queria poder ir aí dar um abraço em você, meu querido.

Hans e Petra começaram a falar acaloradamente em holandês.

— Ele morreu mesmo? — perguntou Owen baixinho.

— Sinto muito — respondeu Heather.

Furioso, Owen a encarou, então voltou a esconder a cabeça no capuz. Seu corpo inteiro começou a tremer.

— Eu sinto muito, Owen.

— Cala a boca, Heather. Só cala essa boca, entendeu? Cala a porra da boca.

Heather fez que sim com a cabeça. Não tinha problema deixá-lo extravasar. Olivia também. Os dois passariam anos lidando com o ocorrido. Isso se não fossem todos assassinados de manhã. O coração dela batia forte. Pelo amor de Deus, onde é que estava aquele canivete? Será que o havia perdido? Como foi perdê-lo? Ela o havia enterrado bem ali quando saíram. Precisava encontrar o...

Será que estava perto do gancho de ferro ou...

Lá do lado do...

Ali estava. *Obrigada, meu Deus.*

Ela agarrou a faca e, apesar de mal ter espaço, começou a cortar o nó nos punhos. A corda era grossa, mas a lâmina era bem afiada e, assim que ela conseguiu um bom ângulo, começou a cortá-la.

Olivia estava olhando para ela. Tinha parado de chorar agora. Owen fazia barulhos baixinhos dentro do capuz. O casal holandês continuava a discussão acalorada.

Ela serrou. Sentiu o atrito. Serrou mais. Ignorava as moscas, os mosquitos, o calor que parecia um forno, o fato de Tom, seu alicerce,

seu salvador, ter morrido.

Olhou para fora através de uma fresta na parede de tábuas. A multidão parecia estar se dispersando e voltando à grande casa principal da fazenda ou às moradias menores no entorno.

Heather serrava a corda enquanto escorria suor da testa. O atrito fazia os seus dedos queimarem, e fiozinhos de fumaça saíam das fibras. Ela parou por um instante, soltou a faca e abriu a tampa da garrafa — o que não era nada fácil com as mãos amarradas. A água estava morna, mas boa mesmo assim. A garrafa estava pela metade agora. Precisava guardar o restante.

Outra olhada lá para fora. Nenhum movimento evidente. Algumas vozes no pátio principal. As luzes da casa continuavam acesas. O mais esperto a fazer seria esperar a madrugada. Quando tudo estivesse quieto, conseguiriam fugir com calma e sem dar início a uma perseguição. Ou talvez fosse melhor simplesmente dar no pé assim que possível, pois ainda havia o risco de decidirem separá-los, de colocarem um guarda no galpão ou de Jacko ou Danny virem atrás de Olivia...

Mas isso eles resolveriam quando...

Ela pegou a faca. Segurou-a entre o indicador e o polegar. Serrou, suou, serrou.

De repente, a lâmina atravessou um dos fios principais.

Ela serrou com ainda mais força, e, quando outra parte se rompeu, quase deu para ouvir.

Cortou o último fio e pronto!

Ela sacudiu os pulsos, e a corda caiu. Afrouxou o laço no pescoço. Trinta segundos depois, estava completamente livre. Caso se levantasse, talvez ficasse visível lá de fora. O melhor era ficar abaixada. Ela engatinhou até Olivia e soltou a corda do pescoço dela. Depois, fez o mesmo com Owen.

— Papai não queria vir. A gente que insistiu! A culpa é nossa! — disse Owen.

— Não, a culpa é deles. Foram eles que o mataram.

Ela tentou abraçar Owen, mas ele não deixou.

— Não encosta em mim, Heather — choramingou ele enquanto a afastava.

Ela tentou desamarrar a corda do pescoço de Hans.

— Pare com isso! Não queremos encrenca.

— Todo mundo aqui já está encrencado — respondeu Heather.

— São vocês que estão encrencados. Se nos juntarmos a vocês, vamos acabar encrencados também.

Heather se virou para Petra.

— E você?

— Eu... Eu não sei.

— Me deixa só afrouxar a corda do seu pescoço. Dá para ver que está enforcando você.

Petra olhou para Hans, que disse algo num holandês rápido.

— É melhor você não nos ajudar — disse ela.

— Tudo bem — falou Heather. Ela se ajoelhou na frente de Owen e abriu a garrafa de água. — Você vai tomar mais um gole disso aqui nem que eu tenha que te enfiar goela abaixo, entendeu?

Ele não respondeu.

— Entendeu?

— Ele está atrás do muro dele — explicou Olivia.

— Atrás do quê? Ah, sei — disse Heather.

— Você não entende o “muro” dele de verdade, não é? Você não sabe nada da gente — disse Olivia. — Owen! Owen! Sou eu, Olivia. Sai daí e toma um gole.

Owen se mexeu e agarrou a garrafa. Primeiro deu um golinho e depois um golão.

— Muito bem — disse Heather, então engatinhou de volta até Olivia.

Começou a serrar as cordas ao redor dos punhos da garota, mas ela a impediu.

— O que você está fazendo?

— Estou soltando você e depois a gente vai dar o fora daqui.

— Não. A-Acho melhor não. Você só vai acabar piorando tudo.

Owen fez que sim.

— Ela não sabe o que está fazendo. O papai talvez soubesse, mas ela não.

— Vamos lá, gente!

— Não! Não encosta em mim! — disse Olivia e começou a hiperventilar.

Owen e Olivia estavam olhando para ela como sempre olhavam: com desprezo. Desta vez, é claro, através de um véu de luto, pavor e lágrimas.

Heather fechou os olhos. Nunca quis ser madrastra deles. O que ela queria era ter um teto sobre a cabeça, conforto, coisas boas e quem sabe ver um pouco do mundo. O que ela queria era Tom. Era nova demais para a maternidade. Na verdade, nunca tinha pensado direito no assunto. Não tinha a idade certa para ser mãe de Olivia e Owen. Quando tentava brincar com eles, não era como aquelas mães divertidas que deixam todo mundo à vontade. Nada disso. Era como uma daquelas crianças mais velhas que ficam no canto do parquinho, chatas demais para ter amigos da mesma idade.

Não dava para dizer que não tinha tentado.

Porque tinha.

Se as crianças não quisessem ir, bom... Ela podia fugir sozinha.

Sem pensar duas vezes.

Isso.

Depois de admitir isso a si mesma, Heather acenou positivamente com a cabeça, abriu os olhos e se agachou diante de Olivia, que continuava em pânico.

— Respira fundo, meu amor. Isso. Inspira pelo nariz, solta pela boca. Respira fundo. Isso. Está melhor?

— ã-hã.

— Olivia, agora me escuta. Se a gente ficar aqui, vão matar a gente — disse, articulando bem cada palavra.

Olivia levou trinta segundos para refletir sobre isso. Choramou como se uma onda tivesse passado por ela. Fez que sim e levantou as mãos. Heather serrou a corda até libertá-la.

— Está doendo — disse Olivia.

— Fica esfregando até a circulação voltar ao normal. Daqui a pouco vai começar a melhorar — garantiu Heather.

Ela olhou para a casa lá atrás. As luzes estavam apagadas agora. A única lâmpada acesa na fazenda inteira era a que ficava diretamente em frente ao galpão. Nada bom.

Ela se forçou a exibir uma expressão de determinação, engatinhou até Owen e começou a serrar as cordas que o prendiam.

— Como é que a gente vai escapar? — perguntou o garoto.

— Não sei... ainda. Mas vamos pensar em alguma coisa.

— O que você está pensando em fazer? — perguntou Petra.

— Fugir daqui e sair correndo — respondeu Heather, ainda serrando.

— Acho que talvez tenha uma saída — disse Olivia baixinho.

— Qual?

— Teve uma menininha que veio aqui mais cedo. Ela disse que podia vir ver a gente. Falou que tinha uma tábua frouxa nesse lado do galpão. Vou dar uma olhada — contou Olivia.

— Mas o que vocês vão fazer se saírem daqui? — perguntou Petra.
— O que vão fazer depois?

— Celular não pega aqui, então a gente vai ter que sair da ilha para chamar a polícia.

— Então o seu plano é nadar até o continente? — zombou Hans.

— Não. Ninguém aqui vai nadar. Vamos pensar em alguma coisa.

— Acho que você está fazendo tempestade em copo d'água — disse Hans e depois falou mais alguma coisa em holandês para Petra.

Heather fez que sim consigo mesma, serrou o último pedaço de corda e libertou Owen.

— Esfrega os punhos para fazer o sangue voltar a circular — disse com calma.

— Olha aqui — chamou Olivia enquanto puxava uma tábua frouxa

perto do chão. — A menininha falou que era uma madeira diferente. Estou puxando e está saindo.

— Não é só a madeira. Esses pregos aí são só de dois centímetros. A gente consegue se puxar junto — disse Heather.

Ela e Olivia puxaram, e a tábua saiu com um barulhão de algo se rasgando.

Elas ficaram imóveis por um minuto para ver se havia movimento lá fora.

Um cachorro latiu ao longe, mas não apareceu ninguém.

— Conseguimos! — sussurrou Olivia.

Heather olhou pelo buraco. Lá fora, apenas quinze metros escuridão adentro, ficava o que tinham chamado de charneca.

O espaço que abriram na parede do galpão era grande o suficiente para uma criança passar rastejando, e talvez, se cawassem um pouco, um adulto conseguisse se espremer para sair também.

— Vai dar — disse Heather.

— Tem certeza absoluta de que seu marido morreu? — perguntou Hans. — Talvez tenha ocorrido uma briga e você não viu o que aconteceu. Não pode ser isso? E se ele tiver sido levado para o hospital?

Heather engatinhou até Owen.

— Você precisa se recompor. A gente vai sair daqui — sussurrou.

— É isso que a gente vai fazer, Olivia? — perguntou ele para a irmã.

— É — respondeu ela.

— Vamos levar a garrafa de água, caso não se importem — disse Heather para Petra. — Vamos precisar mais do que vocês.

— A água não é de vocês. É para todos! — protestou Hans.

— Eles vão precisar mais — disse Petra.

Heather engatinhou de volta até o buraco e começou a cavar, primeiro com o canivete e depois com as mãos. A terra era mais densa e pesada do que parecia e não cedia com facilidade. Havia passado anos demais cozinhando debaixo do sol de uma infinidade de verões. Ela cavou mais fundo até formar uma pequena vala.

— O que acha? — perguntou a Olivia.

— Eu já passo.

Heather fez que sim.

— Quer que eu vá?

— Não, ainda não. Vamos cavar mais para todo mundo conseguir passar.

— Você está dizendo isso porque eu sou gordo? — perguntou Owen.

Heather não sabia se era uma das suas piadinhas sarcásticas ou não.

— O problema sou eu. Não você. Só queria que a gente tivesse uma

ferramenta melhor para cavar.

— E aqueles ganchos do teto? Tem uns que parecem frouxos — sugeriu Owen.

— Perfeito. Fica cavando com a faca e eu vejo se consigo pegar um. Cuidado para não se machucar.

— Eu já usei uma faca antes!

Heather se levantou com cuidado e encostou num dos ganchos no teto. Muitos anos atrás, aquele lugar devia ter sido usado para pendurar aves de caça ou algo do tipo. Os ganchos estavam enferrujados, mas pregados com firmeza nas vigas. O primeiro em que ela tocou estava firme demais, assim como o segundo. Mas o terceiro... Heather mexeu, e ele começou a balançar. Hans era muito alto, e ela estava na ponta dos pés. Ele conseguiria fazer aquilo sem a menor dificuldade. Ela olhou para ele.

— Não — disse Hans.

— Por que não?

— Não vamos nos envolver na sua encrenca — explicou.

— Não, vão só ficar aqui a noite inteira, amarrados até o pescoço, até amanhecer, e aí eles provavelmente vão matar vocês — disse Heather.

— E por que matariam?

— Porque vão inventar alguma história mentirosa sobre o que aconteceu comigo, Tom e as crianças, e vocês poderiam contradizer tudo. Por isso, o mais inteligente a fazer, a única opção, é matar vocês.

— Estamos na Austrália, não nos Estados Unidos — disse Hans.

Heather acenou positivamente com a cabeça. Bom, ela pelo menos tentou.

— Eles não são maus — acrescentou Hans.

— Talvez sejam piores que maus: são pessoas entediadas — disse Petra.

Hans falou algo em holandês que soou desdenhoso.

Todos os ganchos no teto estavam firmes demais para que ela os removesse. Teria mesmo que cavar com a faca e com as próprias mãos. Abaixou-se de novo e ajudou Owen a cavar um buraco grande o bastante para que os dois conseguissem passar por baixo da parede. Ela cavava com unhas e dedos. Teria usado os dentes se fosse preciso.

— Muito bem — disse Heather. — Temos tudo?

Olivia fez que sim. Owen grunhiu.

— Eu vou primeiro — disse Olivia. Então ficou de bruços e começou a se chacoalhar para passar pelo espaço entre as tábuas.

Estava na metade do caminho quando uma porta bateu com força na casa.

— Ei! — ouviram alguém gritar. — O que é que esses malditos americanos estão fazendo agora? Apaga essa merda dessa luz!

Todos congelaram.

— Alguém apaga essa luz! Dá bem aqui na minha janela!

— Volta para dentro, Olivia! Eles estão falando da luz na frente do galpão — sussurrou Heather.

Olivia rastejou de volta para dentro.

— Rápido! Voltem para onde vocês estavam e coloquem as cordas em cima das mãos — disse Heather.

As crianças voltaram correndo para onde estavam sentadas antes, e Heather passou os nós pelo pescoço delas.

Ouviu uma porta sendo aberta e alguém saindo da casa.

Ela pôs a corda ao redor do próprio pescoço e se sentou. Ainda estava ajeitando a corda em volta dos punhos quando ouviu uma chave se virando no cadeado. A porta foi aberta, e Matt apareceu segurando uma carabina numa das mãos.

— Tudo certo por aqui?

— Â-hã — respondeu Heather, ofegante.

— Me pediram para apagar a luz de fora. Está batendo lá em casa.

— Tudo bem. Talvez a gente consiga dormir um pouco.

— A gente acorda cedo aqui. Com o sol. Vou garantir que tragam comida para vocês de manhã — disse Matt.

— Obrigada.

— Imagina.

— Você é muito gentil — elogiou Heather apenas para mantê-lo olhando para ela, e não para a corda que as crianças tinham jogado de qualquer jeito ao redor dos pulsos. Isso sem mencionar o buraco atrás de Olivia.

— Aí eu já não sei. Isso tudo... foi decisão da mãe... Bom, como eu falei, vou ter que apagar a luz, mas, como você disse, talvez dê pra tirar uma pestana, certo?

— A que horas o sol nasce?

— Nessa época do ano, umas cinco da manhã.

— Obrigada. Vamos tentar dormir até lá.

— Antes de você sair, eu gostaria de falar uma coisa — disse Hans.

— Ah, é?

Heather sentiu um embrulho no estômago. Olhou para Petra, mas ela não parecia saber o que Hans ia dizer.

— Quero perguntar do marido da moça. Pelo visto, ela acredita que aconteceu alguma coisa com ele. Ele... hum... está morto?

— Â-hã. Está morto. O Danny matou. Não deu para fazer nada. Nem vi a faca. Aquele filho da puta é ligeiro.

— Você entende que isso não tem nada a ver comigo e com a minha mulher?

Matt fez que sim.

— Anotado. Durmam um pouco, se conseguirem — disse Matt,

então saiu e trancou a porta.

Ele apagou a luz, e Heather esperou até que Matt estivesse dentro de casa antes de começar a se mexer. Tirou a corda do seu pescoço e do pescoço das crianças.

— Beleza. Olivia, você primeiro.

— Acho que... talvez... a gente deva ir junto — disse Hans.

— Vocês dois querem vir? — perguntou Heather.

Ele e Petra tiveram uma breve conversa em holandês.

— Queremos — respondeu Petra.

— Então está bem — concordou Heather. — Mas façam o que eu mandar. As crianças são a prioridade, tá bom?

— Certo.

Heather pegou o canivete do bolso, cortou as cordas nos pulsos deles e desamarrou as do pescoço.

— Olivia, você e o Owen vão na frente. Fiquem abaixados e esperem pela gente no mato alto lá no limite da fazenda.

— Mas e se alguém vir a gente? — perguntou Owen.

— Nesse caso, não esperem. Saiam correndo e não parem — respondeu Heather. — Tentem se esconder até verem uma viatura da polícia.

— Tá bom — disse Owen.

Olivia engatinhou pelo buraco e desapareceu na escuridão.

— Como é que está aí fora? — perguntou Owen.

— A barra está limpa, pode vir — respondeu Olivia.

Owen foi o próximo. Ele teve certo trabalho para atravessar o buraco, mas conseguiu. Heather se virou para Petra e Hans.

— Vocês têm que ir imediatamente.

— Nós vamos — garantiu Petra.

Heather se deitou no chão de terra batida e empurrou a garrafa de água na frente. Ela se arrastou pela terra e, em apenas alguns segundos, passou para o outro lado. A maioria das estrelas se escondia atrás das nuvens, e o ar estava parado. Conseguiu ouvir alguém tocando música numa das construções distantes da fazenda.

Ela ficou agachada.

— Aqui! — sussurrou Owen.

O garoto estava escondido atrás de um rolo compressor antiquíssimo a alguns metros de distância. Ela correu até ele.

— Eu falei para ir para o mato!

— O mato fica longe demais — explicou Olivia. — A gente ia ter se perdido lá. Íamos ter que gritar para nos encontrarmos.

Heather fez que sim.

A cabeça de Petra apareceu no buraco, e não foi tão difícil passar seu corpo longilíneo por ali. Hans saiu imediatamente depois.

— Aqui! — chamou Heather.

Eles se aproximaram e se agacharam atrás do rolo compressor.

— E agora? — perguntou Hans.

— Agora a gente corre que nem o diabo da cruz — respondeu Heather.

Matt acordou de supetão. Havia algo de errado. Dava para sentir. Havia algo de errado, algo ainda mais errado do que aquilo que estavam prestes a fazer com a família Baxter.

Blue estava acordado. Olhando pela janela. Com o focinho encostado na tela.

Matt abriu as cortinas. O sol começava a dar o ar da sua graça. O relógio alegava que eram quatro e cinquenta da manhã, e ele acreditava. Deus do céu. Owen, Heather e o casal alemão — ou melhor, o casal holandês — estariam mortos às nove.

Matar aquele garotinho... Puta que pariu. Seria difícil. Mas que escolha havia agora? A mãe jamais deixaria os policiais levarem Danny. Ele era o mais novo da família, e ela tinha uma relação de amor e ódio com ele. Ao contrário da maioria da família, Danny não ficava sentado por aí a tarde inteira bebendo cana. Danny foi para o continente, arranjou um emprego e uma garota. Pobre-diabo. Não, a mãe jamais deixaria que ele fosse preso. Ela começaria uma guerra civil na ilha antes que isso acontecesse.

Não havia mais nada a ser feito — a morte deles era uma necessidade. Seria horrível.

Algo estava fazendo Blue rosar. Matt abriu a tela e o ajudou a sair. Seu quarto ficava no térreo, mas mesmo assim o cachorro emitia um baque seco ao pousar no chão. Ele se recuperou e, com aquele corpo gordinho e as patas artríticas, foi mancando até o rolo compressor. Alguma coisa no rolo compressor o estava irritando. Foi isso que o acordou. Era isso que havia de errado. Alguma coisa ali.

— Ô, Blue, que que foi?

O cachorro olhou para ele e latiu.

— É uma raposa? — perguntou Matt, mesmo sabendo que não era raposa coisa nenhuma. — Merda — disse, já colocando calça e camiseta.

Ele catou a carabina e saiu pela janela.

Ignorou o rolo compressor e correu direto para o velho galpão de

tosquia.

— Tudo certo por aqui? — perguntou.

Silêncio.

Ah, mas é claro.

Ele destrancou a porta e a abriu com um chute. Olhou para dentro, fez que sim com a cabeça. Entrava luz por um buraco nos fundos do galpão.

Como eles fizeram aquilo? Ele deu uma olhada no buraco.

De algum jeito, chutaram a tábua até soltá-la e depois cavaram. A maioria das marcas no chão de terra vinham de onde Heather estava sentada. Havia pegadas dela até as crianças, e depois em direção à porta. As mais fracas eram do casal holandês. O plano era de Heather. Os holandeses não queriam ir a princípio, mas mudaram de ideia no último instante. Eles não viram Tom sendo assassinado, mas Heather os convenceu de que, se ficassem, seriam os próximos. Então ela era esperta e persuasiva.

Mais esperta do que parecia. Danny tinha razão.

Mas não faria diferença. Ela não poderia se afastar das crianças. O casal holandês ficaria junto, e o mais provável era que fossem ficar na cola dos estadunidenses. Talvez uma pessoa conseguisse evitar ser capturada por um ou dois dias, mas cinco pessoas juntas? E duas delas crianças? Além do mais, aquele velhote tinha uns cinquenta e tantos anos, quase 60. E uns dois metros de altura, fácil. Ele chamaria atenção pra caramba, chamaria mesmo. E aquele menino gorducho não conseguiria correr dois quilômetros sem cair desmaiado.

Iriam pegá-los.

Matt saiu de novo e deu a volta no galpão. Fez carinho em Blue, que o esperava perto do rolo compressor.

— Bom garoto. É, eu vi. Eles fugiram do galpão e vieram até aqui. Bom garoto. Se você tivesse as patas de quando era filhote, tenho certeza de que já teria pegado todos a essa altura — disse ele, e Blue balançou o rabinho, concordando. Matt se agachou e analisou as pegadas.

Ela mandou as crianças saírem na frente, então esperaram aqui. Depois, foi a vez dela, e por último o casal holandês. Para onde foram? Ele seguiu as marcas até o mato alto, sempre com Blue mancando ao lado. A trilha era recente, deviam ter se passado apenas duas ou três horas. Deviam estar serrando as cordas quando ele foi levar água. Essa parte ele não contaria para a mãe.

Correram para o leste, direto para a velha plantação de eucaliptos que ficava a uns quinhentos metros da fazenda. Estavam indo para a área em que a mata era mais densa, do outro lado da ilha. Lá, talvez conseguissem se esconder. Um dos poucos lugares da ilha Holandesa que não era uma charneca. Não era um plano ruim, mas... Matt se

agachou e examinou o chão.

Não, havia algo errado, não havia?

— Vamos lá, Blue.

Ele seguiu a trilha por mais trezentos metros até o mato alto, onde ela se espalhava e, então, sim...

Parava abruptamente.

— É isso que ela quer que a gente pense. Ela quer que a gente pense que eles vão tentar se esconder no mato. Mas não é nada disso, não é?

Blue latiu, concordando.

— Eles estão indo para o sul, em direção à balsa, não estão? Só que eles não sabem que eu mandei o Brian amarrar a balsa do outro lado do canal a noite passada. Que o Brian ficou reclamando e choramingando de ter que passar a noite lá. Mas até que é uma bela de uma ideia, não é, Blue?

Blue balançou o rabinho.

Era uma bela de uma ideia, sim, porque, se não fosse por isso, eles conseguiriam roubar a balsa e escapar. Ela era tão magra que parecia que qualquer ventinho a levaria, mas era ligeira aquela lá.

Matt meneou a cabeça. Devia ter feito mais algumas perguntas a Heather. Massoterapeuta, foi o que ela disse que era. Da cidade. Mas havia pistas que ele deveria ter percebido. O que foi que ela falou mesmo? *Comunidade da ilha de Goose... homeschooling... reserva indígena... técnicas de sobrevivência na natureza.* Ela disse algo sobre os pais terem servido ao Exército. Talvez eles tenham lhe ensinado algumas habilidades de sobrevivência. E não era só isso. Ela tentou assumir toda a responsabilidade pelo acidente. Não hesitou em partir para cima de Danny. Pois é, tudo isso somado podia formar um combo foda.

Em retrospecto, ele devia ter mandado um dos garotos mais velhos ficar vigiando o galpão de tosquia a noite inteira.

Mas não adiantava chorar sobre o leite derramado. Ele fez carinho na cabeça de Blue de novo.

— Com todo o respeito, parceiro, talvez a gente tenha que pegar uns cachorros no continente para ajudar nessa empreitada aqui.

Ele voltou para a fazenda. Kate estava na varanda, tranqüilona, segurando uma caneca de café. Ninguém sabia ainda.

— Kate! Espalha a notícia! Os ianques fugiram!

— Como é que é?

— Os ianques fugiram! Acorda a mãe! Esquece, deixa que eu acordo.

Ele ergueu a carabina no ar e atirou três vezes.

Quando entrou na casa, todo mundo já estava acordado.

Grama morta e seca. Buracos, raízes salientes, ravinas, barrancos. Caniço-branco. Capim-treme-treme. Acácias cheias de espinhos. Terra seca, vermelha e antiga. Triodia.

Havia alguma coisa voando lá em cima, através da escuridão reticente.

Corujas? Morcegos?

O ar quente, pungente, metálico.

O terreno era mais acidentado do que parecia quando visto da janela de um carro. O que da estrada passou a impressão de serem campos agradáveis de mato amarelado era, na verdade, uma terra árida. Os morrinhos eram cobertos por sulcos e depressões repentinas, e o efeito ondulante daquele solo tornava a caminhada exaustiva. Em meio ao mato, havia cardos altos revestidos de espinhos afiados feito agulhas. Todos sabiam que o silêncio era importante, mas de poucos em poucos minutos Heather ouvia um suspiro agudo de dor quando alguém encostava numa dessas pontas afiadas. Ela, Olivia e Petra estavam de calça jeans, o que garantia certa proteção. Owen e Hans, por outro lado, estavam de bermuda.

Os morros e os cardos atrapalharam o seu plano de *correr* para o outro lado da ilha, e foi só quando o sol começou a nascer que chegaram perto do porto da balsa.

Quando estavam quase lá, Heather fez todos pararem para descansar. Ela passou a garrafa de água e garantiu que Owen e Olivia bebessem primeiro.

Depois de beber, Owen caiu de costas e respirou fundo.

Olivia se ajoelhou.

O píer da balsa ficava na pequena cadeia de morros baixos a oeste. Em linha reta, era cerca de meio quilômetro.

— Eu vou primeiro. Fiquem aqui — disse Heather.

— Nada disso, eu vou junto — insistiu Hans.

Assim que os dois chegaram ao topo do último morro, ficou óbvio que a balsa não estava lá. Heather esquadrinhou a costa, mas não, ela

não estava em lugar nenhum. Devia ter sido ancorada do outro lado do canal.

— E agora? O barco sumiu — disse Hans.

— Não sumiu, só deixaram do outro lado — comentou Heather.

— Mas a gente não tem como pegar.

Heather foi com cautela até a doca. Os O'Neill ainda não haviam chegado, mas não demorariam muito para vir.

Não havia como chamar a balsa. Não havia telefone, walkie-talkies, nem mesmo um sino. Mas, também, o que aconteceria se conseguissem mandar algum sinal? A pessoa que estivesse dormindo na embarcação provavelmente seria da família.

O continente ficava a apenas dois quilômetros e meio. Tão perto. Heather conseguia até ver carros do outro lado. Luzes das casas distantes, lá longe no litoral.

— Vamos voltar — disse para Hans, e os dois retornaram solenemente para os outros, que esperavam na meseta.

— A balsa não está lá — anunciou Hans.

— E o que fazemos agora? — perguntou Petra.

— Não sei — disse Heather e se sentou na grama.

Ela olhou para as crianças. Olivia parecia estar bem, dadas as circunstâncias extraordinárias. Por outro lado, ela estava se aprimorando horrores na habilidade de esconder como se sentia.

Owen estava péssimo. Toda a água havia acabado agora, e ele claramente estava desidratado. Para começo de conversa, seu condicionamento físico não andava nada bem. Ele foi atingido em cheio pela morte da mãe, então se perdeu em videogame e comida, além de viver enfurnado no quarto. Foi dispensado da educação física e largou a bicicleta e o skate. Só usava moletom largo e bermuda, e era óbvio que a trilha noturna subindo e descendo morros o levou ao limite da sua capacidade física. Para piorar, havia dois dias já que não tomava a medicação para TDAH e ansiedade, e Tom dizia que ele precisava desses comprimidos todo dia.

— Ei, Owen — disse Heather, aproximando-se.

Ele a afastou.

— Não encosta em mim, Heather.

Ela fez que sim e lhe deu espaço.

— O que a gente faz agora? — perguntou Hans.

Heather se virou para encará-lo. O casal holandês até que parecia bem, mesmo depois de tanto esforço. Os dois aparentavam ter cinquenta e tantos ou sessenta e poucos anos, mas eram magros, atléticos e fortes, como muitos europeus.

— O que você sugere? — perguntou Hans.

— Não sei. Mas a gente devia se afastar daqui. Estamos expostos. Quando descobrirem que sumimos, vão vir para a balsa e dar uma

olhada nessa região.

— A trilha que você fez vai levá-los para a floresta — apontou Hans.

— Mas não vai confundir ninguém por muito tempo. Eles sabem que a nossa melhor oportunidade de sair da ilha é vindo para a balsa, então logo vão chegar aqui.

Petra ergueu um dedo.

— Escutem — disse ela.

Heather prestou atenção e, de fato, acima do som do mar e dos embalos da manhã, dava para ouvir dois veículos vindo da fazenda.

— Eles sabem — disse Hans.

— E estão com pressa — comentou Olivia.

— A gente tem que se esconder! Aqui, mais para dentro do mato. Venham! — apressou Heather.

Ela agarrou Owen pelo braço, e todos correram atrapalhados encosta acima em meio ao mato alto. Uma Hilux e um Land Rover apareceram no alto de um morro a quase meio quilômetro dali.

— Se abaixa, gente! Ninguém se mexe! — mandou Heather.

Os dois carros foram até o porto da balsa e pararam com o guincho dos freios e uma espiral de poeira.

Quatro homens e Kate saíram dos carros. Todos armados com longas carabinas. Jacko, Matt, Danny e Ivan. Matt analisou o chão.

— Eles estiveram aqui — disse Matt, e sua voz foi carregada com facilidade pelo vento matutino. — E não faz nem uma hora, mas agora já deram no pé.

— Será que foram nadando? — perguntou Kate.

— Não sei.

— Se foram, os tubarões pegaram eles — disse Jacko.

Matt foi até a água e olhou para a pequena enseada perto do deque.

— Ninguém esteve nessa praia.

Hans e Petra rastejaram para o lado de Heather, que enxergava melhor.

— O que está acontecendo? — perguntou Hans num sussurro.

— São o Matt e alguns dos outros — murmurou Heather em resposta.

Hans deu uma olhada por cima do mato.

— São cinco. E armados.

— Pois é. A gente tem que achar cobertura em algum lugar. Aqui nesses morros a gente fica muito exposto, e, daqui a uma ou duas horas, vai ficar quente demais.

— Você quer continuar caminhando? — perguntou Hans.

— Não temos escolha, né?

— Mas o seu plano era pegar a balsa. Só que a balsa são eles que controlam. Não temos como sair da ilha de outra forma.

— A gente podia pegar uns galhos e fazer uma jangada ou tentar atravessar nadando — sugeriu Olivia.

— Você viu os tubarões-tigre? — disse Hans.

Olivia fez que sim.

— Vamos pensar em outra coisa — disse Heather. Nenhuma das crianças sabia nadar muito bem, e a correnteza parecia forte. — Mas temos que sair daqui.

Hans sacudiu a cabeça.

— Não. Ninguém aqui está brincando de Rambo. Isso é loucura.

— Qual é o *seu* plano então? — perguntou Heather.

— Devíamos nos apresentar com toda a clareza e distinção com as mãos para o alto, ir até lá embaixo e exigir que nos levem para o continente de balsa.

Heather o encarou.

— Ficou maluco? Você sabe o que vai acontecer se descer.

— O quê?

— Vão te matar.

— Não vão, não. Eu não fiz nada.

— Não importa.

— Não temos água. Nem comida. Nesse calor, vamos morrer antes do cair da noite — disse Hans.

— Água a gente encontra — argumentou Heather.

— Não tem água potável aqui. A única fonte é o aquífero deles, que fica na fazenda. Como é que vamos sobreviver um dia inteiro sem água nesse calor?

Heather não tinha resposta para isso.

Ambas as crianças estavam prestando atenção e pareciam assustadas.

— O que os homens estão fazendo agora? — perguntou Olivia.

— Matt está lá na areia tentando entender se a gente foi nadando — respondeu Heather.

— A gente devia ter deixado umas pegadas na praia — sussurrou Olivia.

— Devia mesmo. Mas não pensei nisso — admitiu Heather.

— Tentamos do seu jeito. Não deu certo — disse Hans. — Não temos alternativa a não ser nos entregarmos e fazer com que pensem com racionalidade.

Heather se virou para Petra, que fez que sim. Agora, ela parecia estar do lado do marido. Heather perdeu a discussão. Olhou para o leste. O gigantesco sol amarelo já estava bem alto no horizonte e começando a incendiar a ilha. Seria, de fato, outro dia de calor excruciante. Escondida no mato alto, Heather pegou o canivete no bolso e abriu a faca.

— Eu decidi. Vamos descer e nos render — disse Hans, levantando-

se.

Heather se lançou sobre ele e colocou a lâmina no seu pescoço.

— Não!

— Vai me matar? — disse Hans, aparentemente inabalável.

— Você sabe como essa coisa é afiada. Viu o que é capaz de fazer.

— Vai cortar o meu pescoço?

— Vou. Temos que cuidar das crianças.

Mas Hans era grande, muito forte e surpreendentemente rápido. Antes que Heather tivesse tempo de reagir, ele agarrou o punho direito dela e o afastou do seu rosto. Torceu o braço dela para trás e a empurrou para longe.

— Larga — disse, segurando a mão dela nas costas. A impressão de Heather era de que o seu cotovelo ia saltar para fora. — Larga a faca.

A dor era insuportável. Ela largou.

Hans a arrastou para longe da faca e a derrubou de costas.

— Tenho sido muito paciente com você. Pensei que você fosse diferente dos outros estadunidenses que já encontrei, mas é igualzinha. Venha, Petra. Vamos colocar um ponto-final nessa tolice.

— Não, espera, *por favor* — implorou Heather. — Se vocês forem lá para baixo, vão pegar a gente também. Pelo menos nos deem uns quinze minutos para estarmos longe daqui.

Hans negou com um aceno de cabeça.

— Faça o que quiser. Petra e eu já estamos cansados dessa história.

— *Dat is een vergissing, Hans. Er is niets veranderd sinds gisteravond* — disse Petra.

— Mas tudo já mudou! Não temos água, não tem balsa, e não podemos fazer mais nada — insistiu ele.

— Vão nos matar. Você sabe que vão — disse Petra.

— Esse é um país civilizado. Estamos vivendo no século vinte e um. A loucura acabou — disse Hans.

— Por favor, só deixa a gente ir para longe. Cinco minutos... Que diferença faz para vocês?

— Já passei tempo demais ouvindo as suas doidices — disse ele e se levantou.

Ele foi até o alto do morro e acenou para os O'Neill.

— Aqui em cima! — gritou.

Heather pegou o canivete, agarrou Owen e Olivia pelas mãos e os forçou a se levantar, e, sem saber para onde estavam indo, começaram a correr.

A grama. O mato. As folhas de capim-canguru. A triodia.

Cardos, torrões, argila.

Um falcão.

Sol.

Calor.

Um tiro de carabina.

Owen:

— Não aguento...

Olivia:

— Aguenta, sim...

Olhos apontados para a frente. Lá está o mundo inteiro. Aqueles cem metros à frente. Sem olhar para trás.

Um pequeno vale a descer. Outro morro a subir.

Um grito lá atrás. Outro tiro de carabina.

Correndo em meio ao caniço-branco.

Correndo contra o próprio fôlego.

Contra o próprio medo.

Espinhos de cardo lhes rasgavam as pernas. Buracos na terra vermelha os faziam tropeçar.

Céu azul índigo. Cirros. Corvos observando-os lá de cima, a sessenta metros de ar pesado de distância.

Alguém atrás deles. Respiração pesada. Perto. Mais perto. Alguém correndo mais rápido que eles.

Não olhe para trás.

Não olhe para trás.

Não olhe...

Heather olhou.

Petra, com o rosto todo vermelho, ofegante.

Mais ninguém no morro.

— Hans? — perguntou Heather, arquejando.

— Desceu até eles.

— Por que você não foi?

- Iam nos matar. Eu tentei falar para ele...
- Ele contou que a gente estava aqui em cima?
- Não sei. Para onde estamos indo?
- Não sei.

Houve mais um tiro e o som de um carro acelerando. Heather tentava escutar enquanto corria. Havia crescido em meio a veteranos do Exército e seus carros lá na ilha de Goose. Homens que não falavam da guerra, do sofrimento e das perdas, mas de carros. Ela dirigia com câmbio manual. Sabia como funcionavam os motores. Sabia como funcionava uma caixa de embreagem. Aquele barulho arranhado era de uma Hilux 3.0 V-6 esforçando-se para subir o morro na primeira marcha.

Hans contou a localização deles, e os O'Neill estavam vindo encontrá-los.

Ela analisou o terreno em busca de algum esconderijo possível.

Não havia nada.

Estavam mais de meio quilômetro a oeste do que parecia um manguezal e ainda mais longe que isso de um amontoado de eucaliptos ao norte. Não havia nada ao redor além da charneca sem cor. Nenhum esconderijo.

Merda.

Aquele declive era bem íngreme. Talvez a Hilux não desse conta. Ela se concentrou para ouvir melhor. Não, continuava vindo. Se conseguissem...

Owen tropeçou e caiu de cara na terra vermelha. Ele puxou Olivia para baixo, e Heather foi ao chão também.

— Ai! — gritou Owen.

— Você está bem? — perguntou Heather, tentando dar uma olhada no rosto do menino.

— Não encosta em mim — disse ele, afastando a mão dela.

— Ela só estava perguntando se você está bem — disse Olivia.

— Meu Deus do céu! Eu estou bem, foi só um tombo — respondeu ele, ofegante.

Petra se ajoelhou ao lado de Owen.

— Você está bem — disse ela.

O motor agora roncava alto. Heather deu uma olhada por cima do mato e viu o snorkel enorme do Toyota espreitando do alto do morro.

Ela se abaixou.

— Droga.

— O que foi? — perguntou Petra.

— A gente tem que se abaixar agora. Ficar o mais abaixados que conseguirmos. Trouxeram a picape para cá. Vão ficar procurando a gente.

Ela deu uma olhada por cima da relva. A caminhonete estava

parada com todos reunidos em frente ao veículo.

— Quebrou, será? — perguntou Heather, esperançosa.

— Vamos continuar correndo? — perguntou Olivia.

— Não dá — respondeu Heather. — Acho que a gente não consegue chegar nas árvores sem eles nos verem.

— Tem, tipo, sei lá, um leito de rio seco ali embaixo. Será que não dá para deitar lá? — perguntou Olivia.

— Onde?

— Ali, ó, estou apontando.

Havia, de fato, uma fissura bem estreita, provavelmente um riacho que tinha secado, a quase dez metros de distância.

— Se estiverem com cachorros, vão farejar a gente e aí vamos ficar presos lá embaixo — disse Petra depois de dar uma olhada.

— Se eles tiverem cachorros, aí acabou para a gente de um jeito ou de outro. Olivia, vão você e o Oliver rastejando até lá e deem no leito do riacho. E eu disse para rastejar, nada de ir engatinhando. Petra e eu vamos ficar aqui mais um pouquinho para dar uma olhada no que esses caras estão fazendo. Oliver, você entendeu?

— Entendi.

— Então vão, os dois.

Ambas as crianças foram se contorcendo sobre a barriga em direção ao leito do córrego. Heather deu mais uma olhada por cima do mato. Os homens continuavam reunidos em frente ao Toyota.

— O que está acontecendo? — perguntou Petra, também olhando por cima da relva.

— Não sei. Será que quebraram o eixo das manivelas no caminho até aqui em cima?

Os homens comemoraram e deram tiros para o alto. Saíram de onde estavam e entraram no carro. A Hilux começou a vir na direção delas. Agora Heather via o que estavam fazendo. Eles amarraram Hans horizontalmente no para-choque e estavam dirigindo com ele ali. Aceleraram a mais de sessenta por hora e saíram estraçalhando torrões de terra do terreno e voando baixo nos morrinhos.

Hans ainda estava vivo, mas, se continuassem fazendo isso, não por muito tempo.

— Não! — Ele começou a gritar. — Não! Não!

Petra abriu a boca para gritar. Heather cobriu os lábios dela e a puxou para baixo.

— Não há mais nada a fazer por ele.

— Mas ele cooperou! Estava tentando ajudar. Matt teria percebido.

— Não é mais o Matt que está no comando. O Jacko e a Kate é que mandam agora.

Jacko tinha aquela expressão no olhar. Meses, talvez até anos, de tédio e frustração. Agora ele iria se divertir um pouquinho.

Se com Hans, que tentou se render pacificamente, foram capazes de fazer isso, só Deus sabia o que fariam com elas.

— Tenho que ajudá-lo! — disse Petra, debatendo-se para ficar de pé.

Quando Petra tentou se levantar, Heather se jogou sobre ela e a derrubou no chão, ficando em cima dela.

— Me escuta! A gente tem que se esconder ou vão nos matar também. Vão me estuprar, vão estuprar você e vão estuprar a Olivia e depois matar todo mundo. Entendeu?

Petra sacudia a cabeça negativamente.

— Vão matar a gente! Entendeu?

Petra estava chorando agora.

— A gente não pode se render! Não pode — disse Heather, e Petra enfim fez que sim com a cabeça. — Se eu te soltar, você vai ficar abaixada?

Petra acenou positivamente de novo, e, com cuidado, Heather a soltou.

Agora a Hilux estava afastando-se delas. Os homens ainda não as tinham visto. Dois deles estavam pendurados para fora das janelas da cabine, gritando e atirando. Não pareciam estar fazendo uma busca muito rigorosa. Ficavam dirigindo para lá e para cá, arrancando toda a potência que o carro tinha para dar.

Deram uma lenta meia-volta e, agora, *sim*, estavam vindo na direção delas.

Heather se abaixou no mato.

Hans estava gritando. Era um barulho horrível que Heather tinha certeza de que se lembraria pelo resto da vida, não importava o quanto vivesse. A voz perfurava os gritos de guerra e o som do motor. Ele estava apavorado, e Petra mal conseguia aguentar.

— Vem, vamos lá para o buraco — disse Heather com gentileza.

Com lágrimas escorrendo pelo rosto, Petra fez que sim. Estava ofegante. Sem saber o que mais poderia fazer, Heather acariciou as costas dela.

As duas rastejaram pela terra vermelha granulosa e pelo mato afiado até chegarem ao pequeno riacho seco onde as crianças haviam se abrigado.

— O que está acontecendo? — perguntou Owen.

— Eles estão procurando a gente. É melhor ficar aqui — respondeu Heather.

Elas se deitaram ao lado das crianças enquanto a Hilux ia para lá e para cá. O som ficava mais abafado lá embaixo, mas de vez em quando Heather escutava um grito de guerra ou um tiro de carabina.

Heather ficou deitada e manteve as crianças de cabeça abaixada.

As moscas. O calor. Nuvens preguiçosas em formato de charuto se moviam pelo céu de safira como naves alienígenas.

— Está se aproximando — disse Owen.

Ele tinha razão. O carro havia começado a se aproximar. Será que eles podiam ter sido vistos? Claro que podiam.

— Ninguém se mexe — sussurrou Heather.

O motor acelerou, e a Hilux continuava quicando pelo terreno.

Mais perto.

Mais perto.

O carro saltou o leito seco do riacho a uns vinte metros de onde eles estavam, parou, fez uma grande volta e seguiu em frente novamente.

Heather estava ao lado de Olivia. Os olhos da menina estavam fechados e os seus lábios se moviam. Ela estava rezando. Heather nunca aprendeu a rezar direito. Tom levava as crianças à igreja quase todo domingo. Ela foi uma vez, disse que não queria mais, e Tom não viu problema nisso. No quesito igrejas, a congregação que eles frequentavam parecia bem inofensiva. Não passava de bancos simples de madeira e um velhinho tranquilo lá em cima mandando as pessoas serem boas; não parecia em nada o lugar terrível cheio de hipocrisia que o seu pai falava que todas as igrejas eram, mas ela deduziu que devia variar de denominação para denominação. Fascinada, observou. Aquela mensagem estava indo direto dela para Deus. Heather percebeu que estava prendendo a respiração, esperando por uma resposta, um raio caído dos céus ou algo assim, mas o único som era o do ronco do motor da Hilux.

E ele estava vindo na sua direção de novo.

Vozes masculinas:

— Cadê eles, Hans? Fala para a gente!

— Rápido, sua anta!

— A gente vai acabar descobrindo, alemão!

— Vai logo, Kate, acelera aí!

— Uhu! É que nem nos filmes, né?

— Pode crer!

— Hans! Fala onde é que eles estão!

— Prontos ou não, aí vou eu!

— Onde é que vocês vão se esconder, pequenos?

— Eles estão escondidos no mato alto, mas a gente vai soprar e bufar até a porcaria da casa deles ser derrubada, não vai?

Olivia estava tremendo. Heather acariciou o seu cabelo.

— Vai ficar tudo bem, meu amor — sussurrou.

— A gente não pode ficar aqui para sempre. Eles vão trazer mais pessoas em outros carros. Vai vir a fazenda inteira. Eles sabem onde a gente está — protestou Petra.

— Só fica abaixada. A gente não tem escolha! — disse Heather.

Através dos meridianos e dos paralelos de mais um cruzamento numa curva, a Hilux roncou na direção deles de novo. Olivia tapou as orelhas com as mãos enquanto o motor rugia feito um monstro. A picape pulou pela ravina a menos de cinco metros deles.

Certamente foram vistos, não foram?

Heather esperou pela freada brusca ou pelos tiros.

Mas o carro continuou em frente.

Seguiu em direção ao matagal, e então...

Uma batida, seguida por silêncio.

Homens começaram a gritar. A Hilux havia parado. O motor roncava. Os pneus giravam.

— Esperem aqui, crianças. Vou dar uma olhada.

— Eu vou junto — disse Petra.

Heather escalou para fora do buraco. O veículo estava num barranco quase trezentos metros ao sul com as rodas da frente no ar. Os homens tentaram pular por cima, mas não conseguiram. A caminhonete tinha batido com o eixo dianteiro na lateral do barranco e estava presa.

Não seria tão difícil assim tirar o carro de lá. Outro veículo poderia puxá-lo, aquele que estava lá na balsa ou os que tinham na fazenda. Mas eles ainda não haviam percebido isso nem que precisariam de mais gente para ajudar. Estavam tentando balançar o Toyota para ele sair da vala, o que jamais daria certo.

Matt deu a volta pela frente do carro e começou a desamarrear Hans. Caso ainda estivesse vivo, iam obrigá-lo a empurrar também.

Heather encarou Matt. Chegou a pensar que aquele sujeito seria a voz da razão, que iria ajudar, mas ele fez sua escolha.

— É a nossa chance de dar o fora daqui — sussurrou Heather para Petra. — Eles vão passar uma meia hora ocupados. Vão precisar de um guincho. É melhor a gente ir.

— Para onde?

— Vai ficar quente. Acho que a gente devia ir para o manguezal, lá perto da água.

A costa ficava a pouco menos de um quilômetro a noroeste.

— E depois?

— A gente se preocupa com o depois quando chegar lá.

— Não deveríamos deixar Hans. Eu...

— Sinto muito.

Petra estremeceu, chorou e, por fim, sussurrou:

— Eu sei.

As duas voltaram para o buraco e explicaram o que estava acontecendo.

— Vamos seguir para as árvores perto da água — disse Heather.

O leito seco do riacho seguia na direção em que precisavam ir. Engatinharam ali por quase cem metros até a passagem ficar estreita demais, e então, com cuidado, subiram para a charneca. Os homens continuavam xingando alto e acelerando o carro.

— Por aqui — disse Heather. — Mas fiquem abaixados.

O mato até que cobria as crianças, mas Heather e Petra tiveram que correr agachadas, à la Groucho Marx.

Levaram meia hora para chegar ao manguezal, que seguia o curso da praia estreita por centenas de metros.

Quando chegaram à sombra, ambas as crianças se jogaram na areia. Owen havia tirado o moletom e o amarrado na cintura. Sua camiseta estava encharcada de suor. Olivia afundou ao lado do irmão.

Heather se sentou numa pedra e tentou se recompor.

O calor era insuportável. Não havia água. Mutucas e mosquitos pousavam neles e chupavam suor e sangue sem misericórdia.

— Dá para tomar essa água, Heather? — perguntou Olivia, apontando para o mar.

— Não, é salgada. Só dá para tomar se algum rio desaguar aqui — respondeu Heather.

Ela tirou os sapatos, enrolou a barra da calça, entrou no mar e, com as mãos em concha, levou um pouco da água à boca. Bebeu e cuspiu tudo.

— Não serve para beber, mas quero que vocês venham aqui no rasinho e se refresquem um pouco. Vou ficar de olho — disse Heather enquanto voltava para a areia.

Prestaria atenção nos tubarões. Tubarões-tigre, cabeças-chatas e brancos — essas águas eram infestadas de predadores.

Ainda não era nem meio-dia, mas já fazia bem mais de 30 graus. Pelo menos era um pouco mais fresco ali que na charneca por causa de uma leve brisa que soprava pelo canal.

— E se fizéssemos uma jangada, como a Olivia falou? — sugeriu Petra.

— É uma possibilidade — concordou Heather. As crianças estavam ofegantes no calor. — Gente, por favor, quero que vocês se refresquem um pouco no rasinho. Mas só até o tornozelo.

Owen e Olivia tomaram banho, e, enquanto se secavam, Heather e Petra andaram pela praia à procura de galhos de árvores do mangue

ou madeira trazida pela maré, mas as árvores eram nanicas e os galhos, curtos e retorcidos. Estavam mais para arbustos que para árvores de fato. Elas quebraram um galho e o colocaram na água, e ele afundou parcialmente.

— Não sei por que isso está acontecendo — disse Heather. — Madeira deveria boiar melhor.

— Também não sei — disse Petra. — Iríamos precisar de centenas de galhos para fazer alguma coisa que aguentasse pelo menos a Olivia. E como amarraríamos tudo?

— Daria para cortar as nossas roupas — sugeriu Heather, embora um tanto cética: essa ideia exigiria dias de trabalho, quiçá semanas. Já estavam exaustos do esforço daquela manhã, e ninguém ali tomava água desde antes do amanhecer.

Owen, todo animado, cavava a areia.

— Está fazendo o que aí, Owen? — perguntou Heather.

— Vocês nunca viram Bear Grylls? Os programas antigos dele, não esses podres de agora.

Heather e Petra fizeram que não com a cabeça.

— Achei umas garrafas de plástico na praia — disse ele.

— Com água fresca? — perguntou Heather, empolgada.

— Não, estavam vazias, mas olha — falou Owen, animado pela primeira vez em dias. — Acho que dá para fazer tipo um... Â-hã, espera aí.

Ele pegou uma garrafa, encheu-a de água salgada e segurou uma vazia ao lado.

— Qual é a ideia? — perguntou Heather.

— É tipo uma destilaria. A água evapora da garrafa cheia para a vazia, aí o sal fica para trás.

— E aí vai ficar potável na outra garrafa? — perguntou Olivia.

— Completamente.

— A gente não tem tempo para isso agora, Owen — disse Heather.

Ignorando-a, Owen pegou a garrafa cheia de água do mar e a colocou na areia, ao sol. Enterrou a garrafa vazia na areia inclinada para baixo, assim ficaria mais fresca e não vazaria. Com cuidado, posicionou os gargalos das garrafas juntos.

— O sol vai evaporar a água da garrafa quente e condensar na mais fresca — explicou Owen.

— Uau, está funcionando mesmo... — começou a dizer Olivia, mas Heather ergueu a mão para que ficasse em silêncio.

Tinha escutado alguma coisa. Será que era um cachorro latindo?

— Esperem aqui.

Ela se meteu no meio dos arbustos do mangue e escalou uma pequena elevação para que pudesse ver a charneca.

Ficou apavorada com a visão.

Vinte pessoas da fazenda haviam formado uma linha e atravessavam metodicamente toda a extensão da planície. A uns quinze metros uns dos outros, conseguiam com facilidade cobrir quase trezentos metros de terreno. A equipe incluía mulheres e crianças, e a maioria estava armada. Alguém dirigia um quadriciclo numa ponta da fila, e, na outra, havia uma moto. Matt estava de camisa xadrez e carregava sua carabina; ela o ouviu gritar “Blue”, e aquele cachorro velho se aproximou todo felizinho mancando ao lado dele.

Estavam a menos de duzentos metros, mas o grupo se movia devagar e sistematicamente na direção deles.

Heather viu um garoto armado adentrar os arbustos do manguezal, e ele provavelmente seguiria ao longo da costa.

Era uma réplica daquilo que Jacko falou da Linha Negra. Iriam caçá-los do mesmo jeito que seus antepassados caçaram os povos originários da ilha Holandesa e da Tasmânia.

Heather correu até os outros.

— Eles estão vindo atrás da gente! Temos que ir!

— Qual a distância deles? — perguntou Petra.

— Perto demais! Levanta, Owen.

— As garrafas estão funcionando! — disse Owen.

— Desculpa, mas a gente tem que ir!

— Estamos morrendo de sede! — protestou Owen.

Heather o puxou do chão e Petra fez Olivia se levantar, então todos saíram correndo pela orla com os O'Neill no encalço.

A alegre música-tema de *Star Trek: Voyager* ecoou quando os créditos subiram. A música era um comentário irônico sobre os quarenta e dois minutos de programa. Por algum motivo, Carolyn havia perdido esse episódio na transmissão original e só assistiu a ele agora, revendo a série numa maratona na Netflix. Estava chorando. Na verdade, estava arrasada. A única pessoa que entenderia seria Heather. Já estava escuro lá fora. Era amanhã na Austrália. Heather talvez estivesse acordada.

O telefone de Carolyn estava desligado, sem bateria. Ela precisava comprar um celular novo. Agora mal aguentava uma carga completa. Ela o ligou na tomada e, claro, recebeu uma mensagem da própria Heather. Era a foto de um passarinho. Um papagaio. Heather adorava pássaros. Não havia outras mensagens. Mas será que Heather ia querer ouvir uma hora inteira de choradeira sobre *Star Trek*?

Carolyn estava tão preocupada com a ida da amiga para o outro lado do mundo. Heather nunca nem teve passaporte e havia emagrecido demais nos últimos tempos. Provavelmente não andava comendo direito. Mas, no fim das contas, era uma mulher adulta e casada, e Tom era o Sr. Médico Ricaço Cabeçudo.

Carolyn pegou a guitarra do chão e tocou uma música. Fazia uns dois anos que não compunha nada. Ela e Heather escreveram dezenas de músicas quando eram adolescentes. Música e *Star Trek*, isso elas compartilharam.

Ela colocou a guitarra de volta no chão.

Digitou Você já viu o episódio “A luta”, de Voyager? e apertou Enviar.

Heather responderia assim que acordasse ou ficasse sóbria depois da visita à vinícola.

Foi só então que Heather percebeu seu erro. A cada poucos metros, eles tinham que se abaixar, escalar, dar a volta ou atravessar as pequenas árvores do manguezal. Não havia saída fácil daquela praia. O progresso era tão lento que parecia um pesadelo.

Dar a volta nos arbustos significava ficar com água até os joelhos, e a maré só subia. Ela olhou à direita para ver a que altura o mar chegava e notou uma linha de musgo e alga a dois terços do barranco.

Vamos ter que voltar por dentro da ilha, pensou. Mas, se fossem por lá, seriam vistos. Já era de tarde; o sol, na parte norte do céu, estava pesado, enorme e alaranjado. Com o tempo, afundaria para o continente à esquerda, mas ainda levaria horas. Sete ou oito, provavelmente.

Dava para ouvir os perseguidores gritando uns para os outros lá em cima, na meseta. Estavam se aproximando.

Se seguissem nesse ritmo, seriam pegos em sete ou oito minutos.

— Continuem — disse Heather enquanto lutavam para passar pelo manguezal.

A casca e as folhas não eram especialmente afiadas, mas, mesmo assim, arranhavam a pele. Pele esta que já estava em carne viva por causa dos cortes dos cardos e das queimaduras de sol.

O progresso era lento.

Tão, tão lento.

Heather olhou para trás. A maré era tanto inimiga quanto amiga. Perseguia-os e os ajudava. Escondia suas pegadas, mas em uma hora aquela área do litoral estaria submersa, então teriam que voltar para o meio da ilha ou nadar.

Owen ficava cada vez mais fraco. Mesmo aquele golinho de água deixado para trás na garrafa já teria ajudado. Será que ela deveria correr de volta até lá e buscar?

Não. Ela seria pega, e aí todos seriam também.

Ela colocou a mão por baixo do braço dele e o ajudou a andar.

— Alguma ideia, gente? — perguntou Heather.

— A gente podia só parar — respondeu Owen.

— Não podemos nos entregar. Não agora — disse Petra.

A garganta de Heather queimava. Sua cabeça estava leve. O sol parecia estar a apenas dois ou três quilômetros acima deles. Um sol onipresente, orgulhoso e cruel, que estava gostando daquela situação. Era como o raio carbonizador de *A guerra dos mundos*.

Ela nunca tinha sentido um calor como aquele. Era como o seu pai descrevia Faluja.

Ele saberia o que fazer agora.

Tom saberia o que fazer agora.

Ela não tinha ideia.

Olhou para o oceano, mas não havia resposta alguma lá.

Espantou as moscas do rosto de Owen.

Na charneca, o cachorro de Matt latia.

As pessoas gritavam umas para as outras como se estivessem participando de uma caça ao tesouro ou de um piquenique.

Ela não deu muita bola quando Jacko mencionou a Linha Negra da Tasmânia. Era só uma anedota curiosa da história. Mas agora entendia o que significava: massacre, assassinato e genocídio.

Era assim que a maior parte das criaturas vivia, que sempre viveu, na Terra. Os quadros tranquilizantes da natureza nas salas de espera de médicos e dentistas eram uma mentira. Na selva, todas as histórias felizes eram escritas com tinta branca numa folha branca.

Owen escorregou e caiu. Ela o puxou pelo braço, mas ele não reagiu. Heather se agachou ao seu lado. O garoto tinha desmaiado de desidratação ou exaustão pelo calor.

Petra e Olivia se viraram para ver.

— Corram! — disse Heather.

— Não podemos deixar vocês para trás — retrucou Olivia.

— Vão! Só vão, eu carrego o Owen — disse Heather.

Petra fez que não com a cabeça.

— Vou ajudar. Carregamos ele entre nós.

Heather acenou positivamente com a cabeça.

— Olivia, vai na frente.

— Vou esperar vocês.

— Não! Você vai na frente — insistiu Heather. — Só vai.

— Não.

Ela segurou embaixo do braço esquerdo de Owen. Petra o segurou pelo direito. Ele estava grogue e gemendo. Será que ia morrer? Muita gente morria de exaustão pelo calor. Para salvar essas pessoas, era preciso soro, descanso e cuidados médicos apropriados.

— Pegou aí? — perguntou Petra.

— Peguei.

— Então vamos — disse Petra.

O garoto era um peso morto entre elas. E a maré agora estava forte. As duas o arrastavam através da areia molhada e mal avançavam.

Não demoraria muito para aquele garoto na praia com a carabina conseguir vê-los. Se aquela enseada fosse plana ou em curva, ele já os teria visto. Do jeito que era, porém, com as curtas entradas que geravam um efeito Mandelbrot e os pequenos promontórios, estavam protegidos.

Por enquanto.

Mas não por muito tempo. Passaram Owen por cima de um galho baixo. Os tornozelos dele ficaram presos, então elas tiveram que parar e levantar seus pés um de cada vez.

Demorou uma eternidade.

Heather olhou para trás. Não havia nenhum sinal do adolescente que os seguia, mas era possível ouvir o clã O'Neill atravessando a charneca.

— O que vamos fazer? — perguntou Petra.

Heather sabia que não daria para argumentar com aquela gente. Não depois do que tinham feito com Hans. Eram capazes de qualquer coisa. E podiam fazer tudo o que quisessem na ilha deles. Depois de algum tempo, a polícia viria procurar os quatro. Era nisso que tinha que depositar suas esperanças.

— Agora a gente se esconde e sobrevive o máximo possível.

Conseguiram passar Owen por entre as árvores, e lá estava Olivia, parada com as mãos na cintura, recusando-se a continuar em frente.

— Eu não falei para não parar? — disse Heather, irritada.

— Não quero ir sozinha! — choramingou Olivia.

— Só vai!

— E deixar o meu irmão? Não posso.

— Eles provavelmente vão pegar nós três — disse Heather. — Você pode correr na frente sozinha. Tem uma chance.

Olivia meneou a cabeça.

— Só vai, caramba! — insistiu Heather.

— Você não manda em mim! Você não é a minha mãe.

— É o Owen que costuma dizer isso, Olivia. Você precisa ser mais original. Agora, vai, seja uma boa menina e dá o fora daqui!

— E depois?

— Depois continua enquanto conseguir até escurecer. Eles vão acabar voltando para a fazenda. Principalmente se tiverem pegado a gente.

— E depois? Se eu me safar hoje, o que é que eu vou fazer sozinha? — perguntou Olivia, parecendo perdida e desolada como a garota de 14 anos que era.

Heather forçou o cérebro a funcionar. Tudo o que havia entre suas orelhas era cimento molhado. O que Olivia poderia fazer? O que a

menina conseguiria fazer sozinha?

As duas passaram Owen por cima de outro galho baixo. Heather olhou para trás. Ainda não havia nenhum sinal do garoto com a arma, mas, nesse ritmo, não demoraria muito para que se encontrassem.

— Se esconde até ver a polícia — disse para Olivia.

— E água? Vou fazer o que sem água?

— Usa o truque do Owen com as garrafas. Por favor, meu amor, só vai — pediu Heather. — Eles estão vindo. Só vai!

Heather olhou nos olhos de Olivia, implorando. *Você ainda tem chance, por favor.*

— Se é o que você quer! — disse Olivia e saiu correndo pela praia.

As duas mulheres carregaram Owen por mais alguns minutos até Petra pedir arrego.

— Preciso parar.

— Não dá para fazer um intervalo.

— Eu preciso, me desculpa — disse Petra.

Ela se desprende de Owen e caiu na areia entre dois arbustos. Heather não conseguiria continuar sozinha, então deitou Owen na areia e depois o ajeitou no colo, acima da maré. Ela tocou a testa do menino. Ele devia estar com febre, e seus lábios estavam rachados. Era desidratação, sem sombra de dúvida. Ele não tinha como aguentar muito mais. Morreria logo.

— Me desculpa, Owen — disse ela e começou a chorar.

A praia estreita agora havia se reduzido a alguns poucos metros de areia, e a água se agitava nas suas pernas. Heather pegou o canivete e abriu a faca.

Petra olhou para ela e fez que sim. Pegou uma pedra afiada do chão.

Não seriam muito úteis contra uma carabina, mas elas não iam se entregar de mão beijada.

ILHA HOLANDESA, AUSTRÁLIA

Olivia sabia que era tudo culpa sua.
Foi ela quem plantou a semente.
Ela.

PRAIA DE ALKI, SEATTLE

Pai, a gente precisa tirar umas férias. A gente tem que sair daqui. Desse lugar. Dessa escadaria. Dessa casa. Ir para bem longe.

Acho que não precisamos disso, não.

A gente faz um trato. Eu volto para o softball na primavera.

Você devia voltar de qualquer jeito. É boa nos lançamentos.

Pai! Por favor, a gente precisa. Pelo bem do Owen. E pelo meu também.

Owen? Você acha que uma viagem para a Austrália vai dar um jeito nele?

A gente precisa sair daqui. Andei pensando nisso. Aquele seu congresso na Austrália. A gente pode ir junto? Eu, o Owen e a Heather também, se ela quiser. Sempre quis ver o *outback*. Um canguru. Um coala. Pai. Pai?

ILHA HOLANDESA

O vaivém da água do mar. Gaivotas. Calor. O sol cozinhando os miolos dela.

Sem papai, sem o cara holandês e sem a Heather, Owen e aquela mulher. Só ela. Correndo.

Ela não queria ficar sozinha.

O sol.

O mar.

Que escolha tinha?

PRAIA DE ALKI

É bom ter o oceano por perto.

Bom por quê, pai?

Porque nos faz colocar o pé no chão, meu amor. Dá equilíbrio à mente à mercê da mudança e atormentada pelo irreprimível agora.

Quê?

Deixa para lá. Olha aqui. Me escuta. Sua mãe. Não deixa ninguém ficar falando bobagem sobre sua mãe. Ela te amava. Ela jamais faria uma coisa dessas com ela mesma. Foi um acidente.

Ela estava bêbada?

Não. Não teve nada a ver com isso. Foi um acidente. Um acidente. Isso mesmo...

Pai, você está bem?

Desculpa. Estou, sim. O assunto agora é sua mãe. Vamos pensar nela.

ILHA HOLANDESA

O calor era tudo. Era inacreditável. O calor estava destruindo-a célula por célula, matando-a, assim como mataria todos eles.

E a culpa era toda dela.

Papai estava relutante. Por favor, disse ela. Olha tudo pelo que a gente passou. Com a mamãe. Vai ser bom para o Owen. Você sabe como ele adora animais. Por favor. Deixa a gente ir numa dessas coisas com você pelo menos uma vez. É a Austrália. É tipo a Disney, só que melhor. É tudo mágico lá. Os animais. As pessoas. A paisagem. Os sotaques. Uma fuga completa.

E funcionou. Depois, eles só precisaram convencer a Heather. Ela não queria vir. Estava preocupada com os incêndios florestais. Não gostava de cobras. Não tinha passaporte. Só que papai não ia trazer duas crianças sozinho para a Austrália.

E foi legal.

O deserto.

Uluru.

Todo mundo era tão bacana.

A ilha também foi ideia dela. Dela e do Owen. O papai não queria vir.

Mas ele veio por causa dos coalas, pelos *filhos*. Tudo levava de volta a ela.

PRAIA DE ALKI

Um barco chamado *Zodíaco*.

A lua fazia parte do zodíaco de verdade.

Em inglês, a palavra “lua”, “*moon*”, vinha do termo “mãe”, “*mother*”. A Sra. Taggart dizia que muitos idiomas compartilhavam a mesma raiz. Até no latim, em que a palavra para “lua” era “*luna*”, havia a palavra “*mensis*”, que estava relacionada.

Zodíaco, lua, mãe.

ILHA HOLANDESA

O oceano às suas costas, o sol lá em cima, o som *deles* ali perto na triodia, como chamavam aquele mato.

Ela não era burra.

Tinha 14 anos.

Quando o seu pai tinha 14 anos, 14 eram 14. Quando a sua mãe tinha 14 anos, 14 eram 14. Mas agora 14 eram muito mais. Havia coisas que se podiam ver a qualquer momento e em qualquer lugar pelo celular. Coisas que não podiam ser esquecidas.

Ela conhecia a palavra “estupro”. Entendeu o significado dela na noite anterior.

Não era burra. Não. Sabia o que iria acontecer.

Areia.

Calor.

Mar.

Olhou para trás. Estava se movendo mais rápido agora. O garoto com a carabina ia logo alcançar os outros. Ela imaginava que Heather tentaria lutar com o canivete. Não ia dar certo. Sua mãe deixaria Heather no chinelo. Quem ela achava que era? Owen falou que ela não tinha nem terminado o ensino médio. Era melhor deixá-la para trás. O único problema era abandonar Owen. Owen, uma criança. Olivia não devia ter feito uma coisa dessas.

PRAIA DE ALKI

O ar gelado.

Os flocos de neve.

O barquinho *Zodíaco* boiando para lá e para cá.

Não quero ir.

Olivia.

Não quero. Não faz bem para o mar.

Entra no barco.

O Owen também não quer ir.

Deixem de ser bobos, vocês dois! Entrem.

Tá bom, pai.

ILHA HOLANDESA

Vão pegar a gente.

E eu vou morrer de sede.

Lá em casa, papai tem aquelas garrafas de Evian na geladeira.

Em casa.

Ninguém aqui vai para casa.

Ninguém.

PRAIA DE ALKI

Owen de braços cruzados.

Papai grita com ele. Papai surta, como sempre faz.

Papai puxa Owen pelos ombros e chega bem perto dele: Era o último desejo da sua mãe. Você não quer honrar a sua mãe, seu merdinha?

Owen chora.

Owen entra no barco.

Papai liga o motor de popa.

O *Zodíaco* sai do deque.

Papai não fala nada.

Owen ainda chora.

Papai vira a urna.

Mamãe não fala nada.

Mamãe se desfaz em um milhão de pedacinhos na água sombria do estuário de Puget.

Uma única gaivota.

Owen chora.

Papai não chora.

Papai bravo pra caramba.

ILHA HOLANDESA

Água até os joelhos.

Os pássaros em cima daquelas pedras dali a pouco teriam que encontrar outro lugar para descansar.

Dali a uma hora, as pedras ficariam submersas, e todos aqueles pássaros esquisitos teriam que...

Olivia parou, esfregou os olhos e encarou a linha de rochas que seguia por cerca de seis metros praia adentro. Eram irregulares e engraçadas, e, com um pouco de imaginação, dava até para imaginar

que eram os espinhos nas costas de um dinossauro.

De um estegossauro.

Olhou para elas, fez que sim com a cabeça e soube exatamente o que precisava fazer em seguida.

Ela se virou e correu de volta o mais rápido que pôde.

Através dos arbustos. Através da água. Difícil de respirar. Difícil de pensar.

— Olha para trás — sussurrou Petra.

Heather se virou.

A menos de cem metros, dobrando uma curva, havia um homem e um garoto, ambos armados. Com eles, vinha uma garotinha, como se estivessem todos indo a uma festa de aniversário. Os perseguidores não conseguiam vê-los em meio à vegetação, mas com certeza os pegariam em pouco tempo.

Heather andava pensando numa última alternativa: se esconder. Esperar. Emboscar o garoto quando ele passasse pelos arbustos. Teria uma única chance com o canivete, mas uma chance era melhor que nada.

Só que não havia a menor possibilidade de enfrentar os dois, ainda mais armados. O homem parecia ser Ivan, o brutamontes enorme da balsa.

Merda.

Ela contra eles dois?

Puta que pariu.

Então seria ali, não seria?

Onde tudo acabaria.

Ela sempre se perguntou onde seria.

Não depois de um turno de vinte horas como garçoneiro. Não depois que aquela caminhonete bateu na traseira e destruiu o seu Honda. Não quando teve apendicite e precisou dirigir por cinco horas até o hospital de veteranos em Tacoma porque sabia que não teria dinheiro para pagar a conta na Clínica Bellevue.

Era ali, na prainha estreita de uma ilha ao largo da costa australiana.

Mas que merda era aquela?

Viu Olivia correndo pela curva da praia como se estivesse sendo perseguida. Puta merda, estava mesmo encurralada.

Mas Olivia exibia um sorriso satisfeito.

Tinha alguma coisa...

Olivia as alcançou, ofegante.

— Que foi?

— Depois da próxima curva, tem uma fileira de rochas no mar, bem pertinho da areia. A gente pode atravessar ou nadar até lá, se esconder e deixar eles passarem — disse Olivia, arfando.

Com a boca quase seca demais para falar, Heather fez que sim com a cabeça.

Petra repetiu o gesto. Teriam que ser rápidas. Ivan e as crianças estavam chegando à praia.

— Owen, a gente vai ficar bem — disse Heather. — Falta só mais um pouquinho.

Com vigor renovado, Petra e Heather carregaram Owen através do mangue e pela curva da praia. E, sim, um pouco para dentro da água havia, de fato, uma fileira de rochas.

— Como vamos fazer isso? — perguntou Petra.

Heather tentou responder, mas não conseguia formar palavras. Fora da sombra do mangue, devia estar quase 40 graus. Ficariam expostos à força total do sol lá nas rochas, mas que escolha tinham?

Ela engoliu em seco algumas vezes para produzir um pouco de saliva na boca.

— Você vai com a Olivia. Eu nado com o Owen. Só me ajuda a colocar ele na água.

Petra fez que sim, e as duas o arrastaram até o mar.

— Vai — disse Heather.

Petra e Olivia começaram a nadar. Heather virou Owen para que o garoto ficasse de costas.

— Só relaxa, Owen. Vai ficar tudo bem — sussurrou no seu ouvido.

Ela envolveu o pescoço dele com o braço, e, sempre mantendo a cabeça do menino erguida, seguiu para o oceano.

A água estava gelada, mas nadar com Owen era mais fácil do que esperava. Ela nadava de lado, batia os pés e se impulsionava com força mar adentro com o braço direito. Em dez braçadas rápidas, chegou às rochas: grandes pedras pretas e irregulares que despontavam da água.

Nadou para trás delas.

— Tem uma entradinha nessa rocha, vê se dá para colocar ele ali — disse Olivia de algum lugar.

A saliência era do tamanho de uma estante de livros e tinha uma inclinação de trinta graus para baixo, mas o mar a havia erodido, e as três juntas conseguiram colocá-lo ali. As pálpebras dele tremiam e havia manchinhas brancas nos seus lábios. Onde não estava queimado de sol, estava pálido e com a pele gelada.

Insolação, exaustão, desidratação...

Ele precisaria de água, comida, descanso e sombra muito em breve; caso contrário, ia morrer. E elas morreriam pouco depois.

Heather verificou os batimentos cardíacos do garoto. Estavam fracos.

— Olha lá — sussurrou Petra.

Três pessoas vinham pela curva da praia: Ivan, o adolescente e a garotinha. Conforme se aproximavam, a conversa chegava até elas pairando pela água.

— Que nada, parceiro, o St. Kilda não tem a menor chance, eles não têm profundidade nenhuma — dizia Ivan. — Agora olha os Bulldogs, por exemplo. É um time que vai longe. Que vai superar os altos e baixos da temporada. Espera para ver.

— Do que eles estão falando? — sussurrou Olivia.

— Não sei. O importante é que não estão falando da gente. A atenção deles foi desviada. Isso é bom — respondeu Heather, também sussurrando.

Algo cutucou sua perna.

Ela deu uma olhada na água, mas não viu nada.

Golfinhos?

Que nada. Não eram golfinhos coisa nenhuma. Disso tinha certeza.

Acontecia alguma coisa quando uma orca aparecia nas águas da ilha de Goose. Algo mudava no ar. Dava para sentir o perigo na pele.

Ela boiou e se mexeu o mínimo possível.

Tentou olhar, mas a água era muito funda e opaca.

Uns três metros para a direita, uma barbatana se ergueu por um instante e voltou a sumir debaixo da água. De golfinho aquilo não tinha nada. Era um tubarão-azul jovem. Não devia passar muito de um metro, e tubarões-azuis se alimentavam basicamente de lulas, mas mesmo assim podiam dar mordidas terríveis em qualquer idade. O animal estava nadando em círculos à sua direita.

Heather não sabia ao certo se o tubarão havia percebido ou não a presença deles. Um belo jeito de chamar a atenção desses predadores marinhos era começar a se debater e entrar em pânico.

Ela olhou para a praia.

Ivan e as crianças estavam quase os ultrapassando.

— Não quero ir para a escola — disse o garoto.

— É você quem decide, parceiro — disse Ivan. — A mãe não pode forçar. Pelo menos eu acho que não. Mas é escola, não cadeia, meu parceiro. Eu fui e estou aqui, ó, vivão. Só tem veadinho, mas sei que você vai dar conta do recado. Além do mais, Geelong não fica a um milhão de quilômetros daqui.

— Você foi para a mesma escola que o meu pai, tio Ivan? — perguntou a garotinha.

— Fui, Niamh. Três anos. Liceu Geelong. Como eu falei, é todo mundo um bando de idiota, mas acabei me acostumando.

— Quando o tio Matty fizer o drone funcionar, eu posso usar? — perguntou o garoto.

— Duvido muito que vá rolar. O Matt deve ter tirado o drone da caixa só umas duas vezes desde que comprou!

A respiração de Olivia estava pesada. A respiração de Owen estava fraca. Petra prendia a respiração.

O tubarão-azul estava à direita.

Ele mudou abruptamente de direção e, sem pressa, seguiu em direção a ela.

Merda.

Estavam todos sangrando. Foi isso que chamou a atenção dele.

A barbatana afundou. Olivia era o alvo.

Heather não podia nem a advertir.

Ela se inclinou e recuou a perna.

Se calculasse o tempo direitinho...

Heather olhou no olho direito do tubarão e chutou suas brânquias no momento exato em que ele abria a mandíbula para dar uma mordida exploratória.

Olivia viu, tomou um susto e tapou a boca com a mão.

Irritado, o tubarão-azul jovem nadou para longe.

A garotinha, Niamh, virou-se e olhou direto para as rochas, mas não viu nada. Ou talvez tenha fingido que não viu.

O garoto, Ivan e Niamh continuaram conversando até chegarem a um aglomerado de árvores do mangue no fim da praia.

Desapareceram no meio delas e foram embora.

— Vamos voltar — disse Heather.

— Não seria melhor esperarmos um pouco mais? — perguntou Petra.

— Tem um tubarão-azul em volta da gente. Vamos para a areia. Agora.

Nadaram de volta para a costa e arrastaram Owen para as sombras do manguezal.

— Você acha que vão refazer o caminho quando não nos encontrarem? — perguntou Petra.

Heather deu de ombros.

— Não sei. Só posso torcer para que continuem avançando até anoitecer. Não importa se vão voltar ou não. Não vamos mais tirar o Owen daqui.

Heather e Petra carregaram Owen até a sombra de uma árvore do mangue e deixaram que ele se recuperasse. A água do mar havia refrescado o garoto, mas agora o problema não era a insolação. Era a desidratação. Ela abanou Owen com as folhas de uma árvore para mantê-lo o mais fresco possível.

Uma hora.

Duas.

Três.

Os O'Neill não voltaram para a praia.

Olivia escreveu "S.O.S." com pedras e algas que todas sabiam que a maré arrastaria para longe.

O sol começou a se pôr.

Owen, por mais incrível que parecesse, continuava vivo.

Água. Se ela não arranjasse água naquela noite, o garoto morreria.

Petra sabia disso. Olivia sabia disso.

Heather subiu até o topo da meseta e escalou um eucalipto jovem.

A charneca estava vazia. Havia luzes acesas na fazenda, a uns três quilômetros dali. Pássaros cantavam. Estava anoitecendo.

— Encontrou alguma coisa? — perguntou Petra.

— Acho que foi todo mundo embora.

Heather começou a descer. Pisou em falso no galho embaixo dela e se agarrou em outro galho próximo. O galho seco do eucalipto não aguentou o peso; quebrou, e ela caiu de dois metros e meio de altura. Suas costas absorveram quase todo o impacto.

— Você está bem? — perguntou Petra, correndo alarmada até Heather.

— Hum... Acho que sim — respondeu ela e ficou deitada por um instante com uma das pernas presa num galho mais baixo.

Petra a desenroscou da árvore.

— Não era essa a vida que eu queria — disse Heather.

— E o que você queria?

Heather refletiu um pouco.

— Sei lá. Não estou falando só *disso aqui*. Estou falando das crianças, de tudo.

Petra deu um sorriso triste.

— Nós nunca tivemos filhos. Hans não queria, e eu também não insisti muito. Como... Como você acabou se casando? Ele era mais velho, não era?

— Algumas amigas minhas diziam que eu estava louca de me casar com um homem de quarenta e poucos anos. Mas eu era pobre. Tom é... era divertido. A gente se deu bem de cara. Era uma família de comercial de margarina. Num piscar de olhos, eu tive tudo o que queria.

— Hans e eu tínhamos muito pouco em comum no início — contou Petra. — Ele odiava as minhas músicas. Eu gostava de punk, dá para acreditar?

— Dá, sim. Eu sempre fui meio diferente do pessoal da minha idade. Só fui perceber o quanto depois que saí de casa e me mudei para Seattle.

Petra fez que sim, e as duas ficaram em silêncio.

Quando o sol havia finalmente se posto com toda a sua beleza espalhafatosa, Heather se levantou.

— Vou procurar água. Se até de manhã eu não voltar, acho que significa que eles me pegaram.

— Entendo — disse Petra.

Heather hesitou.

— Você vai cuidar o melhor possível das crianças?

— Claro.

As duas mulheres se abraçaram.

— Boa sorte — disse Petra.

Heather fez que sim com a cabeça, acenou e foi para o leste.

Leste sob a lua minguante de ponta-cabeça.

Sob o céu cheio de estrelas do sul.

Sob o Cruzeiro do Sul e a Via Láctea.

Foi andando através da triodia, dos cardos e do capim-treme-treme. Ela conhecia o céu do hemisfério norte como a palma da mão. O Grande Carro. Órion. Cão Maior. Quando saía para pescar à noite com o pai, conseguia ver o céu de um lado a outro, as estrelas rotacionando ao redor de Polaris. A memória a fez sorrir. Nada disso a ajudaria aqui no hemisfério sul, onde até a lua estava ao contrário.

Heather estava com dor de cabeça. Não entendia muito de biologia, mas deduzia que as suas células cerebrais, assim como todo o resto, tinham sido afetadas pela desidratação. Os músculos doíam, e ela estava cheia de câibras, suspeitava que por causa da desidratação também.

Não tinha muito o que fazer.

Um morcego voou em frente à lua.

Ela ouviu noitibós.

Havia alguém dirigindo um quadriciclo cerca de um quilômetro e meio ao sul.

A ilha era quase um retângulo, cinco quilômetros por três, com a fazenda no meio. Ela se aproximou da fazenda pelo norte, onde as triodias eram mais altas, mas não demorou para se dar conta de que ir ao poço dali não era uma boa ideia. Eles haviam acendido os postes que circundavam o terreno, e, no telhado de um celeiro, dava para ver a silhueta de um homem segurando uma carabina.

Ela se agachou na grama e analisou a situação.

Matt era inteligente, mas não tanto quanto ele achava que era. Ela teria escolhido outra tática. Teria apagado as luzes e agido como se tudo estivesse normal. E simplesmente deixado alguns caras esperando no escuro até que ela se aproximasse do poço.

O sujeito no telhado não parecia tão preocupado assim. Ele devia ter deduzido que seria um milagre alguém ter sobrevivido a um dia como aquele na ilha, com a temperatura perto dos 40 graus e sem água.

Heather se afastou da luz e tomou bastante distância da fazenda. Se tivesse como evitar, não chegaria nem perto dali.

Era perigoso demais.

Mas tinha um plano B.

Virou-se para o sul e continuou em frente até chegar à estrada.

Apurou os ouvidos em busca do quadriciclo e, como não escutou nada, voltou a seguir em direção ao leste.

Sua boca estava seca demais, parecia que a língua era feita de lixa.

Leste.

Através da tundra.

Através do nada.

Sobre aquela terra sem Sonhos.

A estrada estava quente.

A noite estava quente. A brisa marítima havia decidido não dar as caras.

Animaizinhos brigavam na vegetação rasteira. Ela fantasiou pegar um deles, enfiar a faca na barriga do bicho e beber seu sangue.

Faria de tudo por um copo de água. Nem precisava ser gelada. Água enlameada de alguma poça já serviria. Qualquer coisa. Ela olhou para o céu. Será que havia alguma chance de aparecer uma nuvem que indicasse chuva?

Não. Dava para ver todas as direções até o espaço sideral. Não havia nada entre ela e o vácuo.

Heather continuou marchando em frente.

Em frente.

Estava tão leve agora que se sentia sendo puxada pelas estrelas.
Pelos outros mundos. Pelas outras civilizações.

Era tão fácil ir à deriva lá para cima.

Ela só precisava se permitir.

Ir.

E lá para cima ela foi numa corrente de ar quente até que conseguia ver toda a ilha. Toda a costa. Todo o estado de Victoria. O restante daquele grande continente dormindo.

Mais alto. Mais fundo.

Agora conseguia ver toda a Austrália e toda a Nova Zelândia.

Aquela presença assombrada ao sul era a Antártida. Como estava perto de toda aquela água congelada.

Mais para cima ainda e ela conseguiu ver a Terra inteira girando no seu eixo através da escuridão. A ilha de Goose tinha sua boa parcela de gente maluca. Heather conhecia pelo menos uns dois terraplanistas de lá. Caso voltasse, diria que eles estavam errados. Ela viu, em primeira mão, a Terra redonda girando.

Caso voltasse.

Era tão solitário ali.

Luzes começaram a vir em sua direção.

Será que era a estação espacial?

Um óvni.

Não. Merda. Um carro.

E de volta à Terra como um V-2 retornando do espaço. Ela mergulhou para fora da estrada e se encolheu na grama.

Um Land Rover passou acelerando. De dentro do veículo ecoava música alta. A música retumbou nos seus ouvidos num efeito Doppler.

All we are saying is...

All we are saying is...

All...

Ela enterrou o rosto no mato quando os faróis varreram a escuridão.

Heather se sentou e viu as luzes traseiras seguindo a via.

O carro estava indo para a fazenda, mas ela não dava a mínima para onde ele estava indo nem o que estava fazendo.

Tinha sumido.

Agora fazia parte do passado, assim como Tom, George Washington, Jesus, os pintores de Lascaux, os dinossauros e as estrelas mortas que compunham o aço e o níquel no centro da Terra.

Tudo sumido.

Ela se levantou e continuou pela estrada.

Em quinze minutos, a antiga prisão surgiu em meio à noite. Heather diminuiu o passo e ficou mais atenta, mas não havia motivo algum para preocupação.

Tudo ali estava morto.

Construções retangulares escuras como breu. Silhuetas de equipamentos agrícolas abandonados. Ela explorou o maquinário por alguns minutos, mas não havia nada que pudesse ser quebrado e usado como arma.

Agachada, aproximou-se de uma das construções.

A maior parte da prisão havia sido demolida, mas uma ala continuava de pé: uma longa estrutura de ferro e concreto exposta aos elementos da natureza. Aquela casinha lá longe deve ser a velha guarita.

Não havia luz em lugar nenhum. Ela andou pelo pátio entre a prisão e a casa e apurou os ouvidos.

Nada. Ao longe, conseguia ouvir as ondas quebrando na praia da ilha.

A casa tinha dois andares e contava com uma sacada que circundava todo o segundo piso. Foi até a porta da frente e a examinou. Era uma porta pesada de madeira com fechadura. Heather tentou girar a maçaneta e depois forçou a superfície com o ombro, mas a porta não se mexeu.

Deu alguns passos para trás e analisou a construção de maneira mais clínica. Balançou a cabeça para tentar fazer o cérebro funcionar melhor.

Dois andares. Feita de tijolos. Teto de ferro corrugado. No térreo havia grandes janelas com barras de ferro. Ela deu a volta na casa procurando algum ponto pelo qual pudesse entrar, mas não encontrou nenhuma passagem óbvia.

Heather puxou as barras de metal que cobriam as janelas. Embora parecessem enferrujadas e bem velhas, nenhuma estava frouxa. Tentou puxar cada barra de cada janela do primeiro andar e depois empurrou a porta com o ombro de novo.

Suspirando, tentou pensar no que fazer.

Não havia nenhuma garantia de que encontraria água na casa. Talvez nada daquilo valesse a pena.

Ela voltou para a velha ala de celas e olhou dentro de cada cubículo. Havia teias de aranha em todas as portas e o prédio fedia a urina. Tomando cuidado com aranhas peçonhentas, ela examinou cada cela à procura de qualquer coisa que talvez pudesse vir a usar.

Tinha muito lixo no chão, mas eram restos de papel mofado que não serviam para nada. Havia algumas latas de cerveja amassadas com líquido dentro. O desespero era tanto que ela ficou tentada a despejar o conteúdo na boca. Decidiu que, se não conseguisse entrar na casa, ia correr o risco de ter uma intoxicação alimentar e tomar aqueles restos mesmo; pelo menos, assim teria algum líquido no sistema para a jornada até a praia.

De volta ao pátio.

A lua minguante escapou de trás de uma nuvem solitária no céu e, por um instante, Heather teve uma bela visão da velha guarita. Não havia grades nas janelas do segundo andar. Se ela conseguisse encontrar um jeito de chegar lá em cima...

Que horas será que eram? Fazia quanto tempo ela havia saído? Uma hora? Duas?

No lado norte da guarita havia uma varanda estreita com uma cadeira de balanço e outra de vime. A de balanço era inútil, mas talvez ela conseguisse subir na de vime e escalar uma das colunas que levavam à sacada do segundo andar. De lá, seria relativamente fácil chegar a uma das janelas, quebrá-la, abri-la e entrar.

Heather pegou a cadeira de vime. Não era tão leve quanto parecia, e foi difícil carregá-la até o lado da varanda. Ela empurrou a cadeira *com força* no solo arenoso e a inclinou contra o pilar de madeira que sustentava a sacada.

Estimou que a distância entre o alto do assento até o parapeito da sacada do segundo andar era de menos de dois metros. Se esticasse os braços, não caísse da cadeira e fosse forte o bastante, seria capaz de se içar até lá em cima.

De pé no assento, colocou timidamente um pé num dos braços, depois posicionou o outro pé no outro. Quando teve certeza de que a cadeira não ia escorregar, levou o pé até o espaldar da...

A cadeira escorregou, e ela caiu para trás na areia com um suave *tummm*.

— Ai — disse e tapou a boca com a mão.

Não foi tão ruim quanto cair da árvore naquela terra vermelha seca.

Ficou ali deitada na grama arenosa e olhou para as estrelas. Encarou o espaço vazio chamado Saco de Carvão. Não dava para ver essas coisas no hemisfério norte. Em Uluru, um guia explicou que se tratava de uma nebulosa, uma vasta nuvem de poeira a muitos anos-luz de distância. Para os povos aborígenes, parecia a cabeça de um emu. Ela fechou os olhos. Estava sozinha ali, no nada, mas tudo bem. A solidão era uma velha amiga que a recebia de braços abertos depois de todos esses meses com as crianças, seus amiguinhos e as mães deles. Seria tão fácil simplesmente manter os olhos fechados. Simplesmente ficar deitada na areia a noite toda. Depois de algum tempo sem água, cada um dos seus sistemas começaria a parar. Os rins não funcionariam mais, o coração desaceleraria e talvez, se tivesse sorte, pararia por completo.

Nada daquilo era responsabilidade dela.

Ela própria era só uma criança.

Tinha 24 anos, mas, na verdade, era mais nova que isso. Havia

saído de casa poucos anos antes. Sendo bem sincera, nem queria ter vindo para esta ilha. As crianças é que queriam ver coalas, e ela, mais uma vez, tentou trazê-las para o seu lado.

Aquelas crianças não eram seus filhos.

Não gostavam muito dela. Na verdade, mal a toleravam. Aqueles dois não eram problema de Heather.

Afinal de contas, qual era a diferença entre morrer ali e morrer em algum trailer no meio do mato décadas depois? Tudo estava em sintonia. O universo sequer piscaria.

Era só se deitar ali.

Pairar.

Sonhar.

Esvaecer-se na corrente.

Pensou em Seattle. Na ilha de Goose e no estuário de Puget. No seu pai e em quando olhava para oeste através da luz amarela das sete da manhã. Pensou em “Into Dust”, aquela música de Mazzy Star da qual sua mãe gostava.

Os momentos passaram lentamente.

Tão fácil...

Fácil demais.

“Seu corpo é um arco feito de noqueira”, dizia o seu pai.

“Seu corpo é uma espada afiada por lágrimas”, dizia a sua mãe.

Heather se sentou.

Arrumou a cadeira, firmou-a na areia e, depois de conseguir se equilibrar, colocou o pé esquerdo no braço esquerdo. Até então, tudo certo. Posicionou o pé direito no encosto da cadeira, mas ela começou a tombar, então Heather pulou e agarrou uma das barras do gradil da sacada do segundo andar. A cadeira caiu. Heather se puxou com força para cima. Seus braços pareciam inacreditavelmente fracos. Não ia dar certo. Se ela conseguisse encaixar uma perna lá em cima e diminuir o peso...

Balançou o torso de um lado para o outro. Num último balanço para a esquerda, conseguiu levantar o pé e colocá-lo na borda da sacada. Ficou ali pendurada, naquela situação precária, por um ou dois segundos.

— Vamos lá — grunhiu e deu impulso com o pé.

Ela se ergueu quase que verticalmente, como aquele vampiro de *Nosferatu*, e, de algum jeito, viu-se de pé na parte estreita que ficava antes do gradil. Pulou para o outro lado, e lá estava ela na sacada do segundo andar. Simples assim.

— Meu Deus — disse e prendeu a respiração.

Foi até a porta e girou a maçaneta, mas estava trancada. Não havia janelas que pudesse abrir.

Heather não fazia ideia se havia um caseiro. Sem sombra de

dúvida, tinha espaço para alguns quartos ali em cima, mas não havia nenhum sinal de ocupação. Não havia um zumbido de ar-condicionado, nada de tábuas rangendo, roncoss, nenhum barulho.

Ela ficou ali refletindo por um instante e então deu uma cotovelada no painel de vidro que ficava em cima da maçaneta. A estrutura partiu e caiu em dois pedaços que se espatifaram dentro da casa.

Voltou para o corrimão, pronta para pular e sair correndo.

Esperou.

E esperou.

Nenhuma movimentação.

Com cuidado, ela passou a mão pelo vidro quebrado e girou a maçaneta.

A porta se abriu, e ela entrou no que claramente era um quarto. Havia uma cama, um guarda-roupa e uma cômoda. Tudo coberto de poeira.

Hesitou por um instante e pensou que talvez pudesse dar uma deitada na cama.

Ela balançou a cabeça. Talvez ali em cima houvesse um...

Foi até o corredor e... Isso! Lá no fim do corredor havia um banheiro. Ela correu até a torneira e a abriu. Sem nenhum estardalhaço, começou a escorrer água. Ela olhou, maravilhada.

Toda aquela água simplesmente vertendo ralo abaixo.

Ela a tocou com o dedo e então fez uma concha com as mãos, encheu-a de água, levou-a aos lábios e bebeu.

Era como beber as águas do Paraíso.

Heather colocou a boca embaixo da torneira e deixou a água jorrar na sua garganta.

— Ai, meu Deus — disse. — Ai, meu Deus.

Ela jogou água no rosto e deixou pingar. Colocou a tampa no ralo, encheu a pia e enfiou a cabeça na água fresca. Piscou algumas vezes para tirar a poeira e a sujeira dos olhos. Depois de trinta segundos, Heather tirou a cabeça da pia e se sentou no vaso sanitário.

Destapou o ralo e deixou a água escorrer. Ficou fascinada pela cena, como se aquela fosse alguma substância exótica que nunca tinha visto na vida.

Heather não queria parar de beber. Abriu a torneira de novo e deixou escorrer direto para a boca.

Enquanto o seu cérebro começava a voltar à vida, de algum lugar lá no fundo dos seus neurônios, ela lembrou que beber água demais muito rápido podia matar, então, com relutância, afastou o rosto da torneira e deu alguns golões finais.

Ai, meu Deus, como era bom.

Ela saiu do banheiro e encontrou uma escada instável de madeira que levava a uma espécie de sala de estar. Uma mesa, um sofá, uma

televisão que parecia ancestral e uma cornija coberta de retratos. Pegou uma das fotos. Parecia ser de um policial — ou, mais provavelmente, dado o lugar, um policial penal.

Ela devolveu a foto ao lugar, então atravessou uma porta e chegou a uma saleta que havia sido transformada numa espécie de recepção e bilheteria. Tudo estava coberto por uma grossa camada de poeira. Sobre uma mesa, que ficava ao lado de uma caixa registradora antiquada, havia panfletos da antiga prisão. Ela colocou alguns no bolso traseiro para, quem sabe, usar mais tarde para fazer uma fogueira. Numa geladeira desligada havia dezenas de garrafas de água.

Putá merda.

Encontrou uma bolsa de pano e começou a colocar as garrafas nela. Pegou todas. Isso ajudaria. Ajudaria muito. Isso os salvaria. E, depois que bebessem tudo, poderiam voltar e encher as garrafas na torneira lá de cima. Talvez pudessem até se esconder ali até a polícia chegar, não é?

Talvez.

Será que Matt e os outros perceberiam a janela quebrada no segundo andar?

Isso era preocupação para depois.

Heather se perguntou se haveria comida por ali.

Uma placa dizia CHÁ/CAFÉ 2 DÓLARES, então devia ter uma cozinha em algum lugar, e, se havia uma cozinha, talvez tivesse um armário cheio de comida.

Ela voltou para a sala de estar e procurou por uma porta que levasse a uma sala de jantar ou cozinha.

Algo parecia errado.

Será que tinha deixado alguma coisa passar batida?

As tábuas do chão.

Uma mudança de pressão.

Ela prendeu a respiração.

Um som de respiração.

Havia alguém ali.

Mas como era possível? O lugar estava abandonado. Tudo estava coberto de poeira.

Era apenas sua imaginação.

Ou talvez um gambá.

Os pelos da sua nuca se eriçaram. Seu corpo sabia, mesmo que Heather não soubesse. Os sinos primitivos repicavam no seu sistema límbico.

E então a luz se acendeu.

Ela ficou paralisada.

— Larga a bolsa e levanta as mãos senão eu explodo a sua cabeça — disse uma voz.

Ela soltou a bolsa com as garrafas de água e ergueu as mãos.

— Senta ali no sofá. Bem devagarinho.

Os olhos de Heather se ajustaram à luz. O homem era magro, esguio e tinha quase dois metros de altura. Ela o reconheceu. Era o sujeito que os havia alertado para que fossem embora ontem de manhã. Ele estava de bermuda, camisa havaiana e chinelos. A camisa estava toda manchada e fazia muito tempo que não via uma máquina de lavar. Sua barba grisalha de pelos grossos pendia a quase meio metro do queixo. A espingarda era uma velharia de cano duplo. Era impossível saber se estava carregada ou não. Quando se está na mira de uma arma, o melhor é deduzir que está carregada.

Ela não tinha certeza de que conseguia se lembrar de todos que estiveram na fazenda aquela dia, mas seria muito difícil esquecer uma barba como aquela. Haveria alguma chance de ele não saber o que estava acontecendo?

— Foi mal, eu não sabia que tinha gente morando aqui. Estava atrás de um pouco de água — disse Heather.

— Aposto que estava mesmo. Essa ilha é seca que nem um deserto.

— É mesmo. Você deve estar se perguntando o que eu estou fazendo aqui. O carro quebrou, e a gente...

— Chega de conversinha. Eu sei quem você é. E você sabe quem eu sou?

— Não — respondeu ela, desanimada.

— Eu sou Encrenca com “E” maiúsculo. Eu sou a Morte com “M” maiúsculo. Se me causar qualquer problema, não vou pensar duas vezes antes de te matar. Entendeu?

— Entendi.

— Agora, fica aí sentada quietinha enquanto eu chamo o Matt no walkie-talkie.

Ela não ia entrar em pânico.

Havia se reidratado, e todos os seus sistemas estavam voltando a funcionar.

O sujeito falou por tempo suficiente para ela perceber que não era australiano. Pelo menos não cem por cento. Devia ter vindo da Grã-Bretanha ou da Irlanda. O que estava fazendo ali era um mistério, mas, no fim das contas, era um forasteiro sem parentesco com as pessoas da fazenda. Não fazia parte da família.

— Eu mandei sentar!

Ela se sentou no sofá com um buraco no meio que a sugava para baixo e a prendia. Levaria dois ou três segundos para conseguir se levantar dali. Tempo mais que suficiente para que o homem explodisse a sua cabeça com um tiro de espingarda.

— O meu nome é Heather.

— Eu sei quem você é. Agora sossega o facho aí e cala a boca.

Com apenas uma das mãos, o sujeito começou a vasculhar a gaveta que ficava perto da TV. Não conseguia encontrar o que estava procurando, então acendeu outra luz.

Havia um buraco na tela da janela, e o cômodo estava cheio de mariposas e insetos que começaram a voar em direção às lâmpadas.

O homem encontrou o walkie-talkie e se sentou numa cadeira a uns bons três metros de Heather.

— Você deve saber que não tem sinal de celular aqui. Pelo menos não desde que a prisão fechou. Mas a gente até que consegue manter contato com essas coisas aqui — disse ele enquanto balançava o aparelho preto e amarelo diante dela. Parecia estar zombando de Heather. — Comprei na Woolies. Por dez contos. Dão para o gasto. Todo mundo tem. E pegam de longe também, a não ser lá depois dos morros. Já serve para ligar para o Matt. Os rapazes vão chegar aqui num piscar de olhos.

— Por favor, não faz isso. Eu estou cuidando de duas crianças. Só vim pegar um pouco de água.

— Está mais é para roubar um pouco de água, não é? Você pediu para alguém, por acaso? Invadiu e pegou o que queria, não foi? Eu falei para vocês darem no pé. Não deviam nem ter vindo, para começo de conversa — disse ele e começou a mexer no transmissor.

— Por favor, não liga para o Matt. Só me deixa ir embora. Dá para ver que você não faz parte da família.

— Ah, é? E como é que dá para ver?

— O seu sotaque é diferente do deles.

O sujeito encontrou o botão que ligava o walkie-talkie. Ajustou o volume, e o espaço foi preenchido pelo sinistro som de estática. Se ele chamasse Matt, ela estava morta, assim como as crianças.

— Você é irlandês, não é? — chutou ela.

— Sou, e daí?

— De que parte da Irlanda? Do mesmo lugar que a mãe?

— A mãe veio depois da guerra, mas você não deve fazer a menor ideia do que eu estou falando.

— Não.

— Ela veio de barco lá de Liverpool, mas é tão irlandesa quanto eu. Foi por isso que me deixou ficar aqui. Sou o único de fora que não casou com ninguém da família. Você já ouviu falar de um lugar chamado Ballymena?

Heather fez que não com a cabeça.

— Foi de lá que eu vim.

— E como é que você veio acabar aqui?

— Vim para trabalhar na prisão. Na verdade, ajudei a fechar. Depois só meio que fiquei.

— Vi a sua foto na prateleira. Você era policial penal na Irlanda.

— Não era, não. Eu era policial mesmo.

O coração de Heather começou a bater mais forte.

— Policial?

— Isso, de uma coisa chamada RUC. Já ouviu falar?

Heather fez que não de novo.

— Qual é o seu nome?

— Rory.

— Prazer, Rory.

Ele grunhiu em resposta e continuou mexendo no walkie-talkie.

Ela se recostou no sofá.

— Eu estou cuidando de duas crianças. O Owen tem 12 anos. A Olivia, 14. O Owen está muito desidratado. Ele vai morrer hoje à noite se eu não voltar com água. E o restante de nós, você sabe o que vão fazer com a gente, não sabe? Vão matar todo mundo. Vão me estuprar, vão estuprar a Olivia e depois nos matar.

— Eu não tenho nada a ver com isso.

— Lá em Ballymena você teria?

— Acho que sim — respondeu Rory e sorriu. — Você se acha muito esperta, não é mesmo?

— Não. Eu estraguei tudo.

— O Matt me falou de você. Disse que você era astuta. Que eu devia ficar de olho.

— Você tem que ajudar a gente! Contra eles.

Rory fez que não com a cabeça.

— Não posso arriscar, não é? Se descobrirem que eu ajudei você, vão vir atrás de mim depois, não vão?

— Os filhos do Tom... Os meus... As crianças precisam de água.

— Não é problema meu, docinho. Eu pedi que vocês viessem para cá, por acaso? A escolha foi de vocês. Nada disso é problema meu.

Vocês atropelaram a Ellen. Não vem me meter nessa história. Não tenho nada a ver com isso e, se eles descobrirem que eu falei com você, o próximo alvo sou eu, não é?

— Você não pode pelo menos dar um pouco de água para a gente?

— E depois?

— Se a gente conseguir chegar num barco...

— Não tem barco. Só o deles. A balsa. A gente está na ilha com eles. Esse lugar é deles. Essa gente cresceu aqui. O velho Terry dizia que a ilha Holandesa nunca foi legalmente incorporada ao estado de Victoria. Eles consideram a Austrália outro país. Eles são a lei. Conhecem esse lugar como a palma da mão. Cada canto, cada buraco, e sabem tudo o que acontece.

— Então como é que ainda não pegaram a gente?

— Isso aí é um milagre. Vocês já estão fazendo hora extra. Eles vão encontrar vocês. Esse lugar é o quintal dessa família. Eles estão só brincando com vocês.

Ela meneou a cabeça.

— Eles estão com medo agora. Eu...

— Você está de brincadeira, não é? Você não sabe de nada. Acha mesmo que está despistando os caras? São eles que estão deixando vocês viverem. Estão só se divertindo um pouco. Nunca me contam nada, mas me mandaram ficar de olho em vocês e falaram que vão trazer cachorros do continente amanhã. Cães-de-santo-humberto. Se eu deixar você ir embora, é capaz de os cachorros farejarem você até aqui, e aí eles vão fazer perguntas, e, se virem a janela quebrada, eu vou ter que inventar alguma mentira. Você já me fodeu. Agora, fica aí sentada que eu vou ligar para o Matt. Se eu vir você se mexendo um centímetro que seja, vou partir você ao meio. Ô, se vou!

— Não acho que você vai atirar em mim. Você é policial. Sabe o que é certo.

— Sei mesmo. Vocês mataram a Ellen e agora vão pagar o preço.

— A gente já pagou. Eles mataram o Tom, o meu marido. Mataram ele na minha frente. E agora sobrei só eu para cuidar daquelas duas criancinhas.

Ele fez que sim.

— Pois é, fiquei sabendo o que o Danny fez.

Olhou nos olhos dele. Tentou encontrar respostas lá.

Precisava correr o risco.

O olhar daquele homem a aterrorizava. Mas ele era ex-policial.

Com movimentos lentos, ela se levantou do sofá e se prostrou de joelhos. Uniu as mãos num gesto de súplica.

— Por favor. Pelas crianças.

— Dona, você deve ser surda. Surda que nem a coitada da Ellen. Não posso fazer nada por você.

— Você vai mesmo deixar eles me matarem? E um garotinho e uma garotinha?

— E o que é que eu posso fazer? Eu contra vinte e cinco deles?

Heather tentou outra tática.

— O meu pai era do Exército. Ele... hum... falava dos soldados que perderam a bússola moral.

— Foi isso que aconteceu comigo?

— Foi. E acho que você sabe disso — respondeu ela.

Ele balançou a cabeça.

— Tudo acontece por um motivo. Eu ter vindo para cá trinta anos atrás. Você ter vindo ontem. Nós termos essa conversa.

— Talvez o motivo seja você me deixar ir embora. Eles nunca vão descobrir que a gente conversou. Nunca vão saber que você me ajudou.

— Eles vão saber. Vão descobrir. Eles sabem muito mais do que você imagina e veem muito mais do que você acha. É um jogo para eles. Estão deixando vocês correrem pelo quintal da família. Eu tive sorte. Eles me aceitaram. Não sou um problema. Eu não incomodo eles e eles não me incomodam. Bombeiam água para mim do aquífero da fazenda, me deixam viver em paz.

— Por favor.

— Chega de “por favor”. Vocês não deviam ter tentado fugir. O Ivan e o Jacko estão putos da vida. Olha, não sei de todos os planos, mas o Jacko me contou o que vão fazer com aquele alemão se ele não falar. Não quero que aconteça a mesma coisa comigo.

Heather engoliu em seco.

— O que é que eles vão fazer com o Hans? — perguntou.

— O Jacko falou que ele ainda não contou onde vocês estão se escondendo.

— Ele não sabe. O que é que vão fazer com ele?

— Tem uma colônia enorme de formigas-de-fogo nos fundos do celeiro. Vocês devem ter visto o formigueiro quando entraram lá, não viram?

— Não.

— Milhões de formiguinhas saltitantes. O velho Terry aprendeu esse truque no Vietnã — disse ele, estremeando.

Heather sentiu um calafrio.

— Eles são doidos, você sabe disso — disse ela, juntando as mãos e inclinando-se para a frente para implorar um pouco mais.

— Escuta, querida, se você se aproximar mais um centímetro que seja, vou atirar.

Ele soltou o walkie-talkie e agarrou a arma com as duas mãos.

— Não vai, não. Você não é assim. Não estou te ameaçando nem fazendo nada para te machucar. Já aprendi a minha lição. Vou pegar a

água e sair daqui.

Com o dedo no gatilho, ele olhava para ela por cima do cano da espingarda. Heather agora não tinha mais dúvidas de que a arma estava carregada. Os nós dos dedos dele estavam brancos; havia suor sobre o seu lábio superior e, mesmo sob aquela luz amarelada, era possível ver que as pupilas dele estavam dilatadas. Não era um blefe. Se aquele dedo escorregasse, ela explodiria.

Heather pensou em Olivia e Owen.

Engoliu em seco e piscou para afastar as lágrimas dos olhos.

Seus ombros estavam tão tensos que a sensação era de que ela iria se quebrar.

Heather sabia que, se ele puxasse o gatilho, ela não sentiria nada. Não ouviria nada. Sua vida cairia na escuridão instantaneamente. O pretume duraria até o fim do universo, quando tudo ficaria escuro.

Ela engoliu em seco de novo.

— Vou me afastar de você, Rory. Bem devagarinho. Vou pegar a bolsa com a mão esquerda, levantar e, com toda a calma do mundo, colocar no meu ombro. Depois vou sair daqui, e você nunca mais vai me ver na vida. E ninguém da fazenda vai ficar sabendo que eu vim aqui, e nós dois vamos sair dessa vivos.

— Se você tocar nessa merda dessa bolsa, vou explodir a porra da sua cabeça. Ouviu?

— Ouvi. Você *não* vai atirar em mim, Rory.

— Vai por mim, eu vou, sim.

Heather respirou fundo. Tinha que fazê-lo entender que, se a deixasse ir, os dois sairiam ganhando.

— A polícia vai acabar aparecendo aqui. E, quando chegar, os policiais vão fazer muitas perguntas. O meu marido era um homem bem conhecido. Essa ilha vai ficar cheia de policiais atrás de evidências do que aconteceu com a gente. Você vai ser interrogado.

— Eu sei lidar com a polícia.

Ela olhou para ele.

— Por que você vive aqui? O que é que essa ilha tem, Rory?

— Paz, silêncio, pássaros. Muitos pássaros.

— O meu pai gosta de aves também.

— As pardelas são as minhas favoritas. As tocas ficam lá nas dunas do sul da ilha. Elas voam lá do Alasca até aqui, por incrível que pareça.

Ela sorriu.

— Você não é um assassino, Rory. Não é como eles. Ainda não está metido nisso. Você não fez nada de errado. Você é a polícia.

— Talvez você esteja certa — disse Rory depois de um longo tempo em silêncio. — Talvez eu não queira matar você. A questão é que não preciso. Posso atirar nas suas pernas. Você vai ficar bem quietinha

depois que eu explodir o seu joelho. É isso que você quer? Porque eu atiro, porra. Agora senta lá de novo.

Ela sentiu a mira nas suas pernas.

Merda, ele estava disposto mesmo a atirar.

O blefe dele tinha ganhado do dela.

Heather não era muito boa nisso.

— Estou sentando.

Rory colocou a espingarda no colo, pegou o walkie-talkie e achou o canal certo.

— Ei, Matt, está por aí? — Estática. — Matt?

— Oi, é o Matt. Quem é?

— Rory. Você não vai acreditar em quem entrou aqui em casa.

— Quem?

— A estadunidense.

— Está me tirando! Com as crianças?

— Só ela.

— É zoeira? — perguntou Matt.

— Não. Ela está bem aqui.

— Mandou bem, parceiro! Aguenta firme aí! Eu e a Kate estamos indo. Câmbio e desligo!

Rory soltou o walkie-talkie, pegou a arma e deu um sorriso para Heather.

— Agora já não posso fazer mais nada, querida. Não posso fazer mais nada. E já deu de conversa. Se você fizer qualquer barulho, vou atirar com os dois canos. Vamos só ficar aqui sentados em paz enquanto a gente espera os outros chegarem.

Suor debaixo da bunda. Uma espingarda apontada para os seus joelhos. Duas lâmpadas de trinta watts emitindo uma luz rançosa e amarela feito manteiga. Poeira. Três mariposas. Quatro moscas. Os lábios rachados e o sorriso de Rory, sombrio como uma navalha.

Segundos se passaram.

Era uma viagem de cinco minutos de carro da fazenda até a prisão.

Trezentos segundos.

Assim que Matt e Kate chegassem, seria o fim dos tempos.

Owen morreria de madrugada.

As outras não durariam muito mais.

Tique-taque.

Tique-taque.

Espingarda.

Os canos da arma.

Três mariposas.

Quatro moscas.

Suor.

Vai para cima dele. Só vai. Pula.

Não. Ele vai atirar em você.

Vai nada; ele era policial.

Mas faz muito tempo.

Luz amarelada.

Mariposas.

Moscas.

Suor no lábio superior de Rory.

Tique-taque.

Tique-taque.

Aquele barulho era um motor?

Era.

Merda.

Ela estava morta. As crianças estavam mortas. Vai, Heather. Vai, agora.

— Vou me levantar agora. Vou pegar a minha bolsa com as garrafas de água, andar até a porta da frente e sair daqui, tá bom?

— Não se mexe!

Com as mãos acima da cabeça, ela lentamente se levantou. Ficou ali de pé por um instante.

— Fica parada aí!

Ela atravessou a sala de estar e pegou a bolsa. Foi até a porta da frente e se atrapalhou com a fechadura.

— Parada! Vou atirar.

Ela abriu a porta e empurrou a tela.

— Volta para cá!

Os pelos da sua nuca estavam arrepiados.

Suas pernas pareciam de borracha.

— É o meu último aviso!

Ela andou em direção à noite. Para a varanda.

Só alguns...

Fogo. Luz. Barulho.

Algo atingiu o seu braço e o seu ombro.

Dor. Calor. Uma chama escarlate e quente.

Ela caiu no chão, derrubou a bolsa e correu o mais rápido que pôde para o breu.

Houve outro tiro de espingarda, mas dessa vez bem longe.

Ela correu e correu sobre o mato seco e a terra vermelha.

Um jipe chegou. Matt, Kate, Ivan e Jacko saíram.

Rory estava recarregando a espingarda e, depois, apontou-a para a escuridão da noite. Para a direção errada.

Foi aí que ela se deu conta de que ele havia errado de propósito.

Houve uma conversa acalorada antes de Jacko sair para a varanda.

— É, corre mesmo, sua piranha sarnenta do caralho! Quero ver até onde você vai! Eu estou é gostando! — gritou.

Kate mirou sua espingarda para a escuridão e atirou.

Heather se jogou no chão e, tremendo, viu o chumbo grosso incandescente rasgar o ar.

— Quando eu te pegar, vou arrancar a sua pele igual eu faço com as minhas raposas! — gritou Kate.

Heather engatinhou no escuro enquanto tentava ignorar a ardência no ombro e na parte de cima do braço. Era como tentar ignorar um ferro de passar roupa sendo pressionado na pele.

Os O'Neill estavam falando com Rory. Agachada, Heather se aproximou para escutar.

— É, parceiro, ela é astuta, não é? Bem da escorregadia, aquela lá. E como corre... Saiu voando daqui que nem uma louca. Dei dois tiros nela — disse Rory. Sua voz era carregada pelo ar parado da noite.

— E acertou? — perguntou Matt.

— Não tenho certeza.

Matt desceu da varanda e olhou para o chão por um ou dois minutos. Enfiou os dedos no solo e analisou. Encarou o escuro e coçou o queixo.

— Acho que você acertou sim, parceiro. Com uns dois projéteis, pelo menos — disse Matt.

— Mandou bem, Rory! — disse Jacko.

— Pois é, ela é rápida que nem o Shergar, aquele... hum... cavalo que venceu o Derby. Mas dei um susto, pelo menos — contou Rory.

— Amanhã ela não vai ter a menor chance — disse Jacko.

— Com os cachorros? — perguntou Rory.

— Isso, os cachorros do Davey Schooner. Ele treina os bichos para a polícia. Uma mistura com kelpies-australianos. Vão achar eles em algumas horas. O cheiro dessa gente é diferente de tudo que tem aqui na ilha — disse Jacko.

— Piranha do caralho. Eu sabia que coisa boa ela não era — murmurou Kate.

— Deixa, Kate. Pelo menos a gente se diverte um pouquinho. No fim ela vai ficar como deveria — falou Ivan.

— Bom, é melhor a gente ir. Tranca as janelas e as portas, Rory. Cobre aquela janela lá de cima. Duvido que ela volte, mas vai saber. Vou contar para a mãe que você se saiu bem. Ela vai ficar orgulhosa, parceiro — disse Matt.

— Valeu, Matt.

— Se vir qualquer coisa, pode ser até uma sombra, atira primeiro e pergunta depois — disse Kate.

— Pode deixar. Ela não vai me passar a perna uma segunda vez.

Kate, Ivan, Matt e Jacko voltaram para o jipe.

Rory acenou e depois se sentou na cadeira de balanço da varanda. A espingarda estava no seu colo.

Ele ficou ali sentado se balançando para a frente e para trás até muito depois de as luzes traseiras do carro terem sumido.

Quando tudo ficou silencioso, ele se levantou.

— Eu sei que você está por aqui.

Heather se achatou na grama.

— Vou deixar a bolsa com as garrafas de água aqui. De manhã, vou colocar de volta para dentro de casa. Então, se você quiser, é melhor pegar hoje à noite. Entendeu?

Heather não disse nada.

— Esperta. Continua assim. Se voltar aqui mais uma vez, você é uma mulher morta. Vou explodir a merda dos seus miolos pela casa inteira. Esse é o seu único passe livre. Todo mundo tem direito a um, e esse é o seu. Mas é só um, não vai esquecer. Eu vou atirar em você. Não posso me dar ao luxo de errar outra vez. Não com aquela gente.

Não com a mãe.

Rory apoiou a espingarda no ombro, abriu a porta e entrou.

Alguns instantes depois, as luzes da casa se apagaram.

Heather esperou.

E esperou.

E, então, começou a engatinhar rápido pelo mato alto. A terra vermelha estava seca e áspera, e ela precisava tomar cuidado para não levantar muita poeira.

Deu a volta na casa do jeito mais cuidadoso e rápido possível. Verificou as janelas, as luzes. Depois de dez minutos, estava em frente à varanda de novo. A grama ali era mais baixa e a cobertura, mais esparsa.

Com joelhos e mãos arranhados, o ombro esquerdo doendo e sangrando e o braço esquerdo em chamas, ela foi até a casa.

A bolsa continuava lá com toda aquela preciosa água.

A trilha de poeira a cercava.

Sete metros a separavam da varanda.

Ele podia estar esperando com a espingarda em algum canto escuro. Não havia nenhuma garantia de que não estava.

— Que se foda — disse ela.

Heather se levantou, correu até a varanda, agarrou a bolsa e disparou de volta para a madrugada.

Heather atravessou a noite com as garrafas. Andou sob a lua e as estrelas com a mesma cobertura imunda do medo, a diferença era que agora avançava com esperança. Para noroeste, onde ficava a praia. Ela conseguia ouvir o mar. Era tão injusto com Tom e as crianças. Depois do ano que tiveram. Mas, se ela conseguisse segurar as pontas e voltar, as crianças pelo menos teriam...

Ai, meu Deus, o que é isso agora?

Havia algo à esquerda.

Um bípede. Andando. *Trotando* pelo mato.

Alto e escuro sob o luar que se derramava, um focinho branco farejava o ar, como um urso que sente o cheiro de uma pessoa antes mesmo de vê-la.

Heather se ajoelhou. Ele devia tê-la visto. Como não teria?

Estava perto.

Uns quarenta metros à...

E então, de repente, à direita, ela percebeu que havia dois deles.

Aquele mesmo crânio branco. Órbitas vazias.

Mesmo sem fazer som algum, ela estava se entregando.

O braço latejava. O ombro doía. Sangue escorria dos seus dedos para a grama seca. Estava toda se tremendo. Era como se houvesse um holofote sobre ela.

Estavam caçando em pares. Caçando-a.

Um olhou para o outro, fizeram que sim e continuaram. Estava encurralada entre eles. O da esquerda estava numa trilha que passava a poucos centímetros de Heather.

Tudo o que podia fazer era se ajoelhar e ficar parada. Estavam ambos carregando alguma coisa. Algo que ela reconhecia. Algo mais escuro que o breu que os cercava.

Sob a luz brilhante das estrelas do sul havia a inconfundível silhueta de uma espingarda Remington 870 de cano longo de ação por bombeamento.

Conforme se aproximavam, ela viu que estavam de macacão jeans e

com o crânio de um animal na cabeça. Crânios de lobos. Ou, mais provavelmente, crânios de dingos.

Houve um momento em que todos os três estavam na mesma reta longitudinal, mas então eles a ultrapassaram e continuaram em frente até chegarem a um quadriciclo estacionado no mato.

— Fi-fá-fó-fã, vai ter sangue americano escorrendo de manhã! — gritou Kate em meio às triodias. Ela se sentou no quadriciclo e acendeu um cigarro. — Vocês são uns covardes! Se escondendo no escuro! Bom, a escuridão é a única amiga de vocês. Durmam bem, porque, prontos ou não, amanhã vamos pra cima com tudo! Amanhã vocês vão ter que suar. Me ouviu, Heather? Suar. E essa vai ser uma massagem sem final feliz!

Kate e o seu parceiro riram, acenderam os faróis do quadriciclo e começaram a dirigir de volta para a fazenda.

Bom, se a intenção era assustá-la, eles conseguiram. E isso era só o começo. Civilidade não significava nada ali. Talvez nunca tivesse significado. Não havia monstros na ilha Holandesa, mas a fera era o homem, sempre foi.

Ela estava tremendo. Puta que pariu, como um cigarro cairia bem. Ela respirou fundo e tentou acalmar os nervos. Mas não era fácil. Esse dia a havia jogado de um lado para o outro como um caiaque de couro de veado no estuário de Puget.

— Vamos lá, Heather, só levanta e anda, um pé de cada vez.

Ela se levantou, e o mato e a Via Láctea a levaram até a costa leste.

Petra estava esperando perto do grande eucalipto.

— Você conseguiu! — disse ela e abraçou Heather.

— E as crianças?

— Segurando as pontas.

— O Owen?

— ã-hã.

— Trouxe água.

— Vou dar para ele. Já fiz curso de primeiros socorros, vou reidratá-lo com cuidado.

Heather seguiu Petra até a praia.

Petra deu a água para eles.

Heather os observou bebendo.

Foi uma das coisas mais bonitas que ela já viu na vida.

Petra bebeu e, depois, finalmente, foi a vez de Heather.

As crianças começaram a reviver. Em questão de minutos, estavam alertas e conversando uma com a outra. A resiliência delas era incrível.

Incrível.

Ela chamou Petra para conversarem.

— O que foi? — perguntou Petra quando estavam longe o bastante

para as crianças não ouvirem.

— Fui atingida por dois projéteis de espingarda. Você vai ter que cavoucar com o canivete para tirar. Um está na parte de trás do meu braço, e o outro, no ombro. Consigo mostrar o lugar exato, e a luz das estrelas está boa.

Petra olhou com ceticismo para as estrelas e para a fatia de lua minguante e fez que sim.

— Me mostra.

Heather tirou a camiseta e o sutiã e se deitou na praia.

— Está vendo?

— Talvez seja melhor deixarmos para amanhã.

— Não. Agora, por favor. Não sei como funcionam essas coisas, mas... acho que... o perigo de infecção...

— Posso tentar, se você quiser. Tem certeza?

— Tenho.

— Eu vou... Tá. Vou pegar algo para você morder.

— Fala de alguma coisa.

— Do quê? — perguntou Petra.

— Da Holanda... Não, daquilo que você estava falando. Dos caminhos do sonho.

Heather colocou um galho entre os dentes.

— Â-hã. Andei lendo bastante sobre isso desde que cheguei aqui. É muito interessante. O povo aborígene era bastante nômade e seguia o que via como caminhos do sonho através de uma geografia real que também era uma paisagem mitológica. Ao seguir essas rotas ancestrais, eles acreditavam ter criado a Terra por meio do canto...

Não foi difícil encontrar o projétil no braço. Estava envolto na gordura logo acima do cotovelo. Petra mexeu ali com o dedo e tirou com facilidade.

— Um já foi.

Para remover o do ombro, por outro lado, seria necessário cavoucar com o canivete.

Por algum motivo, Petra agora falava do Sex Pistols.

— E é por isso que Johnny Rotten fala do sonhar inglês. A Inglaterra precisa reimaginar o seu próprio futuro mitológico e...

Heather tirou o galho da boca e arfou feito um cachorro.

Petra continuou falando para distraí-la.

— O que você faz, Heather?

— Eu era massoterapeuta. Era muito boa.

— E como veio parar aqui?

— O meu marido veio para um congresso em Melbourne. Sobre joelhos.

Petra começou a rir.

— O meu marido veio para um congresso também! Sobre carros

antigos. Ele está escrevendo um livro. Achou que talvez fôssemos encontrar alguns modelos interessantes na ilha.

— Maridos.

— Maridos.

— “Eu só vim para o passeio de três horas” — disse Heather, cantando baixinho as palavras da música de abertura da *Ilha dos birutas*. É claro que Petra nunca tinha ouvido falar desse programa.

— Tem certeza de que quer que eu continue? — perguntou Petra.

— Tenho.

Heather mordeu o galho de novo. E mordeu com força. Tudo era dor. A dor era o caminho.

A bala no ombro estava alojada no músculo. Petra usou os dedos e depois o canivete por quinze minutos.

Heather estava encharcada de suor. Havia quebrado dois galhos.

— Peguei! — disse Petra.

Heather ofegou na areia.

Estava fraca. Tão fraca.

Foi até o mar para lavar o ferimento.

Ela era a personificação do ditado favorito da sua mãe. “A cura para tudo é água salgada: lágrimas, suor ou o mar.”

A água estava quente. Com ela se limpou. Nela boiou. Ela a ajudou. Queria poder ficar no oceano, mas a maioria dos tubarões se alimentava à noite.

Ela saiu da água e se sentou na praia com os joelhos enfiados debaixo do queixo. Petra colocou um emplastro de areia molhada e folhas de eucalipto sobre os ferimentos.

— Você está bem? — perguntou Petra.

— Como estão as crianças?

— Bem. Dormindo.

— Dormindo? Sério?

— Sério.

Heather fez que sim e percebeu que queria chorar um pouco mais, mas o pranto era um luxo e já não havia mais lágrimas.

Um nada escuro, de ferro. Uma elipse do tempo. Talvez um minuto; talvez dez bilhões de anos.

Uma auréola de luz amarelada de um duende.

E, da imensidão de nada, um atizador que mexia nas cinzas gélidas da senciência.

Dor, difusa e estranha. Uma entrega a uma lógica mais urgente, mais primitiva. A crueza do agora.

— Ele acordou.

— Notei. Mas vai sobreviver?

— Duvido muito. Vai saber. Coloquei uns miligramas de morfina no soro.

— Você tem certeza de que sabe o que está fazendo?

— Quer fazer *você*?

— Não.

A dor diminui.

Mais escuridão.

Outra elipse.

O sol, sem nunca se cansar da comédia humana, erguia-se no leste da ilha.

Céu azul terroso. Céu vermelho terroso. Céu amarelo terroso.

Heather estava no topo da meseta, sentada no mato alto, de campana.

Nenhum veículo ainda.

Nenhum movimento na balsa.

Nuvens sob as últimas estrelas evanescentes.

O mar foi de agitado a calmo, de preto a verde-escuro a magenta brilhante.

Era Dia dos Namorados. Tom teria se lembrado de lhe dar algo de presente. Ele nunca esquecia nada. Lembrava-se de trechos enormes de cada livro que leu na vida. Conseguia recitar cinquenta versos de poesia de cada vez. Havia ajudado tantas pessoas com seu conhecimento sobre joelhos, tornozelos e tudo mais. E aqueles imundos o mataram como se ele não fosse nada.

Ela olhou para a água. Era maravilhoso pensar que a quinze quilômetros dali ficavam os bairros de classe média nos arredores de Melbourne. Polícia, advogados, médicos, igrejas, hospitais e tudo o que é preciso para que a civilização funcione. Do outro lado daquela faixa de água e atravessando aqueles campos. Ajuda.

Mas pensar nisso não ajudava em nada. A balsa estava do outro lado do canal, esperando. Esperando pelos homens com cachorros. Tentar fazer uma jangada ou atravessar nadando com as crianças era suicídio.

Heather viu um avião voar em direção à cidade. Quanto tempo demoraria até alguém perceber que eles não voltariam para casa? Quanto tempo até alguém perceber que haviam sumido? Os O'Neill não negariam a presença deles na ilha Holandesa; havia testemunhas que corroborariam a vinda deles para cá. Mas isso não seria um problema.

Heather conseguia até visualizar Matt, sorrindo e oferecendo toda a

ajuda do mundo dali a alguns dias, quando já estivessem mortos e enterrados. “Pois é, foi isso mesmo, a sua testemunha está certa, policial. Eles vieram de balsa. Tiraram umas fotos e voltaram para o continente. É só perguntar para o Ivan, foi ele que trouxe todo mundo. Acho que o senhor vai encontrar o carro deles preso em alguma vala por aí.”

E seria isso mesmo; a polícia encontraria o carro preso em alguma vala, e o que aconteceu com a família seria um daqueles mistérios não resolvidos que os programas de TV adoravam abordar.

Moscas e vespas sobrevoavam a sua cabeça. Seu estômago roncava. A barriga doía. Já fazia um dia e meio que ninguém comia.

Pelo menos tinham água.

Ela voltou à praia para ver como todo mundo estava. Olivia e Owen estavam dormindo juntos debaixo do moletom enorme do garoto, agora usado como cobertor. Petra estava deitada de lado com um braço protetor por cima de Owen.

Heather sorriu. *Obrigada, Petra.*

Deu um tapinha no ombro dela.

— Está tudo bem, sou eu — sussurrou.

Petra se mexeu e estremeceu.

— Está tudo bem?

— Por enquanto, sim. Vou voltar lá para a meseta e ver o que está acontecendo.

— Tá bom — disse Petra, relutando em se mexer e acordar as crianças. — Eu cuido deles.

Heather fez que sim e foi até um eucalipto velho e retorcido que tinha sido queimado até virar carvão. Um pássaro com penas azuis e um longo bico estava empoleirado num dos galhos mais altos, encarando-a.

O pássaro guinchou.

— Para você também.

Ela se sentou ao pé da árvore.

Os cachorros viriam hoje. A ilha Holandesa não era grande. Não havia florestas, montanhas nem lugares onde se esconder. Os cães os encontrariam.

Caso se entregasse, ela sabia exatamente o que aconteceria. Era provável que só Olivia sobrevivesse. E não seria uma sobrevivência que valia a pena.

Era melhor se arriscar com os tubarões.

— O que você faria? — perguntou ela para o pássaro.

Ele estava olhando para o sul.

Ela seguiu o olhar do pássaro e viu movimento na região da balsa. Observou por um instante e percebeu veículos na praia distante.

Ouviu o som de motos e do inconfundível motor da Hilux.

Recostou-se na árvore e esperou.

Depois de um tempo, ouviu o motor diesel da balsa ligar e observou a embarcação produzir uma onda. Havia uma picape com uma espécie de gaiola na carroceria.

Os cachorros estavam vindo.

Ela correu de volta para a praia. As crianças já haviam acordado. Petra apontava para a água.

— A balsa está vindo — disse.

Heather fez que sim.

— Hoje eles vão caçar a gente com cães. Temos que nos mover. Ficar sempre um passo à frente deles.

— Para onde a gente vai?

— O mais longe possível daqui. O nosso cheiro está por toda essa praia aqui.

Ficaram observando a balsa atravessar a água. Já era possível ouvir alguns cachorros animados latindo. Estava com raiva de si mesma. A trilha vinda da prisão os traria direto para lá. Ela devia ter pensado nisso noite passada, tentado fazer um desvio para enganar ou...

— É melhor a gente ir — disse Petra.

E foram. Olivia, Owen e Petra se levantaram e se arrumaram. Olivia bateu a areia dos tênis. Owen apertou o cinto da bermuda.

A sul, ficava a balsa; a leste, a charneca; a oeste, água. Precisavam ir para o norte.

Para o norte acompanhando a praia.

Através das rochas marítimas.

Através do manguezal, dos mosquitos, das moscas e dos caranguejos. A alga fedia. O dia tinha acabado de começar, mas já estava superquente.

A maré havia baixado, e o mar agora exibia aquelas rochas amigáveis de ontem. Seriam vistos com facilidade se tentassem esse truque de novo. Hoje, as rochas não os salvariam.

Heather conseguia ouvir uma moto e um quadriciclo. Dois carros, no mínimo. Muita gente. Três ou quatro cachorros.

Não sabia se iriam fazer aquela linha de novo, mas hoje eles não estavam para brincadeira.

— Como estamos de água? — perguntou ela para Petra enquanto davam a volta num amontoado de árvores que bloqueava a praia.

Petra olhou dentro da bolsa.

— Uma garrafa e meia.

— Só isso?

— Só.

Heather fez que sim.

— Vamos guardar para as crianças — disse Petra.

— Vamos — concordou Heather.

Praia acima.
Através das moscas.
Ao sol.
Ao sol vermelho do hemisfério sul.
Queimadura sobre queimadura.
Praia acima.
Correndo.
Se movendo.
Vadeando.
Nadando.
Descansando.
Se movendo de novo.
Rumo ao norte pela orla curva.

Nenhum geógrafo ou usuário do Google Earth conhecia aquele pedaço da praia tão bem quanto eles. As rochas, os pequenos arbustos, as poças deixadas pela maré, os estuários secos dos rios. O litoral que formava baías, os campos de charneca destacando-se, os mangues afundados, cada valeta, cada rocha, cada...

— Olha! Olha lá... O que é aquilo na areia? — disse Owen.

— O que você está vendo? — perguntou Heather.

— Alguma coisa. O que é aquilo? — disse ele e correu até uma parte da praia que ela não conseguia ver. O garoto pegou o objeto e o mostrou. — O que acha? Pode ser útil, né?

Ele entregou para ela. Era uma faca. Um faca grande. Não... Era um facão, com cabo de madeira rachado e uma lâmina enferrujada com mais de vinte centímetros.

— Vai. Muito bem, Owen. Vai ser de grande ajuda.

Ela sopesou o facão na mão esquerda e depois na direita. Era uma velharia toda enferrujada que parecia ter passado um século caída na praia.

Pelo menos não vou morrer sem lutar, pensou Heather.

— Vamos fazer uma pausa para beber água — disse ela. Entregou a penúltima garrafa para Owen e Olivia. — É para economizar, só um gole cada.

Depois, ofereceu para Petra, que fez que não com a cabeça.

A balsa havia chegado. Dava para ouvir os cachorros e as motos, mas era difícil saber exatamente onde estavam. Olivia escalou uma árvore para dar uma olhada.

— Eles têm motos, um cavalo e carros. É todo mundo. Em dois grupos. Parecem saber que a gente estava na praia. Estão vindo de lá — apontou a garota.

— Do norte? — perguntou Heather, alarmada.

— Isso. E do cais da balsa.

— Do sul também?

— Se lá é sul, então sim.

— A que distância eles estão? — perguntou Heather.

— Não sei. Não muito longe.

Os cachorros deviam ter seguido o cheiro dela desde a prisão. E fazia sentido, porque eles não passaram a noite muito longe do cais e do lugar onde Hans foi capturado. Os O'Neill chegariam à conclusão de que, sendo realistas, eles não tinham como ter ido muito longe naquela temperatura.

— Agora já devem ter percebido que ontem não nos pegaram por pouco — disse Petra.

— Vão nos pegar hoje. Eles não vão desistir. Vão revirar cada canto dessa praia até nos encontrar — falou Heather.

Petra meneou a cabeça e sorriu.

— Não necessariamente.

— Não tem rochas para a gente se esconder hoje, e não dá para...

— Está vendo aquela valeta no chão ali na frente? É um rio seco. Deve ter secado há muito tempo.

Heather olhou para onde Petra estava apontando. Na ilha de Goose, chamavam aquilo de trilha oca: um pedacinho de terra, uma velha trilha ou um rio que era mais baixo que o restante do terreno.

— O que é que tem?

— Vai bem para dentro da charneca. Talvez até um quilômetro, se tivermos sorte — disse Petra.

— Isso não vai enganar os cachorros — apontou Heather. — Vão nos farejar num piscar de olhos.

Petra fez que sim.

— É com isso que estou contando — começou a explicar. — Me escuta. É isso que precisamos fazer. Vou correr pela valeta e continuar até chegar ao fim. E vou fazer bastante barulho para chamar a atenção deles. Os cachorros vão ouvir, e os dois grupos vão convergir atrás de mim. Vou seguir o máximo possível para o leste até me pegarem. E você vai para o norte seguindo a praia. No mínimo, vou conseguir um pouco mais de tempo para vocês. Talvez até algumas horas.

— Você está maluca? Eles vão te matar. Esquece isso. Vem, vamos! — disse Heather.

Petra fez que não com a cabeça.

— Não. Eu não vou com vocês. Vocês vão para o norte, seguindo a praia. Eu vou por aqui. Você vai cuidar das crianças, e eu vou dar o meu melhor para levá-los para bem longe.

— Por quê?

— Porque, Heather, é o único jeito. É matemática simples. Nós quatro ou um de nós.

Heather abriu e fechou a boca.

Dava para ver nos olhos castanho-escuros de Petra. A firmeza. A

determinação.

— Tem certeza?

— Tenho.

Heather fez que sim com um aceno de cabeça, e as duas se abraçaram.

— Devíamos trocar de camiseta — sugeriu Petra. — Se os cachorros estão rastreando você, talvez ajude.

Heather colocou a camiseta cinza da Universidade de Leiden de Petra, e Petra colocou a preta básica de loja de departamentos de Heather.

— Obrigada — disse Heather.

— Boa sorte — desejou Petra.

E as duas sabiam que nunca mais se veriam com vida.

Petra correu *rápido* pela valeta. Certamente mais rápido do que quando estava ao lado dos estadunidenses. Sempre foi rápida. Até na Holanda, onde todos andavam de bicicleta, todos eram magros e todos corriam. Ela era velocista e das boas — embora não boa o suficiente para fazer disso uma carreira.

Ela terminou o ensino médio sem nenhuma ambição real quanto ao atletismo e à vida acadêmica. Era 1977, e ela estava na idade perfeita. Mudou-se para Londres. Cadastrou-se para receber um auxílio do governo. Encontrou a ocupação de um prédio em Hackney. Ouviu Damned. Ouviu Clash. Ouviu Pistols. John Lydon falava diretamente com ela. Petra queria saber mais sobre o Sonhar inglês.

Ela seguiu o Pistols por toda a Inglaterra e Europa. Conheceu um garoto holandês num show do Pistols no Club Zebra em Kristinehamn, na Suécia.

— É a pior música que já ouvi — disse ele com sotaque do interior.

— Essa é a coisa mais idiota que já ouvi — respondeu ela.

E, então, começaram um relacionamento para a vida inteira.

Hans a incentivou a fazer faculdade. Na época, ela não tinha muito interesse em estudar, mas agora lia de tudo. Hans era ciclista competitivo e, a princípio, ela comparecia aos eventos apenas para vê-lo. Com o tempo, porém, começou a pedalar também.

Ela era melhor que ele. Ganhou troféus.

Era rápida.

E, mais importante que ser rápida, era determinada.

Leu *The Rider*, de Tim Krabbé. Leu, e, por um tempo, esse livro se tornou sua bíblia. Ela era uma das “verdadeiras alpinistas” de Krabbé. Os verdadeiros alpinistas não escalam montanhas simplesmente porque elas “existem”; a questão é que os verdadeiros alpinistas tinham tanta força de vontade que não se dobravam diante de uma mera montanha.

Tudo girava em torno da força de vontade.

A ravina tinha apenas um metro de largura e um de profundidade.

Ela correu.

Sob seus pés havia pedras, terra e argila vermelha. Com certeza absoluta, ali corria um rio. Um fenômeno que acontecia no inverno, e nem todo ano.

Ela conseguia ouvir a voz de Hans na sua cabeça, ver o rosto dele. *Eles vão pegar você. Vão encurralar você. Acelere, mantenha a cabeça abaixada e, aí, quando chegarem atrás de você, vai dar para sair da valeta e voltar para a praia.*

— Não vou chegar nem perto daquela praia. Vou seguir esse caminho até onde conseguir. Vou fazer barulho e continuar em frente.

Sozinha em terreno aberto? Vão pegar você.

— Vão mesmo. Em algum momento — disse Petra com um sorriso.

Por que você está fazendo isso?

— Por causa das crianças, Hans.

Você e as crianças. Você não vai me perdoar por isso, não é?

— Claro que vou, Hans, meu amor. Foi uma decisão nossa.

Petra, tem algum outro jeito? Os cachorros...

— Vou dar um jeito de levar um tiro antes de os cachorros me pegarem.

Hans não disse nada e, então, sorriu também.

O sol estava quase a pino, e a camiseta já havia se encharcado de suor. Hans tinha razão quanto ao preto. A camiseta preta de Heather absorvia o calor. A cinza de Petra era alguns graus mais fresca. Uma camisa de manga comprida de algodão teria sido a melhor pedida.

Ela continuou correndo quando a valeta ficou mais estreita.

Um mosquito havia pousado no seu braço esquerdo. Apenas as fêmeas picam, porque precisam do sangue para fazer ovos. Não havia, percebeu Petra, nenhuma sororidade entre elas. Petra não ligou.

— Viva, mosquitinha, faça os seus ovos — disse, e o inseto voou para longe, satisfeito.

Tinha percorrido cerca de quatrocentos metros.

Era hora de fazer barulho.

Petra parou, respirou fundo e olhou para trás.

As duas equipes estavam convergindo na praia onde eles haviam se abrigado.

— Aonde vocês estão indo, seus filhos da puta?! — gritou ela com a sua melhor voz de Johnny Rotten e mergulhou de volta na valeta.

Vai dar certo, disse o coitado do Hans, morto, na cabeça dela.

— Acho que vai — respondeu Petra.

Dava para ouvir os cachorros. Eram quatro. Quatro vozes de cachorro. Vinte vozes humanas. E havia crianças junto. Que tipo de gente doente levava crianças para uma coisa dessas?

Ela correu, e a valeta foi se estreitando cada vez mais.

Surpreendentemente, percebeu que estava mais triste que com

medo.

Que desperdício. Tudo o que ela sabia. Todo aquele conhecimento sobre humanos e seus costumes. Todas as viagens que fez. Todos os idiomas. Ela falava inglês, francês, holandês e alemão.

Todas as experiências. O trabalho na universidade. Aquele ano que passou em Mali. Aquele ano terrível em que estudou os efeitos da tragédia em enfermeiras da ala oncológica infantil de Amsterdã. Elas, sim, eram as heroínas de verdade, as enfermeiras que trabalhavam lá. Ela escreveu um livro sobre o assunto. Foi traduzido para o alemão e para o dinamarquês.

Os cachorros.

Chegando rápido.

Mais rápido que ela.

Ela não era tão velha assim. Nem Hans.

Eles quase nunca brigavam. Nem mesmo quando o assunto era filhos. “A gente compra uma casa, anda de bicicleta e viaja”, dizia Hans. “Vamos ver o mundo. Não precisamos de crianças nos prendendo. Já tem criança demais nesse mundo.”

A valeta estava chegando ao fim agora. Ela pensou que talvez fosse acabar num laguinho ou numa poça de água da qual poderia beber, mas não havia nada.

Ela parou e olhou para trás. Cachorros e homens vinham em sua direção.

Que bom.

Pegou uma pedra plana e saiu da valeta.

— Eles estão ali! — gritou alguém.

Estou aqui. Agora veja o que uma holandesa aposentada de mais de 60 anos é capaz de fazer.

Ela correu para o leste. Sem olhar para trás. Continuou correndo. Ficou surpresa por nenhuma moto emparelhar com ela, mas talvez todas aquelas fissuras no chão estivessem impedindo o progresso.

Para ela, não era um problema. Pulou as pequenas trincheiras e valas e correu para cima dos suaves morros.

Tinham soltado os cachorros.

Ela não olhou para trás.

Os cachorros não estavam latindo. Agora a coisa havia ficado séria. O motor das motos tinha parado de roncar.

Ela era rápida demais para as moscas.

Tudo o que conseguia ouvir eram os seus próprios batimentos cardíacos.

O retumbar de dezesseis patas caninas atrás dela.

Estavam chegando mais perto.

Mais perto.

Patas na terra.

Respirações pesadas.

Rosnados.

Um dos cachorros saltou e mordeu sua perna esquerda. Ela caiu, rolou com força, levantou-se e deu uma pedrada no focinho do cachorro. Ele caiu de barriga no chão. Então ela bateu de novo no olho do cão. Na terceira vez, matou-o. Os outros cachorros a haviam alcançado agora. Eram santo-humbertos, animais de aparência simples. Ela avançou sobre eles com a pedra, e os cães recuaram. Farejaram ao redor do camarada tombado e então olharam para Petra, estarecidos. Aquilo não fazia parte do jogo, fazia?

Ela se levantou e voltou a correr.

Os cachorros não a perseguiram mais.

Começou a pensar na ínfima chance de fugir.

E então o mundo explodiu entre os seus ombros e ouviu-se o som de um único tiro de carabina.

Heather, Olivia e Owen continuaram acompanhando a praia até terem certeza de que os cachorros estavam indo para o leste.

Então, ainda incertos, subiram até a charneca e correram com mais facilidade e rapidez paralelos à costa. Mantiveram-se perto do mar. Mantiveram-se abaixados.

Ouviram um tiro de carabina, Heather sentiu um calafrio, e continuaram correndo.

Avançaram bem até chegarem a um cemitério de carros e vans velhos e enferrujados. Heather e as crianças já haviam coberto metade do terreno antes de verem uma placa pintada à mão que dizia PERIGO: EXPLOSIVOS E MUNIÇÃO NÃO DETONADA E OUTRAS PARADAS ASSUSTADORAS. NÃO ENTRE.

— Parem! — disse Heather.

— Como assim “explosivos”? — perguntou Owen.

Heather correu os olhos ao redor. Percebeu que os carros estavam cheios de buracos de bala e, entre eles, havia crateras onde explosivos foram ativados. Os O'Neill deviam usar o lugar como campo de tiro ao alvo. Algumas crateras eram enormes, e certos carros haviam sido destruídos. Talvez ainda houvesse granadas, armadilhas caseiras ou coisas do tipo.

Já haviam cruzado mais da metade do campo de tiro. Era melhor continuar em frente ou recuar?

— Crianças, quero que vocês fiquem atrás de mim e sigam os meus passos. Mas fiquem bem para trás. A gente entrou em algum tipo de campo onde testam armas. Não toquem em nada nem peguem nada do chão. Entenderam?

Ela se virou para olhar para Olivia.

— Coloca o Owen atrás de você e fica atrás de mim. Se eu pisar em alguma coisa ou algo acontecer comigo, você sabe o que fazer.

— O quê?

— Continuar e cuidar do seu irmão.

— E se você estiver ferida?

— Me deixa para trás. Cuida do Owen, tá bom?

Olivia fez que sim.

— Não se mexam até eu mandar.

Heather andou lentamente entre os carros destruídos. Foi colocando com todo o cuidado um pé atrás do outro. Na terra, ela viu balas, fragmentos de coquetéis molotov e o que parecia o anel de uma granada M67.

Depois de uns seis metros, virou-se para Olivia e fez que sim. Olivia começou a seguir os passos de Heather e Owen foi atrás da irmã.

No chão havia alvos de papel crivados de chumbo grosso. Cacos de vidro por todo lado.

O progresso era lento.

Cachorros ao longe.

— Pisei em alguma coisa — disse Owen.

— Como assim “alguma coisa”?

— Algo de metal.

Ai, meu Deus.

— Owen, quero que você...

— Estou levantando o pé.

— Não, espera!

— Está tudo bem. Era uma lata de refrigerante amassada.

Heather voltou a respirar.

— Toma cuidado. Eu sei que eles estão chegando, mas a gente tem que ir devagar.

Devagar.

Porque talvez...

Talvez...

E ali estava. Não era uma munição não detonada, mas uma armadilha de aço para animais. As presas irregulares estavam enferrujadas, mas mesmo assim eram assustadoras. Deduziu que estivesse ali para pegar dingos, raposas e outros bichos.

Se não tivesse visto a placa, ela ou alguma das crianças poderia ter corrido direto para aquilo. Heather pegou um graveto e o enfiou no chão ao lado da armadilha para marcar o local.

— Owen? Olivia? Estão vendo aquilo ali à esquerda? É uma armadilha para urso ou alguma coisa do tipo. Fiquem longe! Continuem seguindo os meus passos.

As crianças seguiram Heather. Ela se certificou de que passassem bem longe da armadilha.

E por fim atravessaram o campo de tiro improvisado.

Isso atrasou bastante o avanço deles. Cinquenta metros em vinte minutos. Agora precisariam de sebo nas canelas.

— Por aqui! — disse ela, e eles foram, seguindo paralelamente à praia.

O esquema era o mesmo de antes:

Sede.

Sol.

Cachorros.

Tinham percorrido quase quinhentos metros quando Heather percebeu que tinha cometido um erro de cálculo mais uma vez. O litoral, à esquerda, havia ficado para baixo e, à direita, uma ravina se abria e se aprofundava. Nos últimos dez minutos, correram por uma península que acabava abruptamente num penhasco.

Heather, à frente, quase caiu direto no precipício antes de perceber o erro.

Ela avaliou a situação e xingou. Podiam tentar descer o penhasco, que era íngreme e perigoso, ou poderiam voltar para o campo de tiro, com todos aqueles explosivos e armadilhas.

O penhasco era o ponto mais alto de um triângulo. Havia uma queda vertical para a areia de um lado e rochas do outro.

— Será que a gente consegue descer? — perguntou Heather para Olivia e Owen.

Owen fez que não com a cabeça.

— Olha ali. É calcário, não é?

— E o que isso quer dizer? — perguntou Heather.

— Vai se desfazer na nossa mão, e a gente vai cair.

— Vocês acham que a queda é muito alta? — perguntou Heather.

— Três andares — respondeu Olivia.

— Não. Dois, dois e meio — disse Owen.

— Uns seis metros, acho. Uma queda de seis metros na areia — disse Heather. — Será que a gente consegue? Ou pulamos, ou voltamos por onde viemos.

— A gente vai quebrar as pernas — disse Owen.

— É areia. Do alto daquele trepa-trepa na praia de Alki até a areia são uns três metros, não são? — comentou Olivia.

— Não é tão alto assim. E, mesmo que fosse, isso aqui tem o dobro dessa altura! E talvez tenha rochas lá embaixo que a gente não esteja vendo — disse Owen.

Heather se deitou de bruços no chão e olhou pela borda para a parede do penhasco. Owen tinha razão: era praticamente vertical, e a rocha parecia arenosa, traiçoeira. Ela examinou a areia na praia lá embaixo. Não parecia haver rochas.

— Xiu — disse Heather.

Das profundezas do céu silencioso havia algo vindo. Algo que fez soar aquele alarme do mecanismo de luta ou fuga do seu cérebro primitivo.

Uma vibração, como o tremer da corda de um arco ou o zumbido de uma flecha.

Ela ficou de pé e prestou atenção.

— O que... — começou a dizer Olivia, mas parou quando Heather ergueu um dedo.

Isso.

Acima do latido dos cachorros.

Acima do oceano.

O caçador estava sempre encontrando novas formas de caçar.

A presa precisava se adaptar rápido para sobreviver.

O que era aquilo? O que...

— Abaixa, gente! Se escondam. É um drone.

Eles rolaram na triodia bem quando o drone chegou voando paralelamente à praia, com suas hélices de helicóptero zumbindo e as lentes olho de peixe escaneando os arredores em 360 graus.

Estava procurando-os. Como um falcão, um falcão que não conhece nada além de tédio, hostilidade e implacabilidade.

O drone voou sem pressa por toda a costa e fez uma volta para retornar à charneca.

Ele pairava, zumbia e escarnecia.

Heather prendeu a respiração.

O drone descreveu um oito no céu em cima de onde eles estavam.

Será que tinham sido vistos?

Talvez sim.

Talvez não.

A máquina ficou parada no céu e então se inclinou em direção ao sol e seguiu para o leste.

— Viram a gente? — perguntou Olivia.

— Não sei.

Santo-humbertos, um drone e uma família inteira atrás deles numa pequena ilha. Com pesar, Heather se deu conta de que o sacrifício de Petra lhes garantiria apenas algumas horas.

— Não dá para voltar. A gente tem que descer — disse Heather. — Tem dois jeitos. Um: eu abaixo vocês o máximo possível e depois solto pelo resto da queda até a areia. Dois: eu pulo primeiro e tento pegar vocês quando pularem.

— Se você abaixar a gente, só vai soltar quando a gente falar que pode, certo? — perguntou Olivia.

— Vou segurar até vocês mandarem soltar.

— Então eu voto no primeiro jeito — disse Olivia.

— Owen? — perguntou Heather.

— Pode ser, eu acho.

— Tá bom. Lembrem-se de cair que nem um paraquedista. Dobrem os joelhos e rolem para o lado. Olivia, você primeiro?

Olivia foi até a beirada do penhasco, virou-se, deitou-se no chão e, com cuidado, deixou as pernas penderem do outro lado. Heather a

segurou pelos braços e, aos poucos, foi abaixando a menina. Os braços de Heather e o comprimento do corpo de Olivia cobriram cerca de dois metros da altura, mas ainda parecia uma queda grande, enorme na verdade, para uma criança.

Sua mente titubeou por um ou dois segundos. Como tinham acabado nessa situação? Num cenário em que forçar uma garotinha penhasco abaixo era a escolha menos pior.

Olivia era magrinha, mas os braços de Heather já estavam queimando.

— Está pronta para cair?

— Estou.

Heather abriu as mãos e Olivia escorregou e caiu na areia com um *pof* desconcertante.

Ela dobrou as pernas, mas meio que se esparramou em vez de rolar. A menina ficou lá deitada e não falou nada.

— Olivia? Olivia!

Ai, meu Deus.

— Você está bem? — perguntou Owen.

Olivia se levantou e acenou.

— É de boa. Vem... Não! Espera! Voltem! Tem alguém vindo. Se escondam! Voltem!

Heather não sabia o que fazer. Ficou paralisada na borda do penhasco até Owen agarrá-la pela mão.

— Ela mandou se esconder!

Eles se jogaram no mato alto.

O drone apareceu de novo no céu ao sul.

O som dos cachorros se aproximava.

Ela ouviu o que parecia um grito abafado.

Ai, meu Deus.

O drone seguiu em direção ao mar e foi para o sul.

O que estava acontecendo?

Ela engatinhou até a borda do penhasco de novo. Nenhum sinal de Olivia nem de ninguém.

— A gente tem que descer, Owen. Vou abaixar você e pular logo depois.

Owen meneou a cabeça.

— Não, Heather! Você não sabe o que está fazendo! Você não tem nenhum plano. Nunca teve! Só fica correndo por aí. Vou voltar. Talvez naquele lugar das munições eu encontre uma granada ou alguma coisa assim para lutar contra essa gente!

— Você não pode fazer isso, Owen.

— Então fica aí assistindo. Já cansei dessas suas ideias idiotas. Estou fora! Vou arranjar uma arma, pegar a Olivia e a gente vai dar o fora daqui sozinhos.

— Não, por favor. Não — disse ela e tentou agarrá-lo pelo braço.

Ele puxou a mão para longe dela e começou a seguir para o sul pelo caminho que tinham percorrido.

— Você é fraca e não tem plano nenhum. Você não... Você... Eu estou melhor sozinho. Você é um lixo! Vou achar uma granada ou uma dinamite e vou pegar essa gente em vez de eles nos pegarem.

Ela ficou observando-o se afastar e murmurar consigo mesmo.

Seria mais fácil se fossem só ela e Olivia, é claro.

Mais fácil para se esconder, mais fácil para correr.

Owen sempre foi o mais difícil dos dois. Havia algo velado entre ele e o pai, alguma raiva mal resolvida. Ela costumava ser o alvo da ira de Owen, e com frequência era atingida no fogo cruzado entre ele e Tom. Heather até tentou melhorar a situação, mas claramente apenas a piorou. E parte da culpa era sua, sim. Havia subestimado o quanto as crianças não gostariam dela. Achava que conseguiria conquistá-las. Mas não era tão simples assim. Não com a idade que elas tinham. Carolyn tinha avisado. Carolyn tinha uma irmã mais velha e primos. *Eles vão odiar você*, disse Carolyn. A mãe deles tinha morrido não havia tanto tempo assim...

Ela devia ter dito não a Tom. Mas a casa nova e grande, o carro, a segurança que Tom passava...

E, na verdade, ela fez o melhor que pôde por todos eles. Tentou o seu máximo.

Sem aquelas crianças, tinha uma chance muito maior de sobreviver. Talvez pudesse nadar até o continente sozinha ou negociar uma forma de dar o fora dali.

A distância aumentava entre ela e o menino.

Fechou os olhos.

Quando anoitecesse, ele já estaria morto.

Ah, sim, se estivesse sozinha, suas chances aumentariam exponencialmente.

Ficou imaginando por um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete segundos...

Suspirou, abriu os olhos e saiu correndo atrás dele.

Ela derrapou até parar na frente dele e disse:

— Eu errei, Owen. Errei naquela coisa de destilar a água do mar. Eu devia ter dado ouvidos a você. A gente precisa de você. Eu e a Olivia. Fica com a gente, *por favor*.

Ele chorava. Estava apavorado com a possibilidade de ela deixá-lo ir. Owen secou as bochechas. Fungou.

— Você fica com a gente, Owen? Ajuda a gente?

— Tá bom. Acho que não posso abandonar a minha irmã.

— Obrigada — disse Heather e o envolveu num abraço, então os dois voltaram para a borda do penhasco. Com o ombro esquerdo doendo, Heather o abaixou lentamente. Owen era mais pesado que a irmã. Começou a escorrer sangue do ombro ferido pela espingarda.

Ela tentou soltá-lo, mas Owen não queria ser largado.

— Vou quebrar as pernas — sussurrou ele.

— Dobra os joelhos, encolhe o corpo e sai rolando quando chegar no chão. Vai dar tudo certo — grunhiu Heather quando seus braços começaram a doer.

— Como é que você sabe que vai dar tudo certo?

— O meu pai recebeu um distintivo de salto na paratropa.

— E eu lá sei o que é isso?! — disse Owen, antes de soltar as mãos de Heather e cair na areia.

Ele não dobrou as pernas nem rolou. Sofreu o impacto nos pés e caiu com tudo para trás.

— Você está bem? — perguntou Heather.

— Estou!

Heather jogou o facão e o canivete lá para baixo, virou-se e começou a se abaixar pelo penhasco. Estava prestes a dobrar os joelhos e se soltar quando seu ombro cedeu, suas mãos escorregaram e ela simplesmente caiu.

Uma queda de um segundo.

Um longo segundo.

Ela ficou chocada com a força da areia e torceu o tornozelo ao rolar.

Quando se levantou, viu a silhueta de um homem um pouco mais à frente na praia, atrás das árvores do mangue.

— Abaixa — sussurrou para Owen enquanto pegava o canivete e o facão.

— O que ele está fazendo? — perguntou Owen.

Heather meneou a cabeça.

— Não sei.

— Cadê a Olivia?

Heather olhou para Owen.

— Ele deve ter visto ela! Deve ter pegado a Olivia! — disse Owen.

— Vamos dar uma olhada. Vamos ter que chegar perto. Ele vai estar ligado. Não faz barulho.

— O que você vai fazer?

Ela colocou um dedo sobre os lábios.

Os dois se esconderam no mato e se aproximaram do homem engatinhando até onde ousavam ir.

Ele estava falando no walkie-talkie, com a respiração pesada e rindo. Era Jacko. O homem que tentou estuprá-la.

— Bem no meu colinho, parceiro. Se eu não ganhar essa merda desse prêmio, ninguém mais devia ganhar nada. A menina disse que eles se separaram, mas não sei não. Acho que devem estar por perto. Manda a Kate no quadriciclo e depois traz os cachorros... Isso, parceiro, até já, câmbio e desligo.

Jacko estava sentado num velho barril de óleo. Tinha uma carabina pendurada nas costas e lá, estatelada na frente dele, um respingo de cabelos dourados: Olivia.

— Ele encontrou a Olivia — sussurrou Heather, perguntando-se se ela estava viva ou morta.

— A gente tem que salvar ela! — disse Owen.

Heather fez que sim.

— Fica aqui.

A brisa vinha da água. Heather ficaria contra o vento em relação a ele, e Jacko parecia bem tranquilo. Bastante orgulhoso de si mesmo. Isso ajudaria. Acontece que ele era grande, forte e perigoso.

Atrás do manguezal onde estavam escondidos havia uma faixa de mato com quase quinze metros de largura. Na fronteira dessa faixa de mato havia um eucalipto que ela podia usar para se esconder.

Eram cerca de vinte metros de praia da árvore até o barril onde Jacko estava sentado.

— Você devia tirar esses tênis. Eles estão rangendo um pouco — disse Owen.

Ela os tirou e foi rastejando pelo mato com o facão, sempre de olho em Jacko e no drone, com os ouvidos apurados para os cães.

Uma cacatua-preta-de-rabo-vermelho pousou na frente dela e começou a arranhar o solo arenoso com as garras.

Quando a viu, o pássaro guinchou alto e voou para o mar.

Jacko olhou para a cacatua, totalmente desinteressado.

Heather continuou em frente.

Jacko estava fumando um cigarro. Usava um jeans todo esfarrapado e uma regata da cerveja Bintang. Havia amarrado um pedaço de corda na carabina e a pendurado nas costas. Parecia uma arma antiga, algo da Segunda Guerra Mundial ou até mais velha.

O vento soprava contra Heather, levando a fumaça do cigarro e o cê-cê dele, mas sem levar cheiro nenhum dela para Jacko.

Jacko estava olhando para a água. De bruços, ela rastejou na direção dele. O chão estava cheio de tatuíras. Moscas pousavam no seu cabelo, nos seus braços e na sua nuca.

Tinha que avançar muito devagar, senão faria barulho na água. Olhou para Owen lá atrás para garantir que ele estava bem escondido.

Não conseguiu vê-lo. Que bom.

Com o facão na mão esquerda e se impulsionando com a direita, ela foi se aproximando.

Chegou a três metros do eucalipto.

Tarde demais, descobriu que havia um corvo pousado ali. Um corvo que poderia soar um alarme.

Mas o animal mal olhou para ela com aquele olho de um amarelo peculiar.

Ela respirou fundo, rastejou até o tronco e parou por um instante para se recompor. Depois, ultrapassou a árvore até a fronteira da charneca.

Estava na praia agora. Perto.

Ela se levantou, trocou o facão da mão esquerda para a direita e lentamente foi em direção a ele.

Jacko se levantou e atirou num tubarão na água, mas claramente

errou. Ele recarregou a carabina e, depois de um tempo, pendurou a arma nas costas, sentou-se no barril de óleo e acendeu um cigarro.

Ela estava tomando cuidado, mas, sem querer, tropeçou na ponta de uma garrafa quebrada. Engoliu o grito, sentou-se, tirou o caco do calcanhar e voltou a avançar.

Lembrou-se mais uma vez de que era Dia dos Namorados. Há exatos doze meses, Tom apareceu para a primeira sessão de massoterapia na clínica de West Seattle. Estava nevando. Quando ele se deitou na maca, ainda tinha flocos de neve no cabelo.

Quanta diferença um ano fazia.

Naquela época, ela não tinha filhos, podia ficar desempregada a qualquer momento e morava num apartamento úmido perto da praia de Alki. Agora, era casada, responsável por duas crianças e estava prestes a matar um homem que mal conhecia numa praia diferente do outro lado do mundo.

Ela deu mais três passos com cuidado.

Sua sombra se agigantou na frente de Jacko.

Ele viu, encolheu-se e se virou.

— Eu estava certo, porra! — disse.

O facão estava bem no alto. Ela o brandiu com força na direção do pescoço dele, mas algum instinto animalesco fez com que ele se esquivasse para a direita quando a lâmina pesada acertaria o seu ombro.

O facão cortou o nada. Perdendo o equilíbrio, ela escorregou e quase caiu.

Recobrou a postura.

Ela e Jacko estavam a menos de um metro um do outro agora. Ele tinha bebido, mas não parecia bêbado. Dava para sentir o cheiro da sua raiva. Ele, sem sombra de dúvida, conseguia sentir o cheiro do pavor dela.

Ele tentou pegar a arma nas costas, mas Heather estava perto demais, então Jacko mudou de ideia e lhe deu um soco. Um soco rápido e seco que acertou a bochecha dela e doeu pra caramba.

Ela cambaleou para trás e ralou o tornozelo num pedaço de pedra.

Jacko avançou de novo com um gancho de direita, mas errou, e agora quem perdeu o equilíbrio foi ele. Contudo, ele lutava com os irmãos e os primos desde que aprendeu a andar e se recuperou num instante. Deu um chute no joelho esquerdo de Heather.

Ela estava de olho nas mãos dele, então não esperava o chute.

Foi pega desprevenida, e logo uma onda de dor tomou todo o lado esquerdo do seu corpo. Os pés dele pareciam feitos de aço. O pé esquerdo dela cedeu. Heather caiu e sabia que não conseguiria se levantar a tempo de impedir o próximo chute.

Ele não chutou.

Em vez disso, deu três passos para trás e, com cuidado, pegou a carabina das costas e apontou para ela.

— Agora, fica aí paradinha, meu amor. Solta o facão.

Ela meneou a cabeça e tentou se levantar.

A dor no joelho era tenebrosa.

Tinha que salvar Olivia, precisava continuar, era o único...

— Mandei ficar parada! Não mexe um músculo, porra. Isso aqui é uma Lee-Enfield número 4. O meu avô matou três homens com ela em Tobruk. Dessa distância, vai explodir a sua cabeça. Entendeu?

Ela fez que sim.

— Solta a faca!

Ela soltou o facão.

— Dá três passos para trás.

— Acho que não consigo levantar.

— Vai de bunda então. Para trás, longe da faca.

Ela seguiu a ordem.

— Agora, fica aí sentadinha no chão e não faz nada.

Olivia grunhiu atrás dele e tentou se mexer. Ela havia levado uma pancada forte e saía sangue da sua boca. Jacko pisou nas costas da garota e a empurrou na areia. Ele tirou do bolso um pequeno walkie-talkie amarelo.

— Ivan, está aí?

Estática.

— Esses aparelhos são uma merda — disse Jacko para Heather. — Não tem alcance nenhum. São brinquedos, sério. — Ele apertou de novo. — Ei! Ivan! Está aí?

Estática.

Ele chacoalhou o walkie-talkie.

— Ei, Ivan, está aí, caramba?

— Estamos aqui... A gente estava conferindo o corpo da alemã — disse Ivan em meio a um turbilhão de chiado.

— Você não vai acreditar no que eu fiz agora — contou Jacko.

— O quê?

— Acabei de pegar a estadunidense também, acredita?

— Mentira! — disse Ivan.

— Peguei. Ela veio correndo na minha direção com uma faca e eu derrubei ela de bunda no chão — disse Jacko, umedecendo os lábios e olhando para ela todo triunfante.

— É sério?

— É sério, parceiro. Ela tentou me pegar, mas fui eu que peguei ela.

— Mandou bem, parceiro! E pegou as duas crianças também? — perguntou Ivan.

— Ela e a menina.

— Pergunta cadê o garoto — disse Ivan.

— Cadê o rapaz? — perguntou Jacko.

— A gente se separou. Eu mandei ele se esconder em algum lugar. Não sei onde ele está — respondeu Heather.

— Papo furado! Cadê ele?

— A gente se separou. Achei que assim a gente ia ter uma chance maior.

— Até parece. Você não ia deixar essas crianças malditas para trás.

— Eles não são meus filhos. São do Tom. A gente casou faz menos de um ano. Mandeí os dois se esconderem porque eu ia encontrar ajuda. Não estava nem aí se a gente ia se separar. Essas crianças me odeiam.

Ela falou com tanta intensidade que Jacko, por um instante, acreditou, mas então deu um sorriso terrível e meneou a cabeça.

— Que nada. Você não é assim. Ele está naqueles arbustos ali?

— Eu não sei onde ele está.

Jacko levou o walkie-talkie à boca.

— Escuta, parceiro, ela disse que o garoto não está com ela. Se você mandar uns caras para cá no Toyota e trazer um cachorro, a gente acha bem rápido. Vamos matar todos os coelhos com uma cajadada só, hein.

— Você pegou mesmo as duas ou está de sacanagem comigo? — perguntou Ivan.

— Peguei! Vi a menina, corri e dei nela. Aí essa aqui veio com uma faca. Peguei as duas!

— Mandou bem, parceiro. A gente está indo. Câmbio e desligo.

Jacko colocou o walkie-talkie no bolso, ergueu o olhar e, através da mira, olhou para Heather.

— Manda o garoto sair ou eu explodo essas suas tetas aí.

A Lee-Enfield estava apoiada no ombro dele, e ele a encarava com um olho fechado e o dedo no gatilho.

Ela meneou a cabeça.

— Errou feio. Sabe o que a gente vai fazer com você? Te fazer de putinha. Cada homem e menino dessa ilha. Eu primeiro. E depois é para o formigueiro do Terry.

Heather prendeu a respiração quando viu Owen se levantar da vegetação rasteira. Ele segurava um galho comprido, um ramo seco e frágil de eucalipto que parecia que ia quebrar se fosse segurado com força demais. Ele ia tentar usá-lo como porrete ou lança.

Ela tentou chamar a atenção de Owen. Não queria balançar a cabeça, porque, se fizesse isso, Jacko provavelmente perceberia o movimento, iria se virar e, assustado, talvez puxasse o gatilho.

— A sua vida não vale nada aqui, Heather. Não depois do que você fez com a Ellen. Eu podia muito bem matar você agora mesmo que não ia dar em nada. Nada de policiais. Nada de nada. Entendeu?

Ela fez que sim.

— Eu entendo plenamente.

Owen estava mais perto. Era loucura. Aquele galho fino mal serviria para irritar Jacko se Owen conseguisse se aproximar o

bastante para golpeá-lo.

Ela tentou telepatia. *Volta, volta, volta! Volta para os arbustos e corre!*

O queixo de Owen estava projetado para a frente, e ele mordida o lábio inferior, como sempre ficava quando estava determinado a fazer alguma coisa. Olivia agora estava se sentando. Ela ia tentar fazer alguma coisa também.

Ai, meu Deus.

— Tá bom, tá bom. Olha, me desculpa — disse Heather. — Por favor, não atira. Vou levantar bem devagarinho para chamar o Owen, tudo bem? Você tinha razão. Ele está nos arbustos me esperando. Vou me levantar agora, tá? E gritar para ele vir.

Jacko fez que sim e deu um passo para trás enquanto mantinha a arma apontada para a cabeça dela.

— É, foi bem o que eu pensei. Você é uma bela duma malandra, não é? Mas eu entendi qual é a sua — disse ele num grunhido triunfal.

Ela se levantou toda atrapalhada, piscou por causa do sol e tropeçou dois passos para a frente em direção ao facão jogado na areia. Jacko não pareceu perceber, ou, se percebeu, não se importou. O que ela poderia fazer com a morte a apenas um gatilho de distância?

Ela colocou as mãos em concha ao lado da boca.

— Foge, Owen! Corre! Eu tenho um plano! Corre! — gritou.

Owen hesitou.

— Sai daqui! Corre! — berrou ela.

Jacko se virou e viu Owen desaparecer na vegetação rasteira.

— Você é uma piranha bem burra, viu? — disse ele.

Com habilidade, ele virou a carabina, avançou meio passo e deu uma coronhada no rosto dela. A cobertura de latão sobre a estrutura de madeira acertou a bochecha e o olho esquerdo dela.

Ela cambaleou para trás, tropeçou e despencou no chão.

Sua testa sangrava. Havia sangue escorrendo do seu nariz. O corte no seu pé reabriu.

— Volta, seu gorducho de merda! — gritou Jacko e saiu correndo atrás de Owen.

Heather tentou se levantar. A perna esquerda respondeu, mas a direita parecia ter vontade própria. A paisagem flutuava. Seu coração batia acelerado. Ela cuspiu sangue.

Balançou.

Dois horizontes. Dois sóis.

O dia pareceu bater asas. O vento ficou mais forte.

Tapetes de lã grossos de calor.

Raios de sol desagradáveis.

Olivia havia se levantado e se arrastado atrás de Jacko.

— Não! Espera! — disse Heather.

Ela esfregou os olhos.

Houve um som de tiro.

Seu coração congelou. Ela não conseguia respirar.

Ela se apoiou no cabo do facão para se levantar. Pegou-o e foi mancando atrás de Jacko.

O corvo continuava observando-a do eucalipto que tinha sido atingido por um raio. Continuava esperando pelo corpo.

Ela chegou aos arbustos do mangue.

— Filho da puta. Uma coisa eu te digo, ele não vai muito longe — dizia Jacko para o walkie-talkie.

Ele estava voltando para a praia.

Atravessando as árvores.

O vento ficou ainda mais fresco.

Será que ele não ouvia aquele rugido?

Que barulheira era aquela?

Por que ele não a via?

Ela o via.

Ele segurava a carabina verticalmente na mão direita e o walkie-talkie na esquerda. Não havia o menor sinal de Owen nem de Olivia.

De repente, Jacko parou.

— O que é isso? — disse ele.

Deu meia-volta. Seus olhos estavam selvagens. Ele estava assustado.

Atirou nos arbustos.

De costas para ela. A apenas três metros de distância.

O ar estava cheio de areia e folhas sopradas pelo vento. A boca e os olhos dela cheios de areia.

Havia dois Jackos, entrando e saindo de foco.

Ela esperou os dois se fundirem, então correu até ele e golpeou seu ombro direito com o facão. A lâmina entrou cinco centímetros e atingiu o osso. Jacko gritou e soltou a carabina. Ela puxou o facão para dar outro golpe.

— Piranha! — gritou Jacko.

Ele se virou rápido e deu um chute na barriga dela.

Ela perdeu o fôlego.

As pernas ficaram moles.

Mas o chute não foi tão bom quanto ele achava.

Ela se recuperou.

Jacko se agachou para pegar a Lee-Enfield e não viu o próximo ataque se aproximando. O facão rasgou da bochecha até os lábios.

Ele gritou de novo, caiu sobre um dos joelhos e remexeu na terra até encontrar a carabina.

Mirou nela e puxou o gatilho.

À queima-roupa.

Ele não tinha como errar.

Mas não havia ejetado o cartucho usado nem recarregado. Olhou chocado para a Lee-Enfield.

Heather brandiu o facão uma terceira vez. Ele era um alvo parado.

Ela não tinha como errar.

Com um tinido e um baque repugnante, o facão o atingiu entre o ombro e o pescoço. Ele caiu de costas.

O sangue agora escorria da sua boca. Ela pegou a carabina das mãos dele. Puxou o cão para trás e recarregou com outro cartucho .303. Jacko tentou, desesperado, avançar pela última vez sobre Heather.

Ela deu um tiro na barriga dele.

Seus olhos se encontraram.

Ele estava confuso.

— Está sentindo esse cheiro? — murmurou ele.

Era cheiro de cordite, pântano de água salgada e glóbulos vermelhos.

— Estou — respondeu ela.

— É o *bunyip* — disse Jacko, então tombou e morreu.

Owen e Olivia viram tudo. Eles não fugiram. Deviam, mas não fugiram.

Correram até ela.

Heather os abraçou, beijou e abraçou de novo.

Eles a abraçaram também.

— Ele morreu? — perguntou Owen, apontando para Jacko.

— Morreu — respondeu Heather, ofegante.

Ela havia matado um ser vivo. Um homem vivo. Ele estava tentando matá-la, mas não importava. Ele era uma pessoa com cérebro, ideias e experiências, mas agora tudo se foi, e a culpa era dela. Era uma coisa terrível de se fazer.

Ela caiu de joelhos. *Desculpa pelas coisas terem sido assim. Desculpa pela gente ter vindo para cá. Desculpa por tudo isso.*

— Posso encostar nele? — perguntou Owen.

Heather se levantou.

— Não. A gente tem que correr. Esperem ali enquanto eu vejo o que dá para pegar dele — disse Heather.

— Os seus tênis estão aqui, ó. — Owen os entregou a ela.

— Obrigada.

Ela revistou Jacko e encontrou um cantil com um terço de água, um pouco de dinheiro, cigarros — os cigarros *dela* —, um isqueiro, um binóculo 8x50, uma sacola plástica com munições .303 soltas e o walkie-talkie. Pegou tudo, inclusive o cinto, os cadarços, as meias e o boné de Jacko, que colocou virado para trás na cabeça de Owen.

Ela calçou os tênis e examinou o rosto de Olivia. O lábio ainda sangrava um pouco.

— Onde foi que ele bateu em você? — perguntou.

— Foi só um tapa. Ele me viu e eu tentei correr, mas ele era rápido demais.

— Sinto muito, meu amor — disse Heather.

— Deixa para lá. Nem está doendo. O que a gente faz agora? — perguntou Olivia.

— Temos que sair daqui. Para o norte, eu acho. Bebe um pouco — disse e entregou o cantil de Jacko.

Os dois tomaram grandes goles de água.

— Bebe um pouquinho também — disse Owen e passou o cantil para Heather.

— Eu estou bem.

— Você não bebeu nada — disse Olivia.

Ela estava de pé com as mãos na cintura, pés separados e bloqueando o caminho de Heather.

— Sai da minha frente. A gente tem que se mexer.

— Não vamos a lugar nenhum até você beber um pouco — disse Owen.

Owen com aqueles olhos castanhos sérios e decididos de novo. Olivia com aqueles olhos azuis igualmente determinados.

Heather pensou no quanto eles haviam mudado desde...

Ontem.

— Todo mundo bebe de novo então — disse Heather.

Eles beberam e estavam com tanta sede que consumiram cada gota daquela preciosa água.

— Foi mal por ter dito que você era fraca e um lixo — disse Owen.
— Você não é.

— Tudo bem, querido, está tudo bem — respondeu Heather.

Ela rosqueou a tampa do cantil de volta e pendurou a carabina nas costas.

Esconderam o corpo de Jacko na vegetação rasteira e o cobriram com terra e galhos. Os outros talvez só o encontrassem dali a um ou dois dias, o que lhes dava vantagem no quesito informações.

Heather molhou os ferimentos e os conduziu para o norte.

Viram o drone de novo, dessa vez sobrevoando o lugar onde Jacko estava antes.

E então ouviram o quadriciclo, os cachorros e a Hilux.

Cortaram o terreno cheio de morros da ilha e pararam num bosque com quatro eucaliptos, árvores enormes e velhas que, de algum jeito, sobreviveram a dezenas de incêndios, secas, pragas e tentativas de transformá-las em algo inútil. Era um lugar assustador. Muito tempo atrás, alguém bateu com um ônibus ali e, depois de décadas, ele estava enferrujado, destruído e fazendo parte da paisagem. Na superfície de uma rocha perto das árvores havia marcas de mão que pareciam ter milhares de anos.

Menos moscas voavam por ali, e havia uma leve brisa e o cheiro inebriante dos eucaliptos.

Eles pararam para descansar na sombra das árvores. Heather aplicou um emplastro de folhas no machucado do pé, e Olivia limpou o ferimento no rosto.

Estavam num morro com vista para a charneca ao sul. Parecia ser o ponto mais alto da ilha.

Heather pegou o walkie-talkie de Jacko.

— Será que dá para arriscar fazer um pedido de socorro? — perguntou para as crianças.

Os dois fizeram que sim.

Ela apertou o botão TALK.

— Alô? Alô? Tem alguém ouvindo? O meu nome é Heather Baxter. Estou na ilha Holandesa. Precisamos da polícia!

Tentou cada canal, mas tudo o que ouvia era estática e, num deles, a voz de Matt indo e vindo.

— Não tem alcance suficiente — disse Owen.

Heather olhou para o oceano a oeste e para a massa de terra lá — um continente cor de areia e pinheiros que não atendia ao seu chamado.

Eles se sentaram à sombra da maior árvore, respirando fundo, recuperando-se. À espera do drone, dos cachorros e dos homens armados.

— O que você acha que é um *bunyip*? — perguntou Owen.

— Você ouviu ele dizendo isso? — perguntou Heather.

— O livro que eu estava lendo dizia que era um monstro mitológico da Austrália — disse Olivia.

Heather fez que sim com a cabeça. Se era de um monstro que aquela gente tinha medo, ela iria se transformar nesse monstro agora que carregava uma carabina.

— Irado demais. Que tipo de arma é essa aí? — perguntou Owen.

— É uma Lee-Enfield número 4. Atirei uma vez com uma dessas quando era criança. Era de um amigo canadense do meu pai. Essa aqui é velha. Estão vendo o tanto de arranhões no cabo e como a mira está gasta? É da Segunda Guerra Mundial, eu acho.

— Da hora. Me mostra como se usa?

Heather refletiu a respeito. Tom teria dito não. Mas, caso alguém a ferisse ou matasse e as crianças ficassem com a carabina, precisariam saber o que fazer.

— Vocês dois, venham aqui. Como eu disse, só passei uma tarde na vida com uma Lee-Enfield, mas a maioria das carabinas com ferrolho funciona do mesmo jeito. É bem fácil, na verdade. Vou mostrar como se faz.

Ela tirou o ferrolho e removeu o tambor. Parecia não passar por uma manutenção havia anos. Precisava de óleo, e a madeira de nogueira estava trincada, mas Heather limpou da melhor forma possível.

Mostrou como carregar a arma, como ejetar os cartuchos usados, como mirar, como apoiá-la no ombro e como atirar.

— Vai dar um coice, então se preparem para isso quando puxarem o gatilho, mas não tenham medo, e não precisa puxar o gatilho com tudo, tem que ser *suave*.

— Quem ensinou tudo isso para você? — quis saber Owen, curioso.

— A minha mãe e o meu pai eram do Exército — respondeu Heather, sem comentar nada sobre o colapso mental do seu pai e a consequente dispensa médica.

— Eles foram para guerra e tudo? — perguntou Owen.

— Foram.

— Algum deles matou gente?

— Â-hã.

— Já que a gente tem uma arma, será que daria para ir até a balsa e meio que sequestrar ela? — perguntou Owen.

— Talvez. Acho que ela foi amarrada do outro lado do canal, mas vou verificar hoje à noite.

— Estou com fome — disse Olivia.

— Estou com sede — disse Owen.

— Eu sei — respondeu Heather.

Não havia mais nada a ser dito.

Ela pegou o maço de cigarros; seu próprio maço que agora estava de volta às suas mãos. Acendeu um com o isqueiro.

— Posso dar um trago? — perguntou Owen.

— Não.

— Por que não? Você está fumando.

— É aquilo que os pais sempre falam para os filhos: faça o que eu digo, não faça o que eu faço.

Silêncio.

Uma lagoa de céu azul. Um oceano verde. E aquele sol derramando incontáveis fótons no vale triste, amarelado e murcho no extremo norte da ilha Holandesa.

Owen estava olhando para as árvores.

— Lembra o que falaram para a gente em Uluru? Que um único eucalipto de pé pode ser evidência de uma fonte de água subterrânea. E aqui tem quatro.

Eles olharam para as árvores.

— Elas têm que beber de algum lugar — disse Olivia depois de um tempo.

— Esperem aqui na sombra que eu vou ver o que encontro — propôs Heather.

— Eu vou junto. Dois olhos são, tipo, literalmente melhores do que um. Quer dizer, quatro olhos são melhores do que dois — disse Owen.

— Vou ajudar também! — anunciou Olivia.

Foram até a base da maior árvore. Era velha, escurecida e castigada pelo tempo; toda a casca havia caído do tronco, e os galhos mais

baixos se desfaziam ao toque. No entanto, não estava morta — havia folhas nos galhos mais altos.

O solo ao redor era seco, vermelho e coberto por rochas grandes e pedras brancas menores. Pequenos tufo de grama afiada cresciam nas partes onde a terra era mais marrom.

Heather se agachou, enfiou dois dedos no solo, pegou um pouco de terra e analisou. O montinho se desfez na sua mão.

Olivia a observava. Agarrou uma mãozada de terra e a segurou contra a luz.

— Como se parece uma nascente? — perguntou.

— É um pouquinho de água borbulhando — respondeu Heather. — Mas não estou vendo nada assim. Deve ser mais fundo. Talvez muito fundo.

No livro que Olivia estava lendo, *Dark Emu*, havia uma passagem sobre como os aborígenes cavavam poços profundos até encontrarem aquíferos no deserto. Embora a Austrália fosse um continente seco, havia chovido ali por centenas de milhares de anos, e a água tinha se acumulado no subterrâneo em camadas de rocha. Talvez houvesse um desses aquíferos onde eles estavam agora.

— Vamos continuar procurando — disse Heather. — Essas marcas de mão na rocha significam que as pessoas vinham aqui antigamente.

Owen estava dando voltas na árvore em círculos cada vez maiores em busca de qualquer sinal de água.

— O que foi isso? — disse Olivia.

— O que foi que você ouviu? — perguntou Heather.

— Os cachorros estão vindo para cá.

— Talvez a gente tenha que continuar logo — disse Heather.

Olivia cavou fundo no solo e tirou um monte de terra. Quinze centímetros abaixo era ainda mais seco que na superfície.

Heather pegou a carabina das costas e ajudou a tirar terra enquanto Olivia cavava com as duas mãos feito um labrador.

Owen se juntou a elas, pegou bastante terra na mão e a esfarelou com os dedos.

Para duas crianças cujo pai tinha sido assassinado e que estavam com medo, famintas e com sede, estavam se saindo muito bem.

— Parece úmido? — perguntou Heather.

— Parece a base de bolacha de uma torta.

Heather deu um sorriso.

— Parece, não é?

Enquanto Heather vigiava, eles continuaram cavando, mas o solo parecia ficar cada vez mais seco.

— Qual a profundidade dessas raízes? — perguntou Olivia.

— Sei lá. Dezenas e dezenas de metros? Não tenho certeza — respondeu ela enquanto olhava para a meseta.

Agora Heather conseguia ouvir os cachorros.

Pegou o binóculo e viu uma moto vermelha.

A pouco mais de um quilômetro e meio.

— Tá bom, deixem a água para lá, pessoal. A gente tem que sair daqui.

— Acho que não consigo ir muito longe. Estou com câibras nas pernas — disse Owen.

— Eu sei, meu amor, mas a gente tem que ir.

Nenhum dos dois tinha muita força para discutir. Havia dois dias que não comiam. Tinham bebido pouquíssima água. O sol continuaria lá no alto por mais quatro ou cinco horas antes de se pôr no continente.

Ou talvez ali fosse travada a batalha final, num morro com vista de 360 graus da ilha e com uma carabina.

— Será que a gente consegue resistir contra eles daqui? — perguntou Owen, estranhamente ecoando os pensamentos de Heather.

— Não por muito tempo.

— Como é matar uma pessoa? — perguntou Owen.

— Não sei. Nada bom, eu acho — respondeu Heather.

— Papai é um assassino também — disse Owen. — Mentiroso e assassino.

— Foi um acidente. É diferente — retrucou Heather.

Ela olhou para o terreno e meneou a cabeça. Não, nada de batalha final. Aquela gente poderia muito bem cercá-los com os veículos, e não havia onde se esconder direito, apenas quatro árvores altas. Eles tinham que sair dali.

Ela viu a pequena moto de trilha se mover pela grama esbranquiçada, vindo por um caminho que inevitavelmente traria Kate, sua espingarda e todos os O'Neill a tiracolo.

— Lembra o que o guia falou para a gente em Uluru? Esse aqui não é o sinal para “cacimba”? — perguntou Owen.

Ele estava apontando para o desenho de um círculo dentro de outro no paredão de rocha que se erguia entre as árvores.

— Tem razão! — disse Olivia.

— E isso aqui é o quê? — perguntou Owen.

Perto das marcas de mão havia uma camada grossa de musgo crescendo na pedra.

— É musgo — disse Heather.

— Está se mexendo — disse Owen.

— Como assim “se mexendo”? É impossível estar se mexendo.

— Está se mexendo com o vento.

— Tem alguma coisa atrás?

Owen cavou ali com os dedos.

— Acho que tem tipo um buraco ou algo assim aqui atrás.

Heather foi para onde ele apontava e, de fato, debaixo do musgo, havia um buraco com pouco mais de meio metro de largura cheio de pedras e terra.

Ela arrancou tudo e encontrou o que parecia ser uma entrada estreita.

— O que é isso? — perguntou Olivia.

— Acho que é uma mina, uma caverna, sei lá. Esperem aí.

Ela removeu mais terra e engatinhou para dentro de um túnel estreito. Mal dava para considerar aquilo uma entrada; quase não tinha largura suficiente para se espremer por ali. Já havia sido maior, mas desmoronamentos e rochas caídas fecharam a passagem.

Ela se esforçou para passar pela entrada, e o túnel começou a ficar mais largo. Heather acendeu o isqueiro de Jacko e percebeu que era uma caverna natural, não uma mina.

Foi um pouco mais para a frente. Consequia respirar, então havia algum tipo de ventilação.

O túnel tinha dez metros de comprimento, e agora Heather conseguia ficar de pé na terra arenosa. Era muito mais fresco ali do que lá fora, e as propriedades acústicas eram inusitadas. Quando deu a volta numa curva acentuada da passagem, ela viu que o chão descia drasticamente até o que parecia uma piscina de água. Isso explicava o frescor e a acústica.

Ela correu de volta e saiu engatinhando pela boca da caverna.

— É uma nascente! Tem água! Uma poça enorme de água!

— É potável? — perguntou Olivia.

— Só tem um jeito de descobrir! Venham comigo.

Ela acendeu de novo o isqueiro de Jacko, e as crianças a seguiram ao longo da passagem. Desta vez, Heather percebeu muitas outras marcas de mãos na parede, além de desenhos de animais. Fizeram a curva e desceram o declive. Havia espaço o suficiente para que ficassem tranquilamente de pé ao redor da poça.

— Parece suja — disse Owen.

— Acho que é só a luz — respondeu Heather.

Havia musgo e alguns insetos mortos boiando na água. Ela fez uma concha com as mãos e tomou um gole.

Era salina e mineral, mas com certeza potável. E fresquinha também, já que vinha de um aquífero rochoso profundo. Ela bebeu e sentiu a energia tomá-la de assalto. Bebeu de novo, e os seus músculos começaram a relaxar. Ela sentiu os tendões destravarem na parte posterior das coxas. Sentiu os dedos dos pés, as coxas e a ponta dos dedos das mãos.

Seu cérebro começou a desanuviar.

— Acho que é boa, crianças. Não vai ter o mesmo gosto da água engarrafada que vocês conhecem, mas dá para beber. Bebam.

Devagarinho.

Hesitante, Olivia se inclinou para a frente e pegou um pouco de água com as mãos. Derramou na boca, olhou para Heather e sorriu.

— É boa! — disse ela. — Gostei.

Começou a levar mãozadas de água à boca.

— Cuidado, não bebe demais. Você não quer sobrecarregar o seu sistema — aconselhou Heather. — Isso, devagar, agora espera um pouquinho.

Olivia fez que sim e se recostou no chão da caverna com um sorriso no rosto.

Até então Heather pensava que Olivia nunca mais sorriria.

— Estava incrível — murmurou a garota.

Heather se virou para Owen.

— Vamos lá, cara. Agora você.

— E se tiver cocô?

— É boa, bebe — disse Olivia.

Ele molhou o dedo e o lambeu.

— Dá para o gasto — falou Owen.

Heather sorriu.

— É gelado aqui embaixo. Estou até com frio, na real — disse Owen.

— Você nunca fica feliz, não é? — disse Olivia.

— Vou pegar as nossas coisas — falou Heather. — Vamos nos esconder aqui. Vou fazer uma fogueirinha e depois tentar deixar uma trilha de cheiro para os cachorros. Volto em uma hora.

Heather fez uma fogueira rápida com musgo e folhas de eucalipto para as crianças e voltou para fora. Pegou a carabina, o cantil e os colocou na entrada da caverna. Ajeitou o musgo em cima do buraco e correu pela charneca para longe da montanha. Tentando deixar o máximo de cheiro possível no chão, ela rolou na grama e correu até a praia. Deixou várias pegadas na areia e estava prestes a entrar na água quando o drone veio zigzagueando do mar e a encontrou.

Ficou pairando três metros acima da sua cabeça.

Ela jogou uma pedrinha, mas só conseguiu que o aparelho se mexesse um pouco.

Não ia levá-lo direto para a caverna e não tinha como despistá-lo naquela maldita praia.

Ele zumbia e acelerava lá em cima.

Heather conseguia até imaginar Matt vendo-a através do notebook, do celular ou de qualquer que fosse o dispositivo que ele usasse para controlar aquilo ali.

Ela se sentou na areia e olhou para o drone.

Não ia entrar em pânico.

Ia pensar.

Aquelas quatro hélices deviam requerer muita energia para manter o aparelho no ar. E a bateria não podia ser tão grande. Por quanto tempo uma daquelas coisinhas aguentava ficar lá em cima sem precisar recarregar?

Ela não fazia ideia. Uma hora? Vinte minutos?

Devia ser algo próximo da última alternativa.

O drone olhou para ela.

Ela olhou para o drone.

Devia ser um voo de pelo menos dez minutos até onde Matt estava com os cachorros. O aparelho já estava ali fazia cinco. Se não quisesse perdê-lo, Matt teria que levá-lo de volta logo.

Matt cometeu um erro ao se mostrar assim. Ele deveria ter mantido o drone muito mais alto e a seguido do céu pelo tempo que conseguisse.

Ela sorriu para a câmera.

— Como se chama um bumerangue que não volta?

O drone balançou ao vento.

— Uma vareta — disse Heather.

O aparelho voou em sua direção. Ela desviou, ele subiu no ar e foi para o sul.

— Ele já deve ter ouvido essa antes — murmurou ela enquanto entrava no mar.

Nervosa, ela nadou cerca de duzentos metros para o norte e, com todo o cuidado, voltou para a praia por cima das pedras. Tinha sido poupada pelos tubarões.

Ela pegou o caminho mais longo de volta e fez um desvio ainda maior até a entrada da caverna.

Os cachorros definitivamente estavam chegando. Perderiam um tempão na praia.

Aquele pequeno desvio talvez garantisse algumas horas para ela e as crianças. Talvez até a noite. Era o que Heather esperava.

Ela entrou na caverna.

— Crianças?

Nenhuma resposta.

— Crianças!

— A gente está aqui. É você, Heather? — disse Olivia, virando a curva com a carabina nas mãos.

— Sou eu.

Eles se sentaram juntos na beira da poça, esperaram e ficaram vendo as brasas do fogo enquanto o tempo, como uma flecha prateada, continuava em direção ao fim do universo.

Não conseguiam ouvir cachorros, pessoas nem nada.

Os O'Neill podiam estar ali em cima ou a quilômetros de distância.

Eles esperaram. E esperaram mais. Esperaram na areia da poça em

silêncio.

Era como um daqueles filmes com submarinos. Homens dentro de uma lata à espera de que algum navio lançasse um míssil subaquático...

Finalmente, quando achava que já haviam se passado três horas, Heather saiu rastejando da caverna com a carabina.

O sol estava se pondo.

Não havia sinal de ninguém.

Ela ficou ouvindo.

Nenhum grito.

Nenhum cachorro.

Ela analisou o horizonte com o binóculo. Ninguém. Voltou para a fonte subterrânea e contou para as crianças que estavam seguros pela noite. Aquela gente voltaria amanhã. Os cachorros não seriam enganados com tanta facilidade pelo nado de Heather e com certeza os encontrariam amanhã.

Mas isso significava que tinham aquela noite.

O sol estava se pondo no terceiro dia, mergulhando numa labareda efervescente de vermelho e dourado. Afundando-se sobre as pessoas em seus carros, casas, restaurantes e bares; os ricos e os pobres, os fugitivos, os procurados, os indigentes e os perdidos.

Acima deles, as primeiras estrelas começavam a aparecer.

— A gente precisa de comida, Heather — disse Owen baixinho.

— Eu sei.

Ela tirou os tênis e os entregou a Olivia.

— O que você está fazendo? — perguntou a garota.

— Vou escalar essa árvore o mais alto que conseguir e dar o meu máximo para pedir ajuda pelo rádio.

— Essa árvore? — perguntou Owen.

— É.

— Não sei se é assim que rádios funcionam. Vi isso tem pouco tempo no dever de casa de ciências. Não precisa escalar árvore nenhuma. Acho que ondas de rádio ricocheteiam na atmosfera. Você teve aula de física, Heather?

Na ilha de Goose, Heather estudou, *sim*, física por alguns dias com a mãe na sala de aula do estacionamento de trailers. Os janelões de lá tinham vista para além do estuário de Puget, até as montanhas cobertas de neve do Parque Nacional Olympic. Ela não absorveu absolutamente nada. Sua mente passou o tempo todo passeando através da neve, em meio à chuva, reconhecendo pegadas de pumas, ursos-pardos, alces e veados-orelhudos.

Ela nunca aprendeu nada sobre ondas de rádio ou como transmissões funcionavam. Na verdade, foi reprovada em física no vestibular. Um colega na Faculdade Comunitária do Sul de Seattle a chamou de “simplória” uma vez. Mas Heather sabia que não era “simplória”. Ia bem nas coisas de que gostava. Acertou todas as questões de biologia e botânica. Até mesmo aqui, do outro lado do mundo, conseguia identificar os pássaros-lira e os pássaros-jardineiros. Uma pardela-de-cauda-curta sobrevoava a montanha à sua esquerda, o

mesmo tipo de ave que tinha visto tantas vezes no estuário.

A pequena pardela a consolou.

— Vou escalar mesmo assim. Tentar mais uma vez não faz mal nenhum.

— Acho que é uma boa ideia — concordou Olivia.

Heather olhou para ela. Olivia a olhou também. A boca da garota se abriu num sorriso encorajador. A relação das duas havia mudado entre o crepúsculo de ontem e o de hoje.

Heather escalou até metade do grande eucalipto e ligou o walkie-talkie.

— S.O.S. S.O.S. O meu nome é Heather Baxter, estou na ilha Holandesa, em Victoria, Austrália, e preciso de ajuda o mais rápido possível! — disse para o aparelho.

Esperou por uma resposta, mas só ouviu estática.

— O que eles falaram, Heather? — gritou Owen.

— Nada ainda.

O vento soprava entre as folhas. A casca preta se desfazia sob as suas unhas. Era bom estar numa árvore naquele pequeno bosque. Árvores eram irmãs mais velhas; transformavam luz do sol em comida; eram portais para outros lugares.

Ela apertou o botão de novo.

— Se tiver alguém ouvindo, por favor, chame a polícia. O meu nome é Heather Baxter, estou na ilha Holandesa em Victoria, Austrália. O meu marido, Tom, foi assassinado aqui pelos membros da família O'Neill. Eu escapei e estou me escondendo pela ilha com duas crianças, Owen Baxter e Olivia Baxter. A gente está correndo muito perigo. Por favor, mande ajuda.

Ela repetiu a mensagem várias vezes e esperou uma resposta, mas não havia nada além de ruído branco.

Tentou todos os nove canais.

O monitor de bateria do walkie-talkie mostrava apenas duas barrinhas de quatro. Era melhor economizar.

— Crianças, alguém aí sabe qual é o canal de emergência do rádio?

— Nos Estados Unidos, os caminhoneiros usam o nove para emergência — respondeu Owen.

Ela sintonizou no canal nove.

— O meu nome é Heather Baxter. Estou na ilha Holandesa. Preciso de ajuda. Preciso que alguém chame a polícia e me ajude. Por favor. A minha vida está em perigo. O meu nome é Heather Baxter, sou dos Estados Unidos e estou na ilha Holandesa, perto da cidade de Melbourne.

Uma voz rompeu a estática.

— Heather, é você?

Ela agarrou o tronco para não cair.

— Matt?

— É o Matt... você, Heather?

Ela não sabia se deveria responder ou não.

— Heather... ainda está aí?

Ela deixou que a estática respondesse.

— Heather... deve ter achado um dos nossos walkie... Não sei se você está me ouvindo... tem só meio watt... é um aparelho recarregável de uma loja qualquer em Bunnings... ver o alcance atrás — disse Matt.

Sua voz atravessava a tempestade de estática em fragmentos.

— E daí? — disse ela.

— ... para o seu azar, transmissores de meio watt só... alcance de um quilômetro no máximo no... ninguém vem ajudar você.

— Vou tentar mesmo assim — disse ela.

— ... precisa conversar... papo sério sobre o Tom — disse Matt antes de a sua voz desaparecer na estática.

Ela apertou o botão.

— O que é que tem o Tom? — perguntou Heather. Estática. — Matt? — Estática. — Matt?

Nenhuma resposta.

Heather esperou e esperou, mas agora havia apenas chiados em todos os canais.

A luz que indicava a bateria começou a vacilar, então ela desligou o aparelho e desceu da árvore. Agora eles iam saber que ela matou Jacko. De que outra forma teria conseguido aquele walkie-talkie? E por que ele não havia aparecido na fazenda?

— Transmíti a nossa mensagem, espero que alguém tenha ouvido — falou para as crianças.

— Estou me sentindo meio mal — disse Owen.

Os dois estavam famintos. As crianças tinham bebido água, mas fazia quase três dias que não comiam nada. *Comida*. Ela precisava arranjar comida para os pequenos. Nuvens escuras se aproximavam.

Entregou para Owen o panfleto que tinha encontrado na prisão e amassado no bolso traseiro.

— Isso aqui junto com os gravetos vai ajudar a fazer o fogo pegar. Vamos arrumar folhas e madeiras para reconstruir a fogueira. Acho que vem uma tempestade aí.

A chuva martelava tão forte o telhado de ferro corrugado que a acordou. Carolyn sentiu um calafrio. Tinha caído no sono. A televisão grande estava com a imagem congelada à sua frente. Ela não lembrava qual era aquele episódio. Janeway estava recebendo um relatório dos oficiais da *Voyager* sobre algum problema que encontraram. Aquela imagem pausada provavelmente seria o suficiente para Heather saber qual era. O conhecimento que ela tinha de *Star Trek* era enciclopédico.

Será que o marido de Heather conhecia esse lado dela? O lado nerd, divertido e fã de ficção científica? Heather não tinha respondido à mensagem anterior de Carolyn sobre *Voyager*. Talvez estivesse tentando diminuir essa faceta sua para se transformar numa perfeita esposa de médico. Talvez cada pedacinho remanescente da ilha de Goose começasse a desaparecer até que chegaria uma hora em que a velha Heather sumiria para sempre.

Carolyn remexeu no carpete até encontrar o café e o *vape*. Apertou o botão, a luz piscou, e ela tragou o óleo orgânico feito a partir da maconha cultivada pelas suas próprias mãozinhas ali mesmo, na ilha de Goose. Ela vendia o produto para lojas de maconha medicinal por duzentos dólares cada trinta gramas. Tinha uma quantidade altíssima de THC. Ela tossiu por alguns segundos e então bebericou o café frio.

Percebeu que havia uma nova mensagem de voz no iPhone.

Ouviu.

— Olá, esta é uma mensagem para Carolyn Moore — disse uma moça australiana. — Carolyn, aqui quem fala é Jenny Brook, sou uma das representantes do Congresso Internacional de Medicina aqui em Melbourne. Um dos nossos palestrantes é o Dr. Thomas Baxter. Ele deixou a esposa como contato de emergência e ela deixou você. Os Baxter não estão atendendo o telefone, e pensamos na possibilidade de eles terem ido para o interior de Victoria ou quem sabe algum lugar sem Wi-Fi. Precisamos que o Dr. Baxter faça algumas coisas e gostaríamos que ele nos ligasse. Obrigada.

Com certeza ainda estavam naquela vinícola chique.

Ela ligou para Heather e caiu direto na caixa postal.

Será que Heather tinha se metido em algum tipo de problema?

Mas, mesmo assim...

Estava escuro lá fora. Melbourne ficava dezessete horas à frente de Seattle, dá para acreditar?

Carolyn decidiu que iria dormir para pensar melhor e, quem sabe, tentar falar com ela de manhã.

Se não conseguisse, ligaria para a tal representante na segunda ou na terça. Heather e Tom deviam ter o direito de passar o fim de semana comendo comidas gourmets e bebendo vinhos caros sem que a polícia fosse envolvida.

Sua barriga roncava.

Heather pendurou a carabina nas costas. Passou um cadarço pelo buraco no cabo do facão e o prendeu ao cinto da calça.

Seguindo para o sul, ela atravessava a charneca.

O corte no pé não incomodava muito. O nariz, sim. A mandíbula também. O ombro doía pra caramba. Todo o resto dava para o gasto.

A temperatura havia despencado. Ela viu um raio atingir a torre de uma igreja lá no continente.

A silhueta de uma igreja, de uma cidade, da civilização, de pessoas.

Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, catorze, quinze...

Ouviram-se o rugido baixo de um trovão, o que significava que a tempestade estava a uns cinco quilômetros para oeste.

As nuvens pretas se estendiam ao infinito para o sul. Até onde ela sabia, a cauda dessa frente baixa podia muito bem ir até a Antártida. Talvez trouxesse granizo e neve. Quer dizer, isso se nevasse na Austrália. Ela não fazia ideia. Tom saberia. Ele tinha lido tantos livros; deve ter passado por algum que abordasse uma situação exatamente como aquela.

Mas aqueles filhos da puta o mataram.

Ela se afastou da fazenda e andou pelo mato até as dunas onde as pardelas faziam ninho. Não havia lua no céu. Vênus estava lá em cima. A Terra tinha dado uma volta em seu eixo, e o grande mar de estrelas no sul começava a dar as caras. O Emu. A cauda do Canguru.

Luzes à direita. A cerca de quinhentos metros. Provavelmente Kate dirigindo o quadriciclo em seu encalço.

Com o crânio na cabeça.

Com faróis acesos.

Pode me encontrar agora, pensou Heather. Estou pronta.

Abro um buraco na noite só para você.

Subia um ar gelado do chão. Insetos cantavam na grama. Grandes mariposas volteavam as colunas estreitas de luz das estrelas.

Estrelas de outro tempo.

Ah, se pudesse usar a luz desses corpos celestes para voltar dois dias.

Vou levar todo mundo para o passado e quem vai dirigir sou eu.

Ou ainda mais para trás, e aí o Tom viajaria sozinho para a Austrália.

Ou talvez mais ainda, para que pudesse avisar o mundo do 11 de Setembro com um desenho feito de giz de cera, e então não haveria guerra e o seu pai não teria ido para o Iraque.

Kate passou dirigindo. Heather a deixou ir.

Seguiu pela paisagem noturna, fazendo arte evanescente na grama, assim como aqueles artistas que sua mãe adorava, Andy Goldsworthy e Liza Lou. Seus pés seguiam os pés da mãe através do bosque e entalhavam linhas de ley nas folhas de pinheiro da ilha de Goose e no caniço-branco da ilha Holandesa, sob a lua, sob aquela lua escura sempre presente, celebrando as oferendas e vigiando os humanos bem lá embaixo.

Heather levou uma hora para chegar à costa sul. Ela reconheceu o chamado das pardelas, encontrou as tocas e pegou uma dúzia de ovos dos buracos. Enrolou-os na sacola de compras em que Jacko guardava as munições da .303.

Enquanto atravessava uma das estradas da ilha, viu uma coisa, algo morto, lá adiante no asfalto, quase na vala ao lado da via. Era um coala. Ainda não estava com cheiro ruim, e as moscas não formavam uma horda escura. Ela o arrastou para fora da via, cortou a cabeça com o facão, estripou-o e o esfolou. Guardou o fígado, o coração e os pulmões. Fez uma bolsa com a camiseta, guardou os ovos e a munição ali e colocou as partes do animal na sacola de compras.

Voltou de sutiã e jeans. A terra tinha mais a oferecer. Sabia que a chuva se aproximava. A terra sonhava em se tornar solo fértil.

Uma única gota caiu no seu braço.

Ela analisou o céu.

Estava roxo-escuro e logo batizaria e limparia o chão.

Claro que a chuva viria depois de terem encontrado uma fonte de água.

Ela se aproximou da caverna à procura de sinais de vida, mas não viu nada. Tinha recolocado o musgo sobre a entrada da passagem, mas, caso alguém chegasse perto de verdade, conseguiria ver a fumaça azul da fogueira saindo pela boca do esconderijo. Mas seria preciso estar a menos de dez metros.

A caverna os esconderia dos humanos, mas Heather sabia que não enganaria os cachorros. Eles estavam apenas começando. Iniciarão pela praia ao amanhecer e, com o passar do tempo, seguirão o rastro até ali.

Ela moveu o musgo e entrou na caverna.

— Consegui comida.

— Trouxe o quê? — perguntou Olivia.

Heather sabia que a garota jamais comeria coala.

— Não sei... Foi atropelado por um carro. Um vombate, talvez? E ovos.

O fogo estava bom. Os galhos de eucalipto e as folhas eram tão cheios de óleo que davam vida a uma labareda amarelada que iluminava a caverna inteira. Ela adicionou mais alguns galhos, e, depois de alguns minutos, tinham uma chama de respeito. Eles se aqueceram e aproveitaram a luz. Carvão era melhor para cozinhar do que o fogo em si, mas não dava para esperar a noite inteira.

Ela cortou a carne a os órgãos internos do coala e os espetou em galhos de eucalipto. Fez um tripé com outras varetas e colocou a carne perto do fogo. Os ovos foram fritos um por vez na lâmina do facão, para que nenhum fosse desperdiçado. Eles deram sorte. Em algumas semanas, os ovos das pardelas conteriam mais que embriões, mas, por enquanto, pareciam ovos de galinha e tinham o mesmo gosto. Olivia empilhou os ovos fritos numa pedra fina e plana enquanto Owen virava a carne.

Comeram com as mãos.

A carne era gordurosa e dura e tinha um gosto forte e azedo. Cada mordida era desagradável. Mas estavam famintos, então devoraram tudo. Os ovos estavam bons. E beberam água até se fartarem.

— É a melhor água que eu já tomei — disse Owen.

Heather teve um lampejo de memória súbito e acalentador do breve tempo que passou na reserva com a avó. “*Ča’ak*” era a palavra em makah para “água”. Sua avó pronunciava como “*wa’ak*”, que era como os indígenas da ilha de Vancouver falavam também. Era o único termo em makah de que se lembrava.

— *Wa’ak* — sussurrou consigo mesma para ver se traria magia.

Fechou os olhos e sussurrou de novo:

— *Wa’ak*.

Nada de magia, mas o fato de terem comida e continuarem vivos era feitiçaria suficiente.

Owen balançou o panfleto que ela havia trazido da prisão.

— Pode pegar isso aqui de volta. A gente não precisa jogar no fogo. São praticamente só fotos de uma prisão bem merda, mas tem algumas informações sobre a ilha.

— Sério? Lê para a gente? — disse Heather.

— Tá. “A antiga Prisão Federal McLeod, inaugurada em 1911, foi fechada em 1989 por causa dos custos crescentes” — leu Owen em voz alta. — “A instalação agora será transformada em museu. Foi a última prisão em uma ilha da Austrália, embora haja certa controvérsia a respeito de a ilha Holandesa ser, de fato, considerada

uma ilha. Durante a maré viva, a costa leste revela um perigoso istmo, que já foi local de diversos naufrágios fascinantes.”

— Olha, tesouros no fundo do mar — disse Olivia.

— “A ilha Holandesa era considerada uma das prisões mais severas da Austrália para criminosos perigosos” — continuou Owen. — “Ao contrário da ilha do Diabo, na Guiana Francesa, e de Alcatraz, na Califórnia, nenhum prisioneiro jamais escapou da ilha Holandesa.”

— Você disse que *ninguém* jamais conseguiu escapar da ilha Holandesa? — perguntou Olivia.

— Quem sabe vamos ser os primeiros — disse Heather.

— A gente esteve em Alcatraz quando visitou São Francisco. Lembra, Olivia? Sabe quantas pessoas fugiram de Alcatraz, Heather? — indagou Owen.

— Não.

— Três. Ou talvez nenhuma, dependendo se elas se afogaram ou não.

— Papai dizia que se afogaram — lembrou Olivia.

— Elas escaparam, pode ter certeza. E a gente também vai. E, por falar em maré viva, quer me ajudar com o dever de astronomia? — disse Owen com um sorriso enquanto pescava um pedaço todo amassado de papel do bolso da calça cargo.

Olivia deu risada.

— Nossa, você ainda está com isso aí? O professor Cutler vai ficar impressionado.

— Será que ele aumenta o meu prazo? — disse Owen, rindo junto com a irmã.

— Me deixa ajudar — ofereceu Olivia.

E as crianças se sentaram juntas e começaram a recitar os planetas e as fases da lua.

Heather bocejou e se deitou no chão da caverna.

Ouviu os estalos do fogo, a conversa das crianças, e o sono veio de um jeito que nunca vinha em Seattle, mas como tinha vindo nas montanhas do Parque Nacional Olympic quando ela era criança.

A neve caía como folhas de chá derramadas de um velho baú de lata. Caía na montanha, no bosque e nas samambaias recém-nascidas. Caía nos rastros deixados por corças perto do rio que só ela tinha visto.

As mochilas continuavam com cheiro de querosene. Ela gostava. Estava até meio inebriada. Pelo cheiro, pelo bacon, pela banha e pelo açúcar no café do desjejum.

Estavam a pouco menos de um quilômetro do cume que haviam observado na noite anterior.

Nas profundezas da floresta agora. Avançando através das enormes árvores jurássicas com nomes saídos de contos de fadas: espruce-de-sitka, abeto-de-douglas, tsuga, bordo-de-folhas-grandes, choupo-preto.

Um cardeal chilreou um aviso. Um corvo os observava com indiferença.

Alcançaram o cume e se acomodaram para esperar. Estavam escondidos atrás das samambaias e de um gigantesco tronco de carvalho caído no sub-bosque como um deus morto. Líquen envolvia o carvalho como o vestido de uma madrinha cor de esmeralda, e a neve soprada de lado na montanha o transformava pouco a pouco no vestido da noiva em si.

Seu pai tirou a mochila das suas costas e a ajudou a entrar num saco de dormir de bivaque.

Ele largou a Mossberg e a Winchester.

Não falavam. Eles se comunicavam por sinais. Os dois eram, para ela, como prisioneiros de guerra fugitivos que não queriam se entregar num país inimigo.

Ela estava bem aquecida no saco e com seu velho casaco, o gorro que o pai usava no Exército e as quatro luvas de pele que a mãe tinha feito no verão passado.

Deitou-se de bruços e observou o rebanho de alces subir aos poucos pelo vale na direção deles. Seu pai lhe ofereceu os binóculos, mas ela fez que não com a cabeça.

Um falcão voava em círculos lá no alto, com as asas da cor do carrinho vermelho que ela teve quando era criança.

Seu pai verificou as armas.

A espingarda Mossberg era para ataques de urso. Estava carregada com chumbo fino, grosso e balotes numa sequência crescente de letalidade.

A Winchester modelo 70 de tiro único estava na família desde antes da guerra da Coreia.

Os alces estavam mais perto agora. Ela tirou as luvas e pegou a espingarda.

Olhou pela mira, e os animais ficaram surpreendentemente perto.

Carregou as balas .257.

Nivelou a arma e esperou. E esperou.

Estavam contra o vento e tão bem escondidos que os alces não faziam ideia do perigo. Os animais tinham um cheiro terroso e amendoado, e era possível ouvi-los bufando enquanto destruíam as samambaias e os musgos. Estavam falando um com o outro em grunhidos de baixa frequência, como faziam os elefantes.

Ela e o pai não estavam falando.

Não havia nada a ser dito.

Eles entendiam perfeitamente um ao outro.

Ambos sabiam que tudo era um teatro. Que ela não iria adiante. Era a segunda vez que ele a levava para caçar animais grandes. Ela era tão teimosa quanto ele.

Quando o enorme alce estava a pouco mais de vinte metros, ela mirou no coração e nos pulmões, que ficavam logo à direita daquela juba marrom. Moveu o dedo para o gatilho.

Manteve-o ali por um instante.

— Pá — sussurrou.

Acionou a trava de segurança da Winchester e a deixou na neve.

O pai pegou a arma e olhou pela mira.

— O grandão? — sussurrou ele.

— Isso.

Ela puxou o ferrolho para trás, removeu a .257 e a devolveu ao saco de munição.

Os alces ainda não faziam a menor ideia de que havia humanos a quinze metros.

Seu pai colocou uma capa na Winchester.

Parecia que ele enfim diria alguma coisa, mas, no fim das contas, não sabia muito bem como.

Ele havia sido sargento. Ela deduzia que isso significava dar ordens e esbravejar comandos, às vezes de forma extrema. Mas nunca o tinha visto gritar nem com o cachorro. Sua mãe também havia sido sargento, e ela, sim, era fácil imaginar dando ordens. Mas ele, não. Ele

tinha deixado na guerra a desenvoltura para se comunicar.

Era ela que precisava falar.

— Foi mal se eu decepcionei você.

— Não! — respondeu ele. — Pelo amor de Deus, não. Está tudo bem. Você é uma pessoa muito boa. Fez a coisa certa.

Na volta, ela viu que os rastros de corça perto do rio haviam sido apagados com eficiência, como se nunca tivessem existido. A vida, ela imaginava, era assim: uma impressão fugaz perto de um pequeno córrego num grande bosque que logo desaparecia.

Enquanto dirigiam, ouviram Neil Young, Dolly e Willie.

Quando saíram da balsa, o sol já estava se pondo.

Das cabanas saía uma fumaça azulada de lenha. O alto de todas aquelas chaminés se comunicava em segredo com o céu.

Estava escuro quando entraram em casa.

O estuário era preto. Seattle cintilava ao longe.

Seu pai andava pensativo. Sua mãe sabia muito bem que ela faria isso de novo. “Deixa a menina”, tinha dito ela.

— Vou falar com a sua mãe — disse ele. — É bem capaz de a gente conseguir carne tão barata quanto no mercado.

— Vai ser de graça também?

— Nada é de graça.

Entraram. Sua mãe tinha feito chili de acém. Ela já sabia. Nem disse nada. Só sorriu e deu um abraço em Heather. Mães.

Heather ajudou o pai a lavar a louça.

Ele pigarreou.

— Às vezes é preciso levar a luta até o inimigo. Mas ele não era nosso inimigo. Não era a hora dele.

— Não — concordou a garota.

Ele bagunçou o cabelo da filha. Ela sentiu a mão.

E estremeceu.

Acordou.

O fogo estava morrendo. Fazia frio.

Ela se sentou.

Respirou fundo.

— Heather, você acha que o papai está no céu? — perguntou Olivia.

— Acho — respondeu.

O pai de Heather dizia que não tinha ninguém olhando lá de cima para as pessoas. Nada de Deus, nenhum ancestral morto, zero anjo. Apenas médicos e paramédicos. Sua mãe dizia que nunca havia pensado nisso, mas a mãe da sua mãe, avó de Heather, havia contado histórias sobre o Grande Espírito, sobre os deuses da montanha, sobre a velha religião.

Ela tentaria fazer uma oração para todos eles.

Agarrou a carabina e se levantou.

— Aonde você vai? — perguntou Olivia.

— Os cachorros vão encontrar a gente amanhã se eu não der um jeito neles.

Olivia levou um segundo para processar o que isso significava, então fez que sim.

— Toma cuidado.

Heather lhe entregou o isqueiro.

— Não deixa o fogo apagar. Lenha de eucalipto queima bem.

— Tenta pegar mais comida? — perguntou Owen. — Mas não vombate. Acho que isso não foi feito para gente comer.

— Vou procurar outra coisa. Mantenham a entrada da caverna tapada.

— E se você não voltar? — perguntou Owen.

— Eu vou voltar.

— Mas e se não voltar?

— Nesse caso, você e a sua irmã se escondem até a polícia chegar. A polícia vai vir. Eu prometo.

Owen não falou mais nada. Caso a polícia não viesse, estariam mortos. Caso se entregassem para os O'Neill, estariam mortos.

Heather bagunçou o cabelo sujo do garoto e deu um abraço em Olivia.

— Cuida do seu irmãozinho, tá?

— Tá bom.

O carvão dos espetos de eucalipto havia deixado pretas as mãos dela. Ela as levou ao rosto e traçou uma linha escura na bochecha esquerda.

— Para que isso? — perguntou Owen.

— Assim vai ser mais difícil de me ver — respondeu Heather. Ela foi até a saída da caverna. — Não se preocupem. Daqui a pouco eu volto.

Ela saiu.

A prioridade era matar os cachorros.

Depois, veria o que podia fazer para atingir os O'Neill. Talvez, se conseguisse deixá-los abalados o suficiente, eles lhe entregassem a balsa.

Parecia improvável.

Mesmo assim, era hora de levar a luta ao inimigo.

Heather estava serena. Calma. Tão calma quanto o mar, quanto a grama e quanto aquelas árvores velhas. Pairava no agora do todo.

Ela esquadrinhou a montanha e a charneca com o binóculo de Jacko.

Estava escuro. Praticamente nada se mexia. Nenhum coelho, nenhum vombate, nenhum coala sonolento. Apenas a silhueta branca e amarelada da triodia sendo embalada pela brisa. Ela olhou para os contornos da cidade no continente. O sol tinha se posto havia muito tempo. As luzes já não a interessavam como antes. Ela observou, sem emoção alguma, um enorme avião comercial dar uma grande volta sobre a península de Mornington e seguir para o norte, onde ficava o aeroporto.

Havia outros rastros de vapor lá em cima, indo de Melbourne para Sydney ou Perth.

Era outro universo, aquele mundo de aviões, carros, shoppings e policiais.

Um trovão retumbou no oeste.

Heather ajeitou a carabina nas costas, e o cantil cheio e o facão no cinto.

Andou a passos largos pelo terreno vazio.

Sob a Via Láctea. Sob o Cruzeiro do Sul.

Tinha comida e água na barriga.

Havia, *sim*, uma tempestade chegando.

A tempestade era ela.

Os O'Neill viviam numa terra sem Sonhos.

Nem conheciam a própria ilha.

Sim, Tom matou aquela pobre mulher.

Sim, ela mentiu e tentou esconder o que fez.

Mas isso era apenas uma transgressão em cima de outra transgressão.

A transgressão original era contra o povo que tinha vivido ali por mil gerações.

Ela andou.

E, enquanto andava, tocava música na sua cabeça. Todos os CDs antigos da mãe: Beatles, Stones, The Who, The Kinks.

O vento ficou mais intenso.

A temperatura caiu.

Estava perto agora.

A fazenda estava iluminada por postes e pelas luzes da casa. Ela ouviu música. Será que estavam celebrando? Eles certamente estavam ganhando a guerra de atrito. Será que já sabiam de Jacko?

Ela se deitou na grama e pegou o binóculo. Perscrutou a fazenda em busca dos cachorros e os encontrou acorrentados perto da varanda. Três cães juntos, roendo o jantar.

Soltou o binóculo e verificou o vento.

A brisa soprava do oeste, vinda do mar.

Ótimo.

Ela seguiu para o leste, dando a volta na fazenda para tomar bastante distância dos cachorros. Não iriam farejá-la, mas eram espertos e talvez a ouvissem. Não havia muitos outros mamíferos grandes ali na ilha Holandesa naquela noite.

Heather se aproximou do velho rolo compressor, tirou a carabina dos ombros e esperou no mato alto. Com o binóculo, observou o telhado com cuidado. Não havia ninguém lá naquela noite de vento forte. Ela analisou o pátio da fazenda, que também estava vazio. Ligou o walkie-talkie e prestou atenção. Nada em nenhum dos canais. As luzes estavam acesas na casa principal, mas não havia muita atividade nos outros lugares.

Ela se lembrou do que Rory tinha dito a respeito dos formigueiros atrás do rolo compressor. Do que iam fazer com Hans.

Talvez ela devesse...

Sim, devia.

Engatinhou até o formigueiro.

Algumas formigas desbravadoras começaram a lhe morder os tornozelos. Ela enfiou a barra do jeans dentro das meias.

Precisava saber.

Continuou engatinhando e não demorou para encontrá-los.

Os dois estavam mortos.

Petra tinha levado um tiro nas costas e sido jogada pelada no topo do formigueiro. Ela era um mar de corpos vermelhos em movimento. Hans estava logo atrás da esposa num montinho menor.

Soprava uma brisa constante do sudeste que embalava a lâmpada pendurada por um fio no meio do pátio. Os corpos de Hans e Petra eram iluminados e logo voltavam para a escuridão como se fosse um vídeo insano de uma instalação de arte.

As formigas haviam comido o rosto de Petra e estavam entrando na

cavidade ocular branca como osso para consumir o cérebro dela.

O completo horror da cena a deixou sem fôlego.

Ela começou a chorar. Chorou convulsivamente, abraçou-se e chorou mais um pouco.

Secou as bochechas.

— Levei as crianças para uma caverna! Encontrei uma caverna — contou a Petra. — O que você fez valeu a pena. Deu certo. Obrigada.

Formigas começaram a morder os cotovelos de Heather.

Ela se arrastou para longe do formigueiro e esfregou os braços.

Estava prestes a voltar para a escuridão quando algo apavorante aconteceu.

Hans se mexeu.

Ela lutou contra o ímpeto de sair correndo e gritando.

Passou engatinhando por Petra até o montinho menor, onde estava Hans, preso no chão.

As formigas se agitavam no meio do cabelo dele. Seus olhos estavam fechados com força, ele havia colocado os lábios para dentro e balançava a cabeça para lá e para cá enquanto soltava ar pelas narinas numa tentativa de impedir que os insetos entrassem na sua boca. O cheiro era terrível. Ele havia defecado, e os O'Neill o espancaram. Ela olhou, horrorizada, e então rapidamente engatinhou até ele. Pegou o cantil, jogou água sobre sua cabeça e afastou as formigas do seu rosto. Tirou as formigas das suas orelhas, matou-as e as jogou para longe. Ela pigarreou e derramou água na garganta dele.

As formigas começaram a mordê-la na mesma hora. Suas pinças eram afiadas e incrivelmente doloridas. Hans devia estar agonizando.

— Hans, sou eu, a Heather.

— Heather?

— Não tenta falar. Vou tirar você daí — disse ela.

Deu-lhe mais água e limpou seu rosto e pescoço.

— As crianças?

— Estão vivas também. A gente achou uma caverna e água. Não fala. Só aguenta firme.

— Não. Heather. Saia daqui.

Os pulsos dele estavam amarrados com fios presos a estacas de barraca fincadas no chão. E os tornozelos também.

— Heather... você tem que ir embora.

— Guarda as suas forças. Não fala nada. A gente tem comida e água. Você vem junto.

— Você precisa sair daqui.

— É só eu conseguir tirar essas estacas...

— Sou um homem morto, Heather. É uma questão de horas... Abriram um buraco na minha barriga. Consigo sentir as formigas dentro de mim.

— Eu consigo salvar você. Não tenta falar mais nada! Eu consigo — disse Heather, engasgando enquanto, desesperada, puxava as estacas.

— Eu não conseguiria andar... nem dez metros.

— Eu consigo soltar você!

— E depois? — Ele olhou para ela. — A coitada da Petra está morta... Eu estou morto, mas... mas tem duas coisas que você pode fazer por mim.

— Fala.

— Você trouxe o canivete?

— Trouxe.

— Primeiro... preciso que você... corte o meu pescoço.

— Quê?

— Você precisa me ajudar... Estou fraco demais para fazer isso sozinho.

Ela meneou a cabeça.

— Não, por favor, qualquer outra coisa.

— Eu não tenho condições, Heather. Você... a artéria carótida... fica na lateral do pescoço. Com essa faca, você consegue perfurar e aí vai ser meu fim.

— Eu... Eu... Eu... não posso fazer isso.

— Preciso da sua ajuda. Por favor?

— Não.

— Eu seguro a sua mão... Guie você. Por favor?

Ela fez que não com a cabeça. Mas sabia que ele estava certo. Sua boca se abriu e um fraquíssimo “Sim” saiu.

Hans contou a segunda coisa que queria que ela fizesse. Parecia pior que a primeira. Ela concordou também.

Pegou o canivete e abriu a lâmina. Solto o pulso direito dele do fio. Ele segurou a mão de Heather e a guiou até a artéria carótida que pulsava, fraca, no lado esquerdo do seu pescoço.

— Aqui — disse.

— Estou com medo — disse ela.

— Você está... com medo do quê?

— De matar alguém a sangue-frio.

— Heather, por favor, lembre-se de que... não é você... que está me matando. Eles me mataram. Eles são os assassinos.

Ela tentava não olhar diretamente para ele. Mas não conseguia evitar. O rosto de Hans era uma maçaroca de marcas de mordida, cascas de ferida e machucados.

— Por favor — disse Hans e empurrou a lâmina.

Juntos, cortaram o pescoço dele.

Ela desviou rápido do esguicho arterial e quase esbarrou na pobre Petra.

As formigas haviam comido o rosto dela, e partes do seu crânio

brilhavam sob as lâmpadas incandescentes.

Levou menos de um minuto para Hans sangrar até morrer. Os dois voltaram a ficar juntos na morte.

Ela tremia e se permitiu chorar.

Respirou fundo e fez que sim para ele.

Um pensamento lhe ocorreu. Se Petra e Hans tinham sido jogados ali, por que Tom não estava em lugar nenhum? O que será que fizeram com o corpo dele?

Frenética, ela o procurou por um ou dois minutos, mas ficou óbvio que haviam feito alguma outra coisa com Tom.

Por quê?

Porque precisavam de Tom.

Porque iriam colocá-lo no carro junto com ela e as crianças mortas, lá no continente. Iam tentar fazer parecer um terrível acidente de carro. Lá longe, a uma grande distância daqui.

Iam desaparecer com o casal holandês, mas Tom precisava estar guardado em algum lugar. Sem sombra de dúvida, num freezer dentro da casa.

Ela meneou a cabeça.

— Essa história não vai colar, não é, Petra?

O legista australiano não seria enganado, certo? Cedo ou tarde, olharia por um microscópio e perceberia que as células de Tom haviam sido distorcidas pelo gelo. Gelo no coração em pleno verão da Austrália? Não fazia sentido. O legista ligaria para a polícia, que rastreadoria os últimos passos da família condenada...

Ela fez que sim, taciturna, para si mesma.

Esse seria o plano B. Acabar com eles mesmo estando debaixo da terra. O plano A era acabar com eles agora. Era hora de pôr em prática a segunda parte do pedido de Hans. Já bastava de hesitação.

Ela puxou a estaca mais próxima que prendia Hans ao chão, a do pé esquerdo. Puxar e balançar, era assim que as removeria. Heather puxou a seguinte, que ficava ao lado, e, depois de algum esforço, conseguiu tirá-la também. Levantou a última estaca, a do pulso esquerdo. Hans estava pronto para ter sua cota de vingança.

De trás do muro, Owen olhava para a cobra. Tinha construído o muro dentro da cabeça, um muro com tijolos igual ao de *Minecraft*. Ele se escondia atrás do muro quando não queria lidar com as coisas. E no último ano houve muitas coisas com as quais ele não queria lidar. Owen não tinha lidado com a morte da mãe. Não tinha lidado com o fato de o pai ter conhecido Heather. Não tinha lidado com o casamento do pai com Heather. Não tinha lidado com a mudança de Heather para a casa deles. Não tinha lidado com a viagem para a Austrália e com o assassinato do pai. Não tinha lidado com eles três fugindo por aí de assassinos psicopatas dignos de *Mad Max*. E, acima de tudo, não tinha lidado com o fato de que tudo isso era culpa dele por se esconder atrás do muro e não dizer nada...

Os tijolos do muro eram feitos de blocos de cimento. Grandes blocos cinzentos de cimento que, em *Minecraft*, dava para mover com facilidade, mas que, na vida real, eram muito mais pesados. Ele deu uma olhada por cima do muro para o mundo real, para a vida real.

Sem dúvida, era uma cobra. O fogo deve tê-la acordado.

Cobras não incomodavam a menos que fossem incomodadas — se alguém pisasse nelas por acidente ou algo assim. Cobras deixavam as pessoas em paz; era o que todo mundo dizia, pelo menos. Cobras australianas não eram diferentes. Ele sabia muito a respeito de cobras australianas. Antes do voo, passou dias pesquisando sobre elas no celular e no computador. E não apenas leu a Wikipédia. Leu e-books e até comprou um livro na Amazon. Owen sabia que não era bom em esportes. Todos diziam que ele tinha “dificuldades de aprendizagem”. Algumas crianças o chamavam de burro quando os professores não estavam ouvindo. Sua mãe e seu pai lutaram muito para que as escolas aceitassem o diagnóstico de TDAH, e agora ele tomava remédio e tinha mais tempo para fazer as provas. Já fazia três dias que estava sem medicação. Normalmente, quando dava um tempo da Ritalina e dos ansiolíticos, ele ficava nervoso e estressado, mas não estava se sentindo estressado agora.

Estava se sentindo OK enquanto via a cobra se desenrolar e rastejar até Olivia, que dormia. Tinha quase dois metros de comprimento e era de um amarelo-amarronzado. Nessa região de Victoria, só podia ser uma serpente-mocassim-cabeça-de-cobre.

Essa espécie tinha presas cheias de peçonha na frente da mandíbula. Ele se lembrava tim-tim por tim-tim do que o livro *Cobras da Austrália*, de Wallace, dizia sobre elas: “A peçonha é, pelos padrões australianos, apenas moderadamente tóxica. Mesmo assim, uma mordida não tratada pode matar um adulto com facilidade. Não existe antídoto para a peçonha da serpente-mocassim-cabeça-de-cobre.”

Esse tipo de cobra já tinha matado crianças no passado. Elas comiam pequenas criaturas, como gambás e coelhos. De vez em quando, iam atrás de alvos maiores, como vombates e cangurus.

Será que uma menina dormindo parecia um vombate dormindo?

Talvez.

Ela era uma boa irmã. Na maior parte do tempo.

A cobra se enrolou em formato de oito. Levantou a cabeça.

“São tímidas e retraídas por natureza. Preferem fugir a lutar quando fugir é uma possibilidade”, dissera o livro.

E fugir com certeza era uma possibilidade para essa cobra. Havia espaço mais que suficiente entre a fogueira e a parede da caverna. Não havia ninguém incomodando-a.

Ela devia ter ficado com muita fome ali embaixo.

Ele deduziu que, se Olivia fosse picada, seria culpa sua também.

Owen voltou para trás do muro e o aumentou um pouco mais.

Se tem uma coisa da qual os holandeses entendem é água.

Hans entendeu que a fazenda dos O'Neill tinha sido construída sobre um aquífero subterrâneo. Não havia rios nem lagos na ilha Holandesa, nenhum lugar para onde a água da chuva pudesse ir exceto de volta para o oceano ou para dentro daquelas camadas entre rochas. Os O'Neill andavam extraindo água dessa reserva havia décadas, e o poço já tivera que ser escavado ainda mais, porque a água original não era reabastecida. O poço em si já não era mais necessário, uma vez que a água era bombeada para uma cisterna. Mesmo assim, eles o mantinham.

Hans tinha visto tudo isso e sabia que era um erro.

Heather conferiu se a barra estava limpa. Enquanto as formigas continuavam a morder, ela puxou Hans pelos pés até o poço que ficava a quase dez metros de distância, no norte do complexo. Arrastou-o devagar e com cuidado, pois tinha medo de que os cachorros ouvissem ou ficassem interessados. Só escutou alguns latidos curiosos. Os cachorros talvez soubessem que havia alguma coisa acontecendo, mas ainda não estavam preocupados demais.

O poço era coberto com uma grade de ferro para impedir a entrada de pássaros e gambás. Largou Hans e levantou a grade. Não era pesada, e ela a colocou com cautela no chão. Sentiu outra gota de chuva pesada no pescoço.

Havia uma corda e um balde pendurados acima do poço para o caso de alguém querer beber água à moda antiga.

Era um nó duplo — nada naval ou requintado —, e ela o desamarrou em um minuto. Seu pai lhe havia ensinado uma dúzia de nós que tinha aprendido no Exército. Um lais de guia já bastaria. Era um modelo fácil de reproduzir no escuro. É só fazer um seis, o coelho sai do buraco, corre atrás da árvore e volta para o buraco.

Ela enlaçou os pés de Hans e o ergueu até a borda do poço. Usando a lateral do poço como uma alavanca parcial, abaixou-o. Seus ombros doíam e ela suava, mas a polia improvisada estava dividindo o peso

pela metade através da força mecânica, o que, ela pensou, era um ramo da física. *Chupa, Owen.*

Abaixou e abaixou até que a pressão diminuiu e ela soube que ele estava boiando na água. Hans tinha ferimentos por todo o corpo, e, quanto mais seu cadáver boiasse lá dentro, maiores eram as chances de contaminar o suprimento de água dos O'Neill.

Outro pensamento lhe ocorreu.

O gerador da fazenda também estava contra o vento em relação aos cachorros.

Hummm...

Engatinhou até o gerador, que ficava quase no limite do complexo. Era um monstro enorme, mais que suficiente para a fazenda e as outras casas. Um motor diesel industrial com oitocentos quilowatts de potência. O estoque de combustível não podia estar muito distante.

Exatamente. O diesel era guardado em dois barris de plástico. Eram pesados demais para Heather virá-los, e o plástico era grosso e feito para resistir a animais. Uma mulher determinada com uma faca poderia levar uma noite inteira para fazer um furo.

Ela deu a volta nos barris, procurando por uma válvula de segurança ou algo do tipo, e, como havia imaginado, alguém tinha conectado uma bica a um dos recipientes para encher garrafas de combustível. Heather deu duas pancadas firmes na torneira, e o diesel começou a escorrer para a terra. A noite continuava quente, e um pouco do líquido começou a evaporar. Era difícil incendiar diesel em forma líquida, mas o vapor era altamente inflamável. Heather devia ter trazido o isqueiro. Será que uma bala daria conta do recado? Teria que testar. A gasolina ficava ao lado do diesel num barril parecido. Ela abriu a válvula e deixou o combustível escorrer também.

Não ter diesel para fazer eletricidade significava que não seriam capazes de carregar o drone.

Não ter gasolina significava nada de quadriciclos, motos ou caminhonetes quando os tanques secassem.

Ela sabia que, até então, havia tido muita sorte. Ali não era lugar de arriscar ainda mais.

Desapareceu de volta no meio do mato e seguiu para o norte do complexo.

Começaram a cair gotas pesadas.

Os cachorros estavam amarrados no pórtico da varanda da frente. Três deles. Não eram exatamente cães de caça, mas com certeza havia algo de caçador naqueles animais. Ali, deitados, pareciam exaustos. Levantavam a cabeça de vez em quando na hora em que os mosquitos voavam para os mata-moscas e começaram a ganir quando a chuva ficou mais forte e mais gelada. Eram bons cachorros. Tiveram um ótimo último dia no planeta Terra.

Ela se deitou no chão e se acomodou.

Pegou a carabina nas costas.

Seu pai havia crescido caçando gambás e esquilos nos bordos-vermelhos e cornisos do condado de McCreary, no Tennessee, bem no limite do estado. Heather era filha única, por isso ele quis compartilhar com ela o conhecimento sobre armas, assim como o pai dele tinha feito. Embora ela jamais tenha se interessado muito, foi inevitável acabar absorvendo bastante informação. E, de fato, agora tudo aquilo tinha lhe voltado à mente. Estava voltando havia dias.

Sempre contra o vento. Sempre abaixada. Sempre em silêncio.

Uma vez introduzida à irmandade das armas, não tinha como esquecer. Ela fez um montinho de terra debaixo do cano, do jeitinho que havia aprendido com o pai. Firmou a terra e garantiu que o cano estivesse na horizontal.

E estava.

Encontrou uma posição confortável e analisou o alvo.

Uma brisa soprava do oeste para o leste, mas era fraca demais para fazer diferença a uma distância como aquela, de menos de cem metros. Talvez fosse um pouco mais; quem sabe uns cento e vinte. Ela olhou pelo binóculo e entendeu onde cada cachorro estava deitado. Abriu a mira de aço da Lee-Enfield e a fechou novamente. Não era necessário usar uma mira de longo alcance.

Havia algo tremeluzindo no seu campo de visão, uns quatro metros e meio à esquerda. Ela tentou ignorar, mas não conseguiu. Deitou a carabina e engatinhou até o objeto para cobri-lo de terra, e, quando chegou lá, descobriu que era uma velha lata de pêssegos meio enterrada, mas ainda fechada. Colocou na bolsa e voltou à posição.

Pegou a carabina e esperou até que parasse de se mexer e a mira ficasse imóvel.

— Desculpa — sussurrou e mirou no cachorro com uma mancha branca no focinho marrom. Era claramente o alfa. Ela mirou no grande flanco do animal. Ele estava dormindo. Ela apertou o gatilho, a carabina estalou e deu um coice, e o cachorro caiu e rolou na terra. Era muita poeira. O segundo cão se levantou e começou a latir. Ela puxou o ferrolho, e o cartucho de latão saiu com um *tchiing*. Colocou outro cartucho .303 e, através da poeira, mirou no segundo cachorro, que tinha um ar agradável de dingo. Matou-o com um tiro que atravessou o pescoço.

Ela ejetou o cartucho e colocou outro .303.

Todas as luzes da casa haviam se acendido agora, e as janelas estavam sendo abertas.

Heather tentou mirar no terceiro cachorro, mas a poeira pairava no ar em colunas alaranjadas espessas em meio à escuridão, como uma foto de nebulosas tirada pelo Hubble.

Uma cabeça apareceu numa das janelas do térreo. Parecia ser de Ivan. Ele gritava para alguém no pátio.

Seria muito mais fácil acertar no torso dele que nos cachorros — um grande alvo parado de camiseta branca. Mas esse não era o plano, então ela o deixou para lá.

Havia uma agitação crescente nos arredores da casa agora. Gritos, berros e até alguns tiros aqui e ali.

Alguém começou a tocar um sino.

A chuva começou a cair.

Voltou a olhar para a varanda. A poeira enfim havia abrandado, e Heather mirou no cachorro. Ele latia feito doido. Acertou-o no peito e o matou instantaneamente.

Foi um trabalho sórdido, mas necessário.

Heather ejetou o cartucho e carregou mais uma vez. Pendurou a carabina no ombro e engatinhou os quase vinte metros até voltar à charneca.

A chuva estava gelada, pesada e deliciosa.

Talvez eles tivessem lunetas de visão noturna ou que detectassem imagens térmicas, por isso não era o melhor momento para ficar ali, de pé, e olhar toda orgulhosa o que tinha feito. Ela se preparou para ir embora, mas então Matt saiu da casa principal com seu cachorro, Blue. O cão começou a farejar o ar.

O vento havia mudado. Ela estava entre o litoral e a fazenda, e seu cheiro seria levado pela brisa refrescante.

Blue começou a latir.

Matt soltou o cachorro da coleira e gritou para que todos calassem a boca.

Blue foi direto para Heather.

Era um cão inteligente.

Ela gostou disso.

Quantas balas será que ainda tinha? Devia ter conferido. Um soldado sempre sabe esse tipo de coisa, era o que o seu pai teria dito.

Ela mirou na extensão do corpo do animal e colocou o dedo no gatilho.

O cachorro avançava mancando até ela o mais rápido que conseguia.

— Vai, Blue! — gritou alguém.

— Vai, rapaz, encontra essa piranha! — berrou Ivan.

Era um alvo muito menor, uma silhueta babona tentando correr em meio à poeira.

A cada segundo, a distância entre caçador e presa diminuía, o que facilitava o tiro, mas também indicava a localização de Heather.

Ela apertou o gatilho e errou.

O cachorro acelerou.

Ela puxou o ferrolho para trás, recarregou, mirou, atirou, e a cabeça de Blue explodiu. Ele continuou correndo por meio segundo antes de cair numa poça de sangue arterial e poeira.

Ela ouviu gritos no complexo.

— Ela atirou no Blue! Aquela piranha atirou no Blue! Peguem ela!

— Cadê ela?

— Está lá atrás do pneu!

— Lá onde?

— Seu bando de burros do caralho, é só atirar para todo lado!

O complexo inteiro estava reunido. Um tiroteio irrompeu de meia dúzia de espingardas.

Heather já estava em movimento. A carabina nas costas e o rosto na terra. Rastejava pelo solo rachado e vermelho e por pedras afiadas e conchas que as geleiras arrancaram das montanhas e largaram ali na ilha Holandesa durante um grande derretimento, milênios atrás. Ela rastejava mal encostando o corpo no chão para não levantar poeira e não parecer que havia um gênio da lâmpada passando por ali e deixando fumaça vermelha no ar.

Eles não desistiam.

Era noite, e os bárbaros *estavam* vindo.

A única questão era se os bárbaros eram eles ou ela.

Ela se arrastou até estar a uns cinquenta metros de onde tinha dado o último tiro.

Havia meia dúzia de homens furiosos gritando no pátio. Outros três atiravam grosseiramente na direção do arbusto de onde ela havia acabado de sair.

Dois deles eram alvos parados, de pé um ao lado do outro feito dois idiotas.

Heather deitou a carabina com cuidado no chão e puxou o ferrolho para trás. O cartucho vazio foi ejetado sem refletir a luz das estrelas e denunciar sua posição. Ela empurrou o ferrolho para a frente de novo e colocou um dos seus preciosos últimos cartuchos no tambor.

Ouviu uma mulher gritando no terreno da fazenda. Olhou pelo binóculo e viu que quem berrava era a mãe. Estava atrás da porta de tela, metade dentro e metade fora de casa. Heather pegou a carabina e olhou para a mãe através da mira de aço. Meio no escuro, meio na luz, mas talvez valesse a pena. Será? Cortar a cabeça da serpente... mas aquilo não era uma serpente, era uma hidra. A mãe abriu a porta de tela e saiu para a varanda.

— Mãe! Volta para dentro! Vou pegar a Hilux — gritou Matt.

— Não vem me dizer o que fazer!

— Ô, Matt, acho que estou vendo ela! Ali!

Uma bala raspou numa pedra quase três metros à direita de Heather.

— Merda!

Tinha sido localizada.

Heather rastejou para salvar sua pele, para o sul, para longe do complexo, para longe, longe, longe.

Nem tentou evitar os pequenos arbustos repletos de espinhos ou as pedras afiadas. Rastejou com mãos, cotovelos, joelhos e pés o mais rápido que conseguia. Areia, pedra, rochas, terra vermelha, espinhos... tiros logo ali. Esporádicos num primeiro momento, mas então mais focados. Uma dúzia de homens e mulheres — ou mais — atirando nos arbustos ao sul da casa. Espingardas, carabinas e, depois, irrompendo sobre todos os outros sons, o desolador e apavorante *pá-pá-pá* de um fuzil AK-47.

Ela achatou o corpo no chão.

O AK rasgou o campo sete metros à sua esquerda; os cartuchos acertavam com força um velho tanque de água feito de aço e ricocheteavam em todas as direções. Ser atingida por um daqueles poderia matá-la com tanta facilidade quanto um tiro direto.

— Vai, mãe! — gritou alguém lá atrás.

— Segue em frente! — disse a mãe.

Para onde?

Um tiro de espingarda irrompeu pelo ar.

Heather olhou de relance para trás. Conseguiu ver a mãe na cabine da Hilux; o carro vinha mais ou menos em sua direção. A velha estava inclinada para fora da janela com uma arma. A mãe explodiu em luz ao disparar a espingarda.

Heather se achatou no chão quando o tiro incandescente rasgou o ar sobre a sua cabeça.

Achava que essa piranha velha mal conseguisse andar!

Agora ela já não tinha mais chances. Levantou-se e correu para a escuridão da planície. Os faróis do Toyota a encontraram. A mãe recarregou a espingarda. Heather se jogou no chão bem quando a mãe atirou. As balas passaram tão perto dessa vez que ela foi capaz de escutar o *zummmm* acima.

Ela se apoiou num dos joelhos e mirou a Lee-Enfield no motorista da Hilux. Matt. Ele a viu mirando. Desesperado, virou o volante. Ela apertou o gatilho e nada aconteceu. Heather ejetou o cartucho vazio. Remexeu na bolsa, encontrou a munição, recarregou, mirou e apertou o gatilho.

Uma bala atravessou o para-brisa. Ouviu o chiado dos freios, e desta vez o carro não a seguiu.

Ou tinha matado Matt, ou ele havia mudado de ideia quanto à perseguição.

Ela correu e correu e correu.

Motos saíram à sua procura, uma para o sul e outra para o leste.

Vieram o quadriciclo e até mesmo o drone.

Quando já estava a quase um quilômetro de distância, ela parou, recuperou o fôlego e bebeu água do cantil.

De repente, as luzes da fazenda se apagaram.

O gerador havia ficado sem diesel.

Ela verificou a quantas andava o seu estoque de munição. Ainda tinha três balas na bolsa.

Será que valia a pena arriscar um tiro a um quilômetro de distância? Será que valia a pena gastar um dos seus últimos três tiros para tentar incendiar vapor de diesel e gasolina?

Por que não?

Ela se deitou na terra, abriu a mira de longo alcance e mirou levemente acima do corpo escuro que era o tanque de combustível do gerador.

A música na sua cabeça era “Days of the Lords”, do Joy Division.

Agora precisava tomar cuidado.

Devagar.

Puxou o gatilho.

A .303 atravessou direto o tanque de diesel e não incendiou nada.

Droga.

Será que devia tentar de novo?

Ah, que se foda. Ela fez o ferrolho dançar. Mirou. Apertou o gatilho, e a carabina deu aquele confortável coice no ombro. O explosivo daquele cartucho lançou uma ogiva de chumbo que fez o cano emitir no ar um leve aroma de fumaça e o doce cheiro de pólvora. Aquela bala estava em curso de colisão com seu alvo desde que havia sido fabricada no norte de Londres, em 1941. Viajou pela charneca a mais de dois mil quilômetros por hora.

Houve uma explosão amarela tão grande que talvez chamasse atenção até no continente. Ela ouviu o estrondo dois segundos inteiros depois de ver as chamas.

— Essa é pelo Tom. Ele era médico! E pelo Hans e pela Petra. E por deixar os *meus filhos* cagados de medo!

Heather se levantou e mostrou o dedo do meio.

Ela correu por quase um quilômetro antes de parar e tomar um gole do cantil.

Estava chovendo mais forte. A luz dos raios fazia sua silhueta se destacar contra o horizonte. Tinha cheiro da chuva de Seattle. De abeto. Bem diferente do cheiro daquele continente ressecado. Ela ficou se perguntando se todas as chuvas tinham o mesmo cheiro.

Tom, morto, coitado, saberia a resposta.

Levou quarenta e cinco minutos para voltar até a caverna.

Os O'Neill podiam conseguir mais cachorros, mas, por enquanto, os cães estavam mortos e os três, a salvo.

Owen estava sentado perto do fogo, esperando-a.

— Oi, Owen — disse ela.

— Oi. Você está molhada.

— Está chovendo. Não consegui arranjar mais carne. Tudo bem por aqui?

— ã-hã... Eu matei uma cobra.

— Você o quê?

— Ali na parede. Não sabia se ia incomodar a gente ou não, mas estava rastejando na direção da Olivia, então tive que matar.

Heather estava em choque.

— Como é que é? Uma cobra? É sério isso?

— Está ali perto da parede.

Heather tirou a carabina do ombro. Havia, de fato, uma cobra morta perto da parede. Uma cobra marrom com quase dois metros de comprimento.

— Achei que ela ia deixar a gente quieto. É o que a maioria das cobras faz, sabe? Mas aí ela começou a chegar perto da Olivia. Fiquei vendo de trás do meu muro. Tem esse muro que eu faço...

— Eu sei.

— Eu estava atrás do meu muro, mas ficava espiando por cima dele e vi que a cobra estava chegando mais perto, então tive que tentar matar.

— Ai, Owen! Meu Deus do céu! — disse ela e o abraçou. — E nem acordou a Olivia?

— Para quê? Eu matei o bicho.

Olivia continuava dormindo, toda encolhida de lado perto da fogueira.

— Como você matou a cobra?

— Peguei uma pedra grande e joguei nela. Errei feio. A pedra bateu na parede da caverna, mas aí caiu bem na cobra e ela meio que ficou presa. Peguei outra pedra, cheguei perto e derrubei na cabeça dela.

— Por Deus, Owen. E se ela tivesse picado você? Ou jogado veneno?

— Elas não fazem isso.

Heather se aproximou para dar uma olhada no animal.

— Onde você aprendeu a fazer isso?

— No meu livro sobre cobras e no canal Tecnologia Primitiva no YouTube. Aquele cara faz um milhão de coisas com pedras. Você devia assistir. Mas acho que ela não estava cem por cento acordada. Elas têm sangue frio, então precisam se aquecer. Não foi uma luta justa.

Olivia se mexeu.

— Você voltou — disse ela.

— Owen, conta o que você fez enquanto eu procuro outros convidados na caverna.

— Eu não... tipo... não quero ficar me gabando nem nada assim.

— Pelo menos uma vez na vida, pode se gabar.

Owen contou a Olivia da cobra. Ela não acreditou até ele mostrar. A garota o abraçou e aí foi Owen que não acreditou. Heather não achou nenhuma outra cobra na caverna.

— Esqueci de contar para vocês que encontrei uma lata de pêssego — disse ela e a pegou da bolsa.

— Nossa, isso aí deve ter uns cinquenta anos — disse Owen.

— Será que ainda é seguro comer? — perguntou Olivia.

— Só tem um jeito de descobrir.

Heather martelou o facão na tampa e a abriu com cuidado.

Comeram os pêssegos.

Eram os pêssegos mais gostosos da história do planeta Terra.

As crianças beberam a água da conserva, conversaram e até riram.

Os três se sentaram ao redor do fogo, e Heather deu uma olhada no dever de ciências de Owen. As atividades iam muito além das suas capacidades, mas as crianças explicaram tudo.

— A gente precisa de um pouco de música — disse Olivia.

— Então canta — disse Heather.

Envergonhada a princípio, mas depois cada vez mais confiante, Olivia cantou e reproduziu os versos de rap de todo o *Pink Friday*, da

Nicki Minaj. Owen se juntava a ela nos refrões.

— E você? — perguntou Olivia.

— Vocês não iam gostar. Sou uma mulher das antigas. Quase sempre, pelo menos.

Mas eles insistiram enquanto ela mexia no fogo. Queriam uma história ou uma música. Ela se ofereceu para cantar Greta Van Fleet, Tame Impala ou Lana, mas Olivia queria algo realmente retrô e hipster, então Heather acabou cantando todo o *White Album*, até as músicas ruins.

— Você canta muito bem — disse Olivia com toda a sinceridade.

— É mesmo — concordou Owen.

— Obrigada.

Eles bocejaram, espreguiçaram-se, conversaram e caíram no sono um ao lado do outro. Crianças têm o dom do sono. Estavam tão serenas, faziam parte de um amanhã em que tudo aquilo chegaria ao fim.

Heather limpou a carabina e a deixou por perto.

Tinha mais uma bala.

Fechou os olhos, deitou-se no chão arenoso da caverna e, em alguns minutos, também caiu num sono profundo através da noite azul-escura.

Ela sonhou. As crianças sonharam. Os sonhos num ritmo quebrado.

Na superfície lá em cima havia apenas caos, tempestade e raios, mas ali embaixo, no mundo subterrâneo, estava tudo silencioso.

O sol estava cor de ferro antigo, depois sangue e então esmaeceu para um amarelo infantil. Ela estava sentada no galho de uma árvore, olhando pelo binóculo para a água e para o continente. Era até possível tentar dar um tiro para lá, mas a distância era de mais de três quilômetros, e não havia garantia nenhuma de que atingiria alguma coisa ou chamaria atenção. Munição era algo precioso. Ela viu uma barbatana emergir e afundar sob as ondas.

A árvore começou a balançar. Ela olhou para baixo. Owen estava subindo. Ele alcançou o primeiro nível de galhos, depois o segundo e então o terceiro. A velha Heather teria lhe dito que tomasse cuidado, mas àquela altura o garoto já não precisava mais desse tipo de conselho.

— Oi — disse ela.

— Está fazendo o quê? — perguntou ele.

— Só de olho.

— Que passarinho é aquele?

— Qual?

— Aquele perto do corvo na outra árvore.

— Ah, aquele ali. Sei lá. Algum tipo de ave de rapina. Algum tipo de falcão-peregrino australiano, talvez. Ó, olha pelo binóculo. — Ela passou o binóculo para ele e voltou ao seu momento de contemplação.

Agora era Olivia que estava na base da árvore.

— Posso subir?

— Claro.

Olivia escalou o eucalipto e se sentou no galho ao lado de Owen.

Heather mudou de posição e olhou na direção da fazenda. Não conseguia vê-la dali, mas dava para avistar uma linha escura de fumaça vindo daquelas partes.

— O passarinho tem umas penas vermelhas na parte da frente, o que será que é? — perguntou Owen e devolveu o binóculo.

— Puxa, Owen, não tenho ideia. Que erro não ter trazido um guia de aves australianas para cá. Não sei por que não pensei nisso —

respondeu ela e ajustou o foco. — Algum tipo de milhafre, talvez?

— O papai saberia?

— Ele sabia tudo.

— Ele não sabia nada de pássaros — disse Olivia.

— Tenho que ir no banheiro. Fazer o número dois — informou Owen.

Heather sabia qual era o problema.

— Usa grama. Acho que foi isso que a humanidade fez por duzentos mil anos antes da invenção do papel higiênico.

Ele saiu por dois minutos. Quando subiu de volta na árvore, acenou com a cabeça para ela.

— Até que foi de boa. Mas agora estou com fome.

— Não dá para pegar ovos durante o dia. E aquela cobra? Você acha que dá para comer? — perguntou Heather.

— Ela é venenosa! — disse Olivia.

— Não, ela é peçonhenta, não venenosa! Que burra! — disse Owen.

— Não fala assim com a sua irmã.

— Ele que é burro!

— Pede desculpa, Olivia.

— Só se ele pedir primeiro.

Normalmente, isso poderia se estender por quinze minutos, mas hoje Owen simplesmente disse:

— Desculpa, eu não estava falando sério.

E Olivia respondeu:

— Desculpa, eu também não.

Pareciam até duas crianças de comercial de margarina.

— É cruel pensar que elas voam tanto para chegar aqui só para a gente ir lá e comer os ovos — disse Owen.

— Vamos arranjar outra coisa, então.

Heather analisou o horizonte. Sabia que, em algum momento, os O'Neill voltariam a procurá-los. Acontece que, sem cachorros e com pouco combustível nos veículos, eles talvez não se movimentassem mais tão rápido. E havia também uma possibilidade de começarem a passar mal naquela manhã por causa do poço envenenado.

— Você aprendeu tudo sobre pássaros naquele lugar em que cresceu? — perguntou Olivia.

— Na ilha de Goose. É, acho que sim.

— Por que você saiu de lá?

— Hum... Acho que só cheguei naquele ponto em que os nossos pais mudam e, de repente, passam a estar sempre errados em vez de sempre certos.

Olivia fez que sim, desceu da árvore e foi vagar perto do ônibus em ruínas

— Isso nunca vai acontecer comigo porque não tenho pai nem mãe

— disse Owen.

Heather engoliu em seco.

— Owen...

— Gente, olha o que eu achei — anunciou Olivia. Era um espelho retrovisor do ônibus. — É útil, né?

— Claro que é! Dá para fazer sinal pedindo ajuda para algum avião que passar. É só refletir o sol assim, ó — falou Owen.

Ele desceu da árvore e pegou o objeto.

— Ô, fui eu que achei — disse Olivia, puxando o espelho de volta.

— Posso ver? — perguntou Heather.

Olivia se aproximou, ficou na ponta dos pés e o entregou a ela. De relance, Heather viu seu reflexo. Seu rosto bronzeado estava imundo de sangue e terra. O cabelo, todo cheio de nós e bagunçado. Os olhos pareciam fundos, e sua pálpebra direita estava inchada. Havia um hematoma amarelado na testa, um corte embaixo da sobrancelha esquerda e outro corte na bochecha, do qual ela nem sequer se lembrava.

— Meu Deus, eu estou horrível — disse ela.

Rindo, devolveu o espelho para Olivia.

— Meu Deus, olha para mim — disse a garota, toda queimada de sol, com o cabelo cheio de nós e os olhos vermelhos.

— Me deixa me ver — pediu Owen.

As queimaduras de sol também não haviam valorizado muito a aparência do garoto.

— Como foi que tudo isso aconteceu? Como foi que a gente ficou tão... perdido? — perguntou Olivia baixinho, sentando-se no chão.

— A gente não está perdido. Sabemos que lugar é esse — disse Owen.

— Você entendeu.

Heather desceu da árvore.

— A gente veio para o outro lado do mundo, dirigiu rápido demais e atropelou uma mulher. Simples assim — disse com gentileza.

— É — concordou Olivia.

Heather se sentou e passou os braços pela cintura da garota. Owen se sentou, e Heather o envolveu com os braços também.

— A gente não está perdido de verdade, não é? — perguntou Olivia.

— Não — respondeu Heather.

Antes talvez estivessem, mas agora não mais. Eles conheciam aquele lugar. Aquele estranho continente sem neve alguma, mesmo que fosse fevereiro. E toda aquela imensidão alaranjada. E a vermelhidão sem fim.

— Você passou a vida inteira no estuário de Puget? — perguntou Olivia.

— Na verdade, eu nasci no Kansas — respondeu Heather.

— Onde no Kansas?

— Num lugar chamado Forte Riley. Não me lembro muito de lá. A gente se mudou quando eu era pequena.

— Que tipo de forte era? — perguntou Owen.

— Era um forte do Exército, um complexo enorme. O meu pai e a minha mãe eram militares.

— Você foi militar também? — quis saber Owen.

— Não.

— Que empregos você teve? — perguntou Olivia.

— Depois que saí da ilha de Goose, fiz algumas coisas. Fui garçonzete. Trabalhei na recepção de um hospital de veteranos. Tentei ser cantora. Li o futuro usando I Ching no mercado de Pike Place. Fiquei sem teto por um tempo. Aí, com a ajuda de uma amiga, fiz um curso de massoterapia. Foi assim que conheci o pai de vocês.

— E como é que você foi parar na ilha de Goose, para começo de conversa?

— Depois que o meu pai voltou da guerra, ele passou por poucas e boas. Todo o sistema de tratamento para doenças mentais dos hospitais de veteranos é um labirinto... Enfim, a minha mãe conhecia o estuário muito bem. Ela nasceu em Neah Bay. Sabem onde fica?

— Não — respondeu Olivia.

— Sabem as montanhas que dá para ver lá de casa?

— Lá em Seattle? — perguntou a garota, como se aquele agora fosse um lugar imaginário.

— Isso. Então, aquele é o Parque Nacional Olympic; mais para trás, bem na fronteira dos Estados Unidos, fica uma região chamada Neah Bay, que é de onde a minha mãe vem. É uma reserva do povo makah. Depois que os pais dela se separaram, a minha mãe continuou lá por um tempo. Quando fez 18 anos, ela entrou no Exército e foi assim que conheceu o meu pai. Depois da guerra, um monte de veteranos estava saindo do Exército e indo para o litoral noroeste. Muitos dessa gente tinham problemas, e a minha mãe conhecia muito bem a comunidade da ilha de Goose, onde todo mundo ia poder meio que se curar junto. Para o meu pai pareceu bom, então a gente se mudou, e foi basicamente lá que eu cresci.

— E você gostava?

— Ah-hã. Era tudo o que eu conhecia. Mas, como eu disse, quando era adolescente, já sabia que tinha que dar o fora de lá. Eu precisava ver o mundo. Não podia ficar lá para sempre.

— E agora você viu o mundo. Sabe que o mundo é, tipo, uma merda — disse Owen.

Heather riu. E então Olivia riu. E então até Owen riu.

O sol continuava subindo sobre o litoral, sobre a ilha, sobre as

outras ilhas, sobre o continente. Ele tinha prática nisso. Fazia milhões de anos que desempenhava essa mesma função.

— Dá uma olhada no meu braço? — pediu Olivia.

— É uma mordida de mosquito. Não coça — disse Heather.

Parecia pior que uma mordida de mosquito. Parecia ter sido obra de alguma varejeira. Talvez virasse berne em um ou dois dias, mas não havia motivo para preocupar Olivia com essas coisas agora.

Ela limpou o ferimento com a camiseta da Universidade de Leiden, fez carinho na cabeça de Olivia e, com aquela voz que mães usavam havia dez mil gerações, disse:

— Calma, meu amor, vai ficar tudo bem.

— Onde a gente vai morar quando voltar para os Estados Unidos? — perguntou Owen.

— A gente pode ir morar com o vovô John e a vovó Bess. Você não precisa cuidar da gente se não quiser — disse Olivia para Heather.

— Vocês querem que eu continue cuidando de vocês?

— Você quer?

— Muito — respondeu Heather.

Olivia sorriu, e então Owen sorriu.

— Quero visitar o vovô John, mas morar com eles não — disse o garoto.

— A gente pode fazer o que quiser — comentou Heather.

— Vamos lá embaixo dar uma olhada naquele troço — falou Owen.

E as crianças desceram para brincar perto das ruínas do ônibus.

Heather ficou observando os dois.

O dia estava lindo. A grama dançava ao vento. O céu azul como seda. Garças rosa sobre o mar espelhado.

— Ah, não! — disse Owen.

— “Ah, não” o quê? — gritou Heather.

— Achei outra daquelas armadilhas de raposa atrás do ônibus.

— Não chega perto!

Heather se aproximou para dar uma olhada. Era outra armadilha com aparência maligna como aquela em que quase pisaram no campo de tiro, toda vermelha de ferrugem e cheia de presas. Ela ficou tentada a desarmá-la com um graveto, mas pensou melhor. Se passassem outra noite presos ali, talvez aquilo descolasse para eles uma ovelha ou um coelho. Ela não tinha visto nenhum coelho ou ovelha fora da fazenda, mas nunca se sabe.

Heather contou o plano para as crianças e depois marcou a armadilha usando galhos com pedaços de tecido arrancado da sua camiseta.

— Está proibido chegar perto da traseira do ônibus! — disse ela.

Fez uma varredura pela montanha para ver se encontrava mais alguma.

Quando terminou, Heather voltou a ligar o walkie-talkie. A bateria agora contava com apenas um tracinho.

— O meu nome é Heather Baxter. Precisamos da polícia. Estamos presos na ilha Holandesa, na costa de Victoria...

Ela repetiu a mensagem em todos os canais enquanto a luz da bateria ficava mais fraca.

De repente, no canal dois, uma voz atravessou a estática.

— Heather, é você?

— Sou eu. Quem é?

— Heather, é o Matt. Que caralho você fez?

— Como assim, Matt?

— Está todo mundo passando mal aqui, Heather. Diarreia, e tem gente vomitando! O Hans! Meu Deus, Heather! Você envenenou o poço!

— Pelo visto hoje ninguém vem atrás da gente, não é?

— Você atirou no Blue! Ele era um bom cachorro. Meu Deus. E os outros cachorros! E a merda do gerador!

— Vou dizer uma coisa para você: é só trazer a balsa e deixar a gente voltar para o continente que os seus problemas vão acabar!

— Engraçado. Só que os nossos problemas não vão acabar... Você vai procurar a polícia!

— Vou ficar de bico fechado.

— Merda, você nem sabe, não é? — disse Matt.

— Não sei o quê?

— A gente estava tentando chegar num acordo com a merda do Tom quando começou todo aquele caos ontem à noite.

— Que história é essa?

— Como assim “que história é essa”?

— Você falou que estava tentando fazer um acordo com o Tom.

— Deus do céu, você não sabe *mesmo*, não é? A Gillian é enfermeira, ela... Deus do céu. Espera aí.

Heather fechou os olhos. Ela balançou, então recuperou o equilíbrio.

O que é que ele... Ele deve estar...

Ela estava toda gelada. Fria feito um cadáver.

— Heather... não estou entendendo. Você atacou a fazenda quando eu estava tentando chegar a um acordo. O que você andou fazendo?

A voz no rádio. Puta merda. Era Tom.

Seu velho amigo, o corvo de olhos amarelos, encarava-a enquanto o mundo girava até voltar ao foco.

Ela devia ter desmaiado.

Nunca tinha desmaiado na vida.

As pessoas só desmaiavam em livros com personagens chamados Darcy e Rochester. Ninguém desmaiava no mundo real.

— Heather!

O que estava acontec... Ai. Meu. Deus. Ela pegou o walkie-talkie.

— Tom? É você?

— Heather?

— Estou aqui.

— Estou aqui também.

— Como?

— Eles me salvaram. A Gillian me salvou...

— Como é que você...

— Gillian. Ela é enfermeira. Heather, escuta, está difícil falar. Acho que fiz um acordo.

— Um acordo? Quê? Tom... Como você confia neles depois de tudo isso?

— A gente precisa, Heather... única chance de sair vivo... não dá para falar... vou devolver o walkie-talkie para o Matt.

— Não!

Estática.

— Tom? Tom!

— É o Matt de novo. Heather, está me ouvindo?

— Estou.

— O Tom está péssimo. Não consegue falar por muito tempo. Ele está com pneumotórax.

— Ele está vivo? É impossível! Eu vi quando ele foi esfaqueado!

— Você viu que ele levou uma facada na lateral do corpo. Mas a Gillian salvou o seu marido. Toda estação remota na Austrália tem suprimentos médicos de emergência. A pequena Niamh encontrou ele

ainda respirando. A Gillian era enfermeira. A gente costurou do melhor jeito que deu. A Gillian disse que parecia um açougue. Ele está com pneumotórax e provavelmente danos no fígado. Precisa ir para o hospital, Heather. Ele está mal.

Heather começou a chorar.

— As crianças não sabem que ele está vivo. Vou chamar os dois.

— Primeiro me escuta, Heather. A gente fez um acordo. Apesar de tudo o que você fez. Na verdade, vou deixar o Tom explicar.

Mais estática antes de um Tom com a voz fraca voltar ao rádio.

— As crianças estão bem?

— Estão.

— Você está bem?

— Estou, Tom, estou bem!

— Meu Deus... acho que a gente precisa... confiar neles. Vai dar certo — disse Tom e então teve um acesso de tosse.

Matt voltou.

— Ele perdeu muito sangue. Precisa de cirurgia e de transfusão de sangue. A gente tem que ser rápido, Heather. Vocês vão voltar para a fazenda. Você vai comigo no banco, pegamos o dinheiro, aí a gente volta para cá e deixa vocês irem embora. Esse é o novo acordo. Já está resolvido. O Tom concordou.

Parecia tão razoável.

Mas essa gente era louca.

As coisas que fizeram... Coisas insanas, horrorosas, terríveis e sádicas.

— Vocês estavam nos caçando. Iam matar a gente! — disse Heather.

— A gente estava tentando encontrar vocês! Por que acha que trouxemos os cachorros? — disse Matt.

— Vocês mataram a Petra!

— Não, ela atacou os cachorros e eles começaram a destruí-la — disse Matt. — A gente tentou atirar neles, mas o Ivan acertou as costas dela. Pensa bem, Heather. Quem é o vilão dessa história? Vocês vieram para a nossa casa. Mataram a Ellen. Você atacou a nossa fazenda. Atirou nos nossos cachorros. Ninguém consegue achar o Jacko e agora você está com essa merda dessa carabina. Quer me explicar?

— Não.

— Os vilões são vocês! Nós estávamos cuidando da nossa própria vida, vivendo tranquilos, e aí vocês chegaram. A minha família não fez nada com a sua. E você transformou a nossa vida numa bagunça.

— O Jacko ia me estuprar.

— Bom, mas o Jacko não está mais entre nós, né? Então, Heather, qual vai ser? Quer sair viva dessa?

Parecia quase plausível. Tom tinha matado Ellen. Ela havia tentado acobertar tudo.

Mas não fazia nenhum... Não.

— Hans, o que vocês fizeram com o Hans...

— É, eu sei — disse Matt. — Merda. Foi tudo coisa do doido do Jacko. O Ivan e o Jacko tentaram fazer o cara falar. É loucura, eu sei. Olha, tem algumas facções diferentes aqui, Heather. É complicado. Estou tentando achar o melhor caminho para nós e para a sua família... O Tom quer falar com as crianças. Dá para passar para elas?

Agora Heather estava chorando de verdade. Owen e Olivia estavam sentados na cabine das ruínas do ônibus olhando para ela.

— Venham aqui! Vocês dois!

Eles correram. Ela teve que se segurar para não vomitar. Precisava manter a voz firme.

— É o pai de vocês. Ele está vivo — disse Heather e entregou o walkie-talkie para Olivia.

As crianças ouviram enquanto Tom falava.

Heather se afastou. Para dar espaço a eles. Aquilo era coisa de família. Uma conversa particular. Não tinha nada a ver com ela.

Ela se sentou à sombra do eucalipto mais distante, numa raiz retorcida tão escurecida e polida por sucessivos incêndios que quase parecia um espelho.

A chuva da noite passada havia mudado aquela montanha.

Flores nasciam pela grama. Flores vermelhas, azuis e amarelas. De que espécie ela não sabia, mas havia passarinhos voando por todo canto, comendo o pólen.

— Heather! Heather!

Era Olivia chamando. Ela voltou até os dois irmãos.

— Estou aqui.

— O Matt quer falar com você — disse a garota.

Ela fez que sim e pegou o walkie-talkie.

— Matt?

— A gente tem que resolver isso hoje. Agora. Onde você está, Heather?

— Ao norte de... algum lugar.

— Vocês conseguem vir andando até a fazenda?

— ã-hã.

— As crianças estão bem o bastante para andar ou é melhor a gente levar um carro para elas?

— As crianças estão bem.

— Beleza, então traz os dois para cá. Vem com as mãos para cima. A gente se vê daqui a pouco.

A cabeça dela latejava.

— Não.

— Não o quê?

— Não vou fazer isso. Vocês mataram a Petra, torturaram o Hans. Estão apontando uma arma para o Tom, e eu não confio em você, Matt.

— Você vai estragar tudo *de novo*, Heather.

— Eu quero... quero...

— Quer o quê?

— Quero falar com o Tom pessoalmente. Quero que ele me diga que posso confiar em você.

— Aí não, parceira. Já está tudo acertado. Acabou. Vem para a fazenda.

— *Esse* acordo eu não faço. O Tom está sendo coagido. Não sei com o que ele está sendo ameaçado. Tenho duas condições. Primeira: quero falar com o Tom pessoalmente, *sozinha*, sem ninguém em volta, antes de concordar em fazer todo mundo aqui se render. Segunda: eu fico aqui como refém, não as crianças. Eu. O Tom leva as crianças quando for pegar o dinheiro. As crianças saem da ilha com ele para nunca mais voltar. Quando o Tom voltar com o dinheiro, aí vocês me soltam.

Matt demorou um bom tempo antes de voltar para o walkie-talkie.

— Concordamos com a segunda condição. Tom pode levar as crianças para Melbourne contanto que você fique de refém. Mas não temos como aceitar a primeira. Não podemos tirar o Tom daqui.

— Tenho que me encontrar com ele, preciso falar com ele, saber que ele está seguro. Preciso que ele me convença a confiar em vocês depois de tudo o que eu vi — insistiu Heather.

Houve outra longa pausa antes de Matt voltar.

— Tá bom. É o seguinte: a nordeste da fazenda tem uma área de charneca queimada. O mato foi completamente incinerado. Não tem lugar para ninguém se esconder. Tem um eucalipto morto e todo preto lá.

— Eu sei onde é — disse Heather.

— Você encontra o Tom lá. Vamos deixar tudo preparado para isso acontecer hoje mais tarde. Às seis da tarde.

— Estarei lá — disse Heather.

Depois de pendurar a Lee-Enfield no ombro, Heather deu o binóculo para Owen e o cantil para Olivia.

Segurou a mão das crianças e foram juntas para o sul através do caniço-branco, da triodia, do capim-canguru e do capim-treme-treme.

Ela já não sentia mais as folhas afiadas e os cardos.

Não sentia mais nada.

Nem as moscas.

Nem o calor.

Ninguém falava.

Estavam indo fazer um acordo. Era o melhor acordo possível. Ela queria as crianças fora da ilha.

Ficaria aqui.

Danny e talvez alguns dos outros tentassem estuprá-la. Matt talvez tentasse impedi-los, mas ele era apenas um cunhado, não um irmão.

Tom teria noção disso. Ele era um homem bom, um homem de bem, mas estava desesperado.

Cada passo a levava para mais perto do horror.

Ela vasculhou o cérebro em busca de alternativas.

Mas não havia nenhuma.

Um milagre tinha acontecido. Tom, que ela vira ser assassinado, estava vivo!

Ele era o homem mais inteligente que ela já havia conhecido. E, se ele havia confiado naquela gente, então ela devia confiar também.

Continuaram andando em silêncio.

O sol iria se pôr dali a uma hora, mais ou menos.

Estavam chegando perto agora.

Ainda não dava para ver a fazenda em si, já que ela ficava no vale entre dois morros, mas era possível avistar um fio branco de fumaça. Deviam estar fervendo água para beber.

Isso a fez sorrir.

Apesar do que Matt disse, ficou feliz por ela e Hans terem causado inconvenientes para aquela família. Eles mereciam. E o plano deu

certo. Fez com que passassem mal, matou seus cachorros e destruiu o combustível. Se continuasse com uma série de ataques que transformasse a vida deles num inferno, talvez lhe dessem acesso à balsa só para se livrar dela.

Talvez.

Chegaram ao alto do morro e já conseguiam ver, no outro morro, o eucalipto morto cercado pela terra queimada.

— Então é isso — disse, sorrindo para as crianças. — Vocês vão ver o pai de vocês e voltar para casa.

— O que vai acontecer com você? — perguntou Olivia.

— Vamos fazer uma troca. Vou ficar aqui como... hum... refém, acho. Quando vocês voltarem para a cidade, o Tom vai dar o dinheiro para eles e aí vão me soltar.

— E a gente vai confiar nessa gente? — perguntou Olivia.

— Vai. O seu pai acha que vai dar certo. Eles salvaram a vida dele.

Owen meneou a cabeça e se sentou na grama.

— Vamos, Owen.

— Senta, por favor — pediu o garoto.

Ele olhava com ar sério para Heather. Era um olhar determinado. Durante esse um ano em que o conhecia, nunca o tinha visto com um olhar tão firme.

— O que foi, Owen?

— Senta, por favor... Se a gente ficar de pé aqui por muito tempo, eles vão ver.

— Tá bom.

Ela e Olivia se sentaram no mato alto.

— Não quero que você faça esse acordo — disse Owen.

— Eu também não quero, mas é o único jeito de conseguirmos o seu pai de volta.

Ele estava com dificuldade para encontrar as palavras certas.

Ela esperou.

— Eu... quero ficar com você. Não quero o meu pai de volta — disse Owen.

— Que história é essa? — perguntou Heather.

— Você sabe do muro que construo na minha cabeça com tijolos do *Minecraft*. E eu escondo coisas lá para nunca mais ver nem pensar nelas.

— Sei.

— Às vezes eu me escondo atrás do muro, e às vezes escondo coisas que nunca mais quero ver na vida.

— Ã-hã.

— E, se o muro for grosso e alto o bastante, dá até para esquecer as coisas que estão lá atrás.

— Está tudo bem, Owen, é uma forma de lidar com traumas. Você e

a sua irmã passaram por poucas e boas nesse último ano. Só Deus sabe...

— Não. Você não está me entendendo. Nenhuma de vocês está. Vocês não sabem o que tem atrás do muro. Nem eu sabia, na real. Enfim, eu não queria pensar nisso. Mas a minha mente tem andado muito clara nesses últimos dias. Pelo menos desde que a gente conseguiu água.

— Ah, que bom, Owen, é...

— Por favor, só me escuta. O que foi que o meu pai contou do que aconteceu com a mamãe? — perguntou Owen.

— Que foi um acidente, só isso. A sua mãe era uma mulher muito corajosa. Todos aqueles anos com esclerose múltipla. E aí, quando ela começou a piorar... continuou cuidando de vocês, trabalhando. Ela parece ter sido uma pessoa maravilhosa.

— O que foi *exatamente* que ele contou sobre o acidente?

Heather voltou a se sentir gelada.

— O mesmo que ele contou para todo mundo. Que encontrou a sua mãe. Que ela caiu da escada. Que andava meio sem equilíbrio.

— Ele deixou de fora a parte da bebida?

Heather fez que sim.

— Deixou... Quer dizer, não, depois de um tempo, ele acabou me contando a verdade. Mas eu não culpo a sua mãe. Eu beberia também se fosse diagnosticada com algo assim. A culpa não é dela. Ela foi uma boa mãe e só estava tentando lidar com a situação.

— A mamãe não bebia. Não desse jeito. E ela também não se suicidou.

— Eu sei, meu amor! São só boatos. As pessoas têm mania de dizer coisas horríveis.

— Foi ele que disse essas coisas horríveis. Ele que começou esses boatos. Ele queria que as pessoas achassem que ela bebia demais e que era suicida.

— Não, isso é... — começou Heather, mas Owen a interrompeu:

— A mamãe não era assim. Foi ele...

— Ele o quê? — perguntou Olivia.

— Todos esses boatos de que ela talvez tenha se matado ou de que estava bêbada... é tudo mentira, o meu pai que inventou.

— O Tom não faria uma coisa dessas — disse Heather.

Owen pegou a mão de Heather.

— Eu estava lá — falou ele.

— Quando?

— Bloqueei tudo com o meu muro. Um muro grande. O maior de todos. E acho que o diazepam ajudava também.

— O que foi que aconteceu, Owen? — perguntou Olivia.

— Ainda não está totalmente claro, mas está voltando... Era para eu

estar na educação física. Só que eu odeio educação física e tinha conseguido um atestado da enfermeira para ser liberado da aula, aí fui para casa. São só cinco minutos andando da escola.

— Você estava lá? — perguntou Olivia, chocada.

Owen acenou positivamente com a cabeça.

— Acho que sim. Não, eu *sei* que estava. Eu estava lá. A mamãe e o papai não estavam em casa quando eu cheguei, e não era o dia da Maria, então ninguém sabia que eu tinha voltado. Eu estava no quarto jogando *Mario Kart* quando ouvi o papai e a mamãe chegando. Eu não queria que ele soubesse que eu estava matando aula, então me escondi.

Olivia meneava a cabeça.

— É verdade! — insistiu Owen. — O papai e a mamãe estavam brigando por algum motivo. Ela foi lá para cima. Levou o maior tempão para subir as escadas. Ela estava chorando. Eu ia sair do quarto para dar um abraço nela, mas o meu pai veio atrás dela. Era ele que estava bebendo. Foi o copo de uísque dele que encontraram no pé da escada.

— O que foi que aconteceu, Owen? — perguntou Olivia.

— A mamãe descobriu sobre uma mulher aí com quem o papai estava saindo. Eles estavam brigando. Ela estava muito brava. Falou que daquela vez era sério. Que a mulher nova era a gota d'água. Que, quando se separassem, ele não ia ficar com nada. Que ia acabar com ele. Que contaria para o vovô, e o vovô daria um jeito nele...

Heather deu um abraço em Owen quando ele começou a chorar. Olivia segurou as mãos do irmão.

— O que foi que aconteceu, Owen? — perguntou Olivia.

— Acho que a mamãe falou que ele ia ter que devolver o dinheiro que o vovô deu para ele fazer faculdade de medicina. O papai ficava rindo dela. Eu estava espiando pela porta do quarto. Ela foi bater nele, mas se desequilibrou e caiu da escada. Eu vi tudo.

— Ai, meu Deus — disse Olivia.

Heather meneava a cabeça.

— O Tom não estava em casa...

— Estava, sim! E ele é médico, poderia ter salvado ela, eu acho, mas nem tentou. Só ficou lá olhando para ela. Não ajudou. E eu também não. Me escondi. Não ajudei a minha mãe. Não falei nada. Fiquei lá escondido e construí o meu muro. E o papai falou que achou ela daquele jeito quando chegou em casa, mas é mentira. E depois a ambulância veio. E a Olivia chegou em casa. E eu consegui fingir que tinha acabado de chegar também. E o papai ligou para a vovó. E ela veio. E eles levaram a mamãe. E eu me escondi atrás do meu muro. E tudo virou um borrão. E eu consegui fingir que nada disso tinha acontecido.

Heather estava chorando.

Ela acreditava em Owen.

Tom não era culpado de homicídio doloso. Provavelmente nem culposo. Talvez pudesse ter feito alguma coisa para salvá-la; jamais teriam como saber. De onde estava escondido, era possível que Owen não tivesse conseguido ver o que Tom fez quando, enfim, desceu a escada. Talvez ela tenha morrido na hora. Talvez tudo o que Tom tenha feito de errado, no fim das contas, tenha sido mentir sobre o que aconteceu.

Mas mentir já bastava, e não ajudar também.

Sua primeira reação deve ter sido choque, mas depois uma emoção diferente deve ter aparecido. Se Judith morresse, muitos dos problemas dele estariam resolvidos.

Havia outro Tom nas entrelinhas do Tom em que Heather queria acreditar. Havia o Tom que não a deixava falar muito com os amigos dele nas festas, porque ela poderia envergonhá-lo. O Tom que às vezes era grosseiro com garçons. O Tom que carregava aquela raiva estranha, inexplicável e incandescente. O Tom que fazia questão de que Heather medicação Owen todo dia de manhã bem cedo para que o garoto não o incomodasse enquanto ele se arrumava para o trabalho.

Carolyn a havia alertado de que todo cirurgião era babaca. Mas não era só isso, era? Ficou chocada com a história de Owen, mas não surpresa, na verdade.

— Acho que já faz um ano que eu odeio ele. Vou odiar ele para sempre — disse Owen com uma voz distante.

Ela fez que sim e compreendeu algo que a andava incomodando.

Aquele acordo que ele afirmava ter feito com os O'Neill não fazia o menor sentido. Não depois de tudo o que aconteceu. O Tom que ela achava que conhecia teria percebido isso. Mas o Tom da história de Owen talvez se agarrasse a qualquer tábua de salvação, independentemente do custo.

Mesmo naquele primeiro acordo, ele quis levar Olivia e deixar Heather com Owen. Olivia era sua favorita. Se as coisas dessem errado, pelo menos ele estaria com ela. Será que esse era o plano? Que tipo de pai pensaria uma coisa dessas?

Tom.

Agora ela sabia disso.

Os três choravam.

Heather abraçou Owen o mais forte que pôde. E Olivia o abraçou também. Ficaram ali, sentados no mato, abraçando-se e chorando por quinze minutos.

Tiveram uma conversa sem dizer nada.

Heather sabia o que precisava fazer.

Ela secou as lágrimas e segurou a mão dos dois. Perguntou se eles

tinham certeza.

Eram só crianças, mas tinham certeza.

Não confiavam nele. Confiavam nela.

— Voltem para a caverna. Não estou gostando nada disso — disse Heather.

Ela os mandou de volta e, quando não dava mais para vê-los, rastejou pelo mato alto até chegar perto do lugar em que o incêndio florestal havia acabado. Era uma grande área de terra queimada, onde, bem no meio, ficava o eucalipto preto feito carvão. Uma árvore que tinha evoluído em meio ao fogo por milhões de anos e que parecia morta, mas cujo coração paciente continuava a bater.

Ela levou o binóculo aos olhos e viu Tom sentado numa cadeira de vime à sombra de um galho. Havia uma bolsa de soro caseiro pendurada num suporte improvisado ligado ao seu braço.

Ele estava segurando um walkie-talkie.

Mas havia alguma coisa...

Ele estava pálido e parecia morto, mas, quando Heather o analisou através do binóculo, viu que ele piscava.

Estava vivo. Era ele mesmo. Nenhum truque digno de *Um morto muito louco* por parte do clã O'Neill.

Mas *havia* alguma coisa errada.

Ela analisou o horizonte. Por todo o entorno da árvore, a vegetação tinha sido queimada, sem deixar nada além de terra vermelha. Parecia não haver nenhum lugar em que os O'Neill pudessem se esconder. Mesmo assim, ela se aproximou com cautela, de quatro, e farejando o ar como uma leoa enquanto ia até o limite do mato.

Heather pegou o walkie-talkie.

— Tom, você está sozinho aí? — sussurrou.

Tudo o que ouviu como resposta foi estática.

Ela rastejou um pouco mais para a frente e olhou de novo através do binóculo. Ele estava respirando. E os seus olhos pareciam suficientemente alertas.

Eram só alguns metros de grama queimada até onde Tom estava.

Os O'Neill haviam cumprido o prometido. Não estavam à vista, em lugar nenhum.

Ela tinha mais uma bala.

Em silêncio, carregou a .303 na carabina e pegou o walkie-talkie mais uma vez.

— Tom?

Sss.

— Tom?

Sss.

Ela tentou e tentou, mas tudo o que recebia em resposta era aquele longo e triste sussurro de estática que sibilava ao fundo havia treze

bilhões de anos.

Sssssssssssssssss, e então, do vazio, uma voz repentina e chocantemente clara disse:

— Heather, cadê você, parceira? A gente está esperando você e as crianças. O Tom ainda não falou que a barra está limpa. Vê se não vai pôr tudo a perder...

Ela abaixou o volume do walkie-talkie e rastejou para a direita, onde ficavam as últimas folhas afiadas de triodia.

Tom continuava sentado na mesma cadeira à sombra da árvore morta. Sua silhueta estava delineada pelo sol poente. Ele estava de roupão do hospital e chapéu de palha. E havia aquela bolsa de soro ligada ao seu braço.

Ele estava fazendo alguma coisa.

Mexendo no walkie-talkie.

Heather se preparou para ficar de pé e correr até ele.

Analizou o terreno uma última vez com o binóculo.

Será que havia algo de estranho?

Que nada, estava tudo...

Espera aí.

O que era aquilo?

Algo refletindo no chão queimado. No chão queimado, onde não deveria haver luz nenhuma.

O reflexo do sol numa arma de cobre? No cano de uma espingarda? Será que eles teriam tido tempo de se enfiar em trincheiras naquela paisagem carbonizada? Matt, Ivan e alguns dos outros?

Mas por que Tom não tinha avisado?

Tom saberia que era uma armadilha, ele iria...

Porque o walkie-talkie dele não tinha bateria!

Heather recuou de volta para o mato.

Suspirou.

Ah, Tom. Eu queria falar com você. Queria dizer que o acordo caiu por terra. Que as crianças fizeram uma escolha. E elas me escolheram. Confiavam que vou colocá-las em primeiro lugar, proteger e manter todo mundo em segurança. Elas ainda te amam, claro que amam, mas não confiam em você. Por causa da Judith. Por causa do que aconteceu na escada. E por causa do que aconteceu com a gente aqui na ilha.

Mas eu queria falar com você. Queria ouvir o seu lado da história. Queria que você falasse comigo com aquela voz de Tom. Queria que você me convencesse de que Owen entendeu tudo errado. Heather, você ficou louca? O Owen está errado. Eu encontrei a Judith daquele jeito. Cérebro de criança funciona diferente. Você conhece o Owen. Ele não vê as coisas como elas são. Ele não sabe o que aconteceu. Diz que eu estou errada; diz que eu também estava cega, Tom.

Eu caí no seu papinho. Você foi me ver pela primeira vez no dia 14 de

fevereiro. No Dia dos Namorados. Eu tinha me esquecido disso até pouco tempo atrás. A gente já tinha feito três sessões de massoterapia quando a Judith morreu. Quando você me conheceu, ela ainda estava viva. Depois da terceira sessão, a gente saiu para beber. Lembra? Eu falei que de jeito nenhum sairia com um cliente, mas você era tão engraçado e legal e insistiu tanto. “Só uma bebidinha aqui perto.” E depois você só voltou no fim de maio.

O acidente da Judith foi em 3 de março. Fui eu a mulher que a Judith descobriu? Ou havia outra também? Espero que não tenha sido eu, mas acho que pode ter sido. A Judith era esperta. Ela sentiu. Sabia o que estava acontecendo. Sabia que estava acontecendo de novo. Se a gente não tivesse se conhecido, talvez ela ainda estivesse viva.

Eu te conheço, Tom. Você vai negar, vai falar de como as pessoas se lembram das coisas de jeitos diferentes e vai mencionar aquele filme Rashomon, que eu ainda não vi, e vai ser até capaz de falar que eu sou nova demais para saber como o mundo funciona.

Ou talvez não. Talvez você se abra e conte tudo... E aí eu vou explicar que tenho que te deixar aqui e você vai entender. Vou dizer que eu sei que o Matt é um mentiroso, que não vai ter acordo nenhum e que o único jeito de salvar as crianças é deixando você para trás.

Mais lágrimas.

Lágrimas que lhe escorriam pelas bochechas e caíam na coroa da Lee-Enfield.

Ela pensou em Tom e então no pai. Iria se virar sem nenhum dos dois. Ficaria sozinha. E daria tudo certo.

Porque era esse o preço a pagar. Para manter as crianças a salvo, tinha que abandonar Tom.

O céu a oeste estava carmesim.

A noite vinha chegando.

Durante todo aquele tempo, Tom havia começado a ficar cada vez mais agitado. Tinha enfim entendido que haviam lhe dado um walkie-talkie quebrado.

Agora ele entendia.

Tinha de fato achado que os O'Neill os libertaria, mas, quando o levaram para lá, alguma coisa que Tom viu o fez entender que era uma armadilha.

Pelo binóculo, Heather viu que ele tentou se levantar, mas não conseguiu.

— Eles estão aqui! Corre, Heather! Pega as crianças e não para de correr! — gritou ele com seus pulmões em frangalhos, então despencou de volta na cadeira.

Dois dos homens escondidos na terra se levantaram imediatamente com espingardas. Dois outros continuaram em posição, mas se mexeram o suficiente para que Heather os localizasse.

Havia quatro deles em buracos ao redor da árvore, esperando-a em trincheiras previamente preparadas.

Muito esperto. Era ideia de Matt, sem dúvida.

Heather não correu.

Não moveu um músculo sequer.

— Obrigada, Tom — sussurrou.

Ela se deitou ao lado da carabina.

Os O'Neill estavam esperando para pegá-la numa armadilha.

Ela podia esperar também.

A paciência era sua arma.

Desligou o walkie-talkie e ficou ali deitada.

Finalmente, o grandalhão Ivan saiu da trincheira e acenou para os outros.

— Vou dar isso aqui por encerrado, rapazes — disse ele.

Eram quatro, exatamente como ela havia imaginado: Matt, Kate, Danny e Ivan.

Kate aproveitou a oportunidade para vomitar. Matt se curvou e teve ânsia de vômito.

— Piranha maldita! — xingou Kate.

Estavam todos com cara de doente. A água havia *mesmo* os intoxicado, e Heather ficou feliz de saber que eles tiveram que passar tanto tempo ali deitados mesmo passando tão mal.

Ivan foi até Tom. Ele carregava algo.

Seu plano B.

Era um galão de gasolina.

— É a sua última chance de fazer alguma coisa, Heather! — gritou em direção ao mato. — Seja lá qual for o seu plano, Heather, não vai dar certo. Vamos trazer mais cachorros amanhã. Vamos encontrar você.

— Nenhum policial veio atrás de vocês, Heather! Ninguém faz a menor ideia de que vocês estão aqui! A gente *vai* te pegar — disse Kate.

— Isso aqui é gasolina, Heather. Quer mesmo que eu faça isso ou vai desistir? Última chance!

Heather engoliu em seco.

— Tá bom. Então olha! — disse Ivan, enquanto despejava o combustível em Tom. Iam queimá-lo vivo na cadeira.

Ela só tinha mais uma bala. Não conseguiria matar todos os quatro.

Sabia o que precisava fazer.

Era terrível, mas não havia escolha.

Será que seria capaz? Arrancou a camiseta, enrolou-a no cano e a amarrou na boca da arma. Mirou.

O tecido não faria a menor diferença quanto ao barulho, mas ajudaria a disfarçar o brilho do disparo.

— Agora é sério, Danny — disse Ivan.

Danny acendeu um cigarro, deu uma tragada e o jogou em Tom. Houve uma grande bola de fogo amarela, mas, antes mesmo que Tom pudesse gritar, Heather atirou no coração dele.

O tiro ecoou pela clareira.

— Onde? — gritou Ivan.

— Alguém viu? — perguntou Matt.

Ninguém tinha visto.

Matt jogou uma coberta por cima do corpo para abafar as chamas.

A Hilux veio trazendo seu para-brisa com furos de bala e a caixa de câmbio vazando. Jogaram Tom na carroceria.

— Qual é o seu plano, Heather? — berrou Ivan. — Vamos trazer mais cachorros! Não apareceu nenhum policial atrás de vocês! Ninguém vai vir procurar aqui! Vocês nunca vão sair dessa ilha. Nunca!

— Isso aí! — disse Kate.

Entraram no Toyota e partiram.

Mesmo assim, ela esperou até que escurecesse por completo.

— Vocês quase me pegaram — sussurrou enquanto colocava a camiseta chamuscada e rasgada de Petra.

Ela voltou rastejando pelo mato. Agora eram ela e eles. Sairia da ilha ou morreria tentando. Quando estava a pouco menos de um quilômetro da caverna, virou para o sul a fim de pegar mais alguns ovos de pardela. A maré estava muito baixa. Seus tênis afundavam suavemente na areia molhada.

Aquela era a lua? Uma lua novinha em folha depois de toda aquela escuridão?

Era.

Uma bela lasca de lua branca, como uma foice, desafiadoramente de cabeça para baixo.

Ela pegou os ovos e partiu para casa.

Quando chegou à planície chamuscada, deu uma derradeira olhada para aquele morro com uma única árvore.

— Adeus, Tom.

A terra tinha ficado escura.

Um tique-taque profundo e sombrio em sincronia com as estrelas em rotação. Olivia estava sentada debaixo da folhagem dos eucaliptos. Eram folhas poeirentas, secas e feias, mas cada uma representava um engenhoso milagre que havia passado o dia convertendo luz em comida.

Pássaros voavam em V no céu.

O luar na água.

Ela pensou em Heather. Estava preocupada com ela. Tinha errado a respeito dela.

Ali, sentada na raiz, chorou. Chorou por si mesma e pela mãe. Chorou pelo pai.

No fim das contas, ele era o seu pai.

Mas era Heather quem daria um jeito de tirar os dois dali, não ele. Olivia sabia disso. Tinha que cuidar do seu irmão mais novo.

Na caverna, dava para ouvir Owen cozinhando a cobra no fogo. Não vai ter muita carne, ele tinha avisado. Era tudo ossudo e nojento. Mas tudo bem.

Olivia se levantou, espiou a escuridão e esperou por Heather.

Ou Heather voltaria, ou então seu pai, Matt e os outros viriam. Estava com saudades do pai. Ela o amava. Mas queria que fosse Heather. Sua mãe também iria querer que fosse Heather.

Voltou para a entrada da caverna. De olhos semicerrados, quase fechados, dava para ver desenhos nas paredes. Homens e mulheres de palitinho dançando com lanças. Iluminados pela luz do fogo de Owen, eles dançavam parados.

Os homens e as mulheres com lanças estavam atacando ou fugindo de um monstro de seis pernas.

Depois de um tempo, Heather apareceu na entrada da caverna.

Olivia a abraçou.

Fez uma pergunta sem dizer nada.

Heather fez que sim com a cabeça.

Heather a abraçou também e explicou o que havia acontecido.

Olivia chorou, Heather chorou, e elas ficaram abraçadas por um longo tempo.

— Olha o que eu achei — disse Olivia, fungando e mostrando os desenhos na caverna. — Algumas dessas imagens tem milhares de anos, mas outras devem ter sido feitas nos últimos cento e cinquenta. É um homem num cavalo ali, não é?

— Acho que é.

— Fizeram um registro da Linha Negra, do massacre.

— O que vocês estão fazendo aqui em cima? — gritou Owen. — Já está pronto, venham aqui.

Elas foram.

Tinha gosto de frango ou de ave de caça. Era gostoso. Combinava com os ovos.

Owen e Heather conversaram sobre programas de TV, filmes e música para se distrair.

Heather não falou mais nada a respeito de Tom. Owen já sabia.

Os três conversaram, comeram e beberam. Owen contou tudo sobre os vídeos do canal Tecnologia Primitiva no YouTube. Heather falou de como a maré estava baixa onde ficavam os ninhos de pardela, e Owen explicou que provavelmente era por causa da lua nova. Olivia e Owen conversaram sobre o dever de astronomia dele. Tudo parecia muito mais claro agora. Owen recitou os planetas e, desta vez, acertou. Fizeram tudo o que podiam para não mencionar Tom.

Mais tarde, Heather cantou para eles todas as músicas do *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*.

Estavam cansados e se ajeitaram para dormir um ao lado do outro, perto do fogo.

Heather pegou a carabina, acionou a trava de segurança e dormiu com a mão na coronha.

— Foi estranho olhar no espelho ontem — comentou Olivia. — Eu tinha esquecido como eu era.

— Sabia que, se olhar *bem* de perto, todo espelho parece um globo ocular?

Olivia pensou nisso e deu um sorriso.

— Gente, vou tentar dormir um pouco, tá? — disse Heather.

Olivia fez que sim, deitou-se e pensou na lua.

Fechou os olhos.

Começou a pairar à deriva para o sono.

Zodíaco, lua, mãe.

Ela se sentou de supetão.

— Owen! O seu dever de casa! A lua nova e a lua cheia! Não é quando a maré fica o mais baixo possível? — perguntou Olivia.

— É. Acho que é isso mesmo. A maré viva. Acontece duas vezes por

mês.

O rosto de Owen se iluminou. Ele viu aonde Olivia queria chegar. Chacoalhou Heather.

— O que foi? Está tudo bem? — perguntou ela.

— A gente sabe um jeito de sair daqui — disse Owen.

Lá naquelas terras ermas. Na sombra de Slemish.

Isso, repense. Em algum lugar daquelas montanhas altas, o monstro.

Fuja. Fuja da pobreza e da chuva. Pegue sua passagem e entre no grande barco. Construa uma vida em outra terra, do outro lado do mar. *Boa sorte, meu amor*, disseram eles. *Boa sorte, meu amor*, e foi isso.

Essa nova terra. Essa terra vazia. Essa terra que emanava sorte.

O monstro no seu encaixo.

Olha a minha idade, não preciso passar por isso. Essa coisa nos persegue. De baixo da sombra da montanha escura ela vem.

Sei tudo sobre ela. Conheço o seu significado. Morrigan, o corvo, a conhece também.

Esses vagabundos imprestáveis. Não fiquei doente. Água? Nunca que eu encostaria naquilo. E eu com essas pernas ruins. Eu me sairia melhor. Ela vai destruir tudo o que construí se eu não der um jeito nisso.

— Matty! Matty, lembra! Tenho um plano. Matthew, cadê você? Lembra e vem cá!

Ele, o único que não carregava a mácula daquele sangue.

— Que foi, mãe?

— Vem cá! O seu plano não deu certo, mas eu tenho uma ideia para a gente pegar essa vagabunda.

— Que ideia? — perguntou Matt, abrindo a porta.

— Vai ali na cômoda. Pega a cana. Os meus joelhos. Esses joelhos de merda. Quem é ela? Como foi que ela causou essa bagunça toda, Matthew?

— Não sei, mãe. O Tom disse que ela era massoterapeuta dele antes de se casarem.

— Ela não é do tipinho intelectual?

— Não, mãe.

— Mas o que é que ela tem, então? Tem cara de que qualquer ventinho forte já leva embora.

— Pois é. Eu pensei a mesma coisa.

— Ela teve sorte ou é esperta?

— Não sei.

A mãe tomou um gole da cana com satisfação. Era da boa. Tinha bem mais de 20 anos, mas descia redondo. E o gosto de alga a fazia se lembrar dos uísques irlandeses.

— Senta aqui do meu lado na cama, isso. Quer um pouco?

— Não, mãe.

— Às vezes fico pensando se a gente é feito de merda ou de luz. O que você acha, Matthew?

— Hum... Não sei, mãe.

— Não sabe. Tem muita coisa que você não sabe, não é, Matty? Mas eu sei. Sei muito mais do que você pensa. Sei que você, o Terry e a Kate andaram conversando de montar algum tipo de hotel para turistas aqui, Matthew.

— Uma pousada ecológica, mãe. Foi ideia do Terry. Está na moda hoje em dia. Teria dado certo. A gente podia ter trazido muito dinheiro para cá. Mudado o nome da ilha. Garantido o nosso futuro. O dinheiro está acabando. A gente precisa pensar nessas coisas.

— Eu sei disso! Mas sabe por que eu não achava essa ideia boa? Sabe por que eu não gosto de gente estranha vindo aqui na ilha?

— Por quê, mãe?

Ela deu uns tapinhas na perna dele, sorriu e soltou uma risadinha.

— Porque eu sabia que ela estava vindo. Bem no fundo dos meus ossos. Ela... Alguém como ela. A nossa vida aqui é boa. Abre a janela para mim, faz favor?

Matt se levantou e abriu a janela. O mato tinha um cheiro ocre, exaurido, tão cansado quanto ela. A canção da noite a envolvia. O mato era indiferente. Não ligava para o que acontecia com nenhum deles.

— A gente tem que tocar o barco, Matthew. Seguir em frente. Em direção ao passado, quando tudo era presa. As coisas podem voltar a ser como eram... pelo menos por um tempo. Entendeu?

— Na verdade, não, mãe.

— Só a gente, vivendo de um jeito simples. Nada de pousada ecológica, nada de estranhos. Eu sabia que ela viria e estragaria tudo. Ela ou alguém parecido. Sabe o que essazinha é, Matthew? O monstro. O *bunyip*. Ela vai destruir a gente a menos que a gente destrua ela. Temos que pegar ela.

— Mas como? — perguntou Matt.

— Quando eu era bem pequenininha e cheguei aqui, me perdi. E sabe como foi que o Terry me encontrou?

— Não.

— Senta que eu vou contar.

Matt saiu da fazenda montado em Pikey bem antes do amanhecer. Estava feliz por dar o fora dali. Não tinham água. Nem energia. E ninguém sabia o que fazer, a não ser ele e a mãe.

Heather estava lá em algum lugar.

Ele iria encontrá-la sem os cachorros.

Estava com sua confiável carabina .22, que usava para caçar animais de pequeno porte e que tinha fazia anos. Podia até não ser a arma mais mortal da ilha, mas gerava um coice fraco e era muito veloz. Matt nunca havia errado com ela, nunquinha.

Iria encontrá-la. Tinha que encontrá-la.

Ela era a coisa externa que ameaçava o estilo de vida de todos ali.

Cavalgou com Pikey para o sudeste sobre o capim-canguru em direção à prisão.

Chamou Rory. Estava muito enjoado e vomitou no banheiro externo do sujeito.

Rory não a tinha visto. O gerador não funcionava, então a bomba também não, por isso ele também não tinha eletricidade nem água.

— Se vir ela, atira — orientou Matt e cavalgou para a costa leste, onde a maré estava baixa.

O nascer do sol nesse lado da ilha era sempre bonito. Um vermelhão extraordinário. Mas não havia tempo para esperar o amanhecer.

— Heather? — tentou chamar pelo walkie-talkie.

Estática.

Cavalgou até o extremo sul, onde as pardelas faziam ninhos.

— Heather? — tentou de novo enquanto andava pela praia.

Estática.

Foi para o oeste, em direção à balsa, mas Kate, que estava vigiando os cais, não tinha visto nenhum sinal dela.

— Heather?

Estática.

Cavalgou para o noroeste até a praia com o manguezal.

— Heather?

Nada.

Cavalgou para o norte, onde a campina começava a ficar cheia de morros.

— Heather?

Estática e depois uma voz.

— Matt?

Ah... então era ali que ela estava se escondendo.

— Heather, por que é que você fez tudo isso com a gente? A gente não tem energia, nem combustível, nem água.

— Pelo visto, vocês vão ter que trazer a balsa para pegar suprimentos.

— Vamos vigiar a balsa como se fosse uma barcaça saindo de Fort Knox.

— Você quase me enganou, Matt. Até que você é inteligente, mas acho que não tanto quanto imagina.

— É uma pena, Heather. A gente podia ter feito um acordo. Sei que muitos de nós queriam.

— Vocês não teriam cumprido o combinado.

— Talvez sim, talvez não. Você não teve a chance de ver o nosso melhor lado. A gente está olhando para o futuro. A família está planejando um negócio de ecoturismo para daqui a alguns anos.

— Que pena.

— O Tom é que foi uma pena.

— E o Hans e a Petra.

— E o Hans e a Petra.

— E agora? — perguntou Heather.

— Eu que pergunto.

— Talvez a gente fique por aqui. Estamos gostando, eu e as crianças. Temos água. Comida. E vocês vão todos morrer em uma semana, mas com a gente está tudo ótimo.

— Papo furado.

— Nada. A Olivia estava colhendo margaridas hoje, e sabe o que ela encontrou?

— O quê?

— As margaridas, na verdade, são flores do iname. A gente encontrou iname. Crescendo solto. Por toda a ilha. Você sabia disso, por acaso?

— Não.

— Esse lugar é tão rico em comida. É só saber onde procurar. Centenas de aborígenes viviam aqui.

— Duvido.

— Então fica duvidando. Vamos ficar bem aqui no mato enquanto vocês apodrecem e morrem nos seus caixões de madeira.

— É tudo culpa sua — disse Matt com amargura.

— Ai, Matt, a gente já passou da fase da “culpa” faz tempo. Podemos ficar ou ir embora. Podemos atravessar a água voando, se a gente quiser. Os corvos vão nos levar.

— Parece que você está alucinando de sede.

— Ficar ou ir embora. Eu digo ficar. Temos uma missão. Os corvos vão nos ajudar nisso também.

— Que história é essa, Heather? Que missão?

— A nossa vida é permeada de tarefas profundas. Eu recebi ferro meteórico. Veio com instruções. Os dois últimos dias foram só o começo. Matar os cachorros. Destruir os seus combustíveis. Envenenar o poço. Explodir o gerador. Vou voltar toda noite. Vocês nunca vão me encontrar. Eu fui enviada para cá, Matthew. Fui enviada para cá para formar outra linha, uma que vai acabar com a sua. Para apagar vocês. Aniquilar vocês. Entendeu?

— Você não teria coragem.

— É melhor tirar as crianças daqui, porque eu vou expurgar essa ilha da presença dos O'Neill.

— Você ficou doida? Tomou água do mar?

— A gente está bem. Temos água fresca. Muita água fresca. A ilha é nossa agora. Podemos viver em qualquer lugar daqui, mas vocês estão presos. Presos numa ilha que é um barril de pólvora com uma mulher que tinha um pai atirador de elite que treinou a filha para também ser atiradora de elite.

— Mentira!

— Ah, ele ficou meio incerto quanto a me ensinar, é verdade, mas acabou me contando que foi a única coisa que ele aprendeu a fazer na vida. Eu sei limpar, mirar e disparar qualquer arma já feita. Consigo acertar um rato de esgoto na praia no pôr do sol. Consigo matar um coelho a um quilômetro de distância. Vocês estão mortos, Matt. Todos vocês. Só não sabem ainda.

O sinal de Heather agora vinha com muita clareza pelo walkie-talkie. Ela tinha que estar num raio de quatrocentos metros do local em que Matt cavalgava. Havia um amontoado de eucaliptos no alto de um morro a oeste. Havia notado a presença deles muitas vezes no passado, sem jamais se perguntar onde aquelas árvores grandes e velhas arrumavam água.

Muita água, foi o que ela disse.

— Aonde você quer chegar, Heather?

— A questão, Matt, é que está chegando a sua hora, a hora da mãe e dos outros. A polícia vai aparecer muito em breve para procurar a gente, vai nos achar, e vocês vão ser acusados de assassinato. Cada um de vocês. Até lá, vou transformar a vida de vocês num inferno.

— Está sugerindo um acordo?

— Deixa a balsa para a gente. Quero todo mundo na fazenda até a gente sair da ilha.

— E o que é que vamos ganhar com isso, Heather?

— Eu digo para a polícia que foi o Jacko que matou o Tom, a Petra e o Hans. E aí eu matei ele em legítima defesa.

— E o Danny?

— Não vamos mencionar o Danny.

Matt fez Pikey diminuir de um galope para um trote. Estava aproximando-se dos eucaliptos agora. O sol havia enfim nascido para mais um dia escaldante. Ele tirou a carabina do coldre de couro.

— Calma, garota — disse para Pikey.

Ele desmontou e amarrou a égua numa árvore.

Estava enjoado de novo. Sentiu ânsia de vômito, mas se recompôs. Apertou o botão do walkie-talkie.

— Vou ter que ver com a mãe — disse para Heather.

— Então vê.

— É o que eu vou fazer.

Andou entre as árvores e lá, em frente à entrada de uma caverna que ele nunca tinha visto, estava a menininha. Cavando atrás de inhames, como Heather disse.

Heather olhou para o rádio e esperou pela resposta de Matt. Talvez houvesse uma saída que não exigisse mais derramamento de sangue, que não colocasse a vida das crianças em risco por seguirem o plano de Olivia e Owen.

Matt era o mais inteligente e provavelmente o mais arrazoadado da família.

— Matt? — disse ela para o walkie-talkie.

Heather estava de guarda com a Lee-Enfield já fazia um tempo e não tinha percebido nada errado. Mas o silêncio agora era preocupante.

O que...

— Prontos ou não, aí vou eu! — disse Matt, não através do walkie-talkie, mas de algum lugar muito perto.

Heather se encolheu atrás do tronco de uma árvore.

Ai, meu Deus. Ele estava ali.

— Aparece, Heather! Peguei a sua garotinha. Estou apontando uma arma para ela. Aparece.

Como é que ele encontrou...

— É tão chato, não é? Contar três, dois, um. Mas é isso que eu vou fazer, Heather. Três, dois, um...

Heather saiu de trás do eucalipto.

— Estou aqui — disse.

Com a mão esquerda, Matt segurava Olivia pela nuca. Na direita, ele carregava a carabina apontada para a garota.

— Solta a arma ou a garota aqui vai conhecer Jesus mais cedo — disse Matt.

— Matt, não! A gente pode fazer um acordo.

— Ô, mas esse povinho dos Estados Unidos tem mania de fazer acordo. Solta agora ou ela morre!

Heather largou a Lee-Enfield.

— Muito esperta. Agora mãos para o alto.

Ela as levantou.

— Não dá para depender dos outros para fazerem as coisas direito mesmo — disse Matt com um sorriso debochado.

— Como foi que você encontrou a gente?

— O seu pai era militar e nunca ensinou sobre silêncio de rádio? Triangulação?

O queixo de Heather foi ao chão. Triangulação. Sim.

— Eu estava tentando me lembrar de tudo o que ele falava.

— Ah, parceira, você tinha que ver a sua cara. Frustrada que só.

Vem aqui, *devagar*.

Ela andou na direção dele.

Quando estava a uns cinco metros de distância, ele disse:

— Já está bom.

— Aqui?

— Mãos para o alto, por favor. É bom não inventar de bancar a heroína.

Heather ergueu as mãos.

— Cadê o menino? Não mente para mim.

— Dormindo ainda. Na caverna. A gente achou uma caverna.

— Ele que se prepare, porque vai acordar no susto. Mãos mais para o alto, por favor. E mais separadas.

Ela seguiu a ordem.

— Você não vai me capturar, não é? — perguntou.

Matt meneou a cabeça.

— Sabe de uma coisa? Você causa problemas demais, acho que assim vai ser melhor para todo mundo. A mãe diz que você é o *bunyip*.

— Fico ouvindo essa palavra o tempo todo. O que quer dizer?

— É um monstro da mitologia aborígene. Centenas de anos atrás, o *bunyip* era representado como um tipo de emu, mas, aos poucos, conforme os europeus e os seus totens foram entrando no Sonhar, o diabo, o *bunyip*, começou a ser representado como homens brancos a cavalo.

— Ah, entendi. Os monstros somos nós.

— Os monstros, de fato, somos nós. Você aprendeu, Heather. Não tem mais nada que a ilha possa te ensinar. Fecha os olhos.

Ele soltou Olivia e apontou para Heather. Apoiou a carabina no ombro e olhou através da mira.

E então atirou nela.

Tudo o que ela podia fazer era cair.

Era tão fácil cair.

Pessoas caíam todo dia. O planeta não queria que elas ficassem andando por aí. Queria-as perto. Queria que virassem parte dele.

Embaixo do eucalipto, ela caiu.

E, enquanto caía, viu o céu e o corvo e ouviu o estouro da carabina.

Uma marreta atingiu seu ombro. Bem onde aquele primeiro tiro começava a sarar.

Sua nuca bateu na raiz de uma árvore.

A dor a deixou sem fôlego.

Matt não a havia matado com o primeiro tiro, mas não importava.

Ele a tinha derrubado.

Ela estava caída, sem sua arma, e ele se aproximava com uma carabina.

Olivia tentou agarrar a perna dele, mas Matt a chutou com força para longe, e ela se encolheu em agonia.

Heather olhou para o ombro. O tiro parecia ter atravessado. Era só uma bala calibre .22, mas, por Deus, como doía. Pelo menos ela ainda conseguia sentir alguma coisa, o que significava que continuava viva.

— Ora, ora, ora — disse Matt. — Você fez a gente suar, não fez? Deu uma agitada nas coisas por aqui.

— Eu tentei... O que é que você vai fazer agora?

— Dar um fim em você, eu acho, e depois levar os pequenos — respondeu Matt.

— Eu te conheço, Matt. Você não é assim. Acha mesmo que é a coisa certa a fazer?

— Defender a minha família de intrusos que bagunçaram a nossa vida? Pode crer que é a coisa certa sim, parceira.

Mas ele devia estar atirando em vez de falando. É preciso foco para matar qualquer coisa, seja um coelho, um cervo ou um ser humano. O pai de Heather lhe ensinou isso. Ele matou onze homens no Iraque. Guardou uma lembrança profunda e multifacetada de cada um. Nunca

contou nada sobre cada morte. Mas às vezes ela o ouvia falar enquanto dormia ou ao telefone...

É preciso bloquear o mundo. É preciso ter foco. Matt não tinha. Ele parou para ver onde Olivia estava e ergueu o olhar quando Owen saiu da caverna.

O que lhe custou dois segundos.

Ela se deixou levar pela gravidade e deslizou da raiz grande e brilhosa do eucalipto em direção à grama. Atrapalhada, esforçou-se para se levantar e foi mancando para o velho ônibus escolar.

Despreocupado, Matt a seguiu. Ele também não estava lá muito bem, mas certamente andava mais rápido que ela.

— Aonde você pensa que vai, Heather? Está achando que vai ligar aquele ônibus e sair dirigindo?

Ele riu da própria piada.

Heather foi aos tropeços até a traseira do ônibus escolar e despencou no chão.

Não conseguia ir mais longe.

Matt deu um sorriso largo.

As crianças os seguiram. Ele apontou a arma para os irmãos.

— Não cheguem mais perto, vocês dois!

Eles pareciam apavorados.

Heather tentou chamar a atenção de Olivia. *Vai ficar tudo bem. Não. É sério. Eu não mentiria para vocês.*

Heather engatinhou para a esquerda.

Matt faria questão de acertar o tiro que a mataria.

Ele chegaria perto.

Iria direto para ela.

O ar da manhã estava pesado, doce e melado.

Havia borboletas. Uma garça. Um velho corvo.

O tempo passava devagar.

Ela sorriu para ele.

— Está sorrindo por quê? — disse Matt e foi direto para a armadilha de dingo.

Ele gritou e soltou a carabina quando as mandíbulas se fecharam no seu tornozelo.

Aquele teria sido o fim de Matt se a armadilha não fosse velha demais e estivesse com as molas enferrujadas. Não quebrou a perna dele nem perfurou uma artéria.

Ele ficou lá, de pé, gemendo e, então, com um rugido poderoso, conseguiu abrir o mecanismo.

— Merda! — gritou e tirou o pé da armadilha.

Escorria sangue do seu tornozelo.

Heather não parou para olhá-lo. Estava rastejando em direção à carabina.

— Nada disso! — disse Matt e avançou sobre ela.

Os blefes, as súplicas e a razão tinham acabado. Agora o jogo era outro. O jogo mais velho já inventado.

Matar ou morrer.

Ela lhe deu um soco nos rins. Ele estremeceu, deu uma cabeçada no nariz dela e o quebrou. A cabeçada doeu quase tanto quanto a bala .22.

Escorreu sangue da boca de Heather.

Matt estava em cima dela. Ele colocou suas patas enormes e carnudas ao redor do seu pescoço e apertou. Estava estrangulando-a com a força dos punhos. Aquilo era bom, pensou Heather, quando seu cérebro de massoterapeuta assumiu o controle inapropriadamente. Ele poderia matá-la sem forçar as costas. As crianças estavam se aproximando sem medo. Iam tentar atacá-lo com as próprias mãos. Estavam longe demais para ajudar. *Fujam, só fujam!*, ela queria dizer. Mas elas não eram mais do tipo que fugia.

— Eu devia ter feito isso no primeiro dia — rosnou Matt enquanto a enforcava.

O mundo ficou preto.

Ela não conseguia respirar.

Não conseguia pensar.

Como foi capaz de achar que água era tão importante quando a única coisa que importava era o ar?

A última coisa que ela veria era o rosto furioso e vermelho de Matt.

E até isso estava esvanecendo.

Dissolvendo-se numa imensidão branca.

Cinza.

Nada.

Mas havia uma esperança.

Precisava se lembrar de que era a mensageira.

A mensageira com o ferro meteórico.

Sim.

Sim...

Está ouvindo, Matt?

A mensagem há de vir.

Matt gritou quando Heather enfiou o canivete na sua coxa.

Ela o chutou para longe e rastejou até a carabina .22.

Não estava lá.

Onde?

Onde é que...

Owen estava apontando para a cabeça de Matt.

Matt se arrastava na direção dela.

— Chega — disse Owen.

— Você acha que sabe usar isso aí? — grunhiu Matt.

— A Heather ensinou.

— A gente sabe exatamente o que fazer — disse Olivia, apontando a Lee-Enfield para ele.

Não tinha como Matt saber que a Enfield estava descarregada e que Owen provavelmente não havia recarregado a .22.

Matt olhou para as carabinas e levantou as mãos.

— Relaxem, crianças. Não vou a lugar nenhum. E como é que eu iria? Ela me esfaqueou, e olhem para o meu tornozelo.

— Se ele sequer peidar na minha direção, atirem do jeito que eu ensinei. Vou pegar a porra do meu canivete de volta.

Heather puxou a faca da parte carnuda da coxa de Matt e a guardou no bolso. O tornozelo dele era uma maçaroca ensanguentada e o corte na coxa tinha sido supreendentemente fundo, mas ele sobreviveria.

Ela analisou o ferimento no ombro. Doía pra cacete, mas era uma bala de baixo calibre e não estava sangrando tanto assim. Ela também sobreviveria.

— E agora, vai fazer o quê? Me matar? — perguntou Matt.

— Olha, Matt — respondeu Heather. — Você encontrou o nosso esconderijo, então acho que o mais esperto seria te matar mesmo. Mas isso seria assassinato. E não é do nosso feitio. Vamos pegar um carro, dar o fora da ilha Holandesa e chamar a polícia.

— E depois vamos deixar uma avaliação *péssima* no TripAdvisor — disse Owen.

Amarraram as mãos dele nas costas com o cinto e o enfiaram dentro da caverna. Pegaram a carabina .22 e tomaram o caminho da fazenda.

Engatinharam através da grama até estarem a menos de meio quilômetro de distância.

O plano de Olivia e Owen era fazer isso à noite. Mas tinham como entrar em ação durante a maré baixa do dia também. Só seria mais perigoso.

Precisariam de uma distração.

O vento soprava com firmeza do oeste.

Heather arrancou dez folhas de capim-canguru e as posicionou no chão a mais ou menos um metro uma da outra. Pegou o isqueiro de Jacko e ateou fogo em cada montinho. As condições estavam perfeitas. O mato crescido depois da chuva, o combustível seco, o vento estável.

Pegou fogo rápido, e a chama correu para o leste, bem como deveria acontecer.

Fogo não era nada assustador. Era possível vê-lo trabalhando se ficassem a barlavento.

Por duas mil gerações, os povos indígenas usaram fogo como ferramenta para cuidar daquele mesmo terreno. O fogo se tornava inimigo apenas de quem não podia se mover.

De quem, por exemplo, tinha uma casa para defender.

— Vamos, crianças — disse Heather.

Correram para o sul e subiram um morrinho.

Apenas uma hora havia se passado desde o amanhecer, e o sol estava baixo no céu, mas tinha luz suficiente para que vissem o fogo alastrando-se pela vegetação rasteira em direção à fazenda da família O'Neill.

Alguém começou a gritar, e homens, mulheres e crianças começaram a seguir para o oeste do complexo. Deviam ter um gerador de emergência guardado em algum lugar, porque apareceram com uma mangueira contra incêndio que bombeava água do poço.

Ela não ficou tão decepcionada. Tentar apagar o fogo lhes daria outra coisa a fazer que não simplesmente abandonar o navio.

— Vamos indo — disse Heather.

Eles se mantiveram abaixados até se afastarem algumas centenas de metros e então se arrastaram.

Tinham ficado bons nisso.

Arrastaram-se até ficar a quinze metros do pátio da fazenda.

Vocês têm certeza de que vai dar certo, crianças?, Heather estava tentada a perguntar, mas ficou de boca fechada. Que escolha tinham?

Chegaram ao pátio e se esconderam atrás do grande celeiro. Estavam todos lá fora, lutando contra o fogo. E não havia nenhum cachorro para denunciá-los.

— O que a gente faz se estiver trancado? — perguntou Owen.

Heather mordeu o lábio. Nenhum outro carro serviria. Tinha que ser aquele Porsche Cayenne ridículo com o snorkel grande e ao mesmo tempo feio e lindo.

Ela forçou a maçaneta.

A porta se abriu. Esse veículo em particular tinha uma chave e um botão para ligar. A chave funcionava via Wi-Fi, por aproximação. Se a chave estivesse no carro, só precisariam pisar no freio e apertar o botão.

As crianças entraram. Ela pisou no freio e apertou o botão.

Nada aconteceu. Apertou de novo. Nada. Uma terceira vez... Nada. Ela procurou pelo carro, mas não havia nem sinal da chave.

— A chave deve estar dentro da casa. Esperem aqui, fiquem abaixados e deixem a porta fechada. Volto em um segundo — disse Heather. Entregou a .22 de Matt para Olivia. — Acho que ainda tem duas balas aqui. Fiquem no carro. Se alguém tentar arrastar vocês para fora, atira.

Olivia fez que sim.

— Vou atirar.

Heather fechou a porta do motorista, pegou a Lee-Enfield descarregada e correu até a casa. Estavam todos do lado de fora resolvendo o incêndio. Onde é que guardariam uma chave? Ela procurou por ganchos na parede ou alguma bandeja perto da entrada. Nada parecido. Se não encontrasse aquela chave, estariam perdidos. Não era possível fazer ligação direta num carro moderno como era comum em modelos mais antigos. A chave por aproximação precisava estar dentro daquela merda.

Ela se lembrou da escada que levava até o quarto da mãe.

Subiu de três em três degraus.

No topo da escada havia um longo corredor com meia dúzia de portas.

— Merda.

A primeira que abriu dava para o quarto de um homem onde havia uma calça jeans jogada no chão.

A segunda dava para um banheiro.

Estava ficando sem tempo.

— O que você está procurando? — perguntou uma voz.

Era uma menina muito pequenininha com grandes olhos castanhos.

— As chaves do meu carro e o meu celular — respondeu Heather

— Foi você que tacou fogo no mato? — quis saber a garota.

— Foi. Me desculpa. Eu não devia ter feito aquilo. Pensei que todo mundo ia sair para apagar o incêndio e a gente ia conseguir fugir.

— Tudo bem. Acontece todo verão. A gente está acostumado. O meu nome é Niamh, por sinal — disse a garotinha e estendeu a mão.

Heather a cumprimentou.

— Heather — disse, solene.

— O seu celular e as chaves estão no quarto da mãe. Ali no final.

— Obrigada, Niamh.

Ela foi até o final do corredor. A porta dava para um quarto quente, empoeirado e cheio de coisas, com uma gigantesca cama de dossel, uma cômoda alta e vários outros móveis de madeira antiquíssimos. As paredes eram cobertas por fotos velhas em preto e branco de homens com barbas elaboradas e mulheres com vestidos elaborados. Havia uma passagem de barco de Liverpool para Sydney enquadrada e, ao lado, uma foto que retratava uma garota linda e ridiculamente jovem com uma mala tentando fazer cara de adulta.

— Deus do céu! O que você pensa que está fazendo aqui?! — disse uma voz.

Heather se virou. Era a mãe com um garotinho loiro ao lado, apoiada nele.

— É hora de a gente ir embora.

— Não dei permissão para vocês irem — disse a mãe.

— Você não está em posição de dar permissão nenhuma.

— A ilha é minha!

— Não é sua nem nunca foi. Cadê a chave do Porsche? — perguntou Heather e apontou a arma para a cabeça da mãe.

— Você não vai atirar.

— Pergunta para o Jacko se não vou. Atiro em você e no seu neto.

— Você é um bicho!

— Cadê a chave?! — gritou Heather, apontando a carabina descarregada para a cabeça do garoto.

— Na mesa de cabeceira. Bem do lado da cama — disse a mãe.

Heather viu a chave numa bandejinha ao lado da cama, em cima de todos os celulares. Enfiou tudo nos bolsos.

— Que gritaria toda é essa, mãe? — perguntou Danny do corredor com uma expressão atordoad.

Heather apontou a Lee-Enfield sem balas para o sujeito.

— Põe a mão atrás da cabeça e se ajoelha no chão! Agora!

Danny se ajoelhou e colocou as mãos no pescoço.

— Não é justo — choramingou.

Heather passou por ele.

— Sinto muito pela Ellen. De verdade — disse e golpeou a nuca dele com a coronha pesada da carabina.

Danny caiu de cara no velho assoalho.

— Assim que virem você chegando, vão tirar a balsa da praia. Vocês estão ferrados! — disse a mãe com uma risadinha.

— A gente estaria ferrado se esse lugar fosse uma ilha — respondeu Heather.

Os olhos da mãe foram tomados por uma onda de fúria. Ela previu o futuro. Sabia o que aquela jovem faria com tudo o que ela havia construído aqui se conseguisse sair.

Também era um olhar de reconhecimento. Um espelho. Tinha chegado ali jovem e agitado as coisas, se casado com um nativo, destruído e construído coisas por todos aqueles anos.

A mãe lhe deu um golpe fraco com a bengala.

— Eu vou te pegar, sua piranha! — disse, raivosa.

— Então é melhor correr.

Heather disparou pelo corredor. Deu um tchauzinho para a pequenina Niamh e correu escada abaixo. Atravessou rápido o pátio da fazenda até chegar ao Porsche.

— Sou eu — disse quando abriu a porta do motorista.

Olivia, sentada no banco do carona, sorriu e relaxou os dedos com que segurava a arma. Heather pisou no freio, apertou o botão e o motor do Porsche roncou, ganhando vida.

Ela deu a volta na casa, conferiu a posição do sol e partiu para o leste.

Pelo retrovisor, viu Matt galopando em direção à fazenda.

— Matt! — gritou Olivia.

— Num cavalo! — acrescentou Owen.

— Estou vendo! Merda. Fica de olho lá atrás, Owen, eles vão perseguir a gente daqui a pouco — disse Heather um minuto depois.

— Acho que já estão perseguindo!

— Não pode ser!

Ela olhou pelo retrovisor.

Vários deles se empilharam na Hilux e estavam a caminho.

Ela olhou para a frente.

Sol vermelho.

Reflexos no vidro.

Na sua mente, tocava uma música dos Pixies, “Gouge Away — que significava quase “mete o pé”; meio óbvia, mas e daí?

Dirigiu pela charneca pantanosa. O Porsche ia quicando na terra. Uma terra que não era *deles*. Que nunca foi.

Ela torceu para as crianças estarem certas. Torceu para o panfleto da prisão estar certo. Dois dias por mês, na maré baixa da lua cheia e da lua nova, a ilha Holandesa se transformava numa península.

— Cuidado! — disse Owen, e ela desviou de um Fusca naufragado, belo em todo o seu esplendor vermelho por causa da ferrugem, parado no mato como um anquilossauro.

Se eles baterem, vão simplesmente pegar outro carro. Se a gente bater, estamos mortos, pensou Heather.

Uma bala espatifou o vidro traseiro.

Olivia gritou.

— Todo mundo bem? — perguntou Heather.

— Eu, sim — disse Owen.

— Atiro também? — perguntou Olivia com a carabina de Matt em mãos.

— Só fica com a cabeça abaixada, meu amor! Vocês dois!

Ela fez a volta num toco de árvore e foi direto para um canal que devia ser um antigo sistema de drenagem ou um rio alargado pelas chuvas.

O capô do carro mergulhou no canal, e três coisas aconteceram ao mesmo tempo: algo pesado bateu no eixo, o carro deu uma guinada de lado e um véu de lama e água marrom atingiu o para-brisa.

— Cuidado! — gritou Owen enquanto giravam em direção ao paredão da margem oposta do canal.

Eles bateram de lado. O carro morreu e então parou.

Ela ligou os limpadores de para-brisa e tentou usar o borrifador de água. Nenhuma gota saiu, e um dos limpadores parecia estar quebrado.

O outro funcionou e abriu um pequeno arco em frente ao rosto dela.

A visibilidade no banco do carona era zero.

Se ficassem presos naquele paredão, seria o fim de todos eles.

Ela olhou pelo retrovisor.

Continuavam nos seus calcanhares.

Ela diminuiu a marcha e apertou o botão para ligar o veículo.

— Se segurem, crianças!

O carro tremeu.

Ela pisou fundo no acelerador até o pedal quase encostar no chão do carro.

— Vamos lá! — disse

O motor roncou, e o Porsche pareceu entender o que Heather queria. Os pneus dianteiros se esforçaram para conseguir tração na trincheira, espirraram lama e, aos poucos, firmaram-se. Quando ela

consegui impulso suficiente, virou o volante para o paredão oposto, e o Porsche começou a escalá-lo.

Subiu num ângulo de trinta graus, e ela se perguntou se iriam capotar.

Outra bala atingiu a traseira do carro com um som estridente e ricocheteou de forma terrível, atravessando a janela lateral. Cacos de vidro acertaram a bochecha direita de Heather.

— Vamos lá, bebê, você consegue, sua lata velha de merda! — disse.

E, com aquele encorajamento, o Porsche galgou para fora do canal e voltou à charneca.

Ela aumentou a marcha e deu uma olhada no retrovisor. Viu o Toyota desaparecer dentro do canal e prendeu a respiração por três segundos antes de vê-lo saindo com dificuldade lá de dentro.

— Merda.

Faltava menos de meio quilômetro para chegarem ao oceano.

O solo era pantanoso, mas o Porsche não se importava. Ela ouviu o carro aumentando as marchas. Terceira. Quarta.

Outra bala acertou o interior da cabine e fez um buraco no para-brisa. Dessa vez, o vidro inteiro se espatifou.

Ela não conseguia ver nada.

Tentou bater e empurrar o vidro para fora com a palma da mão. Ele nem se mexeu.

— Não consigo ver!

Olivia o atingiu em cheio com a coronha da carabina, e o para-brisa se despedaçou, cobrindo-os de vidro.

O walkie-talkie voltou à vida.

— Desiste, Heather! Vai acabar matando você e as crianças! Ninguém quer isso! — disse Matt.

Olivia olhou para ela.

— Quer responder?

— Não se preocupa com isso. Só fica de cabeça baixa.

— Dá para responder aqui de baixo.

— Não tem nada para dizer.

— Heather, por favor, estaciona antes que mais alguém se machuque. A gente pode conversar e resolver tudo. A mãe concorda comigo, essa história já foi longe demais. A gente pode voltar para o plano original — disse Matt.

Ela dirigiu através do mato pantanoso e deu uma olhada na Hilux. O Toyota tinha arcos de pneu muito mais altos e avançava com mais facilidade pelo terreno.

Mas agora faltava pouco para chegarem ao oceano.

Outra bala passou cantando pelo carro. Ela se encolheu depois que o tiro já havia errado o alvo. Olivia se sentou. Heather empurrou a

cabeça da garota de volta para baixo.

Pegou o walkie-talkie.

— Se é para negociar, Matt, então sugiro que vocês parem de atirar na gente.

Houve uma pausa antes de Matt voltar.

— Vamos parar de atirar se você estacionar.

— Primeiro parem de atirar que depois a gente conversa.

— Para onde você está indo, Heather? Não adianta. Não tem para onde correr.

— Como está de gasolina por aí, Matthew? E a caixa de câmbio, hein?

— Tudo indo bem.

Talvez tivessem combustível suficiente para um carro, mas não o suficiente para que o restante da família os seguisse.

Ela olhou pelo retrovisor mais uma vez. O Toyota estava a uma distância de cinco carros agora.

Estava a oitenta quilômetros por hora. Uma velocidade absurda para aquele tipo de terreno.

Fazia trinta segundos que não ouvia nem um pio de Owen.

— Owen, tudo certo aí atrás?

— Á-hã.

Eles bateram em alguma coisa; o carro inteiro tremeu, ficou sobre dois pneus por um segundo e depois voltou para baixo com um baque pesado.

Retrovisor.

Kate dirigindo. Matt no carona. Com uma espingarda nas mãos. Ivan estava lá também, espremido. As cinzas do incêndio que haviam causado caíam do céu como neve.

Matt abriu a janela da caminhonete.

— Se abaixa todo mundo! — mandou Heather.

Balas atravessaram o Porsche.

Olivia foi lançada sobre o painel.

— Crianças!

— Eu estou bem! — disse Owen, caído no chão do carro.

— Olivia? Olivia? Olivia?

Olivia não estava respondendo.

— Owen, levanta e pega o volante aqui!

— Quê?

— Pega o volante!

Owen agarrou o volante enquanto Heather se debruçava sobre Olivia.

— O que eu faço? — perguntou o garoto.

— Reto toda a vida até a praia. Está no automático. Só conduz.

Olivia parecia uma boneca de pano.

Heather a examinou. Nenhum ferimento de bala, mas ela havia batido a cabeça.

— Ui — disse a menina.

— Você está bem, querida?

— Estou.

— Heather, isso é loucura! Qual é o seu plano? — perguntou Matt pelo walkie-talkie.

Você adoraria saber, não é? Ela olhou pelo vidro traseiro estilhaçado e mirou a carabina .22 em Kate, que dirigia o Toyota. Apertou o gatilho. O Porsche deu um solavanco e ela errou. Recarregou a arma e mirou no bloco do motor. Era um alvo maior. Atirou e com certeza acertou alguma coisa.

Merda. Eram as últimas balas.

— Fiquem com a cabeça abaixada, crianças! Owen, vou assumir a direção.

Mas, antes que conseguisse colocar as mãos no volante, a charneca ficou para trás, e eles chegaram à praia.

O Porsche girou, e o Toyota estava em cima deles.

Kate os abalroou, e o Porsche ficou sobre duas rodas de novo. Caso capotassem, não haveria misericórdia. Era o que a lógica exigia. O que a mãe exigia.

Kate frearia com tudo. Matt e Ivan sairiam, arrastariam todo mundo para fora do carro e executariam um depois do outro.

Heather não permitiria que isso acontecesse.

O carro voltou ao solo com um baque pesado.

O pé dela encontrou o pedal.

O Porsche começou a acelerar. Kate continuava logo atrás, mas o para-brisa da Hilux estava trincando.

— A gente tem que dar um jeito de atingir aquele vidro — murmurou Heather.

— Que tal isso aqui? — perguntou Olivia, pegando o *Contos completos e peças de Anton Tchekhov* do chão.

— Vai! — disse Heather.

Olivia passou o livro para o braço esquerdo, o braço que usava para fazer lançamentos no softball, mirou e jogou o volume de capa dura pesado que Tom havia trazido lá de Seattle.

O livro fez uma curva através do ar, fulgurante, como um falcão numa parábola de ataque, atingiu o canto do para-brisa e o espatifou.

— Isso! — disse Olivia.

O Toyota deu uma guinada caótica enquanto Kate socava o vidro que tinha sobrado.

Heather desacelerou e dirigiu ao longo da praia, procurando a passagem sobre a qual haviam lido. A passagem que só aparecia quando a maré atingia seu ponto mínimo, com a lua nova e a lua

cheia.

Onde é que estava?

Onde é que estava?

Onde é que...

Lá. Uma linha sutil sob a água que ia da ilha Holandesa até o continente.

Ela acelerou o Porsche em direção ao mar e puxou a alavanca que ativava o snorkel.

Chegou à passagem que ninguém além dela e das crianças conhecia.

— A gente está no mar! — disse Owen.

Heather não tinha certeza do que esperava e ficou assustada quando o carro começou a encher de água salgada.

A água ia para lá e para cá ao redor dos seus pés

O Toyota continuava seguindo-os.

Olivia e Owen saíram do chão do carro conforme a água subia.

Estavam na metade do caminho.

O snorkel do Porsche funcionava bem.

A corrente os levantou e começou a carregá-los.

A corrente voltou a abaixá-los.

— Merda!

Os pneus perdiam e ganhavam tração.

O Toyota continuava a perseguição.

Já tinham atravessado dois terços do caminho.

— Tubarão! — disse Olivia, sentando-se alerta.

Heather abriu o canivete e o segurou na boca. Tinha pena do maldito tubarão que ousasse se meter com ela agora.

Vamos lá. Vamos lá.

Água.

Terra.

Água.

Vamos lá. A gente está voando! Debaixo da asa do corvo. Sob a lua em formato de foice. Estamos nadando. Com os peixes e os...

Não... Estamos dirigindo. As rodas estavam girando; haviam chegado à areia.

— Sentiram isso, crianças?

Ela atravessou a arrebentação.

Algo sólido debaixo das quatro rodas. Estavam na praia. No continente!

Ela olhou para o retrovisor.

O Toyota estava logo atrás, aproximando-se para uma última batid...

Não.

A Hilux perdeu tração, atingiu uma onda e virou.

Heather ligou o iPhone. Não tinha a menor ideia de que, em Seattle, Carolyn *havia* ligado para Jenny, a representante do congresso, e de que a polícia de Victoria andava procurando por eles na área onde o GPS do Porsche tinha emitido o último sinal. Se ela conseguisse rede no celular, seriam resgatados em minutos.

O celular acendeu.

Tinha três por cento de bateria.

Ela dirigiu duna acima numa estrada litorânea deserta e descobriu que tinha uma barra inteira de sinal de banda larga. Havia uma mensagem de Carolyn sobre *Star Trek: Voyager*.

— O telefone está funcionando? — perguntou Olivia.

— Está — respondeu Heather e ligou para 000.

*E*ra um sonho. Não tinha como aquilo ter acontecido de verdade.

Tom tinha sonhado com eles do outro lado do mundo.

E ela havia sonhado com todos de volta em casa.

Estava escuro lá fora. As crianças dormiam.

Ela colocou a caneca de chocolate quente de volta na mesinha de centro, ao lado de uma caixa da Dunkin', um exemplar do *Seattle Times*, um canivete de ferro meteórico e uma longa carta de Carolyn com letras de músicas.

Ela se levantou e espiou pela fresta das cortinas. Não havia van de nenhum canal de TV lá fora hoje. Ontem foi a KIRO 7, e, anteontem, a CBS.

A televisão estava ligada como uma vela contra a escuridão. No canal de compras, que era sempre animado, mesmo às três da manhã. Principalmente às três da manhã.

Tinha trabalho a fazer. Formulários a assinar. A polícia de Victoria e o governo da Austrália não poderiam ter sido mais gentis. Depois de ter recebido alta do hospital, deixaram-na ir embora. Acreditaram quando ela disse que voltaria para qualquer possível julgamento.

A verdade é que ela não sabia se, *de fato*, voltaria. As crianças não deviam passar por tudo aquilo. Agora, seguros em casa nos distantes Estados Unidos, as duas dormiam. E os terapeutas e o Dr. Havercamp diziam que elas estavam se saindo bem, considerando o que passaram. As duas pararam de tomar remédios, o que já era alguma coisa.

Heather se sentou de volta no sofá e zapeou pelos canais.

Quinhentos canais, mas, de madrugada, nada era tão alto-astral quanto o canal de compras.

Estava pensando em ligar para lá e comprar um espanador com um cabo de plástico bem comprido quando ouviu um barulho no alto da escada.

— Você está aí embaixo? — perguntou Owen.

— Estou aqui, meu amor.

— Eu ouvi alguma coisa.

— Fui eu, estou acordada aqui na sala, vendo TV. Fica aí. Vou subir.

Ela conferiu Olivia, que dormia profundamente. Colocou Owen de volta na cama e lhe deu um beijo na testa.

— A gente pode visitar a vovó e o vovô na ilha de Goose esse fim de semana? — perguntou ele.

— Claro que pode, mas é capaz de a vovó querer fazer um quadro seu. E eu sei que você odeia essas coisas.

— Não tem problema — disse Owen.

— Então tudo bem, meu amor. Tenta dormir de novo.

— Vou tentar. Eu estava pensando aqui. A Olivia tem razão numa coisa.

— No quê?

— Ela disse que você até que canta bem.

— Disse, é?

— Â-hã. Você devia cantar em algum lugar. Tipo num café ou algo assim. A gente iria te ver.

— Quem sabe. Boa noite, Owen.

— Boa noite...

— Não precisa dizer.

— Mas eu vou.

— Mas não precisa — insistiu Heather.

— Eu quero.

— Menino, eu não preciso disso, de verdade.

— Boa noite, m... â.. e — disse ele, rindo e sussurrando as letras como se fossem um feitiço.

Ela voltou lá para baixo.

Pensou nos O'Neill. Tinha lido ontem que havia uma proposta para remover toda a família da ilha Holandesa enquanto os oficiais do governo de Victoria investigavam os títulos de propriedade. Disseram que havia a possibilidade de devolverem a terra para seus donos nativos, o povo bunurongue.

Talvez algo de bom pudesse vir de tudo aquilo.

Talvez.

Ela abriu a porta e a tela da frente, sentou-se na escada da varanda e acendeu um cigarro.

O oeste de Seattle estava calmo. O estuário estava calmo.

A lua lá em cima brilhava tanto que dava para ver as montanhas nevadas do Parque Nacional Olympic. Havia um corvo no fio de telefone em frente à Starbucks.

Ela sabia que não era o mesmo corvo. Só as pardelas faziam a jornada da Austrália até aqui. Corvos não.

Mesmo assim, ele olhava para Heather como se a conhecesse. E dar um oi não custava nada.

— Oi — disse ela.

Ela terminou o cigarro e, quando deu por si, estava trancando a porta, guardando a chave no bolso e atravessando a rua até a praia de Alki, deserta àquela hora.

Dava para ver sua respiração sob a luz da lua.

A praia estava imaculada; o verão se aproximava, por isso passavam ancinhos na orla toda noite.

Tirou os *slip-ons* da Converse e, com os dedos enfiados na areia gelada, colocou-se sobre um dos rastros de ancinho.

Levantou uma perna e deixou a Terra rotacionar lentamente sob seus pés.

Respirou e expirou.

Para dentro e para fora.

Deixou a tensão se aliviar nos seus ombros. Em particular o esquerdo, que ainda doía.

Lembrou-se da palavra makah para água que sua avó havia lhe ensinado: *wa'ak*.

Sua avó estava morta, e o último falante nativo de makah tinha falecido havia alguns anos. Ela pensou naquela outra palavra mágica que ainda tratava com extremo ceticismo.

— Mãe — disse e sorriu.

Ainda era tudo verdade. Ela era muito jovem. Não havia nem chegado a ser tia ou babá. Mas, às vezes, as pessoas são incumbidas de certas missões e, às vezes, levam jeito para a coisa.

Enrolou as calças de moletom até os joelhos e entrou na água opaca.

Estava gelada.

Bem gelada.

A praia parecia meio sombria.

Ela estava ali sozinha na escuridão, embora, na verdade, não houvesse o que temer. Heather era capaz de cuidar de si mesma e da sua família. E aquele era o seu lugar. Sua casa.

Uma brisa agitou a calmaria.

Ela se abraçou e percebeu que estava chorando.

Lágrimas escorriam pelas suas bochechas e caíam na lua crescente refletida nas águas do estuário de Puget.

Olhou para o leste, em direção ao restante do continente.

Ainda faltava muito para o nascer do sol.

Mas era só esperar.

Paciência era uma arma.

E, para quem espera o bastante, o amanhecer sempre chega.

AGRADECIMENTOS

Eu deveria dizer aqui neste encerramento que, embora a ilha Holandesa seja um lugar real (com um nome diferente), as pessoas que vivem lá são diferentes dos habitantes descritos em *A ilha*. A geografia não foi alterada pela ficção, mas os moradores, sim. Morei em Melbourne de 2008 até 2019 e posso garantir que Victoria é o estado mais amigável da Austrália.

Este livro não teria sido escrito sem a ajuda do meu agente e amigo Shane Salerno. No celular, um dia, Shane e eu estávamos falando de filmes, como sempre, e eu contei sobre um momento do filme *Amargo pesadelo* que aconteceu comigo na vida real certa vez: enquanto dirigia pelo interior da Austrália em uma ilha muito isolada e habitada por uma grande família, uma mulher usando um aparelho auditivo apareceu do nada na estrada e eu desviei para não a atropelar. Meio que brincando, falei para minha esposa, Leah, que, se a tivéssemos atropelado (o que graças a Deus não aconteceu), não teríamos saído vivos de lá. Quando contei essa história para Shane, ele disse: “Que nada, você *atropelou* a mulher *sim*. Esse vai ser o seu próximo livro.” Shane conduziu este livro através de vários rascunhos durante a quarentena da covid, quando a última coisa que eu queria fazer era escrever. Quem é sortudo o bastante para ter Shane Salerno por perto é uma pessoa realmente privilegiada.

Da Little, Brown, quero agradecer a Michael Pietsch e Bruce Nichols, que são adoráveis e verdadeiros defensores de seus autores. A Little, Brown sempre apostou muito na arte e nos artistas, e a equipe inteira sempre foi uma grande fonte de encorajamento. Craig Young, especificamente, tem sido um amigo e protetor desde o começo, além de ser uma força da natureza que conduziu o navio através da tempestade num momento em que tenho plena certeza de que eu não era o único autor tendo problemas para lidar com a pandemia. Quero agradecer à minha editora, Tracy Roe, com quem duelei e dialoguei às margens de *A ilha*.

Preciso agradecer a toda a minha família na Irlanda por torcer tanto pela minha escrita, especialmente à minha mãe, Jean McKinty; a minhas irmãs e irmãos, Diane, Lorna, Rod e Gareth; à minha tia,

Catherine; e a todos os meus sobrinhos e sobrinhas pequenos de lá.

Sou muito sortudo de ter feito vários amigos na indústria da escrita de thrillers criminais e na comunidade literária em geral, e quero mencionar Don Winslow, Steve Hamilton, Steve Cavanagh, Diana Gabaldon, Stu Neville, Daniel Woodrell, Brian McGilloway, Liz Nugent, Gerard Brennan, Ian Rankin, Val McDermid, Abir Mukherjee, Jason Steger e muitos outros que a restrição de espaço me impede de citar, mas que sabem que os amo.

Um enorme agradecimento a Jeff Glor e a toda a equipe da CBS News por me deixarem tão boa-pinta em rede nacional (uma edição habilidosa e efeitos especiais devem ter sido usados neste caso). Agradeço a todos os meus amigos e família dos Estados Unidos, especialmente à minha madrastra, Susan Vladeck.

Quero deixar um breve agradecimento a Salman Rushdie e James Ellroy, que entrevistei pouco antes da crise da covid e a quem apresentei o conceito de *A ilha* para ouvir algumas opiniões. Ambos me deram ideias que entraram no livro.

Este livro foi escrito durante a quarentena com a minha família num apartamento minúsculo na cidade de Nova York. Meus dois gatos adotados, Miggy e Jet, merecem uma menção porque ficavam lá acordados comigo até as três da manhã, quando todo mundo já tinha ido dormir. Quero agradecer a minhas filhas maravilhosas, Arwynn e Sophie, por me fazerem sorrir, darem os melhores abraços e manterem minha sanidade. Por fim, quero agradecer à minha linda esposa, Leah, por fazer parte dessa tal âncora emocional e por todos os anos de amor, apoio e por rir das minhas — notoriamente hilárias — piadas.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Saiba mais

Site oficial do autor:

<http://officialadrianmckinty.com/>

Twitter do autor:

<https://twitter.com/adrianmckinty>

Página do autor no Skoob:

<https://www.skoob.com.br/autor/25048-adrian-mckinty>

Página do autor no Goodreads:

https://www.goodreads.com/author/show/12433.Adrian_McKinty

A CORRENTE

Página do livro no Skoob:

<https://www.skoob.com.br/a-corrente-914737ed921141.html>

Página do livro no Goodreads:

<https://www.goodreads.com/book/show/42779092-the-chain>

A ILHA

Página do livro no Skoob:

<https://www.skoob.com.br/a-ilha-122242342ed122248637.html>

Página do livro no Goodreads:

<https://www.goodreads.com/book/show/58340727-the-island>